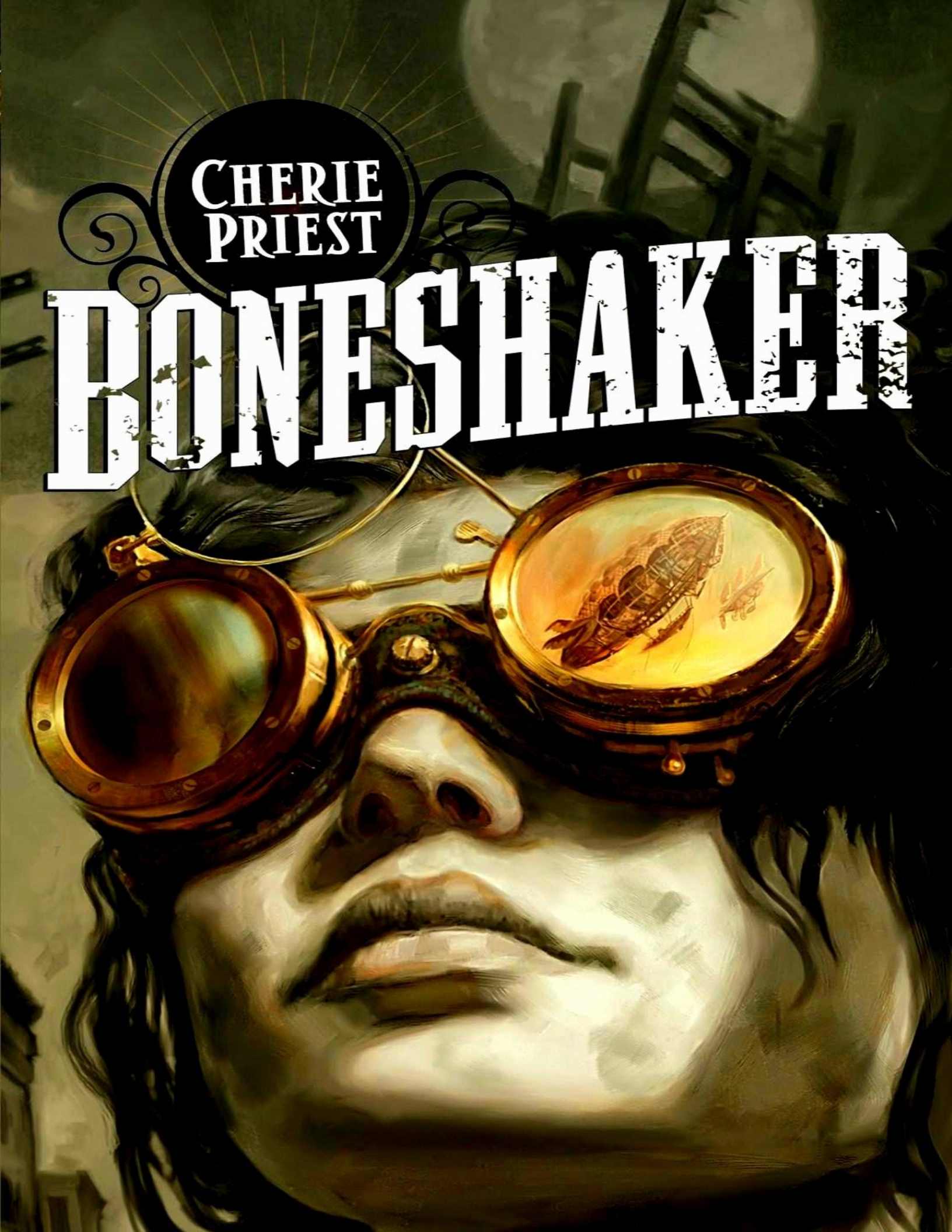

CHERIE PRIEST
BONESHAKER

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

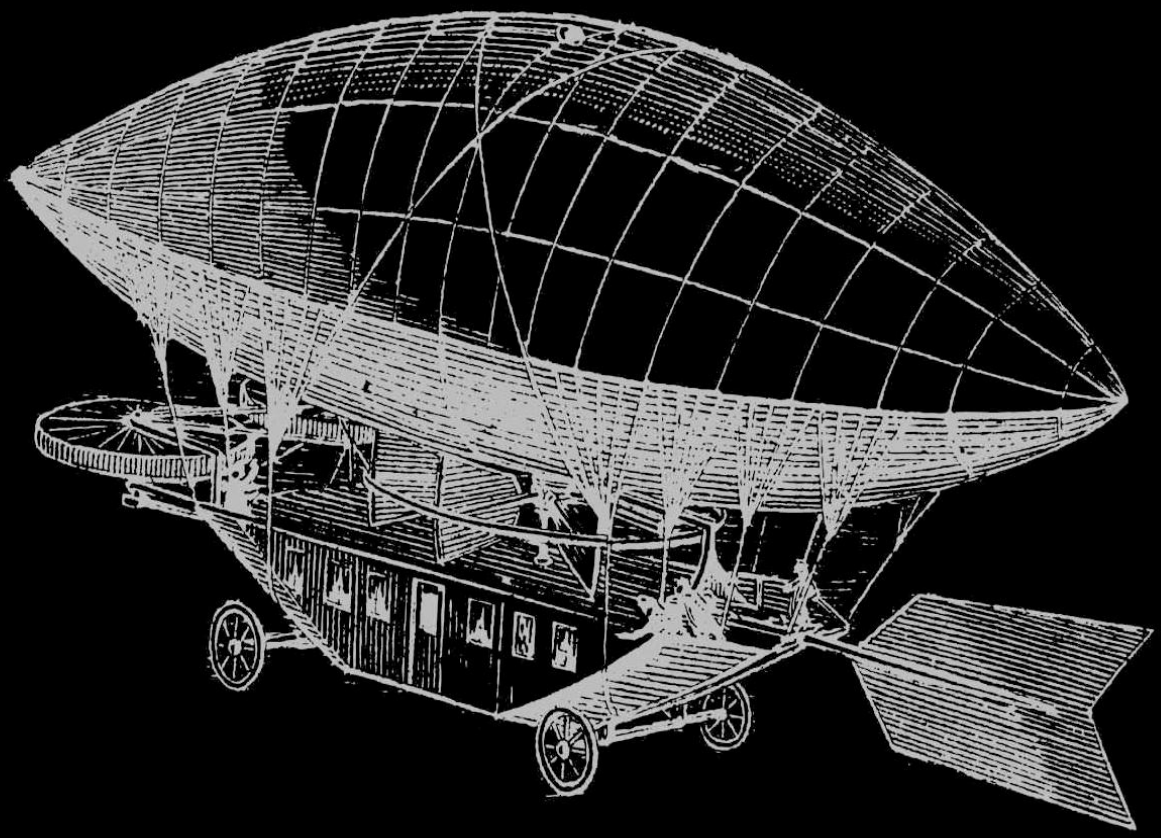
Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF



BONESHAKER

CHERIE PRIEST

Este aqui é para a Equipe Seattle –
Mark Henry, Caitlin Kittredge,
Richelle Mead e Kat Richardson –
pois eles são o coração e a alma deste lugar.

AGRADECIMENTOS

Este livro requer muitas rodadas de agradecimentos, então, por favor, E permitam-me fazer uma lista.

Obrigada à minha editora, Liz Gorinsky, por suas habilidades excepcionais, pela paciência incrível e pela determinação sem igual; obrigada à equipe de publicidade da Tor, especificamente Dot Lin e Patty Garcia, ambas as quais são igualmente sensacionais; obrigada à minha agente sempre incentivadora e incansável, Jennifer Jackson.

E obrigada à equipe de casa também — em particular, meu marido, Aric Annear, que é sujeito à maioria dessas histórias em excruciante riqueza de detalhes para dissecação antes mesmo que elas estejam terminadas; à minha irmã Becky Priest, por ajudar a escanear todas as minhas provas de revisão e documentações; a Jerry e Donna Priest,por serem meus principais torcedores; e à minha mãe, Sharon Priest, por me manter humilde.

Um obrigado vai para a supracitada Equipe Seattle, e aos nossos amigos Duane Wilkins, da livraria da Universidade de Washington, e o incomparável Synde Korman da Barnes & Noble do centro da cidade. Por falar na Barnes & Noble, também mando meu carinho e meus agradecimentos a Paul Goat Allen.

Ele sabe por quê.

E mais agradecimentos devem ser dispensados generosamente à minha licantropa favorita, Amanda Gannon, por me deixar usar seu nome de LiveJournal como nome de um dirigível (ela é a original Naamah Darling); aos guias da excursão Seattle Subterrânea, que sempre viviam me oferecendo um emprego por conta das tantas vezes que fiz o passeio; e à minha velha amiga Andrea Jones e seus Suspeitos de Sempre, porque ela sempre me cobriu historicamente — e me oferece as melhores frases para usar como citações.

Obrigada também a Talia Kaye, a incrivelmente solícita bibliotecáriaamante de ficção especulativa do Salão Seattle da Biblioteca Pública de Seattle; a Greg Wild-Smith, meu intrépido webmaster; a Warren Ellis e a todos do clube; e a Ellen Milne, por todos os cookies.

Nesta era de invenção, a ciência das armas fez um grande progresso. Na verdade, as invenções mais notáveis têm sido criadas desde as guerras prolongadas da Europa no começo do século, e a curta campanha italiana da França em 1859 serviu para ilustrar quão grande poder os engenhos de destruições podem exercer.

> THOMAS P. KETTELL, História da Grande Rebelião. De seu começo ao seu encerramento, fornecendo um relato de sua origem, A Secessão dos Estados Sulistas, e a Formação do Governo Confederado, a concentração dos recursos Militar e Financeiro do governo federal, o desenvolvimento de seu vasto poder, o levantamento, organização e equipagem dos exércitos e marinhas em guerra; lúcidas, vívidas e acuradas descrições de batalhas e bombardeios, cercos e rendição de fortes, baterias capturadas etc. etc.; os imensos recursos financeiros e medidas abrangentes do governo, o entusiasmo e as contribuições patrióticas do povo, juntamente com esboços das vidas de todos os eminentes estadistas e comandantes militares e navais, com índice completo. Das Fontes Oficiais (1862)

De Episódios Improváveis
Na História do Oeste

CAPÍTULO 7: O Peculiar Estado Murado de Seattle

Obra em Progresso, de Hale Quarter (1880)

Trilhas não pavimentadas e irregulares fingiam ser estradas; elas uniam as costas da nação como cadarços segurando uma bota, ligando-a com fios cruzados e dedos cruzados. E sobre o grande rio, atravessando as planícies, entre as passagens nas montanhas, os colonos abriram caminho de leste a oeste. Eles passaram pelas Montanhas Rochosas em conta-gotas, aos poucos, em carroções e carruagens.

Ou pelo menos foi assim que começou.

Na Califórnia havia pepitas do tamanho de nozes caídas no chão — ou pelo menos era o que diziam, e a verdade viaja devagar quando boatos têm asas de ouro. O riachinho de humanidade se transformou num magnífico caudal. As reluzentes margens ocidentais ficaram repletas de garimpeiros, tentando a sorte e forçando suas bateias nas correntes cheias de cascalho, rezando para encontrar fortunas.

Com o tempo, a terra foi ficando bem ocupada, e as solicitações por novos terrenos mais tênues. O ouro saía do chão na forma de um pó tão fino que os homens que o escavavam podiam até inalá-lo.

Em 1850, outro boato, dourado e alado, veio voando ligeiro do norte. O Klondike, ele dizia. Venham e cortem o gelo que encontrarem por lá. Uma fortuna em ouro aguarda o homem que for determinado o bastante.

A maré virou na direção das latitudes setentrionais. Isso significava coisas muito, muito boas para a última parada antes da fronteira com o Canadá — uma cidadezinha de serralherias em Puget Sound chamada Seattle, em homenagem ao chefe nativo das tribos locais. O vilarejo lamacento se tornou um pequeno império quase da noite para o dia, quando exploradores e garimpeiros pararam ali para fazer negócios e se abastecer de suprimentos.

Enquanto legisladores americanos discutiam se compravam ou não o território do Alasca, a Rússia reduziu seus riscos e considerou o preço que pedia. Se a terra estava mesmo repleta de depósitos de ouro, o jogo mudava completamente; mas mesmo que um suprimento constante de ouro pudesse ser localizado, poderia ser retirado? Um veio potencial, avistado de modo intermitente, mas em

grande parte soterrado por baixo de trinta metros de gelo permanente, daria um local de sepultamento ideal.

Em 1860, os russos anunciaram um concurso, oferecendo um prêmio de 100.000 rublos ao inventor que conseguisse produzir ou propor uma máquina que pudesse minerar o gelo à procura de ouro. E, assim, uma corrida armamentista científica começou, apesar de uma guerra civil que se iniciava então.

Ao longo do Noroeste do Pacífico, máquinas grandes e pequenas foram aos poucos sendo inventadas. Eram coisas engenhosas feitas para suportar o mais duro frio e o desgaste numa terra congelada que era dura como diamante.

Eram movidas a vapor e carvão, e lubrificadas com soluções especiais que protegiam seus mecanismos dos elementos. Essas máquinas eram feitas para homens dirigirem como carruagens, ou projetadas para escavarem por conta própria, controladas por engenhosos dispositivos mecânicos de orientação.

Mas nenhuma deles era resistente o bastante para chegar até o veio enterrado, e os russos estavam a ponto de vender a terra aos Estados Unidos por um preço que era praticamente uma pechincha... Quando um inventor de Seattle os abordou com planos para uma máquina fantástica. Ela seria o maior veículo de mineração já construído: quinze metros de extensão e inteiramente mecanizada, movida a vapor comprimido. Ela exibiria três cabeças primárias de perfuração e corte, posicionadas na frente do aparelho; e um sistema de dispositivos de escavação espiralados montados ao longo das partes de trás e dos lados tiraria o gelo perfurado, rochas ou terra do caminho da perfuratriz.

Cuidadosamente pesada e meticulosamente reforçada, essa máquina podia perfurar em um caminho vertical ou horizontal quase perfeito, dependendo dos caprichos do homem que estivesse no banco do motorista. Sua precisão seria sem precedentes, e seu poder definiria o padrão para todos os dispositivos que viriam depois.

Mas ela ainda não havia sido construída.

O inventor, um homem chamado Leviticus Blue, convenceu os russos a lhe adiantarem uma soma grande o bastante para reunir as peças e financiar os trabalhos da Incrível Máquina Perfuratriz Boneshaker do Dr. Blue. Ele pediu seis meses, e prometeu uma exibição pública de teste.

Leviticus Blue pegou seu financiamento, retornou para sua casa em Seattle e começou a construir a notável máquina em seu porão. Peça a peça, ele montou o dispositivo longe das vistas dos moradores de sua cidadezinha; e noite após noite os sons de misteriosas ferramentas e instrumentos assustavam seus vizinhos.

Mas, no fim das contas, e bem antes do prazo de seis meses chegar ao fim, o inventor declarou sua obra-prima — completa.

O que aconteceu em seguida continua sendo tema de muitas discussões.

Pode ter sido apenas um acidente, afinal — um terrível defeito de funcionamento, um equipamento totalmente descontrolado. Pode não ter sido nada além de confusão, ou de erro de cronometragem, ou cálculos malfeitos.

Ou, pensando bem, pode ter sido um movimento calculado, afinal, traçado para derrubar o núcleo de uma cidade com uma violência sem precedentes e ganância mercenária.

O que motivou o Dr. Blue talvez jamais se saiba.

Ele era um homem avaro à sua maneira, mas não mais do que a maioria das pessoas; e é possível que ele quisesse apenas pegar o dinheiro e fugir — com um pouco de dinheiro em espécie no bolso para financiar uma escapada em maior escala. O inventor havia se casado recentemente (como não cansavam de falar as línguas mais apressadas, a noiva era vinte e cinco anos mais nova), e muito se especulava sobre a possibilidade de que talvez ela exercesse uma influência em suas decisões. Talvez ela tivesse exigido pressa ou quisesse se ver casada com um marido mais rico. Ou, quem sabe, como ela sempre sustentou, não soubesse nada de nada.

O que se sabe ao certo é o seguinte: na tarde de 2 de janeiro de 1863, uma coisa assustadora irrompeu do porão e saiu deixando um rastro de caos desde a casa em Denny Hill até o distrito comercial no centro, voltando depois à casa.

Poucas testemunhas concordam umas com as outras, e menos ainda conseguiram ter um vislumbre da Incrível Máquina Treme-Terra. Seu curso a levou por debaixo da terra, sob as colinas, cavoucando a terra embaixo das luxuosas casas de marinheiros ricos e magnatas do transporte marítimo, sob os lamaçais onde ficava a enorme serralheria, e descendo pelos corredores, porões e despensas de armazéns gerais, lojas de produtos para senhoras, boticas, e, sim... os bancos.

Quatro dos maiores, que ficavam enfileirados um ao lado do outro — todos esses quatro bancos foram devastados quando suas fundações foram esmagadas até virarem polpa. Suas paredes tremeram, cederam, e desabaram.

Seus chãos caíram numa implosão em forma de V quando suas fundações caíram, e então o espaço foi parcialmente preenchido com os tetos que desabaram. E esses quatro bancos tinham três milhões de dólares ou mais, somados, acumulados dos mineiros da Califórnia que depositavam ali suas pepitas e iam para o norte em busca de mais.

Dezenas de passantes inocentes foram mortos enquanto aguardavam na fila para fazer um depósito ou um saque. Muitos mais morreram do lado de fora, na rua, esmagados pelas paredes trêmulas, quando, inclinando-se, se desprenderam de sua argamassa e despencaram com toda a força.

Os cidadãos clamaram por segurança, mas onde ela podia ser encontrada?

A própria terra se abria e os engolia, aqui e ali onde o túnel da Máquina Perfuratriz era raso demais para manter até mesmo a crosta mais fina de terra.

A rua tremia, rolava, subia e descia como um tapete sendo sacudido antes de ser batido para limpeza. Ela se movia com força de um lado para o outro, e em ondas. E para onde quer que a máquina tivesse ido, ouviam-se os sons de desmoronamento e perfuração das passagens subterrâneas deixadas pela sua passagem.

Chamar a cena de desastre presta a ela um terrível desserviço. A contagem final de mortos nunca foi inteiramente calculada, pois só Deus sabe quantos corpos poderiam estar esmagados por entre os escombros. E, infelizmente, não havia tempo para escavações.

Porque, depois que o Dr. Blue voltou a alojar a máquina embaixo de sua própria casa, e depois que os feridos foram tratados, e as primeiras perguntas indignadas começaram a ser gritadas de cima dos telhados remanescentes, uma segunda onda de horror começaria a afligir a cidade. Foi difícil para os residentes de Seattle concluir que essa segunda onda não tinha relação com a primeira, mas os detalhes de suas suspeitas jamais foram explicados para a satisfação coletiva de ninguém.

Apenas os fatos observáveis podem ser registrados agora, e talvez com o tempo um futuro estudioso possa fornecer uma resposta melhor do que a que no presente momento pode ser pressuposta.

O que se sabe é isto: após a surpreendente trilha de destruição da Máquina Perfuratriz, uma doença peculiar afligiu os trabalhadores da reconstrução que estavam mais próximos dos destroços nos quarteirões dos bancos. Por todos os relatos, essa doença acabou sendo rastreada até os túneis cavados pela Máquina Perfuratriz, e a um gás que saía deles. No começo, esse gás parecia inodoro e incolor, mas com o tempo ele se acumulou a um ponto tal que podia ser enxergado pelo olho humano, se visto através de um pedaço de vidro polarizado.

Através de tentativa e erro, algumas características particulares do gás foram determinadas. Ele era uma substância espessa, que se movia lentamente e matava por contaminação, e seu avanço podia geralmente ser detido ou retardado por simples barreiras. Medidas de interrupção temporária despontaram por toda

a cidade enquanto uma evacuação era organizada.

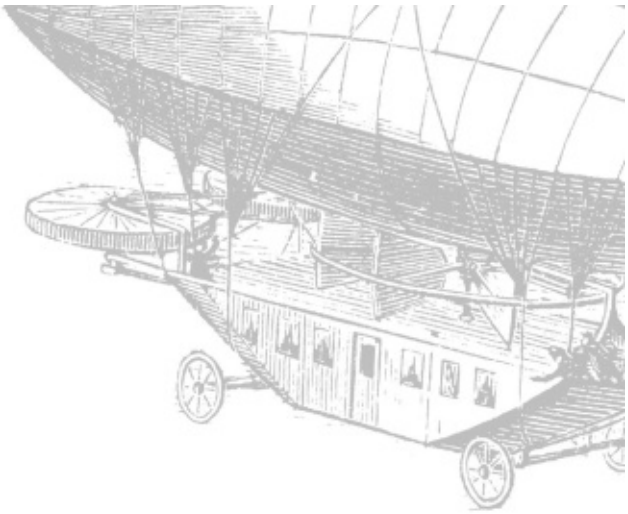
Tendas eram desmontadas e tratadas com piche para formar muros improvisados.

À medida que essas barreiras foram caindo, um anel de proteção de cada vez, e à medida que outros tantos milhares de habitantes da cidade caíam fatalmente doentes, medidas mais rigorosas eram aplicadas. Planos foram concebidos e executados às pressas, e um ano depois do incidente com a Incrível Máquina Perfuratriz Boneshaker do Dr. Blue, toda a região do centro da cidade estava cercada por um imenso muro de tijolos, argamassa e pedra.

O muro tem aproximadamente sessenta metros de altura — dependendo dos vários acidentes geográficos da cidade — e tem uma média de espessura de quatro metros e meio a seis metros. Ele cerca inteiramente os quarteirões destruídos, contendo uma área de quase cinco quilômetros quadrados. É verdadeiramente uma maravilha da engenharia.

Entretanto, no interior desse muro a cidade apodrece, profundamente morta a não ser pelos ratos e corvos que, dizem os boatos, vagam por lá. O gás que ainda mana do chão arruína tudo aquilo que toca. O que um dia foi uma metrópole fervilhante hoje é uma cidade fantasma, cercada pela população sobrevivente que se realocou. Essas pessoas são fugitivas de sua cidade natal, e embora muitas delas tenham se mudado para Vancouver, mais ao norte, ou para Tacoma ou Portland, ao sul, um número significativo permaneceu próximo ao muro.

Elas vivem nos lamaçais e encostadas às colinas, em uma nãocidade que cresce cada vez mais e que costumam chamar de Arredores; e, lá, eles recomeçaram suas vidas.



UM

Ela o viu, e parou a poucos metros das escadas.

— Desculpe — ele se apressou a dizer. — Não queria assustar a senhora.

E A mulher de sobretudo preto fosco não piscou e não se mexeu. — O que o senhor quer?

Ele havia preparado um discurso, mas não conseguia se lembrar dele. — Conversar. Com a senhora. Eu quero conversar com a senhora.

Briar Wilkes fechou os olhos com força. Quando voltou a abri-los, perguntou: — É sobre Zeke? O que foi que ele fez agora?

— Não, não, não é sobre ele — o homem insistiu. — Madame, eu estava esperando que pudéssemos falar sobre seu pai.

Os ombros dela perderam os ângulos retos defensivos e rígidos, e ela balançou a cabeça. — Faz sentido. Eu juro por Deus, todos os homens da minha vida, eles... — Parou de falar. E então disse: — Meu pai era um tirano, e todos que ele amava o temiam. É isso o que o senhor quer ouvir?

Ele continuou onde estava enquanto ela subia os onze degraus tortos que levavam até sua casa, e até ele. Quando chegou à varanda estreita, ele perguntou: — É verdade?

— Não posso dizer que não seja.

Ela ficou parada diante dele segurando um molho de chaves. O tampo da cabeça dela batia no queixo dele. As chaves dela estavam apontadas para a cintura dele, ele pensou, até perceber que estava na frente da porta. Saiu de

banda e deu passagem para ela.

— Há quanto tempo o senhor estava esperando por mim? — ela perguntou.

Ele considerou fortemente a possibilidade de mentir, mas ela o pregou na parede com seu olhar. — Várias horas. Eu queria estar aqui quando a senhora chegasse em casa.

A porta estalou com o barulho da chave na fechadura e se abriu para dentro.

— Fiz um turno extra na oficina. O senhor podia ter voltado mais tarde.

— Por favor, madame. Posso entrar?

Ela deu de ombros, mas não disse que não, e não fechou a porta na cara dele no frio, então ele foi atrás dela, fechando a porta e ficando ao seu lado enquanto Briar encontrava um lampião e o acendia.

Ela carregou o lampião até a lareira, onde os troncos haviam apagado e estavam frios. Ao lado da moldura havia um atiçador, um conjunto de foles e uma cesta de ferro com vários troncos cortados. Ela pegou o atiçador, usou-o para futucar entre os tocos esturricados e encontrou uns carvões acesos descansando no fundo.

Com um pouco de incentivo gentil, um punhado de palha seca e mais duas braçadas de madeira, uma chama lenta pegou e se manteve.

Um braço de cada vez, Briar retirou o sobretudo e o pendurou num gancho de parede. Sem o casaco, seu corpo tinha um aspecto mais para o magro — como se ela trabalhasse demais, e comesse de menos ou mal. Suas luvas e suas botas marrons de cano alto estavam cobertas com a sujeira da usina, e ela vestia calças como um homem.

Seus cabelos compridos escuros estavam presos para cima e para trás, mas dois turnos de trabalho o haviam desalinhado, e mechas pesadas haviam se espalhado, escapando aos pentes que ela usava para mantê-lo preso.

Ela tinha trinta e cinco anos, e não parecia nem um minuto mais jovem.

Em frente ao fogo cada vez maior e mais brilhante havia uma antiga poltrona de couro.

Briar desabou sobre ela. — Diga-me, Sr... Desculpe. O senhor não disse seu nome.

— Hale. Hale Quarter. E devo dizer que é uma honra conhecê-la.

Ela estendeu a mão até uma mesinha ao lado da poltrona e pegou uma bolsinha.

— Está certo, Hale Quarter. Diga-me. Por que o senhor esperou tanto do lado de fora neste tempo de amargar? — De dentro da bolsinha ela tirou um

pedacinho de papel e uma pitada grande de tabaco. Ela enrolou os dois juntos até produzir um cigarro, e usou a chama do lampião para acendê-lo.

Ele havia chegado até ali dizendo a verdade, então arriscou mais uma confissão.

— Eu vim quando soube que a senhora não estaria em casa. Alguém me disse que, se eu batesse, a senhora daria um tiro pelo buraco da fechadura.

Ela assentiu, e pressionou a cabeça contra o encosto de couro da poltrona. — Eu também já ouvi essa história. Ela não afasta tantas pessoas como o senhor poderia imaginar.

Ele não sabia dizer se ela estava falando a verdade, ou se a resposta dela significava que não. — Então eu lhe agradeço duplamente, por não atirar em mim e por me deixar entrar.

— De nada.

— Posso... posso me sentar? Isso seria apropriado?

— Fique a vontade, mas o senhor não vai ficar muito tempo — ela previu.

— A senhora não quer falar?

— Eu não quero falar sobre Maynard, não. Não tenho nenhuma resposta sobre nada que aconteceu a ele. Ninguém tem. Mas pode perguntar o que quiser. E pode se retirar quando eu me cansar do senhor, ou quando o senhor se entediar de todas as maneiras que eu puder dizer —Não sei. — o que vier primeiro.

Sentindo-se incentivado, ele pegou uma cadeira de madeira de espaldar alto e arrastou-a para frente, colocando seu corpo diretamente na linha de visão dela. Seu caderno de notas se abriu para revelar uma folha sem pauta, com umas poucas palavras rabiscadas no alto.

Enquanto ele começava a se situar, ela lhe perguntou? — Por que o senhor quer saber algo sobre Maynard? Por que agora? Ele morreu há quinze anos. Quase dezesseis.

— Por que não agora? — Hale vasculhou sua página de notas anterior, e se acomodou com o lápis posicionado sobre a seção em branco seguinte. — Mas, para responder mais diretamente à senhora, eu estou escrevendo um livro.

— Outro livro? — ela disse, e isso soou rápido e direto.

— Não é uma obra sensacionalista — ele esclareceu cuidadosamente. – Quero escrever uma biografia apropriada de Maynard Wilkes, porque acredito que prestaram um grande desserviço a ele. Não concorda?

— Não, não concordo. Ele conseguiu exatamente o que devia ter esperado.

Passou trinta anos trabalhando duro, por nada, e foi tratado sem dó nem piedade pela cidade à qual serviu. — Ela tornou a enrolar a varinha semi-fumada de tabaco. — Ele permitiu que isso acontecesse. E eu o odiei por isso.

— Mas seu pai acreditava na lei.

Ela quase o atacou. — Assim como todo criminoso.

Hale alfinetou. — Então a senhor acredita realmente que ele era um criminoso?

Mais uma tragada forte do cigarro, e depois ela falou: — Não distorça minhas palavras: mas o senhor tem razão. Ele acreditava na lei. Houve momentos em que eu não tinha certeza se ele acreditava em alguma coisa além disso, mas sim. Nisso ele acreditava.

Faíscas e fagulhas da lareira preencheram o curto silêncio que se fez entre eles.

Finalmente, Hale falou: — Estou tentando fazer a coisa direito, madame. É só isso. Acho que o que aconteceu foi mais do que uma fuga da prisão...

— Por quê? — ela interrompeu. — Por que o senhor acha que ele fez aquilo? Qual é a teoria sobre que o senhor vai escrever no seu livro, Sr. Quarter?

Ele hesitou, porque não sabia o que pensar, não ainda. Apostou na teoria que torcia que Briar fosse achar a menos ofensiva. — Acho que ele estava fazendo o que pensava que fosse o certo. Mas eu realmente quero saber o que a senhora acha. Maynard a criou sozinho, não foi? A senhora deve tê-lo conhecido melhor do que qualquer um.

O rosto dela permaneceu um pouco cuidadosamente neutro demais. — O senhor ficaria surpreso. Não éramos assim tão chegados.

— Mas sua mãe morreu...

— Quando eu nasci, isso mesmo. Ele foi o único pai que tive, e não foi lá grande coisa. Ele não sabia o que fazer com uma filha, assim como eu não saberia o que fazer com um mapa da Espanha.

Hale sentiu um muro de tijolos, então recuou e tentou outra aproximação, para ver se conseguia cair nas graças dela. Seus olhos varreram o aposento pequeno com sua mobília sólida e sem adornos, e seus pisos limpos mas riscados. Reparou no corredor que dava para a parte dos fundos da casa. E, de sua cadeira, ele podia ver que todas as quatro portas no final dela estavam fechadas.

— A senhora cresceu aqui, pois não? Nesta casa? — Ele fingiu adivinhar.

Ela não amoleceu. — Todo mundo sabe disso.

— Mas eles o trouxeram para cá. Um dos rapazes da fuga da prisão, e o irmão dele... eles o trouxeram para cá e tentaram salvá-lo. Mandaram buscar um

médico, mas...

Briar recuperou o fio pendurado da conversação e o puxou. — Mas ele havia inalado uma dose muito grande da Praga. Morreu antes que o médico recebesse a mensagem, e eu juro — ela bateu algumas cinzas do cigarro na fogueira — foi melhor assim. Pode imaginar o que teria acontecido a ele se ele tivesse sobrevivido? Julgado por traição, ou insubordinação, na melhor das hipóteses. Preso, no mínimo. Fuzilado, na pior das hipóteses. Meu pai e eu tínhamos lá nossas discordâncias, mas eu não teria desejado isso a ele. Foi melhor assim — ela repetiu, e ficou encarando o fogo.

Hale passou alguns segundos tentando preparar uma resposta. Por fim, ele falou:

— A senhora chegou a vê-lo antes dele morrer? Eu sei que a senhora foi uma das últimas pessoas a deixar Seattle...e sei que veio até aqui. A senhora o viu uma última vez?

— Eu o vi — ela assentiu. — Ele estava deitado sozinho naquele quarto nos fundos, em sua cama, sob um lençol encharcado com o vômito que finalmente o sufocou até a morte. O médico não estava aqui, e até onde sei ele jamais chegou. Não sei se sequer era possível encontrar algum, naqueles dias, no meio da evacuação.

— Então, ele estava sozinho? Morto, nesta casa?

— Ele estava sozinho — ela confirmou. — A porta da frente estava quebrada, mas fechada. Alguém o havia deixado na cama, o colocado nela com respeito, disso eu me lembro. Alguém o havia coberto com um lençol, e deixado seu rifle sobre a cama ao lado dele com sua insígnia. Mas ele estava morto, e morto ele continuou. A Praga não o fez voltar a andar, então é preciso agradecer a Deus pelas pequenas coisas, suponho.

Hale anotou isso tudo, murmurando sons de incentivo enquanto seu lápis deslizava pelo papel. — A senhora acha que foram os prisioneiros que fizeram isso?

— O senhor acha — ela disse. — Não chegava a ser uma acusação.

— É o que eu suspeito — ele respondeu, mas estava bastante certo disso.

O irmão do garoto da prisão lhe dissera que eles haviam deixado a casa de Maynard limpa, e não levaram uma coisa sequer. Disse que eles o colocaram em cima da cama, seu rosto coberto. Esses eram detalhes que ninguém mais havia sequer mencionado, em nenhuma das especulações ou investigações referentes à Grande Fuga da Prisão da Praga. E muito se especulou e se investigou a respeito

disso ao longo dos anos.

— E depois... — ele tentou fazer que ela continuasse.

— Eu o arrastei para fora e o enterrei embaixo da árvore, ao lado de seu velho cão. Dois dias depois, dois policiais da cidade chegaram e o desenterraram.

— Para se certificarem?

Ela grunhiu. — Para se certificarem de que ele não havia fugido da cidade e voltado para o leste; para se certificarem de que a Praga não havia feito com que ele começasse a se mexer novamente; para se certificar de que eu o havia colocado onde eu disse que havia. Escolha uma opção.

Ele terminou de caçar as palavras deles com seu lápis e levantou a cabeça.

— O que a senhora acabou de dizer, sobre a Praga. Eles sabiam, assim tão rápido, sobre o que ela podia fazer?

— Eles sabiam. Descobriram rápido mesmo. Nem todos os mortos pela Praga começaram a se mexer, mas os que se mexeram se levantaram logo e começaram a sair por aí bem rápido, em poucos dias. Mas, em sua maioria, as pessoas queriam era garantir que Maynard não havia fugido com alguma coisa. E quando se deram por satisfeitos de que ele estava fora do alcance deles, jogaram-no de volta para cá. Nem sequer o enterraram novamente. Eles simplesmente o deixaram lá fora, ao lado da árvore. Tive que enterrá-lo duas vezes.

O lápis de Hale e seu queixo ficaram pendurados sobre o papel. — Desculpe, a senhora disse... A senhora quis dizer...?

— Não fique com essa cara tão chocada. — Ela mudou de posição na poltrona e o couro repuxou sua pele com um rangido. — Pelo menos eles não encheram o buraco de terra da primeira vez. A segunda foi bem mais rápida.

Deixe-me fazer uma pergunta ao senhor, Sr. Quarter.

— Hale, por favor.

— Hale, como queira. Diga-me, quantos anos o senhor tinha quando a Praga surgiu?

O lápis dele estremecia, então ele o deitou sobre o caderno de notas e respondeu.

— Eu tinha quase seis anos.

— Era mais ou menos o que eu imaginava. Então o senhor era uma coisinha miúda. Nem mesmo se lembra, não é... de como era a vida antes do muro?

Ele virou a cabeça para a frente e para trás; não, não se lembrava. Não exatamente. — Mas eu me lembro do muro, quando ele foi levantado. Eu me

lembro de vê-lo ser erguido, metro a metro, ao redor dos quarteirões contaminados. Todos os seus sessenta metros, ao redor de todas as vizinhanças evacuadas.

— Eu me lembro também. Vi tudo daqui. Dava para ver daquela janela dos fundos, perto da cozinha. — Ela acenou na direção do fogão, e de um pequeno portal retangular atrás dele. — O dia inteiro e a noite inteira por sete meses, duas semanas e três dias, eles trabalharam para construir aquele muro.

— É um cálculo muito preciso. A senhora sempre mantém a conta dessas coisas?

— Não — ela disse. — Mas é fácil de lembrar. Eles terminaram a construção no dia em que meu filho nasceu. Eu costumava me perguntar se ele não sentia falta disso, de todo o barulho dos trabalhadores. Era tudo o que ele sempre ouvia, enquanto eu o carregava — o bater dos martelos, o trincar dos formões. Assim que a pobre criança chegou ao mundo, o mundo ficou em silêncio.

Alguma coisa ocorreu a ela, e ela se endireitou na poltrona. A poltrona chiou.

Ela olhou para a porta. — Falando no garoto, está ficando tarde. Para onde será que ele foi? Ele normalmente já costuma estar em casa a esta hora. — Ela se corrigiu. – Muitas vezes ele já está em casa a esta hora, e está um frio dos diabos lá fora.

Hale se recostou no encosto duro de madeira de sua cadeira emprestada.

— É uma vergonha que ele jamais tenha chegado a conhecer o avô. Tenho certeza de que Maynard teria ficado orgulhoso.

Briar se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Apoiou o rosto nas mãos e esfregou os olhos. — Não sei — ela disse. Endireitou-se e limpou a testa com o braço. Tirou as luvas e jogou-as em cima da mesinha redonda e baixa que ficava entre a cadeira e a lareira.

— A senhora não sabe? Mas não há outros netos, há? Ele não teve outros filhos, teve?

— Não até onde eu sei, mas acho que não há como saber. — Ela se inclinou para diante e começou a desamarrar suas botas. — Espero que me dê licença — ela disse.— Estou usando estas aqui desde as seis da manhã.

— Não, não, não se incomode comigo — ele disse, e manteve os olhos na lareira. — Desculpe. Sei que estou me intrometendo.

— O senhor está se intrometendo, mas eu o deixei entrar, então a culpa é minha. — Uma bota saiu do pé dela com um estalo de sucção. Ela começou a pelejar com a outra. — E não sei se Maynard teria se importado muito com

Zeke, ou vice-versa. Eles não são da mesma cepa.

— Zeke é... — Hale estava cheio de dedos, tateando em terreno perigoso, e sabia disso, mas não conseguia evitar. — muito parecido com o pai, talvez?

Briar não piscou, nem franziu a testa. Mais uma vez ela manteve aquele olhar de jogadora de pôquer firme no lugar enquanto removia a outra bota e a colocava ao lado da primeira. — É possível. O sangue pode dizer, mas ele ainda é só um garoto. Ainda há tempo para ele se descobrir. Mas quanto ao senhor, Sr. Hale, receio que vou ter que mandá-lo embora. Está ficando tarde, e daqui a pouco vai amanhecer.

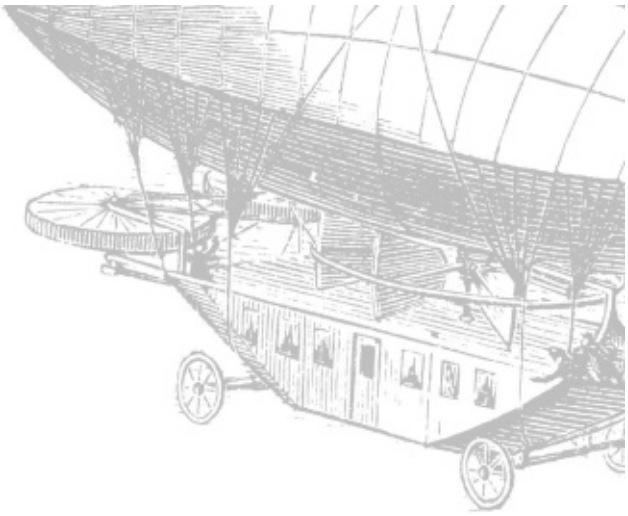
Hale suspirou e assentiu. Ele havia forçado demais, e ido longe demais. Devia ter permanecido no assunto, na questão do pai morto — não do marido morto.

— Desculpe — ele disse ao se levantar e enfiar o caderno de notas debaixo do braço. Pôs o chapéu na cabeça, puxou o casaco apertado de encontro ao peito e disse:

— E obrigado pelo seu tempo. Aprecio tudo o que a senhora me contou, e se meu livro algum dia for publicado, sua ajuda será registrada.

— Claro — disse ela.

Ela fechou a porta para Hale, e ele foi embora noite afora. Ele se segurou para encarar o vento da noite de inverno, enrolando o cachecol ainda mais forte no pescoço e ajustando as luvas de lã.



DOIS

Na esquina da casa, uma sombra disparou e se escondeu.

E então sussurrou.

— Ei. Ei, você.

Hale ficou parado e esperou enquanto uma cabeça castanha despen— teada espiava de lado. A cabeça foi acompanhada pelo corpo magricelo mas fortemente coberto de um garoto adolescente de rosto afundado e olhos ligeiramente enlouquecidos. A luz da lareira dentro da casa dançava pela janela da frente e meio iluminava, meio sombreava seu rosto.

— Você estava perguntando sobre o meu avô?

— Ezekiel? — Hale arriscou com certa segurança.

O garoto se aproximou devagar, tomando cuidado para ficar longe da divisória nas cortinas, de modo a não poder ser visto de dentro da casa. — O que foi que minha mãe falou?

— Não muita coisa.

— Ela lhe contou que ele é um herói?

— Não — disse Hale. — Ela não me contou isso.

O garoto fez um som irritado e passou uma mão enluvada pelos cabelos embaraçados. — É claro que não.

— Não sei se é assim.

— Eu sei — ele disse. — Ela age como se ele não tivesse feito nada de bom. Ela age como se todo mundo estivesse certo, e ele tivesse esvaziado a cadeia porque alguém pagou ele pra fazer isso... mas se ele fez isso, cadê o dinheiro? A gente tem cara de quem tem algum dinheiro?

Zeke deu ao biógrafo tempo suficiente para responder, mas Hale não soube o que dizer.

Zeke continuou. — Assim que todo mundo entendeu o que era a Praga, evacuaram tudo que puderam, certo? Esvaziaram o hospital e até mesmo a prisão, mas as pessoas detidas na delegacia — os sujeitos que haviam si do presos, mas não tinham sido acusados de nada ainda — simplesmente deixaram eles lá, trancafiados. E eles não podiam sair. A Praga estava chegando, e todo mundo sabia. Todas aquelas pessoas lá, elas iam morrer.

Ele fungou e esfregou as costas da mão sob o nariz. Podia estar escorrendo, ou simplesmente dormente por causa do frio.

— Mas meu avô, Maynard, você sabe? O capitão mandou ele selar a última extremidade do bairro, mas ele não queria fazer isso enquanto ainda houvesse gente lá dentro. E aquelas pessoas, elas eram gente pobre, que nem nós. Não eram todos maus, nem todos. A maioria tinha sido presa por coisa pequena, por roubar coisa pequena ou invadir lugar pequeno.

— E meu avô não quis nem saber. Ele não deixou eles morrerem lá dentro. O gás da Praga estava chegando para pegar eles; e já tinha comido o caminho mais curto até a delegacia. Mas ele correu de volta para dentro da Praga, cobrindo o rosto o máximo que pôde.

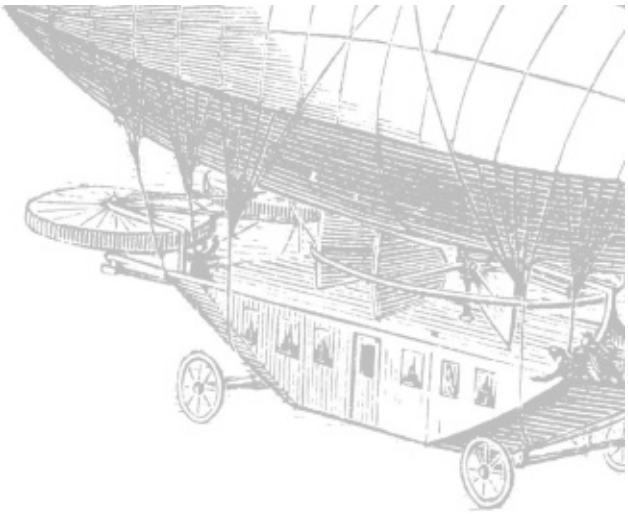
— Quando ele chegou lá, subiu a alavanca que mantinha todas as celas trancadas, e ele se inclinou em cima dela — ele a segurou com o próprio peso, porque era o que você tinha que fazer pra manter as portas abertas. Então, enquanto todo mundo saía correndo, ele ficou pra trás.

— E os dois últimos a saírem eram uma dupla de irmãos. Eles entenderam o que ele havia feito, e eles o ajudaram. Mas aí ele já estava passando muito mal por causa do gás, e era tarde demais. Então eles o levaram para casa, tentando ajudá-lo mesmo sabendo que se alguém visse eles, eles seriam presos tudo de novo. Mas foi o que eles fizeram, pelo mesmo motivo porque Maynard fez o que fez. Porque ninguém é inteiramente mau de cabo a rabo. Talvez Maynard fosse um pouco mau, fazendo o que ele fazia; e talvez aqueles dois sujeitos fossem um pouco bons.

— Mas aqui é que está o xis da questão, para resumir — disse Zeke, levantando

um dedo e colocando-o embaixo do nariz de Hale. — Havia vinte e duas pessoas dentro daquelas celas, e Maynard salvou elas, todas elas. Isso custou a ele sua vida, e ele não ganhou nada com isso.

Quando o garoto se virou para a porta da frente de sua casa e estendeu a mão para a maçaneta, acrescentou: — E nós também não.



TRÊS

Briar Wilkes fechou a porta atrás do biógrafo. Ela encostou a testa na porta por um momento e depois se afastou, de volta para a lareira. Ali, aqueceu as mãos, pegou as botas e começou a desabotoar a camisa e afrouxar o arnês de suporte que a apertava junto ao corpo.

Desceu a sala e passou pelas portas dos quartos de seu pai e de seu filho. Ambas poderiam até estar pregadas, pois ela jamais as abria. Não entrava no quarto do pai fazia anos. Não entrava no do filho desde... não conseguia se lembrar de uma data específica, não importava o quanto tentasse — nem tampouco conseguia se lembrar de seu aspecto.

Do lado de fora do corredor ela parou em frente à porta de Ezekiel.

Sua decisão de abandonar o quarto de Maynard fora tomada por necessidade filosófica. Mas não havia nenhum motivo real para que ela evitasse o quarto do garoto. Se alguém algum dia perguntasse (e, claro, ninguém jamais perguntava) então ela poderia ter dado uma desculpa sobre respeitar a privacidade dele; mas era mais simples do que isso, e possivelmente pior. Ela deixou o quarto em paz porque não tinha puramente a menor curiosidade a respeito dele. Sua falta de interesse poderia ter sido interpretada como falta de afeto, mas isso era apenas um efeito colateral da sua exaustão permanente.

Mesmo sabendo disso, ela sentia uma ponta de culpa e disse isso em voz alta, porque não havia ninguém ali para ouvi-la — nem para concordar com ela, ou

discutir com ela — Eu sou uma péssima mãe.

Era apenas uma observação, mas ela sentia a necessidade de refutá-la de algum jeito, então levou a mão à maçaneta e girou.

A porta se inclinou para dentro, e Briar levou a lanterna para a escuridão cavernosa.

Uma cama com uma cabeceira de aspecto familiar, empurrada para o canto. Era a mesma na qual ela havia dormido quando criança, e era comprida o bastante para caber um homem crescido, mas tinha apenas metade da largura de sua própria cama. As tábuas do estrado eram cobertas com um velho colchão de penas que havia sido achatado até ficarem com pouco mais de uma ou duas polegadas de espessura. Em cima, um edredom pesado, dobrado para trás e enroscado num lençol sujo.

Ao lado da janela, ao pé da cama, espreitava um baú marrom pesado cheio de gavetas e uma pilha de roupas sujas encimado por botas espalhadas, que não combinavam umas com as outras.

— Preciso lavar as roupas dele — ela resmungou, sabendo que isso teria de esperar até domingo, a menos que ela planejasse lavar roupas à noite... e sabendo também que Zeke provavelmente ficaria cheio e lavaria as próprias roupas antes disso. Ela nunca ouvira falar de um garoto que fizesse suas próprias tarefas domésticas em tão grande quantidade, mas as coisas eram diferentes para famílias em todo lugar desde a Praga. As coisas eram diferentes para todos, sim. Mas as coisas eram especialmente diferentes para Briar e Zeke.

Ela gostava de pensar que ele compreendia, pelo menos um pouquinho, por que ela o via com tão pouca frequência quanto o fazia. E preferia supor que ele não a culpava tanto assim. Garotos queriam liberdade, não queriam?

Eles davam valor à sua independência, e a usavam como um sinal de maturidade; e se ela pensava assim, então seu filho era um sujeito realmente de sorte.

A porta da frente bateu com um barulho surdo.

Briar deu um pulo, e fechou a porta do quarto, e caminhou célere até o hall.

Por trás da segurança da porta do seu próprio quarto ela acabou de tirar suas roupas de trabalho, e quando ela ouviu o som dos sapatos de seu filho no quarto da frente, gritou: — Zeke, você está em casa? — Sentiu-se boba por perguntar, mas era um cumprimento tão bom quanto qualquer outro.

— O quê?

— Eu perguntei: você está em casa, não está?

— Eu estou em casa — ele gritou. — Cadê você?

— Já saio num segundo — ela lhe disse. Mais de um minuto depois ela emergiu vestindo uma coisa que cheirava menos como lubrificante industrial e pó de carvão. — Onde você esteve? — perguntou ela.

— Fora. — Ele já tinha tirado o casaco e o deixado pendurado no gancho perto da porta.

—Já comeu? — ela perguntou, tentando não notar como ele estava magro. — Recebi o pagamento ontem. Eu sei que estamos com pouca coisa na despensa, mas posso mudar isso logo. E ainda temos um pouquinho de alguma coisa que sobrou por aqui.

— Não, eu já comi. — Ele sempre dizia isso. Ela nunca sabia se ele estava dizendo a verdade. Ele se esquivava de quaisquer perguntas adicionais perguntando: — Você chegou em casa tarde hoje? Está frio aqui dentro. Já sei que a lareira não está acesa há muito tempo.

Ela assentiu, e foi até a despensa. Estava faminta, mas estava sempre com tanta fome que aprendera a não pensar muito a respeito. — Fiz um turno extra. Tinha alguém doente. — Na prateleira do alto da despensa havia uma mistura de feijão e milho secos que daria um cozido ralo. Briar apanhou-a e desejou ter um pouco de carne para acompanhar, mas não desejou nem muito tempo nem com muita força.

Ela colocou uma panela com água para ferver e estendeu a mão embaixo de uma toalha para pegar um pedaço de pão que estava quase duro demais para comer, mas meteu-o na boca e mastigou-o rápido.

Ezekiel pegou a cadeira que Hale havia tomado emprestada e a arrastou até a lareira para derreter um pouco da rigidez frígida de suas mãos. — Eu vi aquele homem indo embora — ele disse, alto o bastante para ela ouvi-lo do outro aposento.

— Viu, é?

— O que é que ele queria?

Um torrão de mistura para sopa caiu na panela, espirrando água. — Conversar. Está tarde, eu sei. Acho que isso parece uma coisa feia, mas o que é que os vizinhos iriam fazer a respeito: falar besteira pelas nossas costas?

Ela ouviu um risinho na voz do filho quando ele perguntou: — Sobre o que ele queria falar?

Ela não respondeu. Acabou de mastigar o pão e perguntou: — Tem certeza de que não quer comer nem um pouco disto aqui? Tem o bastante pra dois, e você

devia se olhar no espelho. Você está que é só pele e osso.

— Eu já lhe falei, já comi. Você é que tem que engordar. Você está mais magra do que eu.

— Não estou não — ela retrucou provocando.

— Também está. Mas o que aquele homem queria? — ele tornou a perguntar.

Ela voltou à sala e encostou na parede, braços cruzados e cabelos mais caídos do que presos. Respondeu: — Ele está escrevendo um livro sobre seu avô. Ou pelo menos diz que está.

— Você acha que talvez ele não esteja?

Briar olhou séria para seu filho, tentando imaginar com quem ele se parecia quando fazia aquele rosto cuidadosamente inocente e sem emoções.

Não ao seu pai, certamente, embora a pobre criança tivesse herdado o cabelo absurdo. Nem tão escuro quanto o dela, nem tão claro quanto o do pai, o cabelo não conseguia ser penteado nem empastado para ficar direito. Era exatamente o tipo de cabelo que, quando acontecia num bebê, fazia velhinhas sentirem uma vontade louca de o bagunçarem com carinhos e ruídos agradáveis. Mas, quanto mais velho Zeke ficava, mais ridículo parecia.

— Mãe — ele tentou mais uma vez. — Você acha que talvez aquele homem estivesse mentindo?

Ela balançou a cabeça rapidamente, não em resposta, mas para limpá-la.

— Ah. Bem, eu não sei. Talvez sim, talvez não.

—Você está bem?

— Estou bem — ela disse. — Eu estava só... Eu estava olhando para você, só isso. Eu não vejo você o bastante, acho que não. Nós deveríamos, não sei... Deveríamos fazer algo juntos, um dia desses.

Ele se remexeu desconfortável. — Como o quê?

O desconforto dele não passou despercebido. Ela tentou recuar da sugestão. — Eu não tinha nada em mente. E talvez seja má ideia. Provavelmente é... bem. — Ela se virou e voltou à cozinha para poder falar com ele sem ter de ver seu desconforto enquanto confessava a verdade. — É provavelmente mais fácil para você de qualquer maneira, que eu mantenha distância. Imagino que seja bem difícil para você viver sendo meu filho. Às vezes penso que a coisa mais generosa que eu possa fazer seja deixar você fingir que eu não existo.

Nenhum argumento veio da lareira até ele dizer: — Não é tão ruim ser seu filho. Não tenho vergonha de você nem nada, sabe. — Mas ele não saiu de perto

do fogo para ir dizer isso na cara dela.

—Obrigada. — Ela mexeu uma colher de madeira na panela e fez desenhos turbilhonantes na mistura que espumava.

— Bom, eu não tenho mesmo. E, falando nisso, não é tão ruim ser neto de Maynard também. Em alguns círculos, isso funciona muito bem — ele acrescentou, e Briar ouviu uma interrupção brusca na voz dele, como se ele tivesse medo de ter falado demais.

Como se ela já não soubesse.

— Eu gostaria que você tivesse um círculo melhor de companhias — disse a ele, embora mesmo enquanto dizia, já adivinhava mais do que queria saber. Onde mais um filho dela buscaria amigos? Quem mais iria querer ter algo a ver com ele, a não ser os lugares onde Maynard Wilkes era um herói popular — e não um bandido de sorte que morreu antes de poder ser levado a julgamento?

— Mãe...

— Não, você vai me ouvir. — Ela abandonou a panela e voltou à parede de antes. — Se você quiser algum dia voltar a ter uma esperança de uma vida normal, precisa permanecer longe de problemas, e isso significa ficar longe desses lugares, longe dessas pessoas.

— Vida normal? Como é que a senhora acha que isso vai acontecer? Eu poderia passar a minha vida inteira sendo pobre mas honesto, se é isso o que a senhora quer, mas...

— Eu sei que você é jovem e não acredita em mim, mas precisa confiar em mim: é melhor do que a alternativa. Fique pobre mas honesto, se é isso o que vai lhe colocar um teto sobre a cabeça e mantê-lo fora da cadeia. Não há nada tão bom lá que valha a pena... — Ela não tinha certeza de como terminar, mas sentia que havia conseguido dizer o que queria, então parou de falar. Deu meia-volta e voltou ao fogão.

Ezekiel deixou a lareira e foi atrás dela. Parou na entrada da cozinha, bloqueando a saída dela e forçando-a a olhar para ele.

— Então de que vale isso? O que eu tenho a perder, mãe? Tudo isto aqui!

— Com um gesto sarcástico e abrangente ele indicou a casa cinza escura na qual habitavam. — Todos os amigos e o dinheiro?

Ela bateu a colher com força na borda da pia e pegou uma tigela para se servir de um pouco de cozido não muito bem cozido, para assim poder parar de olhar para o filho que havia feito. Ele não se parecia em nada com ela, mas a cada dia parecia um pouco mais com um dos homens, e depois com o outro.

Dependendo da luz e dependendo do seu humor, ele poderia ter sido seu pai, ou seu marido.

Ela se serviu de uma tigela de cozido insosso e lutou para não derramá-lo ao passar num rompante por ele.

— Você preferia fugir? Isso eu entendo. Não há muita coisa que o prenda aqui, e quem sabe quando você for um homem crescido você se levante um dia e vá embora — ela disse, jogando a tigela de pedra em cima da mesa e se enfiando na cadeira ao lado. — Eu sei que não faço um dia de trabalho honesto parecer lá muito atraente; e sei também que você pensa que uma chance de uma vida melhor lhe foi roubada, e não culpo você. Mas aqui estamos, e isto é o que temos. As circunstâncias nos amaldiçoaram a ambos.

— Circunstâncias?

Ela tomou um grande gole do cozido e tentou não olhar para ele. Disse: — Está certo, circunstâncias e eu. Pode me culpar se quiser, exatamente como eu culpo seu pai, ou meu pai se eu quiser — não importa. Não muda nada. Seu futuro estava estragado antes mesmo de você nascer, e não restou ninguém vivo para você culpar a não ser eu.

Do canto de seu olho, ela viu Ezekiel abrir e fechar os punhos. Ela esperava por isso. A qualquer momento ele perderia o controle, e aquele olhar selvagem e mau preencheria seu rosto com o fantasma de seu pai, e ela teria de fechar os olhos para afastá-lo dali.

Mas a explosão não aconteceu, e a loucura não o cobriu com seu terrível véu. Em vez disso, ele disse, numa voz morta que combinava com o olhar vazio que ele lhe dera antes. — Mas essa é a parte mais injusta de todas. Você não fez nada.

Ela ficou surpresa, mas com cautela. — É o que você acha?

—Foi o que eu deduzi.

Ela soltou uma risada amarga. — Então você já deduziu tudo a esta altura, não é?

— Mais do que você imagina, eu aposto. E você devia ter dito para aquele escritor o que Maynard fez, porque se mais pessoas soubessem, e entendessem, então quem sabe algumas pessoas respeitáveis saberiam que ele não foi um criminoso, e você poderia viver um pouco menos como uma leprosa.

Ela usou o cozido para ganhar para si mesma mais algumas mordidas para pensar. Não lhe escapou à atenção que Zeke devia ter falado com Hale, mas ela preferiu não chamar atenção para isso.

— Eu não disse ao biógrafo nada sobre Maynard porque ele já sabia muito, e ele já havia se decidido a respeito dele. Se isso faz você se sentir melhor, ele concorda com você. Ele também acha que Maynard foi um herói.

Zeke jogou as mãos para o céu e disse: — Viu? Eu não sou o único. E quanto às companhias com quem eu ando, talvez meus amigos não sejam da alta sociedade, mas eles conhecem bons sujeitos quando põem os olhos neles.

— Seus amigos são escroques — ela disse.

— Você não tem como saber. Você não conhece um só dos meus amigos; você nunca encontrou nenhum deles, a não ser o Rector, e ele não é tão mau assim em termos de maus amigos, você mesma chegou a dizer isso. E você entende do assunto: o nome de Maynard é como um aperto de mão secreto. Eles pronunciam o nome como se cuspissem na sua mão pra jurar. É que nem jurar com a mão em cima da Bíblia, só que todo mundo sabe que Maynard realmente fez alguma coisa.

— Não fale assim — ela o interrompeu. — Você está procurando encrenca, tentando reescrever a história, tentando modificar as coisas até que elas passem a significar alguma coisa melhor.

— Eu não estou tentando reescrever nada! — E ela ouviu aquilo, o timbre assustador em sua voz recém-esganiçada, quase começando a soar como a de um homem. — Só estou tentando corrigir!

Ela engoliu o restante do cozido rápido demais, quase queimando a garganta na pressa de acabar logo com aquilo, e parar de sentir fome para poder se concentrar naquela briga — se é que aquilo estava se tornando uma briga.

— Você não entende — ela disse baixinho, e as palavras saíram quente na sua garganta quase queimada. — Eis a dura e horrível verdade da vida, Zeke, e se você nunca mais quiser ouvir nada do que eu lhe disser, ouça isto: não importa se Maynard foi um herói. Não importa se seu pai foi um homem honesto com boas intenções. Não importa se eu nunca fiz nada para merecer o que aconteceu, e não importa que sua vida tenha sido marcada mesmo antes que eu soubesse que você estava para chegar.

— Mas como é que pode não importar? Se todo mundo compreendesse, e se todo mundo soubesse todos os fatos sobre meu avô e meu pai, então... — o desespero começou a transparecer por entre sua objeção.

— Então o quê? Então subitamente nós seríamos ricos, amados e felizes?

— Sim, você é jovem, mas não é burro o bastante para acreditar nisso. Talvez daqui a algumas gerações, quando muito tempo já tiver se passado, e ninguém se

lembrar mais do caos ou do medo, e seu avô tiver tido tempo para se tornar uma lenda, aí os contadores de histórias como o jovem Sr. Quarter darão a palavra final.

Então ela perdeu a voz de choque e horror, porque subitamente percebeu que seu filho não estava realmente falando de Maynard no fim das contas.

Respirou bem fundo, levantou a tigela da mesa e foi até a pia, onde a deixou.

A perspectiva de bombear mais água para lavá-la naquele exato instante era demais.

— Mãe? — Ezekiel percebeu que havia atravessado uma linha terrível e não sabia qual era. — Mãe, o que foi?

— Você não entende — ela lhe disse, embora sentisse que já tinha dito isso um milhão de vezes desde que ele chegara. — Há tanta coisa que você não entende, mas eu conheço você melhor do que você pensa. Eu conheço você melhor do que qualquer um, porque eu conheço os homens que você imita mesmo quando não tem a intenção de fazer isso... mesmo quando não faz ideia do que disse ou fez para me assustar.

— Mãe, você não está dizendo coisa com coisa.

Ela bateu com a mão espalmada no peito. — Eu não estou dizendo coisa com coisa? É você quem está me dizendo coisas maravilhosas a respeito de alguém que você nunca conheceu, construindo uma grande apologia para um morto porque você acha — porque você não sabe que isso não é possível — que se você conseguir redimir um morto talvez consiga redimir outro. Você se entregou, ao falar dos dois ao mesmo tempo. — Enquanto ela tinha toda a atenção dele, antes que ela perdesse o elemento de choque que o mantinha quieto, ela continuou: — É aonde você quer chegar com isso, não é? Se Maynard não era tão mau assim, então quem sabe seu pai também não era tão mau? Se você conseguir vingar um, então haverá esperança para o outro?

Lentamente, e depois com ritmo mais forte, ele começou a concordar com a cabeça. — Sim, mas a coisa não é assim tão imbecil quanto você dá a entender... não, não é. Pare e me escute. Me ouve: se, esse tempo todo, todo mundo nos Arredores esteve errado sobre você, então...

— Como eles estão errados sobre mim? — ela exigiu saber.

— Eles acham que foi tudo culpa sua! A fuga da prisão, a Praga e o Boneshaker também. Mas não foram culpa sua, e a fuga da prisão não foi um grande ato de caos e perturbação da ordem. — Ele parou para respirar um pouco, e sua mãe se perguntou onde ele havia ouvido essa expressão.

— Então eles estavam errados sobre você, e acho que estavam errados sobre Vovô. Dois em três, hein? Por que é tanta loucura achar que eles todos erraram sobre Levi também?

Era exatamente o que ela temia, apresentado a ela em uma única, linda e perfeita fala. — Você — ela tentou dizer, mas a palavra saiu como uma tosse.

Ela reduziu seu ritmo e fez o melhor que pôde para permanecer calma, apesar do terrível impacto das palavras inocentes e perigosas de seu filho. — Há... escute. Eu entendo por que isso parece tão óbvio para você, e entendo por que você quer acreditar que existe alguma coisa da memória de seu pai que vale a pena salvar. E... E talvez você tenha razão quanto a Maynard; provavelmente ele só estava tentando ajudar. Talvez ele tenha tido aquele momento, aquela pausa em que percebeu que podia obedecer a letra da lei ou o espírito dela — e foi caçar algum tipo de ideal, até o interior da região da Praga, e até dentro de sua cova. Nisso eu consigo acreditar, e aceitar, e posso até ficar um pouco zangada quando penso na maneira como ele é lembrado.

Zeke soltou um gritinho adolescente desafinado de descrença e estendeu as mãos como se quisesse sacudir sua mãe, ou estrangulá-la. — Então por que você nunca disse nada? Por que deixou eles pisarem em cima da memória dele se achava que ele estava tentando ajudar as pessoas?

— Eu já lhe disse, isso não importaria em nada. E, além do mais, mesmo que a fuga da cadeia nunca tivesse acontecido, e ele tivesse morrido de outra forma, menos estranha, não teria feito diferença para mim. Eu não teria lembrado dele de maneira diferente por nenhum heroísmo de último minuto, e, e, e... Além do mais — ela acrescentou mais uma defesa feroz — quem é que iria me ouvir? As pessoas me evitam e me ignoram, e não é culpa de Maynard, não de fato. Nada que eu pudesse dizer para defendê-lo abalaria uma única alma dos Arredores, porque ser filha dele é apenas uma maldição secundária sobre a minha cabeça.

A voz dela aumentou de volume novamente, e ficou próxima demais do medo para sua própria satisfação. Ela voltou a abaixá-la, contou o ritmo da respiração, e tentou manter as palavras numa linha rígida e lógica que com-binasse com as de Ezekiel e as derrotasse.

— Eu não escolhi meus pais; ninguém escolhe. Eu poderia ser perdoada pelos pecados do meu pai. Mas eu escolhi o seu pai, e por isso eles nunca me deixarão descansar.

Alguma coisa salgada e brilhante estava abrindo um rasgo fundo e louco em seu peito, e era como se fossem lágrimas galgando sua garganta com garras afiadas. Ela as engoliu. Respirou fundo e esmagou-as até se renderem, e, quando

seu filho se afastou dela, voltando ao seu quarto onde podia fechar a porta e deixá-la do lado de fora, ela foi atrás.

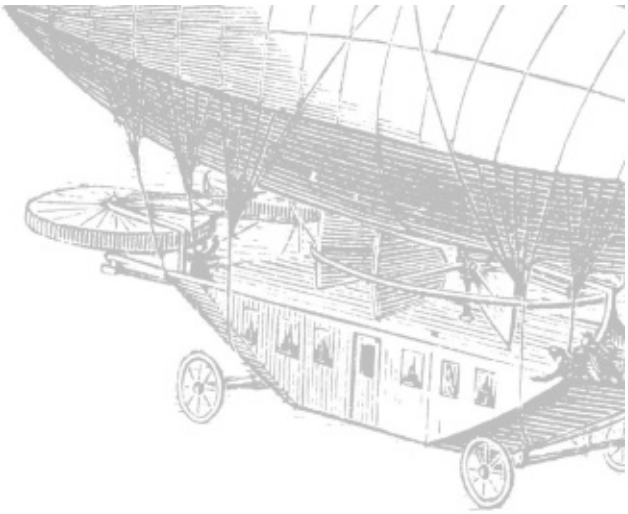
Ele fechou a porta na cara dela. Ele teria trancado a porta, mas ela não tinha tranca, então ele forçou seu peso contra ela. Briar podia ouvir o ruído leve do corpo dele fazendo uma resistência teimosa no outro lado.

Ela não puxou a maçaneta, nem sequer tocou nela.

Pressionou a têmpora contra um ponto que achava que a cabeça dele poderia estar, e falou: — Tente salvar Maynard, se isso vai fazer você feliz.

Torne essa sua missão, se isso lhe der algum tipo de direcionamento e fizer você ficar menos... zangado. Mas, por favor, Zeke, por favor. Não há nada a salvar de Leviticus Blue. Absolutamente nada. Se você cavar fundo demais ou for longe demais, se ficar sabendo demais, só vai partir seu coração. Às vezes, todo mundo tem razão. Nem sempre e nem mesmo normalmente, mas de vez em quando, todo mundo tem razão.

Ela teve de usar todo o seu autocontrole para parar por ali. Em vez de continuar falando, ela virou as costas e foi para seu próprio quarto para praguejar e pôr sua raiva para fora.



QUATRO

Na manhã de sexta, Briar se levantou logo antes do amanhecer, como sempre, e acendeu uma vela para poder enxergar. Suas roupas estavam N onde ela as havia deixado. Ela trocou a camisa da véspera por outra limpa, mas vestiu o mesmo par de calças e enfiou as pernas estreitas dentro das botas. O arnês de suporte de couro estava pendurado ao pé da cama. Ela o apanhou e o afivelou, apertando-o ainda mais ao redor da cintura do que era estritamente confortável. Assim que ficasse quentinho no seu corpo, iria se ajustar melhor a ela.

Depois que amarrou os cadarços das botas e encontrou um colete grosso de lã para jogar por cima da camisa, tirou o sobretudo do outro pé da cama e enfiou os braços pelas suas mangas.

Descendo o hall, ela não ouviu um ruído sequer do quarto de seu filho, nem mesmo um ronco ligeiro ou um remexer nos cobertores. Ele ainda não estaria acordado, mesmo que fosse à escola — e frequentemente nem se dava ao trabalho de ir.

Briar já tinha se certificado de que ele sabia ler, e ele sabia contar e somar melhor do que muitos garotos que ela conhecia, então não se preocupava demais com ele. A escola o manteria longe de encrencas, mas a própria escola muitas vezes era fonte de encrencas. Antes da Praga, quando a cidade fervilhava de gente o bastante, havia várias escolas. Mas depois, com uma parte tão grande da população dizimada ou espalhada, os professores acabavam nem sempre

ficando, e os alunos não recebiam lá muita coisa em termos de disciplina.

Briar ficava se perguntando quando a guerra iria terminar lá no leste. Os jornais falavam a respeito em termos empolgantes. Uma Guerra Civil, uma Guerra Entre os Estados, uma Guerra de Independência ou uma Guerra de Agressão. Esses nomes tinham sons épicos, e depois de dezoito anos de luta constante, talvez fossem. Mas se ela simplesmente terminasse, então talvez valesse o trabalho de voltar para a outra costa. Apertando muito o cinto e economizando, talvez ela conseguisse reunir o dinheiro para começar de novo em algum outro lugar, onde ninguém soubesse nada a respeito de seus falecidos pai ou marido. Ou quem sabe Washington podia se tornar um estado decente, e não apenas um território distante. Se Seattle fizesse parte de um estado, então os Estados Unidos teriam de enviar ajuda, não teriam? Com ajuda, eles poderiam construir uma muralha melhor, ou quem sabe fazer alguma coisa a respeito do gás da Praga aprisionado dentro dela. Poderiam trazer médicos para pesquisar tratamentos para o envenenamento por gás — e, só Deus sabia, talvez até mesmo curá-lo.

Esse pensamento deveria ter sido algo de emocionante, mas não foi. Não às seis da manhã, e não quando Briar estava iniciando uma caminhada de três quilômetros até os lamaçais.

O sol se erguia lentamente e o céu assumia o tom diurno cinza-leitoso do qual nunca se livraria, não até a primavera. A chuva caía de lado, chicoteada pelo vento até descer pelo chapéu de couro de aba larga de Briar, subir pelas mangas dela, e descer por suas botas até congelar seus pés e suas mãos adquirirem a consistência de pele de galinha.

Quando ela chegou à usina, seu rosto estava dormente por causa do frio, mas um pouquinho queimado pela água fedorenta.

Ela foi andando devagar até os fundos do complexo enorme e barulhento às margens do Estreito de Puget. Ele bombeava vinte e quatro horas por dia todos os dias, chupando água da chuva e água da terra para dentro da usina e filtrando-a, processando-a, limpando-a, até ela estar pura o bastante para beber e tomar banho. Era um procedimento lento e laborioso, imensamente trabalhoso mas não inteiramente ilógico. O gás da Praga havia envenenado os sistemas naturais até que os riachos e correntes passaram a fluir quase amarelos de tanta contaminação. Não se podia confiar nem mesmo na chuva quase constante. As nuvens que a jogavam podiam ter passado por cima da cidade murada e absorvido toxinas suficientes para esfolar a pele e descascar tinta.

Mas a Praga podia ser destruída pelo processo de fervura; podia ser filtrada, transformada em vapor e depois filtrada novamente. E depois de dezessete horas

de tratamento, a água podia ser consumida com segurança.

Grandes vagões puxados por equipes de cavalos Clydesdale maciços levavam a água em tanques e a entregavam de quadra em quadra, transferindo-a por funis para reservatórios coletivos que poderiam então ser bombeados por famílias individuais.

Mas primeiro ela tinha de ser processada. Tinha de passar pela instalação da Estação de Tratamento de Água, onde Briar Wilkes e várias centenas de outros passavam dez ou quinze horas por dia enganchando e desenganchando cilindros de bronze e tanques, e movendo-os de uma estação a outra, de um filtro a outro. A maioria dos tanques ficava a uma altura elevada, e podiam ser descidos por cabos e trilhos de um lugar para outro, mas outros eram embutidos no chão e tinham de ser deslocados de uma, tampa a outra como peças de um quebra-cabeças deslizante.

Briar subiu os degraus dos fundos e levantou o braço da alavanca que prendia a entrada dos trabalhadores.

Ficou piscando sem parar com a rajada costumeira de ar aquecido pelo vapor. No outro canto, onde os trabalhadores guardavam pertences da empresa em escaninhos, ela foi buscar suas luvas. Não eram as peças de lã grossa que ela usava em casa, mas couro grosso que protegia suas mãos do metal superaquecido dos tanques.

Ela calçou a luva esquerda até o pulso antes de notar a tinta. Na palma, descendo pelos dedos, e cruzando-os pelas costas, alguém havia pintado faixas de um azul brilhante. A luva direita havia sofrido idêntico ato de vandalismo.

Briar estava sozinha na área dos trabalhadores. Ela havia chegado cedo, e a tinta estava seca. A brincadeira havia sido feita na noite anterior, depois que ela fora embora. Não havia ninguém presente a quem acusar.

Ela deu um suspiro e enfiou os dedos na outra luva manchada. Pelo 'menos desta vez ninguém havia enchido o interior de tinta. As luvas ainda eram aproveitáveis, e não precisariam ser substituídas. Talvez ela pudesse até mesmo limpá-las mais tarde.

— Isso nunca envelhece, não é? — ela disse consigo mesma. — Dezesseis malditos anos e seria de se esperar que, de algum modo, a piada pudesse ter ficado velha.

Ela deixou suas próprias luvas de lã na prateleira que costumava ter seu nome nela. Ela havia escrito WILKES ali, mas enquanto não estava olhando, ele havia sido riscado e substituído por BLUE. Ela riscara o BLUE e reescrevera o WILKES, e o jogo se repetiu várias vezes até não restar espaço na prateleira para

ninguém escrever mais nada, mas todos sabiam a quem ela pertencia.

Seus óculos não haviam sido incomodados; só por isso ela já estava grata.

As luvas já haviam sido caras o bastante, e o equipamento de cabeça feito pela empresa custaria uma semana de pagamento para restaurar.

Todos os trabalhadores usavam óculos com lentes polarizadas. Por motivos que ninguém entendia completamente, essas lentes permitiam que o usuário visse a temida Praga. Mesmo em quantidades vestigiais, ela apareceria como uma névoa amarelo-esverdeada que vazava e pingava. Embora a Praga fosse tecnicamente uma substância gasosa, era uma substância muito pesada que se derramava ou empoçava como uma papa espessa.

Briar prendeu as lentes enormes no rosto e deixou o sobretudo num cabide de parede. Apanhou uma chave de boca quase do tamanho de seu antebraço e foi até o andar principal para começar seu dia de transferir crisóis escaldantes de uma abertura para outra.

Dez horas mais tarde, ela retirou as luvas, tirou os óculos e abandonou tudo em cima da prateleira.

Abriu a porta de metal dos fundos para descobrir que ainda estava chovendo, o que não a surpreendeu. Amarrou seu chapéu grande e de abas redondas mais forte debaixo do queixo. Não precisava de mais faixas alaranjadas rodopiando sob seus cabelos escuros, cortesia dessa chuva terrível.

Com o sobretudo bem amarrado sobre o peito e as mãos bem enfiadas nos bolsos, ela partiu para casa.

O caminho de volta para casa era quase todo de ladeira acima, mas o vento estava atrás dela, soprando do oceano e batendo nas cordilheiras que ficavam às margens da cidade velha. A caminhada propriamente dita era longa, mas familiar, e ela a realizou sem pensar muito no vento ou na água. Ela tinha convivido com esses caprichos da temperatura por tanto tempo que eles haviam se tornado música de fundo, desagradáveis, porém não notados, a não ser quando os dedos dos seus pés ficavam dormentes e ela tinha de batê-los com força no chão para trazer a sensibilidade de volta.

Mal havia acabado de escurecer quando ela chegou em casa.

Isso a deixou quase tonta de felicidade. Durante o inverno ela ficava tão raramente em casa antes que o céu ficasse inteiramente escuro que ela se espantava ao se ver subindo os degraus tortos de pedra enquanto ainda havia um toque de rosa por entre as nuvens de chuva.

Uma pequena vitória ou não, ela teve vontade de comemorar.

Mas primeiro, pensou, devia desculpas a Ezekiel. Podia sentá-lo e conversar com ele, se ele quisesse ouvir. Ela poderia lhe contar algumas histórias, se chegasse a esse ponto. Não tudo, é claro.

Ele não podia saber a pior parte, muito embora provavelmente achasse que sabia. Briar conhecia as histórias que circulavam. Ela própria já as tinha ouvido, sido interrogada a respeito delas por dezenas de policiais, repórteres e sobreviventes furiosos.

Então Zeke certamente as havia ouvido também. Ele havia sido perse-guido por elas desde que já tinha idade suficiente para chorar na escola. Uma vez, anos atrás, quando ele mal chegava à sua cintura, ele havia perguntado se alguma delas era verdade. Seu pai realmente havia construído a terrível máquina que quebrou a cidade até fazer com que pedacinhos dela caíssem dentro da Terra? Ele realmente provocou a Praga?

— Sim — ela teve de lhe contar. — Sim, foi assim que aconteceu, mas não sei por quê. Ele nunca me contou. Por favor, não me pergunte mais.

Ele nunca mais perguntou, muito embora Briar às vezes quisesse que sim.

Se ele perguntasse, ela poderia ser capaz de lhe dizer algo de bom — algo de bonito. Nem tudo havia sido medo e estranheza, havia? Ela honestamente amara seu marido um dia, e havia motivos para isso. Alguns deles não devem ter sido gerados a partir da estupidez de uma garotinha, e nem tudo era dinheiro.

Ah, ela sabia que ele era rico desde o começo — e talvez, em algum pequeno aspecto, o dinheiro tivesse tornado mais fácil ser estúpida. Mas a questão nunca foi dinheiro.

Ela podia contar a Zeke histórias de flores mandadas em segredo, de anotações feitas em tinta quase mágica pela maneira como brilhava, queimava e desaparecia. Havia maquininhas bonitas e brinquedos sedutores. Certa vez, Leviticus fez para ela um alfinete que parecia um botão de casaco, mas quando a borda trabalhada em filigranas era girada, minúsculas engrenagens mecânicas em seu interior tocavam uma música preciosa.

Se Zeke tivesse perguntado, ela poderia ter compartilhado uma ou duas anedotas que faziam o homem parecer menos monstruoso.

Era uma burrice, ela percebeu, a maneira como ela havia ficado esperando que ele perguntasse. Subitamente a coisa ficou óbvia: ela devia simplesmente dizer a ele. Deixar a pobre criança saber que também houve bons tempos, e que houve bons motivos — pelo menos, eles pareceram bons motivos na época — pelos quais ela havia fugido de casa e de seu pai rígido e distante e se casado com o cientista quando não era muito mais velha do que seu filho agora.

Além do mais, na noite anterior o que ela devia ter dito a ele era: — Você também não fez nada. Eles estão errados a seu respeito também, mas você ainda tem tempo de provar. Você ainda não fez o tipo de escolhas que irão destruir sua vida.

Essas resoluções fizeram seu espírito ficar mais leve do que a volta mais cedo para casa, e a esperança de que Zeke pudesse estar ali dentro. Ela poderia começar naquele instante, corrigindo seus velhos males — que eram apenas erros de incerteza, afinal.

Sua chave girou na fechadura com um ruído enferrujado e a porta se abriu para dentro, revelando a escuridão.

— Zeke? Zeke, você está em casa?

A lareira estava fria. O lampião estava em cima da mesa ao lado da porta, então ela o pegou e procurou um fósforo. Não havia uma única vela acesa ali dentro, e ela ficou incomodada por precisar de iluminação extra. Havia meses desde a última vez que ela voltara para casa e simplesmente abrira as cortinas em busca de luz. Mas o sol já havia se posto quase totalmente agora, e os aposentos estavam escuros, exceto pelos lugares onde seu lampião afastava as sombras.

— Zeke?

Ela não sabia ao certo por que chamou seu nome novamente. Já sabia que ele não estava em casa. Também não era apenas a escuridão; era a maneira como a casa parecia vazia. Ela parecia silenciosa de um jeito que não podia incluir um garoto fechado em seu quarto.

— Zeke? — o silêncio era insuportável, e Briar não sabia por quê. Ela havia chegado a uma casa vazia muitas vezes antes, e isso nunca a deixara nervosa.

Seu bom humor evaporou.

A luz do lampião varreu o interior. Detalhes se infiltravam pelo brilho.

Não era sua imaginação. Havia algo de errado. Um dos armários da cozinha estava aberto; era onde ela guardava os secos, quando os tinha — biscoitos em lata e cereais. Ele havia sido saqueado, e estava vazio. No meio do chão, em frente à grande poltrona de couro, uma pecinha de metal reluziu quando captou os limites da luz da vela.

Uma bala.

— Zeke? — ela tentou mais uma vez, mas desta vez foi menos uma pergunta do que uma afirmação sem fôlego.

Ela apanhou a bala e a examinou; e enquanto ficou ali em pé, interrogando o pedacinho com os olhos, sentiu-se exposta.

Não como se estivesse sendo observada, mas como se estivesse aberta para ataque.

Como se houvesse perigo, e esse perigo pudesse ver um caminho de entrada.

As portas. Descendo o pequeno corredor, quatro portas — uma que dava para um closet e três para os quartos.

A porta de Zeke estava aberta.

Ela quase deixou cair a lanterna e a bala ao mesmo tempo. Um medo cego apertou seu peito, e ela ficou ali grudada ao chão.

A única maneira de se livrar dessa sensação era se mover, então ela se moveu. Ela arrastou os pés para a frente, na direção do corredor. Talvez ela devesse verificar a presença de intrusos, mas algum instinto primitivo lhe disse que não havia nenhum. O vazio era completo demais, e o eco muito absoluto.

Ninguém estava em casa, ninguém que devesse nem ninguém que não devesse.

O quarto de Zeke estava quase exatamente do jeito que estava quando ela dera uma espiadinha na véspera. Não parecia limpo, mas não estava atulhado, por virtude do fato de que ele tinha tão poucos pertences.

Só que agora havia uma gaveta bem em cima de sua cama.

Não havia nada dentro dela, e Briar não sabia o que ela um dia podia ter guardado, então passou direto por ela e seguiu para as outras gavetas que permaneceram no lugar. Estavam vazias, exceto por uma meia abandonada, coberta de buracos demais para cobrir um pé.

Ele possuía uma bolsa. Isso ela sabia que ele tinha; ele a levava para a escola, quando se dignava a ir. Ela a havia feito para ele, costurando pedaços avulsos de couro e lona até ter força e tamanho o bastante para conter os livros que ela mal conseguia comprar. Há pouco tempo, ele havia lhe pedido para consertá-la, então ela sabia que ele ainda a utilizava.

E ela não conseguia encontrá-la.

Uma rápida varredura do quartinho não bastou para achá-la, nem para revelar qualquer sinal de onde o garoto ou a sacola poderiam ter ido... até que ela caiu de joelhos e levantou a beirada do edredom. Embaixo de cama não havia nada. Mas, debaixo do colchão, entre a armação e o protetor de colchão, alguma coisa estava fazendo uma marca geométrica. Ela enfiou a mão ali no meio e pegou um pacote de alguma coisa macia que estalou por entre seus dedos.

Papéis. Uma pilha pequena de papéis, de várias formas e tamanhos.

Incluindo...

Ela virou a pilha de um lado e verificou a frente, o verso, e o medo gelando seus pulmões de modo tal que ela mal conseguia respirar.

...um mapa do centro de Seattle, rasgado ao meio.

A metade desaparecida teria indicado o antigo distrito financeiro — onde a máquina Boneshaker havia provocado o catastrófico terremoto em seu primeiro teste... e onde, alguns dias mais tarde, o gás da Praga havia começado a vazar.

Onde ele o havia conseguido?

Num dos lados, o mapa tinha uma parte rasgada que a fez pensar que ele um dia fizera parte de um livro. Mas a pequena biblioteca da cidade nunca reabrira fora das muralhas, e os livros faltavam — e eram caros. Ele não o teria comprado, mas poderia tê-lo roubado, ou...

O mapa tinha um cheiro esquisito. Ela só notou depois de mais de um minuto com ele nas mãos, e, de qualquer maneira, o cheiro era tão familiar que quase passou despercebido. Ela levou o pedaço de papel até o rosto e inalou profundamente. Podia ser apenas sua imaginação. Só havia um jeito de descobrir.

Ela disparou corredor abaixo, entrou em seu próprio quarto, e começou a cavucar dentro do armário grande e velho até encontrar o que estava procurando — um fragmento de lente que havia restado dos primeiros dias, dos maus e velhos dias... os dias em que a ordem de evacuação era nova e vaga.

Ninguém sabia ao certo do que estava fugindo, ou por quê; mas todos haviam descoberto que você podia ver isso, se tivesse máscara ou um par de óculos com um pedaço de vidro polarizado.

Na época não havia outro teste. Malandros vendiam lentes nas esquinas a preços ridículos, e nem todas eram verdadeiras. Umas eram retiradas de máscaras industriais quebradas e óculos de segurança, mas as mais baratas eram pouco mais do que monóculos individuais e fundos de garrafa.

Naquela época, dinheiro não era problema. A lente tingida de Briar, que cabia na palma de sua mão, era de verdade, e funcionava tão bem quanto os óculos que ela havia deixado numa prateleira na estação de tratamento.

Acendeu mais duas velas e as levou até o quarto de Zeke, e, com a luz do lampião ajudando, ela levantou o pedaço de vidro transparente arranhado e o usou para examinar as coisas que havia encontrado no colchão. E todas elas — o mapa, os panfletos, os pedaços de cartazes — reluziam com um halo amarelo doentio que as marcavam com tanta clareza quanto se tivessem recebido um carimbo de alerta.

— Praga — ela grunhiu. Os papéis estavam imundos com seus resíduos.

Na verdade, os papéis estavam tão completamente contaminados que havia poucos e preciosos lugares de onde eles poderiam ter vindo. Ela não podia imaginar que seu filho tivesse adquirido essas estranhas tiras no interior da cidade selada com sua muralha gigante e intransponível. Algumas das lojas do local vendiam artefatos com os quais o pessoal da cidade havia sido evacuado, mas eles costumavam ser muito caros.

— Malditos sejam seus amigos imbecis e sua seiva de limão imbecil — ela xingou. — Malditos sejam todos eles.

Ela se levantou correndo e voltou ao quarto, desta vez retirando uma máscara facial de musselina. Ela a colocou ao redor do nariz e da boca e amarrou, e espalhou o conteúdo do colchão de Zeke sobre a sua cama. O sortimento era estranho, para dizer o mínimo. Além do mapa, ela encontrou bilhetes e entradas antigos, páginas arrancadas de romances, e recortes de jornais que eram mais antigos do que o garoto.

Briar queria estar com suas luvas de couro ali. No lugar delas, ela usou a meia esburacada para tocar os papéis, escolhendo-os e passando os olhos por eles — e descobrindo seu próprio nome, ou pelo menos seu nome antigo.

> *9 de Agosto de 1864. Autoridades vasculharam a casa de Leviticus e Briar Blue, mas nenhuma pista do incidente Boneshaker foi encontrada. Evidências de má-fé aumentam pois Blue permanece desaparecido. Sua esposa não consegue fornecer uma explicação para o teste da máquina que quase fez desabarem as fundações da cidade e matou pelo menos trinta e sete pessoas e três cavalos.*
>
> *11 de Agosto de 1864. Briar Blue detida para interrogatório depois do desabamento do quarto banco na Avenida Comercial e do desaparecimento de seu marido. Seu papel nos eventos da calamidade Boneshaker permanece obscuro.*

Briar se lembrou dos artigos. Lembrou-se de tentar ter apetite para comer enquanto ha os malditos relatórios, sem saber ainda que sua náusea tinha outro motivo que não meramente o estresse da investigação. Mas onde Ezekiel havia conseguido esses recortes, e como? Todas as histórias haviam sido impressas dezesseis anos atrás, e distribuídas numa cidade que estava morta e fechada há quase todo esse tempo.

Ela franziu o nariz e agarrou o travesseiro de Zeke, arrancando sua fronha e enfiando os papéis dentro dela. Eles não deviam ser tão perigosos, enfiados debaixo de suas roupas de cama; mas, quanto mais ela os cobrisse, melhor se sentia. Ela não queria simplesmente ocultá-los nem contê-los; ela queria enterrá-los. Mas não havia nenhum motivo real.

Zeke ainda não tinha voltado para casa. Ela suspeitava que ele não tinha nenhuma intenção de voltar para casa naquela noite.

E isso foi antes mesmo de ela encontrar o bilhete que ele havia deixado em cima da mesa de jantar, por onde ela havia passado direto. O bilhete era breve e sério. Ele dizia: "Meu pai era inocente, e eu posso provar. Desculpe por tudo, Volto assim que puder."

Briar esmagou o bilhete na mão, e ficou ali parada tremendo até soltar um grito frenético e furioso que sem dúvida apavorou seus vizinhos, mas ela estava ligando tão pouco para as opiniões deles que soltou outro. Isso não a fez se sentir nem um pouco melhor, mas ela não conseguiu evitar um terceiro grito e pegar a cadeira mais próxima e jogá-la do outro lado da sala — em cima da lareira.

Ela se quebrou em dois contra a pedra, mas antes que tivesse tempo de desabar em pedaços no chão, Briar já estava na varanda da frente e descendo as escadas correndo com o lampião na mão.

Amarrou o chapéu na cabeça e apertou o sobretudo com mais força no corpo enquanto corria. A chuva havia quase parado e o vento estava forte como sempre, mas ela avançou contra ele. descendo a colina e percorrendo os lamaçais até o único lugar onde seria capaz de encontrar Ezekiel com certeza, como nos velhos tempos em que ele havia ficado fora tempo suficiente para deixá-la preocupada.

Perto da água, um prédio de tijolos de quatro andares que havia sido antigamente um armazém e depois um bordel, um contingente de freiras havia criado um abrigo para, crianças que ficaram órfãs por causa da Praga.

O Lar para Órfãos das Irmãs da Graça havia criado toda uma geração de meninos e meninas que de algum modo haviam conseguido escapar do gás e chegar aos Arredores sem nenhuma supervisão. Agora os mais jovens dos ocupantes originais estavam ficando velhos o bastante para em pouco tempo serem levados a encontrar lares próprios ou aceitar trabalho dentro da igreja.

Entre os garotos mais velhos havia um certo Rector "Destruidor" Sherman, um rapaz de no máximo dezessete anos, e que era famoso como distribuidor da ilegal porém muito cobiçada seiva de limão. Era uma droga barata — uma substância amarelada, granulada e pastosa destilada do gás da Praga — e seus

efeitos eram agradáveis, mas devastadores. A "seiva" era cozida e inalada para a obtenção de um estado de êxtase de apatia, até que o uso crônico começasse a matar... mas não rapidamente.

A seiva não danificava apenas a mente; ela necrosava o corpo. A gangrena surgia e se espalhava, partindo dos cantos das bocas e devorando bochechas e narizes. Dedos das mãos e dos pés caíam, o corpo podia se transformar inteiramente numa paródia dos "podres" mortos-vivos que sem dúvida ainda vagavam sem esperança pelos bairros murados.

Apesar das óbvias desvantagens, a droga estava em alta demanda. E como a demanda era boa, Rector estava pronto com um sortimento completo de cachimbos, sugestões e minúsculos pacotes de seiva de limão.

Briar havia tentado manter Zeke longe de Rector, mas não podia fazer muito para contê-lo — e, pelo menos, Rector não parecia interessado em deixar Zeke vender ou usar a seiva. De qualquer maneira, Zeke estava mais interessado na comunidade, na camaradagem e na chance de se encaixar num bando de garotos que não jogassem tintura azul nele nem o segurassem para escrever coisas terríveis em seu rosto. Isso ela entendia, mas não queria dizer que ela gostasse, e também não queria dizer que ela gostasse do varapau ruivo que atendeu ao seu chamado urgente e insistente.

Ela empurrou uma freira num hábito cinza pesado e cercou Rector num canto. Os olhos do rapaz eram grandes e sérios demais para serem inocentes de qualquer coisa.

— Você — ela começou com um dedo apontado lá no alto, embaixo de seu queixo — Você sabe onde meu filho está, e vai me dizer, ou vou arrancar suas orelhas e fazer com que você as coma, seu vagabundo vendedor de veneno. — Tudo isso saiu sem entrar no território dos gritos, mas cada palavra tinha o peso de um martelo.

— Irmã Claire? — ele gemeu. Tinha recuado o máximo que podia e não havia mais para onde ir.

Briar disparou para a Irmã Claire um olhar que teria derretido metal, e voltou sua atenção para Rector. — Se eu tiver que perguntar duas vezes, você vai lamentar pelo resto da sua vida... por menos longa que ela possa ser.

— Mas eu não sei. Não sei. Eu não sei — ele gaguejou.

— Mas você pode fazer uma suposição, aposto, e provavelmente seria uma suposição muito boa, e Deus me ajude se eu não começar a ouvir algumas suposições começarem a sair da sua boca. Eu vou machucar você e muito, e não há um padre ou freira ou mais ninguém aqui num uniforme de Deus que há de

reconhecer você quando eu terminar. Os anjos vão chorar quando virem o que restou de você. Agora fale.

O olhar frenético dele ficou passando alucinadamente entre Briar, a Irmã Claire, que estava boquiaberta, e um padre que havia acabado de entrar no aposento.

Briar foi apanhada bem a tempo de se segurar para não dar um soco no estômago do rapaz.

— Entendi, está certo. — Ele não queria falar de negócios na frente de seus senhorios.

Ela o agarrou pelo braço e o puxou para frente, dizendo por sobre o ombro: — Perdão, Irmã, Irmão, mas este jovem e eu vamos ter uma conversinha. Só vai levar um momentinho, prometo, vocês vão vê-lo de novo antes da hora de dormir. — E então, abaixando bem a voz ao levar o garoto até as escadas: — Tenha em mente, Sr. Destruidor, que eu não fiz promessa alguma quanto ao seu estado físico quando eu devolver você.

— Eu ouvi, eu ouvi — ele disse. Esbarrou num canto e tropeçou num degrau quando Briar o puxou para baixo.

Ela não sabia para onde o estava levando, mas era escuro e silencioso, e apenas um par de minúsculos lampiões de parede e o lampião de Briar evitavam que as escadas fossem impossíveis de navegar.

No porão havia um ponto estreito atrás dos degraus.

Ela parou Rector com um safanão e o forçou a olhar de frente para ela.

— Aqui estamos — ela lhe disse num grunhido feito para aterrorizar um urso.

— Ninguém mais para ouvir. Você vai falar, e vai falar rápido. Eu quero saber para onde Zeke foi, e quero saber agora.

Rector estremeceu e bateu na mão dela, tentando desgrudar os dedos de seu bíceps magro. Mas ela não soltava. Pelo contrário: apertou com mais força, até ele dar um gemido agudo e reunir coragem suficiente para se contorcer todo e escapar da mão dela.

— Tudo o que ele quer é provar que Leviticus não era louco nem criminoso!

— O que faz você pensar que ele pode fazer isso? E como ele poderia sequer começar tamanha tarefa?

O garoto respondeu, com muito mais cautela do que deveria se fosse inocente: — Ele poderia ter ouvido um boato em algum lugar.

— Que boato? De que lugar?

— Havia histórias sobre um livro contábil, não havia? Blue não disse que os russos pagaram a ele para fazer uma coisa estranha com o teste?

Ela estreitou os olhos. — Foi isso o que Levi disse. Mas nunca houve prova alguma. E se houvesse alguma prova, você não poderia provar por meu intermédio... porque ele nunca a mostrou para ninguém.

— Nem mesmo a você?

— Especialmente não para mim — ela disse. — Ele nunca me disse uma única coisa a respeito do que estava fazendo naquele laboratório, com aquelas máquinas. E certamente nunca dividiu nenhum detalhe financeiro.

— Mas você era esposa dele!

— Isso não quer dizer nada — ela disse. Ela jamais havia descoberto ao certo se seu marido havia ficado tão quieto porque não confiava nela, ou porque achava que ela era burra. Provavelmente um pouco de cada.

— Escuta, madame, a senhora deve ter sabido que Zeke estava se perguntando quando começou a fazer perguntas a respeito.

Briar bateu no corrimão com a mão livre. — Ele nunca fez nenhuma pergunta! Nem uma vez sequer, não desde que era um menininho, ele perguntou sobre Levi. — E acrescentou, mais baixo: — Mas ele tem perguntado sobre Maynard.

Rector ainda estava olhando fixo para ela, ainda encurralado, ainda recuado o mais distante possível de Briar. Este era o ponto em que ele devia ter interferido com algo que pudesse ajudar, mas permaneceu em silêncio até ela fechar o punho e bater novamente no corrimão de metal.

— Não — ele disse, estendendo as mãos. — Madame, não... não faça isso. Ele vai ficar bem, a senhora sabe. Ele é um sujeito esperto. Ele conhece os caminhos, e sabe sobre Maynard, então ele vai ficar bem.

— O que você quer dizer com isso? Ele sabe sobre Maynard? Todo mundo sabe sobre Maynard.

Ele fez que sim, abaixando as mãos e levando-as mais perto do peito, pronto para se defender se a coisa chegasse a esse ponto. — Mas Zeke é neto dele, e as pessoas vão cuidar dele. Não, bem... — Ele calou a boca, e começou de novo. — Nem todo mundo lá fora, mas para onde ele vai, o que ele está fazendo... o tipo de pessoal que ele vai encontrar? Todas aquelas pessoas, elas sabem sobre Maynard, e vão cuidar dele.

— Todas aquelas pessoas andei — ela perguntou, e a última palavra saiu com um quê de angústia, porque ela sabia — muito embora fosse impossível, e uma loucura. Ela sabia onde, muito embora não fizesse o menor sentido.

— Ele partiu... Ele foi... — Rector levantou o dedo indicador e apontou na direção geral da cidade velha.

Briar precisou invocar cada grama de força de vontade para não dar um murro na cara do garoto; ela não tinha o bastante para fazer isso e ainda por cima se segurar para não gritar. — Como é que ele ia fazer isso? E o que ele planeja fazer quando passar pelo muro e não puder respirar, nem enxergar...

As mãos de Rector estavam para o alto novamente, e ele conseguiu reunir coragem suficiente para dar um passo adiante. — Madame, a senhora precisa parar de gritar. A senhora precisa parar.

— ...e não há ninguém lá a não ser restos, trancados, podres cambaleantes que vão agarrá-lo e matá-lo...

— Madame! — ele disse alto o bastante para interrompê-la, e quase o bastante para ser chutado. Mas isso fez com que ela parasse de gritar, apenas por um segundo, e foi o suficiente para que ele dissesse apressado: — Tem gente vivendo lá dentro!

Então se seguiu o que pareceu um longo silêncio.

Briar perguntou: — O que foi que você disse?

Tremendo, recuando mais uma vez, parando quando os ombros bateram nos tijolos, ele disse: — Tem gente vivendo lá. Dentro.

Ela engoliu em seco. — Quanta gente?

— Não muita. Mas mais do que se poderia esperar. O pessoal que conhece eles chama eles de Mortinhos, porque eles estão mortos para o resto do mundo.

— Mas como...? — ela balançava a cabeça para frente e para trás. — Isso não é possível; não pode ser. Não existe ar na cidade. Não existe comida, nem sol, nem...

— Diabos, madame. Aqui também não tem sol. E o ar, eles encontraram um jeito de resolver isso também. Eles selaram parte dos edifícios e bombeiam o ar do alto para baixo — do outro lado da muralha, que é onde o ar é limpo o suficiente pra se respirar. Se você algum dia desse a volta nela, veria os tubos saindo do outro lado da cidade.

— Mas por que alguém faria isso? Por que se dar a todo esse trabalho?

E então um pensamento horrível perpassou sua mente e saiu por sua boca.

— Por favor, me diga que eles não ficaram presos lá dentro!

Rector riu de nervoso.

— Não, não, madame. Eles não estão presos. Eles simplesmente... — Ele

ergueu os ombros. — Eles ficaram.

— Por quê? — ela exigiu saber, num gritinho quase histérico.

Ele tentou silenciá-la mais uma vez, dando palmadinhas no ar com a mão, implorando que ela falasse mais baixo e que a conversa fosse menos acalorada.

— Alguns deles não queriam deixar suas casas. Uns ficaram presos, e outros acharam que tudo iria explodir.

Mas ele estava deixando uma parte de fora; ela podia ver isso pelo novo ataque de nervosismo dele. — E o resto? — ela perguntou.

O garoto deixou a voz cair até formar um sussurro. — É a seiva, madame. De onde é que a senhora acha que vem, ora?

— Eu sei que vem do gás — ela resmungou. — Também não sou idiota.

— Eu nunca disse que a senhora era, madame. Mas como é que a senhora acha que as pessoas conseguem o gás, pra começo de conversa? A senhora sabe quanta areia doente os Arredores produzem? Muita, é o quanto produzem. Mais do que qualquer pessoa conseguiria produzir simplesmente fervendo ela a partir da água da chuva.

Briar tinha de admitir que era assim que ela pensava que as pessoas faziam a droga — assim ou com os resíduos jogados fora pela Estação de Tratamento. Ninguém parecia saber o que acontecia com os contêineres de resina da Praga processada depois que ela era posta em barris para esfriar. Ela sempre suspeitara que ela era trocada para ser vendida em um mercado ou outro, mas Rector insistiu que não era nada disso. — Ela também não vem do que vocês cozinham da água do chão na estação. Conheci um ou dois químicos que tentaram trabalhar com esse negócio, mas não conseguiram fazer nada com isso. Ele disse que era inútil, simplesmente veneno.

— E a seiva de limão é melhor?

— Seiva de limão, Deus — ele blasfemou com um risinho de escárnio. — É assim que os velhos chamam, claro.

Ela revirou os olhos. — Não me importa do que vocês, crianças, chamam, eu sei o que é quando vejo — e já vi isso fazer mais malefícios às pessoas do que veneno. Se meu pai ainda estivesse vivo, ele... — Ela não sabia como terminar. — Ele nunca teria aceitado isso — ela disse fraca.

— Maynard está morto, madame. E talvez ele não gostasse de ouvir isso.

Eu não saberia dizer, mas ele é a coisa mais próxima de um santo padroeiro que alguns de nós temos.

— Isso o teria deixado louco — ela especulou simplesmente.

Foi a vez de Rector perguntar. — Por quê?

— Porque ele acreditava na lei — ela disse.

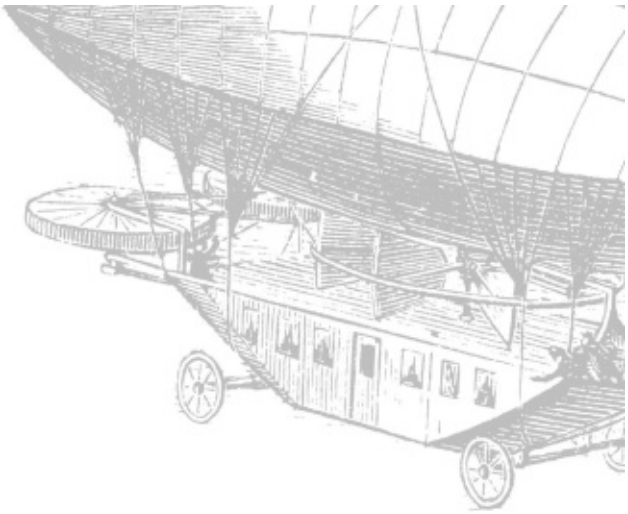
— Isso é tudo o que a senhora tem? Ele era seu próprio pai, e isso é tudo o que a senhora sabe a respeito dele?

Ela lhe disse: — Cale sua boca, antes que eu dê um soco nela.

— Mas ele era justo. A senhora não entende? Os rapazes e moças da rua que vendem os sacos sépticos e usam eles, e os ladrões, as prostitutas, e os falidos e os perdidos... todos eles aqui que sabiam da maneira mais difícil como a vida não é justa... todos eles acreditavam em Maynard porque ele era.

Briar interrogou Rector nos pontos mais finos da fuga de Zeke. Quando um padre maior e um número maior de freiras apareceu para forçar Briar a sair da escada, ela já havia descoberta muita coisa — nenhuma delas reconfortante, e todas elas levando a um fato aterrorizante.

Seu filho havia entrado na cidade murada.



CINCO

Ezekiel Wilkes estremeceu na entrada do velho sistema de escoamento de água. Ele olhou para dentro do buraco como se ele pudesse devorá-lo, ou como se quisesse isso — porque ele estava começando a pensar duas vezes sobre essa coisa toda. Mas a terceira vez era insistente. Ele havia vindo até aqui. Só tinha mais alguns metros a percorrer, atravessar um túnel grande e entrar em uma cidade que estava funcionalmente morta desde antes de ele nascer.

O lampião em sua mão balançava com os tremores de frio no seu cotovelo. No seu bolso, um mapa dobrado e amassado quase numa bolinha. Ele só o carregava por formalidade. Já o conhecia de cor.

Mas havia uma coisa que ele não sabia, e isso o incomodava enormemente.

Ele não sabia onde seus pais haviam morado um dia. Não exatamente.

Sua mãe nunca mencionara um endereço, mas ele tinha certeza de que eles haviam vivido em Denny Hill, o que lhe dava um lugar para começar a procurar. A colina propriamente dita não era tão grande, e ele sabia mais ou menos como era a casa. Na hora de dormir, quando ele era mais novo, a mãe de Zeke a descrevera para ele como se ela tivesse sido um castelo. Se ela ainda estivesse de pé, era uma casa cor de lavanda e creme, com dois andares inteiros e uma torre. Ela tinha uma varanda que percorria toda a extensão da frente da casa; e naquela varanda havia uma cadeira de balanço pintada para se parecer com madeira.

Ela era na verdade feita de metal, e dotada de um mecanismo que a ligava ao

chão. Quando uma manivela era girada, a cadeira balançava sozinha para o benefício de quem estivesse sentado nela na hora.

Zeke achou quase enfurecedor o quão pouco ele sabia a respeito do homem que havia feito aquilo funcionar. Mas achava que sabia onde procurar por respostas. Tudo o que ele tinha a fazer era atravessar o túnel e se dirigir colina acima logo à sua esquerda, que devia ser Denny Hill.

Queria poder ter a quem perguntar, mas não havia ninguém.

Não havia nada, a não ser um fedor cada vez maior das fumaças densas de um gás misterioso que ainda vazava da terra dentro da muralha.

Agora era uma hora tão boa quanto qualquer outra para colocar sua máscara.

Respirou fundo antes de deslizar o arnês sobre o rosto e prendê-lo.

Quando exalou, o interior ficou enevoado por um segundo e depois clareou.

O túnel parecia ainda mais distante e fora deste mundo quando ele o via pelo visor da máscara. Ele parecia alongado e estranho, e a escuridão parecia ficar distorcida quando ele virava a cabeça. As faixas da máscara esfregavam e coçavam onde estavam posicionadas sobre e embaixo de suas orelhas. Ele enfiou um dedo embaixo do couro e passou-o de um lado para o outro.

Checou seu lampião pela vigésima vez e sim, ele estava cheio de óleo.

Checou sua sacola e sim, ela tinha todos os suprimentos que ele fora capaz de pegar. Estava tão pronto quanto jamais estaria, o que era apenas pronto o bastante.

Zeke acendeu o pavio do lampião para dar a si mesmo o máximo de luz possível.

Cruzou o limiar, forçando-se a passar da linha entre mera noite e um lugar muito mais escuro. Seu lampião preencheu o interior da caverna de tijolos feita pelo homem com um banho de ouro.

Ele tinha pensado em partir antes, na manhã depois que sua mãe havia ido para a Estação de Tratamento. Mas ele levara o dia todo para reunir os suprimentos, e Rector não fora fácil na hora de dar os detalhes.

Então agora era quase escuro lá fora, e perfeitamente escuro ali dentro.

O lampião projetava um halo em forma de bolha que o levava para diante, para o desconhecido. Ele navegou pelos pontos onde o teto havia desabado em pedaços e pilhas, e se desviou dos tentáculos pendurados de musgo que eram mais grossos do que algas marinhas; e se abaixou para passar sob as teias de aranha que pendia, balançando, de um tijolo a outro.

Aqui e ali ele viu sinais de passagem anterior, mas não sabia se se sentia seguro por não ter sido o primeiro a ir por aquele caminho. Nas paredes ele via marcas pretas de fuligem onde fósforos haviam sido riscados ou cigarros apagados; e ele viu minúsculos e disformes tocos de cera que eram pequenos demais para servir de velas agora. As iniciais W.L. estavam marcadas em um aglomerado de tijolos. Lascas de vidro quebrado entre rachaduras ampliadas pelas intempéries.

Tudo o que ele podia ouvir era o compasso ritmado de seus passos, sua respiração abafada e o girar enferrujado da lanterna sacolejante que balançava para frente e para trás.

E então ele ouviu outro som, um som que o fez pensar que estava sendo seguido.

Girou do lampião para o outro lado, mas não viu ninguém. E não havia lugar para ninguém se esconder — era um caminho reto dos tijolos onde ele estava até a praia. Para a frente, o caminho era menos claro. Até onde ele podia ver, nas fímbrias do alcance do lampião, nada o aguardava a não ser mais vazio.

O ângulo do piso se inclinou para o alto. Ele começou a subir, bem devagar. Os lugares abertos acima dele onde os tijolos haviam saído não mostravam nenhum céu porque estavam cobertos por terra. Os ecos dos pequenos sons no túnel se tornaram mais abafados e fechados. Zeke havia esperado isso, mas isso o deixara mais desconfortável do que ele imaginara.

Ele sabia que a geografia se afastava da costa, e que o túnel exposto serpenteava por baixo da cidade propriamente dita.

Se Rector estivesse certo, no final do caminho principal a rota se dividiria em quatro. O mais à esquerda levaria para o porão de uma padaria. O teto desse prédio seria um lugar semi-seguro para se dar uma olhada nos arredores.

No subterrâneo e no escuro, o caminho parecia fazer uma curva para a esquerda, e depois para a direita. Zeke não achava que havia feito um círculo completo, mas estava definitivamente desorientado. Esperava ainda ser capaz de localizar Denny Hill quando saísse para a superfície.

Depois do que pareciam quilômetros — mas eram certamente apenas uma fração disso — o caminho se alargava e se quebrava conforme Rector havia prometido. Zeke pegou o buraco na extrema esquerda e o seguiu por mais trinta metros até ele terminar num beco sem saída total — ou pelo menos assim ele pensava, até ele recuar ligeiramente e encontrar a passagem secundária. Esse novo corredor não parecia trabalhado, mas escavado. Não parecia reforçado nem seguro. Parecia temporário, espontâneo, e pronto para cair.

Ele o pegou mesmo assim.

As paredes eram mais lama do que pedra ou tijolo, e eram sujas e úmidas.

O chão era idêntico, em grande parte uma mistura de serragem, solo e raízes de plantas em decomposição. Ele grudava em suas botas e tentava segurá-lo, mas ele se arrastava para frente e, finalmente, no final de mais uma curva e do outro lado de outra curva, ele encontrou uma escada.

Com um pulo e um salto para cima ele se desgrudou da lama pegajosa e agarrou a escada com força. Ergueu-se para cima e para fora, e entrou em um porão com tanta poeira que até camundongos e baratas deixavam rastros em cada superfície. E havia pegadas também — um número razoável delas.

Numa olhada de passagem ele contou talvez dez pares de pés que haviam passado por ali. Ele disse a si mesmo que isso era bom, que ele estava feliz por ver que outras pessoas haviam sobrevivido à viagem sem problemas, mas na verdade o fez se sentir incomodado. Ele havia esperado, e em parte planejado, encontrar uma cidade vazia, cheia de perigos. Todos sabiam a respeito dos podres. Rector havia contado a Zeke sobre as sociedades silenciosas que ficavam no subterrâneo, longe das vistas, mas Zeke torcia para evitá-las.

E, pegadas... bem... Pegadas implicavam que ele poderia encontrar outras pessoas em algum momento.

Enquanto inspecionava o aposento e determinava que ele não continha nada de valor, resolveu se comportar da forma mais cuidadosa. Enquanto subia os degraus no canto, jurou permanecer nas sombras e manter a cabeça abaixada, e a arma sempre a mão.

Na verdade, ele gostava de pensar assim. Apreciava a perspectiva de ser um rapaz contra o universo, numa aventura grandiosa e perigosa — mesmo que fosse durar apenas algumas horas. Ele se movimentaria como um ladrão na noite. Seria invisível como um fantasma.

No primeiro andar, todas as janelas estavam cobertas por tábuas e cortinas, reforçadas e presas de ponta a ponta. Um balcão com cobertura de vidro lascada apodrecia ao longo da parede, e um conjunto de toldos listrados velhos jazia esquecido sobre uma pilha. Pilhas de panelas enferrujadas atulhavam uma pia quebrada, e uma caixa registradora dilapidada estava esparramada em pedaços no chão.

Ele encontrou uma escada encostada em uma despensa vazia. No alto da escada, um alçapão havia sido deixado destrancado. Ele o forçou com a mão, a cabeça e o ombro, e ele se abriu. Num instante, estava no teto.

E então sentiu uma coisa dura e fria pressionando sua nuca.

Ficou paralisado, um pé ainda no último degrau da escada.

— Olá.

Zeke respondeu, sem se virar. — Olá também. — Ele tentou manter a voz baixa como um grunhido, mas estava apavorado, e ela saiu mais aguda do que ele havia desejado. À sua frente ele não via nada a não ser os cantos de um telhado vazio; até onde o visor e sua própria visão periférica podiam lhe dizer, ele estava só, a não ser por quem quer que estivesse atrás dele com a arma de cano muito frio.

Colocou o lampião no chão com toda a precisão e cautela que pôde reunir.

— O que você está fazendo aqui, garoto?

Ele disse: — O mesmo que você, eu acho.

— E o que exatamente você acha que eu estou fazendo? — seu interrogador perguntou.

— Nada em que você queira ser apanhado. Escuta, me deixa em paz, certo? Não tenho dinheiro nem nada. — Zeke saiu devagar do buraco, mantendo cuidadosamente o equilíbrio, com as mãos levantadas inutilmente.

O objeto frio e circular de aspecto duro e perigoso não abandonava a parte exposta na base de seu crânio.

— Sem dinheiro, hein?

— Nem um centavo. Posso me virar? Estou me sentindo um imbecil aqui em pé assim. Você pode atirar em mim tão facilmente se eu estiver de frente para você. Não estou armado nem nada. Vamos lá, me solte. Não fiz nada para você.

— Deixe eu ver sua bolsa.

Zeke disse: — Não.

A pressão veio mais dura contra seu pescoço. — Sim.

— São só papéis. Mapas. Nada de valor. Mas eu posso te mostrar uma coisa interessante se você me deixar.

— Uma coisa interessante?

— Olha — disse Zeke, tentando se libertar por centímetros e não sendo muito bem-sucedido. — Olha — ele repetiu, tentando ganhar tempo. — Eu sou um homem de paz — exagerou. — Eu mantenho a paz de Maynard. Eu a mantenho, e não quero nenhum problema.

— Você sabe um pouco a respeito de Maynard, não sabe?

— Bom, eu devia saber — ele resmungou. — Ele era meu avô.

— Até parece! — disse a voz atrás dele, e soava mais honestamente

impressionada do que duvidosa. — Não é não. Eu teria ouvido falar em você, se você fosse neto dele.

— Não, é verdade. Eu posso provar. Minha mãe era...

O interrogador interrompeu. — A Viúva Blue? Agora, pensando bem, ela teve um menino, não teve? — Ele ficou em silêncio.

— Isso. Ele teve a mim.

Zeke sentiu o círculo frio contra sua nuca deslizar, então ele se arriscou e deu um passo para diante — ainda com as mãos para cima. Virou-se lentamente, e depois deixou as mãos caírem com um grito exasperado. — Você ia atirar em mim com uma garrafa?

— Não. — O homem deu de ombros. Era uma garrafa de vidro com os restos de um rótulo preto e branco ainda colados na sua lateral. — Nunca ouvi falar em ninguém levar um tiro com uma garrafa. Eu só queria ter certeza.

— Ter certeza de quê?

— De que você entendia — ele disse vagamente, e se sentou contra a parede, deslizando, quase caindo, o que implicou que ele estava retomando a posição na qual estava quando Zeke o havia interrompido.

O homem estava mascarado por questão de necessidade, e estava usando pelo menos um suéter bem grosso e dois casacos — o externo de um azul muito escuro, ou talvez preto. Uma fileira de botões marcava a frente, e um par de calças escuras e acima do tamanho espreitava abaixo. Suas botas não combinavam: uma era alta e marrom; a outra era mais curta e preta. Aos seus pés estava uma bengala de formato estranho. Ele a apanhou e a girou, depois a colocou no colo.

— O que há de errado com você? — Zeke exigiu saber. — Por que você me assustou assim?

— Porque você estava lá — ele disse, e não parecia haver qualquer deboche ou pouco caso por trás disso. — E por que você estava lá, afinal de contas?

— Por que eu estava o quê?

— Por que você estava lá? Quero dizer, por que você está aqui? Isto não é lugar para um garoto, mesmo que você seja do Maynard. Merda, pode até ser um lugar pior para você, se correr por aí dizendo coisas assim, sejam verdade ou não. Acho que você tem sorte — disse o homem.

— Sorte? Como assim?

— Você tem sorte por ter sido eu quem encontrou você, e não outra pessoa.

— E por que isso é sorte?

Ele sacudiu a garrafa que ainda balançava de sua mão. — Eu não rendi você com nada que pudesse te machucar.

Zeke não viu nada no homem que pudesse realmente tê-lo machucado.

Tornou a pegar seu lampião, ajustou a sacola e fez uma careta. — É ótimo para você que eu não tenha sacado minha arma.

— Você tem uma arma?

— Tenho sim — ele disse, se endireitando.

— Onde está ela?

Zeke deu uma palmadinha na sacola.

— Você é um idiota -— disse o homem sentado com a garrafa e as roupas enormes. Então ele levou a boca da garrafa até a sua própria boca, onde ela bateu com um barulho enorme contra sua máscara de gás.

Ele olhou tristemente para a garrafa e girou as últimas gotas no fundo.

— Eu sou idiota? Minha mãe tem uma expressão sobre telhado de vidro, sua besta.

Por um momento pareceu que o homem ia dizer algo de deselegante sobre a mãe de Zeke, mas ele não o fez. Disse: — Acho que não ouvi seu nome, garoto.

— Eu não disse meu nome.

— Diga agora — ele disse. Havia um quê de ameaça sob a ordem.

Zeke não gostou. — Não. Você me conta o seu primeiro, e depois eu penso se digo o meu ou não. Eu não conheço você, e não sei o que está fazendo aqui. E eu... — ele mexeu na sacola até puxar o velho revólver do avô para fora.

Levou cerca de vinte segundos, durante os quais o homem no telhado nem se deu ao trabalho de se mexer. — Eu tenho uma arma.

— Tem mesmo — disse o homem. Mas ele não parecia impressionado desta vez. — E agora você está com ela nas mãos, pelo menos. Você não tem um cinto? Um coidre?

— Não preciso.

— Certo — ele disse. — Agora, qual é o seu nome?

— Zeke. Zeke Wilkes. E o seu? — ele exigiu saber.

Dentro de sua máscara, o homem sorriu, presumivelmente porque havia conseguido o nome do garoto antes de dar o seu próprio. Zeke só pôde ver O sorriso por causa da maneira como os olhos dele formaram rugas atrás do visor.

— Zeke. E Wilkes. Não posso lhe dizer que o culpo por não usar o Blue, garoto. — E antes que Zeke pudesse reclamar ou responder, ele acrescentou: — Eu sou Alistair Mayhem Osterude, mas você pode se juntar ao resto do mundo e me chamar de Rudy se quiser.

— Seu nome do meio é Mayhem[{1}]?

— É se eu disser que é. E, se não se importa que eu pergunte, Zeke Wilkes, o que diabos está fazendo dentro deste lugar? Você não deveria estar na escola, no trabalho, ou algo assim? E melhor ainda, sua mãe sabe que você está aqui? Ouvi dizer que ela é uma moça de cabelinho nas ventas. Aposto que ela não ia gostar de saber que você fugiu.

— Minha mãe está trabalhando. Ela vai levar horas pra chegar em casa, e eu já terei voltado. O que ela não souber não vai fazer mal — ele disse. — E eu estou perdendo tempo aqui falando com você, então se você me der licença eu vou me colocar a caminho.

Ele enfiou a arma de volta na sacola e deu as costas para Rudy. Respirou devagar e regularmente pelos filtros de sua máscara e tentou se lembrar exatamente de onde estava, e exatamente onde estava tentando ir.

Rudy perguntou, de seu ponto contra a parede: — Para onde está indo?

— Não é da sua conta.

— Tudo bem, tem razão. Mas se me disser pelo que está procurando, posso ser capaz de dizer a você como chegar lá.

Zeke caminhou até a beirada e olhou para baixo, mas não viu nada por entre o ar espesso e pegajoso. Seu lampião não revelava nada exceto a neblina envenenada em todas as direções. Ele disse: — Você poderia me dizer como chegar a Denny Hill.

E Rudy disse: — Eu poderia, sim. — Então acrescentou: — Mas onde em Denny Hill? Ela envolve esta área inteira. Ah. Entendi. Você está tentando chegar em casa.

Antes que pudesse tentar argumentar ou ser vago, Zeke disse: — Não é minha casa. Nunca foi. Eu nunca a vi.

— Eu já — Rudy lhe disse. — Era uma casa bonita.

— Era? Ela foi destruída?

Ele balançou a cabeça. — Não. Até onde sei ela ainda está de pé. Só quis dizer que ela não é mais bonita. Nada aqui dentro é bonito. A Praga come a tinta e os metais, e faz tudo ficar marrom e amarelado.

— Mas você sabe onde ela fica?

— Mais ou menos. — Rudy descruzou as pernas e se levantou, inclinando-se em sua bengala e cambaleando. — Eu poderia levar você lá fácil. Se é lá que você quer ir.

— E lá que eu quero ir — ele assentiu. — Mas o que você quer por me ajudar?

Rudy parou para pensar na resposta, ou talvez apenas estivesse esperando a cabeça clarear. Ele disse: — Eu quero procurar dentro daquela casa. Seu pai era um homem rico, e não sei se ela foi limpa direito ou não.

— O que é que isso deveria significar?

— Exatamente o que você entendeu — Rudy quase lhe chamou a atenção. — Essas casas, essas lojas... ninguém é mais dono delas, ou pelo menos ninguém mais vem aqui procurar dentro delas. Metade das pessoas que costumavam morar aqui estão mortas, de qualquer maneira. Então aqueles de nós que restaram, nós... — Ele procurou uma palavra que soasse menos direta que a verdade. — Caçamos. Ou salvamos, de qualquer maneira. Não temos muita escolha.

Alguma coisa nessa lógica parecia errada, mas Zeke não conseguia entender ao certo o quê. Rudy estava querendo barganhar, mas Zeke não tinha nada com que negociar. Esta poderia ser a oportunidade perfeita, se ele jogasse direito. Ele disse: — Acho justo. Se você me levar até a casa, pode pegar algumas coisas que encontrar lá.

Rudy fungou. — Fico feliz por ter sua permissão, jovem Sr. Wilkes. É muito generoso de sua parte.

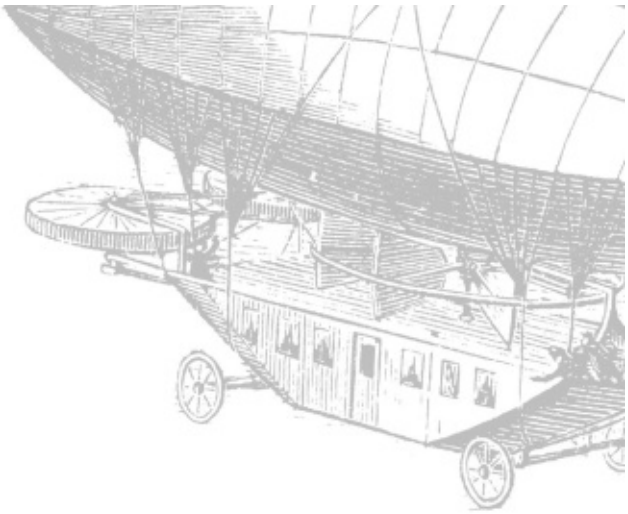
Zeke sabia quando estavam fazendo pouco dele, e não se importava. — Então está bom. Se você vai agir assim, talvez eu não precise de um guia. Talvez eu possa encontrá-la sozinho. Eu já lhe disse que tenho mapas.

— E uma arma, sim. Acredito que você tenha mencionado. Isso faz de você um grande homem, pronto para enfrentar a Praga, e os podres, e todos os outros foras-da-lei como eu. Eu diria que você está pronto para ir. — Ele se sentou na beira do telhado como se tivesse mudado de ideia.

— Eu posso encontrá-la sozinho! — Zeke insistiu, alto demais.

Rudy fez um sinal de silêncio com as mãos e disse: — Fale baixo, garoto.

Estou lhe dizendo isso para seu próprio bem, e para o meu também. Fale baixo. Existem coisas piores aqui do que eu de longe, e você não vai querer encontrar com nenhuma delas, isso eu juro.



SEIS

Havia dois caminhos para atravessar a muralha intransponível que continha os quarteirões do centro de Seattle. Qualquer um que desejasse transpor a barreira podia passar por cima dela, ou por baixo.

Segundo Rector, Zeke havia passado por baixo.

Rector não sabia tudo que Zeke havia levado consigo na viagem, mas tinha quase certeza de que Zeke havia levado um pouco de comida, um pouco de munição, e o velho revólver de serviço de seu avô, que havia roubado da gaveta da mesinha de cabeceira de Maynard, onde havia ficado sem ser utili-zada por dezesseis anos. Ele também havia levado algumas das miudezas de Maynard para fins de escambo: um par de algemas, um relógio de bolso, uma gravata bolo. Rector o havia ajudado a conseguir uma máscara de gás velha e depauperada.

Uma das últimas coisas que Rector disse antes que Briar tivesse sido posta para fora do orfanato foi: — Escute, aposto um dólar como ele volta em dez horas. Tem que voltar. A máscara não irá protegê-lo por mais tempo que isso, e se ele não conseguir encontrar o caminho em segurança, sabe como voltar e sair. A senhora tem que esperar só mais um pouquinho. Espere até mais tarde, e se ele não voltar — aí a senhora se preocupa com ele. Ele não vai morrer lá dentro, não vai.

Ao se afastar do orfanato na escuridão e na garoa, Briar queria gritar, mas

precisava da energia para andar. Estava exausta de tanta preocupação e raiva, e tentou dizer a si mesma que Zeke estava preparado.

Ele não havia somente escalado a muralha e pulado para dentro do centro da cidade, repleta de hordas de podres cambaleantes ou gangues de criminosos. Ele havia tomado precauções. Havia apanhado suprimentos.

Ainda havia uma chance de que ele estivesse bem, não havia? Dez horas com uma máscara, e se ele não encontrasse abrigo, daria meia-volta e partiria. Não era burro o bastante para ficar. Se havia conseguido encontrar um caminho de entrada, poderia encontrar um caminho de saída.

A entrada que ele havia usado ficava à beira do mar, ao lado dos poços de tratamento do esgoto, quase oculta pelas pedras batidas que protegiam o caminho de drenagem da arrebentação da espuma. Nunca havia ocorrido a Briar que as velhas linhas de esgoto ainda pudessem percorrer o caminho todo por baixo e entrar na cidade. Elas haviam sido parte do sistema subterrâneo que desabou e mais tarde fora trancado por via das dúvidas. Mas Rector havia insistido que a população remanescente do outro lado havia limpado os escombros que a Boneshaker havia deixado no seu rastro, que o portão poderia ser aberto com menos dificuldades do que parecia.

As dez horas de prazo deveriam acabar então às nove, pouco mais, pouco menos.

Briar decidiu esperar. Não lhe faria bem algum ir para casa — ela só iria se preocupar e ficar histérica... e não seria uma boa ideia ir atrás dele, ainda não. Se ela fosse agora, havia uma boa chance de que ela entrasse na hora em que ele estivesse saindo, e então eles perderiam um ao outro e ela ainda não saberia o que havia acontecido com ele.

Não, Rector tinha razão. A única coisa a fazer era esperar. Não faltava muito tempo mesmo — só mais algumas horas.

Era tempo mais que suficiente para ir até a outra margem do estreito e rastejar por sobre as rochas, ao redor das poças formadas pela maré que batiam na altura das coxas e passar pelas encostas pontiagudas que ocultavam o sistema abandonado de esgotos das habitações temporárias dos Arredores.

A noite havia caído negra a chuvosa, mas Briar ainda estava vestida para trabalhar, e calçando botas resistentes o suficiente para proteger seus pés e flexíveis o bastante para deixar as pontas de seus dedos sentirem o caminho sobre as rochas. A maré estava baixa — e graças a Deus por isso — mas a brisa molhada do oceano ainda soprava com o vento. Ela estava quase encharcada quando deu a volta na última faixa irregular de areia e pedra e viu os

mecanismos recobertos por algas marinhas que um dia haviam levantado e abaixado os canos do oceano.

E ali, parcialmente enterrado pelos anos acumulados de cascalho, conchas e madeira flutuante, estava o cilindro de tijolos rachado que levava de volta ao subterrâneo das ruas da cidade.

Descolorido pelo oceano e pela chuva, gasto pela ação das tempestades e batido pelas ondas, o tubo estava caindo aos pedaços. Parecia que ele poderia desabar se Briar o tocasse; mas quando ela encostou a mão nele e empurrou, ele não se deslocou nem se moveu.

Ela abaixou a cabeça para passar pelo arremedo de marquise e deixou o lampião guiá-la. Ele ainda tinha óleo suficiente para muitas horas, e não estava preocupada com nada menos do que se afogar ou com uma chuva muito forte. Mas dentro da noite extra-escura como carvão do interior do tubo, seu brilho parecia fraco e pequeno. A esfera de luz projetada pela chama só viajava alguns metros.

Briar apurou o ouvido o máximo que pôde, lutando para ouvir qualquer coisa que não fosse o leve correr da água indo e vindo e o incessante pinga-pinga de água e neblina que passava por entre os tijolos haviam quebrado.

Isto era o mais próximo da cidade em que ela havia estado desde antes de Zeke nascer.

A que distância ela estava? Oitocentos metros no máximo, embora certamente parecesse mais longe e mais extenuante, ali agachada e inclinada para cima na escuridão. Briar tentou imaginar seu filho, lampião numa das mãos e arma na outra. Ele iria segurar a arma? Ou a deixaria num coldre?

Ele sequer sabia como usá-la, se precisasse?

Ela duvidava. Então talvez ele a tivesse levado até ali para trocar — e isso seria inteligente, ela pensou. Se seu avô era um herói popular, então pequenas peças de roupa, artigos pessoais, coisas dessa natureza — elas seriam valiosas o suficiente para comprar informações, talvez.

Mais para dentro do túnel, ela encontrou um trecho de parede coberta por musgo que estava mais para o seco que para o úmido, e ela se sentou.

Com as costas da mão, ela esfregou um ponto nos tijolos. Ela colocou o lampião ali e o ajeitou até ter certeza de que ficaria em pé. Inclinou-se para trás, tentando não sentir o frio e a umidade da parede curvada que passava pelo seu casaco; e embora estivesse apavorada, e com raiva, e com frio, preocupada a ponto de estar doente, desabou em um cochilo repleto de sonhos intranquilos.

E então ela despertou.

Completamente.

Sua cabeça deu um solavanco e ela bateu a parte de trás do crânio nos tijolos côncavos.

Estava confusa e atordoada. Não se lembrava de ter cochilado, então o acordar brusco foi um choque duplo. Ela levou um instante para descobrir onde estava e o que estava fazendo ali, e outro para perceber que o mundo estava tremendo. Um monte de tijolos se soltou e caiu ao lado dela, quase estraçalhando o lampião.

Briar o agarrou e o puxou para perto de si antes que outra pedra abalada caísse em cima dele.

Dentro do túnel o eco era ensurdecedor, e o som de tijolos esmigalhando e pedacinhos de muro caindo pareciam com uma guerra sendo travada dentro de um jarro.

— Não, não, não — ela xingou e lutou. — Não agora. Não agora, meu bom Deus, não agora.

Terremotos eram bastante comuns, mas terremotos fortes não eram tão frequentes; e ali, dentro daquele espaço estreito e baixo do velho sistema de esgotos, era difícil aferir a ferocidade daquele.

Briar saiu cambaleando do túnel e voltou para a noite, e ficou chocada ao ver como a maré havia se aproximado de seu lugar de espera. Ela não tinha relógio, mas devia ter ficado dormindo por várias horas e já devia passar da meia-noite.

— Zeke? — ela gritou, caso ele estivesse ali dentro e tentando encontrar a saída. — Zeke! — ela gritou sobre o rugido das areias que se deslocavam e da linha costeira que tremia.

Nada respondeu, a não ser as batidas pesadas das ondas estilhaçadas, tiradas de alinhamento e jogadas na margem. O túnel balançou. Briar não teria acreditado que uma coisa tão grande pudesse balançar tão fácil e levemente quanto um brinquedo de criança, mas balançou, e se dobrou sobre si mesmo — e sobre o aparato antigo que um dia o havia sustentado.

Todo aquele conjunto tremeu e desabou, achatando-se tão subitamente quanto um castelo de cartas.

Uma pluma de poeira se levantou, apenas para ser esmagada pela umidade ambiente.

Briar estava ali parada, atordoada. Suas pernas iam se ajustando com a terra que rolava, e ela conseguiu permanecer de pé; e tentou dizer a si mesma mil e

uma coisas boas que evitariam que ela entrasse em pânico.

Ela pensou, Graças a Deus estou do lado de fora, porque ela havia estado em um terremoto dos feios uma ou duas vezes antes e era muito mais assustador quando o teto ameaçava cair, e ela sussurrou freneticamente: — Zeke não estava lá dentro. Ele ainda não saiu, ou teria me visto. Ele não estava no túnel quando ele desabou; ele não estava no túnel quando ele desabou.

Isso queria dizer que ele ainda estava lá dentro, em algum lugar — ou morto ou a salvo.

Se ela não acreditasse que ele estava a salvo, teria começado a chorar, e chorar não ia levá-la a lugar algum. Zeke estava dentro da cidade e agora ele estava preso lá.

Agora não era uma questão de esperar.

Agora era uma questão de resgate.

E não havia mais como passar por baixo, então Briar teria de ir por cima.

A areia ainda roncava, mas já estava começando a se ajustar, e ela não tinha tempo de esperar um caminho perfeito. Enquanto as rochas batiam levemente de encontro umas às outras, e os prédios baixos e feios dos Arredores sacolejavam em suas bases, ela enfiou seu chapéu mais fundo na cabeça, levantou bem o lampião e começou a escalar os lamaçais.

Dois caminhos para atravessar o muro, por cima e por baixo — era o que Rector havia dito.

Por baixo não iria funcionar. Por cima teria de bastar.

Talvez o muro pudesse ser escalado, mas não poderia ser escalado por Briar. Talvez o muro tivesse uma entrada secreta ou alguma escada escondida, mas se fosse esse o caso, então Zeke teria ido por esse caminho em vez de passar pelo subterrâneo.

Por cima só poderia significar uma coisa: uma aeronave.

Comerciantes que iam até a costa passavam sobre as montanhas quanto podiam. Era perigoso, sim — as correntes de ar eram imprevisíveis e a altitude fazia do ato de respirar uma coisa pavorosa; mas escalar as passagens a pé era mortal e consumia tempo, e exigir vagões ou animais que tinham de ser tratados e protegidos. Aeronaves não eram uma solução perfeita, mas para certos empreendedores, elas pareciam muito, muito melhores do que a alternativa.

Mas não nesta época do ano.

Fevereiro significava chuva fria na costa. Nas montanhas haveria neve, e tempestades, e rajadas assombrosas de ar que podiam derrubar um zepelim como

um gatinho com uma folha.

As únicas aeronaves voando em fevereiro eram pilotadas por contrabandistas. E assim que Briar percebeu isso, outra coisa ficou clara: nenhuma pessoa de negócios autorizada jamais faria urna aeronave de valor passar por cima da muralha de Seattle — não tão próximo da Praga ácida e corrosiva que se acumulava em poças dentro dela.

Mas agora ela sabia mais uma coisa a respeito do gás tóxico.

Ele era valioso.

Químicos precisavam do gás para fazer a seiva de limão. O gás vinha de dentro da cidade. Aeronaves vinham sobre — ou atravessavam — a muralha constantemente, mesmo durante os piores períodos do ano. E, dessa forma, dois pensamentos óbvios colidiram em sua cabeça, levando a uma conclusão igualmente óbvia e, finalmente, a um curso lógico de ação.

Um tremor secundário se seguiu ao terremoto inicial, mas passou rapidamente. Assim que a terra ficou estável novamente, Briar Wilkes começou a correr.

No caminho de casa, ela passou por escombros na rua e pessoas chorando ou gritando umas com as outras, em pé sobre os paralelepípedos em suas roupas de dormir. Aqui e ali, alguma coisa que havia caído havia pegado fogo. À distância, os sinos de brigadas de incêndio improvisadas estavam soando enquanto os quarteirões despertavam em desalinho um a um.

Ninguém notou ou reconheceu Briar enquanto ela disparava, lampião na mão, colinas íngremes acima e ao redor dos lugares amplos onde coisas grandes haviam caído e bloqueado a passagem. O terremoto não havia parecido tão ruim para ela, ali na praia, mas a terra era esquisita às vezes, e ela se movia de forma inconsistente. Não havia sido tão ruim quanto o...

E em sua memória, a fúria chocante e devastadora da máquina Boneshaker se movimentava embaixo dela novamente, arrancando as paredes do porão e estripando o subterrâneo, socando as rochas e cavando, explodindo, destruindo tudo o que tocava.

... Ela não era a única pensando naquilo, ela sabia. Todo mundo pensava naquilo, todas as vezes em que outro terremoto abalava a terra.

Ela não estava preocupada com a casa de seu pai; ela havia suportado pior. E quando chegou lá, não estava sequer aliviada por encontrá-la em pé sem nenhum dano óbvio. Nada menos que encontrar Zeke na varanda poderia tê-la detido.

Ela invadiu a porta e o frio, seco interior que estava tão vazio quanto ela o havia deixado.

Sua mão parou na maçaneta do quarto de seu pai.

Houve um breve instante de hesitação, uma resistência à quebra de um hábito há muito estabelecido.

Então ela segurou a maçaneta com força e empurrou a porta.

Por dentro, estava tudo escuro até que ela levou o lampião para dentro.

Deixou-o em cima da mesa de cabeceira e reparou distraída que o armário ainda estava aberto de onde Zeke havia roubado o velho revólver que Rector havia mencionado. Ela queria ter pegado mais alguma coisa. A arma era uma antiguidade que havia pertencido ao sogro de Maynard. O próprio Maynard nunca a havia usado, e ela provavelmente nem funcionava, mas, naturalmente, Zeke não sabia disso.

Novamente ela sentiu aquela ponta de remorso, e desejou ter dito a ele mais. Mais alguma coisa. Qualquer coisa.

Quando ela o trouxesse de volta, então.

Quando ela o trouxesse de volta para casa, ela lhe diria tudo o que ele quisesse saber — qualquer história, qualquer fato. Ele poderia saber de tudo se simplesmente conseguisse voltar para casa vivo. E talvez Briar tivesse sido uma mãe horrível, ou talvez ela apenas tivesse feito o melhor que pudesse.

Agora já não importava, visto que Zeke estava naquela cidade murada tóxica em que vítimas mortas-vivas da Praga vagavam em busca de carne humana e sociedades criminosas espreitavam no fundo de casas com armadilhas e porões vazios.

Mas, apesar de todas as coisas que ela havia estragado, perdido, esquecido, mentido, ou o enganado... ela iria até lá atrás dele.

Com uma das mãos na maçaneta de cada porta, ela abriu bruscamente o velho e imenso armário de Maynard e ficou ali parada em frente a ele, um olhar determinado plantado firmemente em seu rosto. O fundo falso se levantou quando Briar enfiou o polegar num buraco.

Alguma coisa apertada e pesada apertou seu estômago.

Tudo estava ali, exatamente como ela havia deixado anos antes.

Ela havia tentado enterrar aquelas coisas junto com Maynard. Na época, não podia imaginar que um dia as desejaria ou precisaria delas. Mas os oficiais haviam aparecido e as desenterrado, e quando devolveram seu corpo, ele fora despido das coisas que ela havia usado para vesti-lo.

Seis meses mais tarde, Briar chegara em casa para encontrá-las dentro de uma sacola atirada na frente da porta. E a essa altura, Maynard já estava embaixo da

terra havia muito tempo para perturbá-lo uma segunda vez. Então os artefatos de sua vida, as coisas que ele usava todos os dias, haviam voltado para sua gaveta particular embaixo do piso do seu armário.

Um a um, ela retirou os artigos e os colocou em cima da cama.

O rifle. A insígnia. O chapéu de couro duro. O cinturão com a grande fivela oval, e o coldre de ombro.

O sobretudo dele pendia como um fantasma nas costas do armário de quatro pés. Ela o agarrou e o puxou para a luz. Negra como a noite lá fora, a capa de lã era tratada com óleo para resistir à chuva. Seus botões de cobre estavam sem polimento, mas firmemente costurados, e dentro de um dos bolsos Briar encontrou um par de óculos que nunca soube que ele possuía.

Ela tirou seu próprio casaco é colocou o dele.

O chapéu deveria ter sido um pouco grande demais, mas ela tinha muito mais cabelo do que Maynard então tudo deu certo. O cinturão era grande demais e a fivela MW ornamentada era enorme, mas ela o enfiou pelos passadores de suas calças, puxou com força e prendeu a grande placa de metal na altura da barriga.

Num canto nos fundos do armário havia um baú marrom simples recheado de munição, trapos e óleo. Briar nunca limpara o rifle de repetição Spencer de seu pai, mas ela o vira fazer isso um milhão de vezes, então sabia os movimentos. Sentou-se na beira da cama e os copiou. Quando já estava reluzindo à luz do lampião, ela apanhou um tubo de cartuchos e enfiou o conteúdo no rifle.

No fundo do baú marrom simples, ela encontrou uma caixa de cartuchos.

Embora a tampa do baú tivesse acumulado quinze anos de poeira, o conteúdo parecia não ter sofrido alterações, então ela pegou a caixa de munição adicional e a enfiou numa bolsinha que viu caída embaixo da cama.

Aos cartuchos ela acrescentou os óculos de seu pai, sua velha máscara de gás dos dias da evacuação, sua bolsa de tabaco, e os conteúdos esparsos de um bule de café que ela guardava atrás do fogão, que davam cerca de vinte dólares. Não teria sido tanto assim se ela não tivesse acabado de receber seu salário.

Ela não contou. Já sabia que isso não a levaria muito longe.

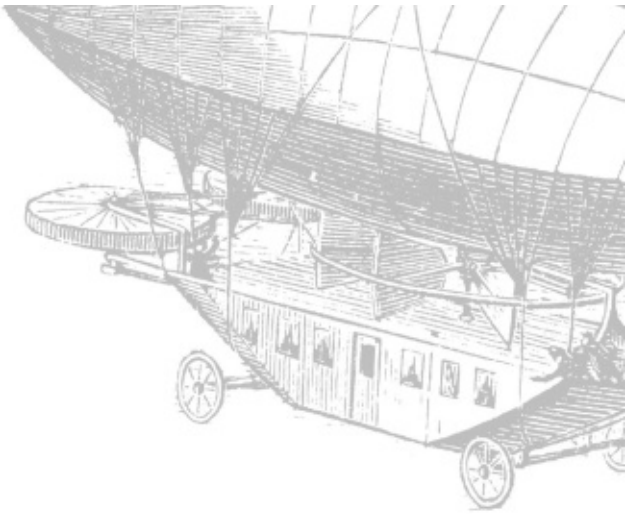
Contanto que a pusessem dentro da cidade, daria certo. E se não a pusessem, ela pensaria em outra coisa.

Pelas cortinas do quarto de seu pai, o sol estava a ponto de se erguer — e isso queria dizer que ela ia se atrasar para o trabalho, se tivesse tido a intenção de ir. Há dez anos ela não faltava, mas nesta ocasião eles teriam de perdoá-la ou demiti-la, o que achassem melhor.

Mas ela não iria trabalhar.

Tinha uma barca para pegar — uma barca para Bainbridge Island, onde as aeronaves atracavam e se abasteciam para negócios legítimos. Se os contrabandistas e suas cargas também não se originassem daquele ponto na ilha do outro lado do Estreito, então certamente um deles poderia encaminhá-la na direção correta.

Meteu o rifle no coldre atravessado em suas costas, ajeitou os ombros para colocar a bolsa de tiracolo, e fechou o armário de seu pai. Então fechou a porta da casa dele, e deixou-a escura e vazia.



SETE

Quando Briar chegou à barca, a luz do dia já estava no seu ápice. O céu estava coberto por uma película cinza-mofo, mas havia sol suficiente passando por entre as nuvens para que ela pudesse ver uma ilha coberta de árvores do outro lado da água.

Aqui e ali, uma coisa em forma de cúpula se elevava por entre as árvores.

Mesmo a essa distância, ela podia ver as aeronaves atracadas e esperando tripulações ou carga.

A barca rangeu e afundou um pouco quando ela pisou nela. Havia poucos passageiros a bordo tão cedo, e ela era a única mulher. O vento varria as ondas e puxava o chapéu dela, mas ela o segurou, quase cobrindo seus olhos. Se alguém a reconheceu, ninguém a incomodou. Talvez fosse o rifle, e talvez fosse a maneira como ela estava posicionada ali, pés separados com as mãos na amurada.

Talvez ninguém desse a mínima.

A maioria de seus colegas passageiros eram marinheiros de um tipo ou de outro. As pessoas naquela ilha ou trabalhavam nas aeronaves ou nos navios no cais, porque quando uma aeronave descarregava na ilha, algum outro meio de transporte tinha de levá-la sobre a água e para dentro da cidade.

Nunca lhe ocorrera se perguntar por que não havia docas de aeronaves mais

perto dos Arredores, mas agora ela se perguntava, e podia adivinhar uma coisa ou duas. As conclusões apressadas que ela tirava fortaleceram suas esperanças de que eles se mantinham distantes dos olhos dos outros por motivos obscuros. Até onde ela sabia, quanto mais obscuro melhor.

Depois de mais de uma hora flutuando desajeitadamente pela maré, a barca branca foi amarrada nas docas do outro lado.

Lado a lado, as áreas de atracação estavam agrupadas umas contra as outras — os cais de madeira com sua frágil armadura de cracas abaixo da linha da água, e os terrenos limpos com grandes canos de ferro que se destacavam para cima, para fora e para trás no fundo na terra. Uma dezena de aeronaves em diversos estados de reparo e qualidade estavam amarradas aos canos, afixados através de conjuntos de clipes tipo garra de lagosta do tamanho de barris.

As naves propriamente ditas vinham em desenhos sortidos. Uns eram pouco mais do que balões de ar quente com cestas erguidas muito baixo e perto da barriga do balão; e outros eram mais impressionantes, com cestas que pareciam o casco de um navio — mas construídas sobre um tanque de hidrogênio e impelidas com hélices a vapor.

Briar nunca estivera em Bainbridge. Sem saber ao certo por onde começar, ela ficou no meio de um pouso onde até mesmo os comerciantes estavam apenas começando a se juntar. Ela ficou olhando as tripulações chegarem e os homens deslocarem carga de balde para carrinho e depois de carrinho para barco.

O processo não era suave, mas conseguia mover os produtos que chegavam do ar para a água em um ciclo rápido.

Em pouco tempo, uma das aeronaves menores deu um solavanco, e dois tripulantes desceram pelas cordas de atracação para soltar os clipes. As travas se soltaram em suas dobradiças e os homens voltaram a subir pelas cordas até a cesta. Dali, eles recolheram os clipes até a beirada do navio e os penduraram ao redor da borda externa.

Um homem mais velho com um quepe de capitão parou perto de Briar para acender um cachimbo.

Ela lhe perguntou: — Com licença, mas qual daquelas naves vai chegar mais perto da muralha de Seattle?

Ele lhe deu um olhar sério por sobre o cachimbo, medindo-a enquanto chupava a ponta. Disse: — Você está no lado errado da ilha para fazer esse tipo de pergunta, mocinha.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você deveria pegar aquela estrada ali — e ele usou o cachimbo para apontar para uma trilha lamacenta e achatada que desaparecia por entre as árvores. — Caminhe o mais longe que ela a levar. Você poderá encontrar alguém que pode responder melhor.

Ela hesitou, o braço na bolsa porque sentia necessidade de segurar alguma coisa. Outra aeronave estava se soltando do cais de canos, e uma nova flutuava sobre o terreno. No lado da nave que pairava ela viu um nome pintado, e então percebeu que era o nome de uma empresa, não o nome de um navio.

— Madame — o homem gritou para ela.

Briar retornou a atenção a ele e captou a maneira como seu olhar foi da fivela do cinto dela para seus olhos.

Ele continuou. — A ilha não é assim tão grande. Você não vai levar muito tempo para encontrar o caminho até a... rota comercial alternativa, se é o que está procurando fazer.

Ela lhe agradeceu, pensou na extensão lamacenta de semi-estrada, e disse: — Você é muito gentil.

Ele respondeu: — Não, mas faço o melhor que posso para ser justo.

Alguém ali perto chamou um nome, e o homem de quepe respondeu com um aceno de mão e outro de cabeça. Briar olhou para a trilha mais uma vez e reparou que não havia mais ninguém percorrendo-a.

Ela não tinha certeza se o melhor a fazer era agir com discrição ou seguir descaradamente, então tentou misturar as duas coisas num recolhimento silencioso que a levou até uma pequena colina e dali até a trilha com mato crescido.

O topo da trilha era mais seco. Ela passou por cima e atravessou as árvores, fora das vistas do cais. A floresta nunca foi um lugar confortável para Briar: ela era nascida e criada na cidade, e as paredes de cascas de troncos largos a fizeram se sentir pequena e ansiosa, como se ela estivesse aprisionada num conto de fadas com lobos.

Ela subiu o caminho aos tropeços, fazendo muita força para não deixar os saltos se enfiarem na superfície espessa e úmida. A medida que ela escalava a paisagem, a trilha ia se tornando cada vez mais ampla e larga, mas ela ainda não via mais ninguém chegando ou partindo ao longo dela.

— Mas ainda é cedo — ela disse para si mesma.

As árvores eram mais altas quanto mais ela se afastava, e a floresta era mais densa quanto mais profundamente ela avançava para dentro do coração da ilha...

e foi por isso que ela não percebeu que havia encontrado outro conjunto de docas de aeronaves até estar quase no meio delas.

Ela parou rápido e recuou para a trilha só para perceber que ela havia acabado atrás dela. E não estava mais sozinha.

Três grandes aeronautas estavam parados em pé ao lado de uma clareira, fumando. Todos pararam de fumar seus cachimbos para olhar para Briar, que estava completamente sem saber como proceder mas determinada a não demonstrar. Ela dividiu um exame casual entre as aeronaves pintalgadas e os três homens silenciosos e espantados.

A maioria das naves estava ancorada a árvores, amarrada como cavalos.

As árvores eram grandes e troncudas o bastante para suportar o peso, e elas o suportavam com um ou outro rangido, mas nenhuma das naves se soltava.

Essas naves eram de um tipo diferente, menos reluzentes e menos uniformes do que as que estavam na doca principal. Elas não eram exatamente fabricadas, antes, pareciam montadas de improviso a partir de pedacinhos de outras naves, maiores e mais resistentes.

Mais para o lado das aeronaves, o mais baixo dos homens que fumavam se parecia mais ou menos como qualquer um dos colegas de trabalho de Briar, pálido e um pouco sujo, vestido em roupas folgadas e um avental de couro que tinha um par de luvas de couro compridas saindo dos bolsos.

O homem do meio era um mulato com cabelos compridos trançados em cordas e amarrados para trás com um lenço. Ele estava usando um suéter de pescador com uma gola alta e dobrada embaixo de sua barba escura e densa.

O último fumante era o melhor vestido dos três, um negro retinto com um paletó azul impecável com botões de cobre brilhantes. Uma cicatriz rosada corria do canto de sua boca até quase sua orelha, que era enfeitada com uma fileira de pequenas argolas de ouro que balançaram quando ele começou a rir ao vê-la.

A risada começou como se fosse uma tosse baixa e foi trabalhando até se tornar uma boa gargalhada subindo pela barriga, tão contagiante que seus colegas fumantes começaram a rir também.

— Ei, moça — disse o homem mais escuro, entre uma respiração apressada e outra. Ele tinha um sotaque que vinha de algum lugar além das montanhas, e ao sul. — Você está perdida?

Ela esperou passar o auge das risadas, e quando elas já não eram mais do que risos sem fôlego, disse: — Não.

— Ah — ele disse com uma sobrancelha erguida. — Então você veio a

Canterfax-Mar de propósito, hein? Nem sei lhe dizer a última vez em que tivemos uma senhora em nosso meio.

— O que isso quer dizer? — ela perguntou.

Ele deu de ombros e franziu os lábios grossos. — Só que você parece pronta para negócios de um tipo diferente. O que é que você quer de nós aqui, em nosso pequeno cais perdido? Sua mente está voltada para uma coisa bem determinada, posso ver isso agora.

— Preciso de uma carona. Estou procurando por meu filho. Vocês podem me ajudar?

— Bem, madame, isso depende — ele disse. Deixou seus companheiros e avançou para encontrá-la. Ela não sabia dizer se ele estava tentando intimidá-

la, ou se só queria vê-la de perto; mas ele estava mais sombrio do que ela esperaria para o tamanho dele. Ele não era mais alto do que o pai dela fora, mas os ombros dele eram largos e os braços eram grossos como troncos por baixo das mangas do paletó de lã azul. Sua voz era grave e alta, e soava quase molhada dentro do peito.

Briar não recuou. Ela sequer se moveu para arrastar os pés. — Depende do quê?

— De muitas coisas. Por exemplo, preciso saber para onde a senhora deseja ir, e qual a distância que quer percorrer.

— Precisa?

— E claro que preciso. Aquela nave ali é minha. Está vendo ela? O Corvo Livre, nós a chamamos, e ela é um pouquinho roubada, um pouquinho comprada, e em grande parte construída... mas, ah, ela pode voar.

— É uma nave muito bonita — disse Briar, porque parecia apropriado, e porque a nave era de fato impressionante. Havia uma marca em sua lateral; ela podia ver a borda dela e quase lê-la.

O capitão lhe poupou o trabalho de apertar os olhos. — Está escrito CSA porque é onde o corpo do passarinho foi criado, nos Estados Confederados.

Eu poderia tê-la interceptado, e lhe dado um uso melhor. Em dias como este, neste tempo de guerra e aventura, eu digo que as iniciais significam "Venha Ver a América[{2}]", pois isso é o que eu pretendo fazer.

— Isto aqui ainda não é América.

— Tildo isto é América, de um jeito ou de outro. Você sabia que todo o continente foi batizado em homenagem a um cartógrafo italiano? E, de qualquer maneira, seu canto do mapa dará um belo estado um dia. Vai acontecer — ele

garantiu. — Com paciência, quando a guerra terminar.

— Quando a guerra terminar — ela repetiu.

Ele estava olhando bem de perto para ela agora, em pé de frente a ela, olhando com seriedade para o chapéu dela, e depois para a insígnia que ela havia enfiado na lateral do cinto. Depois de uma avaliação completa, ele disse a ela: — Não acho que você represente nenhum tipo de governo. Nunca ouvi falar de mulher da lei, embora esse aí pareça de verdade. — Ele apontou para a insígnia. — E eu sei de quem ela trata. Eu sei o que esse símbolo significa.

Ele apontou para a fivela com seu MW grande e ornamentado.

— Não sei se o velho Maynard está protegendo suas calcinhas ou alguma coisa assim, mas você está usando o sinal e isso é claro, então eu e meus homens somos obrigados a acreditar que você não veio buscando encrenca.

— Não — ela lhe garantiu. — Não quero encontrar encrenca nenhuma, e não quero criar nenhuma. Só estou tentando encontrar meu filho, e não tenho ninguém para me ajudar, então vim aqui.

O capitão descruzou os braços e lhe ofereceu a mão para apertar. Ele disse: — Então talvez possamos fazer negócio. Mas me diga antes, já que ainda não me contou, para onde pretende ir, que necessita dos serviços do outro lado da ilha?

— Seattle — ela disse. — Preciso passar por cima da muralha e entrar na cidade. Foi para lá que meu filho foi.

Ele balançou a cabeça. — Então seu filho está morto, ou amaldiçoado.

— Não acho. Ele entrou; só não consegue sair.

— Entrou, não foi? E como ele fez isso? Não vimos nenhum garoto entrar por aqui.

— Ele entrou por baixo, pelo velho esgoto.

— Então ele pode encontrar o caminho de volta pela mesma direção!

Briar estava perdendo a atenção dele. Ele estava recuando. Ela tentou não soar histérica demais quando disse: — Mas ele não pode! O terremoto ontem à noite — vocês devem ter sentido. Ele fez o túnel velho desabar, e não há mais como passar por baixo. Eu preciso entrar e tirá-lo de lá. Eu preciso, você não entende?

Ele jogou as mãos para o alto, e quase voltou para seus colegas, que estavam sussurrando entre si. Então tornou a encará-la e disse: — Não, não entendo. Não há como respirar o ar lá dentro, você sabe disso, não sabe? Não há nada lá dentro

a não ser a morte.

— E pessoas — ela interrompeu. — Há pessoas lá dentro também, vivendo e trabalhando.

— Os mortinhos? Claro, mas eles estão lá há três anos, a maioria deles, e aprenderam a evitar serem comidos ou envenenados. Quantos anos tem seu filho?

— Quinze. Mas ele é inteligente, e teimoso.

— Toda mãe jura que seu filho é assim — ele argumentou. — Mas mesmo que você consiga entrar, como vai tirá-lo de lá? Vai escalar a muralha? Vai escavar por baixo?

Ela confessou: — Ainda não cheguei a esse ponto do meu planejamento, mas vou pensar em alguma coisa.

O mulato atrás do capitão pôs o cachimbo de lado e disse: — A próxima viagem para gás é em menos de uma semana. Se ela puder viver esse tempo todo, pode pegar uma corda no caminho de volta.

O capitão girou nos calcanhares. — Não me venha incentivá-la!

— Por que não? Se ela puder pagar, e se quiser mergulhar na cidade, por que não a leva?

O capitão respondeu a Briar, embora ela não fosse a pessoa que havia feito a pergunta. — Porque não estamos equipados para fazer uma viagem para gás agora. Nossas duas melhores redes ficaram presas na ponta da torre na última viagem, e ainda estamos costurando elas. E até agora, não ouvi nenhuma menção de pagamento, então detestaria supor que nossa convidada surpresa é uma viúva rica.

— Não sou — ela admitiu. — Mas tenho um dinheirinho...

— Para nos convencer a uma viagem para gás que não nos renda nenhum gás, você vai precisar de muito mais do que um dinheirinho. Eu adoraria ajudar uma moça, mas negócios são negócios.

— Mas... — ela perguntou. — Tem mais alguém que queira voar?

— Qualquer um burro o bastante para voar por sobre as muralhas? Não sei. — Ele enfiou as mãos nos bolsos daquele paletó azul-união. — Não sei dizer.

O mulato voltou a falar. Disse: — Tem o Cly. Ele é louco por uma mulher bonita, e respeita a paz de Maynard.

Briar não tinha certeza se ficava lisonjeada ou ofendida, então escolheu ficar esperançosa. — Cly? Quem é ele? Posso falar com ele?

— Você pode falar com ele — assentiu o capitão. — E, madame, eu lhe desejo tudo de bom em sua busca pelo seu filhinho louco. Mas eu deveria lhe avisar: lá dentro é um inferno. Não é lugar para uma mulher, nem para um garoto.

— Me mostre onde esse Cly está — ela disse fria. — Não me importo se não é lugar para um cão ou um rato, ele vai receber uma mulher lá dentro antes do por do sol, então que Deus me ajude. Ou Maynard — ela acrescentou, se lembrando do que Rector havia dito.

— Como queira. — Ele lhe ofereceu o braço, e Briar não tinha certeza se ela deveria aceitá-lo, mas o fez mesmo assim. Enquanto todos estivessem sendo educados, ela também seria educada. Não sabia quanta ajuda precisaria dessa gente, então valia a pena usar seu tempo para ser gentil mesmo quando isso a assustava.

O antebraço do capitão era tão forte quanto parecia, e ela tinha a impressão que iria arrebentar as costuras do paletó. Briar tentou evitar tirar os dedos dali de puro nervosismo, mas não era como um aperto de mão onde ela podia apertar e deixar sua posição conhecida com um pouco mais de firmeza.

O capitão deu palmadinhas em sua mão nervosa e disse: — Senhora, enquanto a senhora usar a marca de Maynard e respeitar nossa paz, somos obrigados a respeitar a sua. Não há motivos para ficar preocupada.

— Eu acredito em você — ela disse, e isso podia ser verdade ou não. — Mas tenho mais coisas com que me preocupar do que sua proximidade, eu lhe juro.

— Seu filho.

— Meu filho, sim. Desculpe, o senhor não mencionou seu nome, Capitão...?

— Hainey. Croggon Hainey — ele disse. — Capitão pra resumir. Capitão Hainey formalmente. Crog, como apelido.

— Capitão, sim. Muito obrigada pela ajuda.

Ele sorriu para exibir uma fileira de dentes brancos brilhantes. — Não me agradeça ainda. Nada fiz a não ser tratá-la como devo. Meu colega e aeronauta poderá ou não lhe dar mais ajuda.

Crog a levou por entre as aeronaves que rangiam e balançavam e que estavam atracadas nos caminhos mais amplos entre os troncos grossos e ma-ciços. Elas balançavam contra seus cabos e esbarravam suavemente contra os topos das árvores, roçando os fundos de suas cestas em ramos verdes e ninhos de pássaros.

A mais próxima era um negócio feito às pressas que parecia totalmente improvisado e no entanto inteiramente sólido. Parecia pesado demais para voar. Ela exibia uma cesta em forma de canoa e folheada a aço, do tamanho da sala de

estar de um homem rico e um par de tanques de gás do tamanho do vagão de um homem pobre. Rebitada, costurada, pregada e amarrada, ela assomava sobre a clareira onde era segura por três cordas compridas e gordas.

Uma escada de corda se arrastava no chão, pendendo do fundo da parte de baixo da nave. Ao lado dela, na sombra do veículo de formato estranho, um homem estava sentado em uma cadeira de madeira dobrável. Debaixo do braço, uma garrafa de whisky. A garrafa subia e descia contra seu peito enquanto ele respirava, e se não fosse por seus óculos sobre os olhos, teria sido óbvio que ele estava dormindo feito uma pedra.

Crog parou a alguns metros de distância do homem quase roncando e disse num sussurro grave: — Madame, permita-me apresentar o Capitão Andan Cly. E ali, acima da cabeça dura dele, você vai ver a nave dele, a Naamah Darling. Acorde-o gentilmente, e — se possível — a distância.

— Espere, você não vai...

— Ah, não. E você quem quer o favor. Você pode cutucá-lo e acordá-lo para isso. Boa sorte para isso, madame. E se ele não aceitá-la, o melhor que posso fazer é oferecer uma viagem daqui a três dias, em nossa próxima viagem por combustível. Ou, se ele deixar a senhora viajar e saltar, então a senhora pode procurar pelo Corvo Livre na terça, atracado na Torre Smith. Não vai me custar nada puxá-la, embora a senhora possa pensar em me trazer um presentinho se eu fizer isso.

Ele puxou os dedos do braço dela, e até ela pegá-los não tinha percebido que estava agarrando sua manga. — Obrigada — ela lhe disse. — E digo isso de coração: obrigada. Se o senhor me retirar de lá na terça, vou encontrar um jeito de lhe pagar. Conheço lugares e coisas dentro da cidade. Vou fazer valer a pena.

— Então eu é que irei agradecer a senhora, madame.

Ele desapareceu por entre o labirinto de árvores, cordas e naves flutuantes enquanto Briar tentava não ranger os dentes com a presença do homem debaixo da Naamah Darling.

Andan Cly não estava exatamente curvado, e não estava precisamente sentado na cadeira de madeira. Seus cabelos castanhos claros estavam cortados tão rente que ele parecia quase careca, e suas orelhas eram bem pontudas. A esquerda tinha três brincos de prata. A direita não tinha nada. Ele usava uma camiseta de baixo suja e um par de calças marrons com as pernas enfiadas dentro de botas.

Briar achou que ele certamente devia estar com frio demais para dormir, mas ao se aproximar bem devagar dele sentiu a temperatura subir. Quando chegou bem em frente a ele, estava quase suando — e então percebeu que ele havia se

posicionado embaixo das caldeiras da nave, que estavam fumegando e começando a ficar totalmente aquecidas.

Ela não pisou em nenhum graveto nem bateu o pé em uma pedra. Não se moveu, só ficou encarando, mas isso subitamente foi o bastante para despertá-lo. Nada assinalou essa mudança de estado a não ser um endurecimento de sua postura, e em seguida um dedo sonolento que levantou seus óculos até a testa.

— O quê? — ele perguntou. A pergunta não era especificamente uma exigência ou reclamação, mas soava como se pudesse ter sido qualquer uma das duas coisas.

— Andan Cly? — ela perguntou, e acrescentou — Capitão da Naamah Darling?

Ele resmungou — Ele mesmo. Com quem?

Foi a vez de Briar perguntar: — O quê?

— Com quem estou falando?

— Eu sou... uma passageira. Ou quero ser. Preciso de uma carona, e o Capitão Hainey disse que eu deveria falar com o senhor. — Deixou o resto do que Crog tinha a dizer.

— Ele disse isso?

— Disse.

Ele torceu a cabeça para a esquerda, depois para a direita, e todas as juntas no meio estalaram fazendo um som alto. — Para onde você quer ir?

— Sobre o muro.

— Quando?

— Agora — ela disse.

— Agora? — ele tirou a garrafa debaixo do braço e colocou-a no chão ao lado da cadeira. Seus olhos eram de um castanho claro e vibrante que quase parecia acobreado, mesmo na sombra semi-iluminada de sua nave. Ele a encarou, sem piscar por um tempo quase suficiente para deixá-la desconfortável.

— Meu filho, ele fugiu — ela considerou a história. — Ele foi para a cidade. Preciso ir atrás dele.

— Você nunca esteve lá dentro, então?

— Não desde que o muro foi levantado, não. Por que pergunta?

— Porque se já tivesse estado lá dentro, nem pensaria que tem algum garoto vivo lá dentro.

Ela encarou o olhar dele piscadela por piscadela e disse — Meu filho pode estar

vivo. Ele é inteligente, e está preparado.

— Ele é um idiota — Andan a corrigiu. — Se entrou lá.

— Ele não é um idiota, ele é apenas... desinformado. — Ela procurou a palavra mais verdadeira, muito embora lhe doesse dizer aquilo em voz alta. — Por favor, escute. Me ajude. Eu tenho uma máscara, e se eu puder entrar, consigo me encontrar lá dentro sem problemas. Crog disse que me pega na terça...

— Você acha que sobrevive até terça?

— Sim. Acho.

— Então você também é uma idiota. Sem querer ofender.

— Pode me ofender o quanto quiser, desde que me leve por sobre o muro.

Ele deu um meio-sorriso como se quisesse dar uma gargalhada, mas a curva de seu lábio para cima perdeu o impulso. — Você está falando sério. E é teimosa. Mas vai precisar de mais do que isso — ele apontou para o rifle — e a marca de Maynard se quiser ficar inteira lá embaixo.

— Mas se eu respeitar a paz...

Ele a interrompeu. — Então algumas das outras pessoas também irão respeitar a paz. Mas nem todas. Existe um louco de nome Minnericht que domina parte da cidade, e grandes quarteirões de chineses que poderão ou não ser amigáveis para com uma mulher branca estranha. E seus amigos ladrões serão o menor de seus problemas. Você já viu um podre? Um com muita fome mesmo?

— Sim. Eu os vi durante a evacuação.

— Não. — Ele balançou a cabeça. Enquanto sua cabeça se movia, seus olhos permaneciam casualmente travados na fivela do cinto dela. — Aquelas coisas? Eles não estavam com fome. Não ainda. Os que estão passando fome lá dentro há quinze anos, eles são o problema. E eles se movem em bandos.

— Eu tenho muita munição — ela deu uma palmadinha na sua bolsa.

— E um velho rifle de repetição, estou vendo. Será útil. Mas você vai acabar ficando sem balas, e se os podres não te pegarem, os homens de Mimericht o farão. Ou os corvos, talvez. Com aqueles malditos pássaros não há como dizer. Mas deixe-me fazer uma pergunta.

— Mais uma?

— Sim, mais uma — ele disse irritado. Apontou um dedo comprido para sua cintura e perguntou: — Onde foi que você conseguiu isso?

— Isto? — por reflexo, ela segurou a fivela e olhou para ela. — Isso... por quê?

— Porque eu já a vi antes. E quero saber onde você conseguiu ela.

— Isso não é da sua conta — ela argumentou.

— Acho que não. E não é problema meu se a senhora não passar pela muralha para procurar seu filho, Sra. Blue.

Por um momento, ela não conseguiu respirar — só conseguiu engolir. O

medo segurou sua garganta e ela também não conseguiu falar. Então disse: — Esse não é meu nome.

Ele disse de volta: — Bem, essa é quem você é, não é?

Ela balançou a cabeça com um pouco de força demais e disse: — Não.

Não desde que a muralha foi levantada. E Wilkes. E meu garoto também é Wilkes, se você tiver de atribuir um nome a ele. — O resto acabou saindo rápido demais, mas ela não conseguia mais parar. — Ele acha que seu pai era inocente porque você tem razão, ele é um pouquinho idiota, mas ele entrou lá porque quer provar isso.

— E ele pode provar?

— Não — ela disse. — Porque não é verdade. Mas Zeke, você precisa entender, ele é só um garoto. Ele não sabe nada, e eu não consegui convencê-lo. Ele precisou ir ver por si mesmo.

— Está certo. — Ele assentiu. — E ele sabe a respeito da marca de Maynard, e encontrou um jeito de entrar. Ele passou por baixo, certo?

— Passou por baixo. Mas o terremoto que tivemos ontem à noite... ele derrubou o velho túnel do esgoto. Ele não pode sair por lá, e eu não consigo entrar. Agora, o senhor vai me levar por sobre a muralha ou não? Se não for, então diga logo, porque tenho que pedir a outra pessoa.

Ele demorou para responder a ela. Enquanto decidia, olhava-a de cima a baixo de maneira que não era inteiramente ofensiva, mas também não era muito lisonjeira. Ele estava pensando em alguma coisa, e pensando sério; e Briar não sabia o que era, ou como ele havia descoberto tão fácil, ou se Maynard a poderia ajudar agora.

— A senhora devia ter começado com isso — disse Andan.

— Com o quê?

— Com o fato de que a senhora é filha de Maynard. Por que não fez isso?

Ela disse: — Porque afirmar que ele é meu pai me marca como a viúva Blue. Eu não sabia se o custo seria maior que o benefício.

— Muito justo — ele disse. E se levantou.

Ele levou alguns segundos. Ele era grande demais para ficar em pé.

Quando terminou de se levantar, embaixo da barriga da Naamah Darling, ele era mais alto do que qualquer homem que Briar já tinha visto em sua vida.

Dois metros e vinte e oito centímetros dos pés à cabeça e muito musculoso, Andan Cly era mais do que simplesmente imenso. Ele era assustador. Não era um homem atraente para começar, mas quando seu visual simples de trabalhador era combinado com seu tamanho, Briar teve de se controlar para não correr.

— Tem medo de mim agora? — ele perguntou. Ele puxou um par de luvas dos bolsos e as calçou sobre as mãos imensas.

— Eu deveria ter medo de você? — ela perguntou.

Ele calçou a segunda luva e se curvou para pegar sua garrafa. — Não — respondeu. Seus olhos tornaram a ir para a fivela dela. — Seu pai costumava usar isso aí.

— Ele usava muitas coisas.

— Ele não foi enterrado com todas elas — Andan estendeu a mão para ela e ela a apertou. Os dedos dela tremeram na caverna do aperto dele. — Você é bem-vinda a bordo da Naamah Darling, Senhorita Wilkes. Talvez eu esteja fazendo a coisa errada em levar você — pode não ser a coisa certa pagar uma velha dívida, já que tenho um pouco de medo de que possa fazer com que a senhora morra — mas a senhora vai entrar lá dentro de um jeito ou de outro, não vai?

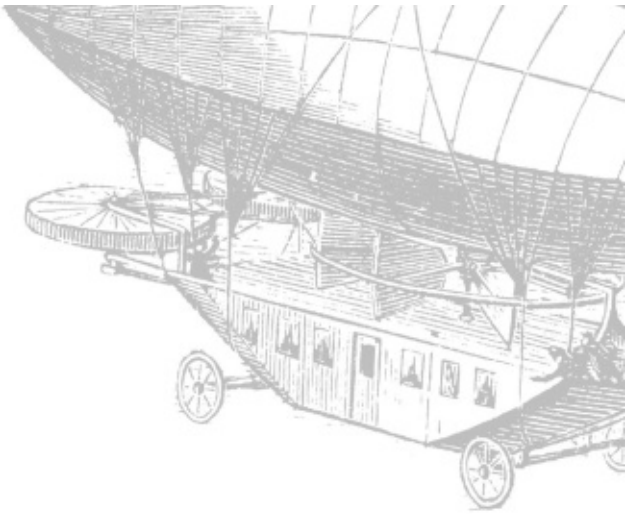
— Vou.

— Então o melhor que posso fazer é prepará-la, suponho. — Ele apontou para as caldeiras e disse: — As hélices estarão quentes num instantes.

Vou poder levá-la.

— Por... por uma velha dívida?

— E uma dívida velha e grande. Eu estava lá na delegacia quando a Praga fechou o mundo. Eu e meu irmão levamos seu pai de volta para casa. Ele não precisava fazer aquilo. — Ele estava balançando a cabeça novamente. — Ele não nos devia nada. Mas nos deixou sair, e agora, Srta. Wilkes, se a senhora não quiser fazer de outra maneira... Eu vou levá-la para dentro.



OITO

Zeke seguiu as ordens de Rudy com relutância; fechou a boca e ouviu.

Lá embaixo, em algum lugar na rua, pensou ter ouvido alguma coisa se arrastar. Mas não viu nada, e se perguntou se Rudy estava apenas tentando assustá-lo. — Não vejo nada — ele disse.

— Ótimo. Se você os vir, é provavelmente tarde demais para fugir deles.

— Deles?

Rudy disse: — Podres. Já viu um?

— Já — disse Zeke. — Muitos.

— Muitos? Onde você viu muitos, lá nos Arredores? Duvido que você tenha visto sequer um ou dois juntos, e se tiver visto, então eu sou um mentiroso e está tudo certo. Mas aqui dentro, há mais que um ou dois. Nós os temos aos bandos aqui, iguais a cães. E, pelos melhores cálculos de Minnericht, existem pelo menos alguns milhares deles — todos atulhados dentro deste lugar sem ter para onde ir e sem ter nada que comer.

Zeke não queria deixar que Rudy o visse estremecer ou se preocupar, então disse: — Milhares, hein? É muita coisa. Mas quem é Minnericht, e quanto tempo ele levou para contar todos?

— Não se meta a engraçadinho comigo, seu bastardinho — disse Rudy, e virou a garrafa na direção de sua boca mais uma vez naquele gesto inútil de quem

queria um drinque e não podia ter. — Só estou tentando ser o mocinho e te dar uma mãozinha. Se não quer, então pode pular do prédio e brincar de pique com os mortos-vivos e ver se eu dou a mínima. Uma dica: não dou.

— Eu não ligo! — Zeke quase gritou novamente, e quando Rudy pulou pela borda Zeke pulou também, para trás e quase dentro do buraco onde a escada o havia levado para o telhado.

Rudy enfiou a bengala de aspecto pesado sob o queixo de Zeke e disse: — Cale sua boca. Não vou pedir duas vezes porque não vou precisar. Se você fizer bagunça e atrair os podres, empurro você para a rua eu mesmo.

Pode criar problema pra você mesmo, se quiser, mas me deixe fora disso. Eu estava quieto no meu canto quando você apareceu, e se você vier estragar minha paz, arranco sua cabeça.

Sem tirar os olhos de Rudy, Zeke enfiou a mão na bolsa, tentando tirar a arma de dentro. Com um giro rápido do pulso, Rudy usou a bengala para tirar a faixa do ombro de Zeke e derrubar a bolsa inteira no chão.

— Isto aqui não são os Arredores, Júnior. Lá você age feito um idiota, talvez alguém te dê um tiro ou um soco na cara. Aqui, você cria problemas e vai virar comida de podre antes de amanhecer.

— Falta muito tempo pra amanhã de manhã — Zeke disse sem fôlego contra a ponta da bengala, que ainda estava enfiada contra seu pescoço.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Agora você vai abaixar a voz, ou a coisa vai ficar feia?

— A coisa já está feia — Zeke voltou a perder o fôlego.

Rudy retirou a bengala e fez uma careta. Deixou a ponta cair de volta ao chão e se inclinou contra ela, apoiando-se numa das mãos, equilibrado no topo dessa bengala. Na outra mão ele ainda segurava a garrafa, muito embora ela estivesse vazia.

— Nem sei por que sequer me dei ao trabalho — ele resmungou, e recuou.

— Você quer ir ver aquela casa, não quer?

— Eu quero.

— Então, se quiser viver o bastante para por os olhos nela, vai viajar nos meus termos, estou sendo claro? Você vai manter a voz baixa e a boca fechada a menos que eu lhe diga que pode falar, e vai ficar por perto. Não estou fingindo, e não estou tentando assustar você quando digo que é perigoso lá embaixo — e não acho que você irá sobreviver uma hora sozinho. Pode tentar se quiser, e eu não irei impedi-lo. Mas você irá ficar melhor se ficar comigo. Você decide.

Zeke pegou sua bolsa e abraçou-a enquanto tentava decidir. Havia coisas demais nessa situação que ele não gostava.

Primeiro de tudo, ele tinha pouca paciência para que lhe dissessem o que fazer, ainda mais um estranho que parecia estar embriagado e procurando ficar mais embriagado à primeira oportunidade. Segundo, ele tinha sérias dúvidas quanto ao motivo pelo qual aquele homem que o havia inicialmente saudado com ameaças de maus-tratos físicos poderia ser levado a ajudá-lo. Zeke não confiava em Rudy, e não acreditava muito no que Rudy lhe havia contado.

E, além do mais, não gostava dele.

Mas quando procurou sobre a beirada do telhado e viu apenas o ar enevoado e turbilhonante da cor da fuligem e de limão podre, e quando levantou a cabeça para ver os edifícios mais altos e viu os olhos dourados de uma centena de pássaros pretos desconfiados que o observavam... ele reconsiderou sua ideia de prosseguir sozinho.

— Esses pássaros — ele disse devagar. — Eles estavam aqui esse tempo todo?

Rudy disse: — Claro. — Ele virou a garrafa de cabeça para baixo e der-ramou o conteúdo pela lateral do prédio... e então colocou a garrafa de lado. — Eles são os deuses deste lugar, tanto quanto alguém possa ser.

Zeke vasculhou os alpendres, janelas e beirais arquitetônicos onde as penas azul-escuras e olhinhos vítreos reluziam contra a luz aquosa do novo dia. — O que isso quer dizer?

Rudy caminhou até a ponte pequena mais próxima e subiu no alpendre ao lado dela. Com um aceno, sugeriu que Zeke o acompanhasse. Ele disse: — Eles estão por toda parte, e veem tudo. Às vezes são de ajuda, e às vezes eles atacam — e você nunca sabe o que vai ser, nem por quê. Não entendemos eles, i e não temos certeza de que gostamos deles. Mas — ele deu de ombros — aqui estão eles. Você vem ou não?

— Estou indo — disse Zeke, embora por um momento ele não tivesse feito nenhum movimento para segui-lo.

Alguma coisa estava se mexendo sob seus pés, e ele não sabia o que era até que o edifício embaixo dele começou a tremer. — Rudy? — Zeke perguntou, como se isso fosse alguma coisa que o outro homem estivesse fazendo, e fosse obrigação dele parar.

O tremor aumentou e ficou mais rápido, e Rudy disse: — Terremoto. É um terremoto, garoto — é só. Se segure.

— Em quê?

— Em qualquer coisa,

Zeke recuou do buraco no telhado e mergulhou no canto perto de onde Rudy estava agachado e se segurando na beirada, esperando. Zeke também esperou, se segurando e se apoiando na parede, rezando para que não ficasse pior e que o lugar onde ele estava ajoelhado continuasse inteiro.

— E só aguardar — disse Rudy. Ele não soava perfeitamente confiante, mas também não parecia surpreso. Apoiou-se contra os tijolos e chegou até a estender uma das mãos para dar suporte a Zeke.

Zeke não achou que isso iria torná-lo mais seguro, mas estava feliz por ter Rudy ali mesmo assim. Pegou a mão de Rudy e usou-a para se aproximar mais do homem e da parede. Quando o som terrível do tremor aumentou, o garoto fechou os olhos, porque não sabia o que mais fazer.

— Primeiro terremoto? — Rudy perguntou como quem estava só puxando papo. Não soltou a mão de Zeke.

— O primeiro de verdade — disse o garoto. Seus dentes batiam quando ele tentava falar, então ele fechou bem a boca.

E acabou, tão rapidamente quanto havia começado. Isso não quer dizer que as ondas de movimento que arrebentavam e sacudiam tudo pararam em um momento perfeito; elas subiram num ângulo agudo e depois foram diminuindo de intensidade até se transformarem em um tremor moderado, e em seguida um estremecimento muito leve.

A coisa toda não durou talvez mais do que dois minutos.

As pernas de Zeke tremiam como vara verde. Ele tentou se levantar, e usando a parede e o braço de Rudy, conseguiu o suficiente para se levantar.

Seus joelhos quase se dobraram, mas ele os manteve travados. Ficou em pé ereto e esperou, sabendo que o ruído e os pisos sacolej antes poderiam voltar a qualquer segundo.

Não voltaram.

O ruído havia diminuído, e onde foi antes um rugido imenso, ele podia agora ouvir apenas o rachar de velhos tijolos se acomodando e o barulho de pedaços de reboco atingindo o chão.

— Isso foi... — Zeke disse. — Isso foi...

— Isso foi um terremoto, é só. Não faça uma montanha de um morrinho que está tremendo.

— Eu nunca estive num desses antes.

Rudy disse: — Agora você já esteve. Mas esse não foi tão ruim. Talvez você apenas tenha achado ruim porque você está todo excitado. De qualquer maneira, a gente devia ir correndo. Sempre há uma chance de que o tremor tenha derrubado os túneis, e a gente tenha que improvisar um caminho.

Vamos ver.

Ele checou a si mesmo, verificando a bengala e endireitando o sobretudo.

Então disse: — Pode deixar o lampião aí. Na verdade, eu recomendo que você faça isso. Temos luzes espalhadas por toda parte, e você só vai perder essa aí ou deixá-la em algum lugar. Além do mais, vamos ter que chegar ao nível da rua logo, e isso só vai atrair o tipo de atenção que definitivamente não queremos.

— Não vou deixar meu lampião.

— Então apague ele. Não estou pedindo, garoto. Estou dizendo a você que não vou levá-lo lá para baixo a menos que você deixe isso aí. Escute, coloque ali no canto. Você pode pegá-lo no caminho de volta para casa.

Zeke obedeceu relutante, deixando o lampião guardado no canto mais próximo e o cobrindo com alguns escombros que encontrou ali. — Você não acha que alguém vai pegá-lo?

— Eu ficaria espantado — disse Rudy. — Agora vamos. Estamos perdendo luz do dia, e não temos muito para desperdiçar aqui embaixo. Não é um pulo longo até a casa dos seus velhos.

Zeke foi cuidadosamente até a beirada do caminho que deveria ser percorrido. Ele ficou preocupado com um homem que estava atravessando mancando a ponte frágil, mas a estranha variedade de tábuas e pedaços de ferro-velho rangia e suportava o peso coletivo.

Zeke ficou feliz por não conseguir ver muito abaixo, mas não conseguiu deixar de perguntar: — A que altura estamos?

— Só dois andares. Vamos subir mais alto antes de descer, então espero que as alturas não incomodem você.

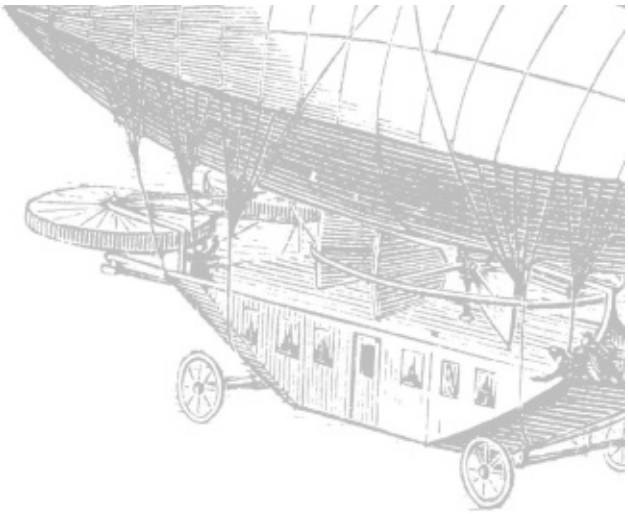
— Não, senhor — disse Zeke. — Não me importo em subir.

— Bom. Porque vamos fazer isso muito.

Eles atravessaram sorrateiramente a ponte e subiram até uma janela no prédio ao lado. A madeira parecia não oferecer passagem, mas quando Rudy enfiou uma alavanca, a janela se abriu para dentro e ambos entraram, numa escuridão profunda e úmida — igual à padaria onde Zeke havia entrado pela primeira vez no interior da cidade.

— Onde estamos? — ele sussurrou.

Rudy acendeu um fósforo e acendeu uma vela, embora tecnicamente o sol ainda estivesse alto. — Do jeito que eu entendo? Nós estamos no inferno.



NOVE

Quando Andan Cly disse "agora", ele na verdade queria dizer "quando o resto da tripulação retornar"; mas Cly garantiu a Briar que o atraso não seria maior do que uma hora — e, de qualquer maneira, se ela conseguisse oferta melhor poderia ficar à vontade para aceitá-la. Ele convidou Briar até a cabine e disse a ela para ficar à vontade, embora ele agradecesse muito se ela não tocasse em nada.

Cly ficou do lado de fora, onde se ocupou checando medidores e mexendo em controles.

Subindo a escada de corda rústica e passando pela escotilha, Briar entrou em um compartimento surpreendentemente espaçoso, ou talvez apenas parecesse assim porque estava quase vazio. Sacos imensos e flácidos pendiam do teto em trilhos que baixavam e eram ajustados com polias; e nas pontas da proa e da popa havia barris e caixas atulhadas até o teto. Mas no meio o chão estava livre, e havia lampiões pendurados em dobradiças como lanternas de navios nas vigas-mestras e nos pontos altos nas paredes onde dificilmente elas seriam balançadas ou derrubadas. Dentro delas, ela podia ver pequenos bulbos com fios grossos e com um brilho amarelado ao invés de chamas. Ela se perguntou onde Cly havia conseguido aquilo.

Do lado direito, mais distante da escada, havia uma escadinha de madeira embutida na parede.

Briar subiu os degraus também. No alto, ela encontrou um aposento atulhado de canos, botões e alavancas. Três quartos da superfície da parede eram compostos de um vidro espesso que era leitoso em algumas partes, arranhado, raspado e marcado do lado de fora. Mas não havia nenhuma rachadura nele, e quando ela bateu com a unha no vidro o som foi mais grave que agudo.

Na área de controle principal havia alavancas mais longas que o antebraço dela e botões brilhantes que piscavam no console do capitão. Fedais despontavam do piso para o nível do pé, e ferrolhos desciam dos painéis acima.

Por motivos que não sabia explicar, Briar sentiu a súbita e temível certeza de que estava sendo observada. Ficou imóvel, olhando pela janela da frente.

Atrás dela, não ouviu nada — nem mesmo respiração, e nenhum passo, nem o ranger dos degraus de madeira — mas mesmo assim ela tinha certeza absoluta de que não estava só.

— Fang! — Cly gritou do lado de fora.

Briar deu um pulo com o grito, e se virou.

Um homem se levantou atrás dela, tão próximo que poderia tê-la tocado se ele tentasse.

— Fang, tem uma mulher aí dentro! Tente não matá-la de susto!

Fang era um homenzinho com cerca do mesmo tamanho de Briar, e magro sem parecer frágil ou fraco. Seus cabelos pretos eram tão escuros que brilhavam azulados, raspados na testa e puxados para um rabo-de-cavalo bem no topo de seu crânio.

— Olá? — ela tentou.

Ele não respondeu, a não ser para lentamente piscar seus olhos castanhos oblíquos.

A cabeça grande de Cly despontou do portal no chão. — Desculpe quanto a isso — ele disse a Briar. — Eu deveria tê-la avisado. Fang é boa gente, mas é o filho da puta mais sorrateiro que já vi na vida.

— Ele... — ela começou, e então teve medo de ter sido grosseira. Ela perguntou ao homem de calças bufantes e jaqueta estilo mandarim. — Você fala inglês?

O capitão respondeu por ele. — Ele não fala nada. Alguém cortou a língua dele, mas não sei quem ou por quê. Mas ele entende muita coisa: inglês, chinês, português. Deus sabe o que mais.

Fang se afastou de Briar e colocou uma bolsinha de tecido em cima de um banco à esquerda. Puxou um quepe de aviador de dentro da bolsa e o pôs na cabeça. Havia um furo cortado na parte de trás do chapéu para que ele pudesse

passar o rabo-de-cavalo através dele.

— Não se preocupe com ele — enfatizou Cly. — Ele é boa gente.

— Então por que ele se chama Fang[3]? — Briar perguntou.

Cly subiu os degraus e começou a se agachar. Era alto demais para ficar em pé confortavelmente em sua própria cabine. — Até onde sei, esse é o nome dele. Uma velha em Chinatown, lá na Califórnia, me disse que significa honesto e altivo, e não tem nada a ver com cobras. Sou forçado a confiar na palavra dela.

— Saia do caminho — outra voz exigiu.

— Eu estou fora do caminho — Cly disse sem olhar.

Do andar de baixo veio outro homem, sorridente e ligeiramente gordo.

Estava usando um chapéu de pele preto com abas que desciam sobre suas orelhas, e um casaco de couro marrom fechado com botões de cobre que não combinavam.

— Rodimer, esta é a Srta. Wilkes. Srta. Wilkes, este é Rodimer. Ignore ele.

— Me ignorar? — ele fingiu se ofender enquanto fingia desinteresse em Briar. — Ah, eu deveria realmente rogar para que a senhora não me ignorasse! — Ele agarrou uma das mãos de Briar e lhe deu um beijo seco e elaborado.

— Está certo, não vou ignorá-lo — ela lhe assegurou, pedindo a mão de volta. — Estão todos aqui? — ela perguntou a Cly.

— Todos aqui. Se eu levasse mais alguém não teríamos espaço para carga. Fang, cuide das cordas. Rodimer, as caldeiras estão quentes e prontas para soltar vapor.

— Checagem de hidrogênio?

— Tanque cheio em Bradenton. Deve estar bom para mais algumas viagens.

— Então o vazamento foi consertado?

— O vazamento foi consertado — Cly assentiu. — Você — ele disse para Briar. — Você já voou antes?

Ela admitiu que não. — Eu vou ficar bem — ela lhe disse.

— É melhor que fique. Se vomitar, é problema seu, e você limpa. Trato feito?

— Trato feito. Devo me sentar em algum lugar?

Ele olhou a cabine estreita e não viu nada que parecesse confortável. — Normalmente não aceitamos passageiros — ele disse. — Desculpe, mas não há primeira classe neste pássaro. Puxe um caixote e se segure se quiser ver o lado de fora, ou — ele acenou com um braço enorme na direção de uma portinhola redonda na parte de trás do veículo — há pontos para dormir na área dos fundos,

apenas redes. Nenhuma delas é adequada para uma dama, mas pode se sentar lá se desejar. Fica enjoada com o movimento?

— Não.

— Eu lhe pediria que tivesse muita certeza antes de ficar confortável demais lá.

Ela o cortou antes que ele pudesse continuar. — Eu não enjoo, já disse. Vou ficar aqui. Quero ver.

— Como quiser — ele disse. Ele segurou uma caixa pesada e a puxou sobre o chão até ela ficar ao lado da parede mais próxima. — Vai levar uma hora até chegarmos à muralha, e depois metade desse tempo para prepararmos a descida. Vou tentar descer você em um lugar... bem, não há lugar seguro lá, mas...

Rodimer se sentou ereto e girou a cabeça com violência para olhar para Briar. — Você vai entrar lá? — ele perguntou com uma voz deliberadamente melódica demais para um homem do tamanho e da forma dele. — Bom Deus todo-poderoso, Cly. Você vai jogar a moça atrás da muralha?

— A moça foi muito persuasiva — Cly observou Briar pelo canto do olho.

— Srta. Wilkes... — Rodimer repetiu devagar, como se o nome não tivesse significado nada para ele quando ele o ouvira; mas ao repeti-lo em sua cabeça, ele suspeitou de que fosse importante. — Srta. Wilkes, a cidade murada não é lugar para...

— Uma dama, sim. E o que vivem me dizendo. Você não é o primeiro a dizer isso, mas eu preferiria que essa fosse a última vez que o senhor toca no assunto. Eu preciso entrar lá, e eu vou entrar lá, e o Capitão Cly está sendo gentil o bastante para me ajudar.

Rodimer fechou a boca, balançou a cabeça e voltou sua atenção ao console sob suas mãos. — Como quiser, madame, mas é uma pena, se não se importa que eu o diga.

— Não me importo que o diga — ela disse. — Mas não há necessidade de fazer meu funeral ainda. Na terça-feira estarei de volta.

Cly acrescentou: — Hainey se ofereceu para tirá-la de lá em sua próxima viagem. Se ela conseguir aguentar tanto tempo, estará bem com ele.

— Não estou à vontade com isso — Rodimer resmungou. — Não está certo, deixar uma moça na cidade.

— Talvez não. — Cly resmungou ao se sentar. — Mas quando Fang voltar, vamos decolar, e ela não vai fazer o voo de volta conosco a menos que mude de ideia. Puxe a alavanca da frente, sim?

— Sim, senhor — O imediato estendeu a mão e puxou uma das alavancas. Em

algum lugar acima, algo pesado se soltou de urna coisa e se conectou com outra. O ruído metálico dessa mudança ecoou pela cabine.

O capitão apertou o cabo de um ferrolho e puxou uma barra na direção do peito. — Srta. Wilkes, há uma rede de carga na parede atrás da senhora, fixada à superfície. Pode se segurar nela se precisar. Enrole os braços nela, ou o que funcionar melhor. Prenda-se bem.

— Vai ser... vai ser uma viagem difícil?

— Não muito ruim, acho que não. O tempo está bem tranquilo, mas há correntes de ar ao redor das muralhas. Elas são altas o bastante para que o vento das montanhas se quebre ao redor delas. Às vezes temos umas surpresinhas.

Fang se manifestou na cabine com o mesmo silêncio assustador de antes.

Desta vez Briar aprendeu a não se sobressaltar, e o chinês mudo não prestou mais atenção nela.

Um ligeiro desvio na inclinação do piso assinalou o início do movimento.

Contra o casco exterior, galhos de árvores começaram a arranhar uma melodia aguda quando a Naamah Darling começou a alçar voo. No começo ela subiu lentamente por vontade própria, sem a ajuda de qualquer máquina a vapor ou impulsão, mas erguida pelo hidrogênio nos tanques bojudos inflados acima deles. Não havia balanço de verdade, apenas uma tênue sensação de elevação até a aeronave deixar os topos das árvores e flutuar acima deles, começando a vagar ainda mais alto, mas sem qualquer urgência ou velocidade.

Toda essa operação foi mais silenciosa do que Briar esperava. A não ser pelo ranger das cordas, o esticar das juntas metálicas, e o deslizar de caixas vazias pelo chão abaixo, não havia muito som.

Mas aí Cly puxou uma coluna em forma de roda para seu colo e girou três chaves ao longo de sua lateral. Então a cabine se encheu do sibilar de vapor sendo deslocado das caldeiras para canos, e descendo para as hélices que direcionariam o veículo entre as nuvens. Com o vapor veio um sacolejo leve, para leste e para cima, e a Naamah Darling mais uma vez ofereceu gemidos, gritos agudos e grunhidos ao subir ainda mais alto aos céus.

Uma vez em movimento, a nave avançou suavemente com um desloca-mento aumentado pela explosão periódica dos impulsores a vapor. Briar se levantou de onde estava sentada na beirada da cabine e foi ficar em pé atrás do capitão para ver o mundo exterior lá embaixo.

Eles não estavam assim tão alto que ela não pudesse distinguir os barcos e barcas que cortavam a água; e quando atravessaram a linha entre água e terra,

Briar pôde ver qual quarteirão era qual, e até mesmo saber quais as ruas. O Aqueduto era uma região achatada e espalhada de modo irregular ao longo da margem. As colinas baixas e as cordilheiras serrilhadas tinham casas encarapitadas no alto; e aqui e acolá grandes cavalos puxavam os carros de água de um bairro a outro, fazendo as entregas semanais.

Ela procurou por sua própria casa, mas não a viu.

Em pouco tempo, a muralha de Seattle assomou à frente dele, curva, rústica e cinzenta acima das imediações dos Arredores. A Naamah Darling flutuou perto dela, e depois passou por ela, e começou uma trajetória ao seu redor.

Briar quase perguntou, mas Cly antecipou sua preocupação. — Esta época do ano — ele lhe disse — naves de transporte adequadas com negócios legítimos não chegam tão perto da cidade. Todos pegam a passagem norte ao redor e sobem pelas montanhas. Se dermos a impressão de que vamos mergulhar lá dentro, isso será notado.

— E então o quê? — ela perguntou.

— E então o que o quê?

— E se vocês forem notados, quero dizer? O que aconteceria?

Fang, Cly e Rodimer trocaram olhares que lhe disseram tudo.

Ela respondeu por eles. — Vocês não têm certeza, mas não querem mesmo descobrir.

— Mais ou menos — Cly disse olhando para trás. — O céu não é regulamentado como as estradas, não ainda. Tenho certeza de que esse dia vai chegar — mas por ora a única força que governa o ar está distraída com a guerra lá no leste. Eu já vi' uns dois navios oficiais, aqui e ali, mas eles pareciam vasos de guerra fugitivos para mim. Não acho que estivessem policiando nada ou ninguém. Temos muito mais a temer de outros piratas do céu, se você quiser saber a verdade.

— Vasos de guerra fugitivos... como o navio de Croggon Hainey? — ela perguntou.

— Como aquele, sim. Não sei ao certo que tipo de favor ele fez a si mesmo, roubando um brinquedo do lado perdedor, mas...

— Eles ainda não perderam — Rodimer interrompeu.

— Eles estão perdendo há uma década. A esta altura, seria melhor para todos que eles encontrassem um lugar tranquilo para se renderem.

Rodimer pressionou um pedal com o pé e usou as costas da mão para girar uma chave. — Fico besta como os Estados Confederados têm se segurado por tanto

tempo. Se não fosse por aquela ferrovia...

— E, eu sei. Se não fosse por um milhão de coisas eles teriam sido esmagados eras atrás. Mas ainda não foram, e Deus sabe o quanto tempo mais eles vão continuar resistindo por nada — reclamou Cly.

Briar perguntou: — Por que você se importa?

— Eu não me importo muito — ele disse a ela. — Só que eu gostaria de ver o país incorporar Washington, e gostaria de ver um dinheiro americano aqui em cima — talvez limpar essa sujeira na cidade de algum jeito. Não há mais ouro no Klondike, se é que ouve mesmo algum para começo de conversa, então não existe dinheiro suficiente para fazer com que eles se importem. — Ele apontou para a janela à sua direita, para a muralha. — Alguém devia fazer alguma coisa a respeito, e Cristo sabe que ninguém lá embaixo tem a menor ideia de como consertar isso tudo.

A cabeça do imediato balançou num semi-dar de ombros. — Mas até que ganhamos razoavelmente a Vida assim. Como muita gente.

— Existem maneiras melhores de ganhar a vida. Maneiras mais decentes.

— A voz de Cly tinha um tom engraçado de ameaça, e nem Briar nem Rodimer continuaram o assunto.

Mas Briar pensou ter entendido. Ela mudou o assunto. — O que o senhor estava dizendo a respeito de piratas do céu?

— Eu não disse nada a respeito de piratas do céu, a não ser que eles acontecem. Mas não tanto por aqui, não normalmente. Não existem muitas naves com coragem o bastante para descer tanto assim dentro do gás. Para alguns, estamos fazendo aos Arredores um favor retirando uma parte dele.

Você sabe, esse gás ainda está saindo do buraco. Ainda está enchendo a muralha, como uma grande tigela velha. O que nós tiramos do topo está só dando uma ajuda.

— A não ser pelo que se faz com ele — disse Briar.

— Isso não é comigo, e não é problema meu — replicou Cly, mas não parecia zangado com ela sobre isso.

Ela não respondeu porque estava cansada de discutir. — Estamos quase lá? — ela perguntou ao invés disso. A Naamah Darling estava reduzindo a velocidade e começando a se posicionar, flutuando sobre um segmento de muralha.

— Já estamos lá, Fang?

Fang se levantou de sua cadeira e desapareceu pelos degraus de madeira.

Alguns segundos depois ouviram um som de coisas grandes rolando ou mudando de lugar, e depois um leve afundar e um salto quando a nave encontrou seu equilíbrio. Quando a nave parou de balançar, Fang reapareceu na cabine.

Ele estava usando uma máscara de gás e luvas de couro tão grossas que mal conseguia mover os dedos.

Ele assentiu para Cly e Rodimer, que assentiu de volta. O capitão disse para Briar: — Você tem sua própria máscara, não tem?

— Tenho.

— Coloque-a.

— Já? — ela meteu a mão na bolsa e tirou-a de dentro. As tiras e fivelas eram desajeitadas e estavam emaranhadas, mas ela as afrouxou, endireitou e levou a coisa ao rosto.

-— Sim, já. Fang abriu as portas da doca do fundo e nos ancorou à muralha. O gás é muito pesado para subir muito rápido aqui em cima na nave, mas ele vai conseguir chegar através da cabine assim que começarmos a nos mover.

— Por que você está ancorado à muralha?

— Para nos manter estáveis. Eu já lhe contei sobre as correntes de ar.

Mesmo quando tudo está quieto, sempre existe a chance de que uma rajada agarre a nave e a jogue de encontro à muralha. Então o que fazemos é ancorá-la com uma corda de algumas centenas de metros. Depois nós a empurramos como se faz com um barco deixando o cais, lá na cidade propriamente dita. — Ele se soltou de sua cadeira e afastou a roda dos joelhos. O capitão se levantou, se espreguiçou e se lembrou de não se levantar totalmente, bem na hora em que já ia dar com a testa na janela.

— Então — ele falou — vamos abaixar os sacos vazios e levar os impulsores para força total. Os impulsores vão nos levar em disparada na direção da muralha, arrastando os sacos atrás de nós... e eles vão se encher direitinho, o mais rápido possível. A força extra irá nos erguer ainda mais, porque, como eu disse, o gás é mais pesado do que você pensa. Vamos precisar do impulso para subir tudo de novo.

Briar segurou sua máscara logo acima do rosto, já afivelada ao crânio mas erguida sobre os olhos para que ela pudesse falar. — Então basicamente vocês flutuam sobre o gás, soltam os sacos e voltam para a cidade num movimento do tipo estilingue.

— Basicamente — disse ele. — Então você tem tempo até nós terminarmos de flutuar. Depois vou segurar você sobre um dos tubos de ar. Você vai ter ou de

descer escalando ou escorregar. Eu recomendaria uma combinação das duas coisas. Estenda as mãos e os pés para reduzir a velocidade da queda. É um longo caminho de descida, e não faço ideia do que você vai encontrar no fundo.

— Nenhuma ideia? — ela estava segurando a máscara, e não tinha a menor vontade de se isolar do resto deles afixando-a ao rosto.

Ele coçou a cabeça e puxou uma grande máscara preta sobre o nariz e a boca. Enquanto apertava as tiras e a colocava corretamente, sua voz mudava para um sussurro alto e abafado: — Acho que se eu jogar você num tubo, há boas chances de que você acabe caindo em uma sala de bombeamento de ar. Mas não sei como essas salas são. Nunca vi uma de perto. Mas sei que é assim que eles levam o ar bom para lá... se é que se pode chamar esse ar de bom.

Rodimer havia colocado sua própria máscara sobre seu rosto redondo, deixando somente Briar desprotegida. Ela já podia sentir o cheiro da Praga, forte e amargo abaixo dela, e sabia que devia se proteger, por isso o fez logo.

Mas a máscara era terrível. Ela cabia, mas não muito bem. A vedação ao redor de seu rosto era muito apertada, e a máscara a assustou com seu peso, pendendo de sua testa e suas bochechas. Ela ajustou as tiras sobre seus cabelos, tentando evitar que eles puxassem os fios e a machucassem. Dentro, a máscara tinha cheiro de borracha e torrada queimada. Cada respiração era um pouco difícil, e tinha gosto ruim.

— Esta aí é o quê, uma velha MP80? — perguntou Cly, apontando para a máscara.

Ela balançou a cabeça afirmativamente. — Do tempo da evacuação.

— E um bom modelo — ele observou. — Você tem filtros de carvão extras para ela?

— Não. Mas estes dois nunca foram usados por muito tempo. Devem estar em boas condições.

— Vão servir bem por um tempo. Um dia inteiro se você tiver sorte. Espere um minuto. — ele enfiou a mão sob o console e puxou de dentro uma caixa cheia de discos redondos de tamanhos sortidos. — Qual é o tamanho dos seus?

— Dois e três quartos.

— Certo, temos alguns desses. Aqui, pegue alguns. Não são muito pesados, e podem lhe ser úteis num aperto. — Ele selecionou quatro e conferiu um contra o outro, e contra a pouca luz que vinha pelo para-brisa. Satisfeito com a qualidade deles, entregou-os para Briar. Enquanto ela os inseria na bolsa, Cly continuou a falar. — Agora escute, isto não vai proteger você pelos próximos dias — não

tenho o suficiente para proteger você assim. Você vai ter que encontrar alguns lugares selados com ar dentro. E eles existem lá, eu sei que sim. Mas não sei lhe dizer como encontrá-los.

Briar tornou a fechar a bolsa, batendo o queixo de sua máscara na clavícula quando olhou para baixo. — Obrigada — ela disse. — O senhor foi muito gentil, e eu agradeço. Quando estiver lá embaixo, eu pretendo ir para casa... quero dizer, voltar à minha antiga casa, apesar de não ter vivido lá muito tempo. Eu sei onde tem dinheiro, dinheiro de verdade, e todos os tipos de...não sei. O que estou querendo dizer é que vou fazer tudo para encontrar um jeito de recompensar o senhor.

— Não se preocupe — ele disse, e a voz dele era impossível de interpretar dentro da máscara. — E só ficar viva, certo? Estou tentando pagar um favor aqui, mas não vou considerar a dívida saldada se você entrar lá dentro e morrer.

— Farei o melhor que puder — ela prometeu. — Agora me mostre o caminho para fora, e deixe-me ir encontrar meu filho.

— Sim, senhora — ele disse, e apontou para as escadas abaixo. — Depois da senhora.

Era difícil descer com a máscara batendo contra cada degrau; e era duro ver através das lentes redondas e pesadas que cortavam toda a visão periférica de Briar. O cheiro já a estava deixando louca, mas ela não podia fazer nada a esse respeito, então tentou fingir que podia ver sem problemas, e podia respirar sem problemas, e que nada estava apertando sua cabeça como um torno.

Lá embaixo, no porão de carga, Fang estava soltando os blocos que serviam de travas para os grandes sacos em seus trilhos. Rodimer trabalhava na outra ponta do aposento, recolhendo os sacos flácidos tratados com borracha com os braços e puxando-os ao longo do trilho, levando-os até a porta aberta do porão.

Briar foi andando cuidadosamente até a beirada do buraco quadrado e olhou para o gás lá embaixo. Não havia nada para se ver, e isso a deixou chocada.

A janela no chão revelava uma neblina marrom que turbilhonava e soprava, obscurecendo tudo a não ser os topos dos edifícios mais altos. Não havia sinal das ruas ou dos quarteirões abaixo, e nenhuma pista de qualquer tipo de vida, a não ser pelo crocitar ocasional de um mero mal-humorado distante.

Mas quando olhou para mais longe, Briar viu detalhes minúsculos aqui e ali, entre as nuvens agitadas. As bordas de um totem despontaram por entre o gás e desapareceram. A torre de uma igreja perfurou a neblina feia e sumiu.

— Eu achei que você disse que havia tubos para respiração, ou...

E então ela viu. A nave estava parada ao longo dele, por isso. ela não teria visto se olhasse direto para baixo, mas apenas a um certo ângulo. O tubo era de um amarelo-vivo e estava recoberto de estrume de pássaro. Ele balançava para frente e para trás, mas na maior parte do tempo permanecia firme, sustentado por uma estranha estrutura de aspecto frágil presa ao redor dele como uma armação debaixo de uma saia. Briar não conseguia ver ao que essa estrutura estava presa, mas ela estava afixada contra alguma coisa sob as nuvens de neblina — talvez telhados, ou os restos de árvores.

A saída do tubo despontava acima do ar venenoso. Era grande o bastante para acomodar Briar e possivelmente uma segunda pessoa ao mesmo tempo.

Ela esticou o pescoço para ver, tentando encontrar o topo.

— Ainda precisamos subir um pouco — disse Cly. — Só mais um minuto. Vamos subir mais alguns metros, e depois estaremos perto o bastante para você mergulhar. O gás é denso. Ele vai nos empurrar um pouco mais longe antes de carregarmos.

— "Mergulhar" — ela repetiu, tentando não se engasgar.

O mundo girava embaixo dela, desolado, cego e sem fundo. E em algum lugar, escondido dentro dele, seu filho de quinze anos estava perdido e aprisionado, e não havia ninguém para descer lá e pegá-lo a não ser sua mãe. Mas ela tinha todas as intenções de encontrá-lo, e levá-lo no Corvo Livre em três dias.

Concentrar-se naquele objetivo e jurar que não era nada fora do normal não fazia muito para acalmar o horror de seu coração acelerado.

— Pensando duas vezes? — perguntou Rodimer. Mesmo através de sua máscara de gás Briar pensou ter ouvido uma nota de esperança na pergunta.

— Não. Não há mais ninguém para pegá-lo. Ele não tem mais ninguém.

— Mas ela não podia tirar os olhos do vórtice sombrio embaixo da nave.

Quando a Naamah Darling subiu, empurrada pelo gás metro a metro, o tubo de ar apareceu num foco mais claro. De onde estava, Briar podia ver vestígios de outros tubos despontando pela nuvem nojenta. Eles balançavam como as antenas de insetos gigantes ocultos na névoa, espetados com alfinetes e balançando lentamente contra as correntes sujas, mas permanecendo sempre eretos.

E então eles estavam acima da beira do tubo, bem em cima — o suficiente para que Briar pudesse agarrá-la. Ela estendeu uma das mãos para fora do porão de carga, e seus dedos seguraram a beira.

O tubo era áspero ao toque, mas estranhamente escorregadio. Briar achou que pudesse ser aniagem coberta com uma camada de cera, mas através das lentes

grossas da máscara ela não podia ver o bastante para perceber melhor.

O tubo era composto por anéis de madeira para manter seu formato, e esses anéis inchavam a intervalos de um metro e vinte, dando ao tubo o aspecto de um verme segmentado.

Finalmente a nave estava o mais alto a que conseguiria chegar, e a boca do tubo estava logo abaixo dela.

O capitão disse: — E agora ou nunca, Srta. Wilkes.

Ela respirou fundo, e isso doeu — puxar o ar, forçá-lo pelos filtros para entrar no seu peito. — Obrigada — ela disse para ele novamente.

— Não se esqueça: quando entrar, abra os braços e as pernas para diminuir a velocidade de descida.

— Não vou esquecer — ela disse. Acenou com a cabeça em despedida para Rodimer e Fang, e agarrou com força a borda do tubo.

Cly deu a volta pela porta quadrada do porão. Prendeu o pulso numa rede de carga e usou-a para se firmar. — Pode ir — disse a ela. — Estou segurando você.

Embora ele não a estivesse tocando, ela podia senti-lo atrás de si, braços abertos, sem a menor intenção de deixá-la cair onde ela não deveria. Então o braço livre dele girou para segurá-la pelo cotovelo.

Ela se inclinou de encontro a ele enquanto erguia a perna e a colocava sobre a borda do tubo. Com um pequeno impulso, ela deixou a Naamah Darling e o apoio do capitão solícito e caiu pouco mais de um metro até estar montada na parede do tubo. Briar abriu bem seus braços e pernas ao redor dele e se agarrou com força.

Ela fechou os olhos, mas voltou a abri-los, porque era melhor ver mesmo que a visão a deixasse com náuseas. O tubo não era tão firme quanto parecia, e ele se dobrava, sacudia e balançava. Muito embora os movimentos fossem lentos, eles estavam a uma altura impossivelmente grande. Cada fração de centímetro para um lado ou para o outro era o suficiente para deixá-la sem fôlego.

A bordo da Naamah Darling, três rostos curiosos espiavam pela porta do porão de carga.

Eles ainda estavam perto o bastante, e o capitão tinha braços compridos o bastante para que, se ela estendesse a mão e implorasse, eles ainda poderiam puxá-la de volta a bordo. A tentação era quase mais do que ela podia suportar.

Ao invés disso, um dedo trêmulo de cada vez, ela foi soltando a mão do tubo e se sentou ereta o suficiente para girar os quadris e passar a segunda perna por cima do tubo. Ela fez uma pausa ali por um momento, como se estivesse

entrando em uma banheira. Então, com uma última olhada para trás — rápida demais para mudar de ideia — ela avançou para o interior negro do aparato de ar fresco.

A mudança da luz do dia sombria e aquosa para a noite completa foi súbita e terrível.

Ela fez o melhor que pôde para estender os braços e pernas a fim de reduzir a velocidade da queda, mas logo percebeu que teria de usar uma das mãos para segurar a máscara enquanto caía, para que ela não fosse arrancada pela pura força da descida. Isso lhe deixava duas pernas e um braço para servir de lastro. Como três é menos estável do que quatro, Briar perdeu o equilíbrio e começou a cair de qualquer maneira, às vezes de cabeça, às vezes batendo com os joelhos e com os pés, na descida do tubo amarelo com seus anéis de madeira dura.

Ela não conseguia ver nada, e tudo o que sentia era duro, úmido, e passava em disparada. Enquanto ela caía, um som novo e separado dos demais começava a se tornar cada vez mais alto. Era difícil separá-lo no meio da calamidade que estava sendo a sua descida, mas ela podia ouvi-lo, um som de vento — indo e vindo, indo e vindo — como se um grande monstro esperasse de boca aberta e respirando no fundo.

Ela podia sentir que estava chegando perto desse fundo, embora não pudesse explicar como sabia. Mesmo assim, ela fez um último e desesperado esforço para frear a queda alucinada de seu corpo: cabeça para cima, pés para baixo, braço direito para fora, ambos os joelhos travados.

Ela finalmente conseguiu parar quando seus pés se prenderam num anel mais largo e grosso do que aqueles pelos quais ela havia despencado. O ar sugava suas roupas violentamente, e depois mudava de sentido — cuspia por muito tempo e com força, empurrava e puxava. Briar agradeceu aos céus por não estar vestindo saias.

Depois de uma rajada de dez segundos a corrente revertia, e então voltava a empurrar novamente.

Ela não conseguia ver nada no buraco negro como tinta sob seus pés, mas entre as enormes respirações do tubo ela ouvia maquinário roncando e enormes peças de metal se encaixando.

O ar ia e vinha com gemidos e assovios, inalando e exalando os cabelos de Briar, seu casaco, sua, bolsa. Seu chapéu arrastava atrás de sua cabeça como um balão, ancorado pelas amarras que o prendiam debaixo do queixo, sobre a máscara.

Ela não conseguia ficar ali em pé para sempre, mas não podia ver para onde

uma queda maior poderia levá-la. Uma série de ruídos metálicos como o encaixar e rolar de imensas engrenagens soava no mesmo ritmo da respiração: perto, mas não perigosamente perto, ela não achava. E, àquela altura, todo perigo era relativo.

No momento em que a corrente de ar começou a fazer o movimento de sucção, ela arriscou um pé para fora da borda e apoiou as costas contra o tubo. Começou a tatear com os pés, examinando a escuridão pelo toque. Não encontrou nada, então se abaixou mais um pouco. Os braços começaram a sentir a tensão com o peso do corpo, mesmo quando a sucção externa do tubo de ar tentou erguê-la e expeli-la.

Ela se deixou descer mais alguns centímetros, até ficar pendurada com os ombros e o nível do peito com o último anel duro, as pontas de suas botas penduradas sobre o vazio, sem encontrar nada. Agora ela podia alcançar o anel mais substancial com as pontas dos dedos, então soltou os cotovelos e se permitiu descer mais alguns centímetros.

Pronto.

Seus pés rasparam em algo suave. O movimento de investigação de suas botas balouçantes o empurrou de lado, somente para pousar novamente em mais uma coisa macia e pequena. O que quer que ela estivesse acariciando com a parte de baixo de seus pés estava repousando em alguma coisa firme, e saber isso era o bastante para deixar suas mãos exaustas se soltarem.

Ela caiu, apenas por um instante, e pousou de quatro.

Sob as mãos e os joelhos, coisas minúsculas se quebraram com uma centena de estalos abafados, e quando o tubo de ar tornou a exalar, ela sentiu pedacinhos de destroços flutuando nos seus cabelos. Eram passarinhos mortos — alguns deles mortos há muito tempo, pelo que ela pôde adivinhar pelos bicos quebradiços e asas decompostas e desmembradas que batiam com o ar em movimento. Ela ficou muito feliz por não poder enxergar.

Briar ficou imaginando por que os pássaros não explodiam através do tubo toda vez que o fluxo de ar mudava, mas explorando com as mãos e sentindo as rajadas, ela achou que talvez eles tivessem apenas se juntado ali, fora do alcance da força principal de sucção do tubo. Isso se confirmou quando ela tentou se levantar e bateu a cabeça em um beirai.

Seu lugar de parada era apenas um canto protegido onde detritos podiam se acumular. Ela estendeu as mãos, agachou-se para evitar bater a cabeça novamente, e saiu à procura dos limites da câmara.

As pontas de seus dedos pararam contra uma parede. Quando ela fez força

contra essa parede, ela cedeu um pouco, e ela percebeu que a parede não era de tijolos nem de pedra. Ela era mais espessa do que lona, mais parecida com couro. Talvez fosse feita de várias camadas coladas — isso ela não sabia dizer. Mas inclinou-se sobre ela, e continuou a procurar com as mãos, para cima e para baixo, procurando uma costura ou uma abertura.

Sem conseguir encontrar nada do tipo, ela forçou a cabeça contra a barreira e teve quase certeza de ter ouvido vozes. A parede era muito espessa ou o som muito distante para ela entender uma linguagem ou quaisquer palavras distintas, mas sim, eram palavras.

Ela disse a si mesma que era um bom sinal, que sim, que havia pessoas lá dentro da cidade e que elas viviam bem — então por que não Zeke também?

Mas ela não podia bater ou gritar, não ainda. Então ela ficou firme onde estava, naquele chão atulhado com os corpos de coisas aladas há muito mortas, e se esforçou para tentar saber mais sobre o que poderia aguardar do outro lado. Não podia ficar ali no cemitério de penas para sempre. Não podia fingir que estava segura. Então precisava agir.

Pelo menos ela estaria fora da escuridão.

Ela fechou os punhos e começou a socar a parede densa e ligeiramente flexível.

— Olá? — ela gritou. — Olá, alguém pode me ouvir? Tem alguém aí fora? Olá, olá — estou presa dentro desta... coisa. Tem alguma maneira de sair daqui?

Em pouco tempo, o ruído de moagem do aparato de inspiração e ex-piração diminuiu e parou, e então Briar conseguiu ouvir as vozes melhor, Alguém a havia ouvido, e havia conversas animadas do outro lado da parede, mas ela não sabia dizer se os que conversavam estavam zangadas, ou felizes, ou confusos, ou assustados.

Ela bateu os punhos na barreira sem parar, e continuou seu pedido alto e insistente até que uma linha de luz se abriu atrás dela. Ela girou, esmagando uma pequena carcaça sob seus pés, e levou a mão até a máscara. Por mais estreita que fosse, a faixa de branco queimou seus olhos como se fosse o sol.

A silhueta de uma cabeça quase nua apareceu iluminada por trás.

Uma voz de homem disse algo apressado e incompreensível. Ele acenou com a mão para Briar, mandando que ela saísse. Saísse do buraco onde os pássaros mortos se acumulam.

Ela tropeçou para a frente, na direção dele, os braços estendidos. — Me ajude — ela disse sem gritar. — Obrigada, sim? Por favor, me tire daqui.

Ele agarrou a mão dela e a puxou para a luz de um aposento repleto de fogueiras cuidadosamente controladas. Ela piscou repetidamente e apertou os olhos contra o brilho súbito de carvões e uma neblina de fumaça ou vapor, virando a cabeça para a esquerda e para a direita, tentando ver todos os cantos que a máscara cortava de sua visão.

Atrás dela e à esquerda, havia um imenso conjunto de foles — uma versão gigante do que poderia ser encontrado ao lado de uma lareira comum.

O fole estava preso a uma máquina elaborada com engrenagens que tinham dentes do tamanho de maçãs; e havia uma manivela para movimentar as engrenagens, presumivelmente para bombear os foles. Mas a manivela em si estava dobrada contra a lateral da máquina, repousando ali como se fosse apenas um meio secundário de movimentar o dispositivo.

Mais para o lado, uma fornalha maciça de carvão com um interior incandescente parecia a fonte de energia mais provável. Sua porta estava aberta, e um homem com uma pá estava parado em pé ao seu lado. Quatro tubos de materiais e desenhos variados iam e vinham dos poderosos foles: o escorregador amarelo pelo qual Briar havia descido, um cilindro de metal que estava ligado à fornalha, um tubo de tecido azul que desaparecia em outro aposento, e um cinza — que fora um dia talvez branco — que desaparecia de volta no teto.

Ao redor de Briar as vozes faziam perguntas em um idioma que ela não falava, e de todo lado mãos a apertavam, tocando seus braços e suas costas.

Parecia uma dúzia de homens, mas eram somente três ou quatro.

Eles eram asiáticos — chineses, ela imaginou, já que dois dos homens tinham as cabeças parcialmente raspadas com tranças iguais as de Fang, Cobertos de suor, vestindo aventais de couro compridos que protegiam suas pernas e peitos nus, os homens usavam óculos com lentes tingidas para proteger seus olhos das fogueiras nas quais trabalhavam.

Briar se soltou dos homens e recuou para o canto mais próximo que não tinha urna fornalha ou uma fogueira aberta.

Os homens avançaram, ainda falando com ela naquela língua que ela não conseguia decifrar, e Briar se lembrou de que tinha um rifle. Ela o sacou de suas costas e o apontou para o primeiro homem, e para o seguinte, e para o terceiro — de um lado e do outro — e para os dois homens seguintes que entraram no aposento para ver o que era toda aquela confusão.

Mesmo através do filtro de carvão em sua máscara, ela podia sentir a fuligem preenchendo todo o ar. Ela estava sufocada, muito embora aquilo não pudesse realmente estar sufocando-a, podia? E seus olhos lacrimejavam, embora não

pudessem de fato atingi-la.

Era muita coisa acontecendo muito rápido — os homens mascarados e faladores com seus fogos e suas pás, suas engrenagens e seus baldes de carvão.

A escuridão no aposento fechado e claustrofóbico era opressiva e brilhante ao redor das bordas dos carvões incandescentes e das chamas amarelas. Todas as sombras balançavam e tremiam. Eram afiadas e terríveis, e pareciam violentas destacadas contra as paredes e o maquinário.

— Fiquem longe de mim! — Briar gritou, mal conseguindo pensar que eles podiam não compreendê-la, ou sequer serem capazes de ouvi-la muito bem pela máscara. Ela brandia o rifle, girando-o e espetando o ar com ele.

Eles levantavam a mão e recuavam, ainda falando rápido, aos arrancos. Se falavam inglês ou não, pelo menos a língua da arma eles falavam.

— Como eu saio daqui? — ela exigiu saber, arriscando a chance de que alguém entendesse o idioma dela melhor do que conseguisse se comunicar nele. — Fora! Como eu consigo ir para fora?

Do canto, alguém gritou uma resposta de uma única sílaba, mas ela não conseguiu ouvir com clareza. Ela rapidamente virou a cabeça para vislumbrar a fonte e viu um sujeito mais velho com longos cabelos brancos e uma barba que terminava numa ponta pálida e emaranhada. Uma película branca cobria seus olhos. Briar pôde ver, mesmo na febre laranja e preta da sala dos foles, que ele era cego.

Ele levantou um braço magro e apontou para um corredor entre uma fornalha e uma máquina do tamanho de um carrinho. Ela não havia visto isso antes. Era apenas uma fatia negra da largura de uma gaveta, e parecia ser o único meio de entrada ou saída.

— Desculpe — ela disse a ele. — Desculpe — ela disse para o resto deles, mas ela não abaixou o rifle. — Desculpe — ela tornou a dizer ao se virar de lado e disparar para o corredor.

Ela correu para o espaço estreito. Depois de alguns metros uma coisa bateu no seu rosto, mas ela passou correndo e continuou como louca, para dentro de uma passagem melhor iluminada e cheia de velas enfiadas em nichos. Ela olhou pra trás e viu longas faixas de tecido tratado com borracha pendurado como cortinas, mantendo o pior da fumaça e das fagulhas do caminho mais brilhante.

Aqui e ali ela via janelas estreitas à sua esquerda, cobertas e tampadas com mais tecido tratado, papéis, piche e qualquer coisa que pudesse isolar e selar o gás terrível do lado de fora.

Briar estava ofegante dentro da máscara, lutando por cada respiração. Mas ela não conseguia parar, não quando poderia haver homens a caçando, não enquanto ela não sabia onde estava.

Parecia familiar, ela pensou. Não muito familiar — não um lugar muito visitado, mas um local que ela podia ter visto uma ou duas vezes em circunstâncias melhores, e céus mais claros. Seu peito doía, e seus cotovelos doíam um pouco pela descida no tubo amarelo.

Tudo em que ela podia pensar era sair, onde a saída pudesse estar, onde ela poderia levá-la, e o que ela poderia encontrar lá.

O corredor se abriu para um grande aposento que estava vazio, a não ser por barris, caixotes e estantes estocadas com toda sorte de coisas estranhas.

Havia dois lampiões também, um em cada ponta de um balcão comprido de madeira. Ela podia ver com mais clareza ali dentro, a não ser pelas bordas cortadas de sua visão periférica.

Por mais que tentasse apurar o ouvido, não conseguia ouvir ninguém seguindo atrás dela; então reduziu o passo e tentou respirar fundo enquanto olhava de um canto a outro nas caixas com seus rótulos de estêncil. Mas era difícil manter a calma. Ela forçou a exalação de ar pelos filtros e pela boca, mas não era o suficiente para satisfazê-la, não importava o quanto ela lutasse.

E ela não ousava retirar a máscara, não ainda — não quando seu objetivo era encontrar o caminho para as ruas, para o gás mais espesso. Ela leu os rótulos das caixas como as palavras fossem um mantra.

— Linho. Piche processado. Pregos de oito pence. Garrafas de dois quartilhos, vidro.

Atrás dela havia vozes agora, talvez as mesmas e talvez diferentes.

Uma grande porta de madeira com painéis de vidro bisotado havia sido reforçada e selada com grossas placas de piche preto. Briar tentou arrombá-la usando os ombros. Ela não cedeu, nem mesmo para gemer ou dobrar. A esquerda da porta, havia uma janela que havia recebido tratamento semelhante.

Ela estava coberta por folhas de madeira fina que haviam sido inteiramente seladas ao redor das bordas e ao longo de suas placas.

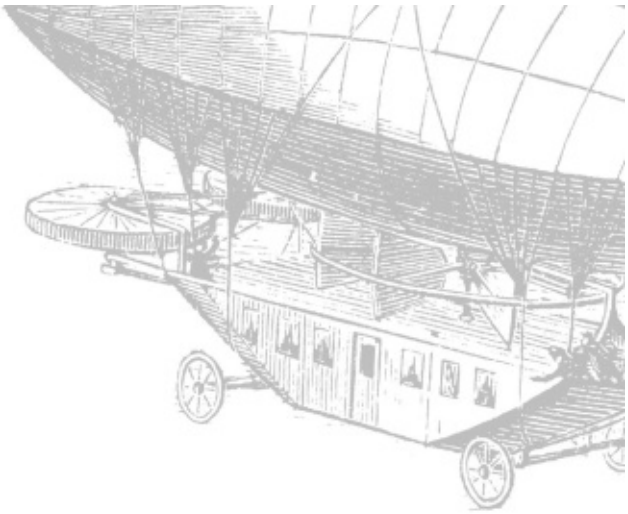
A direita da porta havia outro balcão. Atrás dele, havia escadas que levavam para mais escuridão abaixo, com ainda mais velas reluzindo acima delas.

Mesmo com todo o barulho que a pressão e o roçar da máscara contra seus cabelos provocavam, Briar podia ouvir passos. As vozes estavam ficando mais altas, mas não havia para onde correr nem se esconder. Ela podia voltar para o

corredor cheio de chineses que vinham em sua direção, ou podia descer as escadas e se arriscar com o que quer que pudesse estar esperando no fundo.

— Para baixo — ela disse para dentro da máscara. — Tudo bem, para baixo.

E ela desceu, meio tropeçando, meio escorregando, pelas escadas tortas que rangiam.



DEZ

Descendo pelo velho hotel ao lado da padaria, Zeke acompanhou Rudy e sua única vela fraca. Assim que chegaram ao porão, pegaram outro túnel cheio de canos e tijolos. Eles estavam descendo — Zeke podia sentir o piso se inclinando para baixo um pouco de cada vez. A descida pareceu levar horas. Ele finalmente se sentiu levado a perguntar: — Achei que estávamos subindo a colina, não?

— Vamos chegar lá — Rudy lhe disse. — E como eu falei, às vezes você precisa descer para poder subir.

— Mas eu achava que eles viviam em sua maioria em casas. Minha mãe disse que era apenas um bairro, e ela me contou sobre alguns de seus vizinhos. A gente fica passando por baixo de todos esses lugares grandes... esses hotéis e coisas.

— Não foi um hotel pelo qual acabamos de passar — disse Rudy. — pgj uma igreja.

— E difícil de dizer, olhando por baixo — reclamou Zeke. — Quando vamos poder tirar estas máscaras, hein? Achei que devia haver um ar limpo aqui embaixo em algum lugar. Foi isso o que meu camarada Rector me contou.

Rudy disse: — Shhh. Ouviu isso?

— Ouvi o quê?

Eles ficaram juntos, perfeitamente quietos, embaixo da rua e entre um túnel de

muros úmidos de mofo e lama. Acima, uma claraboia de placas de vidro que permitiam luz suficiente para se ver até o corredor abaixo, e Zeke ficou chocado ao concluir que já devia ser de manhã. Essas claraboias pontilhavam as câmaras subterrâneas, mas entre elas havia lugares em que a escuridão superava tudo, criando nichos em que os túneis eram escuros como tinta. Rudy e Zeke pisavam entre essas poças de escuridão como se as sombras criassem lugares seguros, onde ninguém poderia vê-los e nada pudesse tocá-los.

Aqui e ali, um gotejar de água pingava e espadanava na terra. Lá em cima, ouvia-se às vezes um chocalhar de algo que se movia bem longe, fora do alcance. Mas Zeke não ouvia nada mais perto.

— O que estou ouvindo? — ele perguntou.

Os olhos de Rudy se estreitaram atrás de seu visor. — Por um segundo ali, achei que alguém estava nos seguindo. Daqui a pouco vamos poder tirar nossas máscaras. Estamos seguindo...

— Ao longo da colina. E. Você disse.

— Eu ia dizer — grunhiu Rudy — que estamos seguindo na direção de uma parte da cidade em que há um pouco de ação. Precisamos passar bem no meio dela, e quando fizermos isso, vamos atingir os bairros selados. E aí você poderá tirar sua máscara.

— Então as pessoas ainda vivem lá, na colina?

— Sim. Claro que vivem. Sim — ele tornou a dizer, mas sua voz morreu e ele voltou a apurar o ouvido em busca de outra coisa.

— O que há de errado? São podres? — perguntou Zeke, e começou a procurar dentro de sua sacola.

Rudy balançou a cabeça e disse: — Acho que não. Mas tem alguma coisa errada.

— Tem alguém nos seguindo?

— Cale a boca — ele disse com raiva. — Tem alguma coisa errada.

Foi Zeke quem viu primeiro, o contorno deliberado que fluía para longe do trecho de sombra mais próximo onde nada podia ver e nada podia tocá-los.

Não era algo que se movia, mas antes se formava, a partir de uma forma vaga de aproximadamente seu próprio tamanho e ia se transformando em algo com bordas — algo com roupas, e o brilho branco de um botão captando a luz da próxima claraboia sobre suas cabeças.

A coisa assumiu um foco a partir dos sapatos para cima; ele detectou a curva de botas e as rugas amarrotadas de pantalonas e joelhos flexionados se endireitando

como se para ficar de pé. Os punhos de um paletó, a bainha de uma saia, e por último um perfil tão surpreendente quanto distinto.

Zeke ficou sem respiração, e isso foi aviso suficiente para Rudy girar no seu calcanhar bom.

O garoto achou que era estranha a maneira como seu guia levantou a bengala novamente como se fosse uma arma; mas então ele a apontou para a forma contra a parede e apertou algum mecanismo em seu cabo. A explosão resultante foi tão alta, violenta e destruidora quanto qualquer disparo de arma de fogo que Zeke já tinha ouvido — não que ele tivesse ouvido muitas.

O ruído ensurdecedor do disparo e do chumbo sacudiu o corredor, e o perfil mergulhou na escuridão. — Diabos! Disparei rápido demais! — ele praguejou.

Rudy acionou uma alavanca na bengala com o polegar e a bombeou, depois voltou a mirar, vasculhando a escuridão em busca do intruso, que não havia caído. Zeke fez o melhor que pôde para se esconder atrás do outro homem enquanto ele apontava para um lado, para outro, para frente e para os lados.

Zeke estava sem fôlego e meio surdo com a concussão da arma de fogo.

— Eu vi! — ele gritou. — Estava bem ali! Era um podre?

— Não, e cale a boca! Podres não...

Foi interrompido por um tilintar e o som de um metal afiado se cravando com força em tijolos esponjosos. Então ele viu, ao lado da cabeça de Rudy.

Uma lâmina minúscula com um cabo de couro havia se fincado muito próximo, tão próximo que, um ou dois segundos depois, a orelha de Rudy começou a sangrar lentamente.

— Angeline, é você, não é? — ele gritou. E depois disse mais baixo: — E agora eu estou vendo você melhor. Se você se mexer, vou te encher de furos, juro por Deus. Venha pra fora já. Venha cá pra fora onde eu posso te ver.

— Por que tipo de tola você me toma? — A pessoa que respondeu tinha uma voz estranha e um sotaque estranho. Zeke não conseguiu distinguir nenhum dos dois.

Rudy respondeu: — O tipo de tola que gostaria de viver mais uma hora.

E não fique de narizinho empinado pra cima de mim, Princesa. Você não deveria ter usado os botões de seu irmão se estava planejando lutar no escuro. Posso ver a luz brilhando neles — ele disse a ela. Mal ele acabou de pronunciar essas palavras e o paletó tremeluziu e caiu ao chão.

— Filha da puta! — Rudy deu um grito agudo e girou a bengala. Agarrou Zeke e o puxou para trás, para o trecho escuro seguinte onde não batia a luz do sol.

Ficaram ali encolhidos, apurando os ouvidos em busca de passos ou movimentos, mas não ouviram nada até que a outra pessoa disse: — Para onde está levando esse garoto, Rudy? O que vai fazer com ele?

Zeke achou que a voz dela parecia rouca, ou como se a garganta dela tivesse sido ferida de algum modo. Sua voz era espessa, como se suas amígdalas estivessem cobertas de alcatrão.

— Isso não é da sua conta, Princesa — ele disse.

Zeke tentou não perguntar, mas não conseguiu deixar de perguntar em voz alta: — Princesa?

— Garoto? — disse a mulher. — Garoto, se você tem um tiquinho de bom senso vai deixar esse velho desertor. Ele não vai levar você pra nenhum lugar que preste e nenhum lugar seguro.

— Ele está me levando pra casa! — Zeke insistiu para a escuridão.

— Ele está levando você para a morte, ou pior. Ele está levando você para o chefe dele, torcendo para conseguir trocar você por favores. E a menos que você viva sob a velha estação de trem que nunca existiu, então você não vai voltar para casa tão cedo, não tem como.

— Angeline, diga mais uma palavra e eu atiro! — Rudy declarou.

— Faça isso — ela provocou. — Ambos sabemos que esse velho pau de fogo não dá mais de duas rodadas ao mesmo tempo. Então dê outro tiro. Eu tenho lâminas suficientes para transformar você numa peneira, mas não vou precisar de tantas assim para impedir você permanentemente.

— Eu estou falando com urna princesa? — Zeke tornou a perguntar.

Rudy lhe bateu na boca com uma coisa firme e ossuda enrolada em tecido — Zeke imaginou que fosse um cotovelo, mas não conseguia ver e teve de supor isso. Sua boca começou a sangrar entre os dentes. Segurou o rosto e resmungou cada palavrão que conhecia.

— Caía fora, Angeline. Isto aqui não é de sua conta.

— Eu sei para onde você está indo, e esse garoto não sabe. Isso faz com que essa história seja da minha conta. Você pode vender a sua própria alma se é isso o que tem em mente, mas não arraste mais ninguém pra baixo com você. Não vou deixar. Especialmente não vou permitir que você leve esse garoto para a terra de ninguém lá embaixo.

— Esse garoto? — Zeke perguntou por entre os dedos. — Eu tenho nome, moça.

— Eu sei. É Ezekiel Blue, embora sua mamãe o chame de Wilkes. Eu ouvi

você dizer isso a ele lá no telhado.

Rudy praticamente gritou: — Eu estou cuidando dele!

— Você está levando ele para...

— Eu estou levando ele para um lugar seguro! Só estou fazendo o que ele pediu!

Outra faca sibilou pela escuridão, de uma sombra a outra, e parou tão perto de Rudy que ele soltou um grito. Zeke não a ouviu bater na parede atrás deles. Uma segunda faca se seguiu, mas ela se quebrou contra os tijolos. Antes que uma terceira fosse lançada, Rudy disparou, mas apontou para o alto em vez de para a frente, por acidente ou surpresa.

A viga de suporte mais próxima se partiu, cedeu e caiu... e a terra e a parede e tijolos vieram abaixo na sequencia.

O desabamento se espalhou por metros em cada direção, mas Rudy já estava de pé e usando sua bengala para se arrastar para a frente. Zeke se agarrou ao casaco do homem e seguiu cegamente na direção da próxima luz à frente — o próximo trecho onde o vidro cor de lavanda deixava o céu brilhar no subterrâneo.

Eles prosseguiram aos trancos e barrancos, e o teto afundou atrás deles, colocando meio hectare de terra e pedra entre eles e a mulher que havia surgido de dentro da escuridão negra como um túmulo.

— Mas acabamos de vir por este caminho! — Zeke protestou quando Rudy o puxou para a frente.

— Bem, agora não podemos ir pelo outro caminho, então vamos voltar e retraçar o caminho. Está tudo bem. É só vir comigo.

— Quem era aquela? — ele perguntou sem fôlego. — Ela era mesmo uma princesa? — Então, com uma nota de confusão sincera, ele aumentou a questão. — Ela era mesmo "ela"? Parecia homem. Mais ou menos.

— Ela é velha — Rudy lhe disse, reduzindo o passo para olhar para trás e ver apenas a passagem bloqueada atrás deles. — Ela é velha como as colinas, má como um picapau e feia como o pecado.

Fez uma pausa embaixo do próximo trecho de céu púrpura e se examinou, e foi então que Zeke viu todo o sangue. — Ela acertou você? — ele perguntou. Foi uma pergunta idiota e ele percebeu isso.

— Sim, ela me acertou.

— Cadê a faca? — Zeke quis saber. Ele ficou olhando para o rasgão pavoroso feito no ombro do casaco de Rudy.

— Eu a puxei lá atrás. — Ele meteu a mão no bolso e retirou a arma. Era afiada, e estava cheia de sangue. — Não faz sentido jogá-la fora. Acho que, se ela a jogou em mim e eu a peguei, é minha de direito.

Zeke concordou. — Claro. Você está bem? E para onde estamos indo agora?

— Eu vou viver. Nós vamos pegar aquele túnel logo ali — Rudy apontou. — Saímos por aquele, em nosso caminho. A princesa estragou nosso curso, mas vamos ficar bem se formos por aqui. Eu só queria evitar os chineses se pudesse, era só isso.

O garoto tinha tantas perguntas que não sabia dizer qual fazer primeiro.

Começou com sua pergunta original: — Quem era aquela moça? Ela era mesmo uma princesa?

Rudy respondeu de má vontade. — Ela não é moça; ela é uma mulher. E eu acho que ela é uma princesa, se você acha que os nativos têm algum direito à realeza.

— Ela é uma princesa indiana?

— Ela é uma princesa indiana tanto quanto eu sou um respeitado e altamente condecorado tenente. O que significa que ela até poderia solicitar a candidatura ao cargo... mas ao fim e ao cabo, ela não é. — Ele meteu o dedo no ombro e fez uma careta — com mais raiva do que dor, pensou Zeke.

— Você é tenente? De que exército? — ele perguntou.

— Adivinhe.

No intervalo de luz seguinte, Zeke olhou bem para as roupas de Rudy e mais uma vez notou os fósseis azuis-escuros de um uniforme. — Da União, eu acho. Azuis assim e tudo. E você não tem sotaque de nenhum homem do sul que eu já tenha ouvido, pelo menos.

— Bom, então você já sabe — ele disse sem fazer caso.

— Mas você não luta mais com eles?

— Não, não luto. Acho que eles tiraram uma boa parte do meu couro antes de me cuspirem fora. Como você acha que eu consegui ficar mancando assim? Por que você acha que eu ando com a bengala?

Zeke deu de ombros e disse: — Porque você não quer parecer que está armado, mas quer poder atirar nas pessoas mesmo assim?

— Muito engraçado — ele disse, e realmente pareceu que podia estar sorrindo. Depois de uma pausa que implicava que ele havia dado a Zeke toda a reação que estava planejando, continuou: — Levei estilhaços de canhão nas costas em

Manassas. Quase arrancou meu quadril. Eles me liberaram, e não olhei para trás.

Mas Zeke estava se lembrando do que Angeline havia lhe chamado, e forçou o assunto. — Então por que a moça o chamou de desertor? Você realmente desertou?

— Aquela mulher é uma puta mentirosa e uma assassina também. Ela é maluca, e tem um feudo bizarro com um homem para o qual eu às vezes trabalho. Ela quer matá-lo, mas não consegue, e isso a deixa louca. Então ela desconta no resto de nós. — Ele meteu a mão num nicho na parede e puxou uma vela, depois riscou um fósforo e explicou: — Não há clarabóias por aqui, não por um bom tempo. Não precisamos de muita luz, mas vamos precisar de um pouquinho.

— Como era? — perguntou Zeke, mudando de assunto ao seu bel-prazer. — Lutar na guerra, quero dizer?

Ele resmungou. — Era guerra, seu garoto burro. Todo mundo de quem eu gostava foi morto, e a maioria dos sujeitos que eu preferia ter matado sobreviveu com medalhas nos peitos. Não foi justo e certamente não foi divertido. E Jesus sabe que ela está demorando muito para acabar.

— Todo mundo diz que ela não deverá durar muito mais — Zeke repetiu algo que havia ouvido em algum lugar. — A Inglaterra está falando de tirar suas tropas do sul. Eles poderiam ter rompido o bloqueio há muito tempo, mas...

— Mas ele está voltando, um pouquinho de cada vez — concordou Rudy. — O Norte está sufocando eles devagar, e está ficando mais duro para todo mundo assim. Eu tenho muitos desejos sobre isso, mas você sabe o que dizem: "Se desejos fossem cavalos, então mendigo não andava a pé."

Zeke parecia confuso. — Nunca ouvi isso antes na minha vida, e não tenho certeza se entendi o que significa.

— Significa que você pode cuspir numa das mãos e desejar na outra, e todos nós sabemos qual das mãos vai encher mais rápido.

Pegou a vela e ergueu-a bem alto, quase alto o bastante para chamuscar o teto de vigas de madeira acima deles. Ao redor dos dois, o mundo era úmido e desolado. Acima, pés corriam aleatoriamente aqui e ali, ou para nenhum lugar em particular. Zeke se perguntou quanto aos pés, e se eles pertenciam aos podres ou a outras pessoas, mas Rudy não parecia saber — ou, se sabia, não queria falar sobre isso.

Em vez disso, continuou a falar sobre a guerra. Ele disse: — O que estou dizendo é que, se aquele general lá deles, aquele tal de Jackson, tivesse morrido

em Chancellorsville como acharam que ele ia morrer, então este negócio já teria acabado há alguns anos, e o Sul teria caído por terra muito mais cedo. Mas ele acabou se recuperando, e ele os manteve no jogo naquela frente. Aquele bastardo pode ser cego de um olho, não ter um braço e estar com cicatrizes demais pra ser reconhecido na rua, mas é um tático de primeira. Eu sei reconhecer isso.

Fez outra curva, desta vez para a esquerda, e subiu. Um pequeno lance de degraus deu em outro túnel, mais bem acabado — um túnel com claraboias, o que o levou a apagar sua vela e guardá-la num nicho de parede. Ele continuou: — E então, é claro, se a gente tivesse conseguido puxar aquela primeira ferrovia atravessando o país até Tacoma ao invés de deixá-la pegar a rota para o sul, eles não teriam tido um sistema de transportes tão bom, e isso teria tirado mais alguns anos do tempo de resistência deles.

O garoto assentiu e disse: — Está certo, já entendi.

— Ótimo, porque o que estou tentando dizer a você é que existem razões pelas quais a guerra está durando tanto tempo assim, e a maior parte dessas razões não tem nada a ver com a força com que o Sul tem lutado. É tudo acaso e circunstância. O fato é que o Norte tem muito mais gente para jogar no combate, e isso é tudo. Um dia, e talvez esse dia chegue logo, isso tudo vai ter um fim.

Depois de uma pausa, Zeke disse: — Espero que sim.

— Por que isso?

— Minha mãe quer ir para o leste. Ela acha que vai ser mais fácil para nós, assim que a guerra acabar. Mais fácil para nós do que aqui, de qualquer maneira. — ele chutou um pedaço solto de tijolo e ajeitou a bolsa sobre os ombros. — Viver aqui fora é... não sei. Não é bom. Não pode ser muito pior do que em outra parte.

Rudy não respondeu de saída. Mas depois ele disse: — Dá pra ver por que poderia ser duro pra você, e pra ela, claro. E tenho que me perguntar por que ela não levou você daqui quando você era menor. Agora você é quase um homem, e você vai ser capaz de ir embora por conta própria se for o caso. Estou quase surpreso que você não tenha tentado ser um soldado.

Zeke arrastou os pés, e então começou a andar num ritmo mais acelerado quando Rudy apertou o passo para subir uma rampa desconfortável. — Já pensei nisso — ele admitiu. — Mas... mas eu não sei como voltar para o leste, e mesmo que eu conseguisse pegar um dirigível ou entrar a bordo de um trem de suprimentos, não saberia o que fazer assim que chegasse lá. E, além do mais...

— Além do mais? Rudy olhou de volta para ele.

— Além do mais, eu não faria isso com ela. Às vezes ela... às vezes ela fica um pouco maluca e às vezes ela é realmente muito fechada, mas ela faz o melhor que pode. Ela tem tentado fazer o melhor possível por mim, e dá um duro danado para alimentar a nós dois. É por isso que eu tenho que fazer isto aqui rápido. Preciso pegar o que eu vim encontrar aqui e dar logo o fora.

Lá em cima, Zeke pensou ter ouvido um som de conversação — mas estava longe demais para que ele pudesse compreender qualquer coisa. — O que foi isso? — ele perguntou. — Quem está falando? Será que a gente precisa ficar quieto agora?

— Devemos sempre ficar quietos — disse Rudy. — Mas sim. São chineses. Vamos evitá-los se pudermos.

— E se não pudermos?

A única resposta de Rudy foi começar a recarregar enquanto dava passos mancando. Assim que travou sua arma na posição, voltou a usá-la como bengala. Ele disse: — Você ouviu isso lá em cima? Esse ruído de ar, como uma grande rajada de vento indo e vindo?

— Claro que sim.

— Essas são as salas das fornalhas e os foles. Os chineses fazem com que eles funcionem; são eles quem mantêm o ar daqui bom e limpo. Eles o bombeiam aqui para baixo lá do alto, por estes grandes e velhos tubos que fizeram. É alto, quente e sujo, mas eles mantêm mesmo assim, Cristo sabe por quê.

Zeke tentou adivinhar: — Para que eles possam respirar?

— Se eles quisessem respirar, tudo o que teriam que fazer era ir para algum outro lugar. Mas não foram. Eles ficam aqui, e mantêm o ar bombeado até os blocos selados, e em pouco tempo você será capaz de tirar essa máscara. Eu sei que estas coisas não são muito confortáveis, e lamento mesmo. Achei que a esta altura já estaríamos numa região segura, mas aquela piranha maldita tinha que... — Ele não terminou o pensamento, mas esfregou o ombro. O sangramento havia parado e a ferida secara, deixando uma gosma grudenta.

— Então você não gosta deles, e não podemos confiar neles?

Rudy disse: — Resumindo, sim. Não faz o menor sentido para mim por que eles simplesmente não voltam para casa, para suas mulheres e seus filhos. Não consigo entender por que eles ficaram por aqui esse tempo todo.

— As mulheres e... Então são todos um bando de homens?

— Em sua maioria, mas ouvi dizer que eles tem um ou dois garotos ali dentro agora, e talvez umas duas velhas que lavam roupas e cozinham. Como isso

aconteceu, não sei lhe dizer... porque elas certamente não deviam estar aqui. Foi sancionada uma lei, anos atrás. Ela evitava que eles continuassem trazendo suas famílias da China pra cá. Esse pessoal procria que nem coelho, juro por Deus, e eles estavam tomando o oeste. Então o governo achou que assim seria fácil evitar que eles se instalassem. A gente não se importa que eles venham trabalhar aqui, mas não queremos sustentar eles.

Zeke tinha algumas perguntas a esse respeito, mas tinha a sensação de que não deveria fazê-las, então não as fez. Ao invés disso, disse: — Está certo. Acho que entendi. Mas se eles fossem embora, quem bombearia o ar limpo?

— Ninguém, eu acho — Rudy foi forçado a admitir. — Ou alguém. Eu suponho. Minnericht pagaria a alguém, provavelmente. Diabo, não sei.

Aquele nome novamente. Zeke gostava das consoantes dele, do jeito como elas rolavam em sua língua quando ele o pronunciava. — Minnericht.

Você nunca me disse quem é ele.

— Mais tarde, garoto — disse Rudy. — Fique quieto por enquanto.

Estamos chegando perto de Chinatown, e os homens aqui não querem nada conosco. E nós não queremos nada com eles. Vamos dar a volta do outro lado da sala das fornalhas deles. É muito alto lá, mas esses filhos da puta têm ouvidos que nem uma águia tem olhos.

Zeke tentou muito ouvir. Ele conseguia captar, sim, ali no fundo — abafado pela terra ao redor deles e pelas ruas acima deles — um som de ar soprando que era grande e lento demais para ser uma respiração. E o som de conversa que ele havia ouvido... ao se aproximarem, ele percebeu por que não conseguia entender nada. Era um idioma que ele não entendia, e as sílabas nada significavam para ele.

— Por aqui. Venha.

O garoto se mantinha perto de seu guia, que parecia às vezes estar mar-cando passo. — Você está bem? — Zeke sussurrou para ele.

E Rudy disse: — Meu ombro dói, só isso. E meu quadril dói também, mas não dá pra fazer merda nenhuma a esse respeito agora. Por aqui — ele repetiu seu mantra. — Venha.

— Se você está ferido, será que você pode mesmo me levar lá até Denny...

— Eu disse, venha.

Ao redor dos aposentos principais eles se esgueiraram, seguindo por corredores que iam em paralelo ou por baixo dos sons sacolejantes da fábrica dos trabalhadores. — Não muito longe — Rudy disse a Zeke. — Assim que

chegarmos ao outro lado, estaremos livres.

— Para chegar à colina?

— Foi isso o que eu lhe falei, não foi?

— Sim, senhor — murmurou Zeke, embora não tivesse sentido pela alteração da terra que estavam indo para algum ponto — não realmente. Eles estavam descendo, mais fundo e mais longe do que ele achava que deveria estar viajando. Eles andaram descendo ainda mais, e ao longo da muralha da margem do oceano ao invés de mais para o centro da cidade.

Mas agora ele se sentia aprisionado, e não sabia que outro curso tomar, portanto concluiu que continuaria. Ele continuaria até se sentir ameaçado demais para fazer alguma outra coisa. Esse era seu plano inteiro.

Rudy levantou um dedo até o fim de sua máscara, e estendeu a mão que segurava a bengala como se quisesse que Zeke parasse e ficasse em silêncio.

Uma urgência no gesto conseguiu manter o garoto parado enquanto ele esperava para compreender que perigo aguardava no canto.

Quando ele esticou o pescoço para ver, ficou aliviado. Um jovem chinês estava curvado sobre uma mesa repleta de lentes, alavancas e tubos. Ele estava de costas para a entrada do corredor onde Zeke e Rudy estavam. Seu rosto estava voltado para baixo, muito concentrado em algo que os dois intrusos não podiam ver.

A mão de Rudy fez um gesto feroz que disse a Zeke para manter sua posição e não deixá-la sob pena de morte. Era incrível o quanto ele conseguia transmitir com apenas alguns dedos.

Zeke viu Rudy enfiar novamente a mão no bolso e puxar a faca que a princesa havia atirado em seu braço. A lâmina não estava mais úmida, mas sob o sangue seco ela faiscava na mão de Rudy.

O homem à mesa vestia um avental comprido de couro, e parecia corcunda. Usava óculos e era careca como um ovo, exceto por aquele longo rabo-de-cavalo. Podia ser velho o bastante para ser pai de alguém, em algum lugar. Enquanto Zeke olhava o homem, ocorreu-lhe que aquele homem poderia não ter o menor interesse em fazer mal a alguém.

Mas isso não lhe ocorreu a tempo de dizer alguma coisa. Mais tarde, ele se perguntaria: ainda que ele tivesse pensado em gritar... ele teria feito isso?

Mas não pensou.

Rudy se esgueirou atrás do homem mais baixo, agarrou-o e passou a borda afiada da lâmina em sua garganta enquanto seu braço bom cobria a boca do

homem. O chinês lutou, mas o ataque havia sido rápido.

Em sua luta, eles giraram e rodopiaram como dois homens dançando uma valsa. Zeke ficou estupefato ao ver a quantidade de sangue. Pareciam litros e litros, jorrando numa cascata rubra que corria de um lóbulo a outro. Enquanto os homens rodavam e giravam, eles lançavam o sangue em jatos, e cobriam as lentes, alavancas e tubos.

Zeke desabou contra a parede, as costas na moldura da porta e as mãos cobrindo a própria boca para mantê-la quieta. Quando ele pressionou ali, lembrou-se do ferimento do cotovelo de Rudy e as gengivas voltaram a sangrar.

Por um momento, pensou que podia sentir o gosto do sangue cor de cobre que manchava o avental de couro do homem e o chão, deixando pegadas sujas nas tábuas, mas então se lembrou que era apenas sua própria dor, em sua própria boca.

Saber isso não mudou sua impressão macabra, e não o deixou com menos vontade de vomitar.

Mas ele estava usando uma máscara, e tirá-la significaria morte certa por sufocação. Então ele engoliu o impulso, e a bile, e suprimiu a necessidade de ejetar algum terrível resíduo de seu corpo.

E então, quando o cadáver caiu mole nas mãos de Rudy, e Rudy o chutou para baixo da mesa onde o chinês havia tão recentemente trabalhado, Zeke reparou que ele não usava máscara.

— Ele... — Zeke engasgou em seus próprios fluidos.

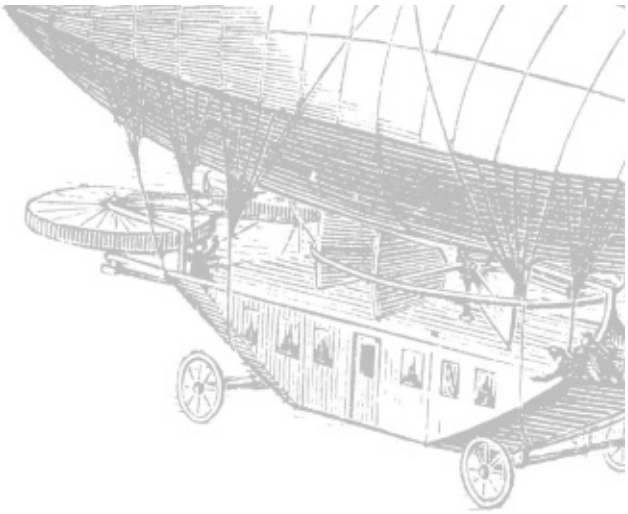
— Não vá ficar mole comigo agora, garoto. Ele teria nos entregado tão rápido quanto teria dito "Olá". Aprume-se. Precisamos sair daqui antes que alguém note o que fizemos.

— Ele... — o garoto tentou novamente. — Não estava... não tinha... não está usando...

— Máscara? — Rudy completou. — Não, não estava. E já vamos tirar as nossas daqui a pouco. Mas ainda não. Podemos ser apanhados na superfície antes do fim da nossa viagem. — Ao se dirigir correndo para a próxima porta, ele sussurrou: — E melhor tê-las e não precisar delas, do que precisar delas e não tê-las.

— Certo — disse Zeke, e ele disse isso mais uma vez para ter alguma coisa em sua boca que não fosse vômito. — Certo. Eu estou... eu estou bem atrás de você.

Rudy disse: — Bom garoto. Agora fique perto de mim.



ONZE

No pé das escadas, Briar encontrou um salão em grande parte vazio, com um piso que estava afundando abaixo de suas fundações originais.

Ele estava cedendo e entrando em colapso, trinta centímetros ou mais no centro do aposento e alguns centímetros ao longo de suas margens. Lá embaixo, havia carvão estocado em grandes carros de mineração que haviam sido trazidos diretamente até aquele local através de um túnel cortado nos tijolos.

O túnel era surpreendentemente bem iluminado, e como nenhuma outra direção lógica se apresentava, Briar abriu caminho na direção dos carros sujos do negro de sua carga.

Não havia trilhos no túnel, mas o chão havia sido bem batido e pavi-mentado com pedras em diversos lugares para que os carros pudessem ser empurrados — possivelmente com o auxílio de maquinário, ou foi o que Briar inferiu a partir das correntes e das manivelas ancoradas às paredes e aos pisos.

De uma viga a outra, longos segmentos de corda com nós estavam pendurados bem no alto, e, da corda, lampiões de vidro pendiam em gaiolas de aço.

Como se fosse uma trilha de migalhas de pão, Briar seguiu a corda o mais rápido que pôde. Ela ainda segurava o rifle de Maynard, pronto para ser erguido ou disparado, mas na maior parte do tempo ele ficava pendurado embaixo do braço enquanto ela corria. Ela não viu mais ninguém indo ou vindo, e se os chineses a estavam seguindo, a estavam seguindo em silêncio.

Não havia nada parecido com rumor de pés ecoando atrás dela, e nada parecido com vozes, tosses ou risos vinha de onde ela tinha saído.

Talvez uns cinquenta metros abaixo, sob a fileira de fossem lá quais fossem os negócios que ocupavam o quarteirão, o túnel se dividia em quatro direções, cada qual recoberta pelas mesmas abas compridas de couro ou tratados com borracha que haviam coberto o corredor do lado de fora da sala dos foles.

Ela afastou as abas bem de leve, apenas o bastante para olhar do outro lado.

Duas das direções estavam iluminadas; duas, escuras. Um dos corredores brilhantes ecoava com o som de uma discussão. O outro estava em silêncio.

Ela tomou apressadamente o caminho da passagem iluminada mais quieta e torceu pelo melhor. Mas, cinco metros depois, a passagem acabava, dando num portão que poderia ter contido uma manada de elefantes.

O portão saía do chão onde sua base havia sido enterrada em algum ponto muito abaixo, e muito fundo, para mais do que mera aparência. Ele se inclinava em um determinado ângulo com as pontas afiadas de suas grades superiores. Do outro lado do portão inclinado, Briar viu urna parede de madeira bem construída envolta com arame farpado. As tábuas tinham o aspecto de que antes haviam estado no chão, servindo de suportes para amarração de trilhos de ferrovia, mas havia uma trava horizontal onde um imenso braço de madeira poderia ser levantado e abaixado — e, quando Briar foi olhar mais de perto, viu rachaduras onde uma porta havia sido cortada, ou pressionada, ou encaixada no lugar.

Ela agarrou o portão, sentindo suas barras até os dedos esbarrarem numa fechadura. Ela não estava trancada, apenas presa no lugar, o que a tornava fácil de deslocar.

Ela segurou a trava e puxou, mas a porta não cedia.

Então ela empurrou. A porta se abriu para frente com um grunhido, e uma baforada de ar adentrou a câmara subterrânea. Briar não precisava sentir o cheiro do gás através da máscara ou olhar através de seu fragmento de lente polarizada para saber que ele estava lá.

Do outro lado, ela achou um lance de escadas de pedra. As escadas levavam para cima e para fora, mas não voltavam a descer mais.

Ela não se deu tempo para mudar de ideia ou procurar outro caminho. Lá em cima na rua ela poderia se situar melhor. Colou-se a uma parede e se espremeu para passar por uma porta de madeira que dava para, a escadaria.

Usou o traseiro para fechar a porta e voltou a levantar o rifle, forçando as mãos para se firmar e sua atenção para se concentrar, pois ali estava ela, dentro de

Seattle propriamente dita. Dentro da muralha, com as terríveis coisas que estavam aprisionadas dentro dela, e pessoas terríveis, também, até onde ela sabia.

O rifle fazia com que ela se sentisse melhor. Ela o apertou com força e agradeceu silenciosamente ao seu falecido pai pelo seu gosto por armas de fogo.

Subindo as escadas, ela não conseguia ver uma coisa sequer, a não ser um retângulo cinzento bem destacado, e esse cinza não era sequer o cinza do dia.

Era o crepúsculo permanente imposto pela alta da muralha, sua sombra bloqueando até mesmo a luz do sol fraca e pintalgada que aparecia por algumas horas todos os dias durante o inverno.

— Que rua é esta? — Briar se perguntou. Sua própria voz não lhe trazia muito mais conforto do que o rifle. — Que rua?

Havia alguma coisa estranha na porta, ela pensou, mas não lhe ocorreu até passar por ela que não havia trava externa, maçaneta ou sequer uma fechadura.

Era uma porta projetada para manter pessoas do lado de fora, a menos que elas tivessem a permissão daqueles que já estivessem protegidos lá dentro.

Isso quase provocou nela um instante de pânico, ao perceber que agora, mesmo que precisasse, não poderia recuar. Mas recuar não fazia parte do plano, de qualquer maneira.

O plano era subir. O plano era chegar até a rua, buscar marcadores de ruas, descobrir onde estava, e em seguida se dirigir para...

Para onde? Bem. Sempre havia a chance de ir para casa.

A casa subindo a colina não havia sido sua casa por muito tempo, apenas alguns meses; e já que agora ela sabia que havia gente dentro da muralha, ela podia apostar com segurança que a casa havia sido saqueada e a maior parte de suas coisas de valor levada. Mas poderia ter sobrado algo de útil. Leviticus havia feito tantas máquinas, e havia escondido tantos de seus melhores dispositivos favoritos em curiosos aposentos secretos trancados que poderiam ter passado despercebidos.

E além do mais — ela não sabia nada a respeito dos planos de Ezekiel, exceto que ele havia querido ver os laboratórios de seu pai e procurar provas de inocência neles.

Será que Ezekiel sequer sabia onde ficava a casa?

Briar achava que não; mas, até aí, ela também achava que ele não ia conseguir entrar na cidade, e ela havia errado muito nesse ponto. Ele era um garoto que sabia se virar; isso ela tinha de admitir. O curso de ação mais inteligente que ela

podia tomar era simplesmente supor que ele havia conseguido.

Enquanto espreitava ao pé da escadaria de pedra lascada, ali na escuridão como se estivesse sentada no fundo de um poço, Briar lentamente voltou a respirar com calma e encontrou seu equilíbrio psíquico. Ninguém empurrou a porta e a descobriu. Nem um som chegou aos seus ouvidos — nem mesmo o clangor da máquina funcionando no prédio às suas costas.

Isso até que poderia não ser tão ruim.

Esticou um pé para a frente e o colocou silenciosamente no degrau mais próximo. O segundo degrau foi subido com igual lentidão e silêncio.

Enquanto sua visão periférica prejudicada pela máscara permitiu, Briar viu a porta atrás dela encolher enquanto subia.

Ela havia ouvido histórias a respeito dos podres, e vira alguns deles nos primeiros dias depois que a Praga irrompeu, mas quantos poderiam ter sido deixados dentro da cidade? Certamente em algum ponto eles iriam morrer, ou fracassar, ou se decompor, ou simplesmente sucumbir aos elementos. Eles devem estar em condições horríveis, e fracos como filhotes de gatos se ainda estivessem se arrastando ou cambaleando.

Ou era isso o que ela dizia a si mesmo enquanto subia as escadas.

Dobrando os joelhos para se agachar, ela manteve a cabeça abaixo do primeiro degrau da escadaria até o último momento possível, e aí esticou o pescoço para ver sem se expor ao que quer que pudesse estar esperando no lado de cima.

Mais escura do que clara, a cidade não estava tão desolada que precisasse de luz, mas não demoraria muito para que as sombras espessas como alcatrão, das paredes e dos tetos, lançasse toda aquela cena numa meia-noite precoce.

A rua ao nível dos olhos de Briar estava em ruínas, escorregadia e lamacenta por causa da água da chuva e dejetos da Praga. Seus tijolos estavam rachados e espalhados por toda parte. Toda a superfície era irregular e cheia de solavancos, e estava atulhada de destroços. Havia carrinhos virados e quebrados; a maioria dos cadáveres desmembrados e há muito decompostos de cães e cavalos estavam espalhados em pilhas de ossos grudentos, ligados frouxamente por tecido verde-acinzentado esponjoso.

Briar girou a cabeça lentamente para a esquerda, depois para a direita. Ela não conseguia ver longe em nenhuma direção.

Entre a penumbra e o ar espesso e concentrado, não era possível discernir mais do que um quarteirão de cada vez. Para que lado as ruas iam, não era possível dizer. Norte e sul, leste e oeste, nada disso significava nada sem o sol para

conseguir adivinhar.

Nem mesmo a mais tênue rajada de ar mexia com os cabelos de Briar, e ela não conseguia ouvir a água, nem os pássaros. Um dia ali contaram-se pássaros aos milhares, a maioria dos quais corvos e gaivotas, todos cantando tão alto. Juntas, as tribos faziam um poderoso tumulto de penas e grasnidos, e o silêncio sem elas era estranho. Sem pássaros, sem gente. Sem máquinas ou cavalos.

Nada se movia.

Avançando com a mão esquerda estendida, Briar foi se esgueirando para fora de seu buraco com pés em solados de couro que não faziam um som para perturbar o silêncio perturbador.

Finalmente ela estava a céu aberto, colada ao prédio ao lado das escadas.

O único som era o farfalhar de seus próprios cabelos contra as faixas e laterais da máscara facial, e quando ela desistiu de se mexer, até mesmo esse vestígio fraco de ruído cessou.

Ela estava em pé no alto de uma encosta, e dali dava para ver um lugar colina abaixo onde a inclinação da encosta aumentava bruscamente — caindo a ponto de sumir de vista. Nas laterais da queda, ela podia ver barraquinhas cheias de latões vazios. E, mais para o lado, enquanto Briar explorava a cena com seus olhos, via os restos de um sinal meio derrubado de um enorme relógio sem ponteiro algum.

E aquilo ali devia ser... — O mercado. Estou perto da Rua Pike.

Ela quase disse aquilo em voz alta, mas apenas pronunciou a observação baixinho. A rua terminava como um beco sem saída no mercado, e do outro lado do mercado ficava o Estreito — ou teria ficado, se a muralha não tivesse cortado a linha da costa dele.

O prédio às suas costas devia estar de frente para a Avenida Comercial, a rua que um dia correu paralela ao oceano e agora corria paralela à muralha.

Ao longo dos próximos quarteirões, qualquer uma das ruas que seguisse em paralelo à Pike a levaria basicamente na direção que ela havia escolhido.

Ela seguiu colada ao edifício, apontando rifle e olhos para um lado e para outro da rua à medida que ia se esgueirando de lado. Respirar dentro da máscara não havia ficado mais fácil, mas ela estava ficando acostumada a isso e, de qualquer maneira, não havia alternativa. Seu peito estava machucado pelo esforço extra que seus músculos estavam fazendo para encher e esvaziar os pulmões, e num dos cantos de sua lente esquerda, a visão estava ficando embaçada de condensação.

Subindo devagar a colina, ela foi se afastando aos poucos da muralha, que já nem conseguia ver. Briar sabia que a sombra cinzenta e enorme dela chegava até o céu, mas ela desapareceu de vista muito rapidamente e era fácil de esquecer, especialmente quando ela lhe dava as costas.

Infinitos cálculos passaram pela sua cabeça. A que distância ela estava da casa cor de lavanda sobre a colina? Quanto tempo ela levaria para chegar até lá se corresse? E se andasse? E se ela ficasse se esgueirando assim, espremida por entre os tentáculos de neblina baixa e fedorenta?

Ela dobrou a bochecha, tentando sacudir a condensação e fazer com que ela se agrupasse ou rolasse para o lado.

Não deu certo. O vapor se agarrou à máscara.

Ela suspirou, e um segundo suspiro provocou um eco esquisito.

Confusa, ela balançou o rosto. Deve ter sido um truque das alças, ou a forma como a máscara estava encaixada ao redor de sua testa. Poderia ter sido seu cabelo, roçando na parte externa. Poderiam ter sido suas botas, raspando inesperadamente contra um piso de pedras lascadas. O som poderia ter vindo de qualquer lugar. Não chegava nem mesmo a ser um som.

Seus pés não se moviam. Nem seus braços, nem suas mãos, fechadas sobre o rifle. Nem mesmo seu pescoço se movia direito, para que ela não recriasse aquele ruído, ou não. A única coisa pior do que ouvi-lo novamente seria ouvido e saber que ele não havia vindo de seus próprios movimentos cuidadosos.

Tão devagar que nem seu sobretudo comprido chegou a bater contra suas pernas, Briar recuou, sentindo o caminho com os calcanhares, rezando para que não houvesse nada atrás dela. Seu calcanhar encontrou uma sarjeta, e ali parou.

Ela subiu no meio-fio.

O som retornou. Ele era composto de um assovio, e de um gemido. Era quase um sibilar, e podia ter sido a perda de ar que se sucede a um estrangu-lamento. Acima de tudo, era um som bem baixinho, e parecia não ter fonte.

Aquilo sussurrava.

Briar tentou localizar o som, e decidiu, agora que o havia ouvido novamente e podia ter certeza de que não o havia imaginado, que ele havia vindo de algum lugar à sua esquerda, na direção da muralha. Estava vindo das barraquinhas de rua onde nada mais era comprado ou vendido há quase dezesseis anos.

O sussurro se elevou até virar um zumbido, e depois parou.

Briar também parou — ou teria parado, se já não o tivesse feito. Ela queria ficar ainda mais paralisada, se tornar inaudível e invisível, mas não havia onde

se esconder — não em seu campo de visão imediato. As barraquinhas velhas estavam atrás dela. Todas as portas estavam bloqueadas com tábuas, e todas as janelas também haviam sido cobertas da mesma forma. A esquina de um edifício de pedra espetou seu ombro quando ela se inclinou, afastando-se ainda mais do mercado.

O ruído parou.

Esse novo tipo de silêncio era ainda mais aterrador que o antigo, que era simplesmente vazio. Agora era pior, porque a paisagem enevoada, e toda cheia de obstáculos não estava simplesmente silenciosa. Agora ela estava prendendo a respiração, e apurando os ouvidos.

Briar tirou a mão esquerda do rifle e a levou para trás até tocar a esquina.

Ao encontrá-la e senti-la, ela foi se guiando até chegar ao outro lado do edifício. Não era proteção de verdade, mas a colocava fora da linha de visão do mercado.

A máscara estava ficando mais apertada em seu rosto. A condensação em um dos lados a estava distraindo, e o cheiro de borracha e torrada sufocava sua garganta.

Ela precisava espirrar, mas mordeu a língua até a vontade passar.

Virando a esquina, o farfalhar que o resfolegar sussurrante fazia, quebrava a tranquilidade.

O ruído parou, e depois recomeçou mais alto. E em seguida a ele se juntou um segundo som semelhante a tosse, e um terceiro, e depois já eram ruídos demais para se contar.

Briar queria fechar os olhos e se esconder dos ruídos, mas não podia perder um momento sequer para dar uma espiada do outro lado do prédio e ver o que estava fazendo toda aquela cacofonia, porque ela estava aumentando. Ela não podia fazer nada a não ser fugir.

O meio da estrada estava desobstruído em sua maior parte, então foi para lá que ela foi, driblando os carrinhos virados e pulando por cima de pedaços inteiros de paredes derrubadas pelo terremoto que haviam caído em cima da rua.

O silêncio não era mais uma opção.

Os pés de Briar começaram a bater com força nos tijolos, e seu rifle batia sem parar nos seus quadris enquanto ela descia veloz a colina, muito embora a intenção tivesse sido ir na direção oposta. Ela não podia subir a colina; não tinha ar o bastante para lutar com mais força. Então tinha de ser para baixo.

Colina abaixo, mas não — ela pensou num lampejo de esperança —

estritamente a direção errada. Ela estava correndo em paralelo à muralha, e em paralelo à água atrás dela. Ela deixaria a Comercial para trás, isso era certo — mas a avenida flanqueava a colina de qualquer maneira, e ela podia seguia-la até onde precisasse.

Arriscou um olhar, e depois mais outro, e depois parou de tentar, porque estava terrível, mas terrivelmente errada — e eles estavam se aproximando rápido.

Aquelas duas rápidas olhadas haviam lhe dito tudo o que ela precisava saber: corra, e pelo amor de Deus, não pare.

Eles não estavam exatamente em seus calcanhares. Estavam dando a volta ao quarteirão em ridículos passos claudicantes que eram assustadoramente rápidos apesar do manquitolar desajeitado. Mais nus do que vestidos, e mais cinzentos do que apresentando a cor adequada da carne dos vivos, os podres avançavam se arrastando num compasso que os fazia tombarem uns sobre os outros como se fossem uma onda. Eles rolavam para a frente, sobre tudo, passando por cima de tudo, ao redor de tudo que poderia de outro modo ter-lhes servido de obstáculo.

Sem sentir medo nem dor, eles bateram seus corpos devastados de encontro ao lixo das ruas e quicam, sem serem parados nem redirecionados. Eles arrebentaram tábuas enfraquecidas pela água e passaram por cima de cadáveres de animais como o estouro de uma boiada, e se algum outro podre tropeçava ou caía eles atacavam impiedosamente os corpos dos seus próprios companheiros.

Briar se lembrou de todas aquelas primeiras pessoas tristes e cambaleantes que haviam sido envenenadas pela Praga. A maioria das vítimas havia morrido imediatamente, mas uns poucos haviam sobrevivido — e eles grunhiram, e sufocavam, e consumiam. Não pensavam em outra coisa além de consumir, e não queriam nada além de carne fresca e sangrenta.

Animais bastavam, mas os podres preferiam pessoas, até onde se conseguia perceber alguma preferência neles.

E naquele momento, eles não tinham nenhuma outra preferência além de Briar.

Da primeira vez em que deu uma olhada para trás, viu quatro deles. Da segunda, um instante depois, viu oito. Só Deus sabia quantos mais estavam em seu encalço na hora em que ela alcançou a estrada seguinte.

Ela tropeçou no meio-fio e subiu na calçada sem parar de correr.

Ao passar, viu uma fileira de letras enormes gravadas na superfície da calçada, mas estava se movendo rápido demais para lê-las, então nem percebeu que cruzamento havia acabado de atravessar. Não importava. Aquela rua dava colina acima, e ela nunca teria conseguido.

Já estava ficando com muito pouco ar, mesmo com essa corrida rápida e a subida nem tão íngreme. Sua garganta queimava por causa da tensão, e ela não fazia ideia de por quanto tempo poderia continuar. Sua pequeníssima vantagem diminuía à medida que ela avançava aos trancos e barrancos através da neblina.

Um poste estreito de ferro passou raspando pelo seu campo de visão, seguido de perto por um segundo.

Era uma escada de uma saída de incêndio, ou foi isso o que ela percebeu quando era tarde demais para agarrá-la e começar a subir.

Ela não soube decidir se a oportunidade desperdiçada havia sido um desastre ou não. Aquilo poderia apenas exauri-la ainda mais, tentando se erguer de modo tão drástico acima da multidão enfurecida; mas, pensando bem, essa atitude poderia tê-la salvo. Será que os podres conseguiriam segui-la?

Os gorgolejos sem fôlego da fome furiosa deles se aproximavam cada vez mais dos ouvidos de Briar, e ela sabia que eles estavam ganhando terreno. Isso não era somente porque eles eram rápidos. Era porque ela estava diminuindo sua velocidade, e não havia nada que pudesse fazer para correr mais. Por mais que se tentasse, não conseguia ofegar ou tossir para pôr o ar para fora, e não havia muito para onde fugir.

A neblina jamais se dissipava, mas em alguns pontos ela ficava mais fina e em outros engrossava. Por um segundo revelador a lateral de outro edifício apareceu e outra escada de ferro surgiu reluzente em seu campo de visão.

Briar quase não a viu. A neblina no seu olho esquerdo quase a escondeu dela.

Ela não teve tempo de reconsiderar ou de pesar os prós e contras.

Simplesmente agarrou a escada, parando com um safanão contra sua própria inércia. Agarrou com toda firmeza as pernas da escada e puxou com toda a sua força.

Seus pés se chocaram contra a parede e os últimos degraus, mas então ela conseguiu, quase tropeçando, encaixar um pé num dos degraus.

O podre mais próximo não pegou suas botas por pouco, mas agarrou o sobretudo de seu pai e deu-lhe um puxão.

As mãos enluvadas de Briar escorregaram nos degraus, mas ela segurou firme e conseguiu se manter onde estava. Com muito esforço, enganchou os braços nas barras enferrujadas e se ancorou para poder dar um chute, e foi o que ela fez. Não tinha a menor esperança de machucar as criaturas, mas podia afastá-las ou quebrar-lhes os dedos — qualquer coisa para forçá-las a soltarem-na.

Ela não conseguia subir com o peso do podre preso ao casaco, então ambos

ficaram ali, suspensos, enquanto o resto da horda se aproximava como um enxame, pronto para matar.

Briar balançava o corpo para frente e para trás, tentando ver se soltava a coisa. Os cotovelos e o crânio da criatura batiam na parede com um som oco, provocando um pequeno eco quando atingiam a escada de metal.

Finalmente, uma combinação magicamente sortuda de chutes e sacudidelas jogou a fera de volta aos seus companheiros. Os outros podres tentaram passar por cima dele para conseguir mais espaço e tentar agarrá-la com suas mãos ossudas e de aspecto mastigados, mas Briar estava alto o bastante para que eles não conseguissem mais alcançá-la a menos que subissem os degraus.

Mas será que eles conseguiriam?

Ela não sabia, e não olhou. Apenas subiu, uma mão de cada vez, um pé de cada vez. Logo ela estava além do alcance até mesmo da monstruosidade mais alta e de braços mais compridos. Mas ela não podia parar, ainda não. Não quando o balanço e o sacolejo da escada indicava que sim, eles a seguiriam ou, se não seguissem, arrancariam a escada da parede e a trariam de volta a eles.

Para os podres, não havia "jeito mais difícil".

Parafusos em ambos os lados da cabeça de Briar começaram a gemer quando começaram a se partir e se soltar de seus encaixes.

— Oh, Deus — ela disse baixinho, e poderia ter dito palavras muito piores se tivesse fôlego para tanto. Mais acima, o destino da escada estava obscurecido pela mancha amarelada da neblina. Ela poderia terminar dali a três metros ou três andares: Briar não fazia a menor ideia.

Dez andares não eram uma opção. Ela jamais conseguiria chegar lá.

A escada balançou e estalou com um som aterrador, e um dos trilhos de apoio cedeu. Antes que pudesse ser jogada para a rua abaixo, Briar bateu com a mão no alpendre da janela mais próxima e o agarrou firme: ficou ali, com uma mão no alpendre amplo de pedra e a outra na perna que havia sobrado da escada. A escada estava balançando e começando a se dobrar, e ela não iria resistir por muito tempo.

Debaixo de seu braço, o rifle batia contra o alpendre.

Ela colocou o máximo que ousou do próprio peso sobre os degraus balouçantes, soltou o alpendre e girou o rifle com força. Ele explodiu contra a vidraça, e Briar quase não conseguiu se equilibrar o suficiente para se segurar e pular para a janela.

O salto deu errado, e somente sua perna direita conseguiu se enganchar.

Lascas afiadas penetraram fundo a lateral de sua perna, mas ela as ignorou e endureceu a coxa para conseguir aproximar mais o corpo da janela.

Parada daquele jeito, com metade do corpo para dentro, metade para fora, ela pegou o rifle e o apontou para baixo. Uma cabeça careca e cheia de cicatrizes apareceu no seu campo de visão, e Briar deu graças a Deus por ter carregado a arma enquanto teve chance.

Disparou. A cabeça explodiu, e fragmentos marrons brilhantes choveram em cima de sua máscara de gás. Até os pedacinhos ensanguentados de osso começarem a escorregar pelas suas lentes, ela não sabia que a coisa havia chegado tão perto dela.

Logo atrás do primeiro podre havia um segundo, que forçava seu caminho para chegar ainda mais alto.

Não chegou muito longe. Seu olho esquerdo explodiu em uma chuva aquosa de fragmentos de cérebro e bile e caiu, deixando uma de suas mãos semi-decompostas atrás de si, ainda pendurada ao degrau. O terceiro podre estava mais abaixo da escada, e Briar levou dois tiros para derrubá-lo. O primeiro acertou de raspão a testa da coisa, e o segundo a pegou na garganta e quebrou os ossos importantes que seguravam sua cabeça no lugar. O maxilar se soltou e caiu no instante em que a cabeça balançou para trás e se destacou do corpo com um estalo.

A queda do podre número três removeu à força o número quatro da subida, e o rosto do podre número cinco foi estilhaçado quando uma bala subiu pelo seu nariz.

E mais estavam chegando, mas a escada não tinha ninguém. Briar aproveitou o breve intervalo para terminar de entrar pela janela quebrada.

Lasquinhas de vidro ainda espetavam sua perna, mas ela não tinha tempo de retirá-las, não quando mais podres estavam descobrindo a alegria de subir escadas.

Ela se apoiou pelo lado de dentro e esticou o rifle para fora, não voltando a dispará-lo, mas usando-o como uma alavanca contra a meia dúzia de parafusos semi-arruinados que ainda mantinham a estrutura: de ferro no lugar.

Um dos lados já havia cedido, e o segundo guinchava e se esticava enquanto ela forçava o rifle para frente e para trás, afrouxando os parafusos velhos até eles abandonarem seus encaixes. Lentamente, mas sem realmente protestar de verdade, a escada começou a se afastar do edifício até que o ângulo ficou íngreme demais para continuar a segurá-la, e ela desabou.

Cerca de seis a oito podres caíram com ela, mas não permaneceram caídos, e havia mais atrás deles.

Eles se contorciam enfurecidos lá embaixo, três andares abaixo pelas contas de Briar.

Ela se afastou da janela e tentou respirar fundo — o que agora era uma atividade permanente; então ela se torceu toda para retirar o vidro que havia ficado espetado na perna.

Fez uma careta de dor ao arrumar a parte de trás das calças. Detestava ter que expor qualquer parte de sua pele à Praga, mas não conseguia sentir o estrago sem ter de tirar as luvas. Arrancou a direita e fez o melhor possível para ignorar o ar úmido e pegajoso.

Podia ter sido pior.

Não achou nada maior do que uma semente de girassol. Quase não havia sangue, mas o tecido rasgado deixava a Praga irritar os arranhões, e eles ardiam com mais ferocidade do que deviam. Se ela tivesse bandagens, ataduras ou qualquer outra peça solta e limpa de tecido, teria coberto o minúsculo ferimento. Mas não tinha nada, e não havia nada a se fazer, exceto certificar— -se de que não havia mais vidro ali.

Tendo garantido isso, ela tirou um momento para examinar o local ao seu redor.

Ela não havia ido parar no andar superior de lugar algum, como a escadaria na parede havia demonstrado; e em alguma época específica seu ponto de parada havia quase certamente sido um hotel. No chão à frente da janela havia uma grande quantidade de vidro quebrado, parte do qual havia caído em cima de uma cama velha e arruinada com cabeceira de latão que agora tinha uma cor marrom suja e feia. Havia uma mesinha meio quebrada recostada contra uma parede, duas gavetas caídas no chão, e uma pia com um jarro quebrado caídos no canto.

O piso rangeu quando ela começou a andar sobre ele, mas o ruído não era pior do que o burburinho lá fora, onde mais podres estavam se juntando, atraídos pelos gritos dos outros. Provavelmente eles acabariam achando um jeito de entrar; e provavelmente os filtros da máscara de Briar entupiriam, e ela morreria sufocada.

Mas Briar podia se preocupar com essas coisas mais tarde. Por ora, ela estava segura. Ou, pelo menos, mais segura do que havia estado alguns momentos antes. Sua definição de "segura" estava ficando cada vez mais flexível.

Olhando pela janela, ela podia ver um cruzamento abaixo, onde a Comercial se encontrava com alguma outra avenida descendo a colina. Podres estavam vindo

em enxames, passando por cima do ponto na esquina onde o nome da rua estava marcado. Não importava que nome era; não importava que ela não tivesse visto a marcação no chão para saber seu paradeiro com mais precisão. As ruas estavam impossíveis agora. Talvez elas tivessem estado impossíveis por dezesseis anos. Mas ela havia ido à luta, e dado o melhor de si.

Ela fizera tudo em silêncio e tomara cuidado, e ainda assim não fora o suficiente. Então era isso. As ruas eram navegadas da mesma maneira que se navegava a muralha.

Por cima ou por baixo. Custava caro demais ir direto através delas.

Briar foi até o poço das escadas e empurrou para o lado a porta que havia caído de suas dobradiças. Certamente ela não subiria além de mais um ou dois andares. Antes ela subiria, e veria como as coisas estavam de lá.

Dentro do poço estava pura e perfeitamente escuro. O ruído dos podres do lado de fora estava abafado até quase desaparecer, e ela quase podia se esquecer de que eles estavam lá fora, esperando em alto e bom som e exigindo seus ossos.

Mas não totalmente. Os argumentos deles vibravam em seus ouvidos e chamavam sua atenção, não importa o quanto ela tentasse afastá-los. Só de fechar por um instante os olhos ela se lembrava com clareza demais dos dedos cinzentos e sem pele que tinham se agarrado desmembrados à escada — persistentes até o final.

Sua compostura aos poucos retornou, e com ela o ritmo de sua respiração diminuiu quando ela começou a andar, subindo as escadas com uma velocidade calculada que permitiu que seu corpo se adaptasse.

No alto das escadas, ela achou uma porta que dava para o telhado; e sobre o telhado havia alguns sinais de vida recente. Um par de óculos quebrados que havia sido chutado para um canto. Uma bolsa descartada, amassada e ensopada numa poça de água e alcatrão. Pegadas sujas de carvão cruzavam o chão aqui e ali.

Ela seguiu as pegadas até a beirada do telhado. Elas desapareceram no beirai, e ela se perguntou se os pedestres haviam pulado ou caído. Então viu o edifício ao lado. Era uma estrutura mais alta por questão de um andar inteiro, e havia uma janela que fazia um paralelo perfeito com o ponto onde ela estava.

Essa janela estava obstruída por duas portas que haviam sido reunidas para formar uma tábua muito comprida; e essa tábua estava presa ao outro edifício — deixada lá como uma ponte levadiça, a ser abaixada ou levantada dependendo da necessidade e do perigo.

Abaixo, um dos podres a havia seguido até o outro lado. Ele olhou para cima com um gemido de revirar o estômago, e logo a ele se juntaram mais mortos-vivos com intenções semelhantes. Em questão de minutos, todo o edifício estaria cercado por eles.

Até onde Briar sabia dizer, o outro edifício estava inteiramente vazio. As janelas estavam fechadas com tábuas ou escancaradas, com cortinas finas e puxadas de qualquer maneira e sem nada se movendo do outro lado.

Ela podia ter mais sorte lá embaixo. Havia emergido na cidade pelo subterrâneo, então o subterrâneo podia ser a melhor maneira de viajar.

Não muito longe, e logo abaixo dela, alguma coisa se partiu e quebrou.

Os gemidos aumentaram de intensidade, em número e agitação.

Briar estendeu a mão para sua bolsa e recarregou apressada. Se os podres haviam invadido o edifício, ela poderia ter de sair atirando no meio deles no porão.

Suas mãos pararam segurando a lata com as balas, mas apenas por um momento.

Se ela descesse e eles fossem atrás dela, ela ficaria aprisionada lá.

Ela recomeçou a recarregar o rifle, e rápido. Aprisionada embaixo, aprisionada em cima. As diferenças eram poucas, e ela estava frita de qualquer maneira. Melhor manter a arma pronta e as opções em aberto.

A cacofonia aumentou, e Briar se perguntou se já não havia perdido a opção de procurar uma fuga subterrânea. Colocou os cartuchos na arma e deu mais uma olhada pelo beirai.

Na rua, o enxame se juntava, coagulava. O número de podres havia no mínimo triplicado, mais do que compensado a punhadinho que ela havia despachado ao subir pelo lado de fora do hotel.

Ela não viu lugar algum onde eles pudessem ter encontrado uma entrada.

Eles não desapareciam um a um ou em bandos para retomar a perseguição; ao invés disso, se atiravam de encontro aos tijolos e às tábuas, mas não faziam nenhum progresso.

Mais uma vez um ruído de algo se quebrando e o estilhaçar de madeira molhada.

Onde era isso? E o que estava provocando esse som?

Os podres uivavam e cambaleavam. Eles também ouviram a quebradeira e procuraram sua fonte, mas não estavam dispostos a deixar Briar, que estava se

sentindo um urso preso no alto de uma árvore.

— Ei, você ai no alto do Hotel Seaboard! Está usando máscara?

A voz a chocou mais do que os podres. Ela explodiu alto e forte, com um toque fininho que a fazia soar ao mesmo tempo estrangeira e alta. As palavras vinham de algum lugar lá embaixo, mas não lá da rua.

— Eu disse, ei, você aí em cima — você no alto do Seaboard. Está usando máscara ou está morrendo?

Briar não tinha visto qualquer indicação de que aquilo fosse o Seaboard, mas não podia imaginar a quem mais a voz estaria se dirigindo. Então respondeu, o mais alto que pôde: — Sim! Eu estou usando máscara!

— O quê?

— Eu disse que estou usando máscara!

— Eu estou ouvindo você, mas não estou entendendo merda nenhuma — então espero que isso signifique que você esteja usando máscara! Onde quer que esteja, abaixe-se e tampe os ouvidos!

Ela olhou freneticamente para um lado e para o outro no pequeno mar de podres, procurando a fonte das instruções. — Onde está você? — ela tentou gritar de volta, e era ridículo porque sabia que, onde quer que o falante estivesse, ele jamais ouviria a pergunta por sobre a sinfonia dos mortos-vivos na rua.

— Eu disse — a voz baixa e metálica repetiu — abaixe-se e tampe os ouvidos!

Do outro lado da rua, Briar vislumbrou movimento numa janela quebrada em outro prédio em ruínas. Uma coisa brilhante e azul reluziu e depois sumiu — apenas para ser acompanhada por uma luz mais brilhante e um zumbido de um tom mais alto e semelhante a uma hélice. O som do zumbido foi transportado pela Praga e passou assoviando pelos seus cabelos, transmitindo um aviso determinado diretamente para seu cérebro.

Ele não precisou dizer uma terceira vez.

Ela se jogou no canto mais próximo e cobriu a cabeça com as mãos. Os cotovelos se colaram aos ouvidos e os tamparam, mas não foi o suficiente para abafar o apito elétrico agudo. Ela pegou sua bolsa e cobriu a cabeça com ela, e ainda estava nessa posição, de rosto colado contra o papel alcatroado e os tijolos, quando um estrondo pulsou pelos quarteirões com um estouro nauseante que durou tempo demais para ser o disparo de uma arma.

Quando o pior do impacto auditivo trovejante e arrasador havia se dissipado, Briar ouviu a voz quase mecânica gorgolejar outro conjunto de instruções, mas ela não conseguiu ouvi-las e não conseguiu se mover.

Seus olhos estavam fechados, os braços travados ao redor da cabeça, os joelhos estavam fixos abaixo do corpo, e ela não conseguia deslocar nenhum deles. — Não consigo — ela sussurrou, tentando transmitir: — Não consigo ouvir você — mas seu maxilar também estava travado.

— Levante-se agora! LEVANTE-SE AGORA!

— Não consigo...

— Você tem cerca de três minutos para levantar esse rabo daí e descer cá embaixo antes que os podres se recuperem, e quando isso acontecer, eu vou embora! Se quiser permanecer vivo aqui dentro, você precisa de mim, seu bastardo maluco!

Briar resmungou: — Bastardo não — em resposta ao xingamento exclusivamente masculino. Ela tentou concentrar sua irritação e transformá-la em um motivo para se mover. Não funcionou nem melhor nem pior do que os gritos de mando com suas inflexões monstruosas.

Articulação por articulação, ela deslocou braços e pernas, e se levantou trêmula.

Voltou a cair de joelhos para recuperar o rifle, que havia escorregado de seu ombro. Erguendo mais esse ombro para recuperar a faixa, ela mais uma vez forçou as botas de baixo de seu corpo. Suas orelhas zumbiam com aquele som horrível, e com os gritos horríveis do homem rua abaixo — que não parava de gritar, muito embora ela tivesse perdido sua capacidade de entendê-lo. Ela não conseguia ficar de pé, caminhar e escutar ao mesmo tempo, não tão abalada quanto estava.

Atrás dela, a porta para o poço das escadas ainda estava aberta, com a tranca cedendo.

Ela se chocou contra a porta, e quase saiu rolando abaixo os degraus subsequentes. Apenas seu impulso e seu instinto de equilíbrio a mantiveram ereta e se movendo para diante. Seu corpo balançava e tentava cair, mas quanto mais tempo ela permanecia em pé, mais fácil ia ficando continuar assim.

Quando ela alcançou o primeiro andar, estava quase correndo novamente.

No saguão, todas as janelas estavam cobertas e estava mais escuro que a meia-noite, a não ser pelos pontos em que faixas da tênue luz da tarde va-zavam preguiçosas por entre as frestas. Quando os olhos de Briar começaram a se acostumar com a escuridão, ela viu que a mesa estava coberta de pó e o chão estava cheio de mais pegadas pretas.

Havia uma grande porta da frente com uma tábua maciça cruzada sobre ela.

Briar a arrancou e puxou as maçanetas da porta.

O pânico que ela sentia era incrível. Ela seria capaz de jurar que seu estoque de pavor havia se esgotado, mas quando a porta não abriu ela sentiu mais um surto chegando. Sacudiu-a e tentou gritar através dela. — Alô? Alô? Você está aí fora?

Até mesmo para seus próprios ouvidos o grito saiu confuso. Ninguém do outro lado conseguiria ouvi-la, e era uma imbecilidade da parte dela, de qualquer maneira — ela deveria ter descido e arriscado outra escada. Por que ter descido até o térreo? O que é que ela havia pensado?

Sua cabeça zumbia com uma dor residual, e seus olhos nadavam em estática.

— Socorro, por favor, me tire daqui!

Ela bateu na porta com a coronha do rifle, e fez um magnífico escarcéu.

Segundos depois, outro escarcéu se repetiu do outro lado.

— Que diabos há de errado com você? Você devia ter descido por fora! — acusou a voz gritada.

— Não me diga — ela grunhiu, aliviada por ouvir a outra pessoa, mesmo não sabendo se ele planejava ajudá-la ou matá-la assim que a visse. Fosse quem fosse, ele tinha, se dado ao trabalho de fazer contato, e isso era alguma coisa. Não era? Ela disse, mais alto: — Me tire daqui?

— Afaste-se da porta!

Depois de ter aprendido a lição sobre reagir rápido, ela deu a volta pela mesa da recepção do hotel. Um novo e catastrófico ruído curvou a porta da frente, mas não a quebrou. Um segundo ataque rachou as dobradiças, e um terceiro arrancou a porta da moldura.

Um homem imenso entrou em disparada pelo saguão, e parou de repente.

— Você... — ele apontou e parou no meio da frase. — É uma mulher.

— Muito bem — disse Briar, saindo trêmula de trás da mesa.

— Está certo. Venha comigo, e rápido. Não temos um minuto a perder antes que eles comecem a reviver.

O homem da voz fina estava falando através de um capacete que dava a seu rosto a forma de uma cabeça de cavalo misturada com uma lula. A máscara terminava em um amplificador na parte inferior dianteira, e ela se dividia em dois filtros redondos, um de cada lado de seu nariz. A engenhoca parecia pesada, mas o homem que a usava também.

Ele não era gordo, mas era quase tão largo quanto a porta — embora esse efeito fosse ampliado por sua armadura. Seus ombros tinham placas de aço, e um

colarinho redondo e alto subia por trás de seu pescoço para encontrar o capacete. Nas articulações de seus cotovelos e pulsos, cotas de malha improvisadas funcionavam como juntas. Atravessando seu torso, faixas grossas de couro seguravam tudo bem apertado.

Era como se alguém tivesse apanhado uma armadura antiga e a transformado numa casaca.

— Moça, não temos a noite toda — ele disse.

Ela começou a dizer que ainda não era noite, mas estava sem fôlego e preocupada, e irracionalmente feliz pela companhia daquele homem metido numa armadura reforçada. — Estou indo — ela disse. Tropeçou e bateu no braço dele, mas então se endireitou.

Ele não a segurou para ajudá-la, mas também não a empurrou. Só virou as costas e voltou para a porta.

Ela o seguiu. — Que negócio era aquele? — perguntou.

— Perguntas mais tarde. Olhe por onde pisa.

A rua é as calçadas estavam atulhadas com os corpos de podres, emaranhados, se contorcendo e grunhindo. Os primeiros passos de Briar foram difíceis porque ela tomou todo o cuidado para evitá-los, mas seu acompanhante já a estava ultrapassando, então ela abandonou essa abordagem e passou de um cadáver para outro sem consideração por onde seus pés poderiam pousar. Suas botas quebraram braços e passaram por cima de torsos.

O salto de sua bota passou perto demais do rosto de uma morta e raspou seu crânio, arrastando uma aba de pele flácida com ele e deixando a carne solta por entre os paralelepípedos.

— Espere — ela implorou.

— Nada de esperar. Olhe para eles — ele disse, também não dando a mínima para os podres que estremeciam.

Briar achou que era uma instrução ridícula. Não conseguia deixar de olhar para eles; eles estavam por toda parte — sob seus pés e descendo a rua, caídos, nas sarjetas e encostados nos tijolos das paredes com as línguas de fora e revirando os olhos.

Mas ela achou que entendia o que o homem da armadura queria dizer. O movimento estava retornando aos membros deles. As mãos que se sacudiam em espasmos agora começavam a se mover com mais firmeza e mais deliberação. Os pés que davam chutes a esmo estavam se torcendo e se virando, tentando se pôr de pé. A cada segundo que passava, eles iam recuperando o senso — ou o

equivalente disso para eles — ou pelo menos recuperando seu senso intuitivo de movimento.

— Por aqui. Mas rápido.

— Estou tentando!

— Isso não basta. — Ele estendeu uma das mãos e agarrou-a pelo pulso.

Puxou-a para a frente com violência, levantando-a com a mesma facilidade com que levantaria um bebê e passando sobre mais uma pilha de podres caídos e inquietos.

Uma dessas coisas pavorosas estendeu uma das mãos e tentou agarrar Briar pelo tornozelo.

Ela chutou o braço fino como um graveto mas errou, pois o homem de máscara apertou mais seu pulso e voltou a puxá-la, passando por um último punhado de corpos onde um podre estava se sentando e gemendo, tentando levantar seus irmãos.

— Está certo, agora é direto e reto — disse o homem.

— Direto e reto o quê?

— Para o subterrâneo. Rápido. Por aqui.

Ele indicou uma estrutura com cara de pedra adornada com as estátuas tristes de corujas. Uma legenda sobre a porta da frente declarava que o lugar havia sido um banco um dia. A porta da frente estava obstruída com os restos pregados de caixotes de embarque arrebentados, e as janelas estavam cobertas por barras.

— Como é que nós...?

— Fique perto. Pra cima, depois pra baixo.

Na lateral não havia nenhuma saída de incêndio com escadas penduradas que pudesse servir de ajuda, mas quando Briar levantou a cabeça, pôde ver a parte de baixo de uma varanda caindo aos pedaços.

O homem da casaca aço sacou um martelo horroroso com gancho de seu cinturão e o jogou para o alto. Ele estava amarrado a urna corda comprida de cânhamo, e quando se prendeu a alguma coisa lá em cima, o homem puxou a corda e um conjunto de escadas se desdobrou. Elas desceram com toda a graça rítmica e sonora de uma ponte levadiça descendo rápido demais.

Ele pegou o último degrau e pelejou para mantê-lo abaixado. Não passou do nível da cintura de Briar.

— Suba.

Briar assentiu e pendurou o rifle às costas, liberando ambas as mãos para subir.

Não foi rápido o bastante para agradar ao homem, que estendeu uma mão enorme e empurrou seu traseiro com ela. O empurrão adicional a impul-sionou o bastante para firmar as duas mãos e os dois pés em segurança sobre a estrutura, então ela não teve chance de fazer qualquer reclamação quanto ao gesto pouco cavalheiresco.

O peso de seu corpo foi o bastante para segurar as escadas numa posição flutuante em cima da rua. Quando o peso do homem se juntou ao seu, a estrutura inteira rangeu e estremeceu, mas continuou firme. As escadas dobráveis não queriam segurar os dois, e fizeram saber seu desagrado a cada passo que guinchava ameaçador.

Briar ignorou o barulho e subiu, e as escadas embaixo dela foram subindo junto como uma gangorra enquanto o homem atrás dela ia logo atrás nos seus calcanhares.

Ele deu um tapinha na sua bota para chamar-lhe a atenção. — Aqui.

Segundo andar. Não quebre a janela. Ela levanta.

Ela assentiu e saiu das escadas para a varanda. A janela estava presa com barras, mas não bloqueada. Na parte inferior, havia sido afixada uma trava de madeira. Ela a levantou e a janela saiu de sua moldura com um estalo.

O homem se juntou a ela na varanda, e os degraus quicaram atrás dele.

Tendo perdido seu contrapeso, as molas que a abaixavam e levantavam retornaram ao seu lugar original e permaneceram firmes, segurando as escadas além do alcance até mesmo dos podres mais altos com os braços mais compridos.

Briar abaixou a cabeça, se virou de lado e foi se espremendo devagar para conseguir entrar.

O homem de armadura se espremeu atrás dela. A maior parte da pressa havia desaparecido para ele; assim que ele havia se colocado acima dos podres e estava em segurança dentro do velho prédio do banco, relaxou e aproveitou um momento para ajustar seus apetrechos.

Desenganchou sua armadura e esticou bem os braços para se espreguiçar; virou o pescoço de um lado para o outro, para estalar. O martelo com ganchos e corda exigia ser rebobinado, então ele o girou entre a palma da mão e o cotovelo até fazer um laço, e aí ele voltou a prendê-lo no seu cinturão. Ele enfiou a mão num coldre sobre seu ombro e tirou de lá um dispositivo em forma de tubo que era maior que sua coxa, Tinha a forma de uma arma enorme, mas o gatilho era uma alavanca de bronze e havia uma marca no cano que não era inteiramente

diferente da marca na máscara dele.

Briar perguntou: — Foi isto o que fez o barulho? O que atordoou os podres?

— Sim, madame — ele disse. — Este aqui é o Doozy Dazer do Dr. Minnericht, ou simplesmente "Daisy" para resumir. E um poderoso equipamento e tenho orgulho de chamá-lo de meu, mas ele tem suas limitações.

— Três minutos?

— Três minutos, pouco mais, pouco menos. Isso mesmo. A fonte de alimentação fica na parte de trás. — Ele apontou para o cabo, envolto em minúsculos canos de cobre e tubos finos de vidro. — Leva uma eternidade para carregar a coisa novamente.

— Uma eternidade?

— Bom, mais ou menos uns vinte e cinco minutos. Dependendo.

— De quê?

Ele disse: — Eletricidade estática. Não me pergunte mais do que isso, porque não conheço os particulares.

Ela admirou educadamente o dispositivo de disparo. — Nunca vi nada igual. Quem é esse Dr. Minneritch?

— Ele é um idiota, mas às vezes um idiota útil. Então agora eu tenho que perguntar quem é você e o que está fazendo aqui, em nossa bela e suja cidade?

— Estou procurando pelo meu filho — ela evitou a primeira metade da pergunta dele. — Acho que ele chegou aqui ontem; ele veio pelos antigos túneis de esgoto da cidade.

— Os túneis estão fechados — ele disse.

— Agora estão, sim. Terremoto. — Ela se inclinou contra o alpendre da janela e se sentou ali, exausta demais para se importar com tantas palavras. — Desculpe — ela disse, e falava sério, por uma série de motivos. — Eu estou tão... Eu sabia sobre a cidade... Eu sabia que aqui dentro era ruim. Eu sabia, mas...

— É, é esse "mas" que mata você se não tomar cuidado. Então você está procurando seu garoto. — Ele a examinou de alto a baixo. — Quantos anos você tem? — ele foi bem franco, já que não podia ver o rosto dela muito bem atrás da máscara.

— Velha o bastante para ter um filho burro o suficiente para entrar aqui — ela retrucou. — Ele tem quinze anos. Você o viu?

— Ele tem quinze... esta é a melhor descrição que você pode dar?

— Quantos garotos de quinze anos aleatórios este lugar poderia receber em uma semana?

O homem deu de ombros. — Você se surpreenderia. Recebemos muitos desgarrados dos Arredores que entram aqui procurando roubar ou fazer escambo, ou aprender corno processar a, Praga para fazer seiva. Claro que a maioria deles não vive muito tempo.

Mesmo através de seu visor, o homem viu os olhos de Briar se estreitarem.

Ele acrescentou rapidamente: — Eu não quis dizer que seu garoto não sobreviveu; não é o que estou dizendo. Ele só chegou aqui ontem, não foi?

— Ontem.

— Bem, se ele viveu até agora pode ser que esteja bem. Não o vi, mas isso não quer dizer que ele não esteja aqui. Como foi que você entrou?

— Peguei carona com um capitão-do-céu.

— Qual deles?

— Escute. — Ela o interrompeu com um aceno cansado de sua mão. — Podemos conversar? Podemos fazer isso em outro lugar? Preciso tirar esta máscara — ela pediu. — Por favor, existe algum lugar onde eu possa respirar?

Não consigo respirar.

Ele pegou o rosto dela e o virou para um lado e para o outro, examinando sua máscara. — Esse é um modelo antigo. Um bom modelo, claro. Mas se seus filtros estão entupindo, não faz diferença se ele é bom. Tudo bem. Vamos descer. Temos um módulo selado aqui no banco, e uma ligação para as estradas do subterrâneo.

O homem a levou para baixo, sem segurá-la pela mão nem empurrá-la, mas esperando quando ela demorava para acompanhá-lo.

Na entrada da sala principal, onde não havia janelas para deixar passar alguma luz, um lampião a óleo havia sido deixado ao lado da porta. O homem o apanhou, o acendeu e o levantou para iluminar o caminho até o porão.

Enquanto Briar observava as costas grandes do homem atravessarem como um trator os salões e descerem as escadas, ela lhe disse: — Obrigada.

Eu devia ter dito isso mais cedo, mas obrigada por ter me ajudado lá embaixo.

— Só estou fazendo meu trabalho — ele disse.

— Então você é a comissão de boas-vindas de Seattle?

Ele balançou a cabeça. — Não, mas fico de olhos abertos para recém-chegados barulhentos como você. A maioria dos garotos atravessa fácil e fica de boca

fechada. Mas quando ouço tiros e coisas quebrando, tenho que ir dar uma olhada. — A chama do lampião tremeluziu. Ele balançou o lampião para redistribuir melhor o óleo. — Às vezes é alguém que não queremos aqui e não precisamos. Às vezes é uma mulherzinha com uma arma grande. Todo dia é uma coisa nova.

No primeiro andar havia uma porta com todas as suas partes soltas seladas por piche — e abas de couro tratadas ao redor de cada rachadura.

— Aqui vamos nós. Quando eu abrir a porta, você precisa ser rápida e entrar. — ele entregou o lampião a ela. — Vou ficar bem atrás de você. Nós apenas tentamos manter a porta fechada, se entende o que eu digo.

— Entendi — ela disse, apanhando o lampião.

De um bolso da calça ele retirou um anel com uma dezena de chaves de ferro. Pegou a que queria e a enfiou num selo de borracha onde Briar nem teria pensado em colocar uma fechadura; mas ele girou a chave e um mecanismo estalou, e a porta se abriu quando ele a empurrou com o cotovelo.

— Quando eu contar três. Um, dois... três. — Ele puxou a trava e a porta fez um barulho de sucção para fora.

Briar entrou em um lugar ainda mais escuro, e, conforme o prometido, o homem de armadura entrou rapidamente atrás dela, e depois fechou a porta, selando-a corretamente e trancando-a atrás deles.

— Mais um pouco à frente — ele disse.

Ele voltou a pegar o lampião e tomou a dianteira, atravessando algumas abas de couro e de borracha penduradas em tiras, e desceu mais um corredor de curta extensão. O corredor terminou em uma porta de aspecto estranho que parecia mais uma tela de tecido do que uma barricada comum. Ela tinha as mesmas abas tratadas em suas bordas para criar o selo que todas as outras portas subterrâneas tinha, mas esta era porosa.

Briar encostou a orelha na porta e conseguiu sentir o ar se movendo por ela.

— Cuidado. E as mesmas regras de antes — seja rápida. Um, dois... três.

Ele não precisou destrancar nada desta vez. A porta deslizou para o lado num trilho, recuando para dentro da parede com um gemido agudo dos selos.

Ela deu um salto para dentro da câmara seguinte, onde velas estavam lentamente se derretendo em cima de uma mesa até virarem tocos. Ao redor da mesa, havia seis cadeiras vazias encostadas nela, e atrás delas havia mais caixotes, mais velas e outro corredor com as cortinas de couro que ela já se acostumara a esperar.

O homem pelejou com a porta e finalmente conseguiu abri-la.

Ele foi até o outro lado do aposento, onde começou a remover sua armadura afrouxada. — Não tire a máscara ainda. Espere um minuto — ele disse.— Mas fique à vontade. — As bainhas folheadas dos braços fizeram um grande estrondo metálico quando ele as dobrou e colocou em cima da mesa.

Sua arma de ruído tubular — Daisy — também soou pesada quando ele a colocou ao lado do traje de proteção.

— Está com sede? — ele perguntou.

Ela respondeu: — Sim — com um sussurro seco.

— Temos água aqui embaixo. Não é uma água muito boa, mas é molhada. Também temos muita cerveja. Gosta de cerveja?

— Claro.

— Agora pode tirar a máscara se quiser. Talvez seja apenas superstição minha, mas não gosto de tirar a minha até que a porta de filtragem esteja fechada há pelo menos um minuto. — Ele enfiou a mão dentro de um dos caixotes com o rótulo CERÂMICAS e retirou uma caneca. No canto, havia um barril marrom bem grande, Ele tirou a tampa dele e serviu uma caneca cheia de água.

Colocou-a à frente de Briar.

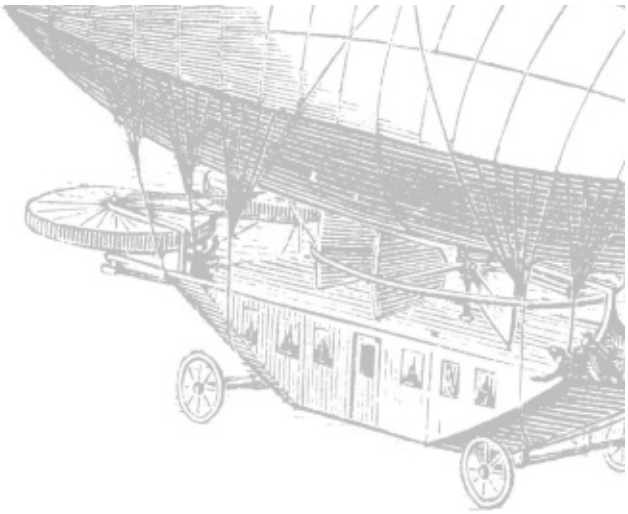
Ela olhou com muita sede para a água, mas o homem não havia retirado sua máscara, e ela não queria ser a primeira.

Ele levou as mãos às tiras que seguravam a máscara elaborada que cercava sua cabeça. Ela deslizou até seu peito com um raspar de couro sendo esticado e afrouxado, revelando um rosto liso e largo que não era nem suave nem o contrário. Era um rosto inteligente, com sobrancelhas castanhas revoltas e um nariz achatado, além de lábios cheios que estavam tão colados aos dentes que pareciam esmagados.

— Prontinho — ele disse, referindo-se à própria aparência. — Não é mais bonito do que antes, mas é muito mais leve.

Sem a ajuda da máscara mecânica, sua voz ainda tinha um tom baixo, mas perfeitamente humana.

— Jeremiah Swakhammer, a seu serviço, madame. Bem-vinda ao subterrâneo.



DOZE

Rudy arrastava os pés num passo meio torto que era mais rápido do que parecia. Através da pressão esmagadora e fedorenta da máscara, Zeke respirava com dificuldade e lutava para se manter de pé; ele pelejava para sugar um pouco de ar por filtros que haviam ficado bastante entupidos desde que ele entrara na cidade, e estava travando um combate com sua própria pele, que estava sendo puxada, esticada e feita em carne viva pelo selo implacável ao redor de seu rosto.

— Espere — ele respirou.

— Não — respondeu Rudy. — Não há tempo para esperar.

Ele continuou seguindo aos trancos e barrancos. Atrás deles, Zeke tinha certeza de que ouviu uma nova comoção que vinha da raiva, ou da tristeza.

Ouviu a cacofonia de consoantes e vogais não-familiares e os gritos, uivos, concordâncias aos gritos de outras vozes de outros homens.

Zeke sabia que eles haviam sido descobertos — ou, como ele disse a si mesmo, que a violência de Rudy havia sido descoberta. Mas Zeke não havia feito nada de errado, havia? As regras eram diferentes aqui, não eram? E vale tudo na guerra e na autodefesa, não vale?

Mas no fundo da sua mente um homenzinho estrangeiro de óculos estava sangrando, confuso, e depois morto sem motivo algum a não ser porque um dia esteve vivo.

Os túneis pareciam mais tortuosos e a escuridão parecia mais opressiva enquanto ele ia atrás de seu guia, a quem via com cada vez mais desconfiança.

Chegou mesmo a desejar que a princesa voltasse, fosse quem ela fosse. Talvez ele pudesse lhe fazer uma pergunta ou duas discretamente. Talvez ela não lhe atirasse facas. Talvez ela não estivesse morta.

Ele torcia para que ela não estivesse morta.

Mas ele ainda podia ouvir, quando pensava a respeito, no trovejar do teto e nas paredes se dobrando sobre si mesmas e preenchendo todo o espaço do ar entre ele, e ele se perguntou se seria capaz de escapar. Ele se consolou se lembrando de que ela era velha, e ninguém chega a essa idade sem ser inteligente e forte. Isso lhe deu uma sensação estranha, que ele não conseguia situar ao ver a fuga claudicante do homem à sua frente.

Rudy se virou e disse: — Você vem ou não?

— Estou indo.

— Então fique comigo. Não posso te carregar, e estou sangrando de novo. Não posso fazer tudo por nós dois.

— Para onde estamos indo? — Zeke perguntou, e ele detestou o som da voz implorando que ouviu de dentro da própria máscara.

— Voltando, como estávamos antes. Para baixo, e depois para cima.

— Nós ainda estamos subindo a colina? Você ainda vai me levar para Denny Hill?

Rudy disse: — Eu lhe disse que estava, e vou levar. Mas não existe caminho direto entre dois pontos nesta cidade, e lamento muito se não estou fazendo a viagem tão direitinho como você queria. Perdoe-me, pelo amor de Deus. Eu não planejei ser atacado com uma faca nem nada. Planos mudam, Júnior. Desvios acontecem. Este é um deles.

— Este é?

— Sim, este é. Bem aqui — disse Rudy, parando embaixo de uma claraboia e apontando para uma pilha de caixas empilhada precariamente com uma escada. Onde a escada terminava contra o teto, uma porta redonda estava no lugar. — Estamos subindo. E pode ser ruim, estou lhe avisando agora.

— Está certo — disse Zeke, muito embora não estivesse nada certo, nem um pouquinho. Ele estava tendo dificuldades para respirar — mais problemas a cada passo, porque não conseguia recuperar o fôlego e não havia lugar onde descansar.

— Lembra do que eu lhe falei sobre os podres?

— Lembro — Zeke assentiu, muito embora Rudy estivesse olhando para o outro lado e não tivesse visto.

— Não importa o quão terrível você os tenha visualizado — disse Rudy.

— Vê-los é duas vezes pior. Agora me escute. — Ele se virou e sacudiu o dedo na cara de Zeke. — Essas coisas se movem rápido — mais rápido que você imagina de olhar para elas. Elas podem correr, e mordem. E tudo o que elas mordem tem que ser cortado fora, ou então você morre. Você entendeu?

Zeke confessou. — Não exatamente.

— Bem, você tem um minuto e meio para entender, porque estamos subindo antes que aqueles olhinhos-puxados safados nos alcancem e nos matem só por estarmos aqui. Então as regras são as seguintes: fique quieto, fique por perto, e se formos avistados, suba feito um maldito macaco.

— Suba?

— Você me ouviu. Suba. Se os podres estiverem motivados o bastante, eles podem subir uma escada, mas não facilmente, e não muito rápido. Se você chegar a um alpendre de janela ou a uma saída de incêndio, ou até mesmo a uma marquise de concreto... faça isso. Suba.

O estômago de Zeke estava fervilhando, cheio de lava. — E se nos separarmos?

— Então nos separamos, e é cada um por si, garoto. Detesto colocar as coisas dessa maneira, mas é isso. Se eu for apanhado, não volte pra me pegar. Se eu ver você ser apanhado, não vou voltar por você. A vida é dura. A morte é fácil.

— Mas e se a gente simplesmente se perder um do outro?

Rudy respondeu: — Se a gente se perder, a regra é a mesma: suba. Faça sua presença ser conhecida de qualquer telhado que você alcançar, e se eu puder, vou chegar até onde você estiver. Então, na verdade, a questão número um é: não se afaste de mim. Não posso te proteger se você sair correndo feito um maluco.

— Não vou sair correndo feito um maluco — Zeke disse de mau humor.

— Ótimo — disse Rudy.

Corredor abaixo, os sons estavam voltando a crescer, e talvez se aproximando. Se Zeke apurasse bem o ouvido ele podia rastrear uma ou duas vozes individuais, erguidas em fúria e aparentemente prontas para retaliar. Zeke se sentiu absolutamente enjoado, tanto por ter visto um homem morrer quanto por saber que ele tivera parte nisso, ainda que fosse apenas por ter ficado perto e não saber o que fazer. Quanto mais pensava nisso, pior ele se sentia; e quanto mais ele pensava numa cidade acima que estava coalhada de gangues dos mortos-vivos, pior ele se sentia a esse respeito também.

Mas ele estava ali agora, até o pescoço naquilo tudo. Não havia como voltar atrás, pelo menos não ainda. Francamente, ele não tinha mais ideia, de onde estava e não poderia deixar a cidade por vontade própria ainda que quisesse.

Então, quando a porta selada se abriu com um suspiro gigante, acompanhou Rudy por ela e deu numa rua tão desolada e assustadora quanto o túnel abaixo dela.

Ezekiel fez exatamente o que Rudy havia lhe dito.

Ele ficou perto, e ficou quieto. Isso era fácil de fazer, ou quase; o silêncio acima era tão alarmantemente completo que era mais fácil mantê-lo do que quebrá-lo. De vez em quando um par de asas passava pelo céu e batia com força, tão rápido, acima da Praga que preenchia as paredes. Zeke se perguntou como eles faziam isso — como sobreviveram, respirando o ar envenenado como se fosse o ar de primavera mais limpo.

Mas não teve chance de perguntar.

Em vez disso, quase se agarrou no homem ferido que o guiava em frente, e copiava tudo o que ele fazia. Quando Rudy pressionava suas costas contra uma parede e se arrastava ao longo dela, Zeke fazia o mesmo. Quando Rudy prendia a respiração e apurava o ouvido, Zeke fazia o mesmo, sufocando dentro da máscara e aproveitando cada partícula de oxigênio. Ele a usava e esperava mais um pouco até ver estrelas piscando em seu visor, e então respirava porque precisava.

Não conseguia ver mais do que alguns metros em qualquer direção. A Praga tinha uma densidade e uma cor que eram meio-termo entre merda e girassóis. Não era bem neblina, mas era algum parente tóxico, e bloqueava a visão tão certamente quanto qualquer nuvem baixa.

Ao redor das bordas das roupas de Zeke — em seus pulsos, onde as luvas não se encontravam com as mangas, e ao redor do pescoço onde o casaco não fechava até o final — ele começou a sentir coceira. A necessidade de coçá-la era difícil de combater, mas quando Rudy o pegou fazendo isso com os dedos enluvados, balançou a cabeça e sussurrou: — Não. Só vai fazer a coisa ficar pior.

Os prédios eram pilhas disformes de diferentes alturas, e suas janelas e portas eram completamente quebradas ou cobertas por tábuas ou reforçadas.

Zeke supôs que os primeiros andares com tábuas pregadas indicavam lugares seguros, mais ou menos, e que se ele precisasse, poderia talvez chegar a uma relativa segurança se pudesse encontrar um meio de entrar em um deles. Mas era mais fácil especular do que realizar. Ele viu saídas de incêndio aqui e ali — grandes emaranhados metálicos de escadas e corrimões que pareciam frágeis

como móveis para bonecas; e ele pensou que podia subir nelas se precisasse, mas depois o que faria? Será que conseguiria quebrar uma janela e descer por ali?

Rudy disse que havia luzes, armazenadas ao longo do caminho.

E ali estava Zeke, já tramando maneiras de se livrar dele.

Ele ficou surpreso ao perceber que era isso o que estava fazendo. Não conhecia mais ninguém na cidade, e só havia visto mais duas pessoas — uma das quais Rudy havia assassinado de saída. A outra havia tentado assassinar Rudy. Então, se Zeke estava tentando garantir o benefício de uma dúvida, supunha que uma chance de meio-a-meio em ser assassinado era uma desculpa boa o bastante para ser proativo. Mas isso não o fazia se sentir melhor.

Enquanto era rebocado por Rudy, voltava a pensar no chinês. O

conteúdo do seu estômago ameaçava uma tentativa de fuga.

Não. Ele não podia deixar. Não na máscara. Não quando não podia retirá-la, nem sem morrer. De jeito algum.

Forçou a barriga a se acomodar, e ela obedeceu.

Rudy seguiu em frente cambaleante, as costas curvadas e os ombros estremecendo. Ia indicando o caminho com a bengala, que — como Zeke agora sabia — só tinha dois tiros. E o que eram dois tiros contra uma manada desembestada de podres?

Mal havia acabado de pensar neles quando ouviu, em algum lugar ali perto, um gemido abafado.

Rudy ficou paralisado. Zeke congelou atrás dele.

A cabeça de Rudy girava da esquerda para a direita, procurando algum caminho de fuga óbvio.

Podres? Zeke abriu a, boca para falar, mas dentro de sua máscara Rudy não conseguiu ver os lábios formando a pergunta, então não respondeu.

Outro gemido se juntou ao primeiro, como uma pergunta adicionada a uma conversa. Ela veio com um timbre diferente e um tom mais rascante, como se a boca que o fizesse não estivesse mais completa. Depois dos grunhidos vieram as passadas, arriscadas, lentas e tão perigosamente próximas que o medo parecia uma bota no peito de Zeke.

Rudy girou e agarrou a máscara de Zeke, puxando-a para perto da sua e sussurrando o mais baixo que podia: — Esta estrada. — Ele acenou com uma das mãos para o cruzamento mais próximo e apontou para a direita. — Vários quarteirões. Torre grande — prédio branco. Suba até o segundo andar.

Quebre o que precisar.

Rudy fechou os olhos por um segundo inteiro e depois os abriu novamente. Acrescentou: — Corra.

Zeke não sabia se conseguiria correr por qualquer coisa naquele mundo.

Seu peito estava pesado como se estivesse amarrado com correntes, e sua garganta estava apertada como se lhe tivessem amarrado um cachecol e dado um nó de forca. Ele olhou para a estrada que Rudy indicou e não viu quase nada a não ser uma rampa pequena que descia suavemente, e que quase certamente o levaria para bem mais longe da colina que ele queria.

Por sua cabeça, um desfile de mapas memorizados começou a passar, uma página de cada vez, garantindo a ele que aquele era o caminho errado — mas será que ele conseguiria correr colina acima? Para onde ele iria para escapar, se não para essa torre da qual Rudy lhe falara?

O pânico estava tomando conta de sua máscara e o cegando, mas não importava, os grunhidos, gemidos e passos arrastados estavam chegando mais perto, e ele estava confiante de que logo, logo, eles estariam em cima dele.

Rudy disparou primeiro. Quadril machucado ou não, ele podia correr, mas não podia fazer isso em silêncio.

Quando seus pés começaram a fazer barulho os gemidos aumentaram de volume e de timbre, e em algum lugar nas profundezas da neblina uma massa de corpos começou a se organizar. Eles começaram a se reunir. Começaram a caçar.

Zeke ofegava, tentando recuperar fôlego suficiente para sair correndo ou se acalmar. Virou na direção da colina e deu uma última olhada para trás. Não vendo nada a não ser a neblina turbilhonante e pegajosa, ele criou coragem. E saiu correndo.

As ruas sob seus pés eram irregulares e divididas, pelo terremoto ou simplesmente pelo tempo e pelo terrível desgaste. Ele tropeçou e se recuperou, caiu e se apoiou em suas mãos — que ficaram cheias de feridas e hematomas, mas funcionaram por reflexo, como aranhas, e o jogaram de volta aos seus pés. Então ele continuou a correr um pouco mais.

Atrás dele, na neblina, ele podia ouvi-los vindo em uma maré cada vez mais veloz.

Nem olhou. Concentrou-se com força na figura torta e cambaleante de Rudy — que seguia em frente, ganhando velocidade, embora Zeke não soubesse como. Talvez o homem mais velho estivesse mais acostumado a usar aquelas máscaras sufocantes, ou talvez ele não fosse tão aleijado quanto parecia. De qualquer

maneira, ele estava chegando perto do prédio branco que subitamente se erguia, destacando-se no meio do ar turvo.

A neblina batia de encontro a ele como ondas, como se ele fosse uma rocha no oceano e a maré tivesse chegado ali para ficar.

Quando Zeke conseguiu ver, já estava quase em cima dele — e isso era um problema. Ele não tinha ideia de como chegar até o segundo andar. Não via nenhuma saída de incêndio nem um lance de escadas. Só via a entrada da frente — imensas portas de bronze manchadas de azinhavre fechadas por uma barricada de troncos e correntes.

Seu impulso para seguir adiante era incontrolável e impossível de deter, até que ele bateu com as mãos contra a estrutura e se forçou a parar. A força de sua colisão machucou suas mãos já feridas, mas ele as usou para sentir seu caminho ao redor das janelas bloqueadas com tábuas e suas molduras intrincadas, onde a parte de alvenaria não estava coberta por tábuas nem folhas de metal.

Olhando ao redor, ele não viu sinal de seu guia. — Rudy! — ele disse com uma vozinha aguda, assustado demais para gritar e assustado demais para ficar quieto.

— Aqui! — Rudy chamou de algum lugar fora de suas vistas.

— Onde?

— Aqui — ele disse novamente, muito mais alto porque estava bem ao lado de Zeke. — Dê a volta, venha logo. Rápido, eles estão chegando.

— Estou ouvindo eles. Eles vêm de...

— Toda parte — disse Rudy. — E isso mesmo. Está sentindo? — ele pegou a mão de Zeke e a colocou sobre um beirai em algum ponto na altura do peito.

— Estou.

— Suba, garoto. — Ele jogou a bengala por cima do beirai e subiu em seguida, depois começou a subir ainda mais alto com o auxílio de uma escada improvisada. Zeke conseguiu vê-la, assim que soube para onde olhar: ela era feita de tábuas e barras aparafusadas diretamente na pedra.

Mas não foi tão fácil assim para ele chegar até aquele ponto. Ele era mais baixo que Rudy e não tão forte; e estava sufocando pela falta de ar e pelo fedor de borracha misturada com couro a cada respiração.

Rudy estendeu a mão e agarrou o braço de Zeke, puxando-o até o beirai e depois girando o garoto de modo a apontá-lo para a escada embutida na parede. — Consegue subir rápido? — ele perguntou.

A única resposta que Zeke deu foi subir pela parede como uma lagartixa.

Assim que viu onde ficavam os apoios para as mãos, confiou que fossem suportar seu peso porque não havia tempo de testá-los um por um. Fincou os pés nas tábuas, enroscou as mãos nas barras e subiu. Rudy foi logo atrás, devagar. Embora ele agisse com razoável aparência de conforto numa caminhada reta, subir era algo que forçava muito o seu quadril, e ele gemia e grunhia a cada etapa.

— Espere — ele disse sem fôlego, mas Zeke não viu motivo. Ele viu uma janela com uma varandinha... e ela parecia promissora.

— É aqui que pulamos fora?

— O quê? — Rudy inclinou a cabeça para o alto e seu chapéu se inclinou para trás, quase caindo.

— Esta janela. É ela que...

— É, é sim. Vamos, eu estou logo atrás de você.

Uma barra parecida com a alça de um fogão cruzava a janela e parecia o lugar mais lógico para segurar. Zeke pegou nela e puxou; ela rangeu e cedeu, mas não o suficiente. Ele tornou a puxá-la e a janela estalou, se soltando de sua moldura — quase desequilibrando Zeke e o jogando para fora da varanda.

— Cuidado, Júnior — Rudy o admoestou. Suas mãos alcançaram a varanda, e ele descansou enquanto Zeke percorreu a janela.

Abaixo deles, as ruas haviam escurecido mais — não com sombras, mas com uma massa de corpos gemendo, juntos, coagulados como uma sopa grossa. Quando Zeke olhou para baixo, não conseguiu distinguir os podres individualmente, mas ele podia discernir uma mão aqui, uma cabeça ali. O ar sujo cobria a todos e os borrava.

— Ignore eles — disse Rudy. — Entre pra gente poder tirar essas malditas máscaras. Não consigo suportar esta coisa nem mais um minuto.

Zeke não poderia ter concordado mais nem se tivesse tentado. Levantou uma das pernas e colocou-a do outro lado, no interior do prédio de paredes brancas. A outra perna foi atrás, e ele estava dentro.

Rudy caiu atrás dele, dobrando-se e rolando até parar. Ficou deitado de costas por um momento, respirando com mais dificuldade do que a máscara o deixaria. — Feche a maldita janela, garoto. Você está deixando a Praga entrar.

— Ah, claro. — Zeke lutou para colocar a janela de volta à sua posição.

Era mais difícil do outro lado, onde abas enceradas de tecido endurecido se enfileiravam nas bordas de modo a formarem um selo. Mas ele a fechou, e ela voltou ao lugar com um som de sucção. — Posso tirar a máscara agora?

— Não, agora não. Não neste andar, não a não ser que você queira ficar bem doente, bem rapidinho. Vamos descer. Lá embaixo você vai poder tirar sua máscara, e vamos poder achar nosso caminho de volta para os túneis, sem problema.

-— De volta para os túneis? E de volta para a colina? — perguntou Zeke, sabendo que estava pedindo a Rudy para mentir e não dando realmente a mínima para isso. Ele só queria lembrá-lo de sua promessa, mesmo que seu guia não tivesse intenção de mantê-la.

— Para a colina, claro. Daqui a gente chega até lá. Mas não subindo mais. Esta maldita torre fica muito longe de qualquer coisa, então não existe qualquer ponte ou caminho conectando-a a nenhum outro edifício. E mesmo que houvesse, teríamos de continuar usando estas coisas.

Zeke puxou os selos de sua máscara, e coçou a pele em carne viva que achou ali. — Eu quero mesmo tirar isto aqui.

— Então vamos descer. Se eu conseguir encontrar as malditas escadas — disse Rudy, sentando-se e esfregando as bordas de sua própria máscara.

— Se conseguir encontrar elas?

— Faz um tempo desde que estive aqui dentro, é só — ele levantou sua bengala e a usou para se erguer. Bamboleou para frente e para trás. Firmou-se.

O garoto olhou ao redor do aposento, com suas janelas sem tábuas e ar um bocado mais límpido que o lá de fora. Espalhadas ao redor do aposento, formas fantasmagóricas que ele descobriu serem móveis cobertos por lençóis.

Zeke cutucou um deles e sentiu o braço de uma poltrona, e a partir daí ele inferiu a forma de um sofá e de uma mesa. Quando levantou a cabeça, viu o esqueleto de um candelabro — um objeto que certamente já havia sido bonito um dia, mas agora não tinha mais seus cristais. — Onde estamos? — ele perguntou.

— Estamos... — Rudy girou ao redor e inspecionou o ambiente. — No quarto de alguém? Ou ele costumava ser, talvez, não sei. Estamos na Torre Smith, de qualquer maneira.

— Por que ela tem esse nome?

— Porque foi construída por um sujeito chamado Smith — ele respondeu secamente. — Você sabe o que é uma máquina de escrever?

— Sei — respondeu Zeke. — Talvez.

— Tudo bem. Já ouviu falar na Smith-Corona?

Ele respondeu: — Ah, sim, claro. Às armas.

— Não, essas são as Smith-Wessons. Esta torre foi construída com dinheiro de máquinas de escrever. Cuidado por onde pisa, garoto. Partes do chão ainda não estão acabadas, e não há corrimões nas escadas. Este lugar não tinha acabado de ser construído quando a Praga começou. Ele é em grande parte sólido, mas aqui e ali você tem que ficar de olho.

— Ela é alta?

— A torre? Sim, é alta. É o edifício mais alto em qualquer lugar por quilômetros, muito embora os dois últimos andares ainda não tenham sido terminados.

Zeke disse: — Eu quero subir. Quero olhar sobre a cidade do alto. — Não acrescentou: — Para poder descobrir onde estou, e o quanto você andou mentindo para mim.

Os olhos de Rudy se estreitaram atrás de seu visor. — Achei que você queria ver a colina, não?

— Eu quero ver a colina. Quero ver ela daqui de cima. Os outros andares estão selados?

— A maioria está — admitiu Rudy. — Só este aqui não, porque é como todo mundo entra. Se você subir ou descer, pode tirar a máscara, mas se subir até o final vai ter que colocá-la novamente. As aeronaves gostam de atracar lá, e a doca não é espaço selado nem nada disso. E é muita escada, garoto. Tem certeza de que quer subir isso?

— Você acha que consegue me acompanhar? — perguntou Zeke, tentando fazer disso um desafio leve. Queria testar seu guia, e quem sabe cansá-lo um pouco se possível. Ele já havia imaginado que poderia precisar correr, e se a coisa chegasse a esse ponto, ele precisaria correr mais do que o homem que mancava. Teria de sair do caminho daquela bengala.

— Eu consigo acompanhar você — disse Rudy. — Vá para lá, para o corredor principal. Deve haver um lampião virando a curva. — Ele lhe jogou uma caixa de fósforos e disse: — Acenda.

Zeke achou o lampião e o acendeu. Rudy foi até onde ele estava. Disse: — Está vendo aquela cortina ali?

— A preta?

— Essa mesma. É um selo... seda coberta por alcatrão. Existe uma barra ali embaixo no fundo; ela pesa e é segura. Deslize-a para fora e podemos mover a cortina. — Ele se apoiou na bengala e ficou olhando enquanto Zeke seguia as instruções, depois disse: — Agora salte rápido. Estou atrás de você — e estava

mesmo.

Zeke recolocou a barra e eles foram engolfados pela escuridão, a não ser pelo lampião, que fez seu melhor para lançar um brilho animado. — Vamos descer até o fim, e vamos tirar essas coisas.

— Podemos respirar aqui?

— Provavelmente, mas não vou me arriscar. Gosto de colocar um par de selos entre eu e a Praga se puder. — Rudy pegou o lampião e seguiu o corredor acarpetado até seu fim, então se espremeu entre outro conjunto de abas. Depois de alguns segundos, apenas sua mão esquerda com a bengala permaneceu do lado de fora onde Zeke podia vê-la. Rudy estendeu o dedo e o curvou, significando que o garoto deveria passar também.

Do outro lado do selo havia luz, embora fosse cinzenta e doentia.

A máscara de Rudy já estava fora quando Zeke forçou passagem pela abertura. Ver o outro homem respirar livremente fez Zeke se desesperar para fazer o mesmo. Arrancou sua máscara fora e respirou fundo o ar mais podre que já havia inalado, mas foi lindo porque ele não precisou lutar por isso.

Louco de felicidade e tossindo, ele voltou a respirar. — Eu posso respirar! Aqui está fedendo que nem merda, mas eu posso respirar!

— Até mesmo a coisa mais fresca tem cheiro de enxofre e fumaça aqui em cima — Rudy concordou. — Lá embaixo não é tão ruim, mas o ar aqui em cima fica parado porque não há para onde circular. Pelo menos no subterrâneo nós o forçamos a se movimentar.

Zeke examinou sua máscara e viu que seus filtros estavam mudando de cor. — Preciso de filtros novos — ele observou. — Achei que estes aqui deveriam funcionar bem por dez horas.

— Filho, há quanto tempo você acha que está aqui? No mínimo esse tempo, isso eu lhe digo com certeza. Mas isso não é nada para se entrar em pânico. Os filtros estão baratíssimos desde que aquele negrão velho roubou um trem de suprimento confederado na primavera passada. E se você perceber que está ficando sem, existem túneis selados por todo lugar nesta parte da cidade. Mas lembre-se da regra: ponha dois selos entre você e a Praga se puder.

— Vou me lembrar — disse Zeke, já que o conselho parecia sensato Em algum canto invisível da torre enorme e inacabada, ambos os viajantes ouviram um barulho de algo desabando. Zeke exigiu saber: — O que foi isso?

— Diabos me levem se eu sei — disse Rudy.

— Parecia que estava vindo de dentro.

— É, parecia mesmo — disse Rudy. Ele segurou a bengala com mais firmeza e ergueu-a no chão para deixá-la pronta para disparar, caso o momento assim o exigisse.

Um segundo som de desabamento se seguiu ao primeiro, e desta vez foi mais inconfundível. Era o som de alguma coisa caindo das escadas atrás deles.

— Não estou gostando disso — resmungou Rudy. — Precisamos descer.

— Não podemos! — Zeke murmurou feroz. — Esse ruído veio de baixo!

É melhor subirmos!

— Você é um idiota. Se subirmos, ficamos presos quando as escadas acabarem.

A discussão acabou ali, porque um som diferente de uma direção diferente soou mais alto e mais forte lá em cima. Era um som de maquinaria e força; era o tremor e o sacolejar de alguma coisa se aproximando — tudo rápido demais.

— O que é isso...?

Zeke não conseguiu terminar a pergunta. Do lado de fora e de cima, uma enorme aeronave com uma cesta balouçante e tanques de metal duro se chocou contra a lateral da torre e quicou em outra estrutura, depois voltou para um segundo pouso malfeito. Janelas se estilhaçaram e o mundo inteiro sacudiu, como aconteceu quando a terra tremeu horas antes.

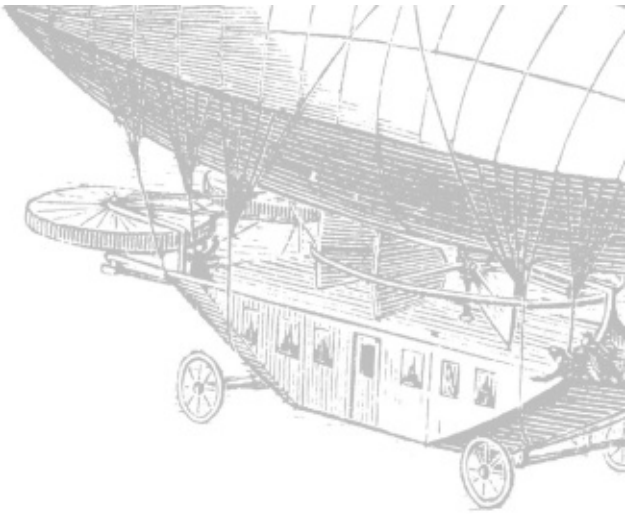
Rudy enfiou a máscara de novo sobre o rosto e Zeke fez o mesmo, muito embora o ato o fizesse querer chorar. Rudy correu para as escadas enquanto o edifício estremecia debaixo dos pés deles, e ele ordenou: — Abaixa!

E assim ele começou a meio que correr, meio que cambalear para a escuridão.

Zeke não tinha mais o lampião, e ele não sabia o que havia acontecido com ele. O recuo apressado de Rudy ao fugir de qualquer maneira foi tão ruidoso quanto o ar trovejante e a nave que batia contra as paredes. Mas quando Zeke alcançou as escadas e a escuridão sacolejante quis tomá-lo de assalto, ele a combateu.

E começou a subir.

E então houve mais escuridão do que quando ele começou, e ela estava desabando em sua direção, correndo como água, ou terra, ou o próprio céu.



TREZE

Briar bebeu de um gole só a primeira caneca, e depois uma segunda cheia de água. Ela perguntou sobre a cerveja. — Quer um pouco?

— Não. Só me perguntei por que era uma opção.

Swakhammer se serviu de uma caneca maior cheia de uma cerveja de cheiro amargo e puxou uma cadeira em frente a Briar. Ele respondeu: — Porque é mais fácil transformar água amargada pela Praga em cerveja do que purificá-la. A destilação faz uma cerveja ruim, mas não vai matar você nem te transformar num podre.

— Entendi — ela disse, e fazia todo o sentido. Mas ela não conseguia se imaginar engolindo a bebida amarelo-urina, a não ser na mais difícil das circunstâncias. Mesmo à distância, ela tinha um cheiro que era capaz de descascar tinta.

— Leva um tempo pra se acostumar — ele admitiu. — Mas assim que você se acostuma, não é tão ruim. E, sabe, não sei seu nome.

— Briar — ela disse.

— Briar de quê?

Ela pensou rapidamente em inventar uma nova identidade, e descartou a ideia com a mesma velocidade. Sua experiência com o capitão e a tripulação da Naarnah Darling havia sido um incentivo. — Era Wilkes — ela disse. — E

agora, é Wilkes novamente.

— Briar Wilkes. Então isso faz de você... está certo. Não é de espantar que você queira manter isso para si mesma. Quem lhe deixou aqui embaixo... Cly?

— Isso mesmo. Capitão Cly. Foi ele quem me soltou aqui em baixo, no seu caminho para outro lugar. Como sabe?

Ele tomou outro gole de cerveja e disse: — Todo mundo sabe como ele escapou da Praga. Não é segredo. E ele não é o pior tipo de sujeito. Não é o melhor, mas definitivamente não é o pior. Acredito que ele não tenha lhe dado nenhum problema?

— Foi um cavalheiro perfeito — ela disse, Ele sorriu, revelando uma fileira inferior de dentes que se encaixavam de modo estranho. — Acho isso difícil de acreditar. Ele é um grande filho da mãe, não é?

— Enorme, sim, mas você também não é nenhum peixe pequeno. Você me deu um susto dos diabos, aparecendo de sopetão assim. Como se sua voz não fosse suficientemente pavorosa naquela máscara, isso faz você parecer um monstro também.

— E faz! Eu sei que faz. Mas isso me faz respirar melhor do que aquela coisa velha que você estava usando, e o traje evita o pior das mordidas dos podres. Se eles conseguirem pegar você, te comem inteiro. — Levantou-se para reencher a bebida e permaneceu de pé, fazendo uma pose pensativa com um braço cruzado e o outro segurando a caneca. — Então você é a filha de Maynard. Eu achava você familiar, mas não a teria reconhecido se você não tivesse dito nada. E isso faz de seu filho desaparecido...

— Ezekiel. O nome dele é Ezekiel, mas atende por Zeke.

— Claro, claro. E Zeke é neto de Maynard. Você acha que ele está fazendo questão de dizer isso as pessoas?

Briar assentiu. — Deve estar fazendo. Ele sabe que isso poderia ajudá-lo aqui, e não percebe — não inteiramente, acho que não — como isso poderia também machucá-lo. Não que isso tenha a ver com Maynard, quero dizer. É sobre o pai dele.

Ela deu um suspiro e pediu mais água. Enquanto Swakhammer reenchia a caneca, ela disse: — Não é culpa dele. Nada disso é culpa dele; é tudo culpa minha. Eu devia ter dito a ele... Deus. Eu nunca disse nada a ele. E agora ele está nessa missão para desencavar o passado e ver se consegue achar algo que valha a pena ter.

Outra caneca de água choca pousou na mesa à sua frente. Ela a pegou, e bebeu

metade de seu conteúdo.

— Então Ezekiel veio para cá procurando por seu pai?

— Procurando por ele? De certa forma, suponho que sim. Ele acha que pode provar que o pai dele era inocente se conseguir encontrar provas de que o embaixador russo pagou para testar a Boneshaker antes que estivesse pronta.

Ele veio para cá querendo encontrar o antigo laboratório, para poder caçar algum jeito de limpar o nome de Levi. — Briar bebeu o resto da água.

Swakhammer lhe ofereceu mais, mas ela acenou com a mão em negativa, — Ele pode fazer isso?

— Perdão?

— Ele pode fazer isso? Ele pode provar que Blue era inocente do negócio da Praga?

Ela balançou a cabeça e quase deu uma gargalhada. — Ah, não. Ah, Deus, não, ele não pode. Levi era culpado como Caim. — Quase imediatamente, ela desejou não ter dito essa última parte. Não queria que seu novo companheiro fizesse nenhuma pergunta, então ela perguntou apressada: — Talvez, lá no fundo, Zeke saiba. Talvez ele só queira ver de onde veio, ou ver os estragos por si mesmo. Ele é só um garoto — ela disse, e se esforçou muito para manter a exasperação longe de suas palavras. — Só Deus sabe por que ele faz as coisas que faz.

— Ele nunca conheceu o pai, acredito.

— Não. Graças a Deus.

Swakhammer curvou-se contra as costas da cadeira em frente a Briar.

— Por que diz isso?

— Porque Levi nunca teve a chance de corrompê-lo ou mudá-lo. — Isso não era tudo o que ela podia dizer, mas era tudo o que ela podia arriscar por aquele estranho. — Eu não paro de pensar que talvez um dia esta guerra lá no leste acabe... e então eu possa fazer as malas dele e ir para algum outro lugar, onde ninguém conhece nenhum de nós dois. Isso seria melhor, não seria? Não pode ser pior do que estar aqui.

— Estar aqui não é tão ruim — ele argumentou com um sorriso sardônico.

— Olhe só este palácio!

— É ruim sim, e você sabe disso tão bem quanto eu. Então por que fica?

Por que viveria aqui... por que alguém viveria aqui?

Swakhammer deu de ombros e terminou sua cerveja. Enfiou a caneca de volta a

um dos caixotes e disse: — Cada um tem seu motivo. E você pode viver aqui, se quiser. Ou se precisar. Não é fácil, mas não é fácil mais em lugar nenhum.

— Acho que você tem razão.

— De qualquer maneira, aqui se ganha dinheiro. Há liberdade, e muitas oportunidades se você souber onde procurar.

— De quê? Como? — perguntou Briar. — De saquear os antigos lugares ricos? Um dia esse dinheiro acaba. Existe um limite para o que você pode roubar e vender dentro das muralhas, ou pelo menos eu acho.

Ele se remexeu, desconfortável. Disse: — Sempre existe a Praga. Ela não vai a lugar algum, e ninguém sabe o que fazer a respeito dela. Se você não consegue ganhar um dólar com a seiva, então ela realmente não serve de nada pra ninguém.

— Seiva de limão mata pessoas.

— Outras pessoas também. Cães também. E coices de cavalos, e doenças, e gangrena, e dar a luz a bebês. E a guerra, então? Você não acha que a guerra lá no leste mata pessoas? Uma coisa eu lhe juro: ela mata gente aos montes, e mata mais do que a Praga. Por uma diferenças de milhares, eu aposto.

Briar deu de ombros, mas não foi em sinal de desprezo. — Você tem razão, eu sei disso, mas meu filho não vai morrer de parto, nem na guerra — pelo menos ainda não. No momento, é muito mais provável que ele morra doente com essa maldita droga, porque ele é apenas uma criança, e crianças fazem coisas estúpidas. E, por favor, entenda, não estou acusando você de nada. Eu entendo como o mundo funciona, e sei muita coisa sobre o que as pessoas precisam fazer para ir levando.

— Eu não lhe devo satisfação alguma.

— E nem eu estou lhe pedindo isso. Mas você parecia bastante pronto para oferecer uma em autodefesa.

Ele empurrou a cadeira e lhe deu um olhar que era quase um fuzilamento, mas não chegou a tanto. — Está bem. Contanto que nós nos entendamos.

— Acho que nos entendemos sim. — Ela esfregou os olhos e coçou a coxa, onde os cortes minúsculos da janela coçavam feito loucos; mas pelo menos não estavam sangrando mais.

— Está ferida? — perguntou Swakhammer, ansioso para mudar de assunto.

— São só uns cortes. Não seria tão ruim, a não ser pelo gás que roça neles. Você não tem nenhuma atadura por aqui, tem? Vou precisar de algumas, no mínimo por questão de decência. Daqui a pouco minhas calças vão se desfazer,

então eu bem que poderia usar agulha e linha também.

O sorriso de dentes tortos dele tornou a aquecer seu rosto. — Parece que você precisa de uma secretária, ou de um bom hotel. Receio que não possa lhe dar muita coisa com relação a esses itens, mas agora que decidi para onde levá-la, acho que podemos dar um jeito em você.

Briar não gostou do fraseado dele. — O que você quis dizer com isso?

Para onde vai me levar?

— Você tem que entender — ele disse. Colocou a armadura no ombro e enfiou a máscara embaixo do braço. — Esta é uma... bem, vamos chamá-la de comunidade controlada. Ela não é para todo mundo, e nós gostamos dela exatamente assim. Mas de vez em quando, alguém cai de uma aeronave ou se esgueira vindo lá de baixo perto da água, com vontade de mudar de vida. Ás pessoas têm a ideia de que existe algo de valor aqui dentro, e elas querem por as mãos nessa bolada. — Ele inclinou a cabeça para olhar a máscara dela, e a bolsa e o rifle que estavam na mesa ao seu lado. — Pegue suas coisas.

— Para onde você está me levando? — ela perguntou mais nervosa, agarrando a arma.

— Minha querida, se eu fosse lhe dar algum trabalho, já teria tirado isso aí de você. — Apontou para o Spencer. — Vou levar você até a casa de seu pai. Mais ou menos. Agora vamos. Já é de tarde e está ficando escuro, e fica ainda pior lá fora quando está escuro. Estamos andando embaixo das partes realmente ruins, mas a esta hora do dia, todo mundo e mais alguém está descendo para os túneis.

— Isso é ruim?

— Pode ser. Como eu ia lhe dizer antes que você me distraísse, já temos muitos problemas aqui embaixo. É por isso que temos que vigiar os recém-chegados tão de perto. Não precisamos de mais problemas do que os que já temos.

Briar se sentiu um tanto refrescada, mas não muito tranquilizada pela virada levemente sinistra da conversa. Ela colocou o rifle no ombro, passou a alça da bolsa no outro e enfiou a máscara dentro dela. O chapéu velho de seu pai cabia muito melhor nela sem a máscara, então ela voltou a colocá-lo na cabeça ao invés de amarrá-lo à bolsa.

Ela lhe disse: — Tudo o que quero é encontrar meu filho. É só isso. Eu acho ele, e saio da sua cidade.

— Acho que você subestima o problema que uma mulher como você pode provocar sem sequer tentar. Você é a garota de Maynard, e Maynard é a coisa mais próxima de uma autoridade consensual aqui embaixo.

Ela piscou várias vezes, sem entender. — Mas ele está morto. Ele está morto há dezesseis anos!

Swakhammer empurrou para o lado uma cortina de couro e a manteve erguida para Briar, que estava agora mais relutante em deixá-lo ir atrás dela.

Mas não havia como ser educada e recusar. Ela tomou a dianteira, e ele deixou a cortina cair atrás dos dois, lançando o corredor na escuridão, a não ser por seu lampião.

— É claro que ele está morto, e isso é bom para nós. E difícil discutir com um morto. Um morto não pode mudar de ideia nem criar novas regras, ou se comportar como um bastardo para que ninguém o ouça mais. Um morto permanece santo. — Ele deu uma pancadinha no ombro dela e lhe entregou o lampião. — Aponte isto para cá para eu poder enxergar.

Como se ele tivesse se esquecido de alguma coisa, levantou um dedo que pedia para ela esperar. Abaixou-se para passar pela cortina e reapareceu alguns segundos mais tarde, seguido pelo cheiro de fumaça.

— Tive que apagar as velas. Agora traga isto mais para perto.

Ao lado da cortina de couro, havia uma haste comprida de ferro encostada na parede. Swakhammer a pegou e a passou através de uma série de aros na parte inferior da cortina de couro.

— Você está... — Briar não tinha certeza de como fazer a pergunta. — Trancando a cortina?

Ele soltou uma risada que era meio um grunhido. — Só colocando um peso nela. Quanto mais barreiras pusermos entre as partes de baixo e as de cima, melhor o ar fica; e quando os foles sopram, essas cortinas começam a voar por toda parte.

Ela ficou ali o observando trabalhar, prestando bastante atenção. A mecânica de tudo aquilo a fascinava — os filtros, os selos, os foles. Seattle costumava ser uma cidade comercial descomplicada alimentada e engordada pelo ouro do Alasca, e depois se dissolveu em uma cidade de pesadelo repleta de gás e de mortos-vivos. Mas as pessoas haviam ficado. As pessoas haviam voltado. E haviam se adaptado.

— Posso fazer alguma coisa?

— Basta segurar o lampião. Já consegui aqui, — As cortinas estavam ancoradas e presas pela haste, e ele enfiou a extremidade dela numa ranhura ao lado da maçaneta da porta. — Esta parte está resolvida. Agora vamos. Fique com o lampião se quiser. Suba direto por aqui, e pegue o caminho da direita, se faz

favor.

Briar vagou pelo corredor úmido e coberto de musgo que soava com os distantes e perpétuos pingos de água. Às vezes, lá de cima, um estrondo ou um clangor metálico se faziam ouvir, mas como seu acompanhante não dava a menor atenção aos ruídos, ela fez o melhor possível para ignorá-los também.

— Então, Sr. Swakhammer. O que quis dizer quando falou que estávamos indo para... a casa do meu pai? — Ela olhou para trás. A luz irregular do lampião dava ao rosto do homem uma aparência vazia, rústica.

— Estamos indo para a casa de Maynard. Ela costumava ser um pub, lá no final da praça. Agora é igual a todo o resto aqui — mortinha — mas lá no porão há um grupo de sujeitos que mantém o lugar funcionando. Acho que vamos tentar lá primeiro porque, ora, para começo de conversa você vai precisar de filtros melhores e talvez uma máscara melhor. E, além disso, se seu garoto esteve por aqui dizendo aos outros que é neto de Maynard, há boas chances de que alguém tenha levado ele até lá.

— Você acha? Mesmo? Mas ele estava tentando tanto encontrar o caminho até a casa de Levi.

O corredor se abriu para uma encruzilhada de três caminhos. — Pegue o do meio — Swakhammer disse a ela. — A pergunta é: será que o garoto sabe onde fica a casa?

— Não acho que saiba, mas posso estar enganada. Se ele não souber, então não consigo imaginar como ele começaria a procurar.

— A casa de Maynard — ele disse confiante. — O pub é ao mesmo tempo o lugar mais seguro no qual ele poderia parar, e o local mais provável onde ele iria parar.

Briar tentou não deixar o lampião tremer quando perguntou, meio para si mesma e meio para seu companheiro: — E se ele não estiver lá?

No início, ele não respondeu. Emparelhou com ela e tirou-lhe o lampião da mão com gentileza, segurando-a mais alto e mais adiante, como se estivesse procurando por alguma coisa. — Ah — disse, e Briar viu o nome da rua e a seta pintada na parede. — Desculpe. Por um minuto, achei que havíamos virado para o lado errado. Não venho para cá com frequência. Na maioria das vezes eu fico mais perto da praça.

— Ah.

— Mas escute, quanto ao seu garoto, se ele não estiver na casa de Maynard... bem, então ele não está na casa de Maynard. Você pode perguntar, ver se alguém

lá o viu ou ouviu falar dele. Se ninguém tiver visto ou ouvido, então pelo menos você está espalhando a notícia... e isso só pode ajudá-lo. Os sujeitos lá na casa de Maynard, quando souberem que têm sangue do velho homem da lei perdido ou vagando aqui na cidade, vão mover céus, terra e inferno criado pela Praga para encontrá-lo, só para dizer que o viram.

— Você não está me dizendo isso só para fazer com que eu me sinta melhor?

— Por que eu me importaria com isso?

Acima deles, uma coisa pesada caiu, e os canos que corriam ao longo das paredes estremeceram em seus postes.

— O que foi isso? — Briar quis saber. Ela escorregou mais para perto de Swakhammer e resistiu à necessidade de preparar seu rifle.

— Podres? Nossos garotos? Minnericht testando algum brinquedo novo?

Não há como saber.

— Minnericht — repetiu Briar. Era a terceira vez que ela ouvia esse nome. O mesmo homem que fez sua... sua Daisy?

— Ele mesmo.

— Então ele é um cientista? Um inventor?

— Coisa assim.

Briar franziu a testa. — O que isso quer dizer?

— Ele é um homem de muitos brinquedos, e está sempre revelando novos. A maioria de seus brinquedos é perigosa como o diabo, embora alguns sejam meio divertidos. Ele também faz umas coisinhas mecânicas. Ele é muito estranho, e nem sempre de muitos amigos. Pode dizer isso em voz alta se quiser.

— Dizer o quê em voz alta? — ela olhou direto para frente, para a distância úmida e levemente tóxica.

— O que está pensando. Você não é a primeira pessoa a reparar nisso... o quanto Minnericht soa como seu marido.

— Meu ex-marido. E eu não estava pensando isso — ela mentiu.

— Então você é muito tola. Não existe um homem aqui embaixo que não tenha se perguntado a respeito.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar — ela protestou, embora estivesse com muito medo de estar entendendo. — Seattle não era uma cidade imensa, mas era grande o bastante para ter mais de um cientista vivendo aqui, aposto. Ou esse Minnericht pode ter vindo de outro lugar.

— Ou ele pode ser o velho Levi, com roupas diferentes e usando um nome

novo.

— Não é ele — ela disse tão rápido que sabia que devia soar suspeito. — Meu marido morreu. Não sei quem esse Minnericht pode ser, mas não é Levi, isso eu posso lhe jurar.

— Por aqui — Swakhammer a conduziu rapidamente por um caminho mais escuro que terminava em uma escada. A escada desaparecia em outro túnel de tijolos. — Você quer ir primeiro, ou quer que eu vá?

— Pode ir na frente.

— Está certo. — Ele colocou o cabo de arame do lampião nos dentes, inclinou a cabeça para a frente e desceu com a luz quase chamuscando sua camisa. — Como? — ele perguntou de baixo.

— Como o quê?

— Como você sabe que Minnericht não é Leviticus? Você parece muito certa disso, Viúva Blue.

— Se me chamar assim novamente, lhe dou um tiro — ela jurou.

Colocou os pés nos degraus e desceu atrás dele.

— Vou manter isso em mente. Mas responda minha pergunta: como sabe que não é ele? Até onde sei, ninguém jamais encontrou o corpo de Blue. Ou, se alguém encontrou, ninguém anunciou.

Ela pulou o último degrau e caiu em pé. Totalmente ereta, ela não chegava nem aos ombros dele. — Ninguém o encontrou porque ele morreu aqui na cidade ao mesmo tempo em que muitas outras pessoas morreram, e ninguém estava disposto a voltar para procurar. Os podres provavelmente pegaram o corpo dele, ou talvez ele simplesmente tenha se decomposto até não restar mais nada. Mas estou lhe dizendo, ele está morto, e não aqui embaixo vivendo dentro destas muralhas que são culpa dele. Não consigo imaginar por que vocês sequer pensariam numa coisa dessas.

— É mesmo? Não consegue imaginar? — Ele lhe deu um sorriso torto e balançou a cabeça. — É, é bem difícil imaginar... um cientista louco cria máquinas loucas e destrói uma cidade inteira, e depois, assim que a poeira assenta, aparece um cientista louco fazendo máquinas loucas.

— Mas certamente alguém já viu Minnericht, não? Todo mundo sabe como era a aparência de Levi.

— Todo mundo sabia como era o Blue, sim. Mas ninguém sabe como é Minnericht. Ele mantém o rosto coberto e a cabeça abaixada. Tem uma garota que costumava ficar espreitando aqui embaixo, Evelyn não sei do quê. Ele

costumava se divertir com ela, de vez em quando, antes dela se viciar demais na Praga e começar a se transformar.

Ele olhou para Briar e disse com muita seriedade: — Isso foi há alguns anos, antes de termos urna boa ideia de como respirar aqui embaixo. Foi preciso muita tentativa e erro, isso foi, e este aqui é um lugar onde só os fortes sobrevivem. E Evie, ela simplesmente não era forte o bastante. Ela adoeceu e começou a se transformar, e então o bom doutor deu-lhe um tiro na cabeça.

— Isso... — Briar não conseguia pensar numa resposta.

— Isso é fazer as coisas de um modo puramente prático, é só. Temos muitos podres se arrastando por aqui; não precisávamos de mais um. A questão é — ele continuou — antes de ir desta para melhor, ela contou aos rapazes que havia conseguido dar uma olhada no rosto dele, e ela estava toda marcada por cicatrizes... como se ele tivesse sido queimado, ou como se alguma outra coisa ruim tivesse acontecido a ele. Ela disse que ele quase nunca tirava a máscara de gás, mesmo quando estava aqui embaixo nos lugares mais seguros.

— Bom, então aí está a explicação. Ele é apenas um homem infeliz que está ocultando algumas cicatrizes. Não há razão para supor o pior.

— Também não há razão para supor o melhor. Ele é louco, claro, como seu marido era. E ele tem o mesmo talento para construir coisas, e fazer as coisas funcionarem. — Swakhammer parecia à beira de dizer mais alguma coisa. — Não estou dizendo que é o que ele é, claro. Só estou dizendo que muita gente pensa que ele poderia ser.

Briar fez uma careta de deboche. — Ah, vamos lá. Se vocês realmente achassem que ele era o Blue, já o teriam arrastado até a rua e o dado de comer aos podres.

— Olhe onde pisa — ele disse a ela, indicando com um gesto de varredura do lampião como o piso do túnel era quebrado e irregular. — E isso não nos ocorreu a todos assim de repente, pensar que esse estranho podia não ser um estranho. Aconteceu de modo realmente gradual, ao longo de dois anos. Um dia, dois sujeitos que estavam pensando sobre isso em particular dividiram seus pensamentos, e a partir dali começou um rumor louco que ninguém poderia parar.

— Eu poderia pará-lo.

— Talvez pudesse; talvez não. Se você está tão interessada em comprar o problema, eu até que gostaria de ver você tentar. Nos últimos anos, o velho doutor tem dado mais trabalho do que valor aqui embaixo... tirando os instrumentos úteis, claro. — Ele deu umas palmadinhas carinhosas na Daisy e

balançou a cabeça. — Ele faz um bom trabalho, mas faz coisas ruins com seu bom trabalho. Ele tem uma certa paixão por comandar.

— Você mesmo disse que ninguém manda aqui embaixo a não ser um homem que morreu há dezesseis anos.

Ele resmungou: — Eu não disse exatamente isso. Vamos lá. Não falta muito, eu juro. Consegue ouvir?

— Ouvir o quê? Ao fazer a pergunta, ela já podia ouvir fragmentos de música. Não era alta nem muito melódica, mas era distintiva e alegre.

— Parece que o Varney está tocando, ou tentando tocar. Ele não consegue tocar direito uma canção sequer, mas está fazendo o melhor que pode pra aprender. Havia uma pianola velha na casa de Maynard, mas o mecanismo dentro dela apodreceu. Alguns dos rapazes fizeram uma gambiarra para que fosse possível tocá-la como um instrumento comum. A coitada da máquina não tem sido afinada desde antes das muralhas, mas isso você provavelmente já está ouvindo por si mesma.

— Estou surpresa que você fique à vontade com tanto barulho. Eu achava que você passava os dias em silêncio. Os podres parecem ter ouvidos bons.

— Ah, eles não podem nos ouvir tão bem quando estamos aqui embaixo.

O som viaja pelo subterrâneo melhor do que de baixo para cima. — Ele inclinou a cabeça para o teto. — E mesmo que tivessem uma ideia sequer do que fazemos aqui, não conseguiriam chegar até nós. A casa de Maynard — bem, a maior parte da praça velha — é extremamente reforçada. É a parte mais segura do que restou, isso eu lhe digo.

Ela se lembrou de Zeke, e mais uma vez fez uma prece silenciosa, para quem estivesse ouvindo, que talvez o garoto tivesse encontrado seu caminho até a fortaleza dentro da fortaleza. — E se tivermos sorte, vamos encontrar meu filho lá.

— Se tivermos sorte. Ele é do tipo que sabe se virar?

— Sim. Ah, Deus, sim. Até demais.

A música estava ficando alta demais, transbordando pelas bordas de uma porta redonda que havia sido selada em ambos os lados. Swakhammer mexeu nas abas e procurou uma trava.

Briar viu uma marca na porta. Era geométrica e aguda, urna linha em ziguezague que a lembrava de alguma coisa. Ela apontou para aquilo e perguntou: — Sr. Swakhammer, o que é aquilo? O que significa aquela marca?

— O quê? Você não a reconhece?

— Reconhecer? E apenas uma linha em ziguezague. Significa alguma coisa?

Ele estendeu a mão para ela e ela quase recuou por reflexo, mas se segurou firme enquanto ele mexia na fivela do cinto dela. Usando um dedo, ele a levantou para que ela pudesse olhar para baixo e ver por si mesma. — São as iniciais do seu papai mesmo, é só isso. Ele marca este lugar como um ponto seguro, para gente que mantém a paz.

— É mesmo — ela murmurou. — E eu não me sinto uma idiota.

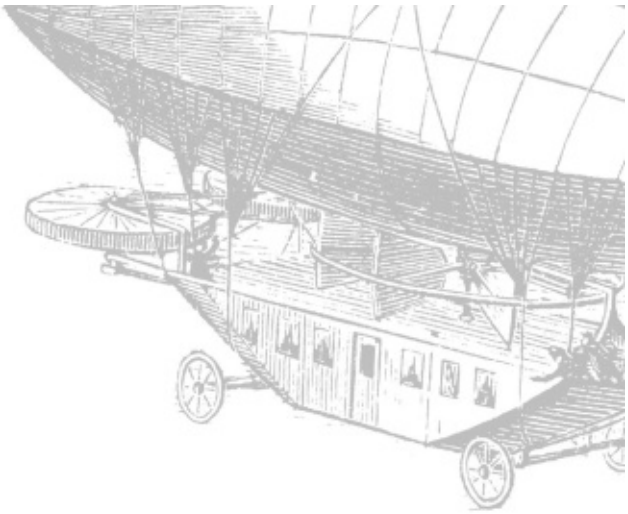
— Não se sinta boba a respeito. A qualidade pobre da escrita de Willard é legendária. Recue, se não se importar. Essas portas são seladas de ambos os lados, em caso de... — E ele puxou a trava, deu um puxão mais forte na porta e se encostou nela para mantê-la aberta.

— Em caso de quê?

— Em caso de ruptura. Em caso de falha dos foles, ou se os pontos limpos lá em cima forem arrebentados e contaminados. Caso isso ocorra, é só.

Por aqui, tudo é possível.

Ela atravessou a porta, e acreditou nele.



QUATORZE

A não ser pelo fato de que não havia janelas, o estabelecimento era igualmente a milhares de outros que operavam na superfície. Uma grande barra feita de madeira e latão estava encostada na parede em frente, e atrás dela havia sido instalado um espelho rachado. Ele brilhava e refletia o aposento de aspecto quente, duplicando a quantidade de velas aglomeradas acesas em cada mesa quadrada e baixa — e contribuindo com um brilho fraturado para a cena.

Ao piano, um homem de cabelos grisalhos vestindo um paletó verde comprido estava sentado numa banqueta e batucava com força as teclas, cada qual amarelada como dentes velhos. Ao seu lado, uma mulher de ossatura grande e um braço só batia o pé no ritmo da toada que ele estava pelejando para tirar do instrumento; e no bar, um homem magro servia uma substância amarela doentia que devia ser aquela cerveja nojenta.

Três homens estavam sentados no bar, e mais seis ou sete estavam espalhados pela taverna, sentados aqui e ali — a não ser por um camarada que estava sentado inconsciente no chão ao lado do piano. Alguma coisa a respeito da caneca em sua mão e da baba no seu queixo sugeria que ele havia desmaiado ali mesmo, e não sido vítima de algum acontecimento mais empolgante.

Ao ver Swakhammer, diversos frequentadores levantaram suas canecas numa saudação passiva; mas ao ver Briar, o lugar se calou, a não se ser pela melodia simples e teimosa.

Mas até mesmo a música parou quando a mulher maneta reparou nos recém-chegados.

— Jeremiah — ela disse com uma voz rouca de tanto fumar. — Quem é que você trouxe aí?

Pela cara de expectativa dos frequentadores da casa de Maynard, Briar era capaz de adivinhar muitas coisas. Ela estava tentando preparar uma maneira gentil de decepcioná-los quando Swakhammer se encarregou de fazer isso por ela.

— Lucy — ele disse para a barwoman... e, ao dizer a ela, disse a todo o salão: — ela não é esse tipo de visitante.

— Tem certeza? — um dos homens no bar perguntou. — Ela é mais bonita que as de costume.

— Receio que sim. — Ele se virou para Briar e disse, com um tom de desculpas na voz: — De vez em quando, garotas profissionais acham o caminho aqui de baixo. Podem ganhar uma fortuna em uma semana, mas sabe como é. Elas têm que estar muito desesperadas para virem tentar aqui nas muralhas.

— Oh — fez Briar.

Swakhammer disse: — Então está certo, deixe-me fazer uma apresentação ou duas. Aquela ali no bar é Lucy O'Gunning. Ela é a encarregada da espelunca. Fazendo a ronda do salão, na banqueta do piano temos Varney; Allen e David na mesa mais ao longe; Squiddy e Joe ali jogando cartas; e descendo aqui pela frente temos Mackie e Tim. Acho que são todos.

Então ele disse: — Pessoal, esta é a Senhorita Briar Wilkes.

Um súbito burburinho tomou conta do salão, mas Swakhammer continuou falando: — Ela pegou uma carona do meu e seu amigo, o Capitão Cly, e pensou em visitar nosso belo e aprazível destino de férias aqui dentro das muralhas... e não consegui pensar em lugar melhor para começar do que o ponto batizado com o nome do pai dela. Ela gostaria de fazer algumas perguntas, e espero que vocês todos sejam camaradas o bastante para tratá-la bem.

Ninguém se levantou nem fez nenhuma objeção ou acusação, então Briar foi diretamente ao ponto da visita. — Estou procurando meu filho — ela disse de cara. — Será que alguém aqui o viu? O nome dele é Ezekiel, e ele atende por Zeke. Zeke Wilkes. Ele só tem quinze anos, e é um garoto inteligente apesar dessa ideia imbecil de vir até aqui. Eu estava esperando que talvez, quem sabe, alguém o tivesse visto. Ele...

Ninguém a interrompeu para dar informações que a ajudassem. Ela continuou

falando, e a cada palavra teve mais certeza de qual seria o resultado, mas isso só a fez falar mais.

— Ele é quase da minha altura, e magro feito um varapau. Ele está com algumas das coisas do avô; acho que a intenção dele era trocá-las, ou usá-las como prova de quem ele é. Ele teria chegado aqui ontem. Não sei exatamente quando ele partiu, mas ele veio para cá pelo sistema de escoamento de água antes de ele desabar no terremoto de ontem à noite. Será que algum de vocês...? — Ela encarou alguns olhos, mas nenhum deles tinha um sim para ela. De qualquer forma, ela tinha de perguntar, então o fez. — Algum de vocês o viu?

Ninguém falou nem piscou.

— Eu pensei... isto é, o Sr. Swakhammer disse..» que talvez alguém o tivesse trazido para cá, já que Zeke é quem é. Pensei...

Eles não precisaram responder. Ela sabia qual era a resposta, mas desejou que outra pessoa respondesse, de qualquer maneira. Detestava ser a única pessoa falando, mas ia continuar até que alguém a interrompesse.

E Lucy finalmente o fez. Ela disse: — Srta. Wilkes, eu lamento muito. Não vi nem sinal dele. Mas isso não quer dizer que tenha acontecido alguma coisa com ele. Existe mais de um ponto selado aqui nas muralhas onde ele pode ter se abrigado e descansado.

Briar devia estar com cara de quem iria chorar a qualquer momento, porque a mulher mais velha se aproximou, ajustando o xale. — Querida, você teve um dia difícil, dá pra ver direitinho. Deixa eu lhe pegar uma bebida e colocar você sentada, e aí você pode nos contar tudo.

Ela assentiu e se engasgou com o bolo que estava se formando em sua garganta.

— Eu não devia — ela começou a argumentar. — Preciso continuar procurando por ele.

— Eu sei que precisa. Mas nos dê um minuto para recompor você e lhe arrumar uns filtros limpos, e você pode nos contar tudo a respeito. E talvez possamos ajudar você. Vamos ver. O Jeremiah ali ofereceu cerveja a você?

— Sim, mas não; não, obrigada. E eu já tenho filtros extras; só não tive chance de usá-los.

Lucy levou Briar até a banqueta vazia mais próxima e a posicionou ali.

Frank, Ed e Willard pularam bancos até estarem todos quase encostados em Briar; e atrás dela, ela podia ouvir o arrastar de cadeiras sendo empurradas e abandonadas. Os últimos ocupantes do bar se acotovelaram todos ali perto também.

Lucy usou seu único braço para afastá-los, ou pelo menos fazer com que recuassem; e depois foi para trás do balcão e serviu um pouco de cerveja apesar da recusa da mulher. — Tome — ela disse, colocando uma caneca na frente dela. — Tem cheiro de mijo de cavalo com uma folhinha de menta, mas numa tempestade qualquer porto serve, não é mesmo? Bom, não temos nenhum porto, então beba isto, querida. Vai aquecer você e acordá-la.

Varney, o homem do piano, inclinou-se para a frente e disse: — Ela costuma dizer que vai fazer crescer cabelo no nosso peito.

— Volte ao seu teclado, velho babão. Você não está ajudando. — Lucy estendeu a mão para pegar uma toalhinha de bar e limpou uma poça de cerveja.

Briar se perguntou quanto à luva que Lucy usava em sua única mão. Ela era de couro marrom e ia até seu cotovelo, onde era mantida no lugar por uma série de fivelinhas e tiras. Os dedos de Lucy tinham uma certa rigidez, e um leve som de cliques quando ela espremeu a toalha e a abriu.

— Vamos lá — insistiu Lucy. — Experimente. Não vai te matar, eu juro... embora possa lhe dar uma crise de espirro por um minuto. Faz isso com muita gente, então não se sinta esquisita se isso acontecer.

Não se sentindo incentivada, mas também nem um pouco disposta a ser rude para com a mulher de rosto redondo e cachos grisalhos e fofos, ela cheirou a cerveja e se endireitou para um gole. Só pelo cheiro ficou claro que um simples gole a faria vomitar, então ela agarrou a alça da caneca e levou-a de uma vez à boca, engolindo o máximo possível em um único gole forçado.

Tentou não pensar no que a beberagem poderia fazer a seu estômago.

A mulher atrás do balcão sorriu com aprovação e deu um tapinha no ombro de Briar. — Viu? Prontinho. Pode ser ruim, mas vai fazer você se sentir melhor. Agora, meu amor — ela pediu — diga pra velha Lucy como ela pode ajudar.

Mais urna vez, e sem querer, por olhos que lacrimejavam pela queimação da cerveja, Briar olhou para a mão de Lucy. Onde o outro braço dela deveria estar, a manga de seu vestido havia sido costurada e pregada ao seu lado.

Lucy viu que ela olhava e falou: — Não me importo que você fique encarando: todo mundo faz isso. Eu lhe conto sobre isso daqui a pouquinho, se você quiser saber, mas agora eu quero é ouvir o que você está fazendo aqui.

Briar estava quase deprimida demais para falar, e a cerveja em acréscimo havia fechado sua garganta até que ela mal conseguia pronunciar um som. — Isso é tudo minha culpa. E se alguma coisa horrível aconteceu com ele, também é culpa minha. Eu fiz tantas coisas erradas, e não sei como consertar nenhuma

delas, e... e... você está sangrando? — Ela inclinou a cabeça e franziu a testa quando uma gota de fluido marrom-avermelhado gorduroso caiu no bar.

— Sangrando? Ah, não, coração. É só óleo. — Ela flexionou os dedos, e as dobras estalaram produzindo cliques minúsculos. — Este negócio inteiro aqui é mecânico. Ele dá uma vazadinha de vez em quando. Mas eu não queria distrair você. Continue. Tudo culpa sua, eu ouvi... e estou preparada para argumentar, mas pensei em deixar você terminar.

— Mecânico?

— Bem até aqui — ela disse, indicando um ponto a três ou quatro centí-

metros abaixo do cotovelo. — Está aparafusado nos meus ossos. Mas você dizia?

— Isso é incrível.

— Não era isso o que você estava dizendo.

Briar disse: — Bem, não, não era. Mas seu braço é incrível. E... — Ela suspirou, e tomou outro longo gole daquela cerveja terrível. Seu corpo inteiro estremeceu quando a bebida desceu e azedou em seu estômago. — E — ela repetiu — eu disse tudo o que queria dizer. Vocês ouviram o resto. Eu quero encontrar Zeke, e nem sei se ele está vivo. E se ele não estiver...

— Então é tudo culpa sua, sim. Você mencionou. Você está sendo terrivelmente dura consigo mesma. Garotos desobedecem seus pais com tamanha regularidade que mal vale a pena comentar; e se o seu tem talento suficiente para se rebelar de modo tão grandioso, então você deveria pensar seriamente em se orgulhar por ter um garoto tão inteligente. — Ela se inclinou para diante em seu único cotovelo, depositando seu antebraço mecânico no bar. — Agora me diga, você não está mesmo pensando... está?... que existe alguma coisa que pudesse ter feito para mantê-lo longe daqui?

— Não sei. Provavelmente não.

Alguém atrás de Briar lhe deu palmadinhas amigáveis nas costas. Isso a assustou, mas não havia nada de malicioso no gesto, então ela não recuou.

Além do mais, esse contato humano era o mais amigável que ela já tinha tido em anos, e isso foi tão agradável que suavizou a parte mais amarga e culpada de sua tristeza.

— Então deixe-me perguntar isso a você — Lucy tentou. — E se você tivesse dado a ele todas as respostas a todas as perguntas que ele tivesse feito.

Ele teria gostado dessas respostas?

— Não, não teria gostado — ela confessou.

— Ele teria aceitado elas?

— Duvido.

A barwoman suspirou em simpatia e disse: — Pois é, então você vê. Um dia, ele ficaria com uma pulga atrás da orelha em relação à velha casa, e teria vindo investigar do mesmo jeito. Garotos são garotos, é isso. Eles são inúteis e teimosos, e quando crescem ficam ainda piores.

Briar disse: — Mas este garoto em particular é meu. Eu o amo, e tenho uma dívida para com ele. E não consigo nem sequer encontrá-lo.

— Encontrá-lo? Mas, meu amor, você mal começou a procurar!

Swakhammer — ela se virou para ele e exigiu: — há quanto tempo você está arrastando esta pobre mulher pelo subterrâneo?

Ele jurou: — Aqui foi o primeiro lugar para onde eu a trouxe, Senhorita Lucy. Eu a descobri bem rápido mesmo, e...

— Foi bom mesmo você ter descoberto ela bem rápido. Se tivesse levado a filha de Maynard para outro lugar, ou outra pessoa — ela disse com uma ênfase que deixou Briar divinamente desconfortável — eu teria esfolado seu couro até ele brilhar no escuro. E não me diga que você precisou descobrir quem era ela. Eu percebi assim que ela mostrou a cara aqui, e você percebeu também. Eu me lembro desse rosto. Eu me lembro dessa garota. Faz... nossa, faz... bom, faz muito tempo, e foi um tempo difícil, isso com certeza.

O coro atrás dela concordou em sussurros. Até mesmo Swakhammer murmurou um "sim, senhora".

— Agora termine sua cerveja, e vamos falar sério.

Era ainda mais difícil beber a bebida temível quando ela estava se esforçando tanto para não chorar, e os goles subsequentes não desceram mais fácil do que o primeiro.

— Você está sendo tão gentil — ela disse. Entre a cerveja e o bolo imenso na garganta, as palavras saíram todas confusas. Ela acrescentou: — Desculpe, por favor, me perdoe. Normalmente eu não sou tão... Eu normalmente sou mais... não estou acostumada com isso. É como você falou, tem sido um dia difícil.

— Mais cerveja?

Para grande surpresa de Briar, a caneca estava vazia. Era uma coisa surpreendente, e ela quase certamente não devia ter respondido: — Mais, tudo bem. Mas só um pouco. Preciso me manter firme.

— Isto vai manter você firme... ou, de qualquer maneira, não vai deixar você muito baqueada, não muito rápido. O que você precisa agora é um momento

para se sentar, conversar e pensar. Todos juntos agora, rapazes. — Ela acenou para que os ocupantes do bar se aproximassem e puxassem cadeiras.

— Neste momento eu sei que você pensa que precisa sair e começar a procurar, e não culpo você. Mas me escute, meu amor, há tempo. Não, não me olhe assim. De um jeito ou de outro, há tempo. Deixe-me perguntar uma coisa: ele veio com máscara?

Ela engoliu com dificuldade mais uma vez e descobriu que a cerveja não era tão ruim na sua segunda dose inteira. Ainda fazia ela sentir gosto de pia de cozinha de restaurante, mas com a prática ela se tornava mais fácil de beber.

— Veio sim. Ele se preparou.

— Está certo, isso ganharia metade de um dia para ele. E já se passou mais da metade de um dia, então isso quer dizer que ele encontrou um lugar para se enfiar e se esconder.

— Ou ele já está morto.

— Ou ele já está morto, certo — Lucy franziu a testa. — Sim, essa é uma possibilidade. Em qualquer um dos dois casos, não há nada que você possa fazer por ele neste instante a não ser se recompor e bolar um plano.

— Mas e se ele estiver preso em algum lugar, sem conseguir sair e precisando de um resgate? E se ele estiver aprisionado pelos podres, e seu ar estiver acabando agora, e ele...

— Agora me escute, não queira ficar toda nervosa assim. Isso não ajuda ele, nem você. Se quiser pensar assim, então claro, podemos pensar assim. E se ele estiver mesmo aprisionado em algum lugar e precisar de uma mãozinha?

Como é que você vai encontrar esse lugar? E se você for correndo até o lugar errado, e acabar deixando ele abandonado?

Briar olhou para a caneca com uma careta e desejou que a mulher não estivesse falando coisas que fizessem tanto sentido. — Ótimo. Então o que eu faço pra começar?

Se Lucy tivesse duas mãos, teria batido palmas com elas. Como não tinha, deu um soco com o punho mecânico no balcão e declarou: — Excelente pergunta! Começamos com você, é claro. Ele entrou pelos túneis de água, você disse. Para onde ele estava indo?

Ela lhes contou a respeito da casa, e sobre como Zeke queria provar a inocência de seu pai encontrando provas da interferência do embaixador russo, e como ela não sabia se o garoto tinha alguma ideia de onde ficava a casa.

Muito embora Swakhammer já tivesse ouvido a maior parte dessa história,

ficou quieto no fundo e prestou atenção à história novamente, como se pudesse aprender alguma coisa nova ao ouvi-la pela segunda vez. Ficou pairando atrás do bar, e na frente do espelho quebrado. Ele parecia ainda mais feroz quando ela podia vê-lo de todos os lados.

Quando Briar havia terminado de atualizá-los em tudo em quanto conseguiu se lembrar, um silêncio desconfortável recaiu sobre a casa de Maynard.

Quem o quebrou foi Varney, dizendo: — A casa em que você viveu com o Blue, ela ficava lá no alto da colina, não ficava? No final da Rua Denny.

— Isso mesmo. Se ainda estiver de pé.

— Qual delas? — alguém perguntou. Briar pensou que poderia ter sido Frank.

— A cor de lavanda com borda cor de creme — ela disse.

O que Swakhammer havia chamado de Squiddy perguntou: — Onde é que ficava o laboratório dele? Embaixo?

— No porão, sim. E era imenso — ela se lembrou. — Eu juro, era quase tão grande quanto a casa inteira. Mas...

— Mas o quê? — perguntou Lucy.

— Mas estava tão danificada. — Apesar do entorpecimento caloroso do álcool, sua ansiedade aumentou mais uma vez. — Não é seguro lá embaixo. Partes das paredes desabaram, e havia muito vidro espalhado por todo lugar. Era como se uma fábrica de cálices tivesse explodido — ela disse mais calma.

Essa lembrança a distraiu com sua urgência. A máquina. A destruição no andar de baixo quando ela havia corrido até lá, aterrorizada e buscando freneticamente por seu marido. O cheiro de terra molhada e mofo; o sibilar furioso do vapor que escapava por entre rachaduras no corpo da Boneshaker; o fedor de óleo fervente e o gosto forte de engrenagens de metal girando até virarem fumaça.

— O túnel — ela disse em voz alta.

— Perdão? — perguntou Swakhammer.

Ela repetiu: — O túnel. Ahn... Varney, é isso mesmo? Varney, como você sabia qual era a nossa casa?

Ele disparou um pedaço de tabaco na escarradeira no fim do balcão, e respondeu: — Eu mesmo costumava morar ali perto. Vivia com meu filho a algumas ruas dali. Costumava fazer piadas sobre como ela devia ser pintada de azul ao invés daquela cor púrpura.

— Mais alguém aqui sabia a respeito da casa velha? Onde morávamos, não era segredo, mas também não era a coisa mais famosa do mundo. — Ninguém

respondeu, então ela concluiu: — Certo. Basicamente, ninguém sabe. Mas e quanto aos quarteirões do dinheiro?

Lucy ergueu uma sobrancelha. — Os quarteirões do dinheiro?

— Os quarteirões do dinheiro, os quarteirões dos bancos, sim. Todos sabem onde eles ficam, certo?

Swakhammer disse: — Ah, sim. Não tem como deixar de vê-los. E aquela parte lá na Terceira onde não existe mais nenhum quarteirão, apenas um grande buraco no chão. Por quê? O que está pensando, Srta. Wilkes?

— Estou pensando que o buraco chegou lá porque... ah, todos sabemos por quê. Foi o engenho Boneshaker; até mesmo Levi admitiu isso. Mas depois que ele levou a coisa lá para baixo, e depois que o fundo dos quarteirões dos bancos desabou, ele a levou de volta para casa. Até onde sei, a Boneshaker ainda está parada embaixo da casa, estacionada no que restou daquele laboratório.

Ela empurrou a caneca quase vazia de cerveja para o lado e ficou batucando com os dedos no balcão.

— Digamos que Zeke não consiga encontrar a casa porque ninguém sabe onde ela fica. Mas ele sabe o que aconteceu com a Boneshaker. Ele não teria problemas para encontrar os quarteirões bancários porque, como você disse, todo mundo sabe onde eles ficam... e se ele conseguir descer naquele buraco com um lampião... pode achar que descobriu uma maneira fácil de encontrar a casa.

Lucy ergueu a outra sobrancelha, e então deixou as duas caírem com um ar preocupado.

— Mas, querida, esses túneis não se sustentaram... não todo este tempo.

Eles são só terra, e foram escavados com uma máquina. Hoje em dia eles estão mais desabados do que inteiros. Diabos, se você for sair vagando colina acima, aqui e ali você consegue ver os pontos onde os túneis caíram e formaram depressões profundas... que engolem árvores e paredes, e às vezes até partes de prédios. E depois também houve o terremoto noite passada.

Não, ele não poderia ter ido muito longe, não passando por aqueles túneis.

— Não discordo — Briar disse rapidamente. — Mas não sei se alguma dessas coisas ocorreria a Zeke. Aposto com você que ele tentaria. Ele tentaria, e se sentiria um gênio por isso. Hmm.

— Hmm? — repetiu Varney.

— Ele tem mapas, acho eu — ela lhe disse.

Então ela disse para Lucy, e, por conseguinte, para o salão: — Descobri papéis no quarto dele, e acho que ele tem um mapa ou dois. Não sei de que utilidade

eles serão, e não sei se eles marcavam os bancos, ou o distrito financeiro, ou alguma coisa assim. Pode me dizer se há alguém lá — naquela parte da cidade — a quem Zeke poderia ter pedido ajuda? Você disse que a casa de Maynard não é o único lugar selado dentro das muralhas. Não disse? Você marcou esses lugares aqui.

Ela olhou ao redor do bar subterrâneo e acrescentou: — Quero dizer, olhem para a casa de Maynard. Vocês fizeram uma coisa incrível aqui. Isto é tão bom quanto qualquer coisa que eu já vi nos Arredores. Quando descobri que pessoas viviam aqui, não entendi por quê. Mas agora entendo. Vocês transformaram um lugar de perigo em um lugar onde as pessoas podem viver em paz...

E, naquele momento, um zumbido baixo soou um alarme, e todos no bar se transformaram em perfeita sincronia.

Swakhammer sacou um par de pistolas gigantes de seus coldres e girou ou cilindros para garantir que elas estavam carregadas. Lucy enfiou a mão embaixo do bar e retirou de lá uma besta modificada. Ela virou uma trava e o mecanismo se abriu; ela o colocou de baixo para cima sobre o balcão e bateu o braço mecânico em cima dele, e a arma se fixou em seu pulso com um clique seco. Até mesmo Varney, com seus cabelos brancos e braços de aspecto frágil, estava se preparando para encrenca. Ele levantou a tampa do piano e tirou de lá um par de rifles, que ficou segurando — uma debaixo de cada braço.

— Esse negócio está carregado? — perguntou Lucy, erguendo uma sobrancelha ao ver a Spencer.

Ela ainda estava nas costas de Briar, mas ela a retirou e a segurou. — Está — disse, embora não conseguisse se lembrar da quantidade de munição de que ainda dispunha. Quantos tiros ela havia disparado no alpendre da janela? Ela havia recarregado a arma depois? Certamente ainda havia alguns tiros.

Briar perguntou a Swakhammer, já que ele era quem estava mais perto: — O que é que está acontecendo? O que significa esse ruído?

— Significa encrenca. Não sei direito de que tipo. Talvez ruim, talvez não seja nada.

Squiddy ergueu um cilindro de latão que parecia um canhão para por no ombro e disse: — Mas é melhor estarmos preparados para o ruim.

Lucy acrescentou: — Ele está preso a um fio na entrada oeste — a porta principal, quero dizer. Foi por onde vocês vieram. Jeremiah guiou você direto pelo alarme; você provavelmente nem o viu.

E então ao zumbido se juntou um gemido assoviado que todos reconhe-ceram

muito bem, vindo da câmara além do espaço selado do bar.

— Cadê sua máscara, coração? — perguntou Lucy. Ela não tirava os olhos da porta da frente.

— Na minha bolsa. Por quê?

— Caso a gente precise fugir, e não haja para onde ir a não ser para cima.

— Talvez ela estivesse pronta para dizer mais, mas algo colidiu pesadamente contra a porta e quase a quebrou. Mais gemidos vieram do outro lado, aumentando em expectativa e empolgação, e ganhando mais volume. Briar colocou sua máscara.

Lucy perguntou a Swakhammer: — Como está o túnel leste?

Ele já estava ali, examinando a passagem através de portinholas em uma porta oblonga atrás do piano. — Não dá pra saber — ele respondeu.

Allen perguntou: — E o quarteirão em cima? O caminho até lá está seguro?

Acima deles ouviu-se um som de algo se quebrando em mil pedaços, e depois um barulho alto de pés em decomposição se atropelando nos andares do que quer que estivesse lá em cima. Ninguém voltou a perguntar se poderia ser seguro.

Varney apontou suas armas para a porta que estava quase sendo derrubada e disse: — Nós temos é que ir pra baixo.

— Espere — Lucy disse a ele.

Swakhammer retornou da porta do canto do piano para a entrada do túnel leste, arrastando um trilho de ferrovia atrás de si com uma das mãos e enfiando a máscara na cabeça com a outra. Squiddy correu até ele e apanhou a ponta pendurada do tronco cortado, e ambos o levantaram e o enfiaram contra a porta, num conjunto de fendas que o mantinham ali. Quase imediatamente, um som de algo se rachando ecoou pelo bar, acompanhado pelo som de madeira se distendendo, começando a se quebrar em lascas, e que dificilmente resistiria. A nova trava estava sendo tensionada; as peças de latão e aço que a mantinham no lugar estavam começando a saltar para fora de seus encaixes.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntou Briar.

— Você tem uma arma — disse Lucy.

— E ela sabe atirar — Swakhammer jurou ao correr para a parte dos fundos do salão, onde apanhou uma barra de metal e a usou para escorar uma parte do teto em uma grande placa quadrada. Varney assumiu o controle e ajudou a escorar a barra com seu quadril. Swakhammer voltou a ficar de costas para Lucy, apontando as armas para a porta do túnel oeste.

— Pronto — Lucy disse a ela. — Você pode assumir uma posição defensiva e atirar na cabeça de qualquer coisa que atravessar aquela porta.

Nada além disso irá detê-los.

— O túnel leste não é mais uma garantia — Prank declarou ao fechar a porta e colocar uma barra de metal para trancá-la. Ela se fechou com um estrondo que soou na hora de outro empurrão do outro lado da entrada principal.

— O subporão está intacto! — declarou Swakhammer. — Seguramos o forte ou fugimos? A senhora é quem manda, Senhorita Lucy.

— Sou sempre eu quem mando, diabos — ela xingou.

— O bar é seu, diabos.

Ela hesitou, e a porta da frente se estilhaçou em câmera lenta, cedendo da viga mediana para fora. — Prank, você falou...

— Caminho leste bloqueado, madame.

— E por aqui. — Ela rangeu os dentes quando uma porta inteira rachou e um globo ocular cheio de vermes apareceu atrás dela. — Não há esperanças, há?

Briar ergueu o rifle até o ombro, fez mira e disparou. O globo ocular desapareceu, mas num instante outro ocupou seu lugar.

Lucy disse: — Belo tiro. Mas Deus sabe quantos mais estão atrás dele.

Temos que dar o fora. Mas que diabo do inferno. Detesto limpar & casa depois que essas coisas passam. Tudo certo. Sim. Todos pra fora. Varney, você segura a porta. Swakhammer, vá na frente. Todos os demais, desçam pelo alçapão atrás do bar. Você também, Senhorita Wilkes.

— Não. Vou ficar com você.

— Ninguém vai ficar. Nós todos vamos fugir. — Sem olhar para trás, Lucy falou: — O resto de vocês, bastardos, é melhor porem o pé no túnel e passarem sebo nas canelas. Quando eu me virar, não quero ver uma alma sequer, a não ser o Varney segurando as pontas.

Briar arriscou uma olhadela e viu a barafunda correspondente aos sons de confusão atrás dela. Frank, Ed, Allen e Willard já haviam partido, e Varney estava meio chutando, meio empurrando o ainda grogue Hank buraco abaixo.

— Tudo limpo — anunciou Varney quando Hank caiu no fundo com um grito.

— Ótimo — Lucy disse. Mas então um pedaço inteiro de madeira caiu com um estrondo, da moldura da porta para dentro do bar, e três mãos fedorentas despontaram pelas frestas, puxando e arrancando as outras tábuas que estavam entre eles e o salão que estava ficando cada vez mais vazio. — Depois de você,

Senhorita Wilkes.

Swakhammer soltou um palavrão em voz alta e voltou a atenção para a porta atrás do piano. — Atrás de você! — ele gritou em aviso; Briar disse: — Sr. Swakhammer, eu já tenho muita coisa na minha frente!

— e tomou a disparar.

Swakhammer correu para a porta do túnel leste e se inclinou contra ela, pressionando com firmeza as costas e enterrando os pés no piso de madeira.

A entrada leste estava caindo tão rápido quanto sua equivalente oeste.

— Não podemos continuar assim! — ele disse e largou tudo quando os primeiros dedos retorcidos e deformados tentaram se infiltrar por sua armadura. Ele girou e engatilhou as pistolas, e as disparou na porta com menos mira do que Briar. As explosões atingiram tanta madeira quanto podres, soltando a barreira ainda mais. Um pé quebrou a viga do fundo e chutou para um lado e para o outro como se estivesse tentando sentir alguma coisa.

— Vá! — Briar gritou, voltando a preparar o rifle e disparando em qualquer coisa que se esgueirasse atrás dos pontos quebrados nas portas.

— Você primeiro! — ordenou Lucy.

— Você está mais perto!

— Está certo! — ela concordou. Lucy se jogou no chão, passou pela beirada do bar e mergulhou na direção do buraco no chão.

Quando Briar ouviu o som definitivo da queda da mulher maneta em algum lugar lá embaixo, ela se virou bem a tempo de ver o rosto mascarado de Swakhammer a menos de um metro do seu, e se aproximando rápido.

Ele a agarrou pelo braço tão rápido e com tanta força que ela quase atirou nele por acidente; mas ela ergueu o rifle com a mão livre e o arrastou atrás de si como uma pipa enquanto Swakhammer a puxava buraco abaixo.

As portas se quebraram uma atrás da outra; a entrada principal de oeste e o túnel leste desabaram para dentro, e um dilúvio de corpos podres e alquebrados caiu numa cascata, vinda do interior.

Briar os viu de relance. Não reduziu a velocidade e nem hesitou, mas podia olhar, não podia? E eles vinham numa velocidade que ela mal podia acreditar vinda de cadáveres que mal conseguiam se aguentar. Um vestia metade de uma camisa. Um não estava vestindo nada a não ser botas, e as partes de seu corpo que normalmente estariam cobertas haviam começado a se desprender... revelando ossos cinza-enegrecidos por baixo.

— Pra baixo — Swakhammer insistiu. Ele pôs a mão no topo da cabeça dela, e

ela se abaixou no embalo.

Quase caiu, numa imitação do tombo de Hank mas de cabeça para cima; só que no último instante sua mão agarrou o degrau do alto e ela ficou balançando num movimento de gangorra, batendo os joelhos contra as paredes e as bordas da escada. Parou quando chegou a.o fundo e escorregou, então recuperou o equilíbrio. Sua mão nua bateu no chão molhado e ela torceu para que suas luvas estivessem nos bolsos do casaco. Senão, não sabia onde elas haviam ido parar.

Uma mão a ergueu pelo cotovelo, e na escuridão ela viu o rosto preocupado de Prank sobre ela. — Madame — ele disse. — A senhora está bem?

— Ótima — ela lhe disse, levantando-se e se afastando bem a tempo de evitar que Swakhammer, que caiu na câmera mais funda com um estrondo, jogando água para todos os lados, sentasse em cima dela.

Ele estendeu as mãos e fechou bem os dedos nos degraus de baixo. — Lucy — ele disse, e não precisou dizer mais nada.

Ela já estava ali, seu punho mecânico fechado em volta de um trio de barras de aço que podiam ter sido qualquer coisa antes de serem usadas como vigas. Lucy as passou para Swakhammer uma de cada vez, e ele se segurou firme com uma das mãos enquanto costurava as barras pelas alças com a outra.

Lá em cima, dedos descarnados tentavam passar raivosos pelas rachaduras, mas não havia buraco exterior e Swakhammer havia trazido o pé-de-cabra ali para baixo. Como último gesto de desafio e segurança, ele enfiou a ferramenta numa das alças e deixou que ela servisse de viga extra.

Enquanto as mãos e os pés das coisas mortas batiam e arranhavam lá em cima, Briar tentou vasculhar o túnel e descobrir onde estava. Certamente aquilo era o mais fundo que ela já havia estado abaixo da superfície do mundo, sob um porão e nas entranhas de alguma outra coisa — alguma coisa mais baixa e mais úmida. Aquele lugar não era parecido com os túneis acabados, com revestimentos de tijolos, pelos quais Swakhammer a havia conduzido para chegar até a casa de Maynard; aquilo era um buraco escavado debaixo de um lugar sólido, e ela estava ficando nervosa. Aquilo a lembrava de outro buraco embaixo de outro lugar sólido. Fazia com que ela pensasse em um ponto embaixo de sua antiga casa onde uma máquina catastrófica havia saído, perfurado um caminho para dentro do mundo, e voltado.

Tinha o mesmo cheiro, de lama molhada e musgo, e serragem em decomposição. Fedia como algo que não tivesse sido terminado e não tivesse ainda nascido.

Ela estremeceu e abraçou a si mesma e seu Spencer junto, mas o calor do rifle

recém-disparado não fez muita coisa para penetrar seu casaco. Ao seu redor, os outros se amontoavam. O desconforto deles alimentava o dela, até ela estar tão nervosa que os dentes batiam.

Por fim, o alçapão ficou o mais seguro possível, e a sombra corpulenta de Swakhammer se levantou sob o telhado barulhento. Ele disse: — Lucy, onde estão os lampiões? Ainda temos algum aqui?

— Temos um — ela disse. Briar não gostou do som da voz dela quando ela formou aquela última palavra, como se houvesse algo de defeituoso nela.

— O que há de errado? — ela perguntou.

— Ele quase não tem óleo — respondeu Lucy. — Não sei até onde vai conseguir nos levar. Mas aqui, você fica com ele, Jeremiah. Você está com sua pederneira, não está?

— Sim, madame.

O objeto em sua mão tinha mais ou menos o tamanho de uma maçã, e Swakhammer pelejou com ele: seus dedos grossos e enluvados estavam entorpecidos demais para movê-lo.

— Aqui — disse Briar. Ela tirou a máscara e enfiou-a de volta em sua bolsa, e estendeu a mão para apanhar a coisa. — Me diga o que fazer com isso.

Ele o entregou e disse: — Não tire essa máscara ainda, senhorita. Vamos ter que subir antes de voltar a descer. — Então ele apontou para uma chave em forma de polegar. — Vire isso para baixo. Não, mais rápido. Com mais força. Empurre bem com os dedos.

Ela tentou seguir as instruções dele e, depois de quatro ou cinco tentativas, uma chuva de faíscas caiu em cima de um pavio grosso e esturricado e a chama iluminou a minúscula multidão. — E agora?

— Agora você devolve ele para mim, e recoloca sua máscara como eu lhe disse. Lucy, precisa de ajuda com a sua?

— Não seja bobo, garoto. Tenho tudo sob controle — disse a barwoman.

Com seu único braço ela puxou um tecido que estava dobrado embaixo de sua saia e o abriu para cobrir o rosto. Para responder à pergunta sobre o rosto de Briar, ela disse: — Esta é uma das experiências de Minnericht. É mais leve do que a que você tem e funciona muito bem, mas não por muito tempo. Não terei uma hora com estes filtros fininhos. Na maioria das vezes eu o deixo enfiado na minha cinta-liga em caso de emergência.

— Uma hora será o suficiente? — perguntou Briar.

Lucy deu de ombros, e colocou a máscara sobre os olhos e queixo com um

movimento que não poderia ter sido mais suave se ela tivesse tido dois braços. — De um jeito ou de outro. Vamos encontrar umas velas guardadas antes que isto acabe.

Como ao redor dela os outros moradores do túnel haviam começado a pegar e colocar suas máscaras, Briar imitou os movimentos e voltou a colocar a sua própria. — Eu odeio esta coisa — ela reclamou.

— Ninguém gosta delas — Varney lhe assegurou.

— A não ser Swakhammer — disse Hank. Ele ainda soava bêbado, mas estava desperto e de pé, então seu estado estava significativamente melhor.

— Ele adora a dele.

O homem de armadura inclinou a cabeça para a esquerda e concordou.

— Claro. Mas vamos ser honestos: a minha é fantástica.

Lucy disse através de seus filtros de carvão e algodão comprimido: — Quem disse que os homens não são vaidosos?

— Eu nunca disse isso.

— Ótimo. Então não preciso chamar você de mentiroso. Vocês, homens, e seus brinquedos.

— Por favor — interrompeu Briar. O tamanho tão pequeno daquele lugar a deixava inquieta, e o frio úmido estava entrando nas suas roupas. — O que vamos fazer agora? Para onde vamos? Sr. Swakhammer, o senhor disse para cima e depois para fora.

— Isso mesmo. Teremos de voltar e limpar a casa de Maynard depois.

Ela franziu a testa dentro da máscara. — Então estamos indo para outro ponto seguro? Um ponto mais seguro, quero dizer. Talvez eu devesse partir agora e tratar de encontrar Zeke.

— Ah, não senhora. Não com essas coisas em, bando, e não com filtros velhos. Você nunca conseguiria, com ou sem pontaria certeira. Vamos na direção do velho cofre e nos reagrupamos lá. Depois falamos de ir até a superfície e tomar os quarteirões bancários.

— Bastardo velho mandão, não é? — ela bufou.

— E no entanto bastante razoável — ele disse, sem ter se ofendido.

Willard levantou o lampião, e Swakhammer ajustou o vidro. Em pouco tempo o túnel inteiro estava iluminado com um brilho laranja fraco molhado como suco.

As paredes inacabadas reluziam de umidade, e Briar ficou apenas um pouco reconfortada ao ver colunas de suporte saindo da terra e desaparecendo no teto

— o lado de baixo do piso da casa de Maynard. Havia pás encostadas nas paredes, quase consumidas por estas; as ferramentas de escavar afundavam na superfície lamacenta e despontavam encostadas em carrinhos. Dos carrinhos, os olhos de Briar acompanharam a cena até os trilhos abaixo deles, e aí ela percebeu que aquele era um lugar deliberado — não simplesmente um porão para resfriamento.

— O que é que está acontecendo aqui? — ela perguntou. — Vocês têm andando escavando isto, não têm?

Lucy respondeu. — Sempre mais fundo, querida. Sempre mais fundo.

Para coisas deste tipo, entendeu? Não podemos subir, na verdade não. Não temos os materiais, nem as finanças, nem nenhum meio seguro de fazer isso.

Estas paredes nos prendem por dentro de modo tão seguro quanto deixam o mundo lá fora. Então, se precisamos expandir — se precisamos criar mais lugares seguros, ou criar novas estradas — temos de ir para baixo.

Briar alargou o peito para respirar bem fundo dentro da máscara, e fez uma careta com o gosto de mofo do ar que inalou. — Mas vocês nunca se preocupam? Tipo, vocês estão minando o lugar todo — e se tudo desabar?

Da parte de trás do grupo, Prank disse: — Minnericht — como se isso explicasse tudo.

Swakhammer disse: — Ele é um maldito monstro, mas é brilhante. Os planos são dele. Foi ele quem desenhou tudo e nos disse como tirar a terra sem ferir o edifício. Mas paramos de fazer isso há seis meses.

— Por quê? — ela perguntou.

— Longa história — ele disse, e não estava com jeito de quem queria explicar o assunto. — Vamos andar.

— Para onde? — Briar exigiu saber, mas não deixou de ir atrás dele.

— Para os velhos cofres, eu disse. Você vai gostar. Fica mais perto dos quarteirões bancários. Vamos sair e dar uma olhada ao redor. 'Talvez vejamos se seu garoto esteve lá.

— Mais perto?

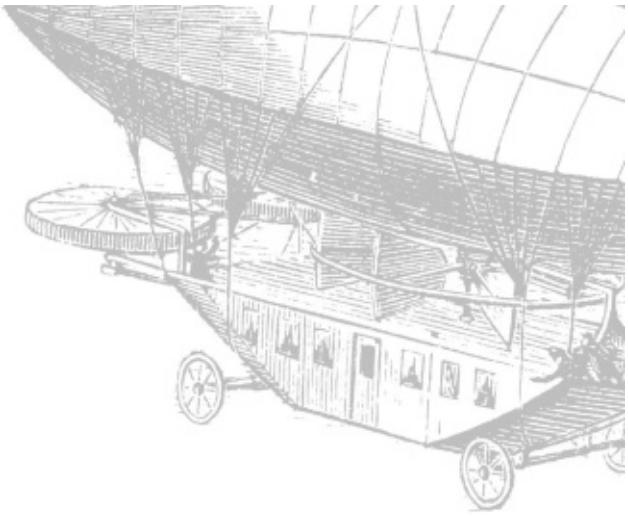
— Bem na margem. Estamos indo na direção do velho Banco da Suécia: o único banco que não afundou. O que aconteceu foi que as fundações foram minadas pela Boneshaker. E o grande cofre de metal era pesado demais para o chão. Então ele afundou. E nós o usamos como porta da frente. — Ele levantou o lampião bem alto e olhou para trás. — Estamos com todo mundo ?

— Estamos com todo mundo — confirmou Lucy. — Continue andando,

grandão. Estamos bem atrás de você.

Em alguns lugares o caminho se abria tanto que a luz da chama tremeluzente não conseguia chegar às suas margens; e em algumas áreas a passagem era tão apertada que Swakhammer precisava se virar de lado para se espremer.

Briar foi seguindo atrás dele no meio do bando, rastreando aquela luzinha amarela fraca e caçando suas sombras de dentro de sua triste máscara.



QUINZE

— Acorde. Acorde, garoto. Está vivo ou morreu? Zeke não tinha certeza de quem estava falando, ou se era com ele mesmo que estavam A falando.

A linha do seu maxilar coçava até as orelhas — foi isso o que ele reparou primeiro. Sentia a pele queimar, como se ele tivesse deitado em cima de um fogão. Em seguida, reparou o peso em cima da sua barriga, a pressão irregular de alguma coisa dura e pesada. Então sentiu uma pontada dolorida nas costas, onde estava deitado em cima de alguma coisa irregular e possivelmente pontuda.

E alguém o estava sacudindo, balançando sua cabeça para frente e para trás e lutando para chamar sua atenção.

O aposento tinha um cheiro esquisito.

— Garoto, acorde agora mesmo. Garoto, não fique aí brincando de morto. Eu estou vendo você respirando.

Ele não conseguia perceber quem estava falando. Não era sua mãe. E não era... Rudy, cujo nome o fez ter uma convulsão e quase voltar, assustado e com muito esforço, a um estado de consciência. Lembrar-se era a parte mais complicada, e a parte terrível. Subitamente ele sabia onde estava, aproximadamente.

Ele abriu os olhos, e não reconheceu exatamente o rosto que o olhava de cima.

Quase andrógino por causa da idade, o rosto pertencia a uma mulher, deduziu Ezekiel. Ela tinha idade para ser sua avó, ele tinha certeza disso, mas era difícil

ser mais preciso à luz do lampião dela. A pele era um ou dois tons mais escura que a sua própria, a cor de uma boa bolsinha de tabaco de camurça ou os pelos de um cervo. A jaqueta que ela vestia tinha pertencido um dia a um homem. Ela tinha o corte certo para alguém maior, e suas calças estavam enroladas e presas para impedir que caíssem. Seus olhos eram de um castanho escuro puro corno café, e eram emoldurados por sobrancelhas grisalhas que ressaltavam de sua testa como toldos.

Suas mãos se moviam como caranguejos, mais rápidas e mais fortes do que pareciam. Ela apertou as laterais de seu rosto.

— Você está respirando, não está?

— Estou... madame — ele disse a ela.

Perguntou-se o que estava fazendo deitado. Perguntou-se onde estava Rudy. Perguntou-se como havia ido parar ali, e quanto tempo havia estado ali, e como ia voltar para casa.

As sobrancelhas cinzas que olhavam de cima e que lembravam chumaços de algodão se franziram. — Você não respirou a Praga, respirou?

— Não sei dizer, madame. — Ele ainda estava deitado, ainda se perguntando. Olhando para ela, muito zonzo para fazer qualquer coisa a não ser responder uma pergunta direta.

Ela se levantou, e só então Zeke percebeu que ela tinha estado agachada ao seu lado. — Se você tivesse respirado uma parte dela que fosse, não seria capaz de dizer nada de inteligente. Então eu digo que você está bem, a menos que tenha quebrado algo que eu não estou conseguindo ver. Quebrou alguma coisa?

— Não tenho certeza, madame.

— Madame. Você não é uma coisinha engraçada. — Não era uma pergunta.

— Não estou tentando ser engraçado — ele resmungou, e tentou se sentar. Uma coisa grande e achatada estava bloqueando o caminho, e quando ele envolveu os dedos ao redor disso para empurrá-la de lado, percebeu que era uma porta. — Por que tem uma porta em cima de mim?

— Garoto, essa porta salvou a sua vida, foi mesmo. Você a usou como um escudo escada abaixo. Foi ela que evitou que você fosse esmagado como deveria ter sido. Sabe, o que aconteceu é que uma aeronave atingiu a torre. Ela pousou com uma colisão, poderíamos dizer assim, bem na lateral. Se tivesse batido com um pouco mais de força, poderia ter atravessado os andares vazios por completo, e você seria um garotinho morto, não seria?

— Suponho que sim, madame? — ele perguntou.

— Pare de me chamar de madame.

— Está certo, madame — ele disse por hábito, não por deboche. — Desculpe. Só me perguntei se a senhora era a princesa que conhecemos nos túneis. A senhora é a princesa?

— Pode me chamar de Senhorita Angeline. É nome suficiente para mim, garoto.

Zeke disse: — Senhorita Angeline. Eu sou Zeke.

Flexionou as pernas para chutar a porta para longe do seu corpo, e se sentou. E, com a ajuda dela, se levantou, mas sem a ajuda dela teria caído no chão de novo. Estrelas e espuma passavam pelos seus olhos, e ele não conseguia ver nada por causa de toda a luz negra brilhante na sua cabeça. As faíscas latejavam em compasso com uma veia da sua têmpora.

Ele se recompôs e achou que desmaiar devia ser assim; e então achou que a Princesa Angeline tinha braços mais fortes do que qualquer homem que ele já havia conhecido.

Ela o estava segurando, erguendo e encostando na parede. Ela disse: — Não sei o que aconteceu com o seu desertor. Ele desertou você também, imagino.

— Rudy — disse Zeke. — Ele me disse que não desertou.

— E ele também é mentiroso. Aqui, tome sua máscara de volta. O ar aqui dentro não é tão bom; algumas das janelas lá em cima quebraram e o ar ruim está vazando lá dentro. Agora você está novamente no porão, e aqui é melhor do que em outros lugares, mas todos os selos estão furados.

— Minha máscara. Meus filtros estão todos entupidos.

— Não estão não. Eu cortei dois dos meus e os enfiei nas suas fendas.

Você vai ficar bem de novo por um tempo... tempo suficiente para sair da cidade, pelo menos.

Ele reclamou: — Ainda não posso sair da cidade. Eu vim aqui pra subir Denny Hill.

— Garoto, você não está nem perto de Denny Hill. E como eu tentei lhe dizer lá nos túneis de Rough End, o velho Osterude não estava levando você de volta pra casa. Ele estava levando você para o diabo velho que chamam de Dr. Minnericht, e só Jesus Cristo sabe o que aconteceria a você então, mas eu não sei. Zeke — ela disse com mais suavidade — você tem uma mamãe lá fora, e se não voltar para casa, ela vai ficar achando que alguma coisa terrível aconteceu. Não faça isso com ela. Não faça ela pensar que perdeu seu filho.

Um lampejo de dor fez o rosto dela se retorcer, e por um instante ele ficou

rígido como pedra.

— Madame?

A pedra se liquefez e derreteu. — Não é certo fazer isso com uma mãe. Você tem que ir para casa. Você já ficou o dia inteiro fora — um dia inteiro — e já passou da noite novamente, é praticamente manhã. Venha comigo agora, sim? — Ela estendeu a mão e ele a pegou, porque não sabia o que mais fazer.

— Acho que assustei você um pouco lá atrás nos Arredores.

— Talvez, talvez seja melhor — ele disse. — Eu sempre posso voltar depois, não posso?

— Claro que pode, se quiser morrer. Estou tentando fazer uma gentileza aqui.

— Eu sei, e agradeço à senhora — ele disse, ainda sem ter certeza. — Mas não quero ir embora, não ainda. Não quero ir até ter visto a casa velha.

— Você não está em condições para isso, meu jovem. Nenhuma mesmo.

Olhe só você, com a cabeça toda machucada e as roupas rasgadas. Tem sorte de não estar morto. Tem sorte de eu ter vindo atrás de você, para te salvar daquele diabo velho com aquela bengala cospe-fogo.

— Eu gostava daquela bengala — disse Zeke, e aceitou com relutância a devolução de sua máscara. — Ela era supimpa. Ajudava ele a andar, e ajudava ele a se defender também. Depois da guerra onde ele se feriu...

Ela o cortou. — Osterude não se feriu em guerra nenhuma. Ele fugiu dela antes que tivesse tempo de explodir em pedacinhos. Ele machucou o quadril quando caiu bêbado há uns dois anos, e agora fuma ópio, bebe whisky e toma seiva amarela para não sentir tanta dor. Não se esqueça disso, garoto — ele não é seu amigo. Ou talvez ele não fosse seu amigo. Não sei se o deslizamento o matou ou não. Não consigo encontrá-lo, não tenho como.

— Nós estamos no porão? — Zeke mudou de assunto.

— Isso mesmo, justo como eu lhe falei. Você deslizou direto até aqui embaixo quando a nave colidiu na torre, como eu disse.

— Uma nave bateu na torre? Por que ela faria isso? — ele perguntou.

— Bem, não foi de propósito, seu bobinho. Eu não sei bem por quê.

Brink é um capitão muito bom, mas não reconheci a nave na qual ele está voando agora. Ela deve ser nova, e talvez ele não esteja acostumado a pilotá-la ainda. Devem ter tido um pequeno acidente, só isso — e agora estão lá em cima, consertando os danos antes de decolarem novamente.

Os olhos dele se ajustaram ã luz do lampião e ele percebeu, com um pouco de

dificuldade, que ela estava segurando uma coisa mais estranha do que um dispositivo normal, a base de óleo. — O que é isso?

— E um lampião.

— De que tipo?

— Um lampião bom e brilhante, do tipo que a chuva dificilmente apaga — ela disse. — Agora levante-se, garoto. Precisamos que você suba alguns andares até o alto da torre, onde a nave está amarrada. E uma nave pirata toda feita de pedaços chamada Clementine. E, só para que você saiba... — ela abaixou a voz — quando eu disse que o capitão estava pilotando uma nave nova, não quis dizer que era um veículo novo em folha. Quis dizer que provavelmente ele o roubou.

— E você vai simplesmente me entregar a ele? — Zeke resmungou. — Não estou gostando disso... piratas me jogando por cima da muralha.

Mas ela insistiu: — Eles não vão tratar você mal. Eu paguei bem a eles, e eles me conhecem bem demais para machucar você depois que deram sua palavra. Não vão tratar você muito bem, mas não vão tratar você pior do que já está.

Alternando um tratamento de mãe e generala, a princesa o conduziu até os escombros das escadas e lhe disse: — Vamos agora. A escada para cima está mais desobstruída do que parece. Tudo se acumulou no fundo, igualzinho a você.

Zeke não sabia como se sentir enquanto seguia a subida lépida e cuidadosa dela. Não havia absolutamente luz alguma, a não ser pelo brilho branco peculiar do lampião de Angeline, mesmo quando subiram um ou dois lances e ele conseguiu ver por entre os andares vazios e inacabados como a noite estava escura do outro lado das janelas. Estava escuro, e tão tarde que já estava ficando cedo.

— Eu deixei um bilhete pra ela, mas... minha mãe vai me matar.

A princesa disse: — Tudo depende do tempo. O truque é que você precisa ter saído por tempo suficiente para que ela não fique mais zangada, mas comece a se preocupar... mas você não quer que ela se preocupe demais, caso contrário ela volta a ficar com raiva.

Zeke sorriu dentro da máscara ao se levantar atrás dela. — Você deve ter filhos também.

Ela não sorriu de volta. Zeke soube disso porque não ouviu o barulho da máscara quando os cantos da boca viram para cima e quando ela hesitou na próxima escada entulhada de escombros e continuou caminhando. Ela disse: — Eu já tive uma filha. Há muito tempo.

Alguma coisa no tom da voz dela fez com que Zeke não fizesse mais nenhuma

pergunta educada.

Ele bufava atrás dela, bestificado com sua energia e força; e descobriu outras coisas inadequadas para se maravilhar e sufocar. Ele estava desesperado para perguntar quantos anos ela tinha, mas engoliu essa questão e acabou perguntando o seguinte: — Por que você se veste feito um homem?

— Porque gosto.

— É esquisito — ele disse.

Ela respondeu: — Ótimo. — E depois disse: — Pode fazer a outra pergunta se quiser. Eu sei que você está se perguntando. Você está se perguntando tão alto que quase posso ouvir. É como ouvir os corvos lá fora.

Zeke não fazia ideia do que isso queria dizer, mas ele não ia perguntar diretamente há quanto tempo ela andava sobre a terra, então resolveu perguntar de modo indireto. — Como é que não tem nenhum jovem por aqui?

— Jovem?

— Bom, Rudy tem idade suficiente pra ser meu pai, no mínimo. E eu vi uns chineses, mas a maioria deles parecia velho assim ou... até mesmo mais velho. E depois tem... a senhora. Todo mundo aqui é...

— Velho? — ela completou por ele. — Tendo em mente que sua ideia de velho e minha ideia de velho são duas coisas diferentes, você reparou corretamente. E, certamente, há um motivo para isso. É um motivo fácil, e você mesmo poderia ter pensado nele se se esforçasse.

Ele empurrou uma viga tombada para fora do seu caminho para poder passar por ela ao invés de passar por cima. — Estou um pouco ocupado para pensar — ele disse a ela.

— Ora, isso não é interessante? Ocupado demais para pensar. Ocupado é quando você devia pensar mais rápido. Caso contrário, como pode esperar durar aqui mais tempo do que uma pulga num cão? — Ela parou num patamar e esperou que ele a alcançasse. Levantando o lampião e olhando para cima e para baixo, disse: — Eu os ouvi lá em cima, os homens da nave. Eles não são muito educados, nenhum deles mesmo, mas acho que você vai ficar bem. Você está disposto a pensar rápido, não está?

— Sim, madame.

— Está certo, então me diga agora, enquanto andamos, por que praticamente não existem crianças como você aqui embaixo.

— Porque... — ele se lembrou de Rudy ter mencionado os homens chineses e por que eles não tinham mulheres. — Não existem mulheres aqui. E mulheres

normalmente cuidam de crianças.

Ela fingiu se ofender, e disse: — Não existem mulheres? Eu sou uma mulher, se é que você já viu uma. Nós temos mulheres aqui embaixo.

— Mas eu quis dizer mulheres jovens — ele balbuciou, e aí percebeu como isso era errado. — Quero dizer, mulher mais jovens do que... eu quis dizer, mulheres que pudessem ter bebês. Eu sei que não existem mulheres chinesas. Rudy me falou.

— Ora, ora, quem diria? Rudy lhe disse a verdade sobre alguma coisa.

Nisso ele tinha razão sim. Não há chinesas aqui na cidade, ou se existem, eu não as encontrei. Mas vou lhe dizer uma coisa, eu sei pelo menos de uma outra mulher que vive aqui embaixo. E uma barwoman de um braço só chamada Lucy O'Gunning, e, com um braço só ou muitos, ela desce o sarrafo em homens ou podres. É osso duro de roer — disse Angeline com muita admiração. — Mas, dizendo isso, eu também deveria dizer que ela é velha o bastante para ser minha filha. E é velha o bastante para ser sua mãe — ou talvez até mesmo sua avó. Então continue pensando, garoto. Por que não há nenhum jovem por aqui?

— Me dê uma pista — ele implorou, correndo atrás dela, subindo até o lance seguinte de escadas, empoeirado e obstruído. Ele não sabia quantos já haviam subido, mas estava cansado e não queria subir mais. Não importava.

Ela não estava reduzindo a velocidade, e era ela quem levava o lampião, portanto ele foi seguindo junto.

— Você quer uma pista? Tudo bem. Há quanto tempo as muralhas foram erguidas?

— Quinze anos — ele disse. — Uns meses a mais, uns meses a menos.

Mamãe disse que eles acabaram no dia em que eu nasci.

— É mesmo?

— Foi o que eu ouvi — ele jurou.

E começou a pensar em quantos anos quinze anos eram, se você não fosse um bebê para começar. Pensou na idade que sua mãe tinha naquela época — cerca de vinte, há quinze anos. Ele tentou, falando devagar enquanto lutava para respirar contra a máscara e sua exaustão: — A maioria dos sujeitos aqui dentro está aqui esse tempo todo?

— A maioria, sim.

— Então, se eles eram homens crescidos... e mulheres — acrescentou ligeiro — na casa dos vinte e trinta... agora eles todos estão pelo menos na casa dos trinta e quarenta.

Ela parou e girou o lampião, quase atingindo-o na testa. — Isso mesmo! Bom garoto. Bem pensado, mesmo enquanto você está ofegando feito um filhotinho. — Depois de uma pausa pensativa, ela acrescentou: — Ouvi dizer que há uns dois garotos lá em Chinatown, que foram trazidos pelos pais ou tios. E Minnericht, já que é assim que ele se chama... dizem que ele de vez em quando traz aqui para dentro uma equipe. Mas você tem que entender, a maioria das pessoas que não começou aqui embaixo... elas não conseguem se acostumar. Não ficam muito tempo. Não posso dizer que as culpo.

— Eu também — ele disse, e naquele instante quis muito poder pedir três desejos: o primeiro era voltar para casa, se o universo pudesse ser tão gentil com ele. Ele estava esgotado, e enjoado do ar filtrado e fedorento, e sua pele estava suja e irritada nas bordas da máscara e das roupas. O rosto do chinês assassinado continuava flutuando pela sua mente quando ele fechava os olhos, e ele não queria estar em lugar nenhum perto do corpo — nem mesmo dentro das mesmas muralhas da cidade.

— Em breve — Angeline prometeu a ele.

— Em breve?

— Em breve você estará fora daqui e a caminho de casa.

Seus olhos se estreitaram atrás do visor e ele disse: — Você sabe ler os pensamentos das pessoas ou coisa assim?

Ela respondeu: — Não. Mas sei ler pessoas muito bem.

Zeke conseguiu ouvir um zumbido de fundo então, acima dele e mais para a esquerda — o clangor de ferramentas contra aço e os xingamentos roucos de homens infelizes usando máscaras protetoras. De vez em quando o prédio sacudia como se tivesse sido atingido novamente, e cada um desses choques fazia Zeke se segurar contra a parede para se firmar. Rudy tinha razão quanto a duas coisas. Não havia mulher em Chinatown, e não havia corrimões na torre inacabada.

— Senhorita Angeline? — ele interrompeu, e fazendo a curva seguinte o mundo ficou alguns tons mais leve, ou ele pensou que sim.

— O que foi? — ela perguntou. — Estamos quase chegando. Está vendo? As janelas estão mais quebradas, e o que restou do luar está entrando.

Estamos bem perto de onde eles bateram na lateral deste lugar velho.

— Tudo bem. Eu só estava me perguntando. Rudy não quis dizer, e a senhora não mencionou... quem é esse Dr. Minnericht do qual vocês dois tanto falam?

A princesa não chegou a parar, mas estremeceu, como se tivesse visto um

fantasma ou um assassinato. Alguma coisa em sua postura endureceu e enrijeceu. Ela parecia um relógio de ponteiros finos com a corda muito girada e pronto para quebrar.

Ela disse: — Esse não é o nome dele.

E ela se virou para ele, quase atingindo-o novamente com o lampião, pois não sabia o quão próximo ele vinha atrás dela. Mesmo dentro da máscara, o rosto dela era uma caixa de sombras de picos e desfiladeiros; o nariz aquilino e fundo dela, e seus olhos ligeiramente amendoados, compunham um mapa da raiva de alguém.

Com a mão livre ela agarrou Zeke pelo ombro e o puxou para perto, até a luz branca quente quase queimar seu rosto. Ela o sacudiu e o puxou para perto, e disse — Se alguma coisa sair errada, talvez você deva saber... estamos na terra dele, nesta parte da cidade. Se tudo o mais for para o inferno e você não conseguir passagem a bordo desta nave, ou se você cair e ele encontrar você, é melhor estar preparado para ele.

Lá em cima, os homens estavam xingando mais alto, falando em inglês com um sortimento de sotaques do mundo inteiro. Zeke tentou não ouvi-los, e tentou não ver as rugas cavernosas no rosto coriáceo da princesa. Mas estava transfixado pela fúria dela, e não conseguia se mover, nem mesmo para desgrudar seu olhar do dela.

— Ele não é doutor, e não é alemão... embora seja esse o nome que ele assumiu. Não é Hessiano[{4}], não é estrangeiro e também não é do local. E isso o que ele gosta de dizer — ela disse. E então se sobressaltou, como se algo novo e horrível tivesse lhe ocorrido.

Seus olhos pegaram fogo e ela sibilou: — Seja lá o que ele tenha lhe dito, seja lá o que ele disser, ele não é nativo deste lugar e nenhum homem que jamais tenha afirmado ser. Ele jamais lhe dirá a verdade, porque para ele mentir vale a pena. Se ele encontrar você, vai querer ficar com você — e quanto mais penso nisso, mais tenho certeza de que é isso o que vai acontecer.

Mas nada do que ele lhe disser é verdade. Parta desse pressuposto, e você sobreviverá a um encontro com ele, provavelmente. Mas... — ela se deteve, e o medo que queimava em seu rosto começou a esfriar lentamente.

— Mas é só garantirmos que isso não aconteça — ela disse, e lhe deu palmadinhas na cabeça, despenteando seus cabelos e fazendo com que as faixas de sua máscara pinçassem sua pele irritada. — Então vamos levar você lá pra cima, pra dentro daquela nave.

Ela o soltou e, voltando a sorrir, assumiu a liderança durante mais um

interminável lance de escadas até chegar ao topo e sentirem ar fresco se derramar sobre as escadas.

Ezekiel precisou se lembrar de que o ar não era realmente fresco. Era apenas frio, e vinha do lado de fora. Mas isso não queria dizer nada, e certamente não queria dizer que ele podia tirar a máscara — embora ele tivesse dado tudo para fazer isso. Ele estava abalado pela observação de Angeline e perturbado pelos homens durões e barulhentos que trabalhavam no andar acima.

A princesa ia na frente com o lampião, e ela saudou os homens da aeronave com um impropério que fez Zeke soltar uma gargalhada.

Eles se viraram para ver a velha brilhando com seu intenso lampião branco e o garoto magricelo de cabelos despenteados atrás dela, Zeke viu cinco deles, espalhados ao redor do salão fazendo coisas úteis como tapar buracos e vibrar marretas em cima de vergalhões dobrados que se projetavam para fora do casco de uma nave tão grande que o garoto não conseguia ver o final dela. Apenas uma pequena parte do casco havia se enterrado na fileira de janelas, que haviam sido quebradas e transformadas em pó pelo impacto da colisão da nave.

A Clementine havia ou ficado presa ali ou atracado à força, a Zeke não entendia a diferença... nem se isso importava.

Amarrada às vigas de suporte da parede, a nave flutuante estava puxada quase para dentro do prédio, onde os cinco homens trabalhavam em suas partes mais depauperadas. Um buraco imenso estava se fechando sob a força de um homem suado e curvado, com um pé de cabra do tamanho de uma árvore pequena, e outro homem, branco e alto com uma máscara laranja escura, estava prendendo uma teia de redes de corda.

Dois dos cinco saudaram a princesa de volta com ainda mais palavrões.

Um deles parecia ser o encarregado.

Seus cabelos eram de um vermelho vivo sob as tiras de sua máscara, e o corpo largo e atarracado estava marcado com tatuagens elaboradas e cicatrizes.

Em um dos braços, Zeke vislumbrou um peixe com escamas de prata; e no outro ele viu um touro azul escuro.

Angeline perguntou a ele: — Capitão Brink, o senhor já está quase pronto para voar novamente?

— Sim, Senhorita Angeline — ele respondeu. — Assim que este rasgão no casco estiver totalmente remendado, seremos capazes de decolar e pegar um ou dois passageiros. Este aí é seu amigo?

— Este é o garoto — ela disse, esquivando-se da implicação, se é que havia

alguma. — Você pode colocá-lo em qualquer lugar lá embaixo lá fora, contanto que o leve para fora. E na sua próxima passagem por aqui, eu lhe darei o resto do que prometi.

Ele ajustou a máscara enquanto olhava para Zeke de alto a baixo, como um cavalo que estivesse pensando em comprar. — Por mim está certo, madame. Mas só para que a senhora saiba, nossa próxima passagem pode estar um pouco distante. Estamos com um pouco de pressa para ir, e ir longe.

— Por que isso?

— Estamos só correndo atrás do mercado — ele respondeu vagamente.

Então disse: — Nada que faça vocês dois se preocuparem, sem problema. Garoto, pode entrar. Angeline, tem certeza de que não precisa de uma carona pra fora da cidade?

— Não, Capitão, não preciso. Tenho negócios a tratar aqui. Tenho um desertor para fuzilar — ela acrescentou baixinho, mas Zeke a ouviu.

Ele perguntou: — Você não vai mesmo fuzilar ele, vai?

— Não, provavelmente não. E mais provável que eu o pregue. — ela disse isso sem muita seriedade, e ficou vendo os aeronautas fazerem seus consertos. Disse para Brink: — Esta não parece com a última nave sua que eu vi.

Nesse meio tempo, ele tinha apanhado uma marreta e estava batendo em outra placa amassada. Parou e disse a ela: — Na verdade, esta aqui é nova.

Você é uma mulher de olhos aguçados para notar isso.

— E o nome dela é Clementine?

— Isso mesmo. Batizada com o nome de minha mãe, que não viveu o bastante para vê-la voar.

Ela disse: — É muito gentil de você — mas havia dúvida em suas palavras, por mais que ela tentasse evitar que Zeke percebesse isso.

Ele sussurrou: — Algo errado?

— Não — ela não sussurrou de volta. — Está tudo bem. Eu conheço esses sujeitos — ela lhe garantiu. — Este aqui é o Capitão Brink, como você já deve ter adivinhado. Ao lado dele está seu imediato, Parks; e mais adiante, com as redes, está o Sr. Guise. Não estou certa?

— É isso mesmo — disse o capitão, sem olhar para trás. — E os dois que vocês não estão reconhecendo são Mão-do-Céu e Punho-de-Urso. São irmãos.

Eu os peguei em Oklahoma, da última vez em que passamos por lá.

— Oklahoma — repetiu Angeline, — Vocês dois são meus irmãos? — ela

perguntou a eles.

Zeke franziu a testa. — Você tem irmãos que não conhece?

— Não, garoto burro — ela disse sem maldade. — Eu me perguntei se eles eram nativos, como eu. Ou talvez de que tribo eles haviam vindo.

Mas nenhum dos homens respondeu. Continuaram trabalhando, afundados até os cotovelos em um motor em forma de caldeira que estava enegrecido num dos lados e fumegava sombrio do outro.

Brink disse: — Eles não têm a intenção de desrespeitá-la, Senhorita Angeline. Nenhum dos dois fala inglês muito bem. Não acho que Duwamish[5] seja claro para eles também. Mas trabalham duro feito umas mulas, e conhecem máquinas muito bem.

Sob as tiras de suas máscaras Zeke podia ver cabelos escuros e lisos. Os antebraços deles eram marrons, mas podiam estar escurecidos por causa de cinzas ou fuligem. Mesmo assim, ele podia ver que eram índios como a Senhorita Angeline. Nenhum dos homens levantou a cabeça, e se eles sabiam que eram o tema da conversa, não deram a mínima para isso.

Zeke perguntou a Angeline, bem baixinho: — Você conhece bem esses sujeitos?

— Todos somos conhecidos.

O capitão disse: — De qualquer maneira, em poucos minutos vamos conseguir alçar voo. — Zeke achou que ele soava como um homem que estava tentando não parecer agitado.

O Imediato Parks olhou pela janela ou tentou — mas, naturalmente, sua nave estava no caminho. Trocou um olhar com o capitão, que fez gestos rápidos, como se todo mundo tivesse que se apressar.

Perguntou: — Quanto tempo falta para terminarmos?

O Sr. Guise, um homenzarrão com as pernas das calças enroladas e uma camiseta colada no corpo, disse: — Já fizemos o suficiente para voar, eu acho. Vamos colocar a carga e tocar pro céu.

A Princesa Angeline estava observando a cena com preocupação, que ela pintou com otimismo quando percebeu que Zeke olhava para ela e viu que sua preocupação estava se tornando contagiante. Ela disse: — Está na hora. E foi um prazer conhecê-lo, Zeke. Você parece um bom rapaz, e espero que sua mãe não bata muito em você. Vá para casa agora, e talvez eu o veja novamente um dia.

Por um momento Zeke achou que iria receber um abraço, mas a princesa não o espremeu. Só se afastou, voltou para o corredor e desapareceu escada abaixo.

Zeke ficou ali parado, desajeitado, no meio do salão onde ventava tanto, com as janelas quebradas e a nave de guerra destroçada.

Nave de guerra.

As palavras passaram flutuando pelo seu cérebro, e ele não sabia por quê.

A Clementine era somente um dirigível, uma colcha de retalhos de segunda, costurada para criar uma máquina que pudesse voar sobre as montanhas para transportar carga de qualquer espécie. Então, talvez, ele disse a si mesmo, existisse algum segmento de alguma coisa mais dura construída naquele caso preto fosco.

Ele perguntou ao capitão, que estava enfiando suas ferramentas em uma sacola de couro cilíndrica grande o bastante para guardar outro homem. — Senhor? Onde eu devo...?

— Qualquer lugar está bom — ele respondeu apressado. — A princesa pagou pela sua passagem, e não vamos enganá-la. Ela é uma velha senhora, decerto, mas eu não a tapearia. Gosto das minhas tripas exatamente onde elas estão, muito obrigado.

— Ahn... obrigado, senhor. Devo simplesmente... entrar?

— Faça isso, sim. Fique perto da porta. Do jeito que as coisas estão indo, provavelmente vamos ter que chutar você pra fora um pouco mais alto do que gostaríamos.

Zeke arregalou os olhos. — O senhor vai simplesmente me... me atirar da nave?

— Ah, nós vamos primeiro colocar uma corda em você. Não vamos deixar você se espatifar com muita força, certo?

— Certo — disse Zeke, mas ele não achava que o capitão estivesse brincando, e ficou com as pernas bambas de medo.

Assim como a preocupação de Angeline era contagiosa, a impaciência e o nervosismo da tripulação que trabalhava rápido estava dando na psique do garoto também. Alguma coisa na movimentação deles havia se tornado ainda mais frenética e apressada quando Angeline deixou o salão, dando a Zeke a impressão de que haviam preparado um embuste para ele. Não gostou nada disso.

Imprensado contra a lateral do edifício e preso firmemente no lugar, um portal no casco havia sido aberto para os membros da tripulação irem e virem.

Zeke apontou para o portal e o capitão fez que sim com a cabeça, incentivando-o a entrar.

— Mas não toque em nada! Esta é uma ordem direta, garoto, e se você desobedecer é melhor criar asas antes de levantarmos voo. Senão vou deixar a corda de lado — ele prometeu.

Zeke estendeu as mãos e disse: — Já entendi, já entendi. Não vou tocar em nada. Só vou ficar aqui dentro, bem aqui, e... — ele percebeu que ninguém o estava escutando, então parou de falar e atravessou desajeitado o portal.

O interior da nave era sombrio e frio, e não completamente seco; mas era mais claro do que Zeke estava esperando, com pequenos lampiões a gás espalhados e pendurados nas paredes por braços que balançavam. Um estava quebrado, e seus pedaços espalhados no chão.

Ele se endireitou e espiou de um canto a outro, tomando cuidado para evitar que as mãos sequer roçassem os controles complicados e as alavancas penduradas. Sua mãe costumava ter uma expressão a respeito de evitar até mesmo a aparência do mal, e ele se apegou a ela com muita firmeza como uma questão de autopreservação.

O porão de carga estava escancarado. Quando Zeke meteu a cabeça ali dentro, viu caixas empilhadas nos cantos, e sacolas penduradas no teto. Seu velho camarada Rector havia lhe contado um pouquinho a respeito da maneira como a Praga era coletada para processamento, então ele podia imaginar para que serviam as sacolas; mas as caixas não tinham nenhuma etiqueta, e ele não fazia ideia do que elas poderiam conter. Então a Clementine não estava transportando gás; estava transportando outra carga.

Do lado de fora, alguém deixou cair uma chave inglesa com estrépito.

Zeke saltou para trás como se ele tivesse levado uma pancada, embora não houvesse ninguém perto dele e ninguém tivesse parecido reparar que ele havia saído de perto da porta junto à qual recebera ordens de ficar. Recuou rapidamente e fincou os pés ao lado do portal, onde o Sr. Guise e Parks estavam carregando as ferramentas de volta para, dentro. Nenhum dos dois lhe deu sequer um olhar, embora o capitão tivesse reclamando quando ele tentou segui-los. — Você vai ficar aqui, não vai?

— Sim, senhor. Eu vou.

— Bom garoto. Tem uma faixa sobre sua cabeça. Segure nela. Vamos decolar.

— Agora? — Zeke disse, a voz aguda.

O Sr. Guise puxou um casaco das costas de uma cadeira e enfiou os braços nela. — Vinte minutos atrás teria sido melhor, mas agora ainda serve.

— É melhor que sim — reclamou Parks. — Eles vão estar no nosso rabo a

qualquer minuto — ele disse. Então viu Zeke pelo canto do olho, e evitou falar mais.

— Eu sei — o capitão concordou com fosse lá qual fosse o pensamento que a língua de Parks não chegou a proferir. — E Guise está cerca de quarenta minutos atrasado. Malditos sejamos todos nós por estourar o horário de partida.

Parks trincou os dentes com tanta força que seu maxilar, visível por fora da máscara, ficou duro como granito. — Não é culpa minha que os impulsores estavam marcados errado. Eu não teria atingido a maldita torre de propósito.

— Ninguém disse que foi culpa sua — disse Brink.

— E é melhor que ninguém diga mesmo — grunhiu Parks.

Zeke riu de nervoso e disse: — Eu não vou dizer, com certeza.

Todos os ignoraram. Os irmãos índios vieram a bordo e imediatamente começaram a fechar o portal. A porta redonda travou, mas acabou sucumbindo à força de quatro braços puxando e se encaixou com um estalo.

Uma roda na porta foi girada e trancou, e todos assumiram posição no convés atulhado de coisas e cheio de gente.

— Onde estão as malditas saídas de ventilação do vapor? — O Sr. Guise levantou os dedos e os flexionou, fechando-os em um punho.

— Experimente o painel esquerdo — o capitão mandou.

O Sr. Guise se sentou na cadeira principal e ela balançou e girou. Ele prendeu os pés embaixo do console e tentou puxar a cadeira mais para perto do painel de controle, mas ela não saiu do lugar.

Zeke recuou até encostar na parede e ficou ali recostado; enroscou a mão na faixa que pendia sobre sua cabeça. Pegou um dos irmãos índios — não sabia qual dos dois — olhando para ele, então disse: — Você, ahn... não está voando nesta nave há muito tempo, está?

— Cale a boca desse garoto — disse Parks sem se virar. — Não quero saber como você vai fazer isso, mas cale a boca dele ou eu mesmo vou fazê-lo.

O capitão fuzilou com o olhar ora Zeke, ora Parks, mas acabou se de-cidindo por Zeke, que já estava falando pelos cotovelos: — Eu fico quieto! Eu calo a boca! Desculpe, eu só estava, eu apenas, eu queria conversar.

— Ninguém quer ouvir a sua conversa — o Sr. Guise lhe disse.

O capitão concordou. — É só ficar de boca fechada e você vai ficar bem, e não vou ter que prestar contas àquela velha maluca. Não nos faça jogar você daqui do alto sem rede ou corda, garoto. Se tivermos que fazer isso, faremos, e vou

dizer a ela que foi acidente. Ela não vai ser capaz de provar o contrário.

Zeke já tinha suposto isso. Ele procurou ficar o mais invisível que pôde, pressionando bem as costas ossudas contra as tábuas e fazendo força para não sufocar com seu próprio medo.

— Entendeu bem? — perguntou o capitão, olhando bem no olho dele.

— Sim, senhor — ele disse baixinho. Queria perguntar se podia retirar a máscara, mas não queria correr o risco de irritar mais ninguém. Tinha certeza absoluta de que qualquer homem a bordo lhe daria um tiro na cabeça simplesmente se ele disse um "olá".

Os selos da máscara roçavam na sua pele, e as faixas apertavam seu crânio com tanta força que ele achava que seu cérebro ia sair pelo nariz. Zeke queria chorar, mas estava com medo demais até mesmo de fungar, e achou que era melhor assim.

O Sr. Guise estava mexendo com uma fileira de botões, esmagando-os de forma quase aleatória, como se não soubesse o que nenhum deles fazia. — Não há trava de liberação para essas presilhas miseráveis. Como é que vamos nos soltar das...

— Não estamos presos numa doca normal — Parks disse a ele. — Estamos esmagados contra a torre. Nós saímos e nos soltamos por conta própria, se preciso for.

— Não temos tempo. Cadê o soltador de ganchos? Não há um kit desses por aqui? Uma alavanca ou coisa assim? Temos os ganchos para usar a fim de obter estabilidade; como é que os recolhemos para nos soltar?

Brink disse: — Aqui, talvez isto? — inclinou-se por sobre seu imediato e estendeu um braço bem branco para agarrar uma alavanca e puxá-la.

O som de alguma coisa se soltando com um estalo do lado de fora aliviou a todos do lado de dentro. — Foi só isso? Estamos soltos? — quis saber o Sr. Guise, como se alguém ali soubesse mais do que ele.

A própria nave lhes respondeu, deslocando-se no buraco que havia criado dentro da lateral da torre semiconstruída. Ela se ajustou e se inclinou para a esquerda e para baixo. Zeke não sentia tanto que a Clementine tivesse se soltado, mas que ela estivesse saindo do lugar. O estômago do garoto afundou, e depois levantou quando a aeronave foi se afastando do edifício e pareceu cair. Ela então se endireitou, e os conveses inferiores do dirigível pararam de balançar, como uma cadeira de vovó.

Zeke ia vomitar.

Podia sentir o vômito que havia engolido depois de ver o assassinato do chinês. A coisa subia pela sua garganta, queimando a pele que encontrava no caminho e exigindo sair de qualquer maneira.

— Eu vou... — ele disse.

— Vomite na sua máscara e é isso o que você vai respirar até colocarmos você no chão, garoto — avisou o capitão. — Tire a máscara e você está morto.

A garganta de Zeke gorgolejava, e ele arrotou, sentindo gosto de bile e o que quer que ele havia comido por último, embora ele nem conseguisse se lembrar do que tinha sido. — Não vou — ele disse, porque dizer as palavras dava à sua boca algo para fazer além de cuspir. — Não vou vomitar — ele disse a si mesmo, e torceu para ter dado essa impressão ao resto dos homens, ou que pelo menos eles pudessem ignorá-los.

Um impulsor voltado para a esquerda disparou e a nave voou em um círculo antes de estabilizar e se erguer.

— De leve — acusou o capitão.

Parks disse: — Vá para o inferno.

— Estamos subindo — anunciou o Sr. Guise. — Estamos indo firme.

O capitão acrescentou: — E estamos fora daqui.

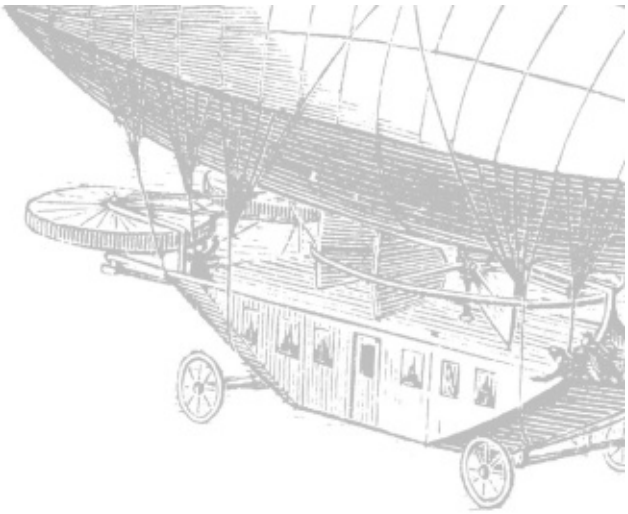
— Merda — disse um dos irmãos índios. Era a primeira coisa em inglês que ele ouvia da boca de qualquer um dos dois, e não soava coisa boa.

Zeke tentou se conter, mas não conseguiu.

Perguntou: — O que está acontecendo?

— Jesus — blasfemou o Capitão Brink com um olho na janela mais à direita. — Crog e seu camarada nos encontraram. Mas que inferno! Eu pensei que aquilo o deteria um pouco mais. Todo mundo, apertem os cintos.

Segurem firme, ou então estamos todos mortos.



DEZESSEIS

Swakhammer lançou a luz do seu lampião em uma pilha de caixotes S quebrados e enterrados que haviam sido empilhados de modo apressado e deixados ali para afundar. Parecia ser o único caminho à frente.

— Eu primeiro — ele disse. — Precisamos estar longe o bastante da casa de Maynard para quem sabe escaparmos ao pior do enxame. Aquelas coisas são incansáveis. Elas vão tentar escavar o chão até gastarem as mãos, e quanto mais barulho fizerem, mais dos seus irão atrair.

— Quero distância deles — murmurou Briar.

— Assim espero. Deixe-me dar uma olhada aqui ao redor para ter certeza. Ele ergueu uma perna enorme para pisar no caixote do fundo e ele afundou uns cinco centímetros, esguichando no lodo. Assim que o caixote parou de afundar, ele pegou a outra perna e subiu devagar a pilha bamba. Um conjunto de faixas de metal de reforço se soltou com um estrondo de alguma coisa arrebentando e raspando, mais alto do que tiros de rifle no subterrâneo abafado.

Todos se abaixaram e ficaram no mais absoluto silêncio.

— Você está ouvindo alguma coisa? — perguntou Lucy.

— Não — respondeu Swakhammer — mas me deixe dar uma olhada.

Briar deu um passo para o lado e levantou a bota de cima da lama, mas foi forçada a colocá-la de volta onde ela estivera afundando. Não havia lugar firme

o bastante para ficar em pé sem sentir o sugar lento e gosmento da terra molhada. — O que você está procurando? Mais podres?

— Isso. — Ele forçou o ombro contra o alçapão e travou os joelhos. — O caminho leste estava entupido deles. Fomos para leste por baixo deles, mas não sei se fomos para leste o bastante para perdermos a extremidade de trás do enxame. Todo mundo quieto agora — ele disse. Os caixotes gemeram abaixo dele e a lama fazia um som terrível de chupar nos cantos de pinho barato, ameaçando derrubar a pilha inteira. Mas a estrutura não cedeu, e Swakhammer lutou para se mover devagar — e levantar a porta sem fazer ruído.

— E então? — perguntou Hank, um pouco alto demais.

Lucy fez shhh para ele, mas levantou a cabeça para olhar para o homem de armadura e seus olhos fizeram a mesma pergunta.

— Acho que está tudo limpo — ele disse. Ele não parecia convencido, mas a multidão aglomerada abaixo também não ouviu som de pés arrastando, mãos arranhando ou gemidos, então o silêncio foi interpretado como um bom sinal.

Swakhammer tornou a abaixar a porta e se dirigiu ao grupo o mais baixo que sua voz alterada lhe permitia: — Estamos na botica da Segunda Avenida, logo abaixo dos antigos porões de armazenamento do Pete. Até onde sei, não existe nenhum espaço ligando esse porão e a casa de Maynard. Lucy, você sabe como chegar aos Cofres daqui, certo?

— Daqui a gente deve descer apenas um quarteirão, e depois virar mais Um a direita.

— Ótimo. Agora escute... Senhorita Wilkes... não existe nenhuma queda entre aqui e lá, então fique por perto e corra feito o diabo se for necessário.

— Queda?

— Entradas para o subterrâneo. Lugares seguros. Você sabe. Assim que sairmos, estamos presos do lado de fora até chegarmos aos Cofres. Aquele é o lugar mais próximo e seguro por aqui, tirando a casa de Maynard. E não há como voltar à casa de Maynard por mais um ou dois dias no mínimo.

— Diabos — resmungou Lucy. — E eu tinha acabado de limpar tudo lá depois da última vez.

— Não se preocupe com isso, Senhorita Lucy. Nós arrumamos o lugar para a senhora. Mas, por ora, precisamos ir para baixo e ficar abaixados até conseguirmos descobrir como os podres descobriram seu caminho até lá tão rápido.

— Não — Briar balançou a cabeça. — Não, não posso me esconder mais.

Preciso encontrar meu filho.

Lucy pôs a mão dura e metálica no braço de Briar. Ela disse: — Querida, os Cofres são o mais próximo do seu filho a que vamos provavelmente chegar, se você acha que ele está procurando o caminho da Boneshaker.

Escute, nós vamos até lá, e talvez encontremos alguém que tenha visto ele.

Vamos perguntar, e espalhar a notícia. Mas você tem que ficar com a gente se quiser permanecer inteira até encontrar ele.

Briar queria argumentar, mas engoliu o protesto. Assentiu para Swakhammer como se para dizer a ele que concordava, e ele aceitou o gesto por tempo suficiente para levantar a tampa e passar.

Um a um, os fugitivos da casa de Maynard escalaram a pilha bamba de caixotes e cadeiras, e um a um eles emergiram do submundo úmido de orvalho e subiram para o porão da casa de um velho boticário.

A luz do lampião de Swakhammer tremeluzia, à beira de se apagar completamente, quando Frank e Willard arrumaram um par de velas bem a tempo de aumentar a luminosidade. Eles quebraram as velas em duas para tornar o aposento mais claro com chamas extras, mas Lucy avisou.

— Mantenham as velas altas, pessoal. Esses caixotes velhos estão cheios de munições mergulhadas em serragem. Tudo o que é necessário é uma faísca em um lote que não esteja encharcado, então mantenham tudo junto de vocês.

Estão todos aqui? — ela perguntou.

— Sim, madame — disse Hank. Ele foi o último, e o alçapão se fechou atrás dele.

— As máscaras de todos estão bem presas?

Ao redor do círculo, todos fizeram que sim com as cabeças. Fivelas foram afiveladas novamente, faixas foram apertadas e lentes foram ajustadas no lugar. Briar checou sua bolsa e puxou o chapéu sobre a máscara. Colocou o Spencer sobre o ombro. Achou as luvas dentro dos bolsos, e deu graças aos céus por elas. Se ela estava indo para fora, não queria expor nenhuma parte de sua pele.

Enquanto Swakhammer ia na ponta dos pés até a escada do porão e tentava abrir a trava da porta, Briar enfiava os dedos sujos dentro das luvas.

Ele tirou a barra da porta e segurou uma pistola próxima ao peito. A porta se abriu alguns centímetros e ele enfiou a cabeça pela fenda. Olhando para a esquerda, e depois para a direita, ele concluiu que a costa estava limpa e anunciou isso ao pequeno bando abaixo.

— Rápido, fiquem quietos e mantenham a cabeça abaixada. As janelas não

estão muito bem cobertas. Um podre que estiver prestando atenção suficiente pode dar uma espiadinha do lado de dentro. Não deem motivos para eles verem nada.

Ele foi entrando completamente na loja, e subiu até o aposento dos fundos, saindo do caminho para que os outros pudessem segui-lo. — Vamos. Rápido. Isso mesmo, pessoal — passem por mim agora e eu vigio a retaguarda. Vamos sair pela porta lateral. Estão vendo ? E atrás do balcão.

Tentem ficar abaixo da linha do balcão, e eu quero todas as velas o,pagadas, Eu sei que acabamos de acendê-las, mas não sabia que as janelas não estavam cobertas e não podemos nos arriscar aqui em cima. Vamos ser avistados mais rápidos do que poderemos correr. Então vamos apagá-las, e enfiem elas nos bolsos. Vamos precisar delas depois. Estamos prontos?

— Prontos — disse um coral de sussurros, sufocado por filtros de máscaras e nervosismo.

— Então vamos — disse Swakhammer.

Lucy foi na frente. Swakhammer ficou na retaguarda da fila indiana, protegendo-a com pistolas nas mãos, a Daisy batendo em suas costas.

Briar mantinha, o corpo o mais curvado possível enquanto avançava arrastando os pés — agachada, corcunda e meio cega por causa da escuridão — ao longo da loja fechada com tábuas e suas janelas empoeiradas e cobertas por uma grossa camada de sujeira.

Dentro da loja quase não havia luz, Swakhammer havia abandonado o lampião, e apenas uma vela havia sido guardada. Essa última vela era mantida próxima e quase apagada ao peito de Lucy, e quase não gerava iluminação.

Mas aqui e ali, Briar podia ver sobras de balcões que coletavam a umidade que pingava de um edifício em total estado de ruína. A madeira do piso e as molduras das janelas estavam empenadas com o ar molhado e as perpétuas dentadas ácidas da onipresente Praga.

— Lucy, você verificou essa porta? — ele disse baixo, pouco abaixo de sua voz normal.

Ela abaixou a cabeça e levou a mão mecânica até a grande trava de madeira que a mantinha fechada por dentro. Encostou a cabeça na porta e disse: — Não ouço nada.

— Ótimo. Abram caminho. Estou passando. — Ele foi se esgueirando de lado até chegar à frente da fila, e Lucy deu um passo para o lado para que ele pudesse ir na frente.

Ele olhou para o grupo reunido atrás de si, e disse: — Na pior das hipóteses... — e inclinou a cabeça na direção da Daisy, que mal sobressaía de seu ombro. — Mas vamos tentar evitar isso se pudermos. Só dois quarteirões.

— Dois quarteirões — repetiu Briar. Ela engoliu em seco, e disse a si mesma que estava fazendo progresso. Estava chegando mais perto. Estava se dirigindo para a vizinhança onde seu filho poderia ter ido, e esse era um passo na direção certa.

Swakhammer pegou a vela de Lucy e abriu a porta. A fila inteira de pessoas atrás dele recuou meio passo imediatamente, dando-lhe espaço.

O mundo lá fora era de um negror perfeito.

Briar podia ter adivinhado isso pelo interior escuro da loja do boticário, mas ela havia suposto que as janelas atulhadas de destroços e o vidro imundo pudessem compor uma ilusão sombria. Ela não havia se dado conta de quão tarde era. — Já é noite — ela disse baixinho, com uma certa surpresa.

Lucy estendeu a mão e apertou carinhosamente o ombro de Briar. — Leva algum tempo pra se acostumar — ela sussurrou de volta. — Estando no subterrâneo, é difícil saber as horas; e Deus sabe que os dias são muito curtos durante o inverno. Vamos, coração... ainda é sábado, pelo menos tecnicamente. Para frente e para o alto. Lá nos Cofres, quem sabe alguém saberá algo sobre seu garoto. Mas primeiro temos que chegar lá. Uma coisa de cada vez, certo?

— Uma coisa de cada vez — ela concordou.

Swakhammer apagou a última vela com um beliscão relutante de seus dedos enluvados no pavio. Quando ele abriu a porta o bastante para conseguir sair, Briar segurou a respiração e esperou que a noite fosse tentar matá-los a todos.

Mas nada aconteceu.

Swakhammer conduziu apressado o grupo porta afora e a fechou atrás deles, certificando-se de que ela fosse selada apenas com o ruído mais baixo possível. Então ele se virou para todos e grunhiu tão baixo que mal conseguiu se fazer ouvir. — Fiquem perto. Deem as mãos uns aos outros se puderem.

Vamos avançar um quarteirão ao norte e um a oeste. Senhorita Wilkes, você e esse rifle de repetição ficam na retaguarda. Não se apresse em atirar. Sem fazer barulho, se possível.

O chapéu dela roçou na fachada da pedra quando ela fez que sim com a cabeça, e isso era tudo o que Swakhammer precisava ouvir. Ele mal conseguia ouvi-la, mas ela não fizera objeção alguma. Briar recuou para o fim da linha e puxou o Spencer do ombro, para deixá-lo ã mão e pronto para disparar.

Na fila atrás de Hank, que parecia à beira de adormecer onde parava, Briar tentava vigiar ambas as direções ao mesmo tempo. Mas Hank ficou para trás e perdeu seu lugar, e Briar o empurrou de volta à sua posição.

Ele estava atrasando tudo, e ela não podia se dar ao luxo de ser atrasada.

Ela não sabia para onde estava indo, não realmente — e certamente não à noite, na escuridão, quando não podia ver as formas cambiantes de seus companheiros. Ela não conseguia ver o céu, nem mesmo os tubos amarelos que sabia que deviam despontar para cima; e só se ela apertasse bem os olhos por entre as lentes sujas de sua máscara velha e desajeitada ela conseguia detectar os contornos em ziguezague onde os topos dos telhados e as torres dos prédios em ruínas se destacavam negros contra as nuvens acima deles.

Mas não pôde olhar por muito tempo. Hank estava voltando a ficar para trás, batendo sua forma magricela contra os tijolos.

Ela o pegou com uma das mãos, e o levantou com o rifle enquanto tentava endireitá-lo. Bêbado burro maldito, ela pensou, mas não disse em voz alta. Usou todo o seu peso para segurá-lo em uma posição semi-ereta.

— Qual é o problema, Hank? — ela perguntou, puxando e empurrando, e usando seus próprios braços como muletas para mantê-lo de pé.

Ele respondeu com um grunhido, mas isso não disse nada a ela, a não ser que havia bebido demais daquela cerveja amarela miserável e agora estava passando mal por causa disso. Ela queria poder enxergar para ajudar, mas era difícil ver, e mais difícil ajudar quando ele bateu nas mãos dela e começou a rolar parede afora.

— Silêncio aí atrás! — Swakhammer ordenou, o metal em sua voz cortando o sibilar e transformando-o num assovio exigente.

— Estou tentando mantê-lo... — Briar começou a responder, mas parou.

— Hank — ela resolveu sussurrar para ele. — Hank, se aprume. Você precisa andar. Não vou conseguir carregar você.

Ele voltou a gemer e agarrou a mão dela.

Ela achou que ele queria usá-la para se apoiar e avançar, e até aí tudo bem; ela ajudou a conduzi-lo assim, de volta à sua posição na fila assustada, que andava de mansinho. Mas o gemido ficou na sua cabeça e dali não saía, como se estivesse lhe dizendo que havia algo mais do que ela tinha ouvido no começo.

Hank voltou a tropeçar e ela o pegou mais uma vez, deixando que ele se encostasse no seu ombro enquanto seguia em frente. Um pé chutou o outro e ele desabou no chão ao lado do meio-fio, arrastando Briar consigo.

Ela agarrou a mão dele e ele agarrou de volta. Para os outros, cujos passos seguiam em frente e começavam a se distanciar, ela gritou: — Esperem! — no sussurro mais alto que podia ousar.

Uma parada brusca sinalizou que ela havia sido ouvida.

— O que foi? — perguntou Lucy. — Onde está você, querida?

— Aqui atrás, com Hank. Tem algo de errado com ele — ela disse para os cabelos dele, pois o rosto dele estava pressionado junto ao colo dela.

Lucy soltou um palavrão. — Hank, seu velho bêbado idiota. Se você nos matar, eu juro que te mato. — À medida que ela ia falando, o volume de suas recriminações abafadas aumentava no mesmo ritmo impaciente de seus pés que se aproximavam. Uma fagulha errante de luz — um raio de luar desgarrado e determinado ou um reflexo de uma janela — atingiu uma parte exposta do braço metálico de Lucy e o fez reluzir, revelando a posição dela.

Briar mal reparou nisso. Sua atenção estava em outro lugar, voltada às tiras que prendiam a cabeça de um homem de ressaca com pouco senso de autopreservação.

— Espere — ela disse a Lucy.

Lucy disse: — Eu ouvi você, meu amor, já estou chegando.

— Não. Não foi isso o que eu quis dizer. Espere... Para trás. — Ela pôde sentir quando passou a mão na cabeça dele; pôde detectar a fivela quebrada e a faixa solta e pendurada que deveria estar prendendo a máscara dele com firmeza junto ao rosto.

Ele respirava com dificuldade. Sua cabeça pendia levemente de encontro ao corpo, e havia um ritmo que não soava como respiração. Ele começou a apertar a mão dela cada vez mais, e depois seu braço, e depois sua cintura, tentando puxá-la mais para perto.

Briar resistiu. Usou o rifle para arrancá-lo de cima dela.

Lucy se aproximou e tentou agarrá-lo. Ela disse: — Hank, não me diga que você está tão mamado que está querendo ficar de intimidade com nossa convidada.

Mas Briar segurou o braço mecânico antes que Lucy pudesse pegá-lo. — Não — ela disse. Levantou-se e puxou Lucy junto. — Não, Lucy. A máscara dele caiu. Ele estava respirando tudo.

— Ah, Jesus. Ah, Jesus.

— O que é que está havendo aí atrás?

— Vá em frente — disse Lucy. — Nós alcançamos vocês, — Esqueça — disse Swakhammer, e um roçar de armadura sugeriu que ele havia revertido o curso.

Ela insistiu: — Estamos logo atrás de você. Vá colocar o resto deles lá embaixo — Lucy disse essa última parte rapidamente, porque Hank estava em pé e se endireitando.

Briar também conseguia vê-lo, o jeito como a sombra do corpo dele relutantemente se endireitou e estremeceu. — E rápido demais — ela disse para si mesma, ou talvez para Lucy. — Ele não deveria mudar tão rápido. Isso devia levar dias.

— Isso costumava levar dias. Não mais.

Elas ficaram paralisadas enquanto Hank apenas estava parado ali em pé, e não fazia um movimento na direção delas. Briar respirava pela máscara. — Lucy, o que vamos fazer?

— Temos que matá-lo. Desculpe — Lucy disse para ele, ou pelo menos Briar esperava que fosse para o podre fresco, que vomitava e estendia mãos ossudas e zangadas para elas.

Briar usou o cotovelo para, com uma pancada, voltar a colocar o rifle de volta às suas mãos. Embora mal conseguisse ver sequer a forma mais indistinta da coisa que um dia fora Hank, ela apurou o ouvido para tentar escutar o próximo gorgolejar dele e apontou nessa direção.

O disparo o atingiu e o derrubou. Ela não conseguiu ver se o havia matado. Não se importou com isso — e Lucy pareceu aprovar.

A barwoman pegou Briar pela arma e puxou-a para a frente, para longe dali. Em apenas alguns metros elas colidiram com a parede que antes estavam abraçando quando fugiram da loja do boticário, e voltaram a abraçá-la, o resfolegar cansado das duas revelando-lhes a localização mais do que elas gostariam.

Descendo mais o quarteirão, Swakhammer estava fazendo o melhor que podia para impedir o caos completo de irromper. Ele segurou o grupo para que não se dispersasse e manteve todos firmemente pressionados contra o edifício com seu próprio corpo e disse, apenas alto o bastante para que Lucy e Briar ouvissem: — A esquina está aqui. Sigam na direção da direita.

— Eu sei — disse Lucy, deixando de sussurrar, a voz repleta de frustração e de medo.

— Cale a boca! — Swakhammer disse a ela, mas suas próprias palavras vibrantes também estavam aumentando de volume.

— Não importa. Agora eles estão nos ouvindo — reclamou Lucy, e ainda puxando Briar pela arma quente, conduziu-a ao longo do quarteirão. — Continue no caminho, seu velho bastardo gigante. Eu fico na retaguarda com a Senhorita Wilkes.

— Lucy...

— Corra, homem de ferro. Pare de discutir comigo, e nós faremos o mesmo — ela bufou.

Novos gemidos se fizeram ouvir na noite da cidade. Eles se alimentavam uns dos outros, alertados pelo ruído e motivados pela sua fome insaciável de mais carne — e se reuniam, sem que a falta da luz constituísse problema.

Lucy puxou o braço de Briar e a levou na direção da esquina, onde a fuga barulhenta de Swakhammer e dos outros cidadãos da casa de Maynard podia ser ouvida acima de toda a confusão. Eles estavam avançando mais e mais a cada instante, mas Lucy agia como se soubesse para onde estava indo, então Briar a deixou conduzi-la.

Apenas dois quarteirões, eles haviam dito; mas deviam ser os quarteirões mais longos do universo, e os podres haviam sentido o cheiro delas, ou a trilha delas, ou o que quer que fosse que eles usassem para rastrear suas presas.

Briar deu um safanão para se livrar da mão de Lucy e disse: — A arma não. Posso precisar dela.

— Pegue os cordões do avental. Fique comigo.

Ela enroscou os dedos de uma das mãos entre as tiras de linho até sentir firmeza. Disse: — Pronto. Pode ir, Estamos muito longe?

Lucy não respondeu; só continuou correndo em frente.

A esquina. Briar sentiu-a no ombro e na lateral quando seu corpo quase foi esmagado contra ela, balançando no vácuo de Lucy. Lucy puxou Briar para a direita e seguiu a parede nessa nova direção, e ao longo dessa nova rua eles podiam ouvir tudo mais alto — os passos fortes e insistentes do resto do grupo deles.

— Eles estão escapando? — Briar disse ofegante. — E nós?

Lucy respondeu: — Mais ou menos — e então bateu de cara numa manada de podres que vinha no sentido oposto.

Briar deu um grito e Lucy virou seu maravilhoso braço mecânico no meio do bando, usando-o como clava para bater em qualquer cabeça infeliz que chegasse ao alcance delas. Ela bateu a cabeça de uma fera contra a parede e arrancou a sinus de outra antes que Briar conseguisse preparar e disparar sua arma — e

quando disparou um ou dois tiros, não tinha ideia se estava atingindo algo importante.

— Cuidado! — gritou Lucy, não porque ela estava longe, mas porque havia acabado de receber um disparo de rifle ao lado da cabeça.

— Desculpe! — Briar deu um puxão no nível do Spencer e tornou a disparar no bando de corpos. Ela deixou cair as tiras do avental de Lucy e ficou por conta própria, mas Lucy não a deixaria se perder.

Ela voltou a acionar a alavanca e rezou para que houvesse outro cartucho, mas não teve tempo de disparar.

Lucy enlaçou sua cintura com o braço e levantou-a, passando por cima de dois podres caídos — mas alguma coisa segurou a mão de Briar. Ela sentiu um terror súbito, tão grande quanto a primeira vez em que ouviu aquele gemido trêmulo e agudo da garganta de um cadáver.

— Ele me pegou! — ela gritou.

— Não pegou não! — Lucy disse ao girar aquele braço do tamanho de um canhão e o descer em cima de uma cabeça frágil e vazia como uma xícara.

A cabeça se estilhaçou e o coração de Briar se apertou terrivelmente quando ela percebeu que o podre a tinha segurado pelos dentes.

Ela disse, sem fôlego: — Lucy! Lucy, ele... eu acho que ele me machucou!

— Vamos ver isso depois — ela disse baixinho. — Pegue as tiras de novo, boneca. Vou precisar deste braço aqui. É tudo o que eu tenho.

Briar fez o que a outra disse, e mais uma vez ela se colocou atrás de Lucy como uma pipa num carretel. Ela não conseguia ver, mas apenas sentia o caminho; Lucy usava seu braço como um aríete, e seu peso para seguir em frente como um engenho a motor.

As ruas eram mais negras do que o oceano à meia-noite, e Briar achou que ia vomitar a qualquer segundo, mas conseguiu se segurar por tempo suficiente para ouvir: — Aqui, vocês duas!

— Dispare a Daisy! — ordenou Lucy. — Dispare, ou estamos acabadas aqui!

— Ela está esquentando!

Lucy resmungou: — Mas que merda! Eu odeio essa arma imbecil. Nunca funciona quando... — Um podre, ao tatear, encostou em seus seios, e ela o socou na têmpora. Ele desabou no meio-fio. — Quando você precisa — ela finalizou.

Elas estavam perto o bastante de seu destino para que Swakhammer as ouvisse.

— Ela funciona muito bem! — ele insistiu. — Só demora um segundo! Agora,

moças, tampem as orelhas!

Briar achou que não tinha espaço de manobra para obedecer, mas ouviu o zumbido de alerta da arma enorme. Quando a bomba sonora disparou, ela soltou o braço de Lucy e segurou a própria cabeça com um braço e a de Lucy com o outro, já que Lucy não podia cobrir as duas orelhas. Então Briar enterrou a orelha descoberta no peito de Lucy.

As mulheres implodiram juntas, caindo ao chão e se encolhendo enquanto a onda sacudia o mundo ao redor deles. Todas as mãos que se estendiam na direção delas caíram, e quando o pior da rajada havia se dissipado e se tornado a lembrança de um ar que tremeu e sacudiu tudo, a voz metálica de Swakhammer começou a contagem regressiva.

Briar e Lucy se levantaram cambaleantes, as pernas bambas. Ambas estavam desorientadas, mas Lucy falou: — Por aqui, eu acho.

E com um estalo e com ruído de rachadura, uma explosão branco-avermelhada de luz iluminou os quarteirões lotados e sujos com um brilho quase de cegar.

— Não existe mais necessidade de escuridão ou silêncio agora, existe?— disse Swakhammer ao correr na direção delas, sinalizador fumegante na mão. — Vocês estão bem?

— Acho que sim — disse Lucy, apesar do que Briar havia lhe dito.

Swakhammer pegou a mão de Briar e o braço de Lucy e as puxou para a frente, cambaleando, tropeçando nos próprios pés e nos braços e pernas de coisas mortas que estremeciam onde haviam caído. — Estes são... — A bota de Briar pegou em alguma coisa gosmenta. Ela se libertou com um chute para poder voltar a correr. — Os dois quarteirões mais longos... — Seu salto escorregou em alguma coisa úmida e pegajosa. — Da minha vida.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Cuidado por onde pisa.

— Onde? — perguntou Briar.

— Aqui. Olhe bem. Aqui embaixo.

Então ela viu, porque estava logo embaixo dela. Um quadrado de luz amarela chapada queimava dentro da terra, no fundo do buraco de uma escadaria alinhada com sacolas cheias de uma coisa pesada e abafada, parecida com areia. Briar se encostou nelas e as utilizou para se firmar ao descer, mas Lucy ficou no meio. Havia alguma coisa errada com seu braço: mesmo na meia-luz e no movimento frenético da fuga, Briar conseguiu ver que ele estava vazando fluido

e clicando de modo estranho.

Sua própria mão latejava, e ela estremeceu ao pensar em tirar a luva. Ela não queria saber, mas precisava saber — e rápido. Se a mordida do podre havia atravessado o material denso, não havia muito tempo.

Ela foi pulando desajeitada os degraus quebrados e quase caiu no fundo, onde o chão do aposento se nivelava. Estava tão claro ali embaixo, depois da escuridão absoluta das ruas acima; por um momento ela mal conseguiu enxergar alguma coisa, a não ser pelo brilho quente da fornalha que ficava no outro canto.

— Perdemos Hank — disse Lucy.

Swakhammer não precisava ouvir mais nada. Foi até as portas duplas que poderiam ter marcado um abrigo de tempestade, e girou uma manivela ao lado delas. Uma faixa de tecido encerado estalou ao longo da divisão onde as duas portas se encontravam. Quando ele conseguiu fixá-la no lugar, estendeu a mão para pegar uma grande viga que estava encostada nos degraus da escada.

Levantou-a e colocou-a no lugar.

— Estamos com todo mundo aqui?

— Acho que sim — ela disse a ele.

Briar apertou os olhos, e foi se ajustando à claridade. E sim, todos os demais estavam presentes — o que deixava a contagem de ocupantes do aposento em cerca de quinze pessoas. Além do grupo da casa de Maynard, um punhado de chineses estava ali parado, de braços cruzados, sussurrando ao lado da fornalha.

Por um terrível segundo, Briar teve medo de que houvesse retornado ao lugar onde pousara, e que esses fossem os mesmos homens que ela havia ameaçado com seu Spencer; mas sua razão retornou, e ela percebeu que não — ela estava bem distante do mercado, e do primeiro salão de fornalha onde havia descido pelo tubo amarelo sujo.

Pó de carvão flutuava em nuvens escuras, e uma corrente de ar com movimentos alternados de soprar e sugar começou a circular pelo aposento quando os foles começaram a bombear ao lado da fornalha, forçando ar fresco através de outro tubo para o subterrâneo.

No começo, Briar não tinha visto os foles nem o tubo, mas sim, lá estavam eles. Exatamente como no outro aposento, embora a fornalha fosse menor ali, e os mecanismos que moviam os poderosos dispositivos parecessem diferentes de algum modo. Eram familiares de um modo estranho e perturbador.

Swakhammer a viu encarando a fornalha e respondeu a pergunta que ela não havia feito. — A outra metade do motor do trem não prestava. Alguém a jogou

fora no aterro ao lado da água. Nós arrastamos ela até aqui e agora ela é um fogão enorme, não é? Nada no subterrâneo consegue cozinhar algo a vapor mais rápido do que isto aqui.

Ela assentiu. — Genial — disse.

— Eu que o diga. — Lucy desabou sobre uma mesa de madeira grossa bem perto do fogo. Ela usou a luz para inspecionar o braço, que não estava mais conseguindo controlar com verdadeira habilidade. Ele ficou estremecendo e batendo contra as coxas dela quando ela o descansou ali para tentar avaliar o estrago. Um jato fino de lubrificante espirrou em sua saia e a manchou. — Filho da puta.

Varney, que havia ficado totalmente em silêncio desde que saíra da casa de Maynard, foi se sentar ao lado dela. Pegou o braço dela e virou-o, olhando-o de um lado para outro. — Você arrebentou ele, né? Está pesado pra burro. E olhe, você perdeu a besta.

— Eu sei — disse ela.

— Mas nós vamos consertar isso, não se preocupe. Está amassado, bem aqui. E bem aqui — ele acrescentou. — E talvez tenha uma rachadura bem fininha. Mas nós vamos consertar isso e vai ficar novinho em folha.

— Hoje não — ela disse. Seu punho se abriu, então se fechou independentemente da vontade dela. — Isso vai ter que esperar. — Ela se virou para um dos chineses e falou com ele em seu próprio idioma.

Ele assentiu e se abaixou para atravessar uma das passagens — retornando segundos depois com um cinturão. Lucy o aceitou e o entregou para Varney. — Me amarre aqui, certo, coração? Não quero machucar ninguém esta noite, não sem querer.

Enquanto Varney fazia uma tipoia para apoiar o braço quebrado, Lucy fez um gesto com o queixo, indicando Briar. — Está na hora, meu amor.

Melhor agora do que mais tarde.

Swakhammer puxou a máscara fora e a meteu embaixo do braço. — Do que é que você está falando? — ele perguntou.

— Hank mordeu ela. Ou um deles mordeu, bem na mão. Ela precisa arrancar aquela luva e deixar que a gente veja.

Briar engoliu em seco. — Não sei se foi Hank ou não. Acho que não atravessou a luva. Me machucou bem, mas não acho que...

— Tire a luva — Swakhammer ordenou. — Agora. Se perfurou a pele, quanto mais tempo você esperar, pior será para consertar. — Ele foi na direção dela e

estendeu a mão para pegar a mão dela, mas ela recuou, levando a mão aos seios.

— Não — ela disse. — Não faça isso. Eu faço. Eu checo.

— Está certo, mas vou ter que insistir em ver por mim mesmo. — Não havia raiva no rosto dele, mas também não havia espaço para negociação. Ele ficou ali em pé ao lado dela e abriu os braços como se tivesse aberto uma porta e estivesse oferecendo que ela passasse primeiro. Seus dedos apontavam para a velha fornalha do motor, onde a luz era mais brilhante e o calor mais intenso.

— Certo — disse Briar. Ela foi até perto do fogo, o mais próximo possível do calor que podia suportar; e se ajoelhou ao lado de uma escada suja de fuligem para retirar a máscara e o chapéu. Então — usando os dentes para puxar a faixa do pulso — puxou a luva.

Ela olhou para as costas da mão e viu uma meia-lua de pele azul-avermelhada machucada na carne, logo abaixo do dedo mínimo. Segurando a mão bem de perto, e virando-a para vê-la melhor na luz, ela olhou o melhor que pôde.

— E então? — Swakhammer quis saber, pegando a mão dela e virando para também poder conferir.

— Bem, eu acho que está tudo bem — ela disse. Não puxou a mão.

Deixou que ele olhasse, porque queria a opinião dele... ainda que tivesse muito medo disso.

Todo o aposento parou de respirar... a não ser pelos foles. Eles sopravam e sopravam, e o tubo amarelo entre a fornalha e a mesa estremeceu com a entrada e a saída de ar.

Depois de uma pausa, Swakhammer falou: — Eu acho que você tem razão. Acho que você deu sorte. Essas luvas aí devem ser muito boas. — Ele soltou uma grande quantidade de ar que estava guardando no peito e soltou a mão dela.

— São luvas boas — ela concordou, tão aliviada que não conseguia pensar em mais nada para acrescentar. Segurou com carinho a mão ferida e deslocou o peso de seu corpo para se sentar no degrau ao invés de se ajoelhar nele.

Willard se juntou a Varney ao lado de Lucy. Disse, a ninguém em especial: — É uma pena o que aconteceu com o Hank. Como é que a gente foi perder ele? — A pergunta não era zangada ou triste, mas não era feliz. Era mais do que uma mera curiosidade.

— A máscara dele — Lucy explicou. — Não estava boa. Ela se soltou, e ele respirou muita Praga.

— Acho que isso acontece — disse Willard.

— O tempo todo, diabo. Mas ele estava bêbado demais para se cuidar, e agora

você sabe o que pode acontecer nessas horas. Will, me ajude com esta máscara, sim? — Lucy mudou de assunto. Ela virou o pescoço e tentou convencer a mão a funcionar, mas ela só estremeceu contra o peito. — Me ajude a tirar ela.

— Sim, madame — ele disse. Ele estendeu as mãos atrás dela, desafivelou sua máscara e a tirou de sua cabeça. Depois fez o mesmo com a sua própria.

Dali a instantes todos estavam sem máscaras novamente.

Os chineses estavam aglomerados ao lado da fornalha, olhos escuros e pacientes, esperando que seu espaço de trabalho voltasse a ser esvaziado.

Swakhammer reparou primeiro, a maneira como eles ficavam ali impacientes, sem nada dizer. Ele falou: — É melhor sairmos do caminho deles. Esses foles precisam funcionar por mais duas horas para que o subterrâneo fique fresco o suficiente para durar a noite.

Ele abaixou a cabeça no que não foi bem uma mesura e não foi bem um cumprimento, e disse algumas palavras em outra língua. Não disse as palavras com leveza ou rapidez, como se fossem afiadas em sua boca, mas Briar imaginou que fossem uma expressão de agradecimento e um pedido de desculpas.

Os chineses de rostos lisos e aventais de couro pareceram ter apreciados o esforço. Deram sorrisos contidos e curvaram suas cabeças em resposta, mal evitando esconder o alívio quando o grupo foi embora para um túnel secundário.

Varney e Willard ficaram perto de Lucy, um de cada lado dela, e Swakhammer foi na frente, com Briar ao seu lado. O resto deles — Prank, Ed, Allen, David, Squiddy, Joe, Mackie e Tim — ia na retaguarda. Marcharam juntos em silêncio, exceto por Prank e Ed, que não paravam de reclamar sobre Hank.

— Uma palhaçada, isso sim. E seria mais do que justo. A gente devia ir até perto da estação e soltar alguns podres por lá, na porta da frente do Minnericht.

Ed concordou. — A gente podia ir pelos bairros chineses. Aposto que eles nos deixavam passar. Eles nos deixavam se a gente dissesse a eles o que ia fazer.

— E os aeronautas que ficam lá no forte, perto da torre. A gente podia ir ver se algum deles topava começar um fuzuê — Frank propôs.

Mas Lucy mandou que se calassem lá da frente da fila. — Parem com isso, vocês dois. Não vão sair por aí arrastando os outros nos seus esquemas de jerico. Ninguém vai até a estação. Ninguém vai arriscar a sorte, nem provocar os podres ou o doutor. Não precisamos de mais problemas.

Briar achou que agora quem estava reclamando era Mackie. — Bom, quantos problemas a gente vai ter que engolir mais antes de dizer chega?

Lucy respondeu: — Mais do que isto. — Mas ela não foi muito incisiva.

Mackie resmungou umas últimas palavras. — Eu gostaria de ver como ele se sente quanto aos podres no próprio salão dele, mordendo os amigos dele.

— Ele podia ter falado mais, mas Lucy parou, se virou e o encarou até ele fechar a boca.

Com paredes arredondadas e portas seladas que se abriam e fechavam como comportas de ar sujas, o corredor seguia suavemente para baixo e para a esquerda.

— Estes são os Cofres? — perguntou Briar.

— Não exatamente — respondeu Swakhammer. — Só existe um cofre real, mas o nome ficou. O resto do que está aqui é basicamente onde as pessoas dormem. Pense nisto como um grande edifício de apartamentos, virado de cabeça para baixo. Não que muita gente viva aqui. A maioria das pessoas que mora dentro das muralhas resolveu viver na periferia — perto de Denny Hill, onde as casas velhas e boas têm porões velhos e fundos.

— Faz sentido — ela observou.

— Sim, mas há desvantagens em morar tão longe assim do caminho mais frequentado; quero dizer, se você precisar de qualquer coisa, é muito duro ter que vir até aqui ao centro. Diabo, você sabe do que eu estou falando.

Acabamos de ter um homem morto na travessia de apenas dois quarteirões.

Tente percorrer oito ou nove. Mas há pessoas que fazem isso.

— Por quê?

Ele deu de ombros. — As acomodações são muito melhores. Entende o que eu digo? — Ele forçou uma trava e abriu uma porta com faixas de metal e uma janela selada. — Não é exatamente limpa, e não exatamente confortável, mas é bastante seguro.

— Foi o que eu pensei a respeito da casa de Maynard.

Swakhammer fez um gesto de desprezo e disse: — Aqui embaixo temos esses sujeitos. — Ela supôs que ele estivesse se referindo aos chineses. — Eles mantêm a situação sob controle. Se houver problemas, eles sabem o que fazer. De qualquer maneira, eis aqui o seu quarto. Senhorita Wilkes.

Ela enfiou a cabeça para olhar ali dentro e viu exatamente o que ele havia prometido: um espaço um tanto limpo, um tanto confortável com duas camas, uma mesa, uma bacia e três canos de aquecimento que corriam ao longo da outra parede.

— Cuidado com aqueles canos — ele acrescentou. — Eles mantêm o quarto quente, mas não ponha a mão neles. Vão queimar a sua pele.

— Obrigada pelo aviso.

— Briar, querida — disse Lucy, abrindo caminho até chegar à frente da fila. — Não queria invadir sua privacidade, mas estou numa camisa de onze varas com este braço arrebentado. Normalmente não preciso de muita ajuda, mas ficaria muito agradecida com a sua esta noite.

— Está ótimo. Nós, garotas, precisamos ficar juntas, certo? — Ela entendia até demais por que uma mulher poderia não querer que um homem fosse suas mãos extras, ainda que aqueles homens fossem bons, com apenas as melhores intenções.

Briar deixou Lucy entrar primeiro, e quando ela se sentou na beira da cama, Swakhammer lhe deu mais instruções úteis. — Existem reservadores no fim dos corredores, normalmente à esquerda. Eles não trancam muito bem, e também não cheiram muito bem, mas é o que há. Você encontra água lá com os chineses. Eles a guardam em barris bem do lado de fora das salas das fornalhas. Se precisar de mais alguma coisa, Lucy provavelmente saberá lhe dizer.

— Está certo — ela disse, e quando ele saiu com o resto dos homens atrás dele enfileirados como patinhos, ela fechou a porta e foi se sentar na outra cama.

Lucy havia se deitado e encostado a cabeça no travesseiro achatado e com cheiro forte de umidade. — Não preciso tanto assim de ajuda — ela disse. — Eu só não queria passar a noite cercada por aqueles homens bobos. Eles querem ajudar, mas acho que eu não suportaria.

Briar assentiu. Ela puxou os cadarços e tirou as botas, então foi se sentar ao lado de Lucy para ajudá-la a fazer o mesmo.

— Obrigada, coração, mas não se preocupe com isso. Prefiro deixá-las nos pés por enquanto. E mais fácil deixar que elas fiquem do que colocá-las de volta amanhã. E amanhã eu vou ajustar esta coisa velha aqui. — Ela levantou o ombro numa tentativa de levantar o braço.

— Como quiser — disse Briar. — Mais alguma coisa que eu possa fazer por você, então?

Lucy se sentou e empurrou as cobertas de lado com o traseiro. — Acho que estou bem por enquanto. A propósito, fiquei muito feliz pela sua mão.

Estou feliz porque você vai continuar com ela. Perder uma mão é uma coisa triste e humilhante.

Briar disse: — Também estou feliz. Foi muito rápida a transformação de Hank.

O que aconteceu para acelerá-la tanto?

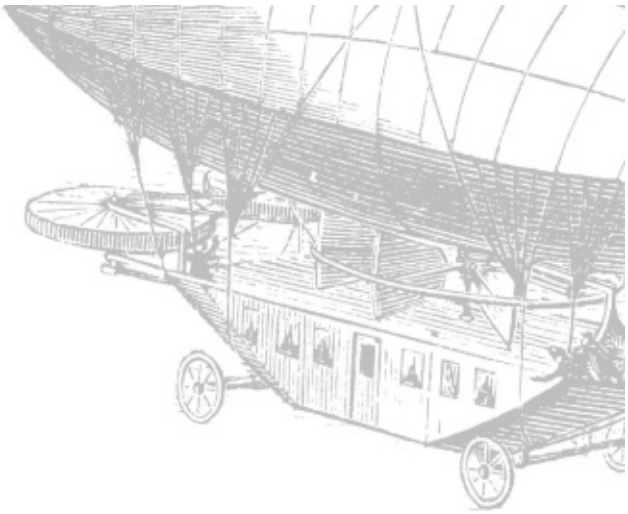
Lucy voltou a deitar a cabeça no travesseiro, virando-a para um lado e para o outro. — Não sei lhe dizer ao certo, mas tenho uma suspeita. Toda a Praga aqui embaixo tem ficado mais espessa a cada ano. Nós conseguíamos ver as estrelas à noite — mas não conseguimos mais, apenas a lua se ela estiver boa e brilhante. Não dá para ver a Praga propriamente dita exatamente, mas você sabe que ela está lá, e você sabe que ela está se acumulando dentro das muralhas. Um dia destes — ela disse, se ajeitando na cama para poder se recostar na cabeceira com o travesseiro nas costas para falar: — Você sabe o que vai acontecer, não sabe?

— Não. O que você quer dizer?

— Quero dizer que estas paredes são apenas uma tigela... e existe um limite para o que uma tigela pode conter. A Praga está vindo do subterrâneo, certo? Derramando cada vez mais dentro desta forma selada. O gás é pesado, e por ora ele fica aqui feito sopa. Mas um dia ele vai ser demais. Um dia ele vai transbordar, bem ali para os Arredores. Talvez ele transborde e envenene o mundo inteiro, se você der tempo suficiente a ele.

Briar voltou para sua própria cama e desafivelou seu arnês. Suas costelas queimavam sem ele, subitamente afetadas pela sua ausência e quase sentindo falta do aperto provocado por ele. Ela esfregou o estômago e disse: — É uma maneira triste de pensar. Quanto tempo vócê acha que vai levar antes que isso aconteça?

Não sei. Mais uns cem anos. Mais uns mil anos. Não há como dizer. Mas aqui embaixo, estamos aprendendo a viver com ele. Não é perfeito, mas estamos nos dando bem, não estamos? E um dia, quem sabe, o resto do mundo irá precisar saber como fazemos isso. Mesmo que eu esteja pensando muito grande — mesmo que a coisa não chegue a esse ponto — uma coisa eu posso lhe prometer: um dia, e não vai demorar muito, os Arredores vão estar nadando nesta coisa também. E todo aquele pessoal fora destas paredes vai.



DEZESSETE

A Clementine alçou voo da torre com toda a graça de uma galinha aprendendo a voar, e o estômago enjoado de Zeke mandou um A bocado de vômito para suas bochechas. Ele engoliu tudo de volta com os olhos lacrimejando e se agarrou à faixa que não fazia nada a não ser lhe dar algo ao qual se pendurar.

Ele ficou olhando fixo para a faixa, tentando se concentrar em qualquer coisa menos no ácido contra seus dentes e no redemoinho em seu estômago.

Era um cinto, ele pensou. Alguém o havia afivelado e pendurado sobre um eixo de suporte para fazer um ponto de apoio. A fivela era de bronze com um fundo de chumbo, e a frente da placa dizia CSA.

Enquanto a nave mergulhava, quicava e disparava a toda velocidade para um lugar acima das ruas cobertas de neblina da Praga, Zeke pensou em Rudy e ficou imaginando se ele havia desertado do exército da União ou não. Pensou numa guerra lá no leste e imaginou o que um cinto confederado estava fazendo servindo de faixa de apoio em uma... e mais uma vez a palavra se manifestou no seu cérebro... uma nave de guerra.

E isso lhe deu mais uma coisa para levar em conta, além do gosto de lava quente na boca.

Acima do console, ele viu painéis de armazenamento com ganchos que tinham jeito de que podiam segurar armas, e uma gaveta quadrada onde estava escrito MUNIÇÕES. Mais para os fundos da nave, havia uma porta grande com uma

roda giratória de cofre igual àquelas que se veem em bancos. Zeke presumiu que deveria ser o porão de carga, já que uma porta de carga poderia ter um aspecto robusto por questão de princípio geral, mas uma roda daquelas? E ele não pôde evitar reparar o jeito como os pisos, as paredes e os selos ao redor da porta gigante eram reforçados.

— Ah, Deus — ele sussurrou para si mesmo. — Ah, Deus. — Ele se enroscou em si mesmo o máximo que pôde, formando a menor bolinha de Zeke que conseguiu, e se alojou ali na curva da parede da nave.

— Algo se aproximando a estibordo! — gritou o Sr. Guise.

— Manobras de evasão! — Parks ordenou ou declarou, mas o capitão já estava fazendo sua parte.

Brink puxou violentamente um aparato sobre sua cabeça e um conjunto de alavancas desceu do teto com um estalo. Ele puxou um aparato em forma de trapézio e os tanques de gás da aeronave começaram a zumbir tão alto que quase gritaram.

— Estamos ficando quentes demais! — Parks avisou.

— Não importa! — disse o Capitão Brink.

Pelas janelas da frente que percorriam metade do interior ovalado, Zeke viu o espectro terrível de outra nave: uma nave menor, mas ainda muito grande — indo a toda na direção da Clementine.

— Eles vão sair do caminho — murmurou o Sr. Guise. — Eles vão ter que sair.

— Eles não estão saindo! — gritou Parks.

— Estamos ficando sem tempo! — gritou o capitão.

— E as manobras evasivas? — perguntou Parks com um tom de deboche.

— Não consigo fazer com que os malditos impulsores... — o capitão desistiu de se explicar e bateu com o cotovelo numa chave do tamanho de seus punhos.

A Clementine subiu num solavanco feito um cervo nervoso, lançando seu conteúdo e sua tripulação para trás, para o lado, e para o alto; mas o impacto não foi inteiramente evitado. A segunda nave raspou nela com estrépito, e houve um terrível gemido de metal e material se rasgando quando as grandes máquinas rasparam uma na outra no meio do ar. Zeke achou que seus dentes iam cair das gengivas, mas eles milagrosamente permaneceram no lugar. E, em alguns segundos, a nave se endireitou e pareceu à beira de escapar.

— Estamos no alto! — declarou o capitão. — No alto. Está vendo eles? Para onde eles foram?

Todos os olhos estavam colados no para-brisa, examinando cada canto em busca de um sinal de seus agressores. Parks disse: — Não estou vendo eles.

O Sr. Guise retrucou: — Bem, não poderíamos simplesmente tê-los perdido.

Parks respirou em goles lentos e firmes e disse: — É uma nave menor que está nos caçando. Talvez não devessem ter nos atingido. Talvez o barco deles não tenha suportado o dano.

Os dedos de Zeke, brancos como giz, se recusavam a se desgrudar do cinto, mas ele esticou a cabeça para olhar pela janela, e prendeu a respiração porque nenhuma palavra de alento podia acalmá-la. Ele nunca fora muito de rezar, e sua mãe nunca fora muito de ir à igreja, mas ele rezou muito para que, para onde quer que aquela outra nave tivesse ido, não voltasse.

Mas o som de Parks dizendo: — Não, não, não, não, nãol — não o fez ficar mais calmo.

— Onde?

— Embaixo!

— Onde? Não estou vendo eles! — discutiu o capitão.

E depois outra bela batida balançou a nave e a mandou rodopiando pelo ar. O cinto de Zeke se quebrou e seu corpo caiu ao chão, depois rolou até a parede e voltou ao meio do convés mais uma vez. Ele pelejou e conseguiu voltar para a frente rastejando. Devido à inércia do balanço da nave, a primeira coisa que ele conseguiu agarrar foi a roda em estilo de cofre da porta do porão de carga. Ele se enroscou nela o melhor que pôde.

Em algum lugar lá embaixo, uma placa de aço estava se esticando e se partindo, e rebites se soltavam, voando com a rapidez e a dureza de balas. Em algum lugar ao seu lado, um impulsor estava cuspindo e sibilando, fazendo sons que nenhum impulsor em bom funcionamento deveria fazer.

Em algum lugar à frente deles, a Praga estava manchando a paisagem — e Zeke levou um instante para perceber que podia ver a Praga diretamente à sua frente porque a nave estava apontando direto para baixo, em curso de colisão com o que quer que estivesse sob o ar denso como sopa de ervilha. — Vamos bater! — ele gritou, mas ninguém lhe deu ouvidos.

O vai-e-vem da conversa da tripulação os mantinha a todos ocupados, e nem mesmo os gritos do garoto conseguiam distraí-los.

— Impulsor esquerdo!

— Desligado, ou emperrado, ou... Eu não sei! Não consigo encontrar o estabilizador!

— Este pássaro idiota pode não ter um. Impulsão direita, freios aéreos. Jesus Cristo, se não estacionarmos logo, nunca o faremos.

— Eles estão voltando para outra rodada!

— Eles são malucos? Vão nos matar se nos levarem para o chão!

— Não sei bem se eles estão ligando para isso...

— Tente esse pedal... Não, aquele outro! Pise fundo e mantenha o pé nele...

— Não está funcionando!

— Estamos subindo...

— Mas não rápido o bastante!

Zeke fechou os olhos, e ele os sentiu esticando, sendo repuxados para trás em suas órbitas pela pressão da descida. — Eu vou morrer aqui, ou vou morrer lá embaixo, no chão, numa aeronave. Não era isso o que eu queria... — ele disse a si mesmo, pois ninguém mais estava escutando. — Não era isso o que eu queria fazer. Ah, Deus.

O fundo da aeronave arrastou ao longo de uma nova superfície, uma superfície mais áspera e feita de tijolos, não metal; e o som de pó e pedras esmagadas ao longo da nave e sacolejando até o chão. — O que foi que atin-gimos? — perguntou Parks.

— Muralha!

— Muralha da cidade?

— Não dá pra dizer!

A nave estava girando em uma órbita fora de controle que a fazia bater em coisas duras aqui e coisas afiadas acolá, mas estava diminuindo e depois começava a aumentar — tão subitamente que o salto imediato levou mais bile à boca de Zeke. Ele cuspiu um pequeno jato em seu visor.

Então a nave parou com um implacável dar de ombros, como o puxar da guia de um cachorro.

Zeke sentiu a roda travar e caiu de cara no chão.

— Cabo preso — o capitão disse sério. — Maldição, eles nos prenderam!

Alguém pisou na mão de Zeke e ele deu um grito, mas não era hora de reclamar. Uma batida no portal principal estava fazendo uma marcação de ritmo de tambor. Era o som de alguém grande e muito, muito zangado. Zeke se levantou e saiu correndo, de volta ao seu cubículo perto da porta de carga.

Ficou encolhido ali enquanto o capitão e sua tripulação sacavam de suas armas e lâminas.

Eles soltaram os cintos de suas cadeiras, saíram delas e tentaram no começo segurar a porta fechada, mas ela havia sofrido danos antes quando a Clementine havia atingido a Torre Smith, e agora ela mal se prendia em suas dobradiças. Eles fincaram os pés no piso e os ombros na porta, mas quem quer que fosse que estava no outro lado era mais pesado ou estava mais determinado. Centímetro a centímetro, a porta começou a se abrir.

Zeke não tinha para onde ir e nada com que colaborar; ficou observando do chão enquanto um braço negro como o carvão se enfiava pela abertura em um lado e um braço branco e musculoso vinha pela esquerda. O braço negro agarrou Parks pelos cabelos e bateu sua cabeça contra a moldura, mas Parks usou sua faca para cortar a mão até ela recuar sangrando — somente para voltar um instante depois também com uma faca.

O braço maior do outro lado poderia ter pertencido a um gigante, ou a um daqueles incríveis gorilas que Zeke um dia vira em um circo. Embora não estivesse coberto de pelo, era mais comprido do que qualquer braço que o garoto já tinha visto pessoalmente; e ele estremeceu ao pensar no homem que o possuía.

O braço branco mergulhou, agarrou a bota mais próxima e puxou. O Sr.

Guise caiu no chão, onde ficou chutando o braço, a porta e tudo o mais. A mão monstruosa recuou por menos de um segundo e reapareceu segurando um revólver, que disparou bem no fundo do pé do Sr. Guise.

A bala varou a bota, sem parar ali, mas traçando uma linha reta pela coxa de Guise, e indo até a carne macia de seu antebraço. Ele uivou e disparou sua própria arma na porta, no braço, em qualquer coisa que se movesse do outro lado.

Mas as balas não penetravam nas portas reforçadas, e a mão gigante parecia não ter sofrido um dano sequer.

A porta cedeu quase meio metro, formando uma marca sob a força dos homens que a empurravam, o capitão deixou seu posto na porta para ir até o cofre. Ele chutou Zeke para fora do caminho, machucando a perna do garoto quando o empurrou de lado e girou a roda para abrir o porão.

— Segurem essa porta! — ele ordenou. Seus oficiais estavam fazendo o melhor que podiam, mas Guise estava sangrando e Parks tinha um hematoma feio na testa que parecia a pele de uma fruta podre.

Os fortes irmãos índios escoraram a porta marcada com as costas e fincaram os pés no chão contra os agressores que avançavam cada vez mais.

Do outro lado da ponte de comando, uma escotilha de fuga se abriu com o

ranger de dobradiças que não eram usadas com frequência. Zeke ficou olhando enquanto o capitão se jogava para fora da nave, pendurando-se e se arrastando ao longo dela como se fosse uma aranha, até desaparecer e a porta aberta não mostrar mais nada a não ser um quadrado de céu envenenado pela Praga. Ele podia ouvir os pés e os joelhos do homem batendo no exterior do veículo enquanto ele escalava ao longo dela, procurando os ganchos de sequestro e tentando arrancá-los à mão.

Zeke não conseguia imaginar isso, estando acima da terra, só Deus sabia a que altura, e escalando o exterior de uma nave sem arnês, sem corda, sem garantia de que alguma coisa macia estivesse à sua espera lá embaixo. Mas as mãos e os pés do capitão soavam como pequenos gongos no telhado e ao redor da parte de trás.

Parks deu um grito: — O que é que ele está fazendo? — Zeke mal conseguia ouvi-lo, pois seus ouvidos ainda estavam soando com a percussão dos disparos efetuados num espaço tão fechado.

— Os ganchos deles! — disse o Sr. Guise, embora estivesse sem fôlego de dor e tentando conter o sangramento das feridas enquanto ao mesmo tempo pressionava as costas contra a porta. — Ele os está libertando.

Zeke quis ajudar, mas não tinha ideia de como fazer isso. E queria fugir, mas não havia para onde ir, a não ser o céu ou o chão, que certamente o receberia em pedaços.

Ao lado do Sr. Guise, uma faca Bowie de ponta afiada havia caído para além do alcance de alguém. Quando ninguém fez objeção a essa ação, ele a puxou para suas mãos e a agarrou de encontro ao peito.

Com o som de um rasgão semelhante ao de uma lata, alguma coisa se soltou, e a nave deu um sacolejo de embrulhar o estômago.

A porta que estava entre as tripulações da Clementine e a nave agressora bateu e se fechou, e quase bateu de cara para o céu porque não havia nada do outro lado; o outro veículo havia sofrido um rebote, e as naves se afastaram uma da outra.

— Consegui! — gritou Brink, embora ele mal conseguisse ser ouvido dentro do coração da aeronave.

Os outros tripulantes da nave gritaram. Alguém poderia ter caído quando as naves se afastaram uma da outra — Zeke não sabia, e não conseguia ver.

— Afaste-se dessa porta! — berrou o Sr. Guise, e ele próprio saiu de perto dela, voltando à sua cadeira, à qual ele mal conseguiu chegar..

A porta estava emperrada de todas as maneiras erradas, e não ia ficar ali por

muito tempo. A última dobradiça cedeu ao peso da placa de aço. Com um ínfimo gemido, a porta caiu na cidade lá embaixo.

Todos ficaram escutando, e contaram os segundos até que a ouviram atingir o chão.

Zeke contou quase até quatro antes de ouvir o eco do estrondo nas ruas.

Então eles estavam bem alto. Alto mesmo.

O capitão apareceu se balançando porta adentro do outro lado do porão de carga. Fechou a porta, correu de volta até o cockpit e se sentou, apesar do ângulo inclinado e da porta faltante que expunha toda a cabine para o céu fedorento. — Fora daqui — ele disse totalmente sem fôlego e tremendo com o esforço. — Agora. Se não conseguirmos passar por sobre a muralha, estamos acabados.

Parks se inclinou por cima da forma inerte do Sr. Guise e puxou uma alavanca, depois esticou o pé sobre o corpo mole para pisar num pedal. Era o pedal errado, ou talvez o certo. A nave deu um solavanco, e com uma semi— -rolada forte, deslocou Zeke de sua posição defensiva ao lado da trava de roda.

Ele pulou, caiu e saiu rolando até parar ao lado da porta aberta.

Sem deixar cair a faca, Zeke esticou rápido uma das mãos para agarrar a moldura, ou a dobradiça, ou qualquer outra coisa que pudesse pegar; mas a nave estava subindo e não havia mão amiga para auxiliá-lo. A dobradiça retorcida e partida abriu um corte na palma da sua mão, profundo demais para permitir que ele continuasse mantendo sua posição — balançando com metade do corpo no convés, a outra metade no ar — e por reflexo e terror ele soltou.

Ele caiu.

...e bateu contra uma coisa dura muito mais cedo do que havia esperado, mesmo no seu estado alterado pelo medo.

E então a mão gigante que Zeke havia visto antes agarrou seu braço com a força esmagadora do torno de um metalúrgico.

A cabeça de Zeke dava voltas com ditados sobre frigideiras e fogo.

Não conseguia decidir se lutava ou não, mas seu corpo decidiu por si — muito embora não houvesse nada sob seus pés a não ser o ar doentio. Ele chutou e socou, tentando se soltar daqueles dedos enormes.

— Seu garoto burro — grunhiu uma voz que combinava com o tamanho imenso da mão. — Você não quer mesmo que eu solte, quer?

Zeke resmungou alguma coisa em contrapartida, mas ninguém ouviu.

A mão gigante o puxou até a entrada do convés da outra nave.

O garoto fez muita força para não engasgar, caso contrário poderia sugar mais vômito do visor da máscara. Seu pulso estava sendo segurado pelo maior homem que ele já tinha visto na vida, ou sequer ouvido falar. Ele estava curvado para poder caber na abertura onde a porta de sua própria nave havia sido empurrada para o lado — ela não se abria com dobradiças, mas deslizava de um lado para outro em um trilho. A máscara do homem era um modelo bem colado, sem um grande aparato respiratório. Ela o fazia parecer careca, e meio que como um cachorro com focinho achatado.

Atrás do homenzarrão, Zeke ouviu vozes discutindo zangadas.

— Eles se soltaram! O filho da puta nos soltou! Com as mãos!

— Então o ladrão é um bastardo cheio de truques; isso nós já sabíamos.

— Coloque esse pássaro ridículo no ar! Suba logo, agora mesmo! Minha nave está me deixando a cada momento que passa, e eu não vou perdê-la, está me ouvindo? Eu não vou perder a minha nave!

O homenzarrão voltou sua atenção do garoto que esperneava para dizer, olhando para trás: — Hainey, você já perdeu sua maldita nave. Nós tentamos, está certo? Vamos tentar de novo depois.

— Vamos tentar de novo agora — insistiu uma voz grossa que vinha mais do fundo da cabine.

Mas outra voz, mais aguda e quase afetada, argumentou: — Não podemos tentar de novo agora. Estamos sacolejando, sua grande besta.

— E é melhor começarmos a subir!

— Não estamos subindo, estamos afundando.

Por sobre aquele mesmo ombro, que parecia uma cordilheira de montanhas, o homenzarrão disse: — Rodimer tem razão. Estamos sacolejando, e afundando. Vamos ter que descer, ou então colidir.

— Eu quero minha maldita nave, Cly!

— Então você não devia ter deixado alguém roubar sua maldita nave, Crog. Mas eu posso ter uma pista de para onde ela vai. — Ele voltou a olhar para Zeke, ainda seguro sobre a neblina vazia e turbilhonante que se acumulava feito espuma no fundo da cidade lá embaixo. — Não é?

— Não — disse Zeke. Quase parecia como se ele estivesse fazendo beicinho, mas estava apenas sufocando e sentindo dor por estar sendo agarrado de modo tão estranho e respirando através de filtros entupidos de vômito. — Não sei onde eles apanharam a nave.

— Mas que música infeliz que você está cantando — disse o homem,

balançando o punho como se quisesse atirar Zeke ao éter.

— Não! — ele implorou. — Não faça isso! Eu não sei onde eles pegaram a nave!

— Você estava lá sentado com a tripulação, não estava?

— Não! Eu só estava pegando uma carona pra fora da cidade! Só isso!

Por favor, me ponha no chão; me ponha no chão aí dentro, quero dizer. Por favor! Você está machucando meu braço. Você está machucando... você está me machucando.

— Bom, uma massagem é que eu não estou lhe dando — ele disse, mas seu tom de voz havia mudado. Ele girou Zeke para dentro com a mesma facilidade com que trocaria um gatinho de uma cesta para outra, eriçarando-o de modo estranho durante todo esse tempo.

Apontou um dedo tão comprido quanto uma faca de pão entre os olhos de Zeke e disse: — Não se mexa se sabe o que é bom pra você.

— Mate o bastardinho se ele não falar! — exigiu a mais irada das vozes na cabine.

— Feche a matraca, Crag. Ele vai nos dizer alguma coisa em alguns minutos. Neste momento precisamos descer este pássaro antes que ele caia. — Ele fechou a porta no seu trilho e foi para uma cadeira enorme em frente a um imenso para-brisa. Olhou de volta para Zeke e disse: — Não estou brincando com você, garoto. Eu vi você deixar cair sua faca, mas é melhor não estar escondendo mais nada, em lugar nenhum. Quero falar com você daqui a pouco.

Zeke se agachou no chão, esfregou o braço dolorido e flexionou os músculos machucados do pescoço. Retrucou: — Não sei nada a respeito de para onde eles estavam indo com a nave. Eu só havia acabado de entrar nela, nem uma hora antes. Eu não sei nada.

— Nada? E mesmo? — ele disse, e Zeke supôs pela cadeira maior — e pelo jeito como os outros o deixavam falar tudo — que ele devia ser o capitão da nave. — Fang, fique de olho nele, está bem?

Das sombras, um homem magro que Zeke não tinha visto até então deu um passo deslizante para a frente. Era um chinês, com máscara de gás de piloto puxada sobre um rabo-de-cavalo; e ele vestia a jaqueta de mandarim que era comum ao seu povo. Zeke engoliu em seco, em parte por culpa e em parte por um medo abjeto.

— Fang? — ele gemeu.

O chinês não moveu a cabeça, nem piscou nem mexeu a boca. Mesmo quando

a nave balançou desgraçadamente para baixo, caindo pelo céu, ele não tropeçou. Era como se seus pés estivessem enraizados no mesmo lugar, e ele estivesse tão tranquilo e equilibrado quanto água num vaso inclinado.

Zeke disse, mais para si mesmo já que ninguém parecia estar ouvindo: — Eu só estava tentando sair da cidade. Eu só estava...

— Todos se segurem — sugeriu o capitão, mais do que ordenou. Foi uma boa sugestão, porque a nave estava começando a girar lentamente em uma espiral descendente.

— Freios aéreos com defeito — alguém disse com uma calma forçada e deliberada.

— Alguma função? — perguntou o capitão.

— Sim, mas...

A nave passou raspando por um edifício com um raspar doentio de metal contra tijolo. Zeke ouviu o estilhaçar de janelas se quebrando todas em fileira quando o casco arrastou suas molduras no caminho para baixo.

— Acione o impulsor, então.

— O direito está com problemas.

— Então vamos entrar no chão feito um saca-rolhas quando pousarmos; tudo bem. Faça logo isso.

Um rugido tomou conta dos ouvidos de Zeke. Ele desejou alguma coisa em que se agarrar, mas não encontrou nada. Agachou-se contra o chão e se jogou abrindo o corpo todo, tentando agarrar ou prender os pés ao redor de alguma coisa que encontrasse. No processo, ele inadvertidamente chutou Fang, que não pareceu se importar e mal se moveu.

— Descendo, pessoal — o capitão disse com calma.

O homem de pele escura com casaco azul — Crog, pelo que Zeke sabia — disse: — Duas num só dia! C'os diabos!

O gigante respondeu: — Se eu soubesse que você tinha tanta sorte, nunca teria lhe dado uma carona.

O chão estava se aproximando rápido. Toda vez que a órbita descontro-lada da nave girava a um certo ponto a terra aparecia na janela — e prometia uma parada muito dura quando chegasse ao fundo.

— Cadê o forte? — o capitão quis saber. Pela primeira vez ele parecia frustrado, talvez até mesmo à beira do medo.

— Às seis.

— De que... De onde...?

— Dali.

— Estou vendo — ele disse subitamente, e puxou uma alavanca acima da cabeça. — Espero que não haja ninguém lá embaixo.

O homem na cadeira do imediato disse: — Se houver alguém lá, já ouviram a gente chegando. Se ainda não saíram do caminho, não é culpa de ninguém a não ser deles mesmos. — Ele podia estar a beira de acrescentar mais alguma coisa, mas foi aí que a nave começou a parar para valer, dando trancos quase de barriga para cima até nada a não ser o céu preencher as janelas à frente do capitão e sua tripulação.

Zeke tinha certeza de que ia vomitar de novo e que não ia ter como evitar, só que não teve tempo. A terra atingiu o fundo da nave. Ela pousou com força e quase quicou, mas em vez disso ficou presa numa vala e começou a arrastar uma trincheira que começou numa parede e continuou por mais cinquenta metros até todo o veículo parar à beira do gramado ao lado de um conjunto habitacional.

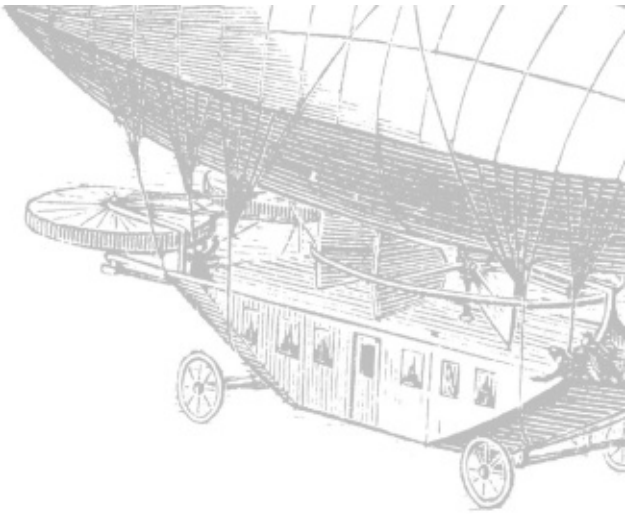
Quando o mundo parou de balançar e a nave parou — quase como se tivesse estacionado do lado — Zeke se levantou cambaleando e agarrou a cabeça.

Alguma coisa quente encheu sua luva, e ele soube sem precisar olhar que era sangue. Podia sentir o corte na sua pele, irregular e latejante. Sabia que devia estar com uma aparência terrível, e talvez fosse terrível mesmo. Talvez ele tivesse morrido batendo o crânio na parede, ou na porta, ou no que quer que ele tivesse atingido quando a nave realizou sua descida atribulada. Não seria uma coisa e tanto para sua mãe ficar sabendo? Que seu filho havia morrido em um acidente de aeronave, em algum lugar dentro da cidade murada, onde ele não tinha nada que fazer e nenhuma desculpa para sua irresponsabilidade.

Tentou se resignar com isso, mas só conseguiu autopiedade e uma dor enorme. Cambaleou, apertando bem um braço contra a cabeça ensanguentada e uma mão estendida para a frente para se firmar ou se lastrear, ou quem sabe buscar uma saída.

A nave havia pousado com uma séria inclinação para a esquerda, que havia esmagado a entrada lateral na qual Zeke havia penetrado. Todos ali estavam muito bem aprisionados.

Ou assim ele pensava, até a escotilha no fundo da nave abrir uma promissora fresta.



DEZOITO

O sorriso de Lucy se desvaneceu numa linha reta que tinha uma pergunta a fazer. — Deixe-me perguntar uma coisa, se estiver tudo O bem para você.

Briar disse: — Por favor. — Ela massageava a mão machucada debaixo das cobertas empoeiradas. Elas tinham um cheiro de coisa limpa, porém velha... como se tivessem sido mantidas dentro de um armário e raramente fossem usadas. — Contanto que eu possa fazer outra pergunta em seguida.

— Não há problema. — Lucy esperou um sibilar estridente de vapor dos canos silenciar, e depois escolheu suas palavras com cuidado. — Não sei se Jeremiah disse alguma coisa a você sobre isso ou não, mas há um certo homem lá embaixo. A gente chama ele de Dr. Minnericht, mas eu não sei se esse é o nome de batismo dele ou não. Ele é o homem que fez este braço para mim.

— O Sr. Swakhammer pode tê-lo mencionado.

Ela se enterrou mais fundo debaixo dos seus próprios cobertores e disse: — Ótimo, ótimo. Ele é um cientista, esse doutor. Um inventor que apareceu aqui pouco depois que a muralha foi levantada. Não sabemos de onde ele veio exatamente, e não sabemos o que há de errado com ele. Ele sempre usa uma máscara, mesmo no ar limpo daqui de baixo, então não sabemos como é o rosto dele. De qualquer maneira, ele é muito inteligente. Ele é ótimo com coisas mecânicas deste tipo. — Ela tornou a mexer o ombro.

— E os trilhos, e a Daisy.

— Sim, essas coisas também. Ele é um sujeito e tanto. Ele consegue fazer coisas do nada, como ninguém que eu já tenha ouvido falar. — Ela acrescentou mais uma palavra, uma palavra que apontava fortemente para uma pergunta que Briar não tinha a menor intenção de responder. — Quase.

Briar se virou de lado e apoiou a cabeça no ombro. — Aonde você quer chegar com isso, Lucy?

— Ah, vamos lá. Você não é boba. Não está se perguntando?

— Não.

— Nem um pouquinho? E uma coincidência dos diabos, não é? Muita gente fala aqui embaixo que poderia ser...

Briar disse seca: — Não é. Isso eu posso lhe jurar.

E Lucy baixou os olhos, não de fadiga, mas com um quê de ironia que deu a Briar uma pontada de paranoia. A barwoman disse: — É uma grande jura, vinda de uma mulher que nunca viu nosso terrível doutor.

Ela respondeu, quase com rispidez: — Não preciso vê-lo. — Mas, em vez disso, falou devagar, medindo cada palavra contra os olhos ansiosos de Lucy: — Não sei quem é esse Dr. Minnericht, mas ele não pode ser Leviticus. Levi era um velho idiota e louco, mas era um velho idiota e louco que teria vindo me buscar se estivesse vivo todo esse tempo. Ou, se não por mim, teria vindo buscar Zeke.

— Ele amava você tanto assim?

— Se era amor? Não, amor não, acho que não. Sentimento de posse, talvez. Eu sou só mais uma coisa que pertence a ele, no papel. Zeke é mais uma coisa que pertence a ele, por sangue. Não. — ela balançou a cabeça. Desdobrou o cotovelo e se deitou por inteiro no colchão, amaciando o travesseiro de penas e o amassando com o rosto. — Ele nunca deixaria isso quieto. Ele viria nos buscar se quiséssemos ou não.

Lucy digeriu isso, mas Briar não conseguia ler a conclusão no rosto da outra mulher. — Suponho que você tenha conhecido ele melhor do que qualquer um.

Briar concordou. — Suponho que sim. Mas às vezes acho que não o conhecia nem um pouco. Às vezes é assim. As pessoas enganam você. E eu era uma tola, por isso foi fácil para ele.

— Você era só uma menina.

— Não faz diferença. O resultado seria o mesmo. Mas agora é minha vez. Eu faço uma pergunta.

— Manda — disse Lucy.

— Está certo. Você não tem que responder se não quiser.

— Tudo bem. Não há nada que você possa perguntar que me envergonhe.

— Ótimo. Porque eu estaria mentindo se dissesse que não estava me perguntando sobre seus braços. Como foi que você os perdeu?

O sorriso de Lucy voltou. — Não me importo. De qualquer maneira, não é segredo. Eu perdi o direito durante os dias de fuga... quando todos nós estávamos deixando a cidade porque, se não fizéssemos isso, morreríamos, ou pior.

— Eu estava no outro lado da praça, mais perto do depósito de lixo da cidade do que da bela colina onde você vivia. Eu e meu marido, Charlie, tínhamos um lugar onde as pessoas costumavam ir... homens, na maioria. Os velhos ratos de cais e pescadores em seus impermeáveis, os garimpeiros com suas bateias de alumínio penduradas, batendo nas costas... eles vinham pela comida. Desculpe, eu devia ter dito isso logo de saída... Não era um prostíbulo ou nada do gênero. Nós tínhamos um pequeno bar, menor que o da casa de Maynard, e não tão bonito.

— Nós o chamávamos de Selo Quebrado, e até que íamos levando com ele. Servíamos em grande parte cerveja e destilados, e peixe cozido ou frito em sanduíches. Nós mantínhamos o lugar, só nós dois — eu e Charlie — e não era perfeito, mas era bom.

Ela pigarreou. — Então, há dezesseis anos, esse máquina gigante veio descendo a colina e se enterrando embaixo da cidade. Essa parte você conhece. Você sabe das coisas que ela quebrou, e provavelmente sabe melhor do que qualquer um se foi a Boneshaker ou não que provocou a Praga. Se alguém sabe, você sabe.

Briar disse baixinho: — Mas eu não sei, Lucy. Então acho que ninguém sabe.

— Minnericht acha que sabe — ela disse, temporariamente mudando de assunto. — Ele acha que a Praga tem algo a ver com a montanha. Ele diz que o Rainier[{6}] é um vulcão, e vulcões fazem gases venenosos, e se eles não os cospem para fora, permanecem no subterrâneo. A menos que alguém quebre a crosta e deixe o gás sair.

Briar achou que era uma teoria tão boa quanto qualquer outra, e disse isso. — Não entendo nada de vulcões, mas acho que acreditaria nisso.

— Bom, não sei. Isso é só o que o Dr. Mmnericht disse. Talvez ele seja maluco, mas não há como dizer. Ele fez este braço pra mim, então eu lhe devo uma coisa, apesar de ele ter dificultado as coisas também.

— Mas você e Charlie — Briar pediu para que ela continuasse. Não queria

ouvir mais nada a respeito de Minnericht, não ainda. As próprias letras do nome dele a faziam se sentir desconfortável e ela não sabia por quê. Ela sabia que ele não era Leviticus, muito embora não pudesse dizer a Lucy como sabia disso, mas não importava tanto; o homem bem poderia ter sido o fantasma de Levi, se as pessoas ainda acreditassem nele.

Lucy disse: — Ah, sim. Bom, a Praga foi começando a envolver a cidade e estava na hora de fugir. Mas eu estava no mercado pegando suprimentos quando a ordem foi emitida, e o pânico nos atingiu em cheio. E Charlie estava lá no Selo. Estávamos casados há dez anos, e eu não queria deixá-lo, mas os oficiais me obrigaram. Eles me pegaram e me jogaram para fora da cidade como se eu fosse uma bêbada ocupando espaço na calçada.

— Eles já estavam levantando paredes, aquelas de linho com cera e óleo.

Elas não funcionaram lá muito bem, mas eram melhores do que nada, e os operários estavam pregando as molduras. Assim que pude, uns dois dias depois que o auge do pânico havia passado, coloquei uma máscara e passei correndo por elas — e voltei para o Selo e para Charlie.

— Mas quando cheguei lá, não consegui encontrá-lo. O lugar estava vazio e as janelas quebradas. As pessoas haviam jogado coisas lá dentro e estavam roubando. Eu não conseguia acreditar — roubando numa hora daquelas!

— Então eu entrei e comecei a chamar por ele, e ele respondeu lá dos fundos. Pulei o balcão e entrei correndo na cozinha, e lá estava ele, todo mordido e coberto de sangue. A maior parte daquele sangue não era dele. Ele havia atirado em três dos podres que tinham tentado derrubá-lo — você sabe como eles fazem, feito lobos em cima de um cervo — e ele estava sozinho com os corpos deles, mas estava tão mordido. Ele estava sem uma orelha e parte do pé, e faltava um pedaço da sua garganta.

Ela deu um suspiro e pigarreou novamente. — Ele estava morrendo, e estava se transformando também. Eu não sabia o que ia acontecer com ele primeiro. Naquela época ainda não entendíamos, então eu não sabia que não devia me aproximar dele. Sua cabeça estava começando a balançar como se estivesse solta, e seus olhos estavam começando a secar, já assumindo aquela cor amarelo-acinzentada.

— Tentei levantá-lo, pensando que talvez eu pudesse levá-lo correndo para o hospital. Foi uma coisa imbecil de se pensar. Eles já haviam fechado tudo àquela altura, e não havia lugar algum a se ir em busca de ajuda. Mas consegui levantá-lo. Ele não era um homem grande, e eu não sou uma mulher pequena.

— Aí ele começou a lutar contra mim. Não sei por quê. Gosto de pensar que ele

sabia que era o fim, e estava tentando ajudar a me manter a salvo me afastando. Mas lutei contra a luta dele. Eu estava determinada como o diabo para tirá-lo dali e colocá-lo a salvo. Ele estava igualmente determinado a ficar.

— Caímos juntos, de encontro ao balcão, e quando consegui fazer com que ele se levantasse novamente, já era tarde. Ele havia começado a gemer e babar... com todas aquelas mordidas, o veneno havia começado a fazer efeito.

— Foi aí que aconteceu. Foi aí que ele me mordeu.

— Ele só pegou meu polegar, e mal rasgou a pele, mas foi o suficiente.

Eu sabia que ele já não estava mais vivo, ainda mais quando seus olhos haviam ficado com aquela cor estranha e seu hálito podre como o de um bicho morto no meio da rua. Charlie jamais teria me machucado. — Ela voltou a pigarrear, mas não estava chorando. Seus olhos continuaram secos, reluzindo na luz das velas.

Os canos tornaram a sibilar, e ela usou isso como desculpa para fazer uma pausa. Continuou com: — Eu deveria tê-lo matado. Eu devia essa gentileza a ele. Mas eu estava com tanto medo, e me odiei por isso desde então. De qualquer maneira, agora está tudo feito, ou deixado por fazer, e não há como consertar. A questão é que eu corri para os Arredores e achei uma igreja onde deixaram que eu me deitasse e chorasse.

— Mas a mordida.

— Mas a mordida — disse Lucy. — Sim, a mordida. A mordida começou a apodrecer, e o apodrecimento se espalhou. Três das freiras me seguraram e um padre fez a primeira amputação.

Briar rangeu os dentes. — A primeira?

— Ah, sim. A primeira não tirou o suficiente. Eles só tiraram minha mão, bem no pulso. Na segunda vez eles voltaram com a serra e tiraram acima do cotovelo, e depois a terceira vez eu perdi tudo até o ombro. Aí a coisa funcionou, pelo menos. Quase morri disso a cada vez. Cada vez a ferida ficou vermelha e quente por semanas, e desejei que a doença simplesmente me levasse, ou que alguém simplesmente me desse um tiro... já que eu estava fraca e ferida demais para atirar em mim mesma.

Ela hesitou, ou talvez estivesse apenas cansada.

Mas Briar perguntou: — O que aconteceu então?

— Então eu melhorei. Levou muito tempo, cerca de um ano e meio antes de eu me sentir eu mesma novamente. E então, eu só conseguia pensar numa coisa: eu precisava voltar e cuidar de Charlie. Mesmo que isso significasse colocar uma bala no olho dele, ele merecia coisa melhor.

— Mas a essa altura já tínhamos uma muralha.

— Isso mesmo. Mas, como você mesma aprendeu, existe mais de uma maneira de entrar. Eu vim pelo túnel de escoamento de água, igualzinho ao seu garoto. E acabei ficando.

— Mas...— Briar balançou a cabeça. — E quanto à outra mão? E quanto à substituição?

— A outra mão? Ah. — Ela se mexeu novamente na cama, e as penas do colchão fizeram barulho junto com o cobertor. Um bocejo enorme abriu seu rosto ao meio, e ela usou a ponta da coberta para apagar a vela ao lado da cama. — A outra mão eu perdi uns dois anos depois, aqui embaixo. Uma das fornalhas mais novas explodiu; matou três dos chineses que trabalhavam nela, e cegou outro. Minha mão foi atingida por um pedaço de metal incandescente, e foi o fim dela.

— Deus — disse Briar. Ela se curvou para a frente e soprou sua própria vela também. — Isso é terrível, Lucy. Eu lamento muito.

Lucy disse para a escuridão. — Não é culpa sua. Não é culpa de ninguém, a não ser minha própria por estar aqui embaixo depois de tanto tempo. E aí apareceu nosso doutor maluco, e ele me consertou.

Briar ouviu um farfalhar de pernas se virando por baixo da flanela dos cobertores.

Lucy deu outro bocejo com uma nota alta de satisfação que parecia até o apito de uma chaleira. — Ele levou um tempo até descobrir como ia fazer isso. Bolou uma série de planos e fez um bocado de desenhos. Para ele, juntar as minhas peças era um jogo. E quando ele terminou, e estava com tudo pronto para eu usar, mostrou para mim e eu queria morrer. Parecia tudo tão pesado e esquisito que pensei que nunca ia conseguir carregar isso, quanto mais vestir.

— Ele também não me contou como planejava fazer isso funcionar. Me ofereceu um drinque e eu tomei. Apaguei feito um lampião, e acordei gritando. O doutor e um dos seus camaradas estavam me segurando firme — eles haviam me amarrado numa tábua para cirurgia, e estava fazendo um furo no meu osso com uma broca para madeira.

— Meu Jesus, Lucy...

— Foi pior do que das outras vezes, e pior do que perder os braços em primeiro lugar. Mas agora, bom. — Ela deve ter rolado, ou tentado mover o braço mais uma vez. Ele balançou por baixo do cobertor, fazendo um som metálico contra seu peito. — Agora estou feliz por tê-lo. Muito embora tenha me custado caro.

Briar ouviu um quê de algo ruim na última coisa que Lucy disse antes de finalmente adormecer, mas era tarde e ela estava exausta demais para perguntar a respeito. Havia passado quase todo o seu tempo dentro das muralhas correndo, escalando ou se escondendo — e ainda não havia achado sinal nenhum de Zeke, que, até onde ela sabia, já podia estar morto.

Enquanto Briar tentava acalmar sua mente, seu estômago roncou, e ela se deu conta de que não comia nada há mais tempo do que podia se lembrar. Até mesmo pensar na pior das possibilidades quase fazia seu estômago sair se arrastando sozinho em busca de comida. Mas ela não tinha idéia de para onde ir, então agarrou a barriga com força, curvou-se em posição fetal e resolveu perguntar sobre o café da manhã de manhã.

Briar Wilkes não era muito de rezar, e não tinha certeza se acreditava bem num Deus no qual ocasionalmente jurava. Mas quando ela fechava os olhos e afastava a cabeça dos gritos intermitentes dos canos aquecidos, implorava aos céus por auxílio, e pelo seu filho...

...que, até onde ela sabia, já podia estar morto.

E então ela acordou.

Aconteceu tão rápido que ela pensou que devia estar louca e não havia dormido nem um pouco, mas não — alguma coisa estava diferente. Ela apurou bem o ouvido e não ouviu sinal de Lucy na outra cama, e havia uma fresta de uma estranha luz alaranjada empoeirada passando sob a porta.

— Lucy? — ela sussurrou.

Não veio nenhuma resposta do outro colchão, então ela saiu tateando até encontrar a vela e vários fósforos esparramados.

Depois de acesa, a vela revelou que sim, ela estava sozinha afinal. Uma marca de meia-lua no colchão de penas mostrava a forma onde Lucy não se encontrava mais, e os canos estavam silenciosos, embora, quando Briar encostou a mão neles, ainda estivessem quentes ao toque. O quarto estava confortável, porém vazio, e sua vela solitária não era suficiente para afastar a escuridão.

Ao lado da bacia, havia um lampião de vidro do tipo campânula. Ela o acendeu e acrescentou sua luz à chama da vela, que deixou à mesinha ao lado da cama. Havia água na bacia. Só de ver essa água ela já ficou esponta-neamente tão sedenta que quase a bebeu, mas deteve-se e se lembrou de que havia barris de água mais fresca descendo o corredor.

Jogou um pouco de água no rosto, voltou a calçar os sapatos e a amarrar os laços de seu arnês. Ali no subterrâneo, ela gostava de vesti-lo; parecia uma

armadura, ou uma escora que a mantinha ereta quando estava cansada ou apavorada demais para ficar em pé.

A porta era uma trava do tipo alavanca, o que respondeu sua pergunta sobre como Lucy podia ter saído do quarto sem auxílio. Briar se apoiou nela e ela se abriu. Lá fora no corredor, pequenas chamas ardiam ao longo das paredes em intervalos de alguns metros.

Isso a desorientava. De onde ela tinha vindo?

Esquerda, pensou.

— Tudo bem, esquerda — disse para si mesma.

Não conseguia ver o fim do túnel, mas depois de alguns metros, podia ouvi-lo. A fornalha não estava uivando e os foles não estavam bombeando com toda força; estavam esfriando baixinho, soltando estalos e sibilos enquanto os fogos quentes como lava em seu interior iam lentamente se apaziguando durante o momento de redução de trabalho do ciclo.

Os barris estavam ao lado das portas conforme prometido, e uma pilha de canecas de madeira estava toda jogada sobre uma prateleira ao lado deles.

Só Deus sabia a última vez em que elas haviam sido lavadas, mas Briar não daria a mínima mesmo que quisesse. Agarrou a primeira que tinha a aparecia de menos suja e afastou a tampa do barril com as pontas dos dedos.

Dentro, a água parecia preta, mas era apenas escuridão por causa das sombras.

O gosto não era pior do que o do escoamento que eles cozinhavam na usina de processamento, então bebeu.

Seu estômago vazio reclamou com o líquido, e um pouco mais abaixo, em seus intestinos, outra reclamação disse a ela para procurar a privada. Na outra extremidade do corredor ela localizou uma porta e tentou abri-la. Saiu de lá de dentro alguns minutos depois, sentindo-se melhor do que antes de dormir.

Também sentia como se estivesse sendo observada, e não sabia bem por quê — até perceber que podia ouvir vozes ali perto, e que havia confundido a sensação de quase não ser capaz de ouvir pela sensação de estar ouvindo demais. Se ficasse muito quieta conseguia reconhecer as vozes. Se desse um passo à direita, podia captá-las com mais clareza.

— É uma péssima ideia. — Era Lucy, soando como se estivesse à beira de um confronto.

— Pode ser que não. Nós poderíamos perguntar a ela.

— Eu já estive falando com ela. Não acho que ela vá aceitar.

A outra voz pertencia a Swakhammer, sem a máscara. Ele repetiu: — Nós poderíamos perguntar a ela. Ela não é criança, e pode responder por si mesma. Podia ser de ajuda; ela pode nos dizer isso com certeza.

— Ela acha que já sabe com certeza, e tem outros problemas agora...Falando de crianças — disse Lucy.

Briar fez a curva de mansinho e colou as costas à parede ao lado de uma porta que havia se aberto uma polegada para dentro.

— Acho que ela fala como uma mulher que sabe mais do que está dizendo, e se souber, então não é da nossa conta arrancar isso dela — disse Lucy.

Swakhammer fez uma pausa. — Não precisamos arrancar nada de ninguém. Se ela o vir, e ele a vir, então todo mundo vai descobrir. Ele não será capaz de se esconder por baixo da máscara de algum outro vigarista; e o pessoal aqui debaixo que tem medo dele terá motivos para se revoltar.

— Ou ele pode tentar matar ela, só por ela saber dos fatos sobre ele. E isso quer dizer que ele me mataria também, se eu levar ela até ele.

— Seu braço precisa de conserto, Lucy.

— Eu andei pensando nisso, e acho que vou pedir a Huo-jin. Ele também é bom com coisas mecânicas. Foi ele quem consertou as fornalhas depois que elas pararam no mês passado, e ele consertou o relógio de Squiddy para ele também. Ele é um sujeito inteligente. Quem sabe ele não consegue deixar tudo certo?

— Você e esses chineses. Continue de amizade com eles assim, e as pessoas vão começar a comentar.

— As pessoas podem comentar o que quiserem. Nós precisamos desses homens, e você sabe disso tanto quanto eu. Não podemos manter metade desse equipamento funcionando sem eles, e esse é um fato.

— Fato ou não, eles me preocupam. Eles são iguaizinhos àqueles mal ditos corvos que ficam pendurados nos tetos: você não consegue entendê-los, eles falam uns com os outros, e pode ser a seu favor ou contra você, mas você nunca saberá até ser tarde demais.

— Você é um idiota — disse Lucy. — Só porque não entende eles não quer dizer que eles queiram te pegar.

— E quanto a Yaozu?

Ela resfolegou. — Você não pode chamar todos de bastardos só por causa de uma maçã podre. Se eu fizesse isso, nunca mais trataria direito homem algum. Então tire seu cavalinho da chuva, Jeremiah. E deixe a Senhorita Wilkes em paz com essa história do Minnericht. Ela não quer falar sobre ele; então ela com

certeza não quer falar com ele também.

— Viu? Foi isso o que eu quis dizer! Ela evita o assunto e não é burra.

Ela deve estar se perguntando. Se perguntássemos a ela, ela poderia estar disposta a...

Briar pôs o pé na porta e a abriu. Swakhammer e Lucy ficaram paralisados como se tivessem sido apanhados fazendo alguma sem-vergonhice; estavam olhando um para o outro, cada um de um lado de uma mesa em cujo centro havia uma tigela com figos secos e uma pilha de espigas de milho seco.

— Podem me perguntar o que quiserem — ela disse, embora não prome-tesse se iria responder. — Talvez esteja na hora de colocarmos todas as nossas cartas na mesa. Eu quero falar sobre esse doutor de vocês aqui embaixo, e quero que Lucy conserte a mão dela, e quero um desses figos ai mais do que jamais desejei um pedaço de torta do Natal... mas acima de tudo, o que eu quero é encontrar meu filho. Ele está aqui embaixo há... quanto tempo? Dois dias, suponho, e ele está sozinho e eu não sei... talvez já esteja morto. Mas de um jeito ou de outro, não vou deixá-lo aqui embaixo. E não acho que vá conseguir percorrer este caminho sozinha. Acho que preciso da ajuda de vocês, e estou disposta a dar minha ajuda a vocês em troca.

Swakhammer pegou um figo gordo e macio do topo da pilha e jogou-o para ela. Ela o apanhou e caiu de boca nele, acabando com a fruta em uma mordida e meia, e se sentando ao lado de Lucy e Swakhammer porque ela suspeitava que suas expressões seriam mais fácil de ler assim.

Lucy estava vermelha, mas não de raiva. Ela estava envergonhada por ter sido apanhada fofocando. — Querida, eu não quis ficar falando pelas suas costas. Mas o Jeremiah aqui teve uma péssima ideia e eu não queria falar dela com você.

Briar foi direta: — Ele quer que eu vá com você ver Minnericht, para perguntar sobre sua mão.

— Resumindo, é isso.

Swakhammer se inclinou para frente apoiado nos cotovelos, brincando com uma palha de milho e fazendo a cara mais sincera que pôde. — Você tem que entender: as pessoas vão acreditar em você se você puser os olhos nele e disser que ele não é o Blue... ou que ele é. Se Minnericht for Blue, então temos o direito de considerá-lo responsável por este lugar, e colocá-lo para fora daqui... entregá-lo às autoridades e deixar que elas cuidem dele.

— Você não pode estar falando sério.— Briar afirmou.

— É claro que eu estou falando sério! Agora, se outras pessoas aqui embaixo iriam ou não arrastá-lo até a rua e dá-lo para os podres comerem...isso eu não estou em posição de dizer. Mas não tive a impressão de que você estava realmente preocupada se alguém iria machucá-lo ou não.

— Nem de longe. — Ela pegou outro figo e tomou um gole da caneca de madeira que ainda segurava. Swakhammer esticou a mão para dentro de uma caixa atrás de sua cadeira e tirou de dentro um punhado de maçãs secas, que Briar pegou imediatamente.

— A coisa é a seguinte — disse Swakhammer enquanto ela mastigava, fazendo novamente a cara sincera. — Minnericht... ele... ele é um gênio. Um gênio de verdade, não do tipo que você lê em livretinhos baratos[7], entende? Mas ele é louco também. E ele está aqui embaixo, tratando este lugar como se fosse o reizinho dele, pelos últimos dez ou doze anos... desde que descobrimos que precisávamos dele.

Ele não gostou de dizer essa última parte; Briar pôde ver isso claramente na maneira como ele pronunciou forçado a palavra "precisávamos". Ele acrescentou: — No começo, estava tudo bem. Nada era muito organizado, e este lugar era um verdadeiro pandemônio, já que ainda não conhecíamos todos os truques.

Lucy interrompeu e concordou. — Estava tudo bem. Ele ficava sozinho e não perturbava ninguém, e podia ser de grande ajuda quando queria. Alguns dos chineses o tratavam como se ele fosse uma espécie de mágico. Mas — ela rapidamente ressaltou — eles não o trataram assim para sempre.

— O que mudou? — perguntou Briar com a boca cheia de maçã. — E há mais alguma coisa para se comer por aqui? Não quero ser rude, mas estou faminta.

— Espere um pouco — disse Swakhammer, e se levantou para ir até um conjunto de caixotes que devem ter funcionado como armários. Enquanto procurava dentro deles, Lucy continuou.

— O que mudou foi que as pessoas descobriram que você podia tirar um bom dinheiro do gás da Praga, se você o transformasse em seiva de limão. E quando digo "pessoas", quero dizer o próprio Doutor Minnericht. Pelo que ouvi dizer, ele estava fazendo experiências com isso, tentando transformar ela em uma coisa que não fosse tão ruim. Ou talvez não. Ninguém sabe, só ele.

Swakhammer se virou para elas com um saco amarrado. Jogou-o na direção de Briar, e ele foi parar em cima da mesa à frente dela. — O que é isso? — ela perguntou.

— Salmão defumado — ele disse. — O que Lucy não está dizendo é que

Minnericht costumava testar isso em seus amigos chineses, Acho que ele queria que eles tratassem isso como ópio. Mas matou um bocado deles assim, e finalmente o resto dos chineses se voltou contra ele.

Lucy disse: — Exceto por Yaozu. Ele é o braço direito de Minnericht, e é o braço de negócios da organização. Ele é venenoso como uma cobra e... à sua maneira... mais inteligente que Minnericht, sou capaz de apostar. Os dois ganham um dinheiro incrível juntos, governando seu pequeno império baseado nessa droga amarela nojenta, mas só Deus sabe no que eles gastam.

— Aqui embaixo? — Briar pegou um punhado de salmão e cravou os dentes nele. Isso lhe deu ainda mais sede, e ela estava sem água, mas ela não parou.

— Foi isso o que eu quis dizer — disse ela. — Dinheiro não vale muita coisa aqui embaixo. As pessoas só se importam com coisas que você pode trocar por água limpa e comida. E ainda tem muita casa com coisa boa que sobrou para ser recuperada. Ainda não vasculhamos cada centímetro das entranhas muradas, nem de longe. Só posso imaginar que ele esteja usando o dinheiro para trazer mais metal, mais engrenagens, mais peças. Mais sei lá o quê. Ele não pode fabricar as coisas do ar, e a maioria do metal que é encontrado aqui em cima não presta mais.

— Por que não?

Swakhammer respondeu: — Água e Praga enferrujam o metal com uma rapidez de enlouquecer. Você consegue reduzir a velocidade do processo se lubrificar muito bem suas peças de metal, e Minnericht tem um vitrificador que ele usa — tipo um vitrificador de cerâmica, eu acho — que impede que o aço fique frágil demais.

Lucy disse: — Ele fica lá fora, lá na Rua do Rei — ou pelo menos é assim que ele chama, porque ele é o rei, ou coisa assim. Ninguém chega lá e vai ver muito de perto, embora alguns dos chineses tenham casas lá, nas margens de seu antigo bairro.

Swakhammer acrescentou: — Mas a maioria deles se mudou para um terreno mais elevado, assim que se cansou de ser tratada como ratos. A questão é esta, Senhorita Wilkes: o Doutor Minnericht controla quase tudo o que acontece aqui embaixo. Àqueles aeronautas — Cly, Brawley, Grinstead, Winlock, Hainey e o resto deles — todos eles se sujeitam a Minnericht. Eles lhe pagam uma espécie de imposto para poder tirar a Praga, e todos os químicos que a cozinham nos Arredores tiveram que comprar o conhecimento dele.

— E os contrabandistas, e os traficantes... todos devem a ele também. Ele os colocou todos em consignação, dizendo que podiam pagar a ele depois, tirando

de seus lucros. Mas, de algum modo, ninguém nunca consegue lhe pagar tudo. Ele vai adicionando juros, taxas e truques, e acaba que todo mundo entende que pertence a ele.

Briar olhou para o braço único e quebrado de Lucy e disse: — Até mesmo você.

Ela ficou sem graça. — Fazem, o que foi que eu disse? Treze, quatorze anos agora. E de algum modo, ele nunca está satisfeito. De algum modo, sempre tem mais alguma coisa que eu devo a ele. Dinheiro, informação, alguma coisa assim.

— E se você não der a ele?

Ela torceu os lábios, fechando-os mais ainda para depois finalmente abri-los. — Ele vem e pega de volta. — E acrescentou rápido: — E talvez você ache que isso não é desculpa suficiente para eu me deixar ser possuída pelo velho sem-vergonha, mas você tem dois braços bons e eu não tenho nem metade de um sem esta máquina.

— E Swakhammer?

Ele hesitou, mas acabou dizendo: — É duro viver aqui embaixo sem certos suprimentos. Eu quase morri mais vezes do que posso contar antes de conseguir este equipamento. E antes disso, perdi um irmão e um sobrinho. Aqui embaixo, as coisas funcionam de modo diferente. Aqui embaixo, nós...nós fazemos coisas que... se as pessoas nos Arredores soubessem a respeito, seriam levados para a frente de um juiz. E Minnericht usa isso também. Ele ameaça nos colocar a todos para fora e nos deixar à mercê das leis que ainda existirem lá fora.

Lucy disse séria: — E Maynard está morto. Então não há ninguém no comando aqui em quem a gente pudesse confiar um pouco que fosse.

Swakhammer voltou à sua ideia original. — Mas se você pudesse nos dizer com certeza se ele é Blue, então as pessoas teriam alguma coisa para usar contra ele. Você entende?

Briar virou a caneca de cabeça para baixo e deixou as últimas gotas de água caírem em sua boca. Desceu a caneca com força em cima da mesa. — Uma pergunta maluca — ela disse. — Alguém já tentou perguntar a ele? Quero dizer, alguém não podia simplesmente ter chegado junto dele e perguntado: "Minnericht é seu nome verdadeiro, ou será que você não é um certo Leviticus Blue?"

— Eu pego um pouco mais para você — disse Swakhammer. Esticou a mão para a caneca dela e ela a entregou.

Ele saiu do aposento e Lucy falou: — Claro, teve gente que tentou. Ele não

confirma nem nega nada. Ele fica feliz em deixar o rumor crescer e se espalhar. Ele quer nos manter todos sob seu controle, e quanto menos soubermos a respeito dele — e quanto mais medo dele tivermos — mais feliz ele fica.

— Ele parece um amor — disse Briar. — E eu ainda tenho certeza de que ele não é Levi, mas parece que são farinha do mesmo saco. Não me incomodo de descer lá com você, Lucy. Talvez ele nem saiba quem eu sou.

Você disse que ele só veio até aqui depois que as muralhas foram erguidas, então talvez ele não seja nativo da região, Swakhammer retornou trazendo uma caneca cheia de água, e atrás dele veio um chinês mais velho com as mãos cruzadas educadamente atrás das costas. Swakhammer disse: — Aqui está sua água, Senhorita Wilkes, e eis aqui uma mensagem, Senhorita Lucy. A senhora fala com ele. Não consigo entender patavina do que ele está dizendo.

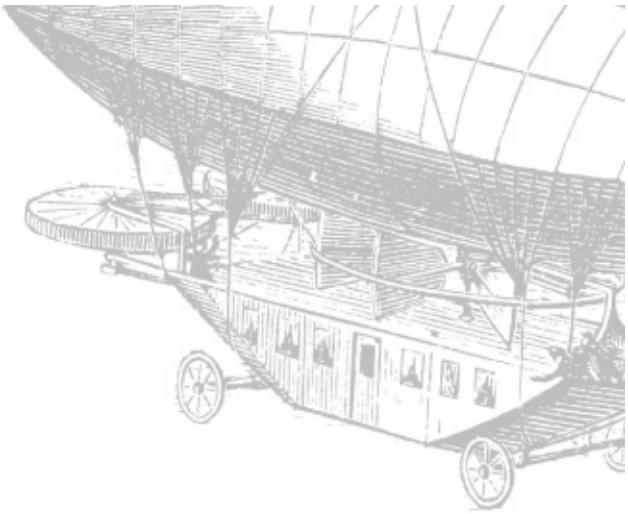
Lucy fez um convite para que ele se sentasse ou falasse, e o homem falou em uma torrente de sílabas que ninguém presente a não ser Lucy podia acompanhar. No final de sua fala ela agradeceu e ele saiu tão silenciosamente quanto havia entrado.

— Bem? — perguntou Swakhammer.

Lucy se levantou. — Ele disse que acabou de voltar do túnel leste e do bloqueio principal na casa de Maynard. Diz que há uma marca deixada lá, uma mão grande e preta, clara como o dia. E todos nós sabemos o que isso significa.

Briar os encarou com uma interrogação no olhar.

Então Swakhammer respondeu: — Significa que o doutor está assumindo o crédito pelo seu trabalho. Ele quer que nós saibamos que os podres foram um presente especial dele.



DEZENOVE

Com os ouvidos tinindo, Zeke chutou a escotilha até ela ficar larga o bastante para ele conseguir se espremer e sair para a cidade, que estava C exatamente onde ele não queria que estivesse. Mas se pudesse escolher, preferia estar do lado de fora na Praga do que dentro com os aeronautas, que estavam lentamente se soltando de suas cadeiras com cintos e gemendo ou checando para ver se ainda estavam inteiros.

O silencioso e inescrutável Fang não estava em lugar nenhum, até que Zeke o localizou em pé ao lado do capitão e olhando para Zeke com um olho só.

O capitão disse: — Aonde você pensa que está indo?

— Foi divertido, mas está na hora de ir embora — Zeke disse, tentando passar a sensação de tranquilidade, de quem não está abalado. Achou que seria uma grande frase de despedida, mas a escotilha ainda não estava aberta o bastante para permitir que ele passasse. Ele fez força com os pés, usando as pernas como alavancas.

O capitão se levantou de sua poltrona inclinada e murmurou alguma coisa para Fang, que assentiu. Então o capitão perguntou: — Qual é o seu nome, garoto?

Zeke não respondeu. Ele escalou a beirada da escotilha, deixando marcas ensanguentadas de mãos em cada ponto que tocava.

— Garoto? Fang, pegue ele, ele está ferido... garoto?

Mas Zeke já estava fora. Ele pulou até o chão e forçou a porta com os ombros, fechando-a apenas temporariamente, mas tempo o bastante para que ele conseguisse começar a sair correndo cambaleante pelo conjunto habitacional. Atrás dele, de dentro do ventre da nave aleijada, Zeke poderia ter jurado que tinha ouvido alguém chamar seu nome.

Mas isso era ridículo. Ele nunca disse a eles quem era.

Deve ter sido outra coisa que eles gritaram atrás dele, alguma outra palavra que seus ouvidos entenderam como sendo seu nome num momento de confusão.

Girou a cabeça para a esquerda e para a direita, e sua visão flutuava, embora as visões não lhe dissessem quase nada. Havia paredes — as muralhas da cidade, ele pensou no começo — mas não, essas eram menores e feitas de troncos grandes e moles com topos pontudos; e os pontos entre eles haviam sido cimentados com outra coisa, então apresentavam uma frente uniforme.

Alguém na nave havia dito alguma coisa sobre um forte.

Ele quebrou a cabeça para se lembrar de seus mapas e lembrou de alguma coisa a respeito de Decatur, onde os ocupantes costumavam se entrincheirar contra os habitantes do local em tempos de problemas. Seria isso?

As paredes de troncos que o cercavam pareciam fáceis de serem derrubadas num instante. Elas estavam em pé, apodrecendo no ar úmido e venenoso, havia uns cem anos, ou era isso o que Zeke achava em seu estado confuso. Cem anos e elas estavam se esfarelando, virando lasquinhas de madeira esponjosas mas ainda de pé — e não havia nenhum ponto para segurar a mão ou o pé em nenhum lugar onde ele pudesse ver.

Ao seu redor, a Praga se acumulava e tornava o ar sufocante, e ele não conseguia ver mais do que alguns metros em cada direção. Ele estava novamente ofegante, perdendo controle de sua respiração medida dentro da máscara, e quase sufocando com os filtros. Os selos faziam seu rosto coçar, e cada lufada de ar que ele puxava tinha gosto de bile e do que quer que ele havia comido.

Atrás dele, em algum lugar no ar denso como sopa, alguém estava chutando a porta da nave caída. Num instante a tripulação estaria fora. Num instante, eles iriam em seu encalço novamente.

Todos esses "num instante" o estavam deixando apavorado; e todos os estirões de parede de madeira em ruínas eram desolados e idênticos para seu tato enquanto suas mãos deslizavam ao longo delas. Ele estendeu as palmas das mãos e os dedos para a frente, muito embora eles doessem e ele não soubesse se estavam machucados, quebrados ou simplesmente inchados e exaustos. Enfiava e mexia os dedos em cada fenda, tentando encontrar uma fresta, porta ou

qualquer outro meio de se arrastar por baixo e para fora delas.

Ele não era um garoto grande. Ele conseguiria passar por uma fresta incrivelmente pequena se fosse preciso, mas sem fazer um ruído e sem aviso...

...não chegou a esse ponto.

Uma mão tão forte que não parecia de verdade se fechou por sobre a boca mascarada de Zeke, puxando-o pela cabeça e levantando-o do chão — para dentro de um nicho recuado ao longo da parede onde a escuridão era tamanha que ocultava quase tudo.

Ela ocultou os dois, o garoto e a mão que o agarrava; e o homem que o agarrava tinha braços que podiam ser feitos de ferro, apesar de suaves.

Zeke não lutou por dois motivos. Primeiro, ele já podia dizer que era inútil; quem quer que o estivesse segurando era mais forte e um pouco mais alto, e respirar sem parecer que ele iria vomitar ou desmaiar a qualquer momento... claramente, a vantagem pertencia ao seu oponente. E segundo, ele não estava inteiramente certo de que o outro não estava sendo auxiliado.

Afinal, ele não queria que os homens da aeronave o encontrassem, e a uns cinquenta metros dali eles estavam descendo de sua nave aos trancos e barrancos gritando e xingando enquanto inspecionavam o estrago.

Justo quando Zeke achou que talvez eles fossem retomar sua busca, encontrá-lo e arrastá-lo de volta ao veículo danificado, as mãos que o seguravam começaram a arrastá-lo para o lado e para trás.

Zeke fez o melhor que pôde para cooperar, mas seu melhor envolveu uma série de tropeços no caminho para fosse lá qual fosse o local escuro para onde estava sendo levado. Uma fresta minúscula espreitava na escuridão, e ele sentiu uma rajada de ar mais frio roçar seus ombros.

Mais alguns passos, mais uma meia-volta... e uma porta se fechou atrás dele. Ele foi fechado em um pequeno aposento com um lance de escadas e duas velas queimando fracas sobre um corrimão.

Seu captor ou salvador — ele não sabia o quê — o soltou e permitiu que ele se virasse.

Como Zeke não tinha certeza de sua situação nem se estava em perigo, torceu pelo melhor e tentou: — Obrigado, senhor. Acho que aqueles sujeitos iam me matar!

Um par de olhos castanhos estreitos piscou lentamente de volta para ele.

Eram olhos escuros, e de uma inteligência tranquila — mas profundamente impossíveis de interpretar. O dono deles não falava. Ele olhou para o garoto de

cima para baixo, pois era bem mais alto que o garoto, com uma cintura grande e braços compridos cruzados de encontro ao peito. Estava vestindo o que a Zeke pareciam pijamas, mas estavam limpos e sem um amarrotado, e mais brancos do que qualquer coisa que Zeke já havia visto dentro das muralhas da cidade.

E como o homem ainda não havia dito nada, Zeke falou, a voz toda atropelada: — Eles iam me matar, não iam? E você... você não vai, vai?

— Qual é o seu nome? — o homem perguntou, com um traço sutilíssimo de sotaque estrangeiro.

— Esta é uma pergunta popular hoje — disse Zeke, e então, como estava aprisionado na semi-escuridão com o homem estranho e forte, acrescentou: — E Zeke. Zeke Wilkes. Não estou tentando provocar nenhum problema. Eu só queria sair da cidade. Minha máscara está ficando entupida, e acho que não vou conseguir durar muito mais tempo aqui embaixo. Você pode... você pode me ajudar?

Mais uma vez uma pausa prolongada. Então o homem disse: — Sim, eu posso ajudar você. Venha comigo, Zeke Wilkes. Acho que sei de alguém que gostaria de conhecê-lo.

— Eu? Por que eu?

— Por causa dos seus pais.

Zeke ficou parado e tentou fazer com que as batidas descompassadas do seu coração diminuíssem o máximo possível. — O que tem eles? — ele perguntou. — Não estou aqui para criar confusão nem nada. Eu só estava procurando... Eu só queria... Escute. Eu sei que o meu pai criou problemas e que ele não é exatamente um herói local ou coisa assim, mas...

— Você pode se surpreender — o homem disse sem grandes emoções.

— Por aqui, Zeke. — Indicou as escadas e o corredor ao fundo.

Zeke o acompanhou com pernas que tremiam de exaustão, ferimentos e medo. — O que isso quer dizer? Que eu posso me surpreender? Quem é você... e você conheceu meu pai?

— Eu sou Yaozu, e não conheci um homem chamado Leviticus Blue, Mas conheço um Doutor Minnericht que pode, com certeza, lhe contar muitas coisas. — Olhou para trás, procurando os olhos de Zeke.

— O que faz você pensar que eu quero perguntar alguma coisa a ele?

Yaozu respondeu; — Você é um rapaz de uma certa idade. Em minha experiência, rapazes de uma certa idade começam a questionar o mundo, e o que disseram a eles a respeito. Acho que você descobrirá que nosso estranho doutor é

uma... fonte muito interessante para o que você procura.

— Já ouvi falar nele — Zeke disse com cuidado.

— Há quanto tempo você está aqui embaixo? — perguntou Yaozu, virando uma curva e parando na frente de uma porta grande e disforme cercada por abas e selos. Ele ergueu uma alavanca e a puxou com força, e a porta recuou de sua moldura com um som de sucção.

— Não sei. Não faz muito tempo. Um dia. Dois dias — ele imaginou, embora lhe parecesse uma semana.

Yaozu manteve a porta aberta e fez um gesto para que Zeke passasse por ela. Havia luz do outro lado, então ele deixou a vela num nicho na parede. — Se você estivesse aqui há mais de uma hora, eu já imaginaria que você tivesse ouvido falar de nosso doutor.

Zeke passou por uma brisa distinta e pulsante, e assim que entrou no aposento seguinte, Yaozu o acompanhou.

— Então ele é importante, hein?

— Sim, muito importante — disse o homem, mas não parecia nem um pouco impressionado.

— E você trabalha para ele?

O homem não respondeu de imediato. Mas quando o fez, disse: — Pode-se dizer que sim. Somos sócios, de certa forma. Ele é um grande homem com eletricidade, mecanismos e vapor.

— E quanto a você? — perguntou Zeke.

— Eu? — ele fez um pequeno ruído que poderia ter sido um "hmm" ou poderia ter sido um "oh". Disse: — Sou uma espécie de homem de negócios.

E meu negócio manter a paz e a ordem para que o doutor possa trabalhar em seus projetos. — E imediatamente mudou de assunto. — Mais uma porta e então você poderá remover sua máscara. Estas são seladas, você entende. O ar limpo que pegamos, devemos conservar.

— Claro. — Zeke observou enquanto outra porta se abria contra suas abas. Do outro lado não se encontrava outro corredor, mas um pequeno aposento cheio de lampiões que iluminavam todos os quatro cantos. Ele disse: — Então você é um homem da lei aqui embaixo? Alguma coisa assim?

— Alguma coisa assim.

— Meu avô era um homem da lei.

— Eu sei — disse Yaozu. — Ele fechou a porta e retirou sua máscara,

revelando uma cabeça perfeitamente careca e um rosto liso que poderia tanto ter vinte e cinco quanto cinquenta anos de idade. Zeke descobriu que era impossível saber. — Você pode remover a sua também. Mas tome cuidado — ele disse, balançando um dedo na direção da cabeça do garoto. — Você parece ter se machucado.

— Que bom que vocês têm um doutor aqui embaixo, hein?

— É bom mesmo. Venha comigo. Vou levá-lo até ele agora.

— Agora?

— Agora — ele disse.

Zeke não ouviu nenhum pedido. Ele ouviu uma ordem, e não sabia como recusá-la. Estava com medo, claro, por causa do que Angeline havia lhe dito em toda sua fúria; e ele estava nervoso, porque alguma coisa nesse chinês calmo o perturbava profundamente, e ele não conseguia entender o que poderia ser. O homem havia sido extremamente educado, mas a força de seus braços e a insistência de sua voz não eram as ferramentas de um negociador amigável.

Esse era um homem acostumado a ser obedecido, e Zeke não era um garoto acostumado a obedecer.

Mas seu estômago revoltado de tanto nervosismo não queria saber o que aconteceria se ele lutasse ou fugisse — e seu peito estava doendo pela luta de simplesmente respirar. Ele poderia pensar nos detalhes mais tarde. Poderia pensar, planejar e fugir mais tarde, mas por ora, podia retirar sua máscara. E isso bastava.

Os pontos em carne-viva que coçavam e queimavam ao redor das faixas da máscara queimavam como pimenta em sua pele, mas então, com uma fivela e uma presilha, o visor e os filtros caíram do seu rosto. Zeke deixou a máscara cair no chão e começou a atacar as partes avermelhadas da pele com as unhas.

Yaozu agarrou com força o antebraço do garoto e o puxou. — Não coce.

Só vai piorar as coisas. O doutor irá lhe dar uma pomada, e as dores irão passar com o tempo. Foi sua primeira vez com uma máscara?

— Por mais de alguns minutos, sim — ele admitiu, abaixando as mãos e lutando para mantê-las quietas,

— Percebo. — Ele pegou a máscara de Zeke e a examinou, virando-a e mexendo nos filtros e no visor. — Este é um modelo mais antigo — ele observou. — E precisa ser limpo.

Zeke rangeu os dentes. — E eu não sei? — então ele perguntou: — Para onde estamos indo?

— Para baixo. Sob a antiga estação que nunca existiu. — Ele olhou para Zeke com ar de avaliação, analisando bem as roupas surradas do garoto e seus cabelos sem corte. — Imagino que você irá achar as acomodações um tanto excepcionais.

— Excepcionais?

— De fato. Nós criamos um lar aqui embaixo. Talvez você se surpreenda.

Zeke disse: — A maioria do que vi aqui embaixo parecia muito velha e caindo aos pedaços.

— Ah, mas você ainda não esteve na estação, esteve?

— Não, senhor.

— Ora, então. Deixe-me ser o primeiro a lhe dar as boas-vindas. — Foi até a parede, onde puxou outra alavanca.

Em algum lugar onde Zeke não podia ver, correntes começaram a fazer barulho e engrenagens giraram. E bem à sua frente, a parede deslizou ao longo de um trilho, revelando um glorioso salão do outro lado, completamente iluminado.

Ele também estava repleto de mármore e bronze, e cadeiras de madeira polida com almofadas de veludo. O piso era um mosaico de azulejos e metal.

Cada canto, cada cristal e vela refletia a luz. Mas quanto mais tempo Zeke olhava para a luz, mais ele achava que talvez elas não fossem chamas; que talvez elas fossem outra coisa. Afinal, o teto lindamente curvo não estava queimado nem sujo de fuligem.

Assim que ele recuperou o fôlego, e assim que a parede voltou à posição sem aberturas atrás dele, Zeke perguntou: — O que são aquelas luzes lá em cima? Qual é a fonte de energia delas? Não estou sentindo cheiro de gás, nem estou vendo fumaça.

— O que lhes dá energia é o futuro. — Foi uma resposta críptica, mas não foi dada com deboche nem como provocação. — Por aqui. Vou arrumar um quarto para você, e um banho. Vou perguntar ao doutor se podemos lhe conseguir algumas roupas, e quem sabe um pouco de comida e água. Você teve muitos dias atribulados, e eles não foram gentis consigo.

— Obrigado — ele disse sem intenção. Mas gostou da ideia de comida, e estava com mais sede do que jamais estivera antes em sua vida... embora não tivesse notado isso até a água ser mencionada. — Este lugar é lindo — ele acrescentou. — Você tem razão. Eu estou surpreso. Estou... impressionado.

— É fácil para isto aqui ser bonito. Ninguém jamais tratou este lugar como uma estação de trem. Ela não estava terminada quando a Praga veio. O

doutor e eu finalizamos algumas partes dela, como esta área de espera, com os materiais que já haviam sido trazidos para sua construção. Era quase perfeita, mas precisava de algumas alterações. — Apontou para o teto, onde três canos gigantes com ventiladores estavam instalados numa fileira. Eles não estavam girando naquele momento, mas Zeke pensou que o barulho deles devia ser fantástico quando eles estivessem em funcionamento.

— Isso é para o ar?

— Sim, muito bem. É para o ar. Os ventiladores só funcionam algumas horas por dia, pois é só por esse tempo que são necessários. Nós trazemos o ar de cima da Praga, de cima da cidade. Passamos canos e mangueiras por cima da muralha — ele disse. — É por isso que você pode respirar aqui dentro. Mas nós não tratamos isso como uma área de convivência. Os quartos, cozinhas e áreas de lavagem ficam por aqui.

Zeke o seguiu quase ansioso, com vontade de ver o que havia a seguir.

Mas ele reparou, antes de ser empurrado para fora do salão reluzente com seu teto alto e cadeiras almofadadas, que havia uma porta do outro lado. A porta estava selada como as demais, mas também estava bloqueada com vigas de ferro e trancas pesadas.

Yaozu levou Zeke até uma plataforma do tamanho de um banheiro externo e fechou um portão baixo, depois puxou um cabo ligado a uma corrente. Mais uma vez o som de metal se desdobrando chacoalhou num eco à distância.

A plataforma caiu, não como a aeronave quebrada, mas como uma máquina suave, com um trabalho a fazer.

Zeke agarrou o portão e ficou segurando.

Quando a plataforma parou, Yaozu retraiu o portão e pôs a mão no ombro de Zeke, guiando-o para a direita por um corredor com quatro portas em lados alternados. Todas as portas eram pintadas de vermelho, e todas tinham lentes do tamanho de moedas embutidas dentro delas — para ver de dentro para fora ou de fora para dentro.

A última porta se abriu sem ser destrancada antes, um fato que Zeke reparou com uma certa confusão. Seria reconfortante, a impressão de que eles não tinham a intenção de trancafiá-lo? Ou incômodo, pois ele não teria garantia de privacidade?

Mas o quarto propriamente dito era mais bonito do que qualquer outro em que ele já havia entrado, com cobertores grossos em cima de uma cama com um colchão gordo, e muito bem iluminado com lampiões que pendiam do teto e que

também estavam sobre as mesas ao lado da cama. Na outra parede, cortinas enormes pendiam de um varal, o que Zeke estranhou bastante.

Ele ficou olhando para aquilo até que Yaozu disse: — Não, é claro que não existem janelas aqui. Estamos agora a dois andares no subterrâneo. O

doutor simplesmente gosta de cortinas. Agora, fique à vontade. Há uma bacia no canto para você se lavar. Faça uso dela. Vou dizer ao doutor que você está aqui, e tenho certeza de que ele próprio cuidará de seu ferimento.

Zeke lavou o rosto na bacia, o que quase transformou a água numa mistura de lama com fuligem. Quando conseguiu ficar o mais limpo que podia, começou a andar pelo quarto e tocar em todas as coisas bonitas que via, o que levou um certo tempo. Yaozu tinha razão; não havia janelas, nem mesmo um buraco fechado com tijolos do outro lado da cortina. Era meramente um trecho de parede coberto pelo mesmo papel de parede que o resto.

Verificou a maçaneta.

Ela a girou com facilidade. A porta se abriu, e Zeke enfiou a cabeça no corredor lá fora, onde não viu nada e ninguém, a não ser umas peças soltas de mobiliário encostadas na parede, e um carpete que percorria toda a extensão do corredor. A plataforma ainda estava estacionada, e seu portão aberto.

A mensagem era clara: ele estava livre para partir se conseguisse descobrir como, e se quisesse. Ou era isso que eles queriam dar a entender, pelo menos.

Até onde Zeke sabia, assim que ele chegasse ao elevador um alarme poderia soar e setas envenenadas poderiam ser disparadas de uma dezena de direções ao mesmo tempo.

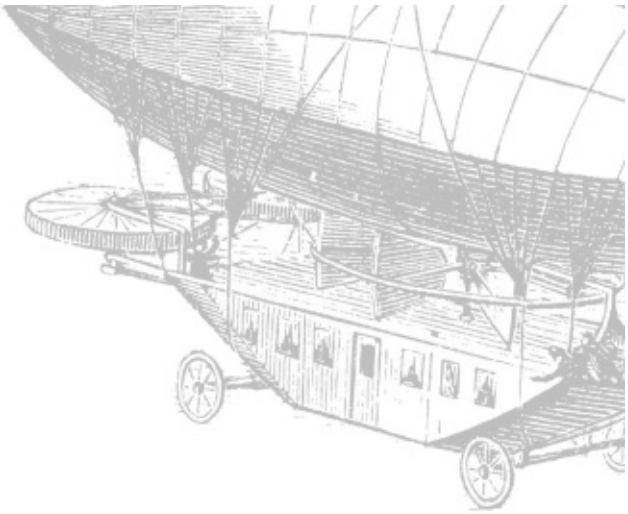
Ele duvidava, mas não duvidava o bastante para tentar alguma coisa.

E então reparou que Yaozu havia retirado sua máscara, e entendeu a situação um pouco melhor.

Zeke se sentou na beira da cama. Ela era um pouco mais macia e grossa que um colchão de penas, e quicava sob seu corpo quando ele se movia. Ele ainda sentia muita sede, mas havia estragado a única água que havia no quarto.

Sua cabeça doía, mas ele não sabia o que fazer a respeito. Ainda tinha fome, mas não via nenhuma comida à mão, e, pensando bem, estava mais exausto do que faminto.

Colocou os pés na cama sem tirar os sapatos. Puxou os joelhos para perto do peito e abraçou o travesseiro mais próximo, e fechou os olhos.



VINTE

Briar saiu para se lavar, e quando retornou Lucy estava sentada em uma cadeira com o braço em cima de uma mesa. O braço estava cercado por pinos, engrenagens e parafusos. Um rapaz chinês que não podia ser nem um pouco mais velho do que Ezekiel estava mexendo na junta do pulso de Lucy com uma lata de óleo e um par de pinças compridas.

Ele levantou a cabeça e olhou para Briar através de um elaborado par de óculos com lentes ajustáveis e intercambiáveis presas aos cantos da armação.

— Briar! — Lucy disse com alegria, mas com cuidado para não balançar o braço. — Este aqui é Huojin, mas eu chamo ele de Huey e ele parece que não se importa.

— Não, senhora — ele disse.

— Olá... Huey — Briar disse a ele. — Como está indo o braço dela?

Ele apontou a testa de volta para o maquinário aberto de forma que as lentes mostrassem melhor o espaço de trabalho. — Nada mau. Nada incrível. O braço é uma bela máquina, mas não fui eu quem a inventou ou a construiu. Preciso ir tateando com cuidado ao redor dela — ele disse. Seu inglês vinha recoberto com um sotaque, mas não era muito forte e ele era bastante fácil de compreender. — Se eu tivesse os tubos de cobre de que preciso, acho que conseguiria fazê-lo funcionar direito novamente. Mas tive que improvisar.

— "Improvisar", você ouviu isso? — Lucy riu. — Ele lê inglês em livros. E quando ele era uma coisinha de nada, costumava praticar com todos nós aqui de baixo. Agora ele fala bem melhor do que a maioria dos homens que conheço.

Briar se perguntou o que Huey tinha feito no subterrâneo quando criança.

Ela quase perguntou, mas então achou que podia não ser de sua conta, então ficou quieta. Disse: — Bem, fico feliz que ele esteja trabalhando em você. Pode me dizer mais sobre essa marca fora da casa de Maynard? O que ela significa?

Lucy balançou a cabeça. — Significa que Minnericht gosta de marcar seu território como um cachorro, mijando por toda parte. Fico me perguntando o que é que ele tinha com o Maynard? Ele nos deixou em paz por um tempo; talvez ele tenha apenas achado que estava na hora de sacudir as coisas um pouco pira deixar a gente na ponta dos cascos. Ou talvez o Squiddy ainda deva a ele.

Briar disse: — O Sr. Swakhammer achou que talvez um dos homens de Minnericht tenha me visto. Talvez o doutor tenha ficado zangado por eu ter ido à casa de Maynard sem tê-lo visitado antes.

Lucy não respondeu. Ela fingiu observar Huey enquanto ele fechava o painel do braço dela e o selava no seu lugar. Por fim, ela disse: — E possível.

Ele tem olhos em tudo quanto é lugar, o maldito. E podia bater na porta ou deixar um bilhete, mas, Deus, não. Em vez disso ele tem que mandar os mortos, deixar a gente como ele gosta, e quem sabe pegar um ou dois homens para mostrar quem é que manda. Eu me pergunto se ele gostaria que a gente descesse até a estação dele e arrebentasse as portas dele. Que ele lidasse com os mortos na própria casa. Seria uma declaração de guerra. E quem sabe a gente não está mesmo precisando de uma declaração de guerra?

Huey finalizou seu trabalho e apertou o último parafuso. Recostou-se e tirou os óculos pesados da testa. As faixas prenderam nas suas orelhas e depois se soltaram com um estalo. — Tudo pronto, Senhora O'Gunning. Gostaria de poder consertar isso melhor para a senhora, mas é o melhor que posso fazer.

— Meu amor, está incrível, não tenho nem como agradecer. O que você quiser, o que você precisar... É só me dizer. Da próxima vez que os aeronautas passarem pela cidade, posso fazer um pedido.

— Mais livros? — ele perguntou.

— Mais livros. Tantos livros quantos eles puderem carregar para você — ela jurou.

O garoto pensou por um momento e depois falou: — Quando a Naamah Darling volta por aqui? A senhora sabe?

— Desculpe, meu amor, mas não sei dizer. Por quê? Quer deixar uma mensagem para Fang?

— Sim, madame — ele disse. — Eu gostaria de alguns livros em chinês, e ele saberia onde consegui-los. Ele saberia que livros são bons, eu acho.

— Considere isso feito. Vou parar na torre lá pela terça, e farei o seu pedido. — Ela passou os dedos cuidadosamente pelos cabelos dele, e embora eles estivessem duros, o gesto passou a sensação de amizade que ela desejou transmitir. — Você é bom, Huey. Um ótimo garoto, e inteligente.

— Obrigado, madame — ele disse, e, com uma mesura, pediu licença e saiu para os salões dos Cofres.

— Ele realmente fala bem — disse Briar.

— Gostaria de poder levar o crédito por isso, mas não posso. Eu apenas dei a ele o que tinha e deixei que ele aprendesse tudo sozinho. — Girou o braço para a esquerda e para a direita, e para cima e para baixo. — Sabe — ela disse. — Acho que isto aqui vai ficar bem por um tempo. Não está perfeito, mas está funcionando bem o suficiente.

— Quer dizer que você não quer ir ver Minnericht afinal? — perguntou Briar.

— Talvez sim, talvez não — respondeu Lucy. — Deixe eu experimentar isto aqui por algumas horas e ver o que acontece. E você? Ainda está interessada em ir até a Rua do Rei para encontrá-lo?

Ela disse: — Acho que sim. Além disso, se o Sr. Swakhammer estiver certo, você não pode me esconder para sempre. Ele sabe que eu estou aqui embaixo em algum lugar, e vai continuar tentando me expulsar se eu não for lá me apresentar. Não quero criar problemas para você, Lucy.

— Não me importo com problemas, querida. Problemas a gente tem a todo instante, e se ele não estivesse nos incomodando por sua causa, seria por outra coisa. Então que tal isto? Deixe eu chamar o Squiddy. Vamos ver se ele leva você até os antigos quarteirões bancários. Ele conhece o caminho lá melhor do que qualquer um, isso eu lhe digo. Se houver sinal do seu garoto por lá, ele é o homem certo para encontrar.

As sobrancelhas de Briar dispararam até o alto da testa. — Sério? — ela tentou se lembrar de que frequentador da casa de Maynard elas estavam falando. — O magricelo de suíças e cavanhaque?

— Esse mesmo. Ele é um sujeito maluco, mas quem não é aqui embaixo? Agora escute: Squiddy costumava ser um ladrãozinho vagabundo, quando era da idade do Huey e até mais novo. Antes do tempo das muralhas, ele estava

bolando um grande plano pra invadir os bancos. Desenhou todo tipo de mapa, e aprendeu bem mesmo onde ficavam todos os cantinhos mais escondidos... e acho que o que deixou ele louquinho foi que a Boneshaker atacou o quarteirão primeiro. — Ela moveu o braço novamente e fez uma careta. — Mas não me entenda mal; ele está bem. Ele tem os parafusos no lugar, lá do seu jeito, e gosta de ajudar. Não vai te prejudicar ou deixar você na mão.

— Que reconfortante — disse Briar.

— Ah, e eu não sei? Aqui, é melhor você se apressar. Daqui a pouco vai escurecer. Quase nunca fica iluminado aqui em cima esta época do ano, então vá pegar o Squiddy e dê sua olhada ao redor enquanto ainda há tempo para isso. Ele está esperando você. Já disse a ele que ele ia te mostrar a região, e ele disse que estava tudo bem.

Briar encontrou Squiddy jogando cartas com Willard e Ed.

Squiddy fechou suas cartas e cumprimentou Briar tocando o chapéu com as pontas dos dedos; ela ficou na dúvida se fazia o mesmo ou não. Então apenas assentiu e disse a ele: — Olá. Lucy disse que você me faria a gentileza de mostrar os quarteirões dos bancos por mais ou menos uma hora ou duas, bem rápido, antes do sol se por.

— E isso mesmo, madame, Não tenho nenhum problema em trabalhar no dia do Senhor. Deixa eu só pegar meu equipamento.

Squiddy Farmer era um homem esguio da cabeça aos pés, vestido com calças justas e uma camisa de algodão tão apertada que dava para contar-lhe as costelas. Por cima de todo o conjunto ele jogou um suéter de lã; e embora o suéter fosse tão grande que batia na sua cintura, o buraco do pescoço era tão estreito que sua cabeça mal conseguiu passar. A nuvem grisalha de sua cabeça calva e das costeletas fofas de algodão passaram pela abertura quase que com um estalo.

Ele sorriu, mostrando uma arcada dentária quase completa que não via muita escovação. De cima de uma mesa lateral atrás do ponto onde as cartas estavam sendo embaralhadas, ele apanhou um capacete em forma de bolha com um portal na frente.

Quando ele a viu olhando para o capacete honestamente confusa, explicou: — É um dos modelos do Doutor Minnericht. Ele disse que eu podia ficar com ele, porque ninguém gostou muito dele e só estava apanhando poeira.

— Por quê? — ela perguntou. — Funciona?

— Funciona. Funciona muito bem, mas é muito pesado... e eu preciso cortar

meus próprios filtros para isso. Mas não me importo. Gosto de poder ver quase tudo ao meu redor, a senhora entende? — Ele mostrou a ela o jeito como o vidro curvo ia de orelha a orelha, e ela teve de admitir que parecia conveniente.

— Quem sabe um dia ele faça uma versão mais leve.

Squiddy falou: — Ouvi dizer que ele estava trabalhando nisso, mas se ele já fez uma nova, não me deixou nem chegar perto dela. Está pronta?

Ela levantou sua máscara e disse: — Claro que estou.

Ele colocou sua máscara em forma de globo e ela lhe deu o aspecto de um pirulito. — Então vamos.

Briar pôs sua própria máscara na cabeça e foi atrás dele. Parecia que ela mal havia acabado de retirá-la, mas compreendia a necessidade e — contra todas as expectativas — estava quase ficando acostumada com ela.

Ela andou por um labirinto-escuro de corredores, desceu mais um estirão de escadas mal conservadas e se enfiou num nível com pisos de grades, onde o zumbido de maquinários enchia seus ouvidos.

Squiddy não era um homem a quem se pedisse com frequência para fazer as vezes de guia, então não foi muito útil em termos de apontar este ou aquele marco. Mas se lembrou de mencionar: — Estamos colocando mais filtros aqui — ele fez um gesto na direção da grade de metal sob seus pés. — E uma experiência.

— Que tipo de experiência?

— Bom, veja, neste momento, se quisermos manter o ar limpo nos pontos seguros, precisamos bombeá-lo lá de cima, de sobre as muralhas. Mas aquele garoto chinês disse que talvez a gente não precise fazer isso. Ele diz que talvez a gente possa limpar o ar sujo com a mesma facilidade com que a gente pode puxar o ar limpo. Não sei se ele tem razão, mas uma parte do nosso pessoal acha que vale a pena tentar.

— Bombear todo aquele ar lá de cima deve ser uma tarefa e tanto.

— E é, e é — ele concordou.

As grades sob os pés deles faziam um grande clangor quando passavam, e em pouco tempo deram lugar a um patamar com três portas igualmente protegidas por barricadas. Squiddy ajustou seu capacete imenso e estendeu a mão para alcançar uma das três alavancas que estavam fixas no chão.

Ele disse a ela: — Isto aqui é o mais perto que podemos chegar do lado de dentro, então este é o fim da linha. A gente sai e volta por aquela ali do meio. — Ele apontou para a porta. — Você não consegue ver nenhuma destas portas do

lado de fora. A gente toma muito cuidado com isso. Elas todas tiveram que ser seladas muito bem, pois o gás é pior por aqui.

— E claro — ela disse. — Seria mesmo pior, aqui no centro.

— Os seus filtros são novos?

— Eu troquei eles logo antes de sairmos dos Cofres.

Ele agarrou a alavanca e jogou o peso do corpo contra ela. — Ótimo.

Porque, sabe aquela regras das oito, dez horas? Ela não vale muito aqui. Esses filtros não vão funcionar mais do que umas duas horas, talvez três. Estamos descendo mais para perto da rachadura.

— Estamos?

— Claro que estamos. — A alavanca desceu até o fim, quase tocando o chão. Com ela, uma corrente era arrastada para algum ponto fora de vista, e uma fenda apareceu ao redor da porta central. — Ela fica bem abaixo do velho Primeiro Banco. Foi o mais fundo que a Boneshaker chegou, e é onde o pior da Praga parece estar. Esta é a notícia ruim.

— Você diz isso como se houvesse uma notícia boa — observou Briar quando a porta começou a abrir com dificuldade, arrastando-se de volta para os velhos quarteirões esmagados onde os bancos costumavam ficar.

— É porque existem boas notícias! — ele insistiu. — A boa notícia é que não há tantos podres aqui embaixo quanto lá fora. O gás come eles direto, então eles ficam longe... os que não ficam, não duram muito tempo. O que me lembra uma coisa: talvez seja melhor a senhora abotoar bem esse casaco. A senhora tem luvas, não tem?

— Tenho — ela disse, mexendo os dedos para mostrá-las.

— Ótimo. Enfie bem o chapéu na cabeça também. Por cima das orelhas se couber. A senhora não vai querer nem um pouco de pele à mostra se puder evitar. Vai queimar a senhora — ele disse solene. — E que nem encostar a mão num fogão. Vai queimar seu cabelo também, e ele já é um pouco louro.

— É laranja — ela disse desanimada. — Costumava ser preto, mas está ficando com essas listras laranjas de tanta chuva com Praga.

— Enfia ele pra dentro do seu colarinho se não tiver um cachecol. Vai proteger o seu pescoço.

— Bom plano — ela disse, e fez como ele sugeriu.

— Está pronta?

— Estou pronta.

O rosto escavado dele balançou atrás da curva imperfeita da frente de vidro de sua máscara. Ele disse: — Então vamos. Faça o máximo de silêncio que puder, mas não se preocupe muito. Como eu falei, vamos ficar sozinhos a maior parte do tempo. Ele olhou bem para o Spencer dela. — Jeremiah diz que a senhora tem uma boa pontaria.

— Eu tenho uma boa pontaria.

Ele disse: — Ótimo. Mas só pra você saber, há boas chances de que, se você tiver que atirar aqui, não vai estar atirando em podres. Minnericht tem amigos; ou empregados, de qualquer maneira. As vezes eles patrulham por aqui. Este é o limite do território entre os bairros dos chineses e o velho pátio de transportes. Lembra que estavam construindo uma nova estação de trem quando as muralhas foram erguidas?

— Lembro — ela disse, e então começou a lhe dar corda para falar. — Ouvi dizer que Minnericht vive lá, embaixo da estação semiconstruída.

— Isso. Foi o que eu ouvi também. — Ele se curvou contra a porta para abri-la mais meio metro, e ela se abriu o máximo que foi possível. Só quando ela caiu para o lado que Briar percebeu que havia estado subindo desde o subterrâneo.

— Você já o viu? — ela perguntou. — O Doutor Minnericht, quero dizer?

— Não, madame — Squiddy lhe disse, mas não olhou para ela.

— Sério? É mesmo?

Ele segurou a porta para ela, e ela emergiu em um ponto que ainda ficava no subterrâneo, mas com um perigoso toldo de pedaços de rua quebrada pendendo direto sobre suas cabeças. O fraco sol da tarde caía recortando suas bordas para iluminar o poço.

Ele disse: — Sim, é sério. Por que não seria?

— E só que você disse que ele lhe deu o capacete. E ouvi você dizer que devia a ele dinheiro às vezes, é só isso. Achei que talvez você o tivesse visto.

Só estou curiosa. Queria saber como ele era. — Ela imaginou que ele havia ouvido os rumores (ao que parecia, todos haviam ouvido) e já que Squiddy não sabia de suas conversas com Swakhammer e Lucy, ele não saberia que ela já havia se decidido quanto ao misterioso doutor.

Seu guia se apressou atrás dela e deixou a porta cair. Quando ela fechou, ficou praticamente impossível detectá-la; seu exterior havia sido coberto por detritos, e quando ela girou naquelas dobradiças que rangeram feito o coaxar de um sapo, deve ter parecido que a terra estava se abrindo para expulsá-los.

Squiddy finalmente disse: — Eu devi dinheiro a ele uma ou duas vezes, isso é

verdade. Mas na verdade eu devi apenas aos homens dele. Eu costumava andar um pouquinho com eles. Não muito — ele acrescentou rápido. — Nunca trabalhei pra ele propriamente. Mas eu fazia uma tarefa ou outra por um pouco mais de comida ou de whisky.

Ele ficou parado ao lado da porta, com jeito de quem gostaria de coçar a cabeça, se pudesse alcançá-la. — Quando as paredes nos isolaram aqui, não tínhamos ainda tudo planejado. Os primeiros anos foram difíceis. Ah, os tempos hoje são difíceis também. Eu sei. Mas antes você às vezes podia morrer só de respirar. Antes, você lutava com os podres para conseguir fruta podre e carne de rato.

— Você fez o que tinha de fazer. Eu compreendo.

— Ótimo, ótimo. Fico feliz que a senhora seja do tipo compreensivo. — Ele abriu um sorriso cheio de dentes amarelados. — Achei que fosse mesmo.

A senhora vem de uma linhagem das boas.

No começo ela não entendeu o que ele quis dizer, mas depois se lembrou de por que eles a haviam aceito tão rapidamente. — Bem — ela disse, porque não tinha certeza do que mais dizer. Havia passado vinte anos tentando provar que não era igual ao pai, e agora tinha que agradecer à reputação dele por sua própria segurança num lugar muito estranho. Ela se perguntou o que ele teria achado se soubesse disso. Em particular, ela suspeitava que ele teria ficado chocado, mas, na verdade, ela já havia se enganado a respeito dele uma ou duas vezes antes.

Então ela falou: — Obrigada por ter me dito isso. — E ela não lhe fez mais nenhuma pergunta. Preferia escutar o silêncio dele do que ouvir suas mentiras.

— Agora me diga, Senhorita Wilkes. Pelo que estamos procurando, precisamente?

— Um sinal — ela disse. — Do meu garoto, quero dizer. Qualquer coisa que demonstre que ele possa ter estado aqui.

— Como o quê?

Ela pensou a respeito enquanto vasculhava os destroços. Pedaços enormes de passarelas de madeira pendiam sobre as beiras das ruas estilhaçadas, e lascas choviam em cima de seu chapéu. Não havia vento, e não havia som. Era como ficar embaixo d'água em um lago estagnado. Ao redor deles o ar amarelo sujo pendia paralisado. A qualquer momento, Briar pensou, o mundo poderia congelar e ela ficaria ali, aprisionada em âmbar.

Ela disse: — Como qualquer coisa diferente da última vez em que você esteve aqui. Como pegadas, ou... ou coisas assim. Não sei. Me fale do que estou vendo,

você pode fazer isso, por favor? Não estou entendendo. Onde estamos, exatamente?

— Aqui é onde a Boneshaker cortou por baixo da rua. A rua desabou. Estamos em pé em cima dela agora, mas lá em cima — ele apontou para o teto quebrado em ziguezague acima — fica o resto da rua. E as calçadas. E o que mais estivesse lá em cima dezesseis anos atrás.

— Fantástico — ela disse. — Está escuro aqui embaixo. Não consigo ver nada.

— Me desculpe. Eu não trouxe lampião.

— Não peça desculpas — ela lhe disse. Foi andando cuidadosamente ao redor de um ponto que parecia ser a parte de trás, ou a beirada, ou um canto distante do poço. Bem à frente dela, um abismo negro se abriu na forma de um círculo esmagado, e desapareceu mais no fundo da terra. Além de um ou dois metros, ela não conseguia ver nada de para onde ele poderia ir ou o que poderia conter.

Ela gritou para dentro dele. — Alô? — Mas não usou sua voz mais alta, e teria ficado chocada se recebesse uma resposta.

Não houve nenhuma.

— Podemos subir até o nível da rua, se a senhora quiser. Por aqui — disse Squiddy. Ele a conduziu até uma marquise íngreme e apontou para as tábuas e tijolos que haviam sido agrupados e empilhados juntos. — É uma bela subida, mas não é ruim. A senhora pode ver melhor de lá de cima.

— Está certo. Eu sigo você.

Ele escalou a encosta com facilidade, subindo como um homem com metade de sua idade, até chegar ao topo e se endireitar, iluminado por trás contra a beira do buraco. Briar apareceu por trás dele e pegou sua mão quando ele a ofereceu. Ele a puxou sobre a beira e sorriu dentro da máscara de seu capacete. — E bonito, não é?

— É sim.

Se tivessem lhe pedido dez palavras para descrever a cena diante de seus olhos, "bonito" não teria nem chegado perto.

Se ela não soubesse, poderia ter imaginado que aquele lugar havia sido palco de uma guerra em outros tempos; poderia ter suposto que um terrível flagelo ou explosão havia destruído toda a paisagem. Onde antes existiram majestosas estruturas que continham dinheiro e o corre-corre de clientes, agora existia somente uma grande ferida aberta no chão. A ferida havia ficado irregular ao longo de suas bordas imensas, e estava começando a ficar cheia de entulho.

Em um dos pontos parecia haver uma pilha de pedregulhos arredondados do

tipo seixo de rio. Um olhar mais próximo revelou que eram crânios, cinzentos e cobertos por uma crosta de sujeira. Eles haviam rolado para longe de seus corpos esquecidos e caído dentro de uma trincheira rasa.

Briar lutou para respirar. Foi difícil, como ela deveria ter esperado pelo aviso de Squiddy quanto ao ar. Mas foi uma luta verdadeira e renhida para inspirar um bocado de cada vez através dos filtros, que trabalhavam até o limite contra as impurezas que vinham. Era como respirar dentro de um colchão de penas.

E como ela ia poder descobrir algum dia se seu filho havia passado por aquele lugar?

Olhou para o poço e não conseguiu ver o menor sinal de uma trilha — nem mesmo a que ela havia tão recentemente usado. O terreno era inadequado para manter pegadas. Um elefante poderia ter passado pelos escombros e não teria deixado uma marca.

Uma onda de desesperança tomou conta dela, e ela trincou os dentes, encolhendo-se e abraçando o próprio corpo só de pensar nas possibilidades negativas. Suas idéias haviam se acabado. Ela não poderia discernir se um exército de Zekes havia passado por ali. Ela teve de se conter muito para não jurar para si mesma que não, ele não devia estar dentro daquele túnel de bordas grandes como o teto de uma casa. Não, ele não podia estar deitado sufocando ou se contorcendo no fundo de um buraco que o pai de Zeke havia escavado antes de ele nascer. Não, não importava que ele não pudesse ter sabido nada a respeito do ar naquele lugar. Não, não e não.

— Ele não está aqui — ela disse, e as palavras ecoaram dentro de sua máscara.

— Isso é bom, não é? — perguntou Squiddy. As sobrancelhas fofas dele se mexeram por trás da placa de vidro. — A senhora não ia querer encontrar ele aqui, não mesmo.

— Suponho que não — ela disse.

— A gente podia voltar com um lampião, amanhã cedo. A gente podia olhar dentro do túnel. A senhora não teria que se arrastar muito nem nada. Se ele entrou ali dentro, não foi longe.

Ela disse numa voz aguda, quase um guincho: — Talvez. Sim. Não sei. Talvez. Está ficando escuro. — Ela acrescentou a observação porque não conseguia se convencer a escolher uma resposta. — Que horas são?

— Está sempre ficando escuro aqui — ele concordou. — Eu não sei que horas são. Está chegando a hora do almoço, é tudo o que eu sei. O que a senhora quer fazer agora?

Ela também não tinha resposta para isso. Então tentou: — Você tem alguma ideia? Alguma sugestão de onde a gente possa procurar? Existe algum outro lugar seguro, ou lugar limpo para se respirar aqui por perto?

A cabeça supercrescida de Squiddy girou para um lado e para outro enquanto ele inspecionava a área em busca de sugestões. — Sou obrigado a lhe dizer que não, Senhorita Wilkes. Não existe lugar onde a respiração seja boa até se chegar onde os chineses ficam à noite. Eles vivem perto dos velhos quarteirões deles, naquela direção — apontou.

— E o Doutor Minnericht?

— Para lá — ele apontou a noventa graus de distância do seu primeiro gesto. — Mais ou menos a mesma distância. O lugar mais próximo pra se sair e se conseguir algum ar é mesmo o lugar de onde a gente veio, e não acho que ninguém conseguiria encontrar ele, só se soubesse que ele está ali.

No poço, Briar mal conseguia ver o lugar de onde eles haviam vindo. — Tenho certeza de que você tem razão — disse ela. E ela estava feliz por ele não poder ver seu rosto tão bem quanto ela podia ver o dele.

Enquanto o céu branco-acinzentado acima deles abaixava suas pálpebras e assumia um tom mais escuro, Briar e Squiddy começaram a descer devagar a encosta e reentraram no túnel abaixo da marquise. A porta foi selada atrás deles com um som de raspagem e sucção, protegendo-os uma vez mais no brilho fraco das máquinas e dos filtros iluminados pelos lampiões.

— Me desculpe mesmo — ele disse a ela, ainda dentro do capacete, porque não haviam atravessado selos suficientes para respirarem com liberdade. — Eu queria que a gente tivesse encontrado algum sinal dele. É uma pena que isso não tenha acontecido.

— Obrigada por ter me trazido até aqui — ela lhe disse. — Você não precisava fazer isso, e eu lhe agradeço. Acho que agora vou encontrar Lucy e ver como ela está. Talvez, se ela ainda quiser, a gente possa ir pegar esse seu doutor.

Squiddy não respondeu de saída, como se estivesse mastigando uma frase antes de cuspi-la. Então falou: — Pode ser uma boa ideia. Sempre existe a chance de que o Doutor Minnericht tenha encontrado seu garoto e o trazido para dentro. Ou talvez um dos seus homens. Ele tem gente em tudo quanto é lugar.

A garganta de Briar travou como se alguém a tivesse agarrado pelo pescoço. Esse pensamento já tinha lhe ocorrido, e muito embora ela estivesse firmemente, totalmente, completamente certa de que o doutor não era seu ex-marido... isso ainda fazia seu estômago dar voltas. Se ela tinha alguma coisa pelo que agradecer, era o fato de que Zeke jamais havia encontrado seu pai; e ela não

tinha intenção de deixar que um fingidor tentasse ocupar esse papel.

Mas em vez de gritar isso tudo através de sua máscara, o que ela queria desesperadamente fazer, ela pigarreou e disse: — Ele tem gente que trabalha para ele, não é? Esse doutor? Já ouvi falarem neles, mas não vi nenhum sinal deles ainda.

— Bom, eles não usam uniformes nem nada — disse Squiddy. — Mas a senhora consegue descobrir direitinho quem são eles no meio de uma multidão. Eles geralmente são aeronautas em terra, ou comerciantes que vêm e vão. Uns deles são químicos que trabalham com o doutor. Ele está sempre procurando novas maneiras de fazer a seiva, ou de torná-la mais fácil de fazer.

Às vezes eles são bandidões velhos que vêm de fora das muralhas, e às vezes são só viciados em seiva que ficam aqui por perto, fazendo uma tarefa ou outra, ou fazem favores. Ele tem um pequeno exército aqui embaixo, se a senhora quer saber a verdade. Mas nunca é o mesmo exército duas vezes.

— Parece que as pessoas vão e vêm um bocado. Parece que ele não é um homem fácil de se trabalhar.

— E não é que é verdade? — ele resmungou. Então falou: — Ou pelo menos foi o que eu ouvi. Mas a senhora é nova aqui no Interior, e não está dando problema. A senhora só está procurando seu garoto, é só, e acho que ele não vai criar nenhum problema para a senhora. Ele é um homem de negócios, sabia? Seria ruim para os negócios, eu acho, se ele fizesse algum mal para a senhora. O tipo de sujeito que trabalha pra ele, eles têm muito respeito para memória do seu pai.

Ela passou à frente dele e passou a liderar o caminho. Sem se virar para olhá-lo nos olhos, ela disse: — Pelo que tenho ouvido, não é sempre o caso. Ouvi dizer que o doutor não liga muito para a paz, e talvez possa não ligar muito para mim.

— Talvez — ele admitiu. — Mas pelo que tenho visto, a senhora é uma dama que sabe cuidar de si mesma. Eu não me preocuparia tanto assim.

— Não? — O Spencer batia nas costas dela de modo ritmado.

— Não. Se ele não quer nada da senhora, e é provável que não queira, ele vai deixar a senhora em paz.

E o problema era esse, não era? Ele poderia querer alguma coisa dela. Só os céus sabiam o quê, mas se ele sabia que ela estava na cidade e tinha uma reputação a proteger, ela podia ter um novo inimigo favorito. Ela estava lívida de raiva dentro da máscara até passar pelo selo seguinte e ouvir os sons de sucção, exalação e esmagamento dos foles que conduziam o ar pelos túneis.

— Eu vou tirar isto aqui agora — ela disse.

— Agora que a senhora falou, acho que vou tirar a minha também.

Briar tirou o chapéu e arrancou a máscara dos cabelos.

— Mais devagar, meu amor. — Lucy abriu as abas seladas no outro lado do corredor e disse: — Eu não ficaria tão confortável ainda se fosse você. Não se quisesse conhecer o bom doutor.

— Madame — Squiddy a cumprimentou inclinando o capacete. Tirou sua própria máscara e falou: — Espero que a senhora não esteja falando comigo. Acho que para mim a superfície já chega por hoje. Fica mais difícil respirar a cada vez que ponho minha cabeça lá em cima.

— Não, Squiddy, não estou falando com você. Mas fico feliz por ter pegado vocês dois. Achei que vocês poderiam estar de volta a esta altura. Se não se importa que eu diga, Senhorita Wilkes, você está com cara feia mas não de tristeza. Não encontrou nada, encontrou?

Briar balançou a cabeça, depois esticou o pescoço para estalar as vértebras. — Não, não encontramos nada. Não procuramos muito, mas não havia muito para ver.

— Deus te ouça — ela disse. — Lá fora parece que houve uma explosão, e nunca fica melhor, porque, falando sério... quem se daria ao trabalho de consertar? Temos coisas melhores a fazer aqui embaixo, e certamente não temos os filtros nem a mão de obra para isso. Então todos aqueles destroços, e todos aqueles edifícios velhos tombados e afundados vão ficando lá e se desfazendo.

— Não há nada a se fazer a respeito — disse Briar. — Mas eu estou um pouco surpresa por ver você aqui fora assim.

— Meu braço voltou a dar problema. Os tubos temporários que Huey usou pra consertá-lo são mais temporários do que eu esperava. Estou com uma tipoia aqui pra amarrá-lo e segurá-lo. — Ela levou um momento desconfortável para conseguir dizer o resto. — A verdade é que eu não consigo viver realmente bem sem pelo menos um braço bom. E não queria fazer você me levar lá fora, eu não faria isso, e se você não quiser ir, eu seria a última pessoa viva a insistir nisso. Mas desde que conversamos esta manhã, pensei que talvez...

— Sim, isso é ótimo. Não me importo, e agora que você me deixou toda curiosa quanto ao homem, eu bem que podia ir lá vê-lo por mim mesma. — Ela deu um soquinho no interior da máscara para ajeitá-la novamente. — Se estou parecendo surpresa, é só porque está ficando escuro lá fora, e achei que todo mundo tentava ficar no subterrâneo quando o sol se põe.

Squiddy respondeu antes de Lucy. Ele disse: — Ah, chegar à Rua do Rei a partir daqui é rente que nem pão quente, e a senhora nem vai precisar ir até as ruas. Lucy, isso aí na sua mochila é um par de lampiões?

Ele indicou o saco bojudo de lona que ela usava com uma alça atravessada no ombro e no braço.

— Eu trouxe dois sim, e óleo extra por via das dúvidas.

Briar perguntou: — Mas luzes não são uma péssima idéia? Nós vamos atrair os podres, não vamos?

Lucy disse: — E daí? Nós vamos estar bem longe do alcance deles. E, de qualquer maneira, você não vai querer chegar perto do doutor de mansinho. O melhor a fazer é chegar fazendo muito barulho e com muita luz, e não deixar ele pensar que você está tentando se esconder. Foi por isso que eu vim atrás de você, torcendo pra te pegar. O caminho mais curto, mais alto e mais iluminado até Minnericht é outro túnel ao sul daqui, e não fazia sentido fazer você voltar.

Muito embora Briar estivesse tecnicamente disposta, sua motivação começou a murchar. — Mas não está ficando tarde?

— Tarde? Não, só parece que está. É apenas a época do ano, e a sombra das muralhas, e a espessura da Praga. Ela faz você sentir que o sol nunca aparece direito, então fica difícil dizer quando ele está realmente se pondo. — Ela deslocou o peso do ombro, e a sacola parou contra a curva de sua cintura. — Escuta, meu amor, se você não quiser fazer isso, tudo bem. Eu volto e pego o Jeremiah, e ele pode me escoltar de manhã. Eu tenho pressa, mas não é uma pressa assim tão grande que eu não consiga sobreviver mais uma noite com uma mão funcionando pela metade. Tudo bem se você preferir ainda não se expor.

A culpa levou a melhor sobre o nervosismo, e quando Briar parou para pensar que talvez Minnericht pudesse levá-la a Zeke, ela não tinha escolha a não ser dizer: — Não, não. Nós vamos esta noite, agora mesmo. Deixe-me só trocar estes filtros. Eles não eram muito novos, mas não levaram muito tempo para encher lá fora.

— Ah, meu Deus, é mesmo. Espero que Squiddy tenha avisado a você sobre isso.

Enquanto Briar desaparafusava os filtros e os substituía por novos que estavam em sua bolsa, ela falou: — Avisou sim. Ele foi um guia excelente, e gostei muito da companhia dele.

— Lamento não termos encontrado nada sobre seu garoto — ele disse mais uma vez.

— Mas não é sua culpa, e valeu a pena tentar, não valeu? E agora eu não tenho mais pistas a seguir exceto esse Minnericht. — Ela tampou o filtro novamente, e ele encaixou no lugar, — Lucy, precisa de ajuda para carregar seus suprimentos?

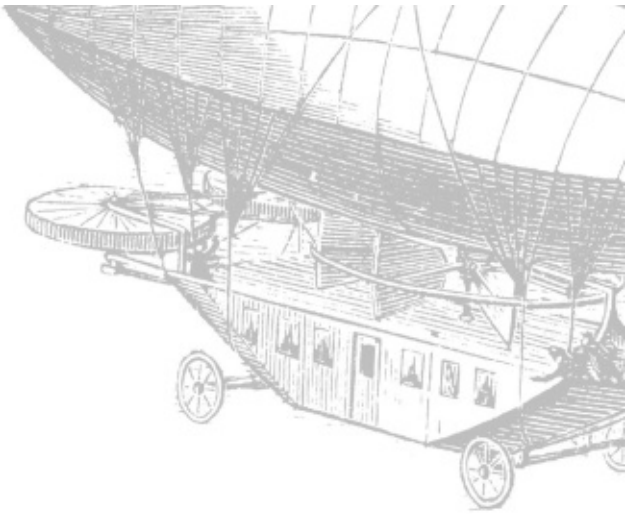
— Não, coração, não preciso. Mas me pergunte de novo daqui a uma hora, e quem sabe a resposta já seja diferente. — Ela estava visivelmente aliviada por estar a caminho, e Briar não se perguntou por quê. Devia ser uma sensação terrivelmente vulnerável ser tão aleijada num lugar tão perigoso.

Squiddy falou: — Se as duas moças estiverem prontas, acho que vou seguir meu caminho. Tem um jogo acontecendo ao lado da sala da fornalha da muralha oeste, e alguns daqueles chineses levam ouro de vez em quando. Posso até não ganhar nenhum, mas eu quero colocar meus olhos nele — abriu um sorriso.

— Ora, então, vá andando, e volte para os Cofres. Nós vamos lá para a casa do doutor, e se tudo correr sem nenhum problema, voltamos lá pela hora de dormir — Lucy jurou.

Squiddy recuou pelo caminho por onde Lucy havia vindo, desaparecendo entre as abas de selamento marrons e disparando de volta para os Cofres.

Juntas, as mulheres ouviram os passos dele desaparecendo aos poucos no túnel.



VINTE E UM

Assim que Squiddy se foi, Lucy se virou para Briar e disse: — Você está A pronta? — Estou pronta — ela prometeu. — Indique o caminho.

Na frente dela, Lucy pelejava com o braço para fazer com que sua máscara ficasse no lugar. Briar ofereceu: — Posso te ajudar com isso?

— Talvez seja uma boa ideia.

Briar ajustou a máscara da outra mulher até que ela se ajustou com firmeza e a afivelou atrás das orelhas dela. Reparou que Lucy havia trocado o modelo de uma hora que tinha exibido antes por uma máscara mais substancial. — Não está prendendo no seu cabelo, está?

— Não, coração, está ótimo. É obrigada. — Ela deu um sorriso corajoso, endireitou a coluna e disse: — Agora está na hora de irmos em frente. Posso precisar que você abra uma ou duas portas, e o caminho é largo o bastante para podermos andar lado a lado a maior parte, então seria melhor se você pudesse ficar perto de mim.

— Quanto vamos ter que andar?

— Não vai chegar a dois quilômetros, acredito eu... mas é difícil dizer quando a gente sobe escadas e desce corredores. Parece o dobro, juro.

E Lucy não estava brincando. Ela não conseguia segurar um lampião com nenhuma firmeza, então Briar manteve um aceso e seguro bem de perto para

ambas poderem enxergar. Descendo um labirinto de túneis, selos e abas, elas chegaram a um lugar que tinha uma escadaria torta e uma porta selada. Briar destravou o negócio e subiu levando a luz, e ficou de olho em Lucy, que ia logo atrás. O braço estava perdendo integridade, e estava ficando mais inútil a cada instante.

Por fim, a pedido de Lucy, Briar segurou o braço com o máximo de firmeza com o qual ele se deixava apanhar. A partir desse ponto ela passou a caminhar na frente quando a passagem era apertada. Assim, elas foram aos pulinhos mais e mais ao sul, até chegarem tão perto da muralha que sua forma cobriu o céu quando emergiram no telhado de um novo edifício.

— O que era este lugar? — perguntou Briar. Não parecia com as outras vistas de telhados que ela tinha visto até o momento; o chão estava coberto por placas de compensado e as bases profundamente enraizadas de postes de metal. No alto, um sistema de trapézios suspendia passarelas que se moviam ao puxar de um cabo.

— Este lugar? Ah, não sei. Acho que um dia foi um hotel. Hoje é... bom, é quase tipo uma estação de trem. Não estou dizendo que exista algum trem, porque obviamente não existe nenhum, mas...

— Mas é uma conexão — supôs Briar.

Ela recuou alguns passos de uma placa de madeira pregada do tamanho de um vagão e levantou bem o lampião para poder ler melhor a mensagem escrita nela em tinta vermelha. Era uma lista de instruções e setas, quase como uma bússola estacionária.

— Vê? — disse Lucy, apontando para ela. — Nós queremos ir até a Rua do Rei. Aquela seta ali ao lado dela, que diz a você que passarela você precisa puxar.

— Ali, à direita?

— Ahã. Ao lado dela, está vendo? Tem uma alavanca. Dê um bom puxão nela.

Briar puxou com força uma alavanca que um dia fora um cabo de vas-soura; ela tinha uma ponta pintada de verde que combinava com a seta que apontava para ela, o que ela achou que era um belo toque. Em algum lugar lá em cima, o som plangente de uma corrente deslizante foi acompanhado pelos protestos rangentes de metal enferrujado. Uma sombra aguçada disparou por cima de suas cabeças e balançou, depois parou, depois abaixou, e por trás da sombra apareceu uma plataforma de madeira coberta de piche.

— Não é muito pegajoso não — Lucy disse antes que Briar tivesse uma chance

de perguntar. — O alcatrão evita que a madeira caia aqui por causa da umidade e da Praga; mas costuma ficar muito empoeirada com serragem. Sobe. É mais resistente do que parece.

A plataforma era cercada pelos quatro lados por uma grade que se abria pela frente e por trás, e ela agora repousava em um trilho que parecia resistente o bastante para suportar uma manada de bois.

— Vá em frente — Lucy disse a ela. — Entre no elevador. Ele aguenta nós duas e mais um pouco.

Briar aceitou a sugestão e Lucy subiu atrás dela, balançando com uma falta de equilíbrio até que Briar a ajudou a se firmar. — Vamos seguir ao longo disto aqui?

— Isso mesmo — ela disse.

A passarela desapareceu em outra confusão de plataformas, elevadores e outros aparelhos feitos para moverem pessoas. Ela acabou terminando em um cruzamento, e Lucy apontou a seta verde que apontava para um caminho que começava com quatro tábuas verdes. Seus olhos iam e vinham dentro da máscara e ela disse, mais baixo: — Não olhe agora, mas não estamos sozinhas.

Lá em cima no teto, à direita; e lá embaixo na janela, à esquerda.

Briar manteve a cabeça parada, mas seguiu as direções verbais. Lucy tinha razão. Acima delas no telhado seguinte, um sujeito mascarado com uma arma comprida estava encostado num canto e observava a aproximação das mulheres. Abaixo delas, uma janela de vidro sem rachaduras estava escurecida com a silhueta de um homem com o rosto coberto e um chapéu, também armado, e também se escondendo abertamente — não se importando muito se havia alguém o observando.

— Guardas? — perguntou Briar.

— Não fique nervosa demais com eles. Estamos subindo da maneira certa, abertamente e fazendo muito barulho. Eles não vão nos incomodar.

— Mas eles estão à procura de recém-chegados, não estão?

— Recém-chegados e podres, e clientes insatisfeitos — disse Lucy.

Briar ressaltou: — Eu sou uma recém-chegada.

— Claro. Mas eles me conhecem.

— Talvez eu devesse perguntar a eles... — ela começou a dizer.

Lucy interrompeu. — Perguntar a eles o quê?

— Perguntar a eles sobre Zeke. Eles são vigias, não são. Talvez tenham visto

meu filho enquanto estavam vigiando as ruas.

A barwoman balançou a cabeça. — Ainda não. Estes homens não. Eles não vão falar com você, mesmo que pudessem. Eles são só mercenários, a maioria deles. E não são amigáveis. Deixe eles pra lá. — Ela abaixou a voz novamente e marchou direto em frente, atrás de Briar.

Briar vislumbrou um terceiro homem armado em outro telhado próximo, e depois um quarto. Perguntou: — Tem sempre assim tantos deles?

Lucy estava procurando outra direção, pois já havia avistado um quinto. -

Às vezes — ela disse, mas não parecia convencida por sua própria afirmação.

— Isso parece mesmo um bocado para simples boas-vindas. O que será que está acontecendo?

Briar não achou isso particularmente reconfortante, mas ela se recusou terminantemente a segurar sua arma com mais força ou a caminhar mais rápido ao longo dos corredores com armação de canos e madeira que a sustentavam sobre as ruas envenenadas pela Praga. — Pelo menos ninguém está apontando para nós — ela disse.

— É verdade. Talvez eles tenham tido algum problema. Talvez estejam procurando outra pessoa. Querida, pode me fazer um favor?

— Diga.

— Fique um pouquinho mais perto de mim. Esta parte está irregular, e é difícil pra mim me endireitar sem meu braço.

Briar deslocou o ombro, girando a bolsa e a arma até elas ficarem posicionadas de um jeito que não batessem na cara de Lucy; então enlaçou a outra mulher com um braço e ajudou-a a caminhar pelas vigas tortas. No fim do caminho ela puxou mais uma alavanca, e outro elevador despencou para encontrar com elas.

Lucy disse: — Este é o último. Ele vai nos levar pra baixo, pro porão. Você consegue ver a estação lá embaixo?

Briar forçou a vista e achou que conseguia espiar um ponto escuro e um círculo atravessado por duas linhas por entre os lençóis flutuantes de ar coagulado. — Lá adiante?

— Isso mesmo. Aquela ali é a torre do relógio. Eles tinham acabado de erguer ela quando a Praga atingiu todos nós. Este lugar bem aqui — ela disse enquanto os mecanismos e engrenagens que seguravam a plataforma no alto deram um tranco e começavam a abaixar — foi feito para ser uma garagem onde os vagões dos trens seriam armazenados quando ninguém precisasse deles. Ele foi transformado numa espécie de saguão.

— Um saguão?

— Sim. Pense nisto como um hotel. É bem bonito lá dentro — disse Lucy. — Mais bonito do que os Cofres, pelo menos. Até aqui embaixo, o dinheiro fala mais alto... e Minnericht é tão rico quanto possível.

Um nível de cada vez, o elevador improvisado foi descendo as mulheres.

Através do esqueleto da imensa estação natimorta, seus estômagos começaram a apostar corrida com elas para ver quem chegava antes ao fundo; e no fundo as portas se abriram para um vazio ainda mais surpreendente: mais lembretes vazios de que não existiam trens, nem bilhetes, nem clientes. Aquele era um lugar que jamais fora novo, e que agora parecia mais antigo do que as asas de moscas aprisionadas em âmbar sujo.

Uma nuvem de poeira acompanhou o pouso do elevador.

Briar espirrou, e Lucy levantou o braço para limpar o nariz na manga da camisa, mas a máscara a impediu de fazer isso com sucesso. — Vamos, querida — ela disse. — Não estamos muito longe, e quanto mais fundo formos, mais confortável a estação fica.

— Há quanto tempo ele vive aqui? — Briar perguntou enquanto seguia Lucy para fora do elevador.

— Ah, não sei. Dez anos, talvez? Ele teve muito tempo para arrumar o lugar ao seu gosto, com certeza.

Elas caminharam sobre um piso de pedra simples, sem nenhum brilho ou cerâmicas, e seus passos deixavam um eco no aposento que servia de anúncio à sua chegada. O espaço vasto e vazio terminava em um par de portas vermelhas que estavam seladas com abas pretas lisas. Briar tocou uma das abas e olhou para ela mais de perto. Ela parecia mais limpa e mais bem fabricada do que os selos apressadamente improvisados dos outros lugares.

— Como entramos? Precisamos bater de um jeito especial, ou tocar um sino? — perguntou Briar, reparando que a porta não tinha maçanetas nem travas externas.

Lucy falou: — Me ajude a puxar o braço pra fora desta tipóia, sim?

Briar ajudou-a a se soltar, e então Lucy girou o braço três vezes contra a porta mais à direita. O som foi um clangor agudo. O som de metal contra metal.

— As portas...

— Aço, eu acho. Alguém me contou que ele mandou fazer elas da porta de um carro de trem. Mas outra pessoa me disse que ele as arrancou da entrada, então não sei onde ele as conseguiu mesmo.

— E elas são só para nos deixar entrar?

Lucy deu de ombros, e seu braço quase inteiramente murcho bateu contra a barriga. — Podres não batem. Os outros acham que podem dar um jeito.

— Maravilhoso — resmungou Briar, e num instante o som brusco e agudo da abertura de mecanismos internos revelou que elas haviam sido ouvidas.

A porta levou meio minuto para abrir, enquanto barras e fechaduras eram torcidas, levantadas e afastadas; e então veio o gemido de dobradiças infelizes quando o portal se abriu em dois. Atrás dele, um homem magro com uma máscara grande demais olhava com ar desconfiado para a área que Lucy havia chamado de "saguão". Um sujeito de altura mediana, ele estava vestido como um cowboy, com calças de brim, camisa abotoada e um par de cinturões com armas pendurados um sobre o outro na cintura. Atravessando o peito, mais um cinturão exibia uma arma, uma coisa grande como o Spencer de Briar. Ele era mais jovem do que a maior parte das outras pessoas que ela já tinha visto dentro das muralhas da cidade, mas não era tão jovem quanto seu filho. Ele poderia ter até trinta anos, mas era difícil dizer.

— Olá, Richard — disse Lucy.

Se ele franziu a testa ou sorriu para retribuir o cumprimento, Briar não conseguiu ver através da máscara dele. Ele disse: — Senhorita Lucy. Algo errado com o braço?

—— E isso mesmo — ela lhe disse.

Ele deu a Briar um olhar franco de avaliação e disse: — Como foi que sua amiga entrou na cidade?

Lucy franziu a testa. — O que é que isso tem a ver?

— Talvez nada. Como ela entrou?

— Sabe, eu estou parada bem aqui. Você poderia me perguntar — Briar disse irritada. — O fato é que eu me joguei da Naamah Darling. O Capitão Cly foi gentil o bastante para me dar uma carona.

Lucy ficou bem quieta, como uma presa com medo de ter sido avistada.

Então acrescentou devagar: — Ela está aqui desde ontem. Eu ia trazer ela antes, mas a gente teve problema com os podres. E, de qualquer maneira, ela está aqui agora.

Briar tinha suposto que havia se passado mais tempo, mas quando parou para pensar, percebeu que só estava na cidade havia uma noite e quase dois dias inteiros. Ela disse, antes que ele pudesse perguntar: — Estou procurando meu filho. Ele teria entrado aqui há dois dias. É uma longa história.

Ele olhou para ela sem piscar, por um momento longo demais. — Aposto que sim. — Depois de lhe dar mais um longo olhar, ele disse: — Acho que é melhor vocês entrarem. — Ele virou de costas para conduzir Briar e Lucy para dentro e elas o acompanharam.

As portas vermelhas duplas sugaram uma rajada de ar ao se fecharem.

— Por aqui — disse Richard. Ele as levou por um aposento estreito que era pouco mais largo que um corredor. As paredes eram coalhadas de lampiões a gás que pareciam ter vindo de navios. Elas lembravam a Briar as luzes da Naamah Darling, e ela achou que se tocasse nelas, poderiam balançar em seus braços suspensos.

Eles caminharam em silêncio por tanto tempo que Briar deu um pulo quando Richard voltou a falar: — Acho que você está sendo esperada — ele disse.

Briar não conseguiu decidir se essa revelação lhe dava esperança ou a fazia passar mal. — Perdão? — ela perguntou, esperando um esclarecimento.

Ele não ofereceu nenhum. — Senhorita Lucy, a senhorita estragou sua mão batendo em Willard de novo?

Ela riu, mas parecia mais nervosa do que feliz. — Não, e aquilo foi só uma vez. Ele não costuma causar problema. Foi só daquela vez... — Sua voz evaporou, e depois voltou. — Não, isto aqui foi um bando de podres. Tivemos uns problemas na casa de Maynard.

Briar se perguntou se Richard já sabia desse problema, ou se ele poderia estar envolvido nisso. O homem não respondeu, e Lucy não tentou conversar mais; e em pouco tempo o salão esticado terminou num conjunto de cortinas feito da mesma borracha preta, mas pendurada como se fossem tecidos.

Richard disse: — Podem tirar as máscaras agora se quiserem. O ar é bom aqui. — Ele arrancou a dele e a enfiou embaixo do braço, exibindo um nariz achatado repleto de cicatrizes — e duas bochechas vazias tão fundas que podiam abrigar uma ameixa inteira dentro de cada uma.

Briar ajudou Lucy primeiro, guardando a máscara da barwoman dentro de sua tipoia. Depois também tirou a sua própria, e a meteu em sua bolsa. — A hora que quiser, estou pronta — ela anunciou.

— Então vamos. — Ele empurrou a aba para o lado e quase cegou Briar com a luz atrás do véu.

— Eu devia ter avisado você — Lucy disse, apertando os olhos. — O

Doutor Minnericht tem um negócio com luzes. Ele adora elas, e gosta de fabricá-las. Ele vem trabalhando na fabricação de lampiões que funcionam a

eletricidade ou a gás, e não só a óleo. E é aqui que ele os testa.

Briar deixou os olhos se adaptarem e deu uma olhada ao redor. Lampiões de todos os tamanhos e tipos ardiam ao redor do aposento em cima de pilastras e postes. Estavam amarrados às paredes e uns aos outros, e agrupados em bandos. Uns funcionavam com uma fonte de alimentação óbvia, e suas chamas cítricas lançavam um brilho tradicional; mas outras transmitiam raios feitos de matéria mais estranha. Aqui e ali um lampião brilhava azul e branco, ou criava um halo esverdeado.

— Eu vou dizer a ele que as senhoras estão aqui. Senhorita Lucy, a senhora e sua amiga desejam aguardar no carro?

— Claro — disse ela.

— A senhora conhece o caminho.

E ele sumiu, desapareceu virando uma curva. O abrir e fechar de uma porta disse que ele iria para um tanto longe, então Briar se virou para Lucy e perguntou: — Que carro?

— Ele está falando do velho carro do trem. Ou de um deles em particular. Minnericht limpou eles, e coloca móveis neles ou usa eles para armazenamento, ou para trabalhar. Alguns deles ele transforma em quartinhos de hotel, aqui embaixo da rua.

Briar perguntou: — Como ele colocou os vagões embaixo da rua? E o que é que eles estavam fazendo aqui, já que a estação não havia sido terminada quando as muralhas foram erguidas?

Lucy passou por uma fileira de candelabros que estavam certamente esperando para colocar o lugar em chamas. Ela disse: — Nós tínhamos trens indo e vindo antes que toda a estação estivesse acabada. Acho que vários dos carros caíram aqui durante o terremoto. Mas não sei dizer ao certo. Diabo, talvez ele próprio tenha arrastado eles pra cá, ou pago a alguém pra fazer isso. Coração, você pode abrir aquela porta pra mim?

Briar desceu uma trava, e outro par de portas se abriu. Para além delas nada havia a não ser a escuridão, ou era o que parecia depois do brilho de sol de meio-dia do salão iluminado. Mas lamparinas cobertas por vidros tremeluziam insistentemente na escuridão opaca, e folhas reluzentes de metal azinabrado lançavam pálidos vestígios de luz contra as paredes e o teto Quando Briar levantou a cabeça, ela viu muita coisa acima dela, e perto demais.

Lucy a viu olhando. — Não se preocupe com isso. Eu sei que parece um desmoronamento, e é. Mas aconteceu há muito tempo, e não se moveu nem um

pouco a mais desde então. Ele escorou tudo, e reforçou os vagões embaixo.

— Então estes carros estão enterrados?

— Alguns deles. Aqui. Escute, querida. Este é o carro em que ele recebe visitas. Este é o em que ele me deixa encontrá-lo, pelo menos. Talvez a gente faça isso aqui porque é aqui que ele guarda as ferramentas extras dele... não sei. Mas é para este aqui que estamos indo.

Ela inclinou a cabeça na direção de uma porta pela qual Briar quase havia passado direto, pois estava obscurecida por entulho e poeira. Uma ponte de trilhos ferroviários a emoldurava como um arco, e ao lado dessa porta havia duas outras, uma de cada lado.

— A do meio — disse Lucy.

Briar entendeu isso como uma dica para abrir a porta. Ela parecia uma coisa tão frágil, depois de todos os portais tão reforçados pelos quais havia passado recentemente. A trava era simplesmente uma barrinha que cabia na palma de sua mão. Ela a segurou suavemente, com medo de quebrá-la.

Ela fez um clique e a porta se abriu para fora.

Ela a manteve aberta enquanto Lucy entrava; do lado de dentro, mas lampiões tremeluzentes iluminavam uma fileira impressionante de badulaques, ferramentas e dispositivos sortidos cuja função Briar não conseguia sequer adivinhar. Os bancos internos haviam sido removidos, embora uns poucos tivessem sido reposicionados para se alinharem contra a parede do outro lado ao invés de ocuparem espaço em fileiras. No centro, correndo no sentido longitudinal do vagão, uma mesa comprida estava quase totalmente soterrada pelos artigos bizarros que estavam empilhados em cima dela.

— O que é tudo isto? — ela perguntou.

— São... é... São ferramentas, é só. Isto aqui é uma oficina — ela terminou, como se isso explicasse tudo.

Briar ficou examinando as margens das pilhas, passando os dedos por tubos, canos e chaves de boca de tamanhos tão esquisitos que ela não conseguia imaginar que porcas elas poderiam girar. Empilhados ao longo das margens externas do aposento, mais equipamentos haviam sido abandonados ou armazenados, e nenhum deles parecia servir para algo mais útil do que emitir sons de apitos ou de carrilhões. Mas não havia relógios, apenas peças de relógios e ponteiros; e ela não viu nenhuma arma, apenas instrumentos pontiagudos e lâmpadas com fios minúsculos correndo através deles como veias.

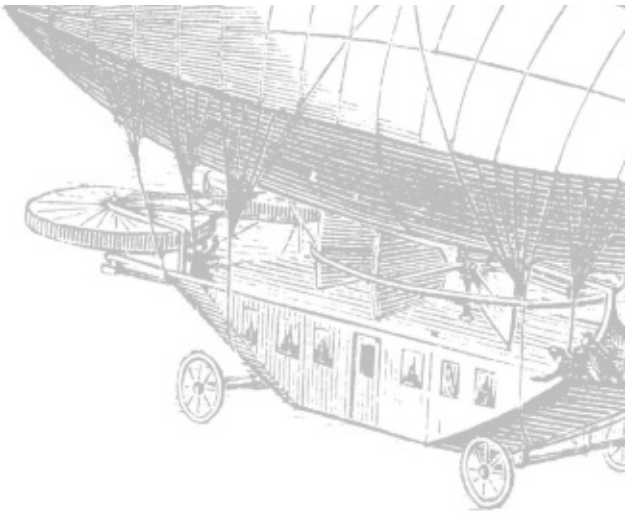
O ritmo inconfundível de pés que chegavam começou a se filtrar para dentro,

passando pela fina barreira da porta dentada do velho trem.

— Ele está chegando — Lucy disse baixinho. Uma expressão de pânico atravessou seu rosto, e seu braço defeituoso começou a tremer no seu colo.

Ela disse rápido: — Me desculpe. Não sei se esta foi a coisa certa a fazer, mas caso não tenha sido, então me desculpe mesmo.

E então a porta se abriu.



VINTE E DOIS

Briar conteve a respiração enquanto olhava. A máscara do Doutor Minnericht era tão elaborada quanto a de Jeremiah Swakhammer; mas B ela o fazia parecer menos um animal mecânico do que um cadáver automatizado, com um crânio de aço costurado a partir de canos e válvulas minúsculas. A máscara cobria tudo da coroa de sua cabeça até suas clavículas.

A placa de seu rosto apresentava um par de óculos achatados tingidos com um tom de azul muito escuro, mas iluminados por dentro, de modo a parecer que suas pupilas estavam iluminadas.

Não importava o quanto ela olhasse, não conseguia ver o rosto dele. Ele não era nem baixo nem alto, nem gordo nem magro. Toda a estrutura do seu corpo estava coberta por um casaco em formato de sobretudo, mas feito de veludo marrom escuro.

Fosse ele quem fosse, estava olhando bem para ela. O som da respiração dele que exalava pelos tubos de filtragem soava como um pequeno musical de assovios e engasgos.

— Doutor Minnericht? — disse Lucy. — Obrigada por ter arrumado tempo para me ver. E esta é uma nova amiga. Ela desceu da Naamah Darling, e me ajudou a achar o caminho até o senhor, já que meu braço está me dando trabalho novamente.

Ele disse: — Lamento sobre seu braço — mas não tirou os olhos de Briar. Sua

voz estava alterada como a de Swakhammer quando falava. Mas o som era menos o som de falar por uma lata e mais o tom de um carrilhão soando debaixo d'água.

Ele entrou na oficina iluminada, e Lucy começou a falar nervosa enquanto ele fechava a porta. Ela disse: — O nome dela é Briar, e ela está procurando o filho. Ela estava esperando que talvez você tivesse visto ele ou ouvido falar dele, já que você tem tantos homens na rua, — Ela sabe falar? — ele perguntou quase inocentemente.

— Quando tem vontade — respondeu Briar, mas não disse mais nada.

O doutor não chegou a relaxar, mas assumiu unia postura deliberadamente desleixada dentro de seu casaco enorme. Fez um gesto na direção da mesa, convidando Lucy para se sentar na bancada ao lado dele e colocar seu braço sobre a superfície para que ele pudesse ver. Ele disse: — Não quer se sentar, Senhora O'Gunning?

Atrás da porta havia uma caixa que Briar ainda não tinha visto. O doutor a pegou e se aproximou do local onde Lucy havia ido se sentar. Briar recuou de onde os dois estavam, tateando ao longo das paredes atulhadas de coisas até chegar a um ponto desobstruído ao lado de uma janela.

Era um jogo horrível — ficar imaginando se ele sabia, e ficar imaginando se ele iria dizer alguma coisa. Ela ainda tinha muita certeza, não tinha? Ele não era Leviticus Blue... isso ela podia jurar, e já havia jurado antes, e continuaria jurando; mas não podia negar que ele se movia com uma certa ginga controlada que quase lhe parecia familiar. E quando ele falava, podia haver uma cadência que ela havia ouvido em algum lugar antes.

Minnericht foi afrouxando uma fivela de cada vez da caixa, e então a abriu e acrescentou um par de lentes articuladas à placa facial de sua máscara.

— Deixe-me dar uma olhada nisso — ele disse, como se tivesse a intenção de ignorar Briar totalmente. — O que você fez com ele desta vez?

— Podres — disse Lucy, a voz trêmula.

— Podres? Não me surpreende.

Briar mordeu a língua para não dizer: — Não imaginaria mesmo que surpreendesse, já que você foi o homem que os enviou.

Lucy resmungou: — A gente estava saindo da casa do Maynard e Hank ficou doente. A máscara dele não estava bem presa, e ele se transformou, e a gente teve problemas. Precisei sair na carreira até os Cofres com a Senhorita Briar aqui.

Dentro de sua máscara, ele fez um som de muxoxo que parecia um pai ralhando gentilmente com a filha. — Lucy, Lucy. E sua besta? Quantas vezes eu tenho de lembrar a você: esta é uma peça delicada de maquinário, não um porrete.

— A besta... eu não... não houve muito tempo. No caos, o senhor sabe. A gente perde as coisas.

— Você a perdeu?

— Bom, tenho certeza de que está em algum lugar lá embaixo. Mas quando eu subi à superfície, não estava mais comigo. Eu vou achar depois.

Tenho certeza de que ainda está inteira. — Ela fez uma careta quando ele abriu o painel superior de seu braço e começou a mexer no seu interior com uma chave de fenda fina e comprida.

— Você deixou mais alguém trabalhar nesta articulação — ele disse, e Briar conseguiu ouvir o franzir de testa que não podia ver.

Lucy estava com cara de quem queria sair de perto dele se arrastando de tanta vergonha, mas ficou parada e quase sorriu. — Foi uma emergência. Ele não estava funcionando mais, só fazia dar coices e se contorcer em espasmos, e eu não queria machucar ninguém, então deixei Huey dar uma olhadinha nele.

— Huey — ele repetiu o nome. — Você quer dizer Huojin. Já ouvi falar dele. Ele está desenvolvendo uma reputação e tanto na sua região, ou pelo menos foi o que ouvi falar.

— Ele tem... talento.

Sem levantar a cabeça de seu trabalho, ele falou: — Eu sempre me interesso por talento. Você deveria trazê-lo aqui. Acho que gostaria de conhecê-lo. Mas, puxa vida... olhe só o que ele fez. Do que é feito este tubo, Lucy?

— Eu... eu não sei. — Lucy fechou a boca, mas Minnericht ainda não havia terminado o assunto.

Ele disse: — Ah, eu sei o que ele estava tentando fazer. Claro, ele não tinha como saber que tipo de calor a fricção no interior pode gerar, então não teria como saber que isto não poderia funcionar. Mesmo assim, eu quero conhecê-lo. Acho que seria uma forma justa de ele me pagar de volta, não acha, Lucy?

— Não sei — parecia que ela ia se engasgar. — Não sei se o avô dele vai deixar...

— Então traga o avô dele também. Quanto mais, melhor, como se diz. — Mas para Briar a coisa não parecia nem um pouco melhor; ela queria que o compartimento fosse maior... pelo menos para que pudesse se afastar um pouco da presença do homem.

— Senhorita Briar — ele disse, subitamente dirigindo sua atenção para ela. — Posso solicitar um pequeníssimo favor à senhora?

— Claro, peça — ela disse. Sua garganta estava seca demais para transmitir a mensagem com qualquer grau de frieza.

Ele usou sua chave de fenda para indicar um lugar. — Atrás da senhora, logo ali. Se virar as costas, verá uma caixa. Poderia trazê-la para mim, por favor?

A caixa era mais pesada do que parecia, e ela teria preferido bater na cabeça dele com ela do que entregá-la em suas mãos; mas ela a levantou da mesa e a carregou até ao lado dele. Ali, havia um espaço livre na bancada. Ela a colocou ali e voltou a recuar,

Ele ainda não estava olhando para ela. Disse: — Senhorita Briar, a senhora certamente sabe que por esta máscara eu não consigo mordê-la.

— Eu imaginava que não — disse ela.

— Sou forçado a me perguntar o que a querida Lucy aqui contou a você sobre mim, para colocá-la tão longe da minha pessoa. Não quer se sentar?

— Não quer me dizer se viu meu filho?

A mão dele parou e a chave de fenda ficou paralisada no ar, suspensa em seus dedos. Ele voltou a mergulhá-la, deu uma retorcida e estendeu a mão para apanhar um tubo novo dentro da caixa. — Desculpe. Estávamos falando de seu filho?

— Acredito que ele tenha sido mencionado.

— Eu mencionei que o havia visto?

— Não — admitiu Briar. — Mas não disse que não o viu. Então me perdoe se estou sendo um pouco mais direta.

Minnericht fechou o painel que expunha o interior do braço de Lucy; ela o testou, e seu rosto registrou o mais profundo alívio ao perceber que ele funcionava de todas as maneiras que ela queria. Ela moveu os dedos um a um e os apontou como se estivesse fazendo contas, depois dobrou o pulso para frente, para trás, e da esquerda para a direita.

O doutor deslizou para o lado, girando no quadril para encarar Briar sem deixar de permanecer sentado. — A senhora perguntou aos aeronautas?

O Capitão Cly... ele é o sujeito da Naamah Darling, não é isso mesmo?...

Ele vê e ouve mais do que a maioria dos homens. Talvez seja aquela altura incomum dele.

— Não seja ridículo — disse Briar, e se odiou por ter sido infantilmente

grosseira. Isso não serviria a seus objetivos, e não faria com que ele se comovesse para ajudá-la, mas havia um velho padrão em jogo e ela não conseguia encontrar um caminho diferente. Ela estava zangada, e acima de tudo isso apavorada, e nessas condições ela regredia até se transformar em alguém em quem ela não gostava. — Eu perguntei a ele, e perguntei a todos os outros aeronautas que me deram cinco minutos de seu tempo. Ninguém viu nem sinal dele, o que não é tão maluco, já que ele veio do escoamento de água, e não do céu.

Um tremeluzir das luzes azuis brilhantes e reluzentes atrás da máscara quase implicou o erguer de uma sobrancelha. Ele disse: — Então por que você não fez o mesmo? Certamente isso teria provocado uma... entrada muito menos traumática em nossa bela e infecta cidade.

— O terremoto da outra noite. Ele achatou o túnel e precisei vir por outro caminho. Acredite em mim, cair trezentos metros por um tubo dentro de uma fornalha também não era a ideia que eu tinha de diversão.

— Não chega nem perto de trezentos metros — ele murmurou. — São apenas uns duzentos. Mas é útil saber sobre o túnel de escoamento. Vou precisar mandar consertá-lo, e quanto mais rápido melhor. Fico surpreso que a senhora seja a primeira a dizer algo a respeito. Eu teria achado...

Fosse lá o que ele estivesse preparado para dizer, deixou de lado e disse: — Farei desse conserto uma prioridade. Mas diga-me, Senhorita Briar, como pretendia deixar a cidade? Se sabia que o túnel havia desabado, que tipo de saída havia planejado para ele?

— Onde está meu filho? — ela perguntou seca, mais uma vez forçando aquela mudança brusca de assunto.

A resposta dele saiu lenta e untuosa, de um modo teatral demais para fazer algum sentido. — O que faz a senhora pensar que eu sei?

— Porque se não soubesse, já teria dito a esta altura. E se sabe onde ele está, e está me enrolando tanto assim, então deve desejá-lo para alguma coisa...

— Senhorita Briar — ele interrompeu, com mais volume do que era estritamente necessário. A força de sua voz, carregada de estranhos pesos e sinos de bronze, a silenciou de uma maneira que lhe deu calafrios. Ela não queria obedecê-lo quando ele lhe disse: — Não há necessidade de ser brusca. Podemos falar sobre seu filho se quiser, mas não vou me sujeitar às suas acusações ou exigências. A senhora agora é uma convidada em minha casa. Enquanto agir assim, pode esperar ser tratada de acordo.

A respiração de Lucy estava saindo aos poucos, em rápidas exalações asmáticas

que contavam o tempo como um segundo ponteiro de um relógio de bolso. Ela ainda não havia se levantado de sua cadeira na bancada, e agora parecia positivamente incapaz de fazê-lo. A pele da barwoman estava quase verde de medo, e Briar achou que ela poderia vomitar a qualquer momento.

— Mas ela não fez isso, não naquele momento. Ela se segurou firme e seca, e disse: — Por favor, eu acho... Briar, eu acho... vamos todos ficar calmos. Não há nada para se ficar nervoso. Somos convidadas, é como ele disse.

— Eu o ouvi.

— Então eu peço a você, por mim, que aceite a hospitalidade dele. Ele diz que você pode falar, e ele vai deixar você falar. Só estou pedindo a você...de um jeito maternal, se você não se importar... para ter modos.

Não era nem um pouco maternal, o jeito como ela estava sugerindo contenção. Era a tentativa trêmula de uma criança tentando apaziguar dois pais brigando.

Briar engoliu o resto do que ela ainda tinha a dizer. Ela levou um momento; estava forçando um grande nó de coisas que queria gritar. E então disse, com palavras que havia medido com a precisão de casas de botões: — Eu apreciaria sim a chance de falar com você. Seja aqui em sua casa, como convidada ou em outro lugar, não tenho preferência. Mas eu só vim aqui por uma coisa — não para fazer amizades, ou para ser uma convidada agradável. Eu vim aqui para encontrar meu garoto, e até isso acontecer, você vai ter que me perdoar se minha atenção se desviar para outra coisa que não sejam os meus modos.

As luzes azuis atrás da máscara dele — aqueles pontos brilhantes como chamas que substituíam seus olhos — não piscavam nem se moviam. Ele disse: — Eu entendo, e certamente a perdoo por isso. — E imediatamente depois, um retinir metálico suave soou de dentro de seu coração.

Por um instante irracional e delirante, Briar pensou que aquilo devia ser seu coração, uma coisa esculpida ou montada sem uma alma ou uma gota de sangue; mas ele enfiou a mão em um bolso para retirar um relógio de bolso de ouro, verificou-o e soltou um pequeno grunhido.

— Senhoras, vejo que está ficando tarde. Por favor, permitam que lhes ofereça pouso para a noite. Não serão os Cofres, mas as senhoras poderão achar adequado, não obstante.

— Não! — Lucy disse, rápido demais e alto demais. — Não, não queremos incomodá-lo. Já estamos indo.

Briar argumentou: — Lucy, eu vou ficar até ele me dizer o que sabe sobre Zeke. E vou ficar como convidada, se é o que ele deseja. Se você não quiser, não

precisa — ela acrescentou. Olhou nos olhos de Lucy com o que esperava ser um olhar significativo, e disse baixinho: — Não vou levar para o lado pessoal se você quiser ir para casa, agora que está consertada.

Não foi somente medo que Briar viu no rosto de Lucy. Desconfiança também, e uma curiosidade forte demais para ser dissipada mesmo pelo terror.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha — ela disse. — E, de qualquer maneira, não quero voltar sozinha.

— Mas poderia, se fosse preciso. Fico feliz por sua companhia — disse Briar — mas não vou pedir que fique se não quiser.

Minnericht se levantou da banqueta e voltou a assumir toda a sua altura.

Agora Briar estava mais perto dele, e não conseguia decidir, ou não conseguia se lembrar, se a altura dele era a mesma de Levi... ou se a forma dele era a mesma.

Ele disse: — Na verdade, pensando bem, Lucy... Tenho uma pequena tarefa que gostaria que você realizasse para mim.

— O senhor já disse que queria que eu trouxesse Huey para cá, e isso pagaria pelo conserto do braço. — Ela não soou nem um pouco encantada pela perspectiva dessa tarefa.

— E eu estou notando que você não me prometeu nem concordou com nada — ele disse com certo desprazer. — Mas isso não é nem uma coisa nem outra. Você irá trazê-lo aqui, ou vai desejar tê-lo feito depois. Pensei que dava valor à casa de Maynard, Senhorita Lucy. Pensei que ela valia algo para você. Valia no mínimo ser preservada.

— Não seja um bastardo — ela cuspiu, seus próprios modos esquecidos em faces das ameaças declaradas.

— Serei um bastardo e pior, se me agradar. — Briar pensou ter visto alguma cortina ser puxada para o lado; pôde ver uma máscara deslizando lentamente para o lado, ainda que a que ele usava parecesse aparafusada diretamente em seu próprio esqueleto. Ele disse: — Amanhã ou no dia seguinte, você irá me trazer Huey para que possamos discutir mecânica e outras coisas do gênero; e esta noite, você irá até meu forte.

— Decatur? — perguntou Lucy, como se a perspectiva de fazer isso honestamente a surpreendesse. Briar não gostou da maneira como ele falou do lugar, como se fosse dono dele.

— Sim, eu quero que você vá até lá e entregue uma mensagem para mim — ele declarou. — Temos mais convidados inesperados dentro de nossas muralhas do

que apenas sua amiga aqui, e quero ter certeza de que eles entendam o lugar deles.

— E que lugar é esse? — perguntou Lucy.

— Meu lugar. — Ele enfiou uma mão enluvada num bolso inferior de seu colete e retirou uma carta selada. — Leve isto a qualquer capitão que encontrar lá. Sei que alguém está usando meu antigo terreno para fazer consertos.

Lucy ficou furiosa, mas não era burra o suficiente para exibir essa fúria.

Ela disse: — Você podia chamar qualquer um para levar uma mensagem para você. Não faz sentido me mandar para as ruas, tarde da noite, através de multidões de podres famintos só pra me tirar do caminho. Eu vou embora, se é isso o que você quer, e se Briar disser que está tudo bem pra ela.

— Lucy. — Ele suspirou como se ela realmente o estivesse esgotando com seus protestos. — Você e eu sabemos que você não vai por os pés em nenhuma rua esta noite. Se você ainda não conhece os túneis do quarteirão do forte, então eu superestimei você por muitos anos. Pegue a bifurcação sul na terceira divisão, se não tiver tanta certeza. Está marcada em amarelo. Se preferir não retornar por todo o caminho até seu lugar nos Cofres, você pode voltar para cá se quiser... e mandarei Richard colocar você na ala de bronze.

Ele apresentou a última frase com uma vibração ressonante de dispensa.

Sua mão ainda segurava o envelope com quaisquer instrumentos ou solicitações de suborno que pudesse conter.

Lucy olhou fuzilando para a mão dele, e para sua máscara. Ela pegou o envelope e disparou um olhar para Briar que era carregado demais de significado para decifrar.

Briar disse: — Faça isso, se é assim que funciona. Não me importo, Lucy. Vou ficar bem, e vejo você de volta nos Cofres pela manhã.

Minnericht não concordou com essa afirmação, mas também não a contradisse, muito embora Lucy tivesse lhe dado tempo para fazê-lo.

— Ótimo. Se alguma coisa acontecer com ela — indicou Briar — não seremos tão fáceis de dispensar. Você não será capaz de fingir que somos todos amigos aqui, não mais.

Ele respondeu: — Não me interessa se somos amigos ou não. E o que faz você pensar que algo de ruim irá acontecer a ela? Não me ameace, não em minha própria casa. Saia, se vai começar a ser inconveniente.

— Briar... — disse Lucy. Era uma súplica e um aviso.

Briar compreendeu que a conversa estava repleta de coisas que ela não

entendia, e para as quais não tinha contexto. Ela estava perdendo alguma coisa na conversa forçada, e fosse o que fosse, parecia perigoso. Mas ela já havia cavado sua própria sepultura agora, e deitaria nela se fosse preciso. Disse: — Está tudo certo. Vejo você pela manhã.

Lucy respirou fundo. As engrenagens de seu braço mecânico começaram a fazer um barulho agudo repetitivo, como se estivessem sendo forçados ao limite. — Não vou deixar você assim — ela disse.

— Vai sim. — O Doutor Minnericht a corrigiu ao levá-la até a porta e empurrá-la para fora.

Ela se virou nos calcanhares com fúria nos olhos. — Ainda não acabamos — ela disse, mas foi embora, deixando a porta do trem bater no rastro de sua passagem. Do outro lado, ela gritou: — Eu voltarei esta noite!

O Doutor Minnericht disse: — Eu não recomendaria — mas Lucy não pôde ouvi-lo. Seus passos que se afastavam soavam à fúria e humilhação.

Briar e o Doutor Minnericht deram espaço um ao outro, e o silêncio para pensar em uma conversa segura o bastante para se compartilhar. Ela foi a primeira a falar: — Sobre meu filho. Quero que me diga onde ele está, ou como ele está. Quero saber se ele está vivo.

Foi a vez dele de deslocar o assunto em noventa graus sem uma transição.

Disse: — Este não é o corpo principal da estação, sabia?

— Eu percebi. Estamos num carro soterrado, é só. Não sei onde você vive aqui embaixo, ou o que você faz. Só quero meu garoto. — Ela cerrou os punhos e depois os abriu, usando as mãos para alisar os bolsos. Com uma fileira de dedos, agarrou a alça de sua bolsa, como se sentir seu peso e saber o que ela continha pudesse lhe dar alguma força para se manter de pé.

— Deixe-me mostrar a você — ele disse, mas não esclareceu o que pretendia dividir com ela. Abriu o carro do trem e segurou a porta para ela como um cavalheiro comum.

Ela saiu e imediatamente se virou para encará-lo, porque não conseguia suportar a ideia dele caminhado atrás dela. Sua mente turbilhonava com pensamentos reconfortantes e lógica, e no fundo do seu coração ela sabia que aquele não era seu marido, que estava morto. Mas isso não mudava a maneira como ele andava, ou a maneira como ele ficava em pé, ou a maneira como ele a observava com um escárnio educado. Ela estava louca para arrancar seu capacete e ver seu rosto, para poder sossegar os gritos de alerta que a distraíam e a provocavam. Ela desejava com todas as forças que ele dissesse alguma coisa —

qualquer coisa — para confirmar ou negar que ele sabia quem ela era e que pretendia fazer uso desse conhecimento.

Mas não.

Ele a conduziu de volta pelo corredor que terminava em luzes, e a guiou até outra plataforma montada sobre polias. Essa plataforma não era igual à madeira tosca das passarelas lá fora; era montada de modo mais cuidadoso, e projetada com algo que se assemelhava a estilo.

O Doutor Minnericht puxou uma alavanca, e um portão trabalhado a ferro se fechou, encerrando ambos dentro de uma caixa do tamanho de um armário. — Descendo mais um nível — ele explicou. Estendeu a mão para uma alça sobre sua cabeça e a puxou.

Uma corrente se desenrolou, e o elevador começou a descer, acomodando— se sobre o chão abaixo apenas alguns segundos depois.

Do outro lado do portão de ferro, que deslizou para o lado com um ruído de trovão, Briar encontrou um lugar parecido com um salão de baile — todo reluzente e dourado, com pisos brilhantes como espelhos e candelabros pendendo do teto como marionetes cristalinas.

Ela recuperou o fôlego e disse: — Lucy me contou que este lugar era mais bonito que os Cofres. Ela não estava brincando.

— Lucy não conhece a existência deste nível — ele disse. — Eu nunca a trouxe aqui. E este não é nosso destino... é apenas um lugar pelo qual estamos de passagem.

Briar caminhou sob as luzes brilhantes e elas pareciam virar como se para acompanhá-la — e não eram cristais, eram bulbos e tubos de vidro, agrupados com fios e engrenagens. Ela tentou não encarar, mas fracassou. — De onde veio isto tudo? Eles... eles... eles são fantásticos. — Ela queria muito dizer que eles a lembravam de outra coisa, mas não podia confessar.

Ao ver a luz brilhar em raios estilhaçados, varrendo o chão com padrões brancos que diziam coisas estranhas para as sombras, Briar se lembrou de um mobile que Levi havia feito quando conversaram a respeito de um bebê.

Ela ainda não sabia sobre Zeke quando a Boneshaker destruiu a cidade.

Ela ainda nem suspeitava, mas eles haviam feito planos.

E ele havia feito um dispositivo de iluminação — tão inteligente e tão luminoso que, embora ela própria não fosse criança, havia ficado fascinada com o brinquedo. Ela o havia pendurado em um canto do salão, com a intenção de usá-lo como lâmpada até terem um quartinho de bebê para colocá-lo lá, embora esse

quartinho jamais tivesse sido montado.

Mas essas luzes eram muito maiores, grandes o bastante para encherem uma cama. Elas jamais caberiam num canto nem sobre um berço. Mesmo assim, ela não podia negar que o desenho era semelhante o bastante, para assustá-la.

Minnericht a pegou olhando e disse: — O primeiro está ali. — Ele acenou com a cabeça para a luz central, a maior do sortimento. — Ela havia sido enviada para a estação para uso no terminal central. Você pode ver que ela não é igual ao restante. Eu a achei em um carro, fechada e coberta com terra como todo o restante no quadrante sul da cidade. O resto levou um tempo para ser montado.

— Aposto que sim — ela disse. Era demais, essa familiaridade. Era muito estranho, o jeito como ele falava da mesma maneira sobre as coisas que lhe agradavam.

— É uma experiência, admito. Aquelas duas ali são acionadas a querosene, mas são um tanto sujas e têm um cheiro mais forte do que poderia ser considerado agradável. As duas à direita funcionam à eletricidade, o que eu acho que poderá acabar por se tornar a melhor opção. Mas é de difícil controle, e pode ser tão perigoso quanto o fogo.

— Para onde você está me levando? — ela perguntou, tanto pra quebrar o feitiço do entusiasmo suave dele quanto pelo desejo real de saber.

— Para um lugar onde possamos conversar.

— Podemos conversar bem aqui.

Ele inclinou a cabeça numa mímica de dar-de-ombros e falou: — É verdade, mas não há lugar nenhum onde sentar, e eu preferia estar confortável.

Você não preferia estar confortável?

— Sim — ela disse, embora soubesse que isso não iria acontecer.

Não importava que ele tivesse mudado de volta para a personalidade civilizada que havia desaparecido quando ela o confrontou. Briar sabia o que aguardava do outro lado de seu calor social, e estava marcado com uma mão negra. Tinha cheiro de morte, e gemia pela carne dos vivos; e ela não se deixaria levar por nada disso.

Por fim eles chegaram em frente a uma porta de madeira trabalhada escura demais para estar manchada e ornamentada demais para ser meramente uma peça resgatada dos escombros. Feita de ébano da cor do café, a porta era marcada por cenas de uma guerra, e com soldados em trajes que poderiam ter sido gregos ou romanos.

Briar teria levado tempo para decifrar a decoração completamente, e

Minnericht não lhe deu tempo algum.

Ele a fez passar rapidamente pela porta, adentrando um salão com um tapete mais grosso do que mingau de aveia, mas mais ou menos da mesma cor, Uma mesa feita de madeira pouco mais clara do que a porta assomava imensa em frente a uma lareira diferente de tudo o que Briar já tinha visto antes. Ela era feita de vidro e tijolos, com tubos claros que borbulhavam com água fervente, borbulhavam como um riacho e aqueciam o salão sem criar fumaça ou cinzas.

Um sofá redondo e vermelho com almofadinhas de pelúcia estava posicionado de modo enviesado em frente à mesa; e ao lado dele, uma poltrona exageradamente estofada. — Escolha uma — Minnericht convidou.

Ela escolheu a poltrona.

Ela a engoliu com seu couro liso e grudento e suas tachinhas de latão.

Ele se sentou atrás da mesa, assumindo autoridade como se fosse seu direito de nascença. Ele cruzou os dedos das mãos e as repousou no tampo da mesa.

Briar se sentiu quente, a começar pelos pontos atrás das orelhas. Sabia sem olhar que estava corando, e que o rosa-escuro estava se espalhando pescoço abaixo e por seus seios. Estava feliz pelo casaco e pela camisa de colarinho alto. Pelo menos ele só podia ver a cor nas bochechas dela, e podia supor que ela estava simplesmente sentindo calor.

Atrás do doutor, a lareira de tubos brilhantes zumbia e gorgolejava, cuspindo ocasionalmente pequenos arrotos de vapor.

Ele a olhou nos olhos e disse: — É um joguinho ridículo este que estamos jogando aqui, não é, Briar?

A facilidade com que ele usou o nome dela fez seus dentes trincarem, mas ela se recusou a cair. — Certamente que é. Eu lhe fiz uma simples pergunta e você não está interessado em me ajudar, muito embora eu ache que você pode.

— Não foi isso o que eu quis dizer, e você sabe. Você sabe quem sou eu, e está fingindo que não, e não consigo imaginar por quê. — Ele separou os dedos e deixou a estrutura desabar, batendo as mãos na superfície da mesa numa espécie de tamborilar impaciente. — Você me reconhece — ele insistiu.

— Não.

Ele tentou uma abordagem diferente. — Por que você o esconderia de mim? Ezekiel deve ter nascido... tão pouco tempo depois que as muralhas foram erguidas, ou logo por volta dessa época. Eu não andei fazendo muito segredo aqui dentro. Até a criança tinha ouvido dizer que eu sobrevivi; acho difícil de crer que você não tivesse ouvido.

Será que ela havia mencionado o nome de Zeke? Ela tinha quase certeza de que não, e até onde ela sabia Zeke jamais havia insinuado que achava que seu pai podia ter sobrevivido. — Eu não sei quem você é. — Ela continuou com sua história e manteve as palavras no tom mais neutro que pôde, enquanto tirava todo o ar delas. — E meu filho sabe que o pai dele está morto. Sabe, é muito inadequado você...

— Inadequado? Quem é você para vir me falar de comportamento inadequado, mulher? Você foi embora, quando deveria ter ficado com sua família, você fugiu quando sua obrigação era ter permanecido.

— Você não sabe do que está falando — ela disse com mais confiança.

— Se isso é o pior que você tem para me acusar, então você pode muito bem confessar sua decepção agora.

Ele fingiu estar ofendido e se recostou em sua cadeira. — Minha decepção? Foi você quem chegou aqui agindo como se talvez tanto tempo tivesse se passado que eu pudesse não conhecê-la. Lucy também sabe o que está acontecendo, suponho. Ela deve saber, caso contrário não teria usado seu nome inteiro para apresentá-la.

— Ela estava sendo cuidadosa porque temia pela minha segurança em sua presença, e parece que ela tinha bons motivos para isso.

— Eu ameacei você? Mostrei a você qualquer coisa além de cortesia?

— Você ainda não me contou o que sabe de meu filho. Considero isso o verdadeiro ápice da grosseria, quando você deve ser capaz de imaginar o quanto tenho estado preocupada por ele ao longo destes últimos dias. Você está me atormentando, e me tentando com coisas que guarda para si próprio.

Ele gargalhou para ela, suavemente e de modo condescendente. — Atormentando você? Oh, céus, mas esta é uma acusação e tanto. Então está certo. Ezekiel está são e salvo. Era isso o que você queria ouvir?

Sim, mas ela não tinha como saber se isso era verdade. Era quase difícil demais esperar isso por trás de seus esquemas, e mentiras, e desorientações deliberadas. — Eu quero vê-lo — ela disse sem responder a pergunta dele. — Não vou acreditar em você até que eu o veja. E diga logo o que quer dizer. Diga o que está insinuando tão fortemente, a menos que não se atreva... e eu acho que você não deveria. Metade do seu poder sobre essa gente vem da máscara, e da confusão. Eles o temem porque não têm certeza.

— E você tem?

— Bastante.

Ele se levantou de sua cadeira como se não conseguisse suportar ficar sentado ali nem mais um instante. Vagou-a com tanta força que ela caiu de baixo dele e bateu contra a mesa. De costas e com a máscara reluzente de frente para a lareira falsa, ele disse: — Você é uma tola. A mesma tola que sempre foi.

Briar continuou sentada, e manteve seu tom ácido intacto. — Talvez. Mas eu sobrevivi tanto tempo nesta condição, e quem sabe isso me mantenha viva um pouco mais. Então diga logo. Diga-me quem você é, ou quem você está fingindo ser.

O casaco dele fez um floreio quando ele girou para encará-la. A borla espalhou papéis que estavam em cima da mesa e fez com que os cristais no lampião sobre o tampo tilintassem como sinos de vento. — Eu sou Leviticus Blue: seu marido naquela época e ainda hoje, a quem você abandonou nesta cidade há dezesseis anos.

Ela lhe deu um instante para se rejubilar em seu anúncio antes de dizer muito baixinho: — Eu não abandonei Levi lá. Se você fosse realmente ele, saberia disso.

Dentro da máscara do doutor, alguma coisa guinchou e assoviou, embora ele não desse sinal exterior de sentir a resposta dela. — Talvez você e eu tenhamos diferentes ideias do que signifique abandono.

Então ela riu, porque não pôde evitar. Não foi uma grande risada ou uma risada em voz alta, mas uma risada de pura descrença. — Você é incrível. Você não é Levi, mas seja quem for, você é incrível. Ambos sabemos quem você não é, e sabe do que mais? Eu não dou a mínima para quem você seja. Eu não dou a menor importância para qual seja seu verdadeiro nome ou de onde você veio. Eu só quero meu garoto.

— Que pena — ele disse, e puxou rapidamente a gaveta do topo da mesa.

Em bem menos tempo do que teria levado para Briar pegar seu Spencer, o Doutor Minnericht estava apontando um revólver grande e reluzente para a testa dela. Ele destravou a culatra e o manteve firme. Ele disse: — Porque seu garoto está aqui comigo, onde ele já se colocou bem à vontade no decorrer do último dia... e receio que você ficará também.

Briar se forçou a relaxar, deixando o corpo se acomodar mais fundo na poltrona. Ela ainda tinha uma carta para jogar, e ia jogá-la sem lhe dar a satisfação de vê-la ficar apavorada. Ela disse: — Não, ele não está aqui, e eu não vou ficar, e se você tem algum senso, não vai atirar em mim.

— É isso o que você pensa?

— Você vem construindo isso há muito tempo, lentamente alimentando as pessoas com pistas de que poderia ser Levi, e fazendo com que elas ficassem tão nervosas a seu respeito que isso tornou você poderoso. Bem, eles estavam falando sobre você na casa de Maynard, e nos Cofres, e nas salas das fornalhas... tentando me fazer vir até aqui e dar uma olhada em você porque querem saber com certeza, e eles acham que eu posso dizer isso a eles.

Ele deu a volta na mesa, aproximando mais a arma mas ainda sem dispará-la, e não dizendo a ela que parasse de falar. Então ela não parou.

— Você tentou me convencer de que era Levi, então esse deve ser o seu objetivo: tornar isso oficial. É uma identidade dos diabos para se roubar, mas se você a quiser, eu digo que você pode ficar com ela.

A arma tremeu na mão dele; ele a apontou para o teto e inclinou a cabeça como um cão fazendo uma pergunta. — Perdão?

— Eu disse: pode ficar com ela se é o que você quer. Você pode ser Levi... eu não ligo. Eu direi a eles que é verdade se isso é o que você quer... e eles vão acreditar em mim. Não há mais ninguém no mundo que possa confirmar ou negar sua afirmação. Se me matar, eles vão imaginar que eu sabia que você era um mentiroso e sentiu a necessidade de me calar. Mas se deixar eu e Zeke partirmos, então pode ser a lenda que você quiser. Não vou estragar nada para você.

Pode ter sido apenas sua imaginação, mas Briar achou que os pontos azuis brilhantes assumiram um olhar matreiro. Ele disse: — Não é uma idéia terrível.

— É uma ideia pra lá de boa. Eu só pediria uma coisa.

Ele não abaixou a arma. Mas também não voltou a apontá-la para ela. — O que é? — perguntou.

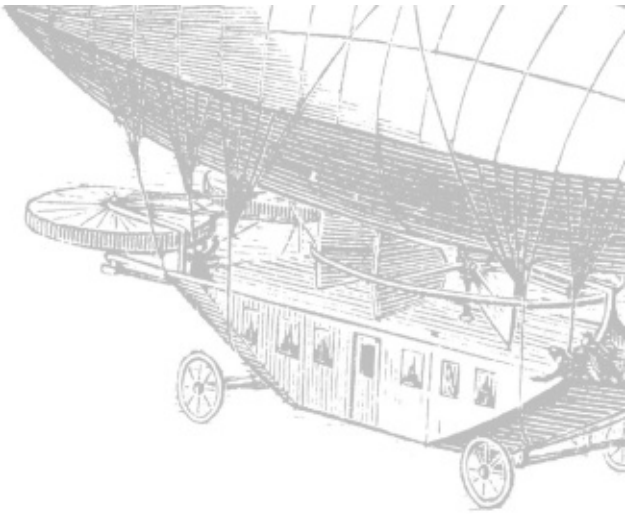
Ela se sentou para a frente na poltrona, que a soltou e à sua bolsa com um rangido. — Zeke tem que saber. Eu não vou deixar que ele pense que você é o pai dele, mas eu vou convencê-lo dessa história, e ele vai concordar com tudo. Ele é a única pessoa que precisa saber da verdade.

As luzes azuis piscaram mais uma vez. Minnericht não discutiu. Ele disse: — Deixe-me pensar a respeito.

E, mais rápido do que Briar poderia acreditar do que o homem podia se mover, ele deu-lhe uma pancada na cabeça com a coronha de sua arma.

Um relâmpago de dor soou como um gongo em sua têmpora.

E tudo ficou escuro.



VINTE E TRÊS

Quando Zeke acordou no quarto principesco abaixo da estação de trem, Q as luzes haviam sido um tanto diminuídas e o gosto de algodão em sua boca sugeria que ele havia dormido por mais tempo do que desejara.

Ele desgrudou os lábios e tentou umedecer a língua.

— Ezekiel Wilkes — disse uma voz, antes que Zeke sequer percebesse que não estava só. Ele rolou na cama e ficou piscando os olhos.

Sentado numa cadeira ao lado da janela falsa, um homem de braços cruzados e uma máscara de ar monstruosa batia uma das mãos enluvadas no joelho. Ele vestia um casaco vermelho que parecia ter sido feito para um rei estrangeiro, e botas pretas e reluzentes.

— Senhor? — disse Zeke. Ele mal conseguiu fazer a pergunta sair de sua boca.

— Senhor. Você me chama de "senhor". Suponho que isso traia sua aparência, essa simples indicação de modos. Vou encarar isso como um bom sinal.

Ele tornou a piscar, mas a estranha visão não mudou, e o homem na cadeira não se mexeu. — De quê?

— De como o histórico familiar pode superar a criação. Não — ele disse quando Zeke começou a se sentar. — Fique deitado. Agora que está acordado, gostaria de ver esse talho em sua cabeça, e o que você tem na sua mão. Não queria examiná-los enquanto dormia, para que você não acordasse e visse isto.

— Fez um gesto para sua máscara. — Estou ciente do que ela parece.

— Então por que não a retira? Eu posso respirar aqui.

— Se eu pudesse, se eu escolhesse — ele se levantou então, e foi se sentar à beira da cama. — Basta dizer que tenho minhas razões.

— O senhor está cheio de cicatrizes ou coisa parecida?

— Eu já disse que tenho minhas razões. Fique quieto. — Pressionou uma das mãos contra a testa de Zeke e usou a outra para afastar os cabelos empastados. Suas luvas estavam quentes, mas eram tão justas que era quase como se ele o estivesse tocando com os dedos nus. — Como foi que isto aconteceu?

— O senhor é o Doutor Minnericht? — ele perguntou ao invés de responder a questão.

— Sim, eu sou o Doutor Minnericht — ele disse sem mudar minimamente de tom. Ele pressionou um lugar aqui, e apertou um ponto ali.

— Pelo menos é assim que eles me chamam hoje em dia, neste lugar. Você devia levar pontos, mas acho que vai sobreviver sem eles. Já se passou muito tempo desde que você recebeu o ferimento; seus cabelos cobriram a ferida; e por ora, pelo menos, ela não está sangrando e não parece inflamada. Mesmo assim, deveríamos ficar de olho nela. Agora, deixe-me ver sua mão.

Se Zeke ouviu alguma coisa depois do "sim", não reagiu a isso. — Yaozu disse que o senhor conheceu meu pai.

As mãos que examinavam se afastaram, e o doutor se sentou mais ereto.

Ele disse: — Ele lhe disse isso, foi? Ele disse isso exatamente dessa maneira?

Zeke franziu bem a testa, tentando lembrar mais precisamente. Suas sobrancelhas retorcidas repuxaram a pele ferida na parte de trás do seu crânio, e ele fez uma careta. — Não me lembro. Ele disse uma coisa assim. Mas ele disse que o senhor poderia me contar a respeito dele.

— Ah, isso eu certamente poderia — ele concordou. — Mas uma coisa. O que sua mãe lhe contou?

— Não muito. — Zeke foi ajeitando seu corpo até ficar sentado, e quase perdeu o fôlego ao ver o doutor desse outro ângulo. Ele poderia ter jurado que o homem não tinha olhos, mas atrás do visor de sua máscara elaborada, duas luzes azuis queimavam fortes no lugar de suas pupilas.

As luzes flamejaram brilhantes por um momento, e depois diminuíram.

Zeke não fazia ideia do que isso queria dizer. O doutor pegou a mão do garoto e começou a envolvê-la em um pano fino e leve.

— Não muito, pelo que vejo, Acho que devo supor que ela nada lhe disse? Deveria ir além e supor que tudo o que você ouviu, ouviu da história... e de seus colegas de escola, ou dos fuxicos de homens e mulheres dos Arredores?

— O senhor está certo.

— Então você não sabe de metade da história. Você não sabe de uma fração sequer dela. — As luzes tremeluziram como se ele estivesse piscando, e suas palavras saíram mais lentas, e foram aos poucos se acalmando. — Eles o culparam pelo fracasso da Boneshaker porque são ignorantes, você entende?

Eles o culparam pela Praga porque nada sabiam de geologia ou ciência, ou do funcionamento da terra embaixo da crosta. Eles não compreenderam que ele só queria iniciar uma indústria aqui, apartada do sujo, violento, maldito esporte das madeireiras. Ele estava procurando começar uma nova era para esta cidade e seus habitantes. Mas aqueles habitantes... — Minnericht fez uma pausa para recuperar o fôlego, e Zeke se afundou sub-repticiamente mais ainda nos travesseiros às suas costas. — Eles nada sabiam do processo de um pesqui-sador, e não entendiam que o sucesso é construído sobre os ossos dos fracassos.

Zeke queria ter mais espaço para recuar, mas não tinha, então começou a puxar papo. Disse: — Então o senhor conheceu ele bem, não foi?

Minnericht se levantou e começou a se afastar devagar da cama, cruzando os braços e traçando um caminho curto da bacia até os pés da cama. — Sua mãe — ele disse, como se quisesse iniciar um novo tópico de conversação.

Mas parou ali mesmo, deixando Zeke se sentindo mal com o veneno daquelas palavras. — Ela provavelmente está bastante preocupada comigo.

Ele não se virou. — Você há de me perdoar se eu não der a mínima. Que ela se preocupe, depois do que ela fez: esconder você e me abandonar neste lugar, como se eu tivesse feito para ela uma prisão, e não um palácio.

Zeke ficou paralisado. Ele já estava bem quieto, e não sabia o que mais fazer a não ser ficado mais quieto ainda. Seu coração era como um tambor de alerta entre suas costelas, e sua garganta estava se fechando a cada segundo que passava.

O doutor, como ele disse que o chamavam agora, deu ao garoto tempo para absorver as implicações antes de se virar para ele. Então ele o fez, seu casaco vermelho o acompanhando com o floreio, e disse: — Você precisa compreender, eu tive de fazer escolhas. Eu tive de me comprometer. Em face dessas pessoas, e em face da catástrofe e perda delas... que não foi culpa minha... fui forçado a me esconder e me recuperar à minha própria maneira.

— Depois do que aconteceu — ele continuou, trabalhando sua voz como uma sinfonia de tristeza e história — eu não podia simplesmente emergir e alegar minha inocência. Eu não podia me erguer do entulho e anunciar que não havia feito nada de errado, e não havia provocado mal algum. Quem teria me ouvido? Quem acreditaria em tal protesto? Sou forçado a confessar, jovem, que eu provavelmente também não teria acreditado.

— O senhor está tentando me dizer... o senhor é...

O timbre suave do monólogo de Minnericht se quebrou. Ele disse simplesmente: — Você é um garoto inteligente. Ou, se não é, devia ser. Mas, pensando bem, não sei. Sua mãe — e mais uma vez ele envenenou a palavra assim que a pronunciou — suponho que não possa por a mão no fogo pela contribuição que ela deu à sua natureza.

— Ei — Zeke retrucou, subitamente esquecendo todos os conselhos de Angeline. — Não fale dela, não assim. Ela trabalha duro, e é duro por causa de... por causa de você, eu acho. Ela me contou, há apenas dois dias, como a cidade, os Arredores, como as pessoas lá fora nunca perdoaram ela por você.

— Bem, se não podem perdoá-la, então não há motivo pelo qual eu também deva fazê-lo, não é? — perguntou o Doutor Minnericht. Mas ao ver a postura desafiadora de seu pupilo, ele acrescentou: — Muitas coisas aconteceram naquela época: muitas coisas que não espero que você entenda. Mas não falemos dessas coisas... não ainda. Não agora. Não quando acabei de descobrir um filho. Esta deveria ser uma desculpa para uma comemoração, não deveria?

Zeke estava com dificuldades para se acalmar. Ele estava sentindo muito medo e muita confusão desde que passara por baixo da muralha. Ele não sabia se estava seguro, mas suspeitava de que não estava — e agora seu captor estava insultando sua mãe? Assim também já era demais.

Era tão demais que quase não importava que esse Doutor Minnericht professasse ser seu pai. Ele não sabia ao certo por que achava tão difícil acreditar. Então se lembrou de algumas das palavras de despedida da princesa.

Seja lá o que ele tenha lhe dito, seja lá o que ele disser, ele não é nativo deste lugar e nenhum homem que jamais tenha afirmado ser. Ele jamais lhe dirá a verdade, porque para ele mentir vale a pena.

Mas e se Minnericht não estivesse mentindo?

E se Angeline fosse a mentirosa? Afinal de contas, ela podia dizer que Minnericht era um monstro e que o mundo inteiro o temia, mas ela tinha uma grande amizade com aqueles piratas do ar.

— Eu lhe trouxe algumas coisas — acrescentou Minnericht, estendendo uma sacola, ou para quebrar o silêncio da batalha interior de Zeke ou como uma carta de despedida. — Jantaremos em uma hora. Yaozu virá buscá-lo, e trará você a mim. Então conversaremos sobre tudo o que você quiser. Vou responder às suas perguntas, pois sei que você deve ter algumas. Eu lhe direi qualquer coisa que queira saber, pois não sou sua mãe, e não guardo segredos como ela faz... não de você, e não de ninguém.

Quando ele chegou próximo à porta, acrescentou: — Pode ser que você queira ficar perto deste quarto. Se você reparar bem, a porta é reforçada por dentro. Estamos tendo um probleminha no andar de cima. Parece que alguns podres estão vagando um pouco perto demais do nosso perímetro de defesa.

— Isso é ruim?

— É claro que é ruim, mas não é terrível. As chances deles entrarem é muito baixa. Mas, mesmo assim... é sempre prudente ter cautela — ele disse E, com isso, ele deixou o quarto.

Novamente, Zeke não ouviu barulho de trancas. Pôde ver por conta própria que sim, a saída podia ser barrada por dentro; mas, uma vez mais, se lembrou de que não tinha mais uma máscara de ar. Até onde ele poderia esperar ir sem ela? Amargamente, concluiu em voz alta: — Nem um pouco longe.

Então se perguntou se estava sendo observado, ou se havia alguém ouvindo. Fechou bem a boca para se assegurar e se aproximou do saquinho enrolado numa bolsa de tecido. O doutor o havia deixado ao lado da bacia, junto com um jarro com água fresquinha.

Sem se importar se isso parecia terrível, ou se poderia ser uma exibição ridícula de péssimas maneiras, Zeke mergulhou o rosto dentro da bacia e bebeu até a porcelana estar seca. Ele ficou surpreso com a sede que tinha; e depois mais surpreso com a fome. O resto o surpreendeu também — as aeronaves, a queda, a estação, o doutor — mas ele não sabia em quanto disso tudo confiar. Já o seu estômago... Neste ele podia confiar; e ele dizia que não era alimentado há dias.

Mas quantos? Quanto tempo havia se passado? Ele havia dormido duas vezes, uma debaixo dos escombros da torre e outra ali, embaixo da estação.

Pensou em sua mãe, e nos planos que ele havia elaborado muito bem para entrar, sair e voltar para casa são e salvo a tempo de evitar que sua mãe ficasse louca de preocupação. Torceu para que ela estivesse bem. Torceu para que ela não tivesse feito nenhuma loucura, ou que ela não estivesse doente de medo; mas ele tinha a sensação de que havia estragado tudo.

Dentro da sacola que Minnericht. havia lhe dado, ele encontrou um par de

calças limpas e uma camisa, e meias que não tinham um único furo. Ele tirou as coisas imundas que estava vestindo e as substituiu pelas roupas mais limpas, que tinham um toque suave e de coisa nova contra sua pele., Até mesmo as meias de lã eram macias, e não pinicavam. Seus pés estavam esquisitos com as meias novas nas botas velhas. As botas sabiam onde suas meias velhas estavam gastas, e até já abraçavam os calos dos dedões. Agora i não tinham onde se esfregar.

Em urna moldura em cima da bacia, Zeke encontrou um espelho. Ele o usou para examinar o ponto ferido e ensanguentado em sua cabeça, e para ver os lugares machucados que podia sentir mas não podia ver direito.

Ele ainda parecia um garoto sujo, mas parecia menos sujo do que em anos. Gostou disso. Isso lhe caía bem, mesmo com a mão cheia de ataduras estragando o efeito geral.

Yaozu chegou e abriu a porta sem fazer um som. Zeke quase deixou cair o espelho quando viu o reflexo minúsculo e distorcido do chinês no canto dele. O garoto se virou e disse: — Você podia ter batido, sabia?

— O doutor deseja que você se junte a ele para o jantar. Ele achou que poderia estar com fome.

— Diabos, é claro que eu estou com fome — disse Zeke, mas se sentiu bobo. Alguma coisa no ambiente agradável ao seu redor e nas roupas bonitas fez com que ele achasse que deveria se comportar melhor, ou falar melhor, ou parecer melhor... mas não era possível mudar tanto assim em tão pouco tempo. Então acrescentou: — O que vamos comer?

— Frango assado, creio eu. Pode ser que também haja batatas ou ma-carrão.

A boca do garoto se encheu de água. Ele não via sequer um frango assado há mais tempo do que conseguia se lembrar. — Estou logo atrás de você! — anunciou com um entusiasmo honesto que superou e sufocou qualquer medo que pudesse ter ficado em sua mente. O aviso de Angeline e seu próprio desconforto desapareceram enquanto ele acompanhava Yaozu corredor adentro.

Passando por outra porta destrancada — esta com dragões esculpidos nos cantos — os dois entraram num aposento que parecia um salão sem janelas; e, do outro lado, havia uma sala de jantar que poderia ter saído de um castelo.

Uma mesa comprida e estreita coberta por uma toalha branca limpa e bem passada percorria todo o comprimento da sala, e cadeiras de espaldar alto a cercavam a intervalos regulares. Apenas dois lugares estavam preparados — não nas extremidades, onde as pessoas não veriam uma à outra, mas próximas, à cabeceira da mesa.

O Doutor Minnericht já estava sentado lá. Ele sussurrava, por sobre o ombro, para um homem negro estranhamente vestido e cego de um olho, mas Zeke não conseguiu ouvir o que diziam. A conversa chegou ao fim quando Minnerich dispensou seu conspirador e se virou para Zeke.

— Você deve estar faminto. Pelo menos parece estar faminto.

— É — ele disse, sentando-se apressado na outra cadeira preparada sem se perguntar se Yaozu comia em outro lugar. Não dava a mínima. Ele não dava a mínima de Minnericht era um nome falso, ou se esse homem estava fingindo ser seu pai. Ele só se importava com a carne dourada e pingando molho da ave cortada no prato à sua frente.

Um guardanapo de pano estava dobrado na forma de um cisne ao lado do prato. Zeke o ignorou e esticou a mão para pegar a coxa da ave.

Minnericht pegou uni garfo, mas não criticou o estilo de jantar do garoto.

Ao invés disso ele disse: — Sua mãe devia tê-lo alimentado melhor. Eu sei que são tempos difíceis nos Arredores, mas francamente. Um garoto em fase de crescimento precisa comer.

— Ela me alimenta — ele disse com a boca cheia de carne. E então alguma coisa no fraseado de Minnericht se prendeu em seus dentes como um ossinho de galinha. Ele ia pedir uma explicação quando Minnericht fez uma coisa notável.

Ele retirou a máscara.

Levou um certo tempo, e pareceu um procedimento complicado — um procedimento que envolvia um pequeno exército de fivelas e travas. Mas quando o último laço foi desfeito e o pesado equipamento de aço foi posto de lado, o doutor tinha um rosto humano afinal.

Não era um rosto bonito, e não era um rosto inteiro. A pele se derreteu numa cicatriz monstruosa, grande como a palma de uma mão, da orelha do homem até seu lábio superior, fechando sua narina direita e repuxando os músculos ao redor de sua boca. Um dos olhos tinha dificuldades para abrir e fechar porque a pele arruinada estava muito próxima da pálpebra.

Zeke tentou não ficar encarando, mas não conseguiu evitar. Também não conseguia parar de comer. Seu estômago havia assumido o controle e agora controlava seu rosto e suas mãos, e ele não conseguia imaginar pôr o frango de lado.

— Pode olhar — disse Minnericht. — E pode se sentir lisonjeado. Eu só me sinto seguro mostrando o rosto em dois aposentos, esta sala de jantar e meus próprios aposentos particulares. Eu podia contar nos dedos de uma das mãos o

número de pessoas que sabem como sou por baixo da máscara.

— Obrigado — disse Zeke, e quase terminou a palavra com um ponto de interrogação porque não sabia se isso era para se sentir lisonjeado ou preocupado. Então mentiu: — Não é tão ruim. Já vi coisa pior nos Arredores, gente queimada pela Praga.

— Isto aqui não é queimadura de Praga. E meramente uma queimadura de fogo, o que já é ruim o suficiente. — Ele abriu a boca com dificuldade e começou a comer, dando mordidas menores que as do garoto faminto, que teria enfiado a coxa do frango inteira na boca se ninguém estivesse olhando. O rosto do doutor estava parcialmente paralisado: Zeke pôde ver isso, quando viu a maneira como os lábios se moviam e a única narina que funcionava não conseguia se abrir quando respirava.

E quando o doutor falava sem a máscara para filtrar suas palavras, Zeke detectou a pequena luta que ele travava para falar com clareza.

— Filho — ele disse, e Zeke trincou os dentes, mas não argumentou. — Receio ter uma... notícia potencialmente perturbadora.

Zeke mastigou o que pôde e engoliu o resto antes que pudesse expelir tudo. — De que tipo?

— Veio ao meu conhecimento a notícia de que sua mãe está procurando por você aqui na cidade. Um bando de podres tomou de assalto o lugar onde ela estava buscando por informações, e agora não há sinal dela. Podres são um problema perene aqui embaixo, dentro das muralhas. Acredito ter mencionado que nós mesmos estamos tendo um pequeno entrevero com eles neste exato momento, então não se pode dizer que ela tenha sido descuidada por tê-los encontrado.

O garoto parou de comer. — Espere. O quê? Ela está bem? Ela veio aqui pra dentro, procurando por mim.

— Receio que sim. Suponho que devamos dar pontos a ela pela persis-tência, ainda que não por habilidades excepcionais de cuidados maternos.

Você nunca viu um guardanapo?

— Eu não... Onde está ela?

O doutor pareceu reconsiderar sua abordagem da situação, e rapidamente deu uma nova explicação. — Ninguém me disse que ela está morta, e não há sinal de que ela tenha sido mordida e transformada. Ela está simplesmente... desaparecida... no rastro desse evento em particular. Talvez ela ainda apareça.

Não havia sobrado muita coisa no prato, mas Zeke não conseguia se ver

terminando a comida. — Você vai procurar por ela? — ele perguntou, mas não conseguia decidir qual era a resposta que queria, então não forçou o assunto quando Minnericht levou alguns segundos a mais para responder.

— Eu tenho homens procurando por ela, sim — ele disse.

Zeke não gostou da cautela forçada que ouviu, e não gostou do tom que Minnericht usou. — Como assim? — Sua voz foi aumentando cada vez mais de tom e de volume. — Ei, eu sei que ela não é a mãe perfeita, mas eu não sou um garoto perfeito também, e a gente tem se ajudado até agora. Se ela está aqui embaixo, e ela está com problemas, eu preciso ajudar ela! Eu preciso... eu preciso sair daqui, e preciso encontrar ela!

— Absolutamente não — Minnericht disse com autoridade, mas sua linguagem corporal havia paralisado, como se ele não tivesse certeza de como deveria proceder. — Você não fará tal coisa.

— Quem disse? Você?

— Não é seguro para além desta estação, Certamente você já reparou nisso a esta altura, Ezekiel.

— Mas ela é minha mãe, e isto é tudo minha culpa, e...

Minnericht quebrou sua imobilidade e se levantou, empurrando sua cadeira para trás e deixando o guardanapo cair ao chão. — Embora isto tudo possa ser culpa sua, eu sou seu pai, e você irá ficar aqui até que eu diga que é seguro para você sair!

— Não!

— Não vou manter você aqui? Filho, você está errado.

— Não, você não é meu pai. Eu acho que você é um mentiroso. Embora eu não saiba por que você queira que alguém acredite que você é Leviticus Blue de qualquer maneira, já que todo mundo odeia ele. — Zeke pulou de sua cadeira e quase enfiou a mão no próprio prato em sua pressa de se afastar. — Você fala da minha mãe como se conhecesse ela, mas não conhece. Você não sabe nem o nome dela, aposto.

Minnericht estendeu a mão para pegar sua máscara e começou a pelejar para colocá-la de volta em sua cabeça. Ele a vestiu como uma armadura, como se ela o protegesse desses ataques verbais. — Não seja ridículo. O nome dela era Briar Wilkes quando me casei com ela, e Briar Blue depois.

— Isso todo mundo sabe. Me diga o nome do meio dela — Zeke exigiu saber, triunfante. — Aposto que isso você não sabe!

— O que é que isso tem a ver com alguma coisa? Sua mãe e eu... foi há muito

tempo. Mais tempo do que você tem de vida!

— Ah, que grande desculpa, Doutor — disse Zeke, e todas as lágrimas que ele estava segurando foram destiladas em sarcasmo. — De que cor são os olhos dela?

— Pare. Pare com isso, ou eu vou parar.

— Você não conhece ela. Você nunca conheceu ela, e também não me conhece.

O capacete finalmente se encaixou no lugar, muito embora o doutor mal tivesse comido. — Eu não a conheço? Caro rapaz, eu a conheço melhor do que você. Eu conheço segredos que ela nunca compartilhou com você...

— Não me interessa — disse Zeke. Isso saiu com mais desespero do que ele quis. — Eu só preciso sair e encontrar ela.

— Eu lhe disse, tenho homens procurando por ela. Esta é minha cidade!

— ele acrescentou com fervor súbito. — É minha, e se ela estiver dentro dela...

Zeke o interrompeu. — Então ela é sua também?

Um tanto para a sua surpresa, Minnericht não o contradisse. Ao invés disso ele disse friamente: — Sim. Exatamente como você.

— Eu não vou ficar.

— Você não tem escolha. Ou melhor, tem, mas não é uma escolha muito boa. Pode ficar aqui e viver confortavelmente enquanto outros procuram sua mãe desgarrada, ou pode ir para a superfície sem máscara e sufocar, ou se transformar, ou morrer de alguma outra maneira terrível. Isso é tudo. Você não irá encontrar outras opções disponíveis para você neste momento, então é melhor retornar ao seu quarto e descansar.

— De jeito nenhum. Eu vou achar um jeito de sair daqui.

— Não seja burro — ele cuspiu. — Eu estou lhe oferecendo tudo o que ela lhe negou durante toda sua vida. Estou lhe oferecendo um legado. Seja meu filho e você descobrirá que esta é uma posição poderosa, independentemente de antigos preconceitos ou rumores, ou problemas de compreensão entre eu e esta cidade.

Zeke estava pensando rápido, mas não estava pensando muito. Ele precisava de uma máscara; disso ele sabia. Sem uma máscara ele estava acabado e condenado — quanto a isso, Minnericht tinha razão. — Eu não quero... — ele começou a dizer, mas não sabia onde completar o pensamento. Tentou mais uma vez, mas com menos paixão e mais do vazio que viu na máscara do doutor. — Eu não quero ficar no meu quarto.

Minnericht sentiu a vitória de um comprometimento começando a aparecer,

então se acalmou. — Você não pode ir para a superfície.

— É — ele admitiu. — Eu sei. Mas quero saber onde está minha mãe.

— Não mais do que eu, eu lhe asseguro. Se eu lhe fizer uma promessa, você se comportará como um jovem civilizado?

— Pode ser.

— Muito bem, vou correr esse risco. Prometo que se encontrarmos sua mãe, nós a traremos até aqui ilesa e você estará livre para vê-la... e então vocês dois estarão livres para partir se quiserem. Isso lhe parece justo?

Mas, na verdade, o problema era esse. Parecia justo até demais. — Qual é a jogada?

— Não há jogada, filho. Ou, se houver, ela virá de sua mãe. Se ela se importa com você tanto quanto diz, irá incentivar você a ficar. Você é um garoto brilhante, e acho que juntos nós poderíamos aprender muito um com o outro. Eu posso manter você com um estilo de vida muito melhor do que ela pode oferecer, e para isso...

— Ah, entendi. Você vai pagar a ela para ir embora.

— Não seja crasso.

— Essa é a questão, não é? — perguntou Zeke, e já não estava nem mais zangado. Estava surpreso, decepcionado e confuso. Mas havia feito uma promessa, e se ia ser mantida ou quebrada, era um ponto a se começar. — E eu não ligo. Vocês dois podem resolver isso entre vocês. Não ligo. Só quero saber se ela está bem.

— Depois nós vamos poder trabalhar juntos, está vendo? Vou encontrá-la e trazê-la para cá. Mais tarde podemos acertar os detalhes. Mas, por ora, acho que esta primeira tentativa de um jantar em família... Vamos concluí-la — ele disse, olhando por sobre Zeke para um homem que estava em pé na porta.

Era o mesmo homem negro de olho leitoso. Ele levantou o queixo como se quisesse a atenção do Dr. Minnericht.

— Eu quero uma máscara — Zeke disse antes que o momento passasse totalmente e ele perdesse a atenção do doutor.

— Você não pode ter uma máscara.

— Você está me pedindo pra confiar em você. Como é que eu posso fazer isso se você não vai confiar em mim nem um pouquinho? — implorou Zeke.

— Você é inteligente mesmo. Fico feliz em ver evidências disso. Mas o único motivo pelo qual você precisará de uma máscara será para deixar o terreno, e eu

ainda não estou preparado para aceitar sua palavra de que você permanecerá aqui por sua própria vontade. Então receio que terei de recusar sua solicitação eminentemente razoável.

— O que isso quer dizer? — perguntou Zeke, impressionado pelas palavras grandes e ficando irritado com elas.

— Quer dizer não. Você não pode ter uma máscara. Mas isso também quer dizer que você não precisa ficar em seu quarto. Passeie o quanto quiser. Eu sei onde ficam seus limites, e acredite em mim quando digo isto: dentro dos confins de meu reino, não há lugar onde eu não possa encontrá-lo. Você entende?

— Eu entendo — ele disse fazendo cara feia e abaixando os ombros.

— Yaozu irá... Mas que diabos. Lester, onde está Yaozu?

— Não saberia dizer, senhor — respondeu Lester, o que não queria dizer que ele não soubesse... apenas que declinava dizer qualquer coisa em frente de Zeke.

— Ótimo. Isso é simplesmente maravilhoso. Ele está lá fora fazendo...Não me interessa. Você. Venha comigo — ele disse para Lester. — Você — ele disse para Zeke. — Fique à vontade. Explore o terreno. Faça o que quiser, mas eu recomendaria que você permanecesse perto do centro, aqui neste andar. Quando eu encontrar sua mãe, eu a levarei até você. Não importa o que você pensa de mim ou no que você acredita, pode ficar certo de que, mesmo a possibilidade de que você de algum modo chegue à superfície e efetue sua própria busca, eu a acharei primeiro. A menos que você queria ser deixado de fora e perdido quando eu a localizar, você ficará perto de casa.

— "Casa" não — Zeke repetiu com desprazer. — Eu já disse que entendi, certo?

— Ótimo — disse Minnericht. Era menos uma declaração positiva do que uma dispensa, mas foi o doutor que saiu da sala, quase arrastando Lester atrás de si.

Quando ambos haviam saído, e Zeke ficou sozinho na área de jantar, ele ficou um tempo andando de um lado para o outro e depois voltou ao prato — embora não se sentasse. Precisava pensar, e pensar era mais fácil com um estômago cheio e em movimento, então ele levou o frango consigo. Foi mordendo até não restar um pedacinho de carne nos ossinhos; então ele se voltou para a comida que Minnericht havia deixado no prato.

Depois de limpar o prato também, e se perguntando por um breve instante onde seria a cozinha, Zeke soltou um poderoso arroto e pensou um pouco mais sobre máscaras de gás.

O Dr. Minnericht — a quem Zeke se recusava a pensar como seu pai — devia

guardar alguma em algum lugar ali embaixo. Obviamente a do doutor era um modelo personalizado, feito para ele e ninguém mais, mas Zeke havia visto diversas pessoas lá embaixo. Yaozu, para começo de conversa, e o homem negro caolho. E com todos esses outros aposentos, trancados ou destrancados, devia haver outras pessoas que cuidavam das instalações. Lá em cima, Zeke podia ouvir passos — pesados, como homens usando botas. Às vezes eles caminhavam como se fossem guardas dando voltas no perímetro, e às vezes eles andavam em grupos.

Fossem quem fossem aqueles homens, eles não estavam presos ali embaixo. Eles iam e vinham. Deviam ter máscaras em algum lugar, e se Zeke pudesse encontrar um grande armário de armazenamento ou um aposento onde tais dispositivos fossem armazenados, então ele não achava impossível roubar um.

Se conseguisse encontrar um.

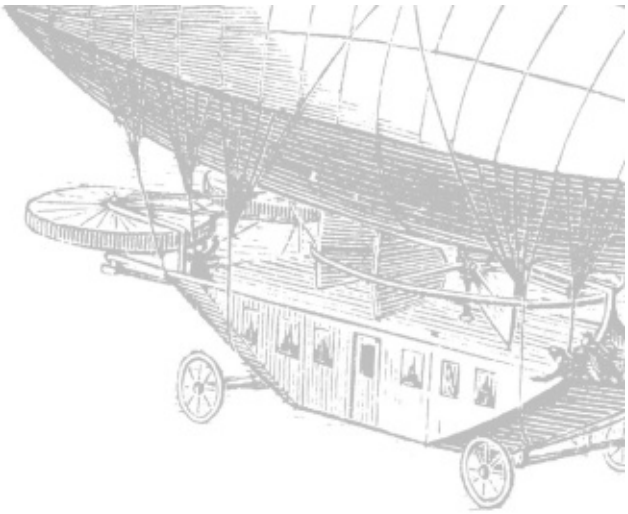
Mas depois de vagar por um tempo, não conseguiu localizar imediatamente nem um depósito secreto de máscaras de gás do qual surrupiar algum, nem outras pessoas. A parte de baixo da estação ferroviária era uma cidade fantasma, a não ser pelo intermitente ruído de fundo de pés distantes, conversas que por pouco não se podia ouvir, e canos nas paredes que sibilavam e rangiam para acomodar água ou vapor quente.

Certamente alguém, em algum lugar, cuidava dos quartos de hóspedes; e certamente alguém deve ter cozinhado, e deve estar voltando para limpar mais tarde — ou isso era o que Zeke assegurava a si mesmo ao vagar pelos níveis que haviam sido considerados aceitáveis por seu anfitrião.

Depois de um certo tempo, ele conseguiu, seguindo seu nariz, encontrar o caminho da cozinha; e, de dentro dos armários, começou a saquear pacotes de papel encerado cheios de carne seca, um par de maçãs vermelhas reluzentes e algumas cerejas secas que tinham sabor de docinhos quando ele as mordiscou.

Zeke não conseguiu encontrar a fonte da comida fresca que havia sido servida no jantar, mas ficou satisfeito com seu saque. Levou tudo de volta ao seu quarto para uma refeição mais tarde, ou um lanchinho na madrugada.

Não havia encontrado o que queria encontrar, mas sua necessidade de pegar e guardar alguma coisa havia sido apaziguada por ora. Voltou ao seu quarto, sentou-se na beira da cama estufada demais e ficou ali pensando no que viria a seguir, o frango assado quentinho no seu estômago. O peso da refeição o pregou sobre os cobertores e fez com que ele fosse ficando cada vez mais confortável. Isso o levou de volta para baixo das cobertas, e embora ele só tivesse a intenção de fechar os olhos por alguns instantes, não voltou a acordar até pela manhã.



VINTE E QUATRO

Zeke acordou na manhã seguinte determinado a levar em frente os restos do plano da noite passada. Encheu os bolsos com a comida que havia recolhido (com a exceção de algumas mordidas à guisa de café da manhã) e vagou de volta ao corredor com seu elevador. O portão estava abaixado, mas ele era fácil de mover; e uma vez ali dentro o garoto não fazia ideia do que fazer com ele. Quatro alavancas pendiam de um teto de arame acima, e até onde ele sabia uma delas era um alarme.

Devia haver escadas.

Em algum lugar.

Devia haver outras pessoas também, ou pelo menos isso era o que ele pensava quando um chinês particularmente alto e um homem branco peculiarmente baixo passaram conspirando apressados e distraidamente virando a esquina. Pararam a conversa e seu passo rápido para olhar curiosamente para Zeke.

— Ei — ele disse para os homens.

— Ei — o homem branco respondeu de volta. Era um sujeitinho redondo, da altura de Zeke mas três ou quatro vezes a largura dele, com um cinturão que cercava sua cintura como a linha do Equador e um quepe militar bem enfiado sobre os cabelos super crescidos. — Você é o garoto Blue?

— Eu sou Zeke — ele disse, nem confirmando nem negando. — Quem são

vocês?

Eles não responderam, assim como ele não tinha lhes respondido. — Para onde você está indo? Lá em cima há podres, garoto. Se você tem algum cérebro nesse seu crânio, vai ficar aqui embaixo, que é mais seguro.

— Eu não estava indo a lugar nenhum. Só estava olhando por aí. O doutor disse que eu podia.

— Ele disse isso, é?

— É, disse sim.

O chinês alto e magro se inclinou para baixo para ver Zeke melhor, e perguntou com uma voz grossa e rouca: — Onde está Yaozu? Cuidar de garotos não é trabalho nosso.

— É trabalho do Yaozu?

O baixinho disse: — Talvez ele goste de ser o braço direito do doutor. Talvez não. Não sei dizer, só que ele aceita.

Zeke assentiu, absorvendo as informações e preenchendo-as caso fosse importante. — Está certo. Bom, deixe eu perguntar isto, então. Como é que eu chego lá em cima? Já vi praticamente tudo o que há para se ver aqui embaixo.

— Você não ouviu o que eu disse? Não está ouvindo a barulheira? São os podres, garoto. Dá para ouvi-los daqui.

O homem alto de olhos castanhos puxados disse: — E perigoso o próximo andar superior. Pregos e podres são uma mistura muito, muito ruim.

— O que é que há, meus camaradas! — provocou Zeke, sentindo que estava perdendo a atenção deles para fosse qual fosse a tarefa que eles estavam executando quando os interrompeu. — Ajudem um garoto. Eu só quero dar uma olhada na minha nova residência.

Os homens ficaram olhando um para o outro até que o mais alto se afastou, deixando o baixinho. Ele balançou a cabeça. — Não, acho que não. E não suba, se sabe o que é bom para você. Lá em cima há confusão. Os podres têm entrado por todo o lugar, como se alguém tivesse deixado que eles entrassem deliberadamente. E há outros problema também.

— Tipo o quê?

— Tipo seu pai não ter muitos amigos fora da estação, e às vezes eles criam um bando de problemas. Você não quer ficar preso no meio disso. E eu não quero ser aquele que vai levar a culpa por colocar você lá.

Zeke falou: — Se eu subir lá e for morto, não vou dizer a ninguém que foi você

que me mandou. Combinado?

O gordo riu, e enfiou os polegares no cinturão. — Aí você me pegou, não foi? Esta é muito boa, com certeza. Eu não vou lhe dizer como fazer o elevador funcionar, porque não é meu trabalho e não gosto de ficar puxando essas cordinhas; mas se você tomasse aquele corredor atrás de mim, e o seguisse até o fim à esquerda, encontraria um lance de escadas no final. Mas se alguém perguntar, eu não lhe contei nada. E se você ficar por aí, lembre-se de quem lhe fez um favor.

— Obrigado! — Zeke disse animado. — E eu vou lembrar, não se preocupe. Você é o máximo, camarada.

— E você quem está dizendo — ele respondeu.

A essa altura, Zeke já tinha começado a descer o corredor a um ritmo meio entre um passo rápido e uma corrida. Um instante depois ele encontrou as escadas, e subiu-as correndo com um senso de direção recém-encontrado.

Poderia haver problemas lá em cima, mas também poderia haver gente com máscaras de gás. Não importava de que tipo, e não importava de quem ele tivesse que roubá-las — Zeke ia colocar as mãos em uma nem que tivesse que morrer.

Não havia luzes nas escadas, e ele não conseguiu encontrar nenhum meio óbvio de iluminá-las, mas ele só precisava subir um lance e já podia seguir o ruído que subia constantemente do alto.

Parecia homens pesados correndo de um lado para o outro. Gritos se somavam ao caos, e à medida que ele subia mais em direção à escuridão, tropeçando em quase todos os degraus, uma explosão sacudiu o andar.

Zeke sacudiu os braços e estendeu as mãos em busca de um corrimão ou de algo em que se apoiar, mas não encontrou nada. Caiu de quatro.

As últimas vibrações se desvaneceram e ele conseguiu se levantar aos trancos e barrancos. Limpou as mãos nas calças e foi tateando ao longo da parede até que uma linha branca no chão revelou a parte inferior de uma porta com um pouco de luz atrás dela. Mas se havia uma maçaneta, ele não conseguiu encontrá-la. Enquanto ele fazia força contra a porta e lutava freneticamente para abri-la, a comoção lá fora aumentava ainda mais, fazendo com que ele se perguntasse se aquele era mesmo o caminho pelo qual ele queria ir.

A percussão inconfundível de tiros se juntou aos gritos e à correria.

Zeke parou de procurar uma saída e ficou quieto, abalado pelos disparos e à beira de mudar de ideia. Lá em cima o negócio parecia uma guerra declarada, em

contraste com o ambiente calmo, quieto, rico apenas um andar abaixo. Seria isso o que Lester havia sussurrado no ouvido de Minnericht?

Ele ainda não tinha visto um podre de perto. Não um de verdade, não um com fome — e certamente não um bando deles.

Um rompante irracional de curiosidade fez com que ele voltasse a procurar a maçaneta.

Seus dedos acharam uma coisa que poderia ter sido uma alavanca, montada um pouco acima do que uma maçaneta normal. Ele a apertou e puxou, mas nada aconteceu. Ele voltou a puxar, usando seu peso para forçar a coisa para baixo, mas a porta não cedeu.

E então ela foi atingida do outro lado.

Alguma coisa grande e dura a esmagou, abrindo-a para dentro e ensanduichando Zeke violentamente entre os painéis e a parede. A força do impacto tirou-lhe o fôlego. Ele desabou ao chão segurando a cabeça machucada, embora fosse tarde demais para protegê-la. Ele perdeu o fôlego, e começou a puxar com dificuldade um ar que fedia a pólvora e resíduo da Praga. O ar grudou no fundo da sua garganta e ele começou a engasgar — um som minúsculo que ninguém deveria, ter ouvido por cima de todo o clamor do outro lado da porta.

Só que alguém ouviu.

Alguém puxou a porta para o lado e olhou atrás dela, descobrindo a forma surrada e dobrada de Zeke tentando manter a cabeça e o rosto cobertos. Esse alguém fazia uma sombra enorme; Zeke espiou por entre os dedos e viu o bloco de escuridão tampando a porta.

— Você aí. O que está fazendo ? Levante-se — um homem disse através de um dispositivo que transformava sua voz em um zumbido mecânico. Era como se suas palavras fossem filtradas por uma peneira de metal.

— Eu... hm... Feche a porta, está bem? — Zeke estava vermelho e assustado, e mais tiros estavam ricocheteando de uma parede a outra, disparados de perto a um volume terrível. Ele mexeu as mãos e apertou os olhos, espiando o colosso iluminado por trás e não vendo nada a não ser uma forma que não era exatamente humana. Era a forma de um homem usando armadura, ou um traje feito de aço com uma máscara na forma de uma cabeça de boi.

O homem de máscara ficou mudo por alguns segundos enquanto as balas zuniam e tiniam, ricocheteando em seus ombros. Então ele disse: — Este lugar não é seguro para um garoto. O que você está fazendo aqui? — ele perguntou lentamente, como se a resposta pudesse ser muito importante.

Zeke disse: — Estou tentando sair daqui! Eles pegaram minha máscara lá embaixo. Achei que...

Seus pensamentos foram cortados por alguma coisa mais alta e mais longa do que o mero disparo de um revólver soando pela semiluminosidade no outro lado do homem de armadura.

— O que foi isso? — Zeke quase gritou.

O homem estremeceu com a explosão atrás dele; ele se segurou na moldura da porta, seus braços largos e grandes se abrindo e se esticando para se manter em pé. Ele disse: — Essa é a Arma Sônica do Doutor Minnericht.

Ela... Ela joga som nas pessoas, como um canhão. — Por um instante pareceu que ele ia dizer mais alguma coisa a respeito, mas ele mudou de ideia e disse: — É uma boa ideia sair daqui. Mas não assim. E melhor você não... — E então ele acrescentou: — Ezekiel. É você, não é?

— Quem é você? E o que te interessa isso?

— Conheço alguém que está procurando por você — ele disse, mas a resposta não foi reconfortante demais. O primeiro rosto que apareceu na frente de Zeke foi o gigante que pilotou a nave que fez o pouso forçado no forte.

Este homem que bloqueava o caminho puramente com seu tamanho poderia ser amigo do piloto, ou pior. Poderia ser da tripulação ou mercenário, e de todas as coisas que Zeke queria fazer, voltar para aquele homem com as mãos do tamanho de baldes estava no final da fila. Além disso, ele estava preocupado com o fato de que esse homem mascarado sabia seu nome, o que só tornava a situação pior: agora o pirata do ar sabia a quem estava procurando, e estava enviando soldados atrás dele.

— Não — disse Zeke, como um general responde a tudo o que estava sendo pedido dele. — Não, esquece. Me deixa ir embora.

O homem balançou a cabeça, e as costuras de sua máscara rangeram quando o metal gemeu contra seus ombros reforçados. — Você pode ir, m,as não pode subir aqui. Vai acabar morrendo.

— Eu preciso arrumar uma máscara!

— Vou lhe dizer o seguinte — disse o homem. Ele olhou para trás e viu algo promissor. Disse: — Fique aqui, e eu arranjo uma para você.

O homem mascarado parecia mais impossível de passar do que o fosso de um castelo, mesmo com toda a confiança que Zeke pudesse reunir. Mas se o outro homem estivesse disposto a sair dali por alguns segundos, isso daria ao garoto um tempo para sair em disparada.

— Está certo — ele sussurrou, e assentiu.

— Você vai ficar aqui, e não vai se mexer ?

— Não, senhor, não vou me mexer — Zeke lhe garantiu.

— Ótimo. Volto num minuto.

Mas assim que o homem de armadura barulhenta girou nos calcanhares, Zeke se esgueirou por trás dele e mergulhou nas fronteiras do conflito.

Apavorado demais para ficar paralisado e exposto demais para ficar quieto, ele se abaixou e correu para a cobertura mais próxima que conseguiu encontrar: uma pilha de caixotes que estavam se desfazendo em lascas, disso — vendo-se lentamente enquanto balas as comiam pelos cantos. Um fio quente de algo rápido e duro passou queimado por suas costas, abrindo um buraco na sua camisa.

Ele lutou para bater nas costas com os braços para poder tocar a linha que queimava suas omoplatas, mas ela era difícil de alcançar e ele desistiu assim que concluiu que não estava morto, e nem morrendo. No fim das contas, sua cabeça ainda doía bem mais do que qualquer outra parte do seu corpo, até mesmo sua mão ferida.

Zeke se agachou, cercado e aterrorizado pela cena.

Ao seu redor, o salão havia se dividido em facções. Exatamente como havia soado abaixo, ali em cima era guerra. Mas ao contrário da explicação de todos, ele não viu podres — nenhum morto-vivo arrastando os pés e respirando com dificuldade como os que ele havia ouvido serem descritos. Ele só viu homens, armados, de cara feia, atirando de um lado para o outro ao longo de uma extensão reluzente de mármore quebrado que um dia fora um chão bonito. De um lado havia um grupo de três chineses, acompanhados por uma dupla de homens vestidos como os aeronautas a bordo da Clementine. Do outro, Zeke viu Lester e um punhado de sujeitos que pareciam ter vindo de sob a estação.

Do teto, uma cascata de luzes cintilantes caía como formações dentro de uma caverna, emprestando muitas luzes para mostrar os horríveis eventos que se desenrolavam em todos os cantos empoeirados e cheios de teias de aranha.

Ao longo das paredes sem janelas havia cadeiras almofadadas e plantas feitas de seda que jamais precisariam ser regadas, embora precisassem ser consertadas dos buracos de bala. Atrás dessas plantas, e enfiados embaixo de bancos, e atrás das fileiras de cadeiras que estavam trancadas juntas e aparafusadas ao chão em linhas ordeiras de salas de espera, bolsões de homens com cara de mal faziam o melhor que podiam para forçar seus oponentes a se render, ou matá-los todos.

Zeke não sabia bem onde estava. O salão parecia um pouco com o sa-guão de uma estação de trem. E ele não conhecia nenhuma dessas pessoas a não ser Lester, nem por que elas estavam lutando. Umas usavam máscaras e outras não, e pelo menos três delas estavam mortas, esparramadas sobre a superfície dura e brilhante — duas com o rosto virado para baixo e uma com o rosto virado para cima. O homem do rosto virado para cima estava sem a maior parte da garganta e com os olhos abertos, esgazeados, olhando para nada além do céu além do teto.

Mas um dos homens com o rosto voltado para baixo usava uma máscara.

E para o total espanto de Zeke, o sujeito troncudo e de armadura que o havia confrontado no corredor estava no processo de retirar aquela máscara.

O pescoço do morto balançou mole como uma meia vazia, e com o deslizar de uma última faixa, a máscara se soltou.

O homem de armadura se virou, procurando a entrada do corredor e a porta atrás dela. Vendo que a porta estava aberta e Zeke não estava mais ali, ele soltou um palavrão alto e girou num círculo. Uma bala bateu na sua clavícula com o retinir leve de um címbalo, mas isso não pareceu machucá-lo nem um pouco.

Ele viu Zeke enfiado atrás dos caixotes.

Por um instante, Zeke pensou que o homem ia puxar aquela arma enorme das suas costas e dispará-la, e então Zeke se dissolveria em mil pedaços e nem mesmo sua mãe iria reconhecê-lo.

Em vez disso, o homem pegou a máscara, fez uma bola com ela e jogou-a no colo do garoto antes de lhe dar as costas e sacar um revolver enorme de seis tiros da cintura e começar a atirar sem parar. Ele fez uma fieira de balas de um lado do salão até o outro, criando uma cobertura para sua própria fuga ou para a de Zeke — subitamente, Zeke não tinha certeza.

Na outra ponta do salão havia outra porta, e alguma coisa grande batia nela do lado de fora. Ou talvez não fosse uma coisa grande. Talvez fossem muitas coisas.

Não era uma pancada única, como se fosse um aríete ou uma máquina.

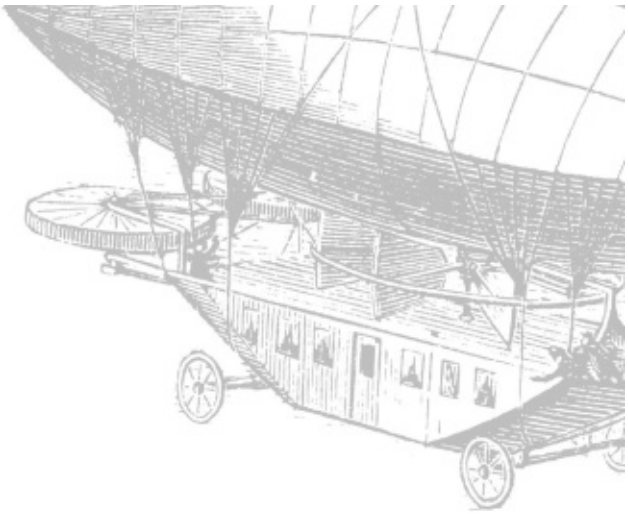
Era uma pressão constante, batendo, empurrando, forçando contra a porta — que parecia ser bastante reforçada. Até mesmo de sua perspectiva limitada, Zeke podia ver que a porta estava com barricadas como se esperasse um exército se jogar contra ela.

Seria este o exército?

Por enquanto a porta estava se segurando, mas o homem de armadura estava gritando: — Vá, volte e desça as escadas! Encontre outra saída! Ezekiel! — ele acrescentou, caso sua plateia não estivesse claramente definida. — Saia daqui!

Zeke torceu a máscara em um nó e ficou agachado.

À sua esquerda, atrás de uma cortina, um homem soltou um grito agudo e caiu ao chão, trazendo a cortina abaixo consigo. Ela o cobriu como um sudário. Ao redor de sua franja interior uma poça vermelha surgiu e começou a se espalhar pelas espirais branco-acinzentadas do piso polido.



VINTE E CINCO

Os olhos de Zeke iam acelerados de um lado para o outro, varrendo o salão de canto a canto em busca de alguma outra saída. Não era isso o O que o homem de armadura havia dito? Achar outra saída? Mas, a não ser pela porta que estava começando a ceder sob alguma força que a empurrava do outro lado, e o corredor pelo qual o garoto tinha vindo inicialmente, ele não via nenhuma outra passagem para sair dali.

O homem do traje de aço estava sem balas.

Não, apenas uma de suas armas estava sem balas. Ele enterrou a peça vazia em seu cinturão, de encontro à barriga, que estava protegida por uma placa de metal. Havia outra arma enfiada entre seu cinturão e seu quadril; ele a sacou e começou a disparar em retirada.

Zeke contou mais oito homens na peleja, disparando escondidos por trás das cadeiras e ao redor de um ou outro caixote. Ele supôs que em algum momento eles todos ficariam sem munição e todo mundo teria de parar. Mas, por ora, o chumbo comia solto em linhas retas e violentas, que se espatifavam como granizo atirado pelo vento.

Zeke queria sair dali. E as costas do homenzarrão estavam se aproximando do corredor — ele estava tentando mandar Zeke de volta para baixo, e talvez essa não fosse a pior ideia do mundo, afinal.

Era um caminho reto pelo salão, e ele tinha um homem grande com um traje de

armadura atraindo todas as atenções ruins para longe dele. Por outro lado, o homenzarrão de traje de armadura iria sem dúvida segui-lo escada abaixo. Mas ali, no andar de cima, não havia nada a não ser morte e confusão.

Zeke decidiu correr o risco.

Deu um pulo que se tornou um voo muito curto e muito baixo dos caixotes até o meio do chão — e ele acabou sua trajetória com uma escorregadela que o mandou de cabeça nas escadas, onde foi cair de quatro.

Quinze segundos depois, o homem de armadura apareceu logo atrás, com mais graciosidade do que Zeke jamais teria esperado.

Ele agarrou a porta e a fechou com toda a força de seu peso exatamente no instante em que mais alguém veio batendo contra ela do outro lado.

Zeke desceu aos trancos e barrancos, tropeçando, tentando se segurar fazendo a curva e rolando até não conseguir ver o que estava acontecendo acima dele — só conseguia ouvir. Estava de volta ao andar de baixo. Ali era muito mais quieto; até mesmo os estouros das armas lá em cima estavam abafados pelo teto e pelas paredes de pedra ao seu redor.

De volta ao lugar de onde havia começado, ele sentiu uma sensação de fracasso, até se lembrar da máscara que segurava como uma boia salva-vidas.

Minnericht havia dito que Zeke não podia ter uma daquelas, e ele estava errado, não estava? Certo, a máscara tinha saído de um cadáver, mas o garoto se esforçou muito para não pensar no rosto que o visor havia coberto até recentemente. Tentou assumir a visão filosófica de que o outro homem não poderia mais usá-la, então nada havia de errado em pegá-la, e isso fazia sentido. Mas não era menos nojento quando ele passava o polegar ao longo do interior do vidro e sentia a umidade da última respiração de alguém.

Agora que tinha uma máscara, não sabia para onde ir nem o que fazer com ela. Ficou imaginando se deveria escondê-la — quem sabe ocultá-la em seu quarto e esperar que as coisas se acalmassem — mas isso não parecia correto.

No topo das escadas, o homem de armadura defendia o perímetro, mas Zeke não tinha como saber por quanto tempo isso iria durar.

Ao pé das escadas, no corredor com a fileira de portas e o elevador no fim, não havia nada ao redor a não ser Zeke.

Se era uma coisa boa ou não, ele não fazia ideia. Ele não podia escapar à impressão de que alguma coisa havia saído dos trilhos, e que o jantar silencioso do qual ele havia tão recentemente escapado havia terminado em uma terrível situação. O caos acima estava rapidamente vindo para baixo, contido por apenas

uma escadaria que estava sofrendo um ataque maciço.

Paralisado pela indecisão, Zeke ficou escutando enquanto os disparos diminuíam acima. O som distante de batidas, tiros e empurrões estava abafado, no limite da sua audição, e não significava nada urgente. Os grunhidos do homem de armadura eram fortes e determinados.

Na outra ponta do corredor, o elevador começou a se mover com um sacolejar de correntes. Zeke ainda estava segurando a máscara contrabandeada. Fez uma bola com ela e enfiou-a embaixo da camisa. E, para não que o acusassem de ser sorrateiro, gritou: — Alô? Tem alguém aí? Doutor Minnericht? Yaozu?

— Eu estou aqui — disse Yaozu antes que Zeke pudesse vê-lo.

O chinês desceu do elevador antes que ele tivesse parado totalmente.

Estava vestido com um longo casaco preto que não usava da última vez em que Zeke o vira. Seu rosto estava marcado pela humilhação, e quando viu o garoto essas linhas de infelicidade se aprofundaram.

Ele estendeu um braço comprido com uma manga larga e agarrou com firmeza o ombro de Zeke. — Vá para o seu quarto e feche a porta. Ela pode ser fechada por dentro, com uma tranca alta. Seria preciso uma catapulta para derrubá-la. Você ficará seguro lá por algum tempo.

— O que está havendo?

— Problemas. Fique seguro lá e espere. Vai passar. — Apressou Zeke corredor abaixo, para longe da porta da escadaria e do homem de armadura que defendia o perímetro no topo.

— Mas eu não quero... ficar seguro. — Zeke olhou para trás, se perguntando quanto às escadas.

— A vida é difícil, não é? — Yaozu disse com secura. Ele parou à porta dos aposentos de Zeke, puxou o garoto para encará-lo e disse o resto rapidamente. — O doutor tem muitos inimigos, mas eles tendem a ser um bando dividido, e não constituem muito perigo a este pequeno império sob as muralhas. Não sei por que, mas essas forças divididas subitamente se reuniram. Suspeito que tenha algo a ver com você, ou com sua mãe. Seja como for, elas estão chegando, e estão fazendo um barulho e tanto.

— Barulho? O que o barulho tem a ver com isso?

Yaozu levou um dedo aos lábios e apontou para o teto. Então murmurou.

— Está ouvindo isso? Não as armas, e não os gritos. A pulsação. Os grunhidos. Não são homens. São podres. A comoção atrai a atenção deles. Sugere aos mortos-vivos que há comida por perto. — Ele repetiu: — Se deseja sobreviver

esta noite, feche sua porta e deixe-a fechada. Não estou tentando ameaçar você... apenas preservá-lo, como questão de cortesia profissional.

E então partiu, descendo o corredor e virando a curva, com seu casaco preto rodopiando atrás dele.

Zeke imediatamente abandonou sua própria porta e saiu quase correndo de volta às escadas, torcendo para descobrir algo de novo ou achá-la aberta e o caminho acima livre de qualquer caos. Até onde ele sabia, a luta podia ter migrado para outro lugar, deixando-o sozinho para explorar uma maneira de sair dali.

Podia ouvir mais bagunça lá em cima, e de repente um uivo que parecia mais um rugido de leão do que a exclamação de um homem.

Isso quase fez com que ele saísse correndo, mas um novo ruído chamou sua atenção — e esse novo ruído era menos ameaçador. Parte gemido e parte tosse, o chorinho vinha de algum lugar próximo, atrás de alguma porta que não estava exatamente muito perto e não era exatamente um convite à investigação.

Foi investigar assim mesmo.

Empurrou a porta e descobriu uma pequena cozinha que não se parecia nem um pouco com uma cozinha. Mas que outro aposento poderia ter tantas tigelas, luzes, fogões e panelas?

Dentro, o aposento estava quente demais de tantos fogos para cozinhar.

Zeke forçou a vista para ver por causa do calor e apurou os ouvidos, e ouviu a respiração ofegante mais uma vez, embaixo de uma mesa que estava semi— coberta por um pano de aniagem que um dia fora um saco. Ele puxou o pano e disse: — Ei, ei, o que você está fazendo aqui? Ei, você está bem? — Porque Alístair Mayhem Osterude estava todo encolhido ali, curvado em posição fetal, com as pupilas tão grandes e assustadas que pareciam não ver nada, ou então estar vendo o mundo inteiro de uma vez.

Ele babava, e ao redor da boca apresentava uma série de feridas recentes que pareciam uma fileira de bolhas de queimadura. A cada exalação, ele si— bilava. Era um som de uma corda de violino sendo lentamente arranhada no sentido do comprimento.

— Rudy?

Rudy bateu na mão estendida de Zeke, e depois recolheu o braço e começou a cravar as unhas no próprio rosto. Ele murmurava uma palavra que poderia ter sido "Nem" ou "Não", ou qualquer sílaba curta que expressasse resistência.

— Rudy, achei que você estava morto. Quando a torre foi estourada, achei que

você tinha morrido lá no fundo. — Ele não acrescentou que Rudy parecia meio morto agora. Não conseguia pensar em uma boa maneira de lhe contar isso.

Quanto mais de perto ele olhava, mais certo estava de que Rudy havia sido gravemente ferido — não gravemente o bastante para matá-lo, talvez, mas gravemente mesmo assim. Sua nuca estava arranhada e cheia de escoriações, e seu braço direito estava pendurado de modo engraçado. Seu braço havia sangrado tanto que sua manga inteira estava úmida e rubra. Sua bengala estava quebrada; uma longa rachadura havia aberto de um lado. Não parecia funcionar mais, não como algo em que se apoiar e não como algo com que atirar. Rudy havia deixado cair para o lado, e a estava ignorando.

— Rudy? — perguntou Zeke, batendo com os nós dos dedos numa garrafa enfiada juntinho ao peito do homem. — O que é isso? Rudy?

A respiração dele havia passado de superficial e barulhenta a quase imperceptível. As pupilas pretas grandes que olhavam para nada e tudo ao mesmo tempo começaram a encolher até se transformarem em pontinhos minúsculos. Uma pequena convulsão fez o estômago de Rudy sacudir, e em seguida foi subindo pelo seu torso até sua garganta tremer e sua cabeça balançar. A parte de baixo da mesa se encheu de cuspe, que também bateu nas mangas da camisa de Zeke.

O garoto recuou. — Rudy, o que está acontecendo com você?

Rudy não respondeu. Outra pessoa o fez, da porta. — Ele está morrendo. Do jeito que ele queria.

Zeke se virou e se levantou tão rápido que bateu com o ombro no canto da mesa. Ela bamboleou. Ele a segurou. Ele gritou: — Diabo, Senhorita Angeline, não podia bater ou algo assim? Juro por Deus, ninguém aqui bate.

— E por que eu deveria? — ela perguntou, entrando no aposento e se agachando de um jeito que fez seus joelhos estalarem alto. — Você não ia ficar surpreso e atirar em mim, e ele já está muito além para sequer saber que eu estou aqui.

Zeke foi até onde ela estava, copiando sua posição — segurando na beira da mesa e abaixando a cabeça para olhar embaixo dela. — A gente devia fazer alguma coisa — ele disse fraco.

— Como o quê? Como ajudá-lo? Garoto, ele já está tão além que mesmo que eu quisesse, nada poderia ser feito por ele. Diabo. A coisa mais gentil que poderíamos fazer por ele era dar-lhe um tiro na cabeça.

— Angeline!

— Não me olhe assim. Se ele fosse um cão, você não deixaria ele sofrer. O negócio é que ele não é um cão, e eu não estou nem aí se ele sofre ou não. Você sabe o que está naquela garrafa? Aquela que ele está segurando, como se fosse o próprio filho dele?

— O que é? — ele estendeu a mão para pegá-la e soltou-a das mãos de Rudy, que escorregaram.

O líquido dentro da garrafa de vidro arranhada era denso e não estava bem claro. Ele tinha uma coloração verde-amarelada, e tinha um cheiro um pouco parecido com o odor acre da Praga, e um pouco parecido com o de sal, e talvez querosene.

— Só Jesus sabe. Isto aqui é o laboratório de um químico, onde eles brincam com essas coisas nojentas e tentam torná-la bebível, ou fumável, ou cheirável. A Praga é uma coisa muito, muito feia, e é difícil transformá-la em alguma coisa que as pessoas possam suportar. O Rudy aqui, este velho desertor, está preso a ela há anos. Eu tentei lhe avisar, lá no túnel subterrâneo. Tentei meter na sua cabeça que ele só estava trazendo você aqui porque achava que Minnericht poderia recompensá-lo por isso. Esse veneno miserável iria matá-lo um dia, e eu acho que esse dia será hoje. — Ela franziu a testa para a garrafa, e franziu a testa para o homem que estava no chão.

— A gente devia ajudar ele — disse Zeke, protestando a morte do homem por uma questão de formalidade.

— Quer dar um tiro nele afinal?

— Não!

— Eu também não. Não acho que ele mereça. Ele merece sentir a dor, e morrer disso. Ele fez algumas coisas muito feias em seu tempo para conseguir essa bebida, ou pasta, ou pó miserável. Deixe ele em paz. Cubra-o se acha que isso é educado. Dessa ele não vai voltar.

Ela se levantou, bateu no topo da mesa e disse: — Aposto que ele sequer sabia que coisa era essa. Ele provavelmente só vagou aqui dentro, procurando ficar todo doidão com a sua droga preferida, e começou a chupar a primeira coisa que encontrou.

— E isso o que você acha?

— É, é isso o que eu acho. Alistair nunca teve uma gota de cérebro, e o pouco que ele tinha no começo foi queimado pela seiva.

Zeke se levantou também, e puxou o pano de aniagem sobre o ponto onde as vibrações da cabeça de Rudy marcavam um zumbido pavoroso contra as tábuas

do piso. Não suportava olhar. Perguntou a Angeline: — O que você está fazendo aqui? — em parte porque queria saber, e em parte porque sentia a necessidade de conversar sobre alguma outra coisa.

— Eu lhe falei que ia matá-lo, não falei?

— Não achei que você estivesse falando sério!

Ela perguntou, com o que pareceu ser uma confusão honesta: — Por que não? Ele não é o primeiro homem que eu gostaria de matar aqui embaixo, mas estava disposta a deixá-lo de fora da lista.

Antes que Angeline pudesse falar, novamente, Zeke reparou que a batida acima estava gradualmente se desvanecendo para um ronco zangado e esporádico. Ele não ouvia mais o esbater contra a porta no fim do corredor, nem mesmo de leve. Ele disse sem fôlego: — As escadas. Havia um homem nas escadas.

— Jeremiah, sim. Isso mesmo. Um sujeito grande, largo feito uma parede de tijolos. Vestindo um monte de equipamentos.

— É ele. Ele... tudo bem? — perguntou Zeke.

A princesa entendeu o que ele quis dizer. — Ele tem seus defeitos, como todos os homens, mas está aqui para ajudar.

— Ajudar quem? Me ajudar? Ajudar você? — Zeke recuou e meteu a ca-beça porta afora, olhando para a esquerda e para a direita. — Para onde ele foi?

Angeline se juntou a ele na porta, então passou por ele e foi para o corredor. — Acho que ele está aqui para ajudar sua mãe — ela disse. — Ela está aqui embaixo na estação em algum lugar. Jeremiah! — ela gritou.

— Não grite! — Zeke tentou silenciá-la. — E ele está aqui pela minha mãe? Achei que ninguém soubesse onde ela estava!

— Por que você achou isso? Foi isso o que Minnericht lhe disse? Não se lembra do que eu lhe falei, moleque burro? Eu lhe disse que ele é uma serpente mentirosa. Sua mãe está aqui há um ou dois dias, e Jeremiah está aqui agora porque teme que o doutor tenha feito algum mal a ela. Jeremiah! — ela gritou novamente.

Zeke pegou Angeline pelo braço e a sacudiu. — Ela está aqui? Todo este tempo ela estava aqui embaixo?

— Ela está aqui em algum lugar. Ela devia voltar aos Cofres pela manhã, mas não voltou, então agora os Pregos vieram todos até a estação procurando por ela. Não acho que eles tenham a intenção de voltar sem ela também. — E gritou uma vez mais: — Jeremiah!

Zeke disse a ela: — Não! Pare de gritar assim! Você tem que parar de gritar!

— E como é que eu vou encontrá-lo? Está tudo bem. Não há mais ninguém aqui embaixo de qualquer maneira, pelo menos não que eu conseguisse encontrar.

— Yaozu esteve aqui há alguns minutos — retrucou Zeke. — Eu vi ele.

Angeline olhou para ele com cara feia. — Não minta pra mim, garoto. Eu vi aquele chinês mau lá em cima. Ele correu cá pra baixo, não foi? Se ele correu cá pra baixo, então preciso saber para que lado ele foi.

— Para lá — Zeke indicou a curva no corredor. — À direita.

— Há quanto tempo?

— Alguns minutos — ele repetiu, e antes que ela pudesse sair na carreira, ele a segurou pelo braço e perguntou: — Onde ele teria colocado a minha mãe?

— Não sei, criança, e não tenho tempo pra imaginar. Preciso seguir aquele velho bastardo assassino.

— Arrume tempo! — Zeke não chegou exatamente a gritar, mas as palavras carregaram uma certa força com elas, num tom que ele nunca ouvira a si mesmo usar. Então, abaixando a voz e com mais controle, soltou o braço dela e disse: — Você me disse que tudo o que Minnericht já disse na vida era mentira. Bom, ele me falou que minha mãe entrou na cidade, procurando por mim. Isso é verdade?

Ela abaixou o braço e lhe deu um olhar que ele não conseguiu interpretar.

Disse: — É verdade. Ela veio aqui procurando por você. Minnericht a atraiu para cá, com Lucy O'Gunning. Lucy saiu da estação ontem e voltou para os Cofres para conseguir ajuda.

— Ajuda. Lucy. Cofres — ele repetiu as palavras que soavam importantes, embora não significassem muito para ele. — Quem está...

A paciência de Angeline estava se esgotando. Ela falou: — Lucy é uma mulher de um braço só. Se você encontrar com ela, diga quem você é e ela fará o melhor que puder para te tirar daqui.

Ela deu um passo para trás e começou a correr, como se tivesse terminado de falar.

Zeke agarrou o braço dela e a puxou de volta com força.

Angeline não gostou. Ela deixou que ele a puxasse para dentro de seu espaço pessoal, mas levou uma faca junto e encostou-a junto à barriga dele.

Não era uma ameaça, não ainda. Era apenas uma observação, e um aviso.

Ela disse: — Tire sua mão de mim.

Ele a soltou, do jeito que ela mandou, e perguntou: — Onde ele teria colocado

minha mãe?

Ela olhou nervosa para a curva no corredor e irritada para Zeke. — Não sei onde está sua mãe. Mas estou apostando que ele deve tê-la enfiado em algum lugar. Talvez num desses quartos, talvez lá embaixo. Já estive dando uma espiada por aqui antes, uma ou duas vezes, mas não conheço este lugar como a palma da minha mão ou coisa parecida. Se encontrar Jeremiah novamente, fique com ele. Ele é um monstro de homem, mas não vai encostar um dedo em você se você deixá-lo em paz.

Zeke achou que isso era toda a informação que ele iria conseguir, então começou a correr; atrás dele, ouviu a batida ligeira dos pés de Angeline disparando na outra direção.

Correu para a primeira porta no corredor e a escancarou.

Só havia uma cama e uma bacia, e um baú com gavetas — bem parecido com os aposentos que lhe haviam sido dados, embora não tão limpo ou lu-xuoso. Alguma coisa no cheiro de pó e tecido fizeram com que ele pensasse que ninguém usava aquele quarto havia muito tempo. Saiu do quarto, chamando por Angeline antes de se lembrar que ela havia partido sem ele. Até mesmo os passos dela já o haviam abandonado, e ele estava sozinho no corredor com todas as portas.

Mas agora ele sabia o que fazer.

Pegou a maçaneta da porta seguinte; estava trancada.

Voltou à sala dos químicos. Rudy não estava mais respirando... ou talvez estivesse, mas era algo tão suave e frágil que Zeke não conseguiu ouvir quando se aproximou da mesa de mansinho. Sem olhar sob a cobertura da aniagem, o garoto tateou com os pés e encontrou a bengala quebrada.

Ela era pesada em suas mãos. Mesmo com a rachadura grande e comprida na lateral, ela ainda parecia sólida.

Correu de volta para a porta trancada, e bateu na maçaneta com a bengala pesada e afiada até quebrá-la e a madeira da porta se fazer em lascas por dentro da fechadura.

Zeke empurrou a porta quebrada com o ombro e entrou com toda a força num quarto atulhado de tranqueiras. Nada ali parecia importante; tudo parecia velho; algumas coisas pareciam perigosas. Uma caixa estava sem tampa.

Dentro havia peças de armas, cilindros e bobinas de fios. O caixote aberto mais próximo estava cheio até a borda de serragem e tubos de vidro.

Além disso, ele não conseguia enxergar mais nada. Não havia luz suficiente.

— Mãe? — ele tentou, mas já sabia que ela não estava lá. Não havia ninguém lá, e ninguém havia estado lá fazia algum tempo. — Mãe? — ele perguntou mais uma vez por via das dúvidas. Ninguém respondeu.

A porta seguinte estava aberta, e atrás dela Zeke encontrou outro laboratório, repleto de mesas encostadas umas nas outras e lampiões montados em dobradiças que podiam ser ajustadas para dar melhor iluminação. Ele gritou: — Mãe? — por questão de princípio geral, não recebeu resposta, e seguiu em frente.

Deu meia-volta e parou com o nariz a meio centímetro da placa peitoral metálica do homem a quem Angeline havia chamado de Jeremiah. Como Jeremiah tinha sido capaz de se mover tão silenciosamente com tanta armadura, Zeke não fazia ideia, mas ali estava ele, e ali estava Zeke, sem fôlego e sabendo onde estava indo pela primeira vez em dias. Falou quase gritando: — Saia da minha frente: eu tenho que encontrar minha mãe!

— Eu estou tentando ajudar, garoto burro. Sabia que era você — acrescentou ao dar um passo para trás, deixando Zeke fugir do laboratório e voltar ao corredor. — Eu sabia que tinha de ser você.

— Parabéns. Você tinha razão — disse Zeke.

Só faltava uma porta por abrir. Ele começou a ir na direção dela, mas Jeremiah o deteve. — E um armário de armazenamento. Ele não a manteria ali. Minha suposição é de que ele a levou para mais um, nível abaixo, onde ficam seus aposentos particulares.

— Estes aqui não são os aposentos particulares dele?

— Não. Estes são os aposentos para hóspedes.

— Você já esteve aqui antes?

— Sim, já estive aqui antes. Onde você acha que consegui este equipamento? Entre no elevador.

— Você sabe como fazer ele funcionar?

Jeremiah não respondeu; pisou firme na plataforma e empurrou o portão para o lado. Ele o segurou aberto para Zeke, que precisou correr; o elevador começou a descer antes mesmo que o garoto pusesse os dois pés dentro dele.

Enquanto o elevador balançava e descia, Zeke perguntou: — O que está acontecendo? Ninguém quer me dizer o que está acontecendo.

— O que está acontecendo ~ Jeremiah esticou a mão para puxar uma alavanca que devia ser um freio — é que estamos pelas tabelas com esse maldito doutor maluco.

— Mas por quê? Por que agora?

Jeremiah balançou a cabeça mecanicamente. — Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro, não é? Nós deixamos que ele nos tratasse como cães por anos, e nós aceitamos, e aceitamos, e aceitamos. Mas agora ele pegou a garota de Maynard, e não há um Prego ou catador aqui embaixo que vá aceitar esse tipo de merda.

Zeke sentiu uma onda de alívio verdadeiro, e gratidão verdadeira acima de tudo. — Você realmente está aqui pra ajudar a minha mãe?

— Ela só veio aqui pra baixo tentando encontrar você. Ele poderia tê-la deixado de fora disso, e deixado vocês dois em paz. Obviamente — ele disse, colocando seu peso sobre a alavanca e fazendo o elevador parar — ele não fez isso. Nenhum de vocês dois deveria estar aqui, mas estão. E isto não está certo.

Ele empurrou o portão para o lado com tanta força que ele quebrou e ficou pendurado.

Zeke abriu o caminho aos chutes e entrou em outro corredor repleto de tapetes, lampiões e portas. Sentiu o cheiro de uma fogueira ardendo em algum lugar. Havia um cheiro quente e familiar ao fundo, como o queimar de troncos de nogueira numa lareira.

— Onde é que nós estamos? O que é isto aqui? Mãe? Mãe, a senhora está aqui embaixo? Pode me ouvir?

Lá em cima, alguma coisa horrível aconteceu num som de explosão e coisas sendo quebradas e prensadas que fez Zeke pensar na torre que havia sido esmagada pela Clementine. Ele teve aquela mesma sensação de que algo estava para acontecer imediatamente, e estar no subterrâneo do mundo só fazia esse medo piorar. O teto rachou acima dele, e o pó de vigas e frestas caiu em cima deles como chuva.

— O que foi isso? — Zeke quis saber?

— Como diabos eu vou saber?

Um rugido tonitruante se fez ouvir e continuou a zumbir lá em cima após a explosão, e até mesmo Zeke — que havia estado pensando que seria uma vergonha se deixasse a cidade sem sequer ver um podre — podia imaginar que som era aquele.

— Podres — disse Jeremiah. — Um monte deles. Achei que o andar de baixo estava mais bem reforçado do que isto. Achei que este era o motivo de se ter todos estes níveis. Acho que Minnericht não sabe tudo afinal, hein? É melhor subir e contê-los.

— Você vai contê-los? Sozinho?

— Alguns dos rapazes de Minnericht podem me ajudar; eles também não querem acabar como comida de podres, e a maioria deles só está aqui porque são pagos para isso. A propósito, se você ouvir uma grande explosão daqui a alguns minutos, não fique muito nervoso.

— O que isso quer dizer? — Zeke exigiu saber.

Jeremiah já estava de novo no elevador, mexendo nas alavancas à procura da correta. Ele disse: — Fique aqui e procure sua mãe. Ela pode estar precisando de ajuda.

Zeke correu até a beira do elevador e perguntou: — E depois, o que é que eu faço? Pra onde eu vou quando achar ela?

— Para cima — disse o homem de armadura. — E para fora... do jeito que puderem. As coisas vão ficar piores aqui embaixo antes de melhorarem. Os podres se moveram mais rápido do que nossos rapazes acharam que eles iriam. Volte para os Cofres, talvez... ou vá até a torre e espere a próxima nave.

E então o elevador deu um solavanco, e um sacolejo, e começou a levar Jeremiah para cima, na direção do teto, até que mesmo as pontas dos dedos dos seus pés desapareceram. Zeke estava sozinho mais uma vez.

Mas havia mais portas a serem abertas, e sua mãe estava desaparecida, então pelo menos ele tinha algo a fazer para tirar a cabeça da comoção lá em cima. A porta no fim do corredor estava aberta, e já que aquela porta representava o caminho de menor resistência — ou de acesso mais rápido — o garoto correu na direção dela e empurrou-a para dentro.

Ali estava a fonte do cheiro de fumaça: uma lareira de tijolos com troncos queimando e dando ao quarto um tom laranja-dourado. Bem no meio do aposento havia urna mesa preta quadrada sobre um tapete oriental com dragões bordados nos cantos. Atrás da mesa, uma poltrona de couro estofada demais, e na frente dela duas outras cadeiras. Zeke nunca estivera antes no escritório de alguém e não sabia para que tudo aquilo; mas era um belo aposento, e quente. Se tivesse uma cama, seria o lugar perfeito para se viver.

Como não havia ninguém olhando, ele deu a volta na mesa e abriu a gaveta de cima. Ali dentro, ele encontrou papéis escritos numa linguagem que ele não entendia. A segunda gaveta — uma mais funda, com uma fechadura que não estava trancada — continha algo mais interessante.

No começo ele achou que era sua imaginação o fato de a bolsa parecer familiar. Ele queria acreditar que já a tinha visto antes, no ombro de sua mãe, mas não

podia ter certeza dando uma olhadela só, então ele a abriu e meteu as mãos dentro. Sua rápida investigação revelou munição, óculos e uma máscara, nenhum dos quais ele já havia visto antes. E então encontrou o emblema com as iniciais MW e a bolsinha de tabaco de sua mãe, intocada havia dias, e ele soube que nada na sacola pertencia ao doutor.

Ele estendeu mais ainda a mão e passou-a por todo o interior da gaveta.

Quando se curvou para fechá-la, viu um rifle embaixo da mesa, onde não podia ser visto, a não ser de trás da cadeira de espaldar alto onde Zeke provavelmente não tinha nada que estar sentado.

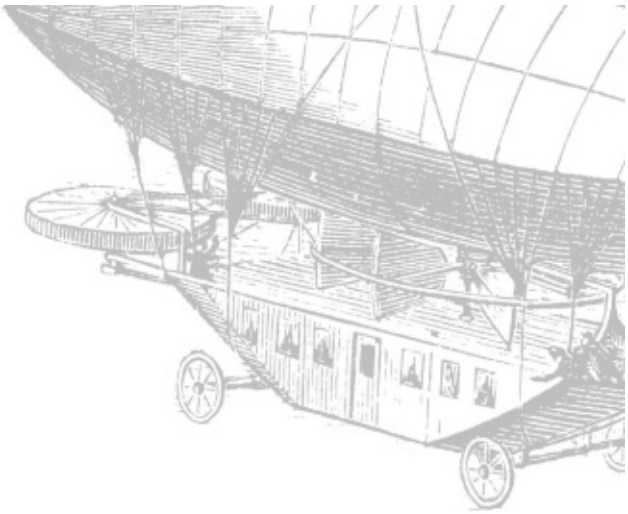
Pegou o rifle também.

O salão estava silencioso e vazio, a não ser pelo crepitar da lareira. Zeke deixou-a assim e voltou correndo para o salão com seus tesouros.

Havia uma porta no meio do caminho, mas Zeke não conseguiu abri-la.

Ele bateu nela com a, bengala torta de Rudy, mas quando a maçaneta quebrou ela simplesmente caiu, e o que quer que estivesse escorando do outro lado continuou segurando firme. Ele jogou seu peso contra ela vezes suficientes para machucar o ombro. Ela não cedeu nem um pouco. Mas havia outras portas a serem abertas, e ele poderia voltar àquela se fosse preciso.

A próxima porta descendo o corredor se abriu para um quarto vazio. E a seguinte não abriu, até Zeke fazer a maçaneta em pedaços com a extremidade do castão da bengala. A fechadura até que tentou se segurar, mas o garoto tinha um chute igual a um coice de mula — e em meio minuto a moldura se desfez em lascas, e a porta se abriu violentamente.



VINTE E SEIS

Briar sonhou com terremotos e máquinas tão grandes que destruíam cidades inteiras. Em algum lugar, na fimbria de coisas que ela podia B ouvir, ela detectou o som de armas de fogo e alguma coisa mais — ou talvez nada mais, porque, fosse o que fosse, não tornou a ser ouvido. Em algum outro lugar tudo era macio e as luzes estavam bem suaves, e a cama era funda o bastante para abrigar uma família de quatro pessoas.

Tinha cheiro de pó e querosene, e de flores velhas secas e deixadas em um vaso ao lado de uma bacia.

Levi estava ali. Ele lhe perguntou: — Você nunca contou a ele, não foi?

Deitada na cama, onde seus olhos estavam tão pesados que ela mal conseguia mantê-los abertos, Briar disse: — Eu nunca contei nada a ele. Mas vou contar, assim que puder.

— E mesmo? — ele não parecia convencido; parecia divertido.

Estava vestindo o avental de linho grosso que costumava usar na oficina do laboratório, e estava coberto por um casaco leve que ia até os joelhos. Suas botas, como de costume, estavam desamarradas, como se nunca lhe ocorresse corrigir essa situação. Ao redor de sua testa um par de monóculos estava amarrado em conjunto por uma tira, cortando um sulco fundo na pele que nunca desaparecia completamente.

Ela estava cansada demais para argumentar quando ele se aproximou e se sentou na beira da cama. Ele tinha o mesmo aspecto que ela se lembrava da ultima vez, e estava sorrindo, como se tudo estivesse bem e nada de errado jamais tivesse acontecido. Ela disse: — É mesmo. Eu vou contar a ele, não importa o que isso me custe. Estou cansada de guardar todos esses segredos.

Não posso mais guardá-los. E não vou.

— Não vai? — ele estendeu a mão para pegar a dela, mas ela não deixou.

Ela rolou de lado, dando as costas para ele e segurando o estômago. — O

que você quer? — ela lhe perguntou. — O que você está fazendo aqui?

Ele disse: — Sonhando, eu acho. Igual a você. Escute, meu amor. Mesmo que não nos encontremos em nenhum outro lugar... aqui estamos nós.

— Então isto é mesmo um sonho — ela disse, e uma sensação de enjoo se espalhou pelo estômago dela como ácido. — Por um minuto achei que não fosse.

— Pode ter sido a única coisa que você fez direito — ele falou, nem se aproximando nem se afastando dela. O peso dele na beira da cama curvou o colchão e fez com que ela sentisse que estava rolando ou caindo para dentro do espaço dele.

— O quê? Não dizer a ele?

— Se tivesse dito, poderia tê-lo perdido antes.

— Eu não o perdi — ela disse. — Só não estou conseguindo encontrá-lo.

Levi balançou a cabeça. Ela podia sentir o movimento, embora não pudesse vê-lo. — Ele achou o que queria, e você nunca irá levá-lo para casa novamente. Ele queria fatos. Ele queria um pai.

— Você está morto — ela disse a ele, como se ele não soubesse disso.

— A ele você não vai convencer disso.

Ela fechou bem os olhos e enterrou a cabeça no travesseiro, que quase quis sufocá-la com seu odor quente e almiscarado. — Não vou precisar convencê-lo se mostrar a ele.

— Você é uma tola. A mesma tola que sempre foi.

Ela disse: — Melhor uma tola viva que uma morta...

— Mãe — ele disse.

Ela abriu os olhos. — O quê?

— Mãe.

Ela ouviu essa palavra novamente. Virou o pescoço para se afastar do

travesseiro, e levantou a cabeça. — Do que está falando?

— Mãe, sou eu.

A sensação de baque súbito do despertar foi parecida com a de um tiro através de um túnel. Ela estava sendo arrastada de dentro da escuridão quentinha para algum lugar mais frio, desolado e infinitamente menos confortável.

Mas lá no fim dessa estrada havia urna voz, e ela se arrastou em sua direção, ou deslizou para ela, ou caiu ao tentar alcançá-la.

— Mãe? Ah, merda, mãe. Mãe? Vamos, acorda. A senhora precisa acordar, porque eu não consigo carregar a senhora, e quero tirar a senhora daqui.

Ela rolou até ficar deitada de costas e tentou abrir os olhos, depois percebeu que eles já estavam abertos, mas ela não conseguia ver direito. O mundo inteiro estava borrado, embora houvesse uma luz piscando à sua direita, e sobre ela assomasse uma sombra distintamente escura.

A sombra dizia sem parar: — Mãe?

E o terremoto em seus sonhos ainda balançava, ou talvez ele só a estivesse sacudindo. As mãos da sombra agarraram seus ombros e a jogaram de um lado para o outro até que seu pescoço estalou, e ela soltou um "Ai".

— Mãe?

— Ai — ela repetiu. — Pare. Pare o que você está fazendo, esse... Pare com isso.

Quanto mais brilhante sua visão se tornava, mais agressivamente ela era acompanhada de uma pontada e uma queimação, e de uma umidade que molhava sua face. Ela tocou o ponto delicado com a mão, e quando a retirou, ela estava molhada.

— Eu estou sangrando? — ela perguntou para a sombra. Então perguntou:

— Zeke. Eu estou sangrando?

— Não muito — ele disse. — Não está nem de longe tão feio quanto eu estava. Está mais mesmo é machucada. O travesseiro está todo sujo de sangue, mas não é seu, então não me interessa. Vem. Fica em pé. Levanta. Vem.

Ele pôs o braço atrás das costas dela e a levantou com esforço da cama, que era tão macia quanto seu sonho sugeria. O quarto era a mesma coisa também, então ela devia estar acordada apenas o suficiente — em fragmentos — para reconhecer o ambiente ao redor. Mas estava sozinha, a não ser pelo garoto, que a arrastou para seus pés e a forçou a se levantar.

Os joelhos dela cederam e depois se firmaram. Ela ficou em pé, apoiando— se

em Zeke. — Ei — ela disse. — Ei, Zeke. Ei, é você. É você mesmo, não é? Porque eu estava tendo um sonho muito esquisito.

— Sou eu sim, sua velha maluca — ele disse com carinho e um grunhido.

— O que é que você está fazendo aqui? O que estava pensando, vindo pra dentro deste lugar?

— Eu? Espere. — Mesmo com a tontura que fazia o ponto dolorido em sua cabeça balançar, ela balançou a cabeça e tentou clarear as coisas o suficiente para levantar uma objeção. — Espere, você está roubando todas as coisas que eu ia dizer. — Lentamente, e em seguida subitamente, a compreensão chegou. Ela disse: — Você; é você, seu garoto burro. É por sua causa que eu estou aqui.

— Eu também te amo, mamãe — ele disse com um sorriso tão grande que quase não conseguiu formar as palavras.

— Mas eu encontrei você, não foi?

— Eu poderia argumentar que eu encontrei você, mas a gente pode brigar sobre isso mais tarde.

— Mas eu vim procurar você.

— Eu sei. A gente pode brigar sobre isso mais tarde. Primeiro, precisamos sair daqui. A princesa está esperando por nós. Em algum lugar. Eu acho. A gente devia encontrá-la, e aquele tal de Jeremiah.

— A quê? Ou o quem? — A pulsação na sua cabeça começou a vibrar e latejar com mais força, e ela se perguntou se talvez não estivesse errada quanto ao seu estado, e quem sabe não estivesse sonhando novamente afinal.

— A princesa. Senhorita Angeline. Ela me ajudou muito. A senhora vai gostar dela. Ela é muito inteligente. — Ele soltou Briar e deixou que ela ficasse em pé sozinha.

Ela bambeou, mas continuou firme. Disse: — Minha arma. Cadê minha arma? Preciso dela. Eu tinha uma bolsa também. Eu tinha... algumas coisas. Onde estão elas? Será que ele as pegou?

— E, ele as pegou. Mas eu as peguei de volta. — Ele estendeu o rifle e a bolsa e praticamente enfiou tudo nas mãos dela. — A senhora vai ter que trabalhar com esse negócio, porque não sei atirar com ele.

— Eu nunca lhe ensinei isso.

— A senhora pode me ensinar depois. Vamos — ele ordenou, e Briar quis rir, mas não riu.

Ela gostou da aparência dele, mesmo frenético e controlador — até mesmo

conduzindo a como uma criança enquanto ela terminava de se recobrar. Alguém havia dado a ele roupas boas e quem sabe até um banho. — Você está bem limpinho — ela disse.

Ele respondeu: — Eu sei. Como está se sentindo? Está melhor?

— Vou sobreviver — ela disse.

— Ótimo. É melhor mesmo. Você é praticamente tudo o que eu tenho, não é?

— Onde estamos? — ela perguntou, já que ele parecia estar entendendo a situação melhor do que ela. — Nós estamos... embaixo da estação? Onde foi que aquele bastardo me colocou enquanto eu estava apagada?

— Estamos embaixo da estação — disse Zeke. — Você está dois níveis abaixo do grande salão com todas as luzes no teto.

— Tem outro nível mais embaixo?

— No mínimo um, talvez mais. Este lugar é um labirinto, mamãe. Você não vai acreditar. — Ele parou com ela na porta e a abriu rápido, então olhou para a esquerda e a direita do lado de fora do corredor. Estendeu a mão e disse: — Espere. Ouviu isso?

— O quê? — ela perguntou. Aproximou-se dele e deixou que ele apurasse os ouvidos e os olhos enquanto verificava seu rifle. Ainda estava carregado, e dentro da bolsa todos os seus pertences pareciam estar no lugar.

— Não estou ouvindo nada.

— Ele ficou ouvindo mais um tempo e depois falou: — Talvez você tenha razão. Achei que tinha ouvido alguma coisa, mas já errei antes. Tem um elevador no fim do corredor, logo ali. Está vendo?

Ela inclinou a cabeça para além da porta e disse: — Sim. E aquilo ali, certo?

— Certo. Vamos correr até lá. Temos que fazer isso; senão, Yaozu vai nos pegar, e não queremos isso.

— Não? — Briar não queria que isso tivesse soado como uma pergunta, mas ainda estava se recobrando, e por enquanto, era a maneira mais fácil de participar da conversa. Além do mais, ela estava tão feliz de vê-lo que tudo o que queria fazer era tocá-lo a falar com ele.

À distância, ela ouviu o som de um tiro. Foi um estalo bem alto, o som de um rifle, não de um revólver. Mais tiros se seguiram em resposta, balas de uma arma menor com uma taxa de disparos mais rápida.

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

— Longa história — ele disse.

— Para onde estamos indo?

Ele a pegou pela mão e a puxou para o corredor. — Para a Torre Smith...

aquela torre grande onde eles atracam os dirigíveis.

Uma lembrança passou pela mente dela enquanto seus passos seguiam os dele em um ritmo furioso. — Mas ainda não é terça, é? Não pode ser. Não podemos sair por ali... Não acho que seja uma boa ideia. Devíamos voltar para os Cofres.

— Mas nós podemos sair por ali, pela torre — ele jurou. — Jeremiah disse que há naves ali.

Ela puxou o braço da mão dele quando chegaram ao elevador. Ele era protegido por uma grade de ferro idêntica ao do que ela havia tomado na superfície; ela a puxou e empurrou Zeke para cima da plataforma. Quando entrou também e fechou a porta, disse: — Não. Tenho que ver Lucy. Preciso descobrir se ela está bem. E...

Mais tiros explodiram, em algum lugar mais próximo dali.

— E alguma coisa ruim está acontecendo lá em cima. — Ela puxou o Spencer e o segurou em posição de prontidão enquanto o elevador subia até o próximo nível. — Devíamos dar o fora daqui. Vamos evitar o máximo dessa confusão que pudermos.

— Provavelmente são só podres — Zeke disse, e tentou mantê-la no elevador enquanto ela teimosamente tentava abrir o portão. — Mas ainda não podemos sair. A princesa pode estar lá em cima!

— Bem, ela não está.

Briar girou o Spencer e o apontou para uma mulher baixinha com braços magros e longos cabelos grisalhos amarrados em uma trança. Ela parecia nativa, mas Briar não conseguiria adivinhar de que tribo; e estava vestindo um terno azul de homem com um paletó e calças grandes demais para ela.

A mulher estava com a mão sobre a barriga. Sangue esguichava por entre seus dedos.

— Senhorita Angeline! — Zeke correu para ela.

Briar abaixou o Spencer, depois mudou de ideia e levantou-o novamente, pronta para qualquer problema que pudesse vir de outra direção. Afinal, eles estavam no meio de um grande salão com várias portas, todas elas fechadas.

Não havia nada que marcasse aquele salão como diferente de qualquer outro, ou como tendo qualquer objetivo particular. Ele estava quase totalmente vazio, a não ser por uma pilha de mesas encostadas em uma parede e um bando de cadeiras quebradas empilhadas uma em cima da outra, abandonadas pegando

poeira.

— Madame — ela perguntou olhando para trás. — Madame, a senhora precisa de ajuda? — Jeremiah disse

A resposta veio sem uma gota de paciência. — Não. E não ponha a mão em mim, garoto.

— Você foi esfaqueada!

— Levei um arranhão, e isso estragou meu terno novo. Ei — ela disse para Briar, lhe dando um tapinha no ombro com um dedo ossudo. — Se encontrar um chinês careca de casaco preto, dê-lhe um tiro bem no meio dos olhos por mim. Isso me faria feliz — ela provocou.

— Vou ficar de olho — prometeu Briar. — Você é a princesa.

— Eu sou uma princesa. E estou zangada como o diabo agora, mas precisamos sair daqui. Se ficarmos, eles vão nos pegar.

— Estamos voltando para os Cofres — disse Briar.

— Ou a torre! — insistiu Zeke.

Angeline disse: — Qualquer um desses dois destinos vai dar certo, mas é melhor irem para o forte. Quando a Naamah Darling estiver consertada, talvez consigam que o velho Cly leve vocês pra fora, se estiverem querendo partir.

Briar franziu a testa. — Cly está aqui? No forte?

— Está fazendo reparos.

Mais barulhos no andar de cima disseram a Briar que ela teria de perguntar sobre isso mais tarde.

Zeke perguntou: — Espere. Vamos voltar para aquela nave? Com aquele capitão velho grandalhão? Não; de jeito nenhum. Não gosto dele.

— Cly? — Briar perguntou. — Ele é bom. Ele vai nos tirar daqui, não se preocupe.

— Como é que você sabe? — perguntou Zeke.

— Ele nos deve um favor. Ou pelo menos acha que deve.

Fazendo a curva, alguma coisa caiu e se quebrou, e do outro lado das paredes, as ondas desajeitadas de pés podres pesados marcavam um compasso aterrador. — Isso é ruim — observou Briar.

— Pior do que isso, provavelmente — disse Angeline, embora não soasse tão irritada. Sacou uma espingarda de cano largo de uma aljava que trazia às costas, e checou-a para se certificar de que estava carregada. O ferimento no seu flanco vazava, mas não esguichou quando ela tirou a mão dele.

— Você conhece isto aqui? — Briar perguntou a ela.

— Melhor que vocês — ela disse. — Mas não muito. Sei entrar e sair, e olhe lá.

— Pode nos levar até os Cofres?

— Posso, mas ainda acho que vocês deviam ir para o forte — ela gemeu, e empurrou Zeke para que ele não a ajudasse a caminhar. — Saia de cima de mim, garoto. Eu estou podendo andar direito. Dói um pouco, mas não vai acabar comigo.

— Ótimo — disse Briar. — Porque temos problemas.

De dentro do elevador, ecoou um gemido que soava como um lamento.

Socos abalavam o teto acima, ou algum outro ponto ao redor da cesta do elevador. Um ou dois abriam o caminho, e depois se derramavam em números maiores através de qualquer passagem que conseguissem forçar.

Os três primeiros podres a sair do elevador e entrar no corredor foram um dia um soldado, um barbeiro e um chinês. Briar destravou o rifle e apontou-o rápido, pegando os dois primeiros nos olhos e estourando a orelha do terceiro.

— Mãe! — gritou Zeke.

— Atrás de mim, vocês dois! — ela ordenou, mas Angeline não quis nem saber, e usou a própria espingarda para abater o terceiro.

Imediatamente outra rodada de podres começou a passar por cima dos três corpos, uma massa com seis corpos de largura e no mínimo isso mesmo de profundidade.

— Recuem! — gritou Angeline. — Recuem, por aqui! — ela disse, sem parar de atirar.

O ruído no corredor era de ensurdecer, e tanto Zeke quanto Briar estavam com as cabeças estourando de dor. Mas era ou apontar alto e atirar ou sentar e morrer; então a mulher continuou disparando enquanto Zeke abria um caminho por trás fazendo a curva, agindo como batedor e vigilante enquanto tentava seguir as orientações de Angeline.

— À sua direita! Quero dizer, à sua outra direita — ela se corrigiu. Deve haver uma porta ali, no fim do caminho. Ao lado do escritório!

— Está trancada! — gritou Zeke. A segunda palavra saiu abafada pela calamidade do Spencer de sua mãe, mas Angeline entendeu.

E disse: — Cubra-me só um segundo.

Antes que Briar tivesse tempo para fazer outra coisa que não obedecer, Angeline se virou e empurrou Zeke para fora do caminho. Descarregou o

segundo barril de sua espingarda na fechadura e a porta quase caiu para dentro, estilhaçada em suas dobradiças.

— E uma saída dos fundos — explicou a princesa. — Ele diz às pessoas que é um beco sem saída, mas é sua própria escotilha de fuga, o bastardo.

Zeke chutou de lado as lascas caídas da porta e desejou que tivessem algo para fechar atrás dele, mas não era assim que as coisas iam funcionar e ele não tinha tempo de reclamar. Tentou deixar as mulheres subirem primeiro, mas estava desarmado e não o deixaram.

Sua mãe o pegou pelo pescoço e meio que o jogou para o corredor, então quase tropeçou nele com o coice de seu tiro seguinte. Angeline lhe disse: — Ande logo! — e recarregou enquanto recuava. A passagem era escura e apertada, mas Zeke podia ver escadas que subiam em uma direção e desciam em outra.

— Pra que lado? — perguntou Zeke, encarapitado na borda da plataforma onde os degraus mudavam de ângulos.

-— Pra cima, pelo amor de Deus — Angeline xingou alto e destravou novamente a culatra de sua espingarda. — Estamos cortando um atalho pelo problema principal, e se descermos eles nos prendem aqui. Temos que tentar subir e sair se quisermos sobreviver.

Briar respirou: — Não podemos continuar assim — e disparou seu último tiro de dentro da porta.

Ela derrubou o podre mais próximo com uma bala; a testa dele inchou, fez uma bolha e estourou: ele caiu. Isso abriu talvez dez metros entre a onda de carne em decomposição e o gargalo estreito do corredor da saída de emergência.

— Subindo, tudo bem. Subindo — Zeke disse sem fôlego ao começar a subir.

— Há outra porta no primeiro andar acima. Está escuro. Vá tateando. Você vai encontrá-la. Ela deve estar destrancada; normalmente está. Eu espero que esteja. — Angeline deu instruções de algum canto escuro onde Zeke não conseguia vê-la. Assim que fizeram a curva e iniciaram a subida, a escadaria se tornara perfeitamente escura. Braços, cotovelos e os canos de armas quase pegando fogo de tão quentes batiam em ombros e costelas enquanto os três tentavam bater em retirada, de volta ao mero caos cotidiano dos vivos.

— Encontrei a porta! — anunciou Zeke. Ele a puxou, e quase caiu quando ela se abriu. Briar e a princesa passaram se espremendo atrás dele, e depois bateram a porta. Uma escora do tamanho da cabeça de Briar estava encostada providencialmente contra a parede, e juntas elas a empurraram para baixo da trava para bloquear a porta.

Quando a horda de podres famintos bateu de encontro à porta, ela balançou, mas se segurou. A escora tremeu e se moveu ligeiramente, mas Angeline chutou-a de volta ao seu lugar e ficou encarando a peça, como se a desafiasse a se mover.

— Por quanto tempo isso vai aguentar? — perguntou Zeke. Ninguém respondeu.

Briar disse: — Onde estamos, Princesa? Não estou reconhecendo este lugar.

— Ponha sua máscara — Angeline disse em resposta. — Você vai precisar dela logo. Garoto, isso vale pra você também. Coloque ela. Vamos correr para a superfície, mas isso não vai nos ajudar de nada se você não puder respirar.

A bolsa de Briar não estava acomodada em seu ombro do jeito que ela gostava; ela a havia agarrado com tanta pressa que não teve tempo de ajustá-la.

Agora ela o fez, encaixando-a no espaço familiar que atravessava seu torso.

Pegou a máscara e enfiou a cabeça dentro das faixas, observando enquanto Zeke fazia o mesmo. Disse: — Onde você pegou isso? Essa não é a máscara com a qual você saiu de casa.

— Jeremiah me deu — disse ele.

— Swakhammer? — disse Briar. — O que ele está fazendo aqui? — ela perguntou a ninguém em particular, mas Angeline respondeu assim mesmo.

— Você demorou demais para voltar aos Cofres. Lucy foi até lá e pegou seus amigos, e aí tudo foi pro buraco. — Ela respirou fundo de um jeito que pareceu um gemido, como se seus pulmões tivessem sido perfurados por algo pontudo. Quando Briar olhou para o flanco da mulher, constatou que o sangue ali era recente.

— Vieram atrás de mim? Para me resgatar?

— Claro que foi para resgatar você. Ou para começar a guerra que queriam há anos. Não estou dizendo que não tivessem a intenção de ajudar você, porque isso eles com certeza queriam... mas vou dizer que precisavam de uma desculpa para um levante dessa natureza, e você foi a melhor que eles encontraram.

Acima, um pedaço de corda pendurada estava amarrado com um nó em luzes penduradas alimentadas por nenhuma fonte que Briar pudesse ver. Mas, trançados com a corda, ela podia ver veios metálicos, fios entrelaçados e transmitindo a energia qualquer que estava sendo usada para iluminá-las. Não eram brilhantes, mas mostravam o caminho suficientemente bem para evitar que eles dessem topadas ou atirassem uns nos outros de surpresa. Grandes lonas cobriam coisas com formas de máquinas monstruosas que haviam sido colocadas

nos cantos, e séries de caixotes estavam empilhadas nas paredes do aposento, que tinha teto baixo, muita umidade e era frio.

— Que lugar é este? — perguntou ela.

— Armazenamento — disse Angeline. — Coisas extras. Coisas que ele roubou, e coisas que usará mais tarde, um dia, se tiver a chance. Se tivermos o tempo ou condições, eu diria que devíamos atear fogo a este lugar atrás de nós. Não há nada aqui a não ser coisas criadas para mutilar e matar.

— Como aqueles laboratórios químicos lá embaixo — murmurou Briar.

— Não, não como aqueles laboratórios. Aquelas são coisas que ele pode vender para um mercado diferente se conseguir entender como funcionam. São sobras do grande concurso que os russos promoveram, na busca de uma máquina mineradora que pudesse escavar através do gelo e retirar ouro. Ele será um homem muito rico se a guerra prosseguir por mais tempo.

Zeke falou: — Ele já é um homem rico, não é?

— Não tão rico quanto gostaria de ser. Eles nunca são, não é, Senhorita Wilkes? Agora ele está transformando essas coisas em máquinas de guerra, já que não foram de muita utilidade como perfuratrizes. Ele quer vendê-las de volta para o leste, para quem der mais.

Briar não estava ouvindo com toda a atenção. Ela havia apanhado a ponta da lona mais próxima e estava espiando embaixo dela, como se levantasse a saia de uma moça. Depois de dar uma boa espiada na penumbra marrom túrgida ali, ela disse: — Eu já vi isto antes. Eu sei o que é... o que deveria ser...mas estas coisas aqui não são só restos do concurso.

— O quê? — perguntou Zeke. — Como assim?

— Ele vem roubando as invenções de Levi e as reformulando para seus próprios objetivos — ela disse. — Estas aqui são as coisas de seu pai. Esta máquina, aqui embaixo... — ela arrancou a lona para revelar um dispositivo comprido, assustador, em forma de guindaste, com rodas e acabamento metalizado. — Este era um dispositivo para ajudar a construir barcos grandes, ou foi assim que ele tentou vendê-lo. Ele deveria... eu não me lembro. Alguma coisa sobre mover grandes peças de um lado para o outro num cais, para que os homens não precisassem carregá-las. Eu não acreditava nisso na época, e ainda não acredito.

— Por que não? — Zeke quis saber.

Ela respondeu: — Porque quantos armadores navais você conhece que precisam de projéteis de artilharia e reservatórios de pólvora? Não sou idiota.

Acho que eu só não queria saber.

— Então Minnericht não é... — Zeke começou a dizer.

Briar disse: — Claro que não. Ele me assustou por um minuto ali, não me importo de contar isso a você. Ele é mais ou menos da mesma altura, e mais ou menos do mesmo... não sei. O mesmo tipo de homem. Mas não é ele.

— Eu sabia que não era. Eu sabia o tempo todo.

— Você sabia mesmo, não?

Zeke se virou para Angeline e disse orgulhoso: — Você me disse pra não acreditar em nada do que ele me dissesse, e eu não acreditei. Eu sabia que ele estava mentindo o tempo todo.

— Ótimo — sua mãe falou. — E quanto a você, Princesa? O que faz você ter tanta certeza de que o bom doutor não é meu marido morto? Eu tenho minhas próprias razões para saber. E as suas, quais são?

Ela futucou a própria ferida e fez uma careta, e a cobriu com a mão.

Enfiou a arma de volta à aljava e disse: — Porque ele é um filho da puta. Sempre foi. E eu sou... — Angeline começou a se afastar da porta arrebentada e a descer correndo na direção da fileira de hizes que iluminavam o caminho adiante. — Bem, a puta sou eu.

O queixo de Zeke caiu. — Ele é seu filho?

— Eu não quis dizer exatamente isso. Há muito tempo, ele foi casado com a minha filha Sarah. Ele a deixou louca, e a matou. — Ela não engoliu, e seus olhos não estavam se enchendo de lágrimas. Esta era uma coisa que ela havia conhecido e guardado junto ao peito por anos, e o mero fato de dizê-lo não tornava a verdade daquilo pior. Então ela continuou: — Minha garota se enforcou na cozinha, na viga do teto. Então talvez ele não tenha dado um tiro nela, nem cortado seus pulsos, nem lhe dado veneno... mas ele a matou como se tivesse feito isso tudo.

Briar perguntou: — Então qual é o nome verdadeiro dele? Não pode ser Minnericht. Não soava igual a nenhum hessiano de que ouvi falar.

— O nome dele é Joe. Joe Foster. Nenhum homem já foi batizado com um nome mais chato, e acho que ele não gostava mesmo. Se pudesse ter escapado, depois da Praga e depois das muralhas, acho que ele teria tirado a vida de Blue. Ele teria feito isso na hora se pudesse. Mas se feriu na fuga. Se visse o rosto dele, entenderia o que quero dizer; ele se queimou em um incêndio, quando as pessoas pensavam que talvez a Praga pudesse ser eliminada a fogo. Então ele foi fazendo isso devagar, roubando a vida de outro homem um pedaço de cada vez

quando tomou essas coisas — essas invenções, brinquedos e ferramentas. Ele levou um tempo para aprender a usá-las.

Briar não conseguia pensar no sinistro Doutor Minnericht com o nome de Joe Foster. Não combinava. Não se encaixava com aquele homem estranho com uma grande personalidade e um grande senso de controle que o lembrava tão imediatamente de seu marido há tanto tempo falecido. Mas não teve muito tempo para ponderar isso.

— Escute — disse Angeline, levando os dedos ensanguentados aos lábios. — Escute, você ainda consegue ouvi-los, não consegue?

Ela estava falando dos podres, ainda batendo contra a porta travada no corredor atrás deles. — Ainda posso ouvi-los — admitiu Briar.

— Ótimo, ótimo. Enquanto pudermos ouvi-los, sabemos onde eles estão.

Agora, você está ouvindo alguma coisa lá em cima? — ela usou os dois dedos na boca para apontar para o teto.

— O que tem lá? — perguntou Briar.

— Estamos embaixo do saguão, onde os tiros e a confusão começaram.

Zeke disse: — Ah, é. Jeremiah voltou por aquele caminho, porque havia mais podres.

Nesse instante, uma explosão impossivelmente alta sacudiu toda a estação subterrânea, e em seu rastro o som de tijolos, cimento e escombros chovendo de algum outro lugar, ecoando a explosão e a arrastando.

O trio parou. Angeline franziu a testa e falou: — Isso não me pareceu a Daisy. — Ela perguntou a Briar: — Você sabe do que estou falando?

— Sei sim. E não, não parecia aquilo.

Zeke disse: — Eu ouvi que Jeremiah chamou ela uma vez de Arma Sônica, eu acho.

— Ah, isso não pode ser bom — murmurou a princesa. — Jesus, eu espero que ele esteja bem. Mas ele é um homem tão grande, e está com tanto equipamento. Tenho certeza de que ele deve estar — ela disse. — Vamos parar, e ficar bem quietos, e dar uma olhada.

— Não posso deixá-lo aqui — disse Briar. — Ele me ajudou tanto. Se ele estiver ferido...

— Não seja tão pessimista, Senhorita Wilkes. Não ainda. Eu não estou ouvindo mais barulho de luta lá em cima, a senhora está?

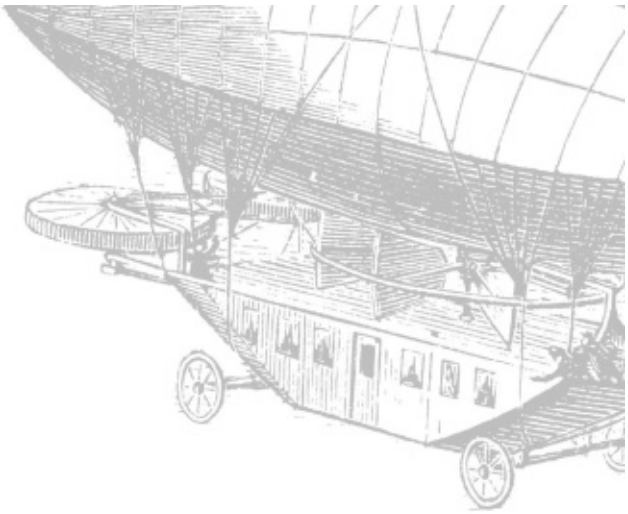
— Não — ela disse.

Zeke concordou. — Eu também não. Talvez eles tenham ido pra outro lugar, ou talvez todo mundo tenha morrido.

— Eu preferia que você não dissesse isso — sua mãe reclamou. — Eu gosto daquele pessoal. O pessoal da casa de Maynard e dos Cofres, eles foram bons para mim, e não precisavam ser. Eles me ajudaram a procurar por você. Eu não sei se teria vivido tanto tempo sem eles.

Atrás de outra porta que não estava marcada e não era remarcável, Angeline apontou mais um lance de escadas. Briar achou que se nunca mais visse outro degrau em toda a sua vida ainda seria pouco, mas foi na frente e deixou Zeke ficar na retaguarda. Estava cada vez mais preocupada com a índia e sua barriga ensanguentada; e ela gostava de gente durona, mas Angeline não estava mais tapeando ninguém. Ela precisava de um doutor — um doutor de verdade, e dos bons, e isso não era nada bom.

O único doutor que Briar já tinha ouvido alguém mencionar dentro das muralhas era... bem... era Minnericht. E ela tinha a sensação de que se eles o encontrassem, ele não seria de muita ajuda.



VINTE E SETE

Briar se inclinou contra a porta, pressionando a orelha de encontro à brecha e apurando o ouvido o máximo que pôde. Do outro lado, B detectou apenas o silêncio, então parou e recarregou ali na escuridão, enchendo o rifle tateando por dentro da bolsa. Levou um pouco mais de tempo, mas foi um tempo a mais que estava disposta a gastar.

Por fim, disse: — Eu vou primeiro. Deixem-me dar uma olhada.

— Eu posso muito bem ir primeiro — retrucou Angeline.

— Mas minha arma pode disparar mais de duas vezes se for preciso.

Fique de olho no meu filho, certo, madame? — disse, e empurrou a trava da porta e deixou a barra de madeira sair lentamente de seu encaixe.

Briar deixou que o cano de seu rifle fosse na frente, e seguiu-o com seu rosto mascarado, girando para um lado e para o outro a fim de abarcar a cena inteira apesar das limitações de seu visor. Podia ouvir a própria respiração alta demais em seus ouvidos, ecoada e amplificada em sua máscara, e ainda era a mesma de quando ela a colocara pela primeira vez e caíra tubo abaixo. Ela não achara que fosse se acostumar a isso.

O aposento à sua frente estava muito diferente da última vez em que ela o havia visto. O saguão gloriosamente inacabado estava atulhado com os resquícios de uma batalha localizada porém muito encarniçada. Havia corpos espalhados e

dobrados sobre as fileiras regimentais de cadeiras; ela contou onze de uma vez só, e viu de rabo de olho um magnífico buraco na parede que parecia ter sido cortado pela própria Boneshaker.

E diretamente dentro do buraco, onde a parede tinha sido mordida e de onde ainda pendiam pedaços pesados, Briar viu um pé no topo do entulho, como se seu dono tivesse criado o buraco com o próprio corpo e agora des-cansasse lânguido dentro dele.

Ela não esquecera de examinar o resto do salão, mas sua varredura subsequente da área foi rápida e displicente. Sem avisar seu filho ou a princesa, ainda protegidos em seu cubículo escuro, ela correu até o pé e escalou os blocos quebrados de alvenaria e mármore até chegar ao seu lado.

Deixou o Spencer cair do ombro e pôs a bolsa de lado.

— Swakhammer — ela disse, dando palmadinhas em sua máscara. — Sr. Swakhammer.

Ele não respondeu.

A máscara parecia intacta, e ele também, em grande parte — até ela começar a enfiar os dedos entre as costuras de sua armadura e tentar sentir coisas que pudessem estar quebradas. Encontrou sangue, e muito. Descobriu que a perna dele estava dobrada de maneira improvável, quebrada em algum lugar abaixo de seu joelho e pendendo dentro de uma bota pesada com uma ponteira de aço.

Ela estava arrancando a máscara da cabeça dele quando Zeke se cansou de esperar nas escadas. Apareceu na beira da parede e perguntou para dentro do buraco: — Tem alguém aí?

— E o Jeremiah.

— Ele está bem? — perguntou Zeke.

— Não — ela grunhiu. O capacete saiu quase inteiro, mas ele estava preso por uma série de molas e tubos. Ele caiu, mas não rolou para longe. — Swakhammer? Jeremiah?

Sangue havia se acumulado dentro da máscara; ele estava vindo do nariz dele e — Briar reparou com verdadeiro alarme — pingava constantemente de uma de suas orelhas.

— Ele está morto? — Zeke quis saber.

Briar disse: — Mortos não sangram. Mas ele está bem machucado. Jesus, Swakhammer. O que aconteceu com você? Consegue me ouvir? Ei. — Ela deu-lhe um tapinha suave no rosto, em ambas as bochechas. — Ei. O que aconteceu com você?

— Ele estava no caminho.

A voz filtrada e mascarada de Minnericht desceu como o martelo de Deus, ecoando alto através da câmara com suas almas mortas e paredes quebradas. O peito de Briar se comprimiu num ataque de pânico, e ela quis gritar para Zeke deixar a relativa segurança das escadarias. Ele estava parado ali em pé, abertamente aos pés do buraco atulhado de pedras, o mais vulnerável possível.

Briar olhou para Swakhammer, cujas pupilas estavam dardejando de um lado para outro atrás de pálpebras entreabertas incrustadas de sangue seco.

Sim, ele ainda estava vivo, mas não por muito. Ela levantou a cabeça e disse, alto o bastante para poder ser ouvida de fora do buraco e do outro lado do salão. — Você não é Leviticus Blue. Mas poderia ter sido irmão dele — ela acrescentou com o máximo de apatia neutra que pôde. — Você tem o mesmo senso de timing dele, disso não há dúvida.

À beira do buraco na parede, ela percebeu que tinha uma pequena marquise que servia como abrigo. O doutor, se é que ele era um de verdade, não podia ver o que ela estava fazendo — não muito bem. Ela usou o momento e a cobertura para revistar levemente seu amigo caso ele estivesse carregando alguma coisa de útil. Ela pôs o Spencer de lado. Ainda que estivesse a fácil alcance, ela jamais conseguiria pegá-lo, destravá-lo, apontá-la e dispará-lo antes que Minnericht tivesse tempo de fazer algo pior.

Um revólver grande estava caído ao lado das costelas de Swakhammer, mas estava vazio.

— Eu nunca disse que era Leviticus Blue.

Briar grunhiu ao tentar levantar Swakhammer o suficiente para apalpar o chão abaixo dele. — Disse sim.

Zeke interferiu: — Você me disse que era ele.

— Quieto, Zeke — sua mãe o alertou. Havia mais coisas que ela queria dizer a seu filho, mas voltou-se para o bastardo mascarado mais uma vez antes que ele pudesse responder. — Todos os filhos de Deus sabem que era isso o que você queria que essas pessoas achassem. Você queria que elas ficassem com medo de você, mas não podia fazer com que isso acontecesse apenas com seu nome. Você podia ser mau como uma cobra, mas acontece que você não é tão assustador quanto uma.

— Cale a boca, mulher. Eu transformei este lugar no que ele é hoje — ele falou, defensivo e zangado, e possivelmente se vangloriando por orgulho ferido.

Briar torceu para que ele estivesse se vangloriando. Torceu para que ele fosse

tão parecido quanto Levi quanto estava parecendo. Disse: — Não vou me calar; e você não vai fazer com que eu me cale, Joe Foster, mesmo que tente. E pode tentar. Você é o tipo de homem que gosta de machucar as mulheres, e ouvi dizer que não sou a primeira.

Ele gritou: — Não me interessa o que você ouviu dizer ou onde ouviu dizer. Só que eu quero saber, e quero que você me diga neste instante, onde ouviu este nome.

Ela se levantou rápido e direto. Ao invés de responder às exigências dele, disse: — Eu quero saber quem diabos você pensa que é, nos arrastando para sua pequena frente ocidental, seu filho de uma puta — ela tomou de empréstimo o rótulo preferido de Angeline.

Quando se levantou, ela pôde vê-lo com a mesma clareza com a que ele a via, e a espingarda de cano triplo nas mãos dele era algo aterrorizante. Não estava apontada para ela. Estava apontada para Zeke, que, para seu crédito, havia conseguido se calar como sua mãe lhe dissera — embora se isso era devido às ordens dela ou à incrível arma de fogo de Minnericht, Briar não sabia e não se importava.

Ela esperava que ele a ameaçasse, mas Minnericht era mais inteligente que isso, e mais cruel. Ora, muito bem então. Ela também podia ser inteligente e cruel, — Você tornou este lugar o que ele é hoje? Então você pensa que tem algum tipo de poder aqui embaixo? Você certamente age como se tivesse, mas é palhaçada, não é? É tudo um grande espetáculo para que as pessoas pensem que você é o homem mais inteligente com mais dinheiro. Mas não é bem assim . Se você tivesse a metade da inteligência que finge ter, não teria de roubar os inventos de Levi, nem raspar as sobras do concurso de mineração. Eu as vi lá atrás, na sua sala de armazenamento. Pensa que eu não sei de onde elas vieram?

Ele rugiu: — Pare de falar!

Mas ela estava determinada a manter a atenção dele sobre ela em vez de sobre Zeke, e em vez de na mulher magra e mais velha que subia as escadarias se esgueirando para se aproximar de mansinho atrás dele. Briar continuou, falando mais alto para que ele a ouvisse: — Se você fosse metade do homem que finge ser, não precisaria de mim para confirmar sua história... e não precisaria trazer os rapazes, como você faz. Levi era louco e era mau, mas era inteligente demais para você simplesmente pegar os brinquedos dele e sair correndo com eles. Você precisa de Huey porque ele é inteligente; e você tentou convencer meu próprio garoto a ficar contando a ele um monte de mentiras. Mas se tivesse mesmo tornado este lugar no que ele é, não teria precisado fazer isso.

Ele mudou sua mira de modo a que a arma de cano triplo passou a apontar entre os seios dela. Isso a fez muito feliz. Ele disse: — Diga mais uma maldita palavra e eu...

— Você o quê? — ela gritou. Ela cuspiu a parte seguinte em uma tirada frenética e desesperada... tudo de uma vez só, pulando de pausa em pausa e tentando mantê-lo zangado, porque Angeline já o havia quase alcançado. — Aposto que você sequer sabe como usar essa arma. Provavelmente nem foi você quem a projetou. Todas as ideias que você já teve, você roubou de Levi, que projetou e construiu tudo. Você só sabe o suficiente para se fazer parecer como um rei, e tudo o que sabe fazer é rezar a Deus para que ninguém des-cubra como você é realmente inútil e fraco!

Além de rugir, além de uivar, ele simplesmente gritou: — Por que você está aqui? Por que vocês dois estão aqui? Vocês nunca deveriam ter vindo!

Você não tem nada a ver com isso — ele jurou. — Você devia ter ficado em casa, naquele hotelzinho nojento nos Arredores. Eu lhe ofereci mais — eu ofereci aos dois muito, muito mais do que qualquer um de vocês merecem, e não precisava! Eu não lhes devia nada, a nenhum dos dois!

Ela gritou de volta. — É claro que não! Porque você não é meu marido, e não é o pai dele, e esta não era nossa luta, nem nosso problema. Mas você não percebeu isso a tempo, Joe Foster.

— Pare de usar esse nome! Eu não quero esse nome; eu odeio esse nome, e não quero ouvi-lo! Como você conhece esse nome?

Angeline estava lá para responder.

Antes que Briar pudesse piscar, a velha estava em cima dele, enroscando as pernas em seu corpo com a força de um torno mecânico. Estava com uma de suas facas na mão, faca essa que logo em seguida já estava embaixo do queixo de Minnericht, naquela estreita divisão onde a pele dele se encontrava com a máscara.

Ela usou seu peso para jogar a cabeça dele para trás e esticar aquela divisão, expondo o pomo-de-adão dele e um trecho branco de pele. Quando ela fez isso, Briar perdeu o fôlego e Zeke deu um pulo por cima dos escombros para entrar no quase abrigo do buraco, ao lado de sua mãe.

Angeline disse: — Por causa de Sarah Joy Foster, cuja vida você terminou vinte anos atrás.

E com um movimento rápido e profundo, que foi até o músculo, ela cortou uma linha naquela divisão.

Ele disparou dois dos três barris da arma, mas seu alvo se perdeu por causa do desequilíbrio e do choque. Ele girou e tropeçou, e escorregou e deslizou pelo chão de mármore riscado que estava encharcado com seu próprio sangue. Ele esguichou em um par de incríveis jatos que disparavam de ambos os lados de seu pescoço, pois Angeline o havia cortado fundo de orelha a orelha. Ela o cavalgou como se fosse um cavalo selvagem enquanto ele se debatia, tentando agarrar a mulher, ou sua garganta, ou qualquer coisa para se firmar. Mas ele estava sangrando rápido demais, e muito.

Não precisou lutar muito, e queria fazer com que esse tempo contasse.

Tentou virar a arma que estava em suas mãos — apontá-la de volta, sobre seu ombro, mas ela era muito pesada. Havia perdido muito sangue, e estava fraco demais. Caiu de quatro, e, finalmente, Angeline o soltou.

Ela chutou a arma grande para longe do alcance dele e ficou olhando enquanto ele cuspia, e enquanto o glorioso casaco vermelho dele ficava ainda mais vermelho.

Briar virou de costas. Ela não se importava com a morte de Minnericht; importava-se com Swakhammer, que não estava sangrando de modo tão espetacular, mas cuja vida estava se esvaindo assim mesmo. Já podia ser tarde demais.

Zeke deu um ou dois passos para trás. Até fazer isso, Briar não havia reparado que estava praticamente se escondendo atrás dela.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou-a novamente quando um burburinho de atividade que se aproximava fez com que sua mãe pegasse, levantasse, destravasse e apontasse o Spencer.

— Abaixe-se — ela disse a ele, e ele se abaixou.

Angeline foi mancando até o buraco, escalou sua beirada e preparou seu rifle bem a tempo de apontá-lo para Lucy O'Gunning quando ela fez a curva e entrou no salão onde a batalha havia acabado de terminar.

Lucy havia encontrado ou consertado sua besta, e ela estava afixada ao seu braço, pronta para disparar. Apontou-a de volta para Angeline antes de perceber quem era. Então abaixou-a e disse: — Senhora Angeline, mas o que...? — Finalmente, ela viu Briar, e quase riu quando falou o resto. — Mas que dupla! Macacos me mordam. Não temos tanta mulher assim aqui dentro das muralhas, mas eu certamente não mexeria com as poucas que temos.

Briar disse: — Pode se incluir nesse número, Lucy. Mas não comece a sorrir ainda. — Ela apontou para Swakhammer, a quem Lucy não conseguia ver sobre

a beirada de madeira e paredes caídas. — Temos um problema, e é um problema grande e pesado.

— Jeremiah! — Lucy exclamou ao enfiar a cabeça sobre os escombros.

— Lucy, ele está morrendo. Precisamos movê-lo daqui, e levá-lo para algum lugar seguro.

Angeline disse: — E eu não sei se isso vai salvá-lo ou não. Ele está muito ferido.

— Estou vendo — Lucy não chegou a retrucar com grosseria. — Precisamos levar ele... Precisamos colocar ele... — ela disse, como se — caso ela falasse o bastante — uma ideia acabasse lhe ocorrendo. E, então, isso aconteceu. — Os trilhos da mina.

— É uma boa ideia — Angeline disse aprovando. — Vai ser mais fácil descê-lo do que carregá-lo, e se você conseguir colocá-lo em um carrinho, poderá rolá-lo até os Cofres sem muito problema.

— Se, se e se. Como é que nós vamos...? — perguntou Briar.

Lucy interrompeu. — Me dá um minuto — ela disse. Acrescentou para Swakhammer em particular. — Não vá a lugar nenhum, seu grande e velho bastardo. Segure firme. Eu já volto.

Se ele a ouviu, não deu qualquer sinal disso. Sua respiração era tão fraca que mal podia ser detectada, e a contração de suas pupilas havia diminuído até se tornar um leve rolar de um canto a outro dos olhos.

Meio minuto depois, Lucy retornou com Squiddy, Prank e Allen, se Briar se lembrava corretamente dos nomes dos outros homens. Prank não parecia tão bonitão. Ele estava com um olho roxo tão grande que quase compunha um nariz roxo e uma testa roxa também; e Allen estava segurando uma mão que parecia ter sido machucada de algum modo. Mas, ajudando um ao outro, os três se arrastaram para dentro do buraco, levantaram o homem de armadura e começaram a meio que puxá-lo, meio que carregá-lo para fora e para baixo.

Lucy disse: — Podemos levá-lo até o elevador. Ao nível térreo, devemos encontrar carrinhos de mineração: é aqui que todas as linhas terminavam quando Minnericht as trazia. Vamos agora, e rápido. Ele não tem muito tempo.

— Pra onde a gente vai levar ele? — perguntou Squiddy. — Ele precisa de um médico, mas...

E foi aí que perceberam a poça de sangue com um vilão mascarado deitado morto em seu centro.

— Jesus. Ele está morto, não está? — Frank perguntou surpreso.

— Ele está morto, e graças a Deus por isso — Angeline lhe disse. Ela estendeu a mão para pegar um dos pés pendurados de Swakhammer — o que não parecia quebrado. Ela o pegou e o colocou em cima do ombro. — Eu ajudo vocês a carregá-lo. Eu mesma bem que podia me consultar com um médico — confessou. — Mas este pedacinho do velho Jeremiah não é tão pesado. Eu posso ajudar.

— Eu conheço um homem — disse Lucy. — É um velho chinês que vive aqui perto. Não é o tipo de medicina à qual vocês estão acostumados, mas é medicina mesmo assim, e neste momento vocês dois vão ter que aceitar o que puderem.

— A medicina à qual estou acostumado? — resmungou Allen. — Eu preferia morrer, se você quer a verdade.

— Swakhammer talvez preferisse morrer do que ser limpo por um chinês — Lucy disse ao usar seu braço mecânico anormalmente forte para apoiar as costas de Jeremiah. — Ele morre de medo deles. Mas eu estou disposta a apavorá-lo se isso o deixar inteiro.

— Mamãe?

— O que foi, Zeke?

— E quanto a nós?

Briar hesitou, embora não ousasse hesitar por muito tempo. Jeremiah Swakhammer estava sendo carregado sob as costas curvadas dos amigos, e estava deixando um rastro de sangue como um novelo de lã se desenrolando atrás deles. Lá em cima, os sons de podres gemendo e pisando duro continuavam. Suas exigências enfurecidas e famintas aumentavam cada vez mais à medida que seus números cresciam, e eles lutaram para encontrar seu caminho dentro dos espaços abertos à força e das entradas que tinham sido deixadas escancaradas.

— Eles estão por toda parte — disse Briar, sem realmente responder a pergunta dele.

— Descer vai ser tão ruim quanto subir. Não sei como este salão permaneceu tão isolado — Lucy disse com um grunhido. — Cadê a Daisy?

— Aqui! — Briar disse rapidamente, como se tivesse pensado a mesma coisa no mesmíssimo instante. O gigantesco canhão de ombro estava semi— enterrado sob uma placa de teto, mas ela o tirou de lá e o levantou, não sem um grande esforço. — Jesus — ela disse. — Zeke, este negócio pesa quase tanto quanto você. Lucy, você sabe como isso funciona?

— Mais ou menos. Gire essa chave aí, à esquerda. Gire ela toda até o fim;

vamos precisar de toda a energia que esse negócio puder nos dar.

— Pronto. E agora?

— Agora ele tem que esquentar. Jeremiah diz que precisa coletar sua energia. Ele armazena eletricidade para poder disparar. Leve ele com a gente, vamos, venha até o elevador. Dispare ele dentro do elevador: esse vai ser o melhor lugar, não acha?

— Tem razão — disse Briar. — O som vai ser projetado de um andar para outro, não vai ficar somente em um. Isso vai funcionar, se conseguirmos chegar ao elevador. — Pensando assim, ela entregou a Daisy para Zeke, que teve de fazer muita força para segurá-la. — Vou avançar e limpar a passagem.

Havia podres lá antes; pode ser que haja ainda.

Preparou o Spencer e correu à frente do bando que carregava Swakhammer, e à frente de seu próprio filho, cujas costas estavam curvadas quase ao meio enquanto tentava equilibrar o peso do seu corpo contra o peso da arma.

Briar chutou a porta do corredor da escadaria e passou sem encontrar obstáculo.

— Escadas livres! — ela gritou para o grupo atrás dela. — Zeke, venha aqui para a frente deles com essa arma! Lucy... quanto tempo até ela esquentar adequadamente? Ela não tem sido disparada ultimamente. Por favor, me diga que não vai levar um quarto de hora!

— Não se ele não disparou ela. Espere só mais um minuto — veio a resposta escadaria abaixo.

Briar não ouviu a última parte. O corredor do andar de hóspedes estava levemente salpicado de podres em variados e pavorosos estados de decomposição. Ela contou cinco deles, se arrastando entre os corpos de seus camaradas e mordiscando os braços e as pernas dos que haviam acabado de cair. Assim distraídos, eles mal notaram Briar, que os derrubou rapidamente, um atrás do outro.

O chão estava atulhado de membros que deviam estar fedendo, mas aí ela se lembrou de que ainda estava usando sua máscara, e por isso só conseguia sentir o cheiro do carvão e dos selos de borracha. Pela primeira vez desde sua chegada, ficou feliz pelo odor singular de seu próprio rosto.

Aqui e ali, um braço havia caído de pura decomposição; e mais adiante num canto, as formas decapitadas de outros cadáveres seminus, em putrefação, eram coletadas à medida que tombavam. Isso a incomodou por um momento, ficar imaginando quem os havia decapitado. Mas então ela decidiu que não ligava e que não importava. Todos os vivos — até mesmo aqueles que lutavam uns

contra os outros — tinham um inimigo comum nos podres, e quem quer que tivesse separado aquelas cabeças daqueles corpos tinha a gratidão dela.

Ela chutou os membros que podia mover facilmente, tentando abrir um caminho e testar o estado das formas caídas e prostradas. Um fingidor abriu sua única pálpebra remanescente e arreganhou os dentes, que Briar pronta-mente tirou-lhe do rosto com um tiro.

Zeke surgiu do corredor das escadas com a Daisy apoiada na nuca, os braços enroscados nela de modo a que ele pudesse carregá-la como um tronco. — Mamãe, o que vamos fazer? — ele perguntou com verdadeira urgência, e Briar ouviu uma pergunta que não estava preparada para responder.

— Não sei — disse ela. — Mas precisamos sair daqui, isso é certo. Vamos começar com isso.

— Estamos indo com eles? Para Chinatown?

— Não, não estamos — disse Angeline.

Ela foi a primeira que emergiu das escadas, ainda com a perna de Swakhammer por cima do ombro. Atrás dela vinha Frank com a outra perna, depois Squiddy e Lucy com o resto do homem inconsciente entre eles.

— Perdão?

— Vão para o forte. Vão para aquela nave, aquela que eles consertaram lá. Ela deve estar pronta para voar — Angeline acrescentou, cada palavra abre-viada e reforçada por sua própria exaustão. — Ela vai levar vocês para fora.

— Fora da cidade? — perguntou Zeke.

— Fora desta parte dela, na pior das hipóteses — Lucy disse sob o pescoço de Jeremiah. — Ajude a gente a colocar ele no elevador, e depois nos mande pra baixo. E assim que a gente tiver ido... — Ela deslocou o peso de Jeremiah, e ele soltou um pequeno gemido. — Você entra no elevador, Briar Wilkes, e pega essa maldita arma e dispara ela. E aí você sobe e sai daqui.

Ainda insegura, Briar acompanhou a primeira parte da ordem e ajudou a manobrar o homenzarrão para dentro do elevador. Elas o encostaram em cima de Frank e Squiddy enquanto Lucy mexia nas alavancas acima. Ela disse: — Assim que a gente chegar lá no fundo e levar Jeremiah pros trilhos, eu mando de volta pra cima, entendeu? Você vai ter que pular, porque ele não vai parar.

— Entendi — disse Briar. — Mas não tenho certeza se...

— Eu também não tenho certeza —Lucy disse a ela. Mas de uma coisa eu sei, diabos. Você está com seu garoto, e esta estação está pra ser completamente varrida por aqueles podres, e qualquer um que ficar aqui vai ser comido.

Zeke perguntou: — Foi você quem deixou eles entrarem?

Lucy jogou a cabeça na direção de Frank e Allen e disse: — Nada como uma vingança, não é? Eu só não sabia que eles iriam chegar a esta profundidade. Por essa eu não estava esperando.

— A gente podia ir com vocês. A gente podia ajudar — ele insistiu.

Briar estava pensando a mesma coisa. Acrescentou: — Nós poderíamos levar vocês em segurança, de qualquer modo.

— Não poderiam não. Ou vamos conseguir ou não vamos. Ou ele vai conseguir ou não vai. Não precisamos de mais ninguém para carregá-lo. Mas vocês dois, bem. Você, Senhorita Wilkes. Você precisa ir dizer ao capitão que não morreu aqui embaixo. Ele precisa saber que pagou uma dívida, não que incorreu em uma maior ainda. Ele está lá no Forte Decatur, onde consertaram esta nave e ele está aguardando para decolar, e sair da cidade. Ele sabe que seu garoto está aqui embaixo agora. Ele me disse isso, quando eu lhe dei a mensagem de Minnericht.

Os ombros de Swakhammer se distenderam e ele fez um som de gorgolejo como alguma coisa tentando respirar com um peito cheio de alcatrão. A última parte saiu num gemido fino, que despedaçou o coração de Briar. Não era um som que Jeremiah Swakhammer jamais devesse fazer. — Ele está morrendo — ela disse. — Oh, Deus, Lucy. Tire ele daqui. Leve ele ao seu médico chinês. Obrigada, e eu vou voltar a ver você um dia, juro.

— Subindo — ela disse. Nem sequer se deu ao trabalho de fechar o portão de ferro, só puxou uma polia acima de sua cabeça. O elevador começou a descer. Enquanto a equipe começava a descer e desaparecia um pouco de cada vez, Lucy repetiu: — Você sempre terá um lugar com a gente nos Cofres, se quiser. Se não, foi uma honra lutar ao seu lado, Wilkes.

E então o elevador desceu rapidamente pelos seus cabos e correntes e sumiu de vista.

Briar ficou sozinha com seu filho.

A grande arma era quase demais para ele. Ele lutou contra seu peso. mas não reclamou, muito embora seus joelhos estivessem tremendo e sua nuca queimando com o calor do metal que esquentava lentamente.

No fundo do poço do elevador, alguma coisa parou.

Briar e Zeke ouviram Lucy gritando ordens, e ela ouviu arranjos sendo feitos, e Swakhammer sendo levado e arrastado para fora e para as profundezas dos níveis subterrâneos. Ela torcia para que houvesse um carrinho de mina em algum lugar ali embaixo; e quem sabe Lucy pudesse escondê-lo em algum lugar para

obter ajuda para ele.

Com um clangor de cabos e correntes, o elevador começou a subir mais uma vez, voltando para Briar e Zeke.

Eles prenderam a respiração e se prepararam para pular para dentro dele.

Briar e Zeke seguravam a Daisy juntos, e quando o elevador apareceu eles a jogaram ali dentro e foram atrás. Assim que estavam seguros a bordo, o elevador subiu lenta porém constantemente, uma fração de andar de cada vez.

Briar rolou a arma para o lado e a encostou com a coronha para baixo.

Um gatilho do tamanho do polegar de um homem grande despontava da parte inferior da arma.

Toda a máquina estava zumbindo com energia acumulada, pronta para disparar.

Briar disse: — Tampe os ouvidos, Zeke. E estou falando muito, muito sério quanto a isso. Tampe-os bem. Isso vai atordoar os podres, mas só por uns dois minutos. Vamos precisar correr.

Inclinando-se o mais distante possível da arma, Briar aguardou até que o andar de cima começou a subir e aparecer, e aí ela apertou o gatilho.

O impacto que o estalo e o pulso provocaram foi projetado para cima e para baixo. Comprimido pelo poço do elevador, ele ecoou, quicou e bateu, indo do topo ao fundo e se espalhando de andar em andar numa série de ondas que poderiam ter amplificado seu poder — ou poderiam apenas tê-lo dispersado. O elevador soou e sacudiu; ele balançou em seus suportes de cabo, e por um momento confuso, quase cego, Briar receou que fosse demais. Ela temeu que o elevador não fosse conseguir dar conta do impacto e não fosse conseguir segurá-los, e a qualquer momento fosse lançar ambos a suas mortes.

Mas o elevador resistiu, e ele foi subindo devagar até a escuridão de mais outro lugar sem luz.

Zeke estava atordoado — tão atordoado quanto Briar havia ficado da primeira vez em que ouvira a Daisy. Mas sua mãe o levantou mais facilmente do que havia levantado a arma, e o puxou para fora da plataforma, levando-o direto para uma porta.

Sem saber o que havia por trás dela, ela a abriu rapidamente, arrastando o garoto aos tropeços e apontando seu Spencer mim arco que cobria todo o horizonte.

As bolhas alaranjadas reluzentes de uma dezena de fogueiras pontilhavam as ruas, e ao redor de cada fogueira havia um anel vazio de espaço. Ninguém jamais havia contado a Briar que os podres mantinham distância do fogo, mas

fazia sentido, então ela nem questionou isso.

As fogueiras foram construídas e alimentadas por homens mascarados que não se importavam em nada com as lutas que aconteciam sob a estação.

Esses homens estavam zonzos, mas já estavam se recuperando. Eles também tinham ouvido a Daisy, e sabiam o que era quando ela soou. Estavam longe o bastante ali em cima — e um pouco protegidos pelo estalar alto das fogueiras — de modo que apenas alguns haviam realmente caído. Uns balançavam as cabeças ou davam socos nos próprios ouvidos, tentando desalojar o poder pavoroso da Doozy Dazer do Dr. Minnericht.

Briar não sabia que eles estavam ali em cima. Mas se soubesse, provavelmente teria disparado a Daisy mesmo assim. Afinal, os vivos se recuperavam mais rápido que os mortos.

Briar espiou um rabo-de-cavalo, e depois mais dois ou três despontando das costas de máscaras de gás. O bairro chinês estava fora da estação, na beira da muralha; e aqueles eram seus residentes, defendendo as ruas para se protegerem.

Todos a ignoraram. Também ignoraram Zeke.

Ela disse a ele: — Largue a Daisy.

— Mas ela...

— Não vamos ter chance de usá-la novamente. Ela leva muito tempo para carregar, e só vai nos atrasar. Agora — ela disse, porque subitamente lhe ocorreu que ela não sabia. — Precisamos encontrar esse forte. Você sabe onde ele fica?

Ela mal conseguia enxergar por entre a fumaça e a Praga, e queria perguntar a alguém por ali. Mas todos os homens ocupados, alimentando suas fogueiras, não olharam em sua direção quando ela gritou pedindo atenção. Ela duvidava que eles falassem inglês.

Zeke puxou o braço dela. — Não fica longe daqui. Vem comigo.

— Tem certeza? — Ela arrastou os pés, mas ele a pegou pela mão e co-meçou a puxá-la.

Respondeu: — Tenho. Tenho sim. Foi para cá que Yaozu me trouxe, e me lembro daqui pelos meus mapas. Vem. Fica descendo esta rua, dando a volta aqui. As fogueiras ajudam — ele acrescentou. — Posso ver pra onde estou indo!

— Está certo — ela lhe disse, e deixou que ele a rebocasse para longe das fogueiras, e para longe dos chineses bem armados com suas máscaras e pás.

Zeke virou a esquina mais próxima e parou.

Briar bateu nas costas dele, empurrando-o dois passinhos para a frente — sobre

um pequeno mar de podres. Todos estavam deitados, mas alguns deles estavam dando os primeiros sinais de despertar. Eram dezenas, com talvez centenas a mais atrás deles, além de onde a escuridão e a Praga deixavam Briar e Zeke ver.

— Não pare — ela lhe disse, e assumiu a dianteira. — Temos menos de um minuto. Pelo amor de Deus, garoto. Corra!

Ele não discutiu e não parou; só deu um salto atrás dela — pulando de corpo em corpo, procurando a rua atrás deles quando conseguia encontrá-la.

Ela o liderou na direção que ele havia selecionado, dando exemplo e pisando em qualquer cabeça ou torso que estivesse no seu caminho. Ela tropeçou uma vez, escorregando numa perna como se fosse um tronco de madeira, mas Zeke a ajudou a se recuperar e num instante abalaram carreira rua abaixo com sua legião de cadáveres irados e imobilizados.

— Siga em frente — ele disse a ela.

Ela ainda estava na frente dele, então estava ao mesmo tempo na liderança e seguindo suas orientações. O cheiro dentro de sua máscara era um elixir de medo e esperança, e de borracha, vidro e carvão. Ela o respirou fundo, pois não tinha escolha; estava perdendo o fôlego, esquecendo tão rápido como era difícil correr e respirar ao mesmo tempo enquanto sua cabeça estava presa pelo aparato. Zeke também respirava com dificuldade, mas era mais jovem, e talvez, dessa maneira, mais forte.

Briar não sabia, mas torcia que sim.

O tempo que eles haviam ganho com a Daisy já havia se acabado; e mesmo que não houvesse, eles estavam se distanciando tanto do local da rajada que os podres não a teriam ouvido, e ela não os teria detido.

Mais duas ruas, e outra esquina.

Zeke parou, e procurou saber onde estava.

— Por favor, me diga que não estamos perdidos — implorou Briar. Ela jogou as costas contra a parede mais próxima e puxou Zeke de volta, torcendo para que ele fizesse o mesmo.

Ele disse: — Perdidos não. Não. Tem a torre, viu? É a coisa mais alta aqui. E o forte ficava para cá. Estamos bem no alto dele, mais ou menos.

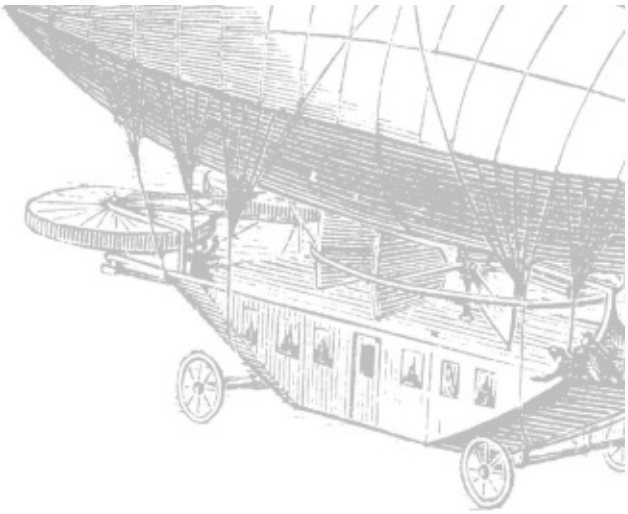
Ele tinha razão. Foram tateando pela escuridão cheia de gás e sem estrelas até encontrarem o portão da frente, trancado por dentro. Briar bateu com força nele, sabendo que poderia estar atraindo o tipo errado de atenção, mas sabendo também que tinha de valer o risco. Eles precisavam entrar, porque os podres estavam chegando. Ela os podia ouvir chegando perto demais, e não havia muito

mais para onde correr.

A bolsa pendurada atravessada pelo seu peito que batia em seu quadril estava perigosamente leve, e ela não queria nem ver quanta munição havia restado. A resposta era "não muita", e saber qualquer coisa mais do que isso só a deixaria doente.

Zeke se aproximou bem ao lado dela, batendo contra a porta do forte com os punhos e com os pés.

Então, de trás da porta bloqueada veio o som da coisas pesadas sendo postas de lado e enfiadas no chão. As fileiras de troncos que compunham a muralha e as portas do forte começaram a se mover, e a rachadura no meio da madeira se abriu o bastante para deixar entrar uma mulher e um garoto, logo antes que o primeiro podre bufando virasse a esquina e atacasse.



VINTE E OITO

Briar reconheceu os homens pelas suas formas, pois não podia ver seus rostos.

Fang, um homem magro e perfeitamente imóvel.

Capitão Clay, um gigante que não poderia ser confundido com mais ninguém.

A luz não invadia completamente o complexo murado, mas era o bastante para enxergar. Havia lampiões pendurados à maneira chinesa, presos por cordas e iluminando os caminhos de cima. Dois homens trabalhavam com uma ferramenta que cuspia fogo e faíscas, e um terceiro bombeava um gerador a vapor que bufava e cuspia nuvens quentes, selando as divisões rasgadas da Naamah Darling.

Briar ficou surpresa com isso, embora ela quase não conseguisse enxergar através do ar espesso como pudim, mas lá estava ela: quase majestosa, apesar de sua multidão de retalhos.

Ela disse para Cly: — Pensei que vocês fossem demorar um tempo para passar.

Ele respondeu: — Não era minha intenção. — Ele apontou com o polegar para outro homem, que estava de costas e vigiando os consertos. — Mas o velho Crog se meteu numa encrenca.

— Me meti numa encrenca? — o capitão girou e o fuzilou com os olhos com tanta violência que Briar conseguiu ver isso pelo visor da máscara dele.

— Eu não me meti em encrenca nenhuma. Um filho da puta miserável de um

ladrão de merda saiu voando com o Corvo Livrei — Olá, hmm... Capitão Hainey — disse ela. — Lamento muito saber disso.

— Você lamenta; eu lamento. Todos os filhos de Deus lamentam — ele disse zangado. — A nave mais poderosa por milhas em qualquer direção. A única nave de guerra que já foi roubada com sucesso de qualquer um dos dois lados, e alguém teve a temeridade de roubá-la de miml E é melhor você agradecer à sua boa estrela, madame — ele disse, apontando o dedo para Briar.

— Ah, isso eu faço. Todos os dias, ultimamente — ela lhe assegurou. — Por quê?

— Com a Corvo Livre sumida — replicou Hainey — eu não teria como tirá-la daqui, e sabem os céus quem mais você poderia ter encontrado. Mas esse bastardão enorme aí concordou em me ajudar a pegar o pássaro, então aqui estamos.

Clay concordou. — Como a senhora pode ver, não deu certo para Crog, mas fico feliz por ver que a senhora nós conseguimos pegar, pelo menos. Tivemos alguns danos — ele disse, apontando com a cabeça os operários, que haviam desligado suas ferramentas e estavam descendo por cordas que caíam pela lateral da nave. — A senhora poderia perguntar sobre isso a seu filho. O que estava fazendo a bordo da Corvo Livre, de qualquer maneira? Andei tentando descobrir isso desde que soube quem era você.

Zeke, que estava quieto na esperança de que o ignorassem, disse sem graça: — Eles me disseram que a nave se chamava Clementine. E eu só estava tentando ir lá para fora, voltar para os Arredores. A Senhorita Angeline armou isso pra mim. Ela disse que eles iam me levar pra fora e me colocar no chão.

Eu não sabia que era uma nave roubada nem nada. — ele reclamou.

— Bem, é uma nave roubada, ou coisa assim. Eu a roubei primeiro, tão certo quanto dois e dois são quatro. Eu a modifiquei. Eu a deixei em condições de voar. Eu a tornei a Corvo Livre, e ela é minha, tão certo quanto eu sou aquele que a construiu desde o leme!

— Me desculpe — Zeke disse sem muita vontade.

— Então foi Angeline quem colocou você nessa enrascada, não foi? Mas ela conhece a maioria de nós que voamos para dentro e para fora daqui — disse Cly, coçando distraído um ponto onde sua máscara não era grande o bastante para se encaixar confortavelmente sobre sua orelha. — Não acho que ela pudesse ter armado para você sem saber, com um capitão que ela não conhecesse.

Zeke disse: — Ela me disse que conhecia ele. Mas acho que não conhecia ele

muito bem.

— Cadê ela então? — Croggon Hainey só faltou gritar. — Cadê aquela índia velha maluca?

— Ela está voltando para os Cofres — disse Briar, tentando finalizar essa parte da conversação. — E nós precisamos tratar de decolar. As coisas estão bem ruins lá atrás, ali na estação, e isso tudo vai se espalhar.

Hainey falou: — Não estou preocupado. Este forte vai manter quase tudo do lado de fora. Eu vou encontrar aquela mulher e...

E como estava tentando ajudar, Zeke falou: — Senhor, o nome do capitão era Brink. Ele era um sujeito ruivo, com um monte de tatuagens no braço.

Hainey ficou paralisado enquanto absorvia essas informações, e então ele começou a balançar descontrolado os braços e dar socos no ar. — Brink! Brink! Eu conheço esse burro velho! — Ele se virou, ainda chutando e golpeando tudo e nada ao mesmo tempo, e foi vagando de volta à nave, xingando e fazendo ameaças que Brink não pôde ouvir.

Andan Cly ficou vendo seu colega capitão atravessar zangado o pátio do forte até sumir por trás da Naamah Darling. Então se virou para Briar e começou a dizer alguma coisa. Ela o interrompeu.

Disse: — Capitão Cly, eu sei que o senhor não planejava estar de volta às muralhas da cidade tão cedo, mas fico feliz por vê-lo assim mesmo. E — ela parou, sem saber a melhor maneira de formular sua solicitação — espero que o senhor não se incomode se eu lhe pedir mais um pequeno favor. Posso fazer com que ele seja lucrativo, e o senhor nem vai precisar sair do seu caminho.

— Lucrativo, hein?

— lucrativo com certeza. Quando sairmos daqui, quero parar na minha casa velha. Quero que Zeke veja onde eu costumava viver. E, como o senhor deve se lembrar, meu marido era um homem rico. Eu sei onde parte do dinheiro dele está escondido, e não acho que nem mesmo os saqueadores mais esforçados possam tê-lo encontrado. Existem... esconderijos. Ficarei feliz em dividir o que eu puder retirar de lá e carregar.

Como se não tivesse ouvido o resto, Zeke disse: — É mesmo? Você vai me levar lá? Vai me mostrar a casa antiga?

— E mesmo — ela disse, embora dizer isso a fizesse parecer cansada além de seus anos. — Eu vou levar você ate lá, e vou lhe mostrar a casa. Vou lhe mostrar tudo — ela acrescentou. — Quero dizer, se o bom capitão for gentil a ponto de nos levar lá.

Croggon Hainey voltou da parte de trás da Naamah Darling, ainda xingando até não poder mais. — Espero que Brink aproveite bastante a minha nave, porque quando eu pegá-lo, vou acabar com a raça dele!

Cly observou Hainey estreitando os olhos, uma expressão que era mais riso que desconfiança. Ele disse: — Pela perspectiva de lucro, provavelmente posso convencê-lo a fazer um pequeno desvio. Além do mais, a nave é minha. Vamos passar pela sua casa, se você quiser. Há algum lugar onde possamos atracar, ou pelo menos amarrar uma âncora?

— Há uma árvore no quintal... um velho carvalho grande. Já está morto agora, com certeza, mas deve aguentar a sua nave por alguns minutos.

— Aceito sua palavra — ele disse. Olhou-a de alto a baixo, e olhou também para Zeke antes de dizer: — Podemos decolar assim que você quiser.

— Quando o senhor estiver pronto, Capitão — disse Zeke. Ele se recostou e abraçou sua mãe, o que a espantou e a encantou.

Isso agradou Briar, mas ao mesmo tempo a entristeceu um pouco. Ela sempre soube que um dia ele iria crescer, mas não esperava que isso fosse acontecer tão rápido, e não tinha certeza de como agir agora.

Estava incrivelmente cansada, e seus olhos doíam no crânio devido aos dias de tão pouco sono e tanta preocupação, isso para não mencionar aquele estranho golpe na cabeça. Ela se inclinou na direção do garoto, e se não estivesse usando o chapéu velho de seu pai, poderia ter colocado a cabeça no ombro dele.

Cly olhou para trás, e, ao ver que os operários haviam terminado com a última ferramenta, perguntou a Fang: — Já pusemos Rodimer de volta a bordo?

Fang fez que sim com a cabeça.

— Ah, sim, Rodimer — disse Briar. — Eu me lembro dele. Estou um pouco surpresa por que ele não está aqui fora proseando.

Sem qualquer cerimônia, Cly falou: — Ele está morto. Quando batemos, ele quebrou alguma coisa... por dentro, a senhora entende o que eu digo. Por algum tempo ele esteve bem, e depois não. E agora, não sei. Agora acho que vamos levá-lo para casa. Deixar a irmã dele decidir o que fazer com ele.

— Lamento muito — disse Briar. — Eu até que gostava dele.

— Eu também — ele admitiu. — Mas não há nada a se fazer a respeito agora. Venham, vamos sair deste lugar. Estou cansado desta máscara. Estou cansado deste ar. Quero sair, e sair já. Vamos — disse Cly. — Hora de ir para casa.

E, em menos de meia hora, a Naamah Darling estava no ar.

Ela alçou voo com cautela enquanto o capitão testava seus propulsores, seus

tanques e seu leme. Ela subiu bem levemente para um veículo tão enorme, e em pouco tempo estava bem acima do forte.

Croggon Hainey pegou o assento de Rodimer e executou mal-humorado os serviços de um imediato. Fang se sentou, apertou os cintos e executou suas tarefas navegacionais em silêncio, através de gestos e movimentos de cabeça.

Briar e Zeke se encolheram na borda mais distante do canto do vidro de observação ligeiramente rachado e se puseram a olhar a cidade abaixo.

Cly disse: — Vamos ficar dentro da Praga por enquanto. Se subirmos mais, vamos encontrar ventos cruzados, e eu quero cuidar bem deste pássaro até ter certeza de que ele está voando direito. Olhe para baixo e para a esquerda. Está vendo a estação?

— Estou vendo — disse Briar.

Ela viu os cruzamentos que se entrelaçavam como dedos, dando aos pedestres um caminho de entrada, de saída e ao redor do bairro onde a estação semiconstruída se destacava contra os lodaçais às margens da grande muralha de Seattle. As fogueiras abaixo lhe mostravam muitas coisas, e os homens que cuidavam delas pareciam camundongos.

A Naamah Darling passou pelo relógio da estação um pouco perto demais para que eles se sentissem confortáveis. O rosto vazio de um relógio do tamanho de um quarto os encarava mudo, sem mecanismos para fazer com que ele marcasse as horas e sem ponteiros para exibilas. Era o fantasma de alguma coisa que nunca havia acontecido.

A aeronave sobrevoou as ruas, e os podres enchiam as estradas abaixo.

Eles se moviam em bolsões e aglomerados, batendo nas paredes sem se dar conta, como bolinhas de gude sendo derramadas de um balde. Briar sentiu uma pena imensa deles, e desejou de todo coração que talvez um dia alguém acabasse com todos — cada um deles. Eles foram pessoas um dia, e mereciam coisa melhor. Não mereciam?

Enquanto o veículo subia, ao longo da encosta da colina mais alta da cidade, Briar pensou em Minnericht e não teve tanta certeza. Talvez nem todos merecessem coisa melhor. Mas alguns sim.

E ela olhou para seu filho, ao seu lado. Ele olhava pela mesma janela, e para a mesma cidade em ruínas. Ele sorria, não porque fosse bonito, mas porque ele havia superado a cidade no fim das contas... e agora conseguiria a única recompensa que havia desejado. Briar o via sorrir. Ela o espiava discretamente, tentando não atrair sua atenção o encarando. Ela queria que ele sorrisse, e ela

ficou imaginando por quanto tempo aquele sorriso sobreviveria.

— Senhorita Wilkes, vou precisar de alguma orientação — anunciou o Capitão Cly. — Eu sei que a senhora viveu nesta colina, mas não sei onde exatamente.

— Naquela direção — ela apontou. — Ao longo de Denny. Direto acima, à esquerda. A casa grande — ela disse.

Ela se elevava acima da faixa desolada e suja de gás como um pequeno castelo — cinzento e anguloso, quase pendurado na encosta de uma colina muito íngreme como uma craca em um barco. Ela já conseguia ver sua torre achatada e a plataforma do terraço, e a camada fina de gelo que rodeava as calhas do telhado. As poucas cores que restavam da velha casa adorável eram muito claras para se sobressaírem na escuridão.

O exterior fora um dia pintado com um tom lavanda claro, porque era sua cor favorita. Ela chegara mesmo a confessar, para Levi e mais ninguém, que sempre gostara do nome "Heather" e queria que seus pais a tivessem batizado assim. Mas Levi havia dito que a casa dela poderia ter essa cor[{8}]; e, quem sabe, se algum dia tivessem uma filha, Briar poderia lhe dar o nome que bem desejasse.

A conversa a assombrava. Era dura e afiada, como se a lembrança tivesse congelado e ficado alojada em sua garganta.

Ela voltou a olhar para Zeke pelo canto do olho. Na época, ela não sabia nada a respeito dele. Tanta coisa havia acontecido antes que ela sequer houvesse pensado — e quando ela descobriu por que estava passando tão mal, e por que tinha vontade de comer coisas tão estranhas... já estava nos Arredores, enterrando seu pai pela segunda vez. Ela estava vivendo da prataria que havia levado da casa de Levi, vendendo-a uma peça de cada vez para sobreviver enquanto as muralhas subiam ao redor da cidade que ela havia chamado de lar.

— O quê? — Zeke a pegou olhando. — O que foi?

Ela deu um riso nervoso, tão baixinho que podia ter sido confundido com um soluço. — Eu estava só pensando. Se você tivesse nascido menina, nós íamos chamar você de Heather. — Então ela disse para Cly: — Ali está a árvore. Está vendo?

— Estou vendo — ele disse. — Fang, pegue um dos ganchos de corda, sim?

Fang desapareceu no porão de carga.

Abaixo dele, um painel recuou e uma corda com um gancho foi lançada até o topo da árvore há muito morta. Briar pôde ver da janela, como logo abaixo dela os galhos estalaram e quebraram; mas quando a corda foi puxada e sacudida, ela permaneceu onde estava. A Naamah Darling balançou, se firmou, e ficou

pairando no mesmo lugar.

Ao lado da árvore, uma escada de corda foi desenrolada e jogada até poucos centímetros do chão.

Fang retornou à ponte de comando da nave.

Cly disse: — Isso não vai nos segurar por muito tempo, mas por alguns minutos vamos ficar bem.

O Capitão Hainey, agora servindo relutantemente como imediato, perguntou: — Precisa de alguma ajuda?

Briar compreendeu o que ele realmente queria, e ela disse: — O senhor poderia nos deixar somente alguns minutos a sós? Depois pode entrar, e eu ajudo o senhor a encontrar o ouro que restou. O senhor também, Capitão Cly. Eu lhe devo muito, e qualquer coisa que encontrar é sua.

— Quantos minutos? — perguntou Hainey.

Briar disse: — Talvez dez? Quero encontrar alguns artigos pessoais, é só.

— Fiquem quinze — Cly disse a ela. — Eu o seguro se for preciso — acrescentou.

Hainey disse: — Eu gostaria de ver você tentar.

E Cly respondeu: — Eu sei que sim. Mas por ora, vamos dar à moça o tempo que ela está pedindo, está certo? Vamos agora, antes que os podres percebam que nem toda a ação está lá na estação e voltem para a colina.

Zeke não precisou ouvir duas vezes. Correu para o porão e para a escada de corda, e antes que Briar pudesse ir atrás, Cly já havia se levantado de sua cadeira. Ele pegou-a gentilmente pelo braço e perguntou: — Seus filtros estão bem?

— Eles estão bem, sim.

— Há alguma coisa... Há qualquer coisa...?

O que quer que ele queria perguntar, Briar não tinha tempo para ouvir, e disse isso a ele. — Deixe-me ir atrás dele, está bem?

— Desculpe — ele disse, e soltou-a. — Vocês vão precisar de luz, não vão?

— Ah. Sim, vamos. Obrigada.

Ele entregou a ela um par de lampiões e alguns fósforos, e ela agradeceu por isso. Enfiou o pulso por entre as alças e as segurou pelo antebraço para poder escalar a corda livremente.

Instantes depois ela estava em pé no jardim da frente de sua antiga casa.

A grama estava tão morta quanto o velho carvalho, e o jardim não era nada a

não ser lama e uma película apodrecida e escorregadia de grama e flores há muito mortas. A casa propriamente dita havia se tornado um tom amarelado de cinza amarronzado como tudo o mais que havia sido manchado pela Praga durante dezesseis anos. Ao redor da varanda, onde roseiras um dia cresceram só havia o restolho esquelético de uma flora frágil e envenenada.

Ela colocou os lampiões no piso da varanda e acendeu os fósforos a fim de iluminá-los.

A porta da frente estava aberta. Ao lado dela, uma janela quebrada. Se Zeke havia feito isso, ela não havia ouvido, mas teria sido fácil para qualquer um meter a mão ali dentro, destrancar a porta e entrar. — Mãe, a senhora já entrou?

— Já — ela disse, não muito alto.

Ela não conseguia respirar, e não era por causa da máscara.

Lá dentro, nem tudo estava como ela havia deixado, mas quase. Pessoas haviam passado por lá; isso era óbvio. Coisas estavam quebradas, e os objetos óbvios haviam sido saqueados. Um vaso japonês azul e branco jazia em pedaços no chão. O gabinete de porcelana havia sido estraçalhado, e tudo dentro dele estava destruído ou desaparecido. Sob seus pés, um tapete oriental estava enrolado nas pontas onde havia sido chutado por invasores; e diversos pares de pegadas sujas manchavam o hall de entrada, indo até a cozinha, e a sala de estar onde Ezekiel estava, olhando para tudo, absorvendo tudo aquilo — tudo ao mesmo tempo.

— Mãe, olha só este lugar! — ele disse, como se ela nunca o tivesse visto antes.

Quando ela lhe entregou um lampião, disse: — Aqui, um pouco de luz para você realmente poder ver alguma coisa.

Lá estava o sofá de veludo, coberto por uma camada tão grossa de pó que não era possível dizer qual era sua cor original. Havia um piano com uma partitura ainda presa no lugar, pronta para ser tocada. E mais adiante — acima da porta — uma ferradura que jamais trouxera sorte nenhuma a ninguém.

Briar ficou parada em pé no meio da sala e tentou se lembrar de como eram as coisas ali há dezesseis anos. De que cor havia sido aquele sofá? E a cadeira de balanço no canto? Era um xale ou um cobertor o que ficava cobrindo as costas dela antes?

— Ezekiel? — ela sussurrou.

— Mamãe?

— Tem uma coisa que eu preciso mostrar a você — ela disse.

— O que é?

— Lá em baixo. Preciso mostrar a você onde aconteceu, e como aconteceu. Preciso mostrar a você a Boneshaker.

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha. Ela podia ver o sorriso na deformação que a máscara fazia. — Isso! Me mostra!

— Por aqui — ela disse. — Fique por perto. Não sei se o piso está seguro.

Ao dizer isso, ela viu um de seus antigos lampiões a óleo pendurado na parede como se ela nunca tivesse partido. Seu reservatório de vidro estava intocado — ele não estava rachado ou sequer torto. Ao passar por ele, a luz de seu lampião industrial barato reluziu contra ele e o fez parecer vivo por um breve instante.

— As escadas ficam por aqui — disse Briar, e suas pernas doíam só de pensar em subir mais degraus naquele dia; mas ela abriu a porta com as pontas dos dedos e as dobradiças rangeram com um gemido familiar. Estavam enferrujadas, mas estavam aguentando bem — e quando a porta foi aberta elas cantaram com exatamente as mesmas velhas notas.

Zeke estava empolgado demais para falar. Briar podia sentir isso no estremecimento nervoso atrás dela, e no permanente sorriso dentro da máscara, e nas respirações rápidas e felizes que assoviavam pelos filtros aceleradas como as de um coelho.

Ela sentiu necessidade de explicar.

— Houve um concurso, anos atrás. Os russos queriam encontrar uma maneira de minerar ouro de dentro do gelo no Klondike. Seu pai ganhou o concurso, então eles lhe pagaram para construir uma máquina que pudesse perfurar até trinta metros de gelo. — A cada passo para baixo, ela acrescentava um novo dado explicativo, tentando reduzir a descida ao mesmo tempo em que se forçava a executá-la. — Lá quase nunca acontece um degelo, eu acho, e mineração é um negócio complicado. De qualquer maneira, Levi teve seis meses para construí-la e mostrá-la para o embaixador quando ele chegou à cidade para uma visita, mas então ele disse que botaria a perfuratriz para funcionar mais cedo, porque havia recebido uma carta lhe pedindo para fazer isso.

Ela havia chegado ao porão.

Ela levantou o lampião e o deixou iluminar o aposento. Ezekiel se aproximou e ficou ao seu lado.

— Cadê? — ele perguntou?

Os raios do lampião dela iluminavam um salão em grande parte vazio com lençóis espalhados que um dia haviam coberto maquinaria ou outro

equipamento. — Aqui não. Este não é o laboratório. Aqui é só o porão. Aqui costumava ser onde ele armazenava todas as coisas nas quais estava trabalhando enquanto esperava que alguém as comprasse, ou enquanto esperava para descobrir o que iria fazer com elas.

— O que aconteceu?

— Estou achando que Minnericht escapou com tudo o que podia carregar. A maior parte do que vi lá na estação... bem, um bocado daquilo, pelo menos... veio daqui. Aquelas luzes lindas, você as viu? Movidas a eletricidade, gerada por não-sei-o-quê. Você viu a arma que ele tinha? Aquela coisa de barril triplo? Eu nunca vi uma aqui embaixo, mas vi uns desenhos dela. Estavam em cima daquela mesa.

Uma peça comprida e baixa de mobiliário estava encostada na parede. Ela não tinha nada, nem um único pedaço de papel ou o menor toco de lápis sobre seu tampo.

— Minnericht, ou Joe Foster, ou fosse lá quem ele fosse... Acho que ele levou tudo o que não estava pregado. Pelo menos, levou tudo o que viu. Tudo o que conseguiu mover. Mas não conseguiu mover aquela maldita Boneshaker, não conseguiria nem que soubesse como encontrá-la.

Ela abriu a gaveta superior direita da mesa e enfiou os dedos sob um painel oculto, onde apertou um botão.

Com um estalo e um barulho de esmigalhamento, a forma de uma porta apareceu na parede.

Zeke deu um gritinho e correu para lá.

— Cuidado — sua mãe avisou. — Deixe-me mostrar a você. — Ela foi até a forma retangular e passou as mãos ao longo da depressão onde a porta havia sido revelada.

Ela empurrou um painel em um determinado ponto e ele recuou, deslizando para trás com um ruído agudo para revelar outra escadaria.

— Ora — ela disse. Ela ergueu o lampião alto e o estendeu até o interior do aposento. — Parece que o teto aguentou bem.

Mas nem todo o resto havia aguentado.

Parte de uma parede e o chão inteiro estavam inteiramente perdidos, moídos como bolos de carne. Cabos da grossura de dedos pendiam quebrados do teto e jaziam espalhados por sobre pilhas de entulho que havia sido empurrado para trás e para cima, postas de lado por pás como se fossem montes de neve pela máquina gigante que despontava de fora das profundezas subterrâneas da colina,

e para dentro do antigo laboratório.

A Boneshaker estava intacta, coberta pelos escombros que havia gerado de forma tão eficiente. Ela estava plantada bem no meio do aposento como se tivesse criado raízes ali.

Os lampiões não eram suficientes para afastar toda a escuridão, mas Briar podia ver os painéis de aço arranhados da máquina entre as placas de alvenaria caídas, e as enormes brocas de perfuração ainda espetavam o ar como as garras de um terrível caranguejo. Somente duas das quatro brocas da máquina eram visíveis.

A perfuratriz não havia quebrado, mas esfarelado três mesas compridas que reluziam com lascas de vidro. Ela havia derrubado e demolido fileiras de prateleiras e armários; tudo contra o que havia sequer esbarrado havia sido feito em pedacinhos.

— Estou besta que isso não tenha posto a casa abaixo — sussurrou Briar.

— Estou lhe dizendo, na época pensei que fosse. — Mesmo através de sua máscara. O ar estava abafado e frio, e entupido com o mofo, a poeira e a Praga de dezesseis anos.

— É — disse Zeke, concordando com tudo o que ela tinha vontade de dizer.

Olhando de relance, parecia que a máquina estava deitada de lado, mas essa impressão se devia somente a um truque das proporções do aposento. Ela estava virada com o nariz para cima, um terço do caminho para fora do piso do porão. Suas brocas — cada qual do tamanho de um pônei — havia girado e retorcido tudo ao redor delas; Briar lembrou de ter pensado em garfos gigantes girando numa tigela de espaguete. E embora a ferrugem tivesse tomado as pontas das lâminas das brocas, elas ainda pareciam mais feias que o sonho de um demônio.

Briar engoliu em seco. Zeke se agachou como se fosse dar um pulo, mas ela estendeu um braço para detê-lo. Ela disse: — Está vendo lá no alto? Uma cúpula de vidro grosso, em forma de bala?

— Tô vendo.

— Era lá que ele se sentava para pilotar esse negócio.

— Eu quero ir sentar lá. Posso? Será que ainda abre? Você acha que ainda funciona?

Ele pulou antes que ela conseguisse detê-lo, saltando sobre a brecha e pousando com leveza sobre as escadas na beira do aposento atulhado de lixo.

Briar exclamou: — Espere! — e foi atrás dele. — Espere, não toque em nada! Há vidro por toda parte — ela admoestou. O lampião na mão dela ainda estava balançando por conta do salto dela, e pareceu que o aposento cheio de pó e semi-

desabado estava cheio de estrelas.

— Calcei minhas luvas — disse Zeke, e começou a subir todo atrapalhado, passando por cima do chão, das brocas e indo na direção da bolha do piloto.

— Espere — ela disse com urgência, e num tom de ordem.

Ele parou.

— Deixe-me explicar, antes que você exija que eu explique.

Ela escorregou escadaria abaixo e foi subindo bem devagar até chegar ao lado dele, em cima das pilhas de entulho e rochas e o que restou das paredes do porão que recobriam a Boneshaker como a casca de uma lagosta.

Ela disse: — Ele jurou que foi um acidente. Disse que aconteceu um problema com o leme e a propulsão, que o negócio todo escapou ao seu controle. Mas você pode ver com seus próprios olhos como ele tornou a colocá-la de volta ao porão quando acabou de usá-la.

Zeke assentiu. Ele se ajoelhou e limpou o quanto pôde da poeira com as mãos, revelando mais partes do revestimento de aço com suas marcas do tamanho de punhos.

— Ele jurou que não sabia o que aconteceu com o dinheiro porque não o havia apanhado, e jurou que nunca tivera a intenção de ferir uma alma sequer. E, acredite ou não, por alguns dias ele conseguiu se esconder aqui. Ninguém sabia exatamente para onde a máquina havia ido. No começo, ninguém sabia que ele a havia pilotado direto até sua casa, tão fácil quanto virar um carrinho.

— Mas então seu avô veio procurando por ele. Quero dizer, todo mundo estava procurando por ele, mas se alguém sabia para onde Levi havia ido, seria eu, então foi para cá que ele veio.

— Eu não havia falado com ele desde que fugi para me casar. Meu pai nunca gostou de Levi. Ele achava que Levi era muito velho para mim, e acho que ele tinha razão. Mas, mais do que isso, ele achava que Levi não era bom, e eu acho que ele tinha razão a esse respeito também. Então a última vez em que falei com seu avô, eu o chamei de mentiroso por dizer que meu marido era um bandido; e eu menti entre dentes e disse que não sabia onde meu marido estava. Mas ele estava bem aqui embaixo, neste laboratório.

Zeke disse: — Eu queria ter conhecido ele. Seu pai, eu quero dizer.

Ela não soube como responder a isso, e uma resposta a engasgou até ela conseguir dizer: — Eu também gostaria que você o tivesse conhecido. Ele nem sempre foi um homem realmente caloroso, mas acho que teria gostado de você. Acho que ele teria ficado orgulhoso de você.

Então ela pigarreou e disse: — Mas eu fui terrível com ele da última vez em que o vi. Eu o expulsei, e nunca mais o vi com vida. — Ela acrescentou, mais para si mesma do que para ele: — E pensar que foi Cly quem o trouxe de volta para casa. Este mundo é menor do que se imagina.

— O Capitão Cly?

— Ah, sim. Foi o Capitão Cly, embora ele fosse mais jovem na época, e capitão de ninguém, acho que não. Talvez ele lhe conte sobre isso quando voltarmos à nave. Ele lhe dirá como realmente aconteceu a fuga da prisão, já que você sempre quis tanto saber a respeito. Se alguém pode explicar tudo direitinho como se deu, é ele, já que ele estava lá.

— Mas depois, ainda naquela mesma noite, quando meu pai veio para cá procurando por Levi, eu desci até o laboratório como se não soubesse que não deveria. Seu pai fez um reboliço, porque eu não devia descer sem a permissão dele. Mas eu desci e entrei enquanto ele não estava olhando. Ele estava embaixo daquela cúpula, com o traseiro para fora e a cabeça enterrada fundo nas entranhas da Boneshaker. Então ele não me viu.

Zeke estava se aproximando do painel do piloto, subindo na direção daquela bolha de vidro que era mais espessa que a palma da sua mão. Ele ergueu o lampião acima da cabeça da melhor maneira que pôde segurá-la e espiou pela superfície arranhada. — Tem alguma coisa ali dentro.

Briar falou mais rápido. — Eu abri a porta do laboratório, e bem ali na minha frente havia uma pilha de sacolas que diziam PRIMEIRO BANCO ESCANDINAVO. Lá em cima, onde aquela mesa está toda quebrada agora, havia vários sacos, enfileirados e estourando de tão recheados de dinheiro.

— Eu gelei, mas ele me viu assim mesmo. Ele deu um pulo naquele banco e me fuzilou com o olhar como nunca eu tinha visto na minha vida. Começou a gritar. Ele me disse para sair, mas então viu que eu já tinha visto o dinheiro e tentou uma abordagem diferente. Ele admitiu que havia roubado o dinheiro, mas me disse que não sabia nada a respeito do gás. Jurou que havia sido acidente.

Zeke perguntou: — O que aconteceu com o dinheiro? Tem algum ainda aqui? — Os olhos dele vasculharam o que havia restado do aposento e, ao não achar nada, começou a escalar o local de repouso da Boneshaker.

Briar continuou. — Ele já havia escondido a maior parte. O que eu vi era apenas um pouquinho que ele ainda não havia conseguido esconder. Levei um pouco comigo quando parti; e fiz cada centavo render o máximo possível. Foi assim que conseguimos comer quando você era pequeno, antes de eu sair para trabalhar na usina de tratamento de água.

— Mas e o resto?

Ela respirou fundo. — Escondi lá em cima.

E ela disse, mais rápido do que antes, tentando dizer tudo antes que Zeke tivesse a chance de ver por si mesmo. — Levi tentou me vender uma conversinha mole sobre fugirmos juntos e recomeçarmos em outro lugar, mas eu não queria ir a lugar algum. E, de qualquer maneira, estava claro como o dia que ele estava planejando fugir sem mim. Ele começou a gritar, e eu fiquei zangada, e fiquei apavorada. E, em cima daquela mesa, a que costumava ficar aqui, eu vi um dos revólveres que ele estava tentando transformar numa coisa maior e mais estranha.

— Mãe!

Ela não deixou que a exclamação dele diminuísse sua velocidade. Continuou: — Eu o apanhei e apontei para ele, e ele riu de mim. Ele me mandou subir e pegar o que eu quisesse levar comigo, porque iríamos deixar a cidade na Boneshaker, e faríamos isso em menos de uma hora. Caso contrário eu poderia ficar ali e morrer como todo o resto. E ele me deu as costas; voltou a subir na máquina e começou a trabalhar novamente, como se eu não estivesse lá. Ele nunca achou que eu valesse porcaria alguma — ela disse, como se só agora isso tivesse lhe ocorrido. — Ele achava que eu era jovem e burra, e bonita o bastante para servir de enfeite em sua casa. Ele achava que eu não saberia me virar. Bem, eu soube.

Zeke estava perto o bastante do vidro para, quando levantou seu lampião, poder ver uma forma esparramada abaixo dele. Ele disse: — Mãe.

— E não estou dizendo que ele me ameaçou, nem que ele tentou me acertar. Não foi o que aconteceu. O que aconteceu foi que ele voltou para a Boneshaker, eu fui por trás dele e o acertei com um tiro.

A mão de Zeke achou uma trava na altura de seu joelho. Ele estendeu a mão para puxá-la, mas hesitou.

Ela lhe disse: — Vá em frente. Olhe, ou passe o resto de sua vida se perguntando se Minnericht estava lhe dizendo a verdade.

Zeke deu mais uma olhada para a porta, onde Briax estava sem se mover com seu lampião, então pressionou a trava e puxou a porta. A cúpula de vidro sibilou num par de dobradiças e começou a se levantar.

A múmia de um homem estava sentada do lado de dentro, caída para a frente, com o rosto para baixo.

A parte de trás de sua cabeça estava faltando, embora fosse possível ver

pedaços aqui e ali — colados no interior do vidro, e no painel de controle. Os pedacinhos soltos haviam ficado pretos e cinzas, colados aonde quer que tivessem caído e se espatifado. O cadáver ressequido estava vestido em um guarda-pó de cor clara e usava luvas de couro que iam até seus cotovelos.

Briar disse, mais devagar, e mais baixo: — Não posso sequer fingir que estava protegendo você. Eu só saberia que estava esperando você dali a semanas, então não tinha essa desculpa. Mas a verdade é essa. Eu o matei — ela disse. — Se não fosse por você, acho que isso jamais teria importado. Mas você está aqui, e você é meu — e você era dele também, merecesse ele ou não. E, gostando eu ou não, isso importa.

Ela esperou, na expectativa do que seu filho faria a seguir.

Lá em cima, ambos ouviram o som de pés pesados andando pelo salão. O Capitão Cly chamou: — Senhorita Wilkes, a senhora está aqui?

Ela gritou de volta: — Estamos aqui embaixo. Dê-nos um segundo; já estamos subindo!

Então Briar disse: — Diga alguma coisa, Zeke. Estou lhe implorando, garoto. Diga alguma coisa.

— O que é que eu deveria dizer? — ele perguntou, e parecia que ele honestamente não sabia.

Ela tentou: — Diga que você não me odeia. Diga que entende, ou se você não entende, me diga que está tudo bem. Diga que eu lhe disse o que você sempre se perguntou, e agora você não pode me acusar de esconder mais nada. Ou se você não puder me perdoar, então pelo amor de Cristo me diga isso! Diga-me que eu prejudiquei você, da mesma forma que eu o prejudiquei anos atrás. Diga-me que você não consegue entender, e que você gostaria de ter ficado com Minnericht na estação de trens dele. Diga-me que você nunca mais quer me ver, se é isso o que você deseja. Diga qualquer coisa. Mas não me deixe aqui parada, imaginando coisas.

Zeke deu as costas para ela e voltou a olhar para a bolha de botões, alavancas e luzes. Deu uma boa olhada no corpo encolhido cujo rosto ele jamais veria. Então ele pegou a tampa da cúpula de vidro e a abaixou até que a trava pegou com um clique que a manteve fechada.

Ele desceu pela lateral da grande máquina e parou a pouco mais de um metro de sua mãe, que estava aterrorizada demais para chorar, apesar do tanto que desejava colocar tudo para fora.

Ele perguntou: — O que é que a gente faz agora?

— Agora?

— E. O que é que a gente faz agora?

Ela engoliu em seco, e soltou os dedos brancos que agarravam desesperados a alça da bolsa. Ela quis saber: — Como assim?

— Quero dizer, nós passamos pela casa, pegamos o que podemos salvar e voltamos até os Arredores?

Ela disse: — Você acha que talvez nós devêssemos ficar aqui. É isso?

— É o que eu estou lhe perguntando. Será que a gente sequer pode voltar pros Arredores agora? Você teria um emprego? Você foi embora há dias; acho que nós dois fomos. Talvez nós devêssemos pegar o dinheiro que restou e ver se o capitão nos levaria de volta para o leste. A guerra não pode continuar pra sempre, pode? Talvez se a gente fosse bem para o norte, ou bem para o sul...

— A ideia se desvaneceu, bem como sua lista de sugestões. -Não sei — ele concluiu.

— Eu também não — ela disse.

Ele acrescentou: — Mas eu não odeio você. Eu não posso. Você veio até a cidade para me encontrar. Ninguém mais no mundo exceto você ligaria o suficiente para tentar.

O nariz dela ficou entupido e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela tentou enxugá-las e esqueceu que estava usando máscara. Disse: — Tudo bem. E ótimo. Ótimo. Fico feliz por ouvir você dizer isso.

Zeke disse: — Vamos sair daqui. Vamos subir e ver o que podemos encontrar. E depois... e depois... o que você quer fazer?

Ela o enlaçou pela cintura e o abraçou com força ao subirem as escadas juntos.

Nos andares acima, podiam ouvir os piratas aéreos vasculhando gavetas, metendo as mãos em prateleiras e armários.

Briar disse: — Vamos dar uma mãozinha a eles. Existe um cofre no andar do quarto, embaixo da cama. Sempre achei que iria voltar ern busca dele um dia, só não sabia quanto tempo iria levar. — Ela fungou, e estava quase feliz.

Perguntou: — De um jeito ou de outro, estaremos todos bem, não estaremos?

— Acho que vamos poder estar.

— E quanto ao que faremos a seguir... — Ela assumiu a dianteira e o levou de volta ao corredor, onde a luz combinada de seus lampiões fez o espaço estreito se iluminar com calor. — Não temos muito tempo para decidir. Quero dizer, não podemos ficar aqui. O subterrâneo não é lugar para um garoto.

— Nem para uma mulher, pelo que ouvi.

— Nem para uma mulher, talvez. — Isso ela admitiu. — Mas talvez isso não se aplique a nós. Talvez eu seja uma assassina, e você um fugitivo. Talvez mereçamos esta cidade, e esta gente, e talvez possamos tirar algo de bom dela. Não pode ser muito pior do que a vida que levávamos fora das muralhas.

A forma imensa do Capitão Cly os encontrou no salão, e Croggon Hainey passou pela porta da frente, ajustando sua máscara e ainda xingando baixinho sobre sua nave perdida. Fez uma pausa longa o bastante para dizer: — E uma coisa estranha, Senhorita Wilkes. Acho que nunca fui convidado a roubar nada da casa de ninguém antes.

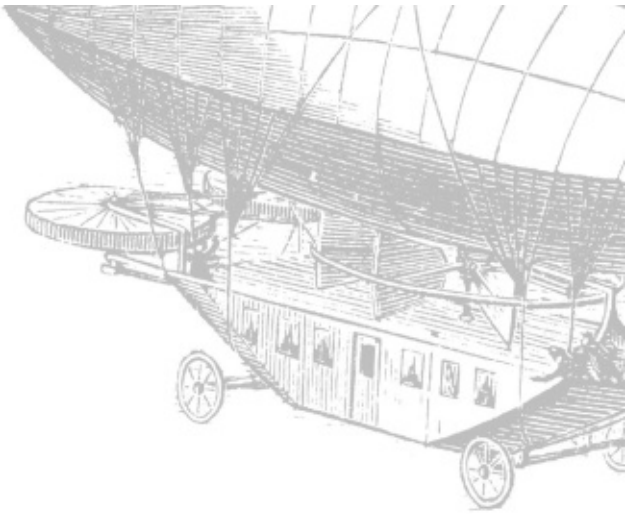
Ela olhou ao redor, para as tiras enroladas de papel de parede úmido, os tapetes gosmentos e os quadrados de estranhas cores onde um dia havia quadros pendurados. Conchas ocas de móveis jaziam encostados ao longo das paredes e ao lado da lareira, e as bordas afiadas de vidros de janela quebrados faziam linhas engraçadas de sombras queimadas pelas paredes sujas. Pelas janelas, ela podia ver que o sol estava subindo lá fora — apenas o suficiente para iluminar a penumbra ali dentro, mas não o bastante para tornar o lugar verdadeiramente trágico.

O sorriso de Zeke não havia permanecido, mas ele o levantou novamente como se fosse uma bandeira e disse: — É difícil acreditar que existe algo de valioso nesta casa velha. Mas mamãe diz que tem dinheiro escondido lá em cima.

Ela deixou o braço ao redor dele e o manteve o mais aquecido e próximo que ele permitia. Para os dois capitães-do-ar, ela explicou: — Esta é minha casa. Se houver algo que valha a pena pegar, então vamos pegar. Caso contrário, acabei por aqui. Já salvei o que pude, e basta.

Zeke ficou parado enquanto ela afagava seus cabelos; então ele se virou para o Capitão Cly e perguntou: — É verdade que o senhor estava lá, na fuga da prisão? Mamãe diz que o senhor foi um dos sujeitos que trouxe meu avô de volta pra casa.

Cly assentiu e disse: — E verdade. Eu e meu irmão. Vamos limpar este lugar, voltar a bordo, e depois eu lhe conto a respeito, se você quiser. Eu lhe contarei toda a história.



EPÍLOGO

Na usina, um supervisor de rosto implicante e luvas muito grossas contou a Hale Quarter que não, a Senhora Blue não havia ido trabalhar N naquele dia. Na verdade, ela não havia trabalhado uni turno sequer em quase uma semana, e até onde o supervisor sabia, ela não estava mais empregada na usina. Além do mais, ele não sabia o que havia acontecido com ela. E não, ele não tinha ideia de para onde ela poderia ter ido, ou o que ela poderia estar fazendo agora.

Mas se Hale estivesse realmente interessado, ou entediado, era bem-vindo para vasculhar qualquer objeto pessoal dela que ainda tivesse restado ali. Até onde o supervisor dela sabia, ninguém havia limpado sua prateleira nem esvaziado seu escaninho.

Briar não tinha nada que alguém quisesse.

O jovem biógrafo assentiu e enfiou o dedo entre o colarinho e<o pescoço, pois o aposento estava impressionantemente quente. Vapor vazava, ondulava e às vezes esguichava por entre as frestas das grandes máquinas; e água fervente para processamento era jogada de um caldeirão para outro em cascatas borbulhantes e fervilhantes de calor e peso. Os outros operários o olhavam com desconfiança e desprezo declarado, muito embora ninguém lhes tivesse dito a quem Hale tinha vindo procurar. Já era suficiente que ele estivesse vestido em roupas que lhe coubessem direito e que levasse um bloco de notas debaixo do braço. Já era suficiente que usasse óculos que ficavam embaçados a cada nova descarga de

um caldeirão pendurado acima é além de sua cabeça.

Ele não era da espécie deles, e eles não estavam preparados para serem gentis para com ele. Queriam que ele saísse dali, do chão de sua fábrica.

Hale fez a vontade deles. Saiu apressado da área de processamento principal, escorregando de leve nas grades umedecidas pelo vapor que serviam de pisos entre as estações. Antes de sair completamente, perguntou num grito que era meio uma tosse, olhando para trás: — Como vou saber quais são as coisas dela?

O supervisor nem sequer levantou a cabeça das válvulas que estava monitorando. Uma agulha vermelha bem grande tremia entre uma zona azul e uma zona amarela. Ele simplesmente respondeu: — Você vai saber.

Hale vagou de volta até a entrada dos fundos e até a sala onde os empregados guardavam seus pertences pessoais, e em poucos instantes compreendeu o que o supervisor quis dizer. Encontrou uma gaveta com o sobrenome de Briar escrito — ou, presumivelmente, essa era a idéia original.

Grafitos haviam rascunhado, rabiscado e coberto o pequeno beirai da prateleira até não restar mais espaço para se saber ao certo.

Em cima da prateleira havia um par de luvas, mas quando Hale tentou retirá-las para exame, elas estavam presas à madeira.

Ele ficou nas pontas dos pés e deu uma espiada por sobre a beirada da prateleira para ver a poça de tinta azul que havia congelado em uma coisa tão firme quanto cola. Deixou as luvas onde estavam, e como a tinta estava seca o bastante para vasculhar ao redor delas sem se manchar, foi o que fez, torcendo para encontrar algum vestígio da vida de Briar. Dos cantos dos fundos do escaninho ele retirou uma única lente de um par de óculos baratos, uma tira quebrada de uma sacola e um envelope com o nome de Briar no lado de fora — mas, dentro, nada.

Não encontrou mais nada, então voltou ao nível do chão. Ficou batucando um dedo na fivela de seu cinto, porque isso o ajudava a pensar; mas nada de novo lhe ocorria. Isso queria dizer que ele estava totalmente sem ideias. Para onde quer que Briar Wilkes tivesse ido, ela tinha ido subitamente.

Jamais dissera adeus, desistira formalmente de seu emprego, empacotara suas coisas ou sequer murmurara uma palavra de seus planos para qualquer pessoa em qualquer lugar.

Também não havia sinal de seu filho.

Uma última vez, Hale decidiu dar uma olhada na casa dela. Mesmo que não houvesse ninguém em casa, ele poderia ser capaz de dizer se alguém havia

estado em casa, ou se alguém havia feito alguma visita. Na pior das hipóteses, talvez um dos amigos de Ezekiel pudesse estar rondando a propriedade. Na pior das hipóteses, Hale poderia dar uma espiada por uma janela ou duas e confirmar ainda mais o óbvio: para onde quer que Briar Wilkes tivesse ido, ela não ia voltar.

Hale Quarter enfiou seu caderno de notas embaixo do braço e começou a longa subida pelos lodaçais, passando pelas ruas encharcadas dos Arredores, até chegar à vizinhança onde Maynard Wilkes jazia enterrado no próprio quintal. Ainda era cedo, e a garoa constante e fraca não era tão ruim. O sol se esforçava preguiçoso para passar por entre brechas em formas de veias cavadas nas nuvens, lançando sombras invertidas sobre as trilhas de cavalos e vagões que cortavam as estradas macias. O vento o empurrava pelas costas e estava frio, mas não tinha a pujança de certos dias, e apenas salpicava um pouco de água em seus papéis.

Quando chegou à casa Wilkes, a tarde estava escurecendo um pouco cedo demais, como sempre acontecia naquela época do ano. Descendo a rua, garotos estavam acendendo os lampiões de rua por um centavo cada, e o que restava da luz era suficiente para deixar que Hale visse a casa em toda a glória que lhe faltava.

Era um lugar disforme, e cinzento como tudo o mais ao redor. As paredes eram manchadas com listras de água da chuva tingida de Praga, e as janelas estavam marcadas da mesma forma, como se como ácido.

A porta da frente estava fechada, mas não trancada. Isso Hale já sabia.

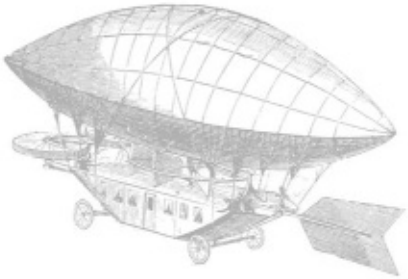
Esticou a mão para girar a maçaneta, mas parou.

Ao invés disso, tirou um tempo para espiar na janela mais próxima. Não vendo nada, retornou à porta. A palma de sua mão estava úmida ao redor da maçaneta de metal resfriada. Ele deu meia-volta nela, mudou de ideia pela centésima vez, e soltou-a.

A chuva aumentou, e o vento começou a soprar rajadas que lançaram agulhas frias de água em suas orelhas. A varanda não o abrigaria muito, nem por muito tempo. Agarrou seu caderno de notas com suas abas de couro protegendo o papel do tempo; e pensou na porta destrancada mais uma vez.

Ele se sentou ao pé da porta e se recostou nela, o mais distante da chuva que pôde, e colocou o caderno de notas no colo. O vento balançava as árvores ao redor da casinha dilapidada, e a chuva ia e vinha como cortinas de teatro abrindo e fechando.

Hale Quarter molhou a pena na língua para umedecê-la, e começou a escrever.



FIM

NOTA DA AUTORA

Como acredito que a premissa de Boneshaker deixa claro, esta é uma obra de ficção — mas sempre gostei de incluir marcos locais em meus romances, e este não é exceção. Entretanto, deixe-me aproveitar um momento para lhes assegurar de que eu estou inteiramente ciente desta triste e desavergonhada distorção da história, geografia e tecnologia.

Meus motivos foram simples e egoístas: eu precisava de uma Seattle que fosse muito mais densamente povoada em minha versão de 1863 do que a versão de 1863 da vida real. E assim, conforme explica o primeiro capítulo, eu acelerei a corrida do ouro do Klondike em algumas décadas, e assim aumentei exponencialmente a população da cidade. Logo, quando falo em milhares de podres e uma grande área urbana tendo sido evacuada e selada, falo de uma população de cerca de 40 mil almas, não as meras 5 mil e tantas de que a história foi tão ingrata em me deixar.

Como alguns de vocês fãs locais estão cientes, eu também ignorei uns dois grandes pontos de virada no desenvolvimento de Seattle: o incêndio de 1889 que destruiu a maior parte da cidade e a demolição de Denny Hill em 1897. Como ambos esses eventos aconteceram muito depois dos eventos deste livro (que ocorrem em 1880), eu tive uma razoável dose de espaço ao criar minha versão da Praça Pioneer e os quarteirões ao seu redor.

Por uma questão de referência, usei um mapa topográfico Sanborn de 1884 para me certificar de que estava seguindo, ainda que de modo solto e genérico, os contornos prováveis do território, mas Deus sabe que eu saí dos trilhos aqui e ali.

Portanto...

Supondo-se uma base populacional muito anterior e muito maior, não está totalmente fora do domínio da razão que parte dos prédios históricos de Seattle pudessem estar sendo construídos na década de 1860, antes da construção da muralha.

Esta é a minha lógica e eu vou mantê-la assim.

Então não há necessidade de me mandar e-mails de ajuda explicando que a Estação da Rua do Rei só foi iniciada em 1904, que a Torre Smith só foi

construída a partir de 1909, ou que a Rua Comercial na verdade é a First Avenue. Eu conheço os fatos, e cada digressão a partir deles foi deliberada.

De qualquer maneira, obrigada pela leitura, e obrigada por suspender sua descrença por algumas centenas de páginas. Percebo que a história força um pouco a barra, mas honestamente — não é para isto que o steampunk serve?

{1} Caos, desordem. (N. do T.)

{2} Come See America, no original. (N. do T.)

{3} Trocadilho intraduzível: em inglês, a palavra fang significa presa ou canino afiado, normalmente atribuído a cobras venenosas. (N. do T.)

{4} Da cidade alemã de Hesse. (N. do T.)

{5} Tribo nativo-ainericana da região oeste do estado de Washington, compreendendo também o povo indígena da região metropolitana de Seattle, onde vivem desde o fim da última era glacial,há cerca de 10 mil anos. (N. do T.)

{6} O Monte Rainier é um estrato vulcão (vulcão em forma de cone, formado pelo magma extravasado), que fica a 87 km a sudoeste de Seattle. Tem 4.392 m de altura e é considerado um dos mais perigosos vulcões do mundo. (N. do T.)

{7} Aqui Swakhammer está se referindo aos penny dreadfuls, misto de revista e livro de tamanho diminuto e poucas páginas, muito parecido com os nossos livros de cordel, com a diferença de que contavam histórias de aventura em prosa, geralmente heróis do Velho Oeste. (N. do T.)

{8} Heather, em inglês, tanto pode significar um nome feminino quanto uma classe de plantas, à qual pertencem diversas espécies, como o mirtilo e a azaleia. Esta última possui uma grande variação de cores, que pode ir do magenta ao branco, passando pelo lilás e por tons de lavanda. (N. do T.)